

RAQUEL SANTOS ZANDONADI

**LEITURAS E ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA: a *fanfiction* na
sala de aula
Volume I**

ASSIS

2019

RAQUEL SANTOS ZANDONADI

**LEITURAS E ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA: a *fanfiction* na
sala de aula
Volume I**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestra em Letras (Área de Conhecimento: Linguagens e Letramentos)

Orientadora: Luciane de Paula

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) Código de Financiamento 001

ASSIS

2019

Z271

Zandonadi, Raquel Santos
LEITURAS E ESCRITA EM LÍNGUA
PORTUGUESA: : a fanfiction na sala de aula /
Raquel Santos Zandonadi. – Assis, 2019
401 p. : tabs., fotos, 2 v.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual
Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras,
Assis

Orientadora: Luciane de Paula

1. Língua Portuguesa. 2. Fanfiction. 3. Bakhtin. 4.
Multiletramentos. 5. Gêneros discursivos. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Dados fornecidos
pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: LEITURAS E ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA: a *fanfiction* na sala da aula

AUTORA: RAQUEL SANTOS ZANDONADI

ORIENTADORA: LUCIANE DE PAULA



Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em LETRAS, área: Linguagens e Letramentos pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. LUCIANE DE PAULA
Departamento de Linguística / Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Profa. Dra. MARIA DA PENHA CASADO ALVES
UFRN / Natal/RN

Profa. Dra. SANDRA ELI SARTORETO DE OLIVEIRA MARTINS
Departamento de Educação Especial / UNESP/Marília

Assis, 28 de março de 2019

A todos os professores que resistem a um sistema monolítico e autoritário e que não permitem que suas vozes sejam silenciadas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu amado esposo Victor pelas trocas produtivas, pelo olhar sensível e riso fácil.

Agradeço a meu pai por me buscar na rodoviária todas às sextas-feiras pela manhã e preparar o ovo matinal no ponto perfeito.

Agradeço a minha mãe por deixar minha cama sempre pronta e meu porto sempre seguro.

Agradeço aos amigos por entenderem a ausência dos últimos dois anos e não desistirem.

Agradeço aos meus queridos alunos que participaram da construção desse projeto e se debruçaram na escrita de suas *fanfics*.

Agradeço aos parceiros da escola Sebastião pelas lutas e união para uma educação democrática e de qualidade.

Agradeço à minha orientadora, Luciane de Paula, pela paciência, pelas orientações de três horas e por me fazer entender que sou bakhtiniana.

Agradeço aos professores Odilon e Rosineide pelas contribuições no exame de qualificação, elas tornaram meu trabalho muito maior.

Agradeço às professoras Maria da Penha e Sandra pela leitura do trabalho final na defesa dessa dissertação, foi um momento muito especial.

Agradeço ainda a todos os professores do PROFLETRAS, pelo carinho e respeito com que lidam com o programa.

Agradeço aos meus colegas do PROFLETRAS pelas trocas e desabafos, em especial as amigas Letícia e Lia.

Por fim, “o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”, instituição que agradeço.

ZANDONADI, Raquel Santos. **LEITURAS E ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA: a *fanfiction* na sala de aula**. 2019. 401 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

RESUMO

Partindo da premissa de que os jovens se tornam cada vez mais virtuais e cada vez mais leem e escrevem no ciberespaço, essa dissertação pensa a respeito de práticas que busquem colaborar para que o ensino não fique alheio à diversidade de linguagens e culturas do mundo tecnológico, e que se direcione para pensar os gêneros como práticas sociais dentro desse universo jovem e digital. Aliado a isso, acreditamos que uma proposta de ensino alicerçada na dialogia precisa, necessariamente, considerar as vozes dos alunos, já que são sujeitos e se constituem de identidades e preferências. Para isso, nossa proposta se centra no gênero discursivo *fanfiction* (escrita de fã), construída a partir de uma série televisiva escolhida pelos alunos. Ao inserir o gênero como proposta de trabalho com a escrita, no 9º ano de uma escola municipal de Praia Grande, intencionamos colaborar para que os alunos desenvolvam habilidades linguísticas e discursivas e que desenvolvam, como consequência, uma postura crítica e analítica diante dessa diversidade de textos que a internet oferece. Além disso, é nosso objetivo refletir sobre a construção do gênero no ciberespaço – tomado como fenômeno cultural massivo transmidiático ao considerar sua produção e recepção – bem como o envolvimento dos jovens nesse novo cenário da literatura e produção textual. A partir da produção das *fanfictions*, também analisamos de que maneira os discursos dos alunos foram arquitetados em seus enunciados, no que se refere ao conteúdo temático, à forma composicional ou ao estilo. Fundamentamos nossa análise nos estudos do círculo de Bakhtin, sob a perspectiva dialético-dialógica de análise do discurso, em cotejo e na alteridade, cronotopo e exotopia. Discutimos as concepções de diálogo, ideologia, sujeito, voz social e gêneros discursivos, para não apenas pensar a respeito do ensino público de língua portuguesa, como para entender os diálogos presentes no chão da sala de aula. Com a análise dos dados, mostramos que é possível calcar o ensino em uma base dialógica e que a escola pode considerar as vozes dos alunos. Por fim, apresentamos, ainda, um protótipo didático para auxiliar professores que desejam trabalhar com o gênero *fanfiction* em sala de aula.

Palavras-chave: Língua portuguesa. *Fanfiction*. Ciberespaço. Gêneros discursivos. Bakhtin.

ZANDONADI, Raquel Santos. **READINGS AND WRITING IN PORTUGUESE LANGUAGE: the fanfiction in the classroom**. 2019. 401 f. Dissertation (Professional Master's in Portuguese Language). - São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2019.

ABSTRACT

Starting from the premise that young people become more and more virtual and increasingly read and write in cyberspace, this dissertation thinks about practices that seek to collaborate so that teaching is not alien to the diversity of languages and cultures of the technological world, and that is directed to think the genres as social practices within this young and digital universe. Allied to this, we believe that a proposal of education based on the dialogism needs, necessarily, to consider the voices of the students, since they are subjects and are constituted of identities and preferences. For this, our proposal focuses on the discursive genre fanfiction (fan writing), constructed from a television series chosen by the students. When inserting the genre as a work proposal with writing, in the 9th grade of a municipal school in Praia Grande, we intend to collaborate so that the students develop linguistic and discursive skills and that, as a consequence, develop a critical and analytical posture in face of this diversity of texts that the Internet offers. In addition, it is our goal to reflect on the construction of the genre in cyberspace - taken as a massive transmissive cultural phenomenon when considering its production and reception - as well as the involvement of young people in this new scenario of literature and textual production. From the production of fanfictions, we also analyze how the students' discourses were architected in their statements, in terms of thematic content, compositional form or style. We base our analysis on the studies of Bakhtin's circle, from the dialectical-dialogical perspective of discourse analysis, in comparison and alterity, chronotope and exotopia. We discuss the conceptions of dialogue, ideology, subject, social voice and discursive genres, not only to think about Portuguese public teaching, but also to understand the dialogues present within the classroom. With the analysis of the data, we showed that it is possible to trace the teaching on a dialogic basis and that the school can consider the voices of the students. Finally, we present a didactic prototype to help teachers who wish to work with the fanfiction genre in the classroom.

Keywords: Portuguese language. Fanfiction. Cyberspace. Discursive genres. Bakhtin.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Web 1.0 <i>versus</i> Web 2.0	15
Figura 2 - Motivações para ler	24
Figura 3 - Motivações para ler por faixa etária.....	24
Figura 4 - Página inicial do site Spirit Fanfiction	34
Figura 5 - Página inicial do site <i>Nyah Fanfiction</i>	34
Figura 6 - Apresentação de <i>Beta Reader</i>	35
Figura 7 - Apresentação de <i>fanfic</i>	36
Figura 8 - Educação 1.0	164
Figura 9 - Educação 2.0	165

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Pesquisa sobre seriado	75
Gráfico 2 - Primeira pesquisa sobre <i>fanfic</i>	76
Gráfico 3 - Pesquisa sobre acesso à tecnologia.....	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Autoavaliação e avaliação horizontal	115
Tabela 2 - Produção das <i>fanfics</i> e interação na plataforma	119
Tabela 3 - O gênero <i>fanfiction</i> e sua narratividade	119
Tabela 4 - Avaliação das atividades feitas pelos alunos-sujeitos	156
Tabela 5 - O que chamou a atenção dos alunos-sujeitos em relação ao estudo da série	159
Tabela 6 - Maiores dificuldades dos alunos-sujeitos quanto à escrita da <i>fanfic</i>	161

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. AS PRIMEIRAS VOZES DO DIÁLOGO: o contexto	28
1.1 A travessia do eu professor para o eu pesquisador	28
1.2 <i>Fanfiction</i> : a literatura na e da vida	30
1.3 A cidade, a Seduc e a escola.....	39
1.4 Os sujeitos de pesquisa.....	40
2. METODOLOGIA: as vozes dessa pesquisa	41
2.1 O eu pesquisador: nosso ponto de partida	42
2.2 O eu pesquisador e o movimento exotópico	43
2.3 A alteridade como base metodológica: nosso “objeto” de estudo	45
2.4 O caráter dialético-dialógico	49
2.5 O cotejo na construção dos sentidos	50
3. BAKHTIN: a teoria que nos responde	53
3.1 Diálogos: a aula, os enunciados e suas reverberações.	54
3.2 Enunciado: para além da palavra morta	59
3.3 Ideologia: embate, refração e reflexão.....	61
3.4 Sujeito e vozes sociais: alunos-sujeitos e identidades	64
3.5 Gêneros discursivos: para além do texto	67
3.5.1 Por uma proposta discursiva para os gêneros	70
3.5.2 <i>Fanfiction</i> : novo gênero discursivo do ciberespaço	71
4. O DIÁLOGO PRINCIPAL: o chão da sala de aula	73
4.1 Para começar: os primeiros dados	74
4.2 Para início de conversa: o cotejo.....	77
4.3 Para fruir e analisar: a construção do repertório cultural.....	82
4.3.1 A série: <i>La casa de papel</i>	82
4.3.2 Fruição e análise da série: o pensamento crítico, estético e criativo.	87
4.4 Para vivermos a série: a produção das <i>fanfics</i>	97
4.5 Para as demandas da escola: a resistência do papel	110
4.6 Para futuros diálogos: nosso protótipo.....	111
5. ANÁLISE DOS DADOS: o que nos disse essas vozes	113
5.1 O letramento tradicional e alguns diálogos	117

5.2 O letramento dialógico.....	134
5.2.1 Autoria e outras vozes reveladas	136
5.2.2 Gêneros	144
5.3 Análise da proposta: alguns apontamentos	149
5.3.1 Resistência: nossas leituras do ‘não’ dito e algumas ‘rebeldias’	149
5.3.2 As respostas dos alunos-sujeitos nas avaliações.....	155
CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
REFERÊNCIAS	170

INTRODUÇÃO

Criada nos EUA para fins militares quando da guerra fria, a internet trouxe uma grande revolução em diversos âmbitos da sociedade, e uma dessas mudanças diz respeito à forma com que a comunicação passou a ser realizada. A quantidade de informações disponíveis acelerou drasticamente, multiplicando-se também a quantidade de links e hipertextos¹, traço constitutivo da era digital, intensificando ainda mais a experiência da expansão virtual. Por esse modo, também o advento da internet reconfigurou, de certo, a forma com que as produções culturais passaram a ser fruídas, pois, ouve-se música, assiste-se a filmes, séries e se faz leitura no interior da rede. De igual maneira, as barreiras entre produtor e receptor, ou então entre público e obra², tornaram-se ainda mais frágeis. Em consequência disso, nas últimas décadas, com um desenvolvimento cada vez mais crescente das tecnologias virtuais, também as relações e as práticas de leitura e escrita foram redesenhadas, uma vez que a sociedade, guardadas suas exceções, vive, mais ou menos, inserida em uma cultura digital letrada. Dessa premissa, saber ler e escrever nesses espaços passou a ser um dos ingredientes fundamentais para o exercício da cidadania.

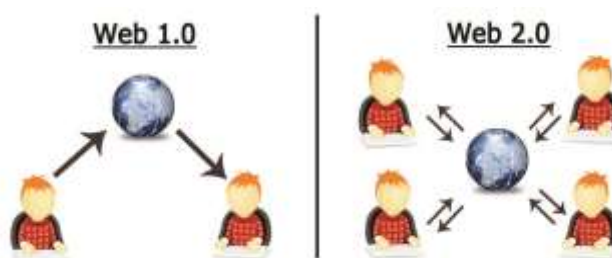
A partir da criação de plataformas que desenvolvem ambientes virtuais onde há interação e participação dos usuários, popularmente conhecida como *Web 2.0*, as relações das pessoas com a rede se reconfiguraram ainda mais. Na antiga *Web 1.0*, os usuários das redes eram passivos e as informações eram direcionadas de um para muitos – como demonstra a imagem abaixo. Isto é, os sites da *Web 1.0*, surgida em meados dos anos 90, são estáticos, há uma grande quantidade de informações para serem consultadas, mas que só podem ser modificadas pelo produtor ou programador, como uma página que oferece informações sobre uma empresa sem que haja espaço para comentários ou qualquer outra participação do leitor. Na verdade uma experiência comunicativa análoga às formas tradicionais, como o jornal, por exemplo. Já os sites da *Web 2.0* abrem espaço para que o usuário tenha a possibilidade não só de participar, mas também o de criar. Isto é, interagir com os conteúdos – mesmo que tenham sido gerados por outra pessoa,

¹ Hipertexto: Segundo dicionário do *google* “forma de apresentação de informações em um monitor de vídeo, na qual algum elemento (palavra, expressão ou imagem) é destacado e, quando acionado (ger. mediante um clique de *mouse*), provoca a exibição de um novo hipertexto com informações relativas ao referido elemento; hipermídia”.

² Utilizamos a palavra “obra” no sentido de enunciado estético.

como é o caso de contribuições avaliativas nos comentários – e com outros usuários – nas respostas aos comentários. Também há a possibilidade de criar páginas pessoais, nas quais se personaliza os conteúdos disponibilizados, selecionando o que cada um julga ser importante ou necessário, como as redes sociais ou *blogs*. Com o aprimoramento dessa tecnologia, surgiram plataformas como *Facebook*, *Youtube*, *Wikipédia*, *Twitter*, enfim, redes onde os usuários realmente se relacionam de forma interativa, já que produzem conteúdos, compartilham informações, publicações em variadas linguagens – textos verbais, imagens, vídeos, áudios.

Figura 1 - Web 1.0 versus Web 2.0



Fonte: <https://sukshan.wordpress.com/2013/03/13/web-2-0-harnessing-collective-intelligence/>

Nessa formulação de rede, *Web 2.0*³, surgida no início dos anos 2000, as formas de estar no ambiente virtual são novas, por isso as formas de ser foram também reconfiguradas, como mostra a figura acima. Os usuários, não sendo mais passivos das informações e não querendo apenas a fruição, desejam participar, tornando-se, também, produtores. Henry Jenkins (2008) concebe a ideia de participação como uma propriedade da cultura oriunda da expansão das tecnologias digitais interativas, cujos conteúdos circulam principalmente por meio do compartilhamento. Para o autor, a criação e o compartilhamento são a essência da cultura participativa. Isto é, é uma forma de consumo que surgiu com o advento da internet, definida pelo autor como economia afetiva.

A expressão cultura participativa contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de

³ Depois da *Web 2.0*, ainda surgiram a *Web 3.0*, a *4.0* e a *5.0*. A *3.0*, conhecida como rede semântica, possibilitou um refinamento nas buscas, as informações pesquisadas são precisas e mais ricas. A *Web 4.0*, conhecida como rede móvel, consiste na propagação do acesso a comunicação sem fio, disponível em todos os lugares. A *Web 5.0*, ainda em processo, conhecida como rede sensorial-emotiva, tem por princípio a interpretação das emoções dos usuários. No entanto, todas as novas Webs partem de um princípio interativo, mote da *Web 2.0*.

falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo (JENKINS, 2008, p. 30)

De mais a mais, percebemos inúmeros impactos que a internet trouxe e certamente ainda trará no que diz respeito ao uso da linguagem. Frente a esse novo cenário, vários questionamentos foram formulados, inclusive aqueles que operam na dualidade do fenômeno da internet *versus* escola, em outras palavras, avaliar se se trata de algo positivo ou não para a sala de aula o uso dessas tecnologias. Pierre Levy (2000) defende que não há como ignorarmos esse novo espaço de comunicação, pois o crescimento do ciberespaço proporcionou aos jovens do mundo inteiro formas diferentes de interação. Dessa perspectiva, caberia à escola o intento de integrar tal configuração ao seu interior, já que esse novo espaço é utilizado em larga escala pelos jovens, o que, para além desse fato, deveria nos levar a reflexões, também, acerca dos novos modos de se relacionar na contemporaneidade, dentre eles as relações com o texto. Com a *web 2.0* temos uma imensa multiplicidade textual, seja verbal, oral, imagética, em forma de *links* ou comentários; enfim, uma diversidade de gêneros e semioses que exige do leitor uma postura diferente daquela que se tem quando se está diante apenas de um livro ou caneta e papel. Esse contexto exige uma postura ativa, em que o indivíduo desbravará o caminho necessário a percorrer para chegar até seu objetivo. Contudo, isso não quer dizer que os letramentos convencionais não sejam mais necessários, a questão é que só eles já não bastam para abarcarmos as novas práticas que circulam na contemporaneidade.

Jay L. Lemke (2010) defende a ideia de que os “letramentos produzem ligações essenciais entre significados e fazeres” (p. 02) e nos dão subsídios para entender o meio que age sobre nós e no qual agimos. O autor define o letramento como “um conjunto de competências culturais para construir significados sociais reconhecíveis através do uso de tecnologias materiais particulares”. Colocado de maneira tão ampla, o autor diz que o letramento se distingue da competência pelos recursos semióticos utilizados – no nosso caso, o sistema linguístico – e os elementos necessário para essa utilização – sons, sinais, letras, imagens. O autor argumenta que, hoje, com as tecnologias a que nos dispomos, não faz mais sentido pensarmos que a construção de significados com a língua e a com recursos visuais

e sonoros estejam apartadas. Por isso, o autor defende que “todo letramento é letramento *multimidiático*: você nunca pode construir significado com a língua de forma isolada” (p.02). Para ele, embora não seja viável pormenorizar os letramentos, particularizando-os de acordo com os recursos semióticos e materiais tecnológicos utilizados, pois teríamos um sem fim de letramentos, admite que:

Quando a escrita requeria caneta e papel [...] e a leitura requeria apenas o livro era simples manter essas distinções. Hoje, no entanto, se você desejar ler um hipertexto [...] ou escrevê-lo, precisará praticamente das mesmas tecnologias de hardware e software, e precisará tanto de habilidades de autoria novas quanto de novas habilidades de interpretação para usá-las. (LEMKE, 2010, p. 3).

Nessa perspectiva, novos letramentos são necessários em tempos de *web 2.0*; entretanto, o autor faz a ressalva de que um letramento se relaciona a outros letramentos, completando-os, isto é, nossas velhas práticas – aquelas com o papel, a caneta e o livro – se redirecionam para o ciberespaço, nele também reproduzimos o que já conhecemos, como:

Nossos documentos de rede inicialmente se parecem com documentos impressos. Nossas comunidades online inicialmente se formam a partir de agrupamentos familiares institucionais. Mas nossos novos lares online vêm equipados com novos recursos, nossas práticas antigas assumem novos significados nestes novos cenários; novas oportunidades surgirão, novas surpresas se tornarão prováveis. Mudança e transformação estão em curso. (LEMKE, 2010, p. 3).

Nesse sentido, conclui o autor, e concordamos com ele – uma vez que estamos imersos em práticas de comunicação e interação com o uso da linguagem, e a escola tem por princípio a introdução dos aprendizes em práticas sociais letradas – esse cenário nos impulsiona – ou pelo menos deveria – a pensar em novos paradigmas para a educação. E um desses paradigmas se relaciona ao mote da *web 2.0*, a interatividade, ou, como diria Jenkins (2008), a cultura participativa, que envolve “habilidades de autoria multimidiática e análise crítica multimidiática” (LEMKE, 2010, p.7). Essas, apesar de se relacionarem às habilidades tradicionais de produção textual e de leitura crítica, sem a prática contextualizada nossos alunos-

sujeitos⁴ correrão o risco de serem tão marginalizados quanto àqueles que hoje são analfabetos.

Também, segundo Magda Soares (2002, p. 146), há “novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica”. Podemos formular, à luz dessa proposição, que, para fazer uso desse espaço virtual, necessariamente é preciso dominar as habilidades linguísticas exigidas nessa interação, dentre as quais a leitora e a escritora. Não apenas aquelas já trabalhadas no letramento tradicional de língua materna, mas também aquelas que deem conta dessa multiplicidade de textos e semioses e crie uma postura crítica nos indivíduos. Assim, os sujeitos serão usuários da rede que saberão selecionar e produzir dentro dela de forma eficiente.

Um exemplo dessa nova relação com a leitura e a escrita proporcionada pela nova configuração da rede – centro das nossas reflexões – são as *fanfictions*, histórias publicadas em plataformas digitais onde se reúnem fãs – de obras literárias, séries televisivas, games, histórias em quadrinhos ou personalidades – que leem e escrevem histórias criadas nessa plataforma, a partir do universo de seus ídolos. São contos ou romances apartados do enredo oficial da obra a que se referem, mas que dela utilizam personagens, parte da história e a recriam, mudam o final, inserem outros personagens ou simplesmente dão continuidade a trama, como se houvesse um desejo de prolongar a narrativa com a qual esses usuários mantêm uma relação de fã. Ainda pouco discutidos no meio acadêmico brasileiro, esses websites são conhecidos por parte dos jovens, principalmente aqueles ligados às ofertas culturais difundidas nos meios de comunicação.

No Brasil, existem vários websites de *fanfictions*, que são alimentados e gerenciados por esses jovens escritores. Cada site apresenta suas regras, normas de conduta dos “ficwriters” – nome dado aos escritores dessas plataformas – e os temas tratados. Alguns são destinados exclusivamente aos fãs de uma obra específica, como o *Floreios e Borrões*, da saga *Harry Potter*, cujas *fanfics* são as mais famosas, outros dispõem de temática livre, como é o caso dos websites *Nyah! Fanfiction* ou *Fanfiction.Net*.

⁴ Optamos por usar o substantivo composto aluno-sujeito ao invés de aluno, pois vemos nossos alunos com a visão bakhtiniana de que um sujeito é ativo e composto por múltiplas vozes. Esse assunto será melhor abordado na seção dois dessa dissertação.

Nesse panorama cada vez mais tecnológico e virtual, pesquisadores como Buzato (2007) e Rojo (2012) destacam a valia de se pensar em novos letramentos⁵ que possam ir além do tradicional, não priorizando apenas as práticas de leitura e escrita, mas que se pense, também, em colaborar para a criação de uma postura ativa e crítica dos usuários da rede. Esses novos letramentos precisam levar em conta essas novas práticas sociais manifestadas no ciberespaço, visto que, também, quando são introduzidos novos gêneros no cotidiano social, novos processos de letramento são necessários. Rojo (2012) traz para o debate o termo *multiletramentos*, cunhado pelo Grupo de Nova Londres⁶ (GNL) em 1996, que já nessa época apontava a necessidade de a escola abordar os letramentos emergentes da sociedade contemporânea devido às novas *TICs*⁷. Tal grupo ressaltava que: “[...] essa juventude – nossos alunos – contava já há quinze anos com outras e novas ferramentas de acesso à comunicação e à informação e de agência social, que acarretavam novos letramentos, de caráter multimodal ou multissemiótico”. (ROJO, 2012, p. 13).

O termo multiletramento engloba a multiplicidade semiótica dos textos da era digital e a multiplicidade cultural existente na sociedade contemporânea. A autora destaca que o conceito de letramentos múltiplos é diferente do conceito de multiletramentos, pois o primeiro aponta para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, e o segundo para a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos. A multiplicidade cultural se refere à diversidade de produções culturais que circulam na sociedade, sobretudo se olharmos para o contexto virtual, caracterizadas por uma mescla entre tradicional e moderno, culto e massivo, erudito e popular; e denominadas por Nestor Canclini (2015) de hibridização da cultura. Esse hibridismo mencionado pelo autor se relaciona à ideia de que novas formas culturais são fruto da combinação ou união de outras formas diferentes. Essa união/combinação não é isenta de embates, mas colabora para que as culturas percam a vinculação restrita com seu território e não

⁵ Os novos letramentos, também chamados de letramentos digitais por alguns autores, associam-se a novas maneiras de ser e se relacionar na contemporaneidade, elegendo a participação, interação e colaboração sem as hierarquias que instituições como escola e editoras propõem (Lankshear e Knobel, 2007).

⁶ Grupo de pesquisadores dos letramentos que se reuniram em um colóquio em Connecticut (EUA) e, após discussões, publicou um manifesto acerca dos multiletramentos: *A Pedagogy of Multiliteracies*. Tecnologia da informação e da comunicação.

⁷ Tecnologia da informação e da comunicação.

estejam limitadas a classes sociais específicas. Já a multiplicidade de linguagens se relaciona à diversidade de textos disponíveis na internet, seja verbal, imagético, em áudio, vídeo ou à diversidade de semioses necessárias para a compreensão e produção desses textos híbridos. Nas palavras de Canclini:

Uma dessas transformações de longa data, que a intervenção tecnológica torna mais patente, é a reorganização dos vínculos entre grupos e sistemas simbólicos; os descolecionamentos e as hibridações já não permitem vincular rigidamente as classes sociais com os estratos culturais. [...] Apenas afirmo que a reorganização dos cenários culturais e os cruzamentos constantes das identidades exigem investigar de outro modo as ordens que sistematizam as relações materiais e simbólicas entre os grupos. (CANCLINI, 2015, p.11)

Nessa perspectiva, as culturas unidirecionais, aquelas produzidas de um para muitos, perdem para as culturas das mídias, pois podemos adequar os bens de consumo ao gosto e necessidades particulares, compondo o que Canclini (2015) chama de “coleções”. Isto é, deixamos o papel de subordinados, que espera algo pronto, (im)posto, para assumirmos uma atitude autônoma, cuja dimensão da decisão estabelece uma ruptura com formas fronteiriças e horizontalizadas de comunicação expostas há pouco. Essa nova postura, portanto, levou a sociedade a práticas multiletradas.

Isso não significa, repetimos, que outros letramentos não colaborem para o desenvolvimento dessa postura crítica necessária para lidar com os novos espaços de uso da leitura e da escrita. Eles não só colaboram, como são necessários para a criação de repertório dos alunos-sujeitos. Também não significa que os multiletramentos não se relacionem com os letramentos hoje ainda discutidos no ensino de língua materna. A questão é que o multiletramento vai além de um letramento comum, pois não considera apenas uma prática social de leitura e escrita, leva em conta a multiplicidade cultural e a multiplicidade semiótica propiciados por esses espaços de interação tecnológica. Por isso uma pedagogia voltada ao multiletramento colabora para um letramento em língua portuguesa.

Assim, é oportuno o debate acerca do papel da escola na construção das habilidades necessárias para a interação nesse ambiente de maneira autônoma e produtiva e, principalmente, na recepção desses novos usos da linguagem para os alunos-sujeitos que ainda não a praticam, sem que para isso, como dito acima, deixemos os letramentos convencionais de fora. Pois, se esses *websites* são

alimentados por parcela dos jovens de maneira espontânea, porque não levar essa plataforma como objeto de ensino e inclusão digital para dentro da sala de aula, entendendo-a para fora de seus muros e, assim, expandir o uso dessas redes e incentivar novos usuários da escrita digital? E assim, também e conseqüentemente, incentivando-os à escrita dita tradicional, uma vez que, como defenderemos adiante, incluir práticas que considerem o gosto⁸ dos estudantes pode colaborar para uma participação mais efetiva.

Uma das acusações que hora ou outra recai sobre escola é apontá-la de instituição antiquada e, por isso, incapaz de lidar com as demandas vigentes. De fato, desde a sua criação até o modelo de escola que conhecemos hoje, sua estrutura basicamente opera na mesma disposição: professor à frente, alunos-sujeitos sentados, quatro paredes, quadro de giz e conhecimentos acumulados pela humanidade ao longo dos séculos em trânsito, no mais das vezes de maneira unilateral. Esse modelo nasceu no século XII e sobreviveu até o século XXI. Em contrapartida, outros aspectos da sociedade sofreram mudanças bruscas, como a tecnologia nas últimas décadas. Isto é, embora o mundo esteja sofrendo uma imensa efervescência tecnológica, a escola parece insistir em manter seu modelo tradicional de ensino.

A escola, apesar das mudanças por que tem passado nos últimos anos, ainda é marcadamente logocêntrica, voltada, no mais das vezes, para atividades de leitura e produção de gêneros textuais de baixa ou nenhuma circulação na internet que não leva em consideração, por exemplo, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional de textos digitais e sua função pragmática na criação e manutenção das redes sociais e seu papel na interação em comunidades de prática (GOMES, 2016, p.87).

Nesse sentido, mesmo a escola estando desatualizada em relação a vários quesitos, como estrutura e concepção, cabe a ela o papel de fornecer subsídios para que os alunos-sujeitos possam interagir nos ambientes virtuais de forma eficiente. Para isso, nada mais imprescindível que o papel da linguagem, pois essa interação se concretiza por meio dela. Portanto, para ser letrado digitalmente não basta tão somente apropriar-se de uma tecnologia para fazer uso eficaz das práticas de leitura e escrita que circulam no ambiente virtual, são necessárias transformações nas habilidades de leitura e escrita, pois tais ações serão feitas na

⁸ O “gosto” é entendido, aqui, como uma necessidade do sujeito perante suas relações sociais já existentes.

tela. Isso posto, o multiletramento é um passo importante a se dar pela escola, já que, como mencionado anteriormente, são também habilidades necessárias para o exercício da cidadania na modernidade e passa pelas habilidades de ler e escrever convencionais. Além disso, se o letramento deve ser forte, ideológico, ideia debatida por Street⁹ (apud ROJO, 2009), para o qual a origem das práticas de letramento ocorre na – e para – a vida cotidiana, devemos entender que o fenômeno da internet está, em tempos atuais, também inteiramente ligado à vida, sobretudo dos jovens, o que implica a escola trazer tal condição para o interior de suas práticas.

Na esteira dessa proposta, a Base Nacional Comum Curricular, homologada em 2017, prevê a importância de a escola contemplar essas novas práticas de linguagem e produções propiciadas pelas *TDICs* – Tecnologias digitais de informação e comunicação – para incluir as ações sociais que se direcionam para um uso cada vez maior das tecnologias e, por isso, necessárias para o mundo do trabalho e da vida cotidiana. Nesse reconhecimento, o documento credencia os novos gêneros advindos das práticas de linguagem contemporâneas e, inclusive, menciona as *fanfictions* como exemplo de “novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir” (BRASIL, 2017, p.66) que o uso das *TDICs* proporcionou. O documento compreende que as mudanças dizem respeito à maneira de ser na era digital, usuários que depois de fruir a arte desejam participar dela. “Depois de ler um livro de literatura ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais, [...] podemos produzir playlists, vlogs, vídeos-minuto, escrever **fanfics**, [...] dentre outras muitas possibilidades”.(BRASIL, 2017, p.66, grifo nosso)

Também a Base responde a uma suposta incongruência no uso desses novos gêneros na escola, qual seja, o fato de que seu uso nas aulas seria, por esse turno, desnecessário pelo fato de já fazerem parte do dia a dia da população, pois estão em um ambiente livre, que é o caso da *Web*. No entanto, o próprio documento

⁹ O estudioso Brian Street fez distinções em relação ao termo letramento, apontando a existência do letramento *autônomo* e do *ideológico*. Esse como fenômeno que reconhece as diferentes estruturas de poder ligados ao letramento; aquele tratando o termo tecnicamente, dissociado de seu contexto. Além dessa distinção, outra de que a obra de Street trata, consiste na separação entre o conceito de *letramento fraco*, que parte dum pressuposto neoliberal, em que a escola fornece um letramento tal, que permitirá ao sujeito atender as exigências sociais que lhes são cobradas, sem alteração do *status quo*; e a outra trata do *letramento forte*, calcado no plano ideológico, revolucionário e freiriano, aqui não se trata do sujeito que meramente adapta-se ao meio e atende suas demandas, temos, muito pelo contrário, um sujeito letrado de forma a possuir visão crítica e empoderada para se tornar agente de mudanças dessa sociedade.

rebate tal formulação, argumentando que não basta ser usuário da rede, pois devemos almejar para a nossa população um uso eficiente dela, em que as pessoas possam analisar criticamente os conteúdos que circulam na internet, seja pela dimensão ética, estética ou política.

O documento também deixa claro: não se trata de renegar os gêneros de prestígio social, mas, sim, de considerar os multiletramentos e as práticas da cultura digital no currículo escolar, colaborando para que nossos jovens tenham uma participação mais efetiva e eficiente da linguagem nesses ambientes. Além disso, a inserção desses gêneros na escola, continua o documento, colaborará para que o jovem seja aquele que “toma algo que já existe (inclusive textos escritos), mescla, remixa, transforma, redistribui, produzindo novos sentidos, processo que alguns autores associam à criatividade” (BRASIL, 2017, p.68). E a *fanfic* tem tais habilidades como princípio constitutivo, qual seja, o de transformar o que está posto em algo novo. Embora defendamos que tais habilidades passam por aquelas relacionadas à escrita tradicional.

Além dos multiletramentos e da cultura digital, a Base Nacional considera a diversidade cultural como outro princípio a ser considerado, frisando a importância de a escola contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, para, assim, proporcionar não só uma ampliação de repertório dos nossos alunos-sujeitos, como também incentivá-los a interagir com o diferente.

Além da Base Nacional, outro ponto importante a se refletir diz respeito à constante queixa dos professores de Língua Portuguesa quanto à falta de interesse pela leitura por parte dos alunos-sujeitos. De fato, dados do Ibope de 2016 mostram que 44% da população brasileira é considerada não leitora. E, segundo dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, de 2015, feita pelo Instituto Pró-Livro, dos entrevistados considerados leitores, 25% justificam que sua motivação para ler é ‘o gostar’, ganhando de outras, como crescimento pessoal, conhecimento geral, atualização profissional ou exigência escolar. Isto é, se a escola tem por pretensão formar novos leitores e produtores de textos eficientes, precisa criar um ambiente de aprendizagem onde o gosto¹⁰ pela leitura e escrita seja construído.

¹⁰ Quando mencionamos a construção do ‘gosto’ pela leitura e escrita nos referimos à construção de necessidades para ler e escrever. Necessidades estas que devem partir das relações dos alunos-sujeitos com os outros e os enunciados; isto é, com toda a esfera social circundante, com tudo que

Figura 2 - Motivações para ler



Fonte: http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf

Figura 3 - Motivações para ler por faixa etária



Fonte: http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf

Assim, se as *fanfictions* tratam com temas de interesse dos jovens e são produções espontâneas, feitas durante suas horas de lazer, extraclasse, e refletem uma nova prática social da contemporaneidade, entendemos que trazê-las para o interior das práticas escolares constitui uma eficaz estratégia na formação de leitores

constitui e é constituído pela linguagem. Acreditamos que esses gostos, ou necessidades, podem ser formados por situações criadas nas relações entre pessoas, entre discursos, entre enunciados. Nesse sentido, desvinculamos o termo "gosto", usado por nós, à seara apenas do prazer.

e escritores. De igual modo, outro ponto cuja problemática faz coro à situação da leitura, também queixa recorrente dos professores de Língua Portuguesa, trata-se da recusa na produção textual por grande parte dos alunos-sujeitos. Portanto, embora essa dissertação não tenha como centro de seu interesse a leitura em si, acreditamos que inserir o gênero *fanfiction* nas aulas de Língua Portuguesa ajudará a escola a lidar com a falta de interesse não só pela leitura, como também, e principalmente, pela produção textual.

Diante desse cenário, faz-se emergir duas questões: a escola está preparada para trabalhar com os alunos-sujeitos para – e nesse – novo uso da leitura e escrita? A escola viverá em paralelo a esse novo mundo da linguagem?

Pensando nesses questionamentos, essa dissertação, além de estudar o gênero *fanfiction* – tomado como fenômeno cultural massivo transmidiático, ao considerar sua produção e recepção – produziu um protótipo didático sobre leitura e escritura, feito a partir do trabalho realizado com duas turmas de 9º ano, utilizando para esse fim fundamentos dos estudos bakhtinianos. Também refletimos acerca da introdução do gênero *fanfiction* na sala de aula como forma de mutiletramento, pensando as aulas de Língua Portuguesa como espaço de letramentos os mais diversos – incluindo o convencional e o multimidiático – assim como a escola extramuros e a linguagem como prática social.

Ademais, como os jovens se tornam cada vez mais virtuais e cada vez mais leem e escrevem nesse ambiente, essa proposta visou colaborar para que as práticas de ensino não fiquem alheias à diversidade de linguagens e culturas do mundo tecnológico, e que se direcionem para pensar os gêneros como práticas sociais também dentro desse universo jovem e digital, colaborando para que os alunos-sujeitos desenvolvam habilidades linguísticas e discursivas e que desenvolvam, como consequência, uma postura crítica e analítica diante dessa diversidade de textos oferecidos pela internet.

Para a construção da ideia em sala de aula, propusemos para os alunos-sujeitos do 9º ano a criação de *fanfictions* escritas a partir de um seriado de preferência da turma. Escolhida a série, fizemos um trabalho de apreciação e interpretação do enunciado, partindo do plano linguístico para o discursivo e pensamos em estratégias para que os alunos-sujeitos percebessem as possibilidades de criação a partir daquela leitura. As brechas narrativas, histórias de

personagens secundários que podiam surgir, inserção de novos personagens, mudança em alguma parte da trama, novos destinos de personagens que saíram de cena, continuação da trama. Enfim, antes do trabalho com a produção textual, foi necessário fazer um trabalho de leitura e interpretação, criando também uma atmosfera de *fandom*¹¹ para aqueles que não tinham uma relação de fã com o objeto escolhido pela maioria. Posteriormente, os alunos-sujeitos foram convidados a escrever suas narrativas dentro de uma plataforma eletrônica já existente e, durante essa produção, criamos possibilidades tanto para um letramento multiletrado, quanto para um tradicional. Ainda, no final do ano letivo, como forma de mostrar à comunidade escolar o que foi desenvolvido em sala de aula e publicado na *web*, montamos uma revista com parte do material produzido durante a análise da série e a escrita das *fanfictions*.

Para o desenvolvimento das ideias expostas, dividimos nosso trabalho em dois volumes, no primeiro está a dissertação em si e no segundo, os anexos e apêndice. O primeiro volume está organizado da seguinte maneira: na primeira seção apresentamos o contexto da pesquisa, primeiramente as motivações que levaram a professora a pensar a sala de aula como pesquisadora, considerando seus caminhos profissionais. Em seguida, descrevemos dois depositórios de *fanfictions* brasileiros, para percebermos o lugar de onde e para onde foram produzidos os enunciados. Também falamos rapidamente sobre a cidade e a escola, pois entendemos que as vozes dos alunos-sujeitos também são fruto dos lugares de onde vivem, mencionando as diretrizes adotadas pela rede educacional da cidade e, por fim, falamos dos nossos alunos-sujeitos, nossos sujeitos de pesquisa.

Na segunda seção, trouxemos a reflexão metodológica norteadora da pesquisa, que privilegiou os enunciados dos sujeitos e a interação professora/aluno-sujeito, aluno-sujeito/*fanfic*. Para tanto, propusemos uma base metodológica engendrada nas ideias do Círculo de Bakhtin, a partir da qual pensamos em cinco pontos teórico-metodológicos que serviram de suporte para a análise de nosso *corpus*: o eu pesquisador, acreditando que o ponto de vista de quem vê altera o que se vê, o movimento de exotopia como processo fundamental para o não apagamento dos pontos de vistas dos nossos alunos-sujeitos e das necessidades da sala de aula; a alteridade, pois consideramos que nossos objetos de estudo, não são

¹¹ *Fandom*: Reino de fãs

objetos, mas sujeitos e, conseqüentemente, dialógicos, cujas vozes precisam ser ouvidas; o caráter dialético-dialógico, já que os enunciados se constituem a partir do diálogo com outros enunciados, num processo de embate; e o método de cotejo, considerando que só se entende um enunciado na relação com outros enunciados.

Na terceira seção, apresentamos as contribuições teóricas do Círculo de Bakhtin a esta pesquisa, mediante a discussão dos conceitos de diálogo, enunciado, ideologia, sujeito, vozes sociais e gêneros discursivos. Também discutimos as relações que fizemos para considerar a *fanfiction* como gênero discursivo e tecemos algumas considerações a respeito de uma concepção discursiva do gênero.

Na quarta seção, descrevemos a construção da proposta em sala de aula, desde a escolha da série pelos alunos-sujeitos, passando pela sua análise, feita por meio dos diálogos estabelecidos em sala de aula e das propostas de atividades da professora para os alunos-sujeitos. Em seguida, descrevemos como se deu a produção das *fanfictions* dentro de uma plataforma já existente, mostrando toda a interação dentro dela e em sala de aula. Por fim, com o intuito de expor as atividades desenvolvidas para a comunidade escolar durante o ano letivo, mostramos como organizamos, junto aos alunos-sujeitos, uma revista.

Na quinta seção, analisamos alguns enunciados produzidos pelos alunos-sujeitos, salientando tanto o letramento dito tradicional da língua materna, para que possamos entender em que medida conseguimos colaborar para o desenvolvimento de habilidades escritoras, como também volvemos nosso olhar a uma análise dialógica, tentando captar as vozes percebidas nos enunciados, tanto em relação à autoria quanto à construção do gênero. Também tecemos comentários a respeito da avaliação de nossa proposta com base na cena dialógica da escola, observando algumas ações de nossos alunos-sujeitos, e nas avaliações respondidas por eles.

No segundo volume estão todos os anexos citados nesse trabalho, fotos, atividades e avaliações, bem como todas as *fanfics* e a revista produzidas pelos alunos-sujeitos e a avaliação que fizeram da construção das aulas. Também, nesse volume, no apêndice, está nosso protótipo didático, produzido a partir da construção das aulas descrita na seção quatro dessa dissertação.

1. AS PRIMEIRAS VOZES DO DIÁLOGO: o contexto

1.1 A travessia do eu professor para o eu pesquisador¹²

Há treze anos em sala de aula como professora de Língua Portuguesa, meus maiores focos sempre foram a leitura e a escrita, mesmo observando encaminhamentos diferentes feitos pelos meus colegas de área, uma vez que ainda impera um ensino de língua calcado em sua estrutura e que pouco considera a interação do aluno-sujeito com a língua em ação. Digo isso por observar que muitos colegas preferem organizar suas aulas de acordo com os conteúdos estipulados pela secretaria de educação, priorizando atividades fundamentadas na velha crença de que dominar as regras e a estrutura da língua fará com que o aluno-sujeito domine a norma culta, tanto na fala quanto na escrita. A problemática acerca do que se presume por norma culta diz respeito, entre outros fatores, a de que ela é associada a uma abordagem metalinguística, isto é, possui como válvula de funcionamento atividades no interior das quais se pensa a língua pelo seu viés classificatório. Dessa forma, impera um equívoco bastante problemático, de que dominar as regras morfosintáticas de uma língua garante aos seus aprendizes um bom uso dela.

Contrária a essa lógica, sempre percebi que as atividades sobre regras estruturais da língua, quando apartadas do texto, não ajudam os alunos-sujeitos a desenvolverem habilidades leitoras ou escritoras, já que excluem dele o seu eu, tornando-os assujeitados. Isto é, são atividades que não colocam o aluno-sujeito em processo de interação com a língua, não colaborando para que ele possa se ver e se reconhecer como sujeito que é. Por isso, sempre me preocupei com aulas que inserissem práticas de leitura e escrita, nas quais o texto fosse o próprio lugar de interação, seja por meio da leitura, da oralidade ou da escrita. A descrição gramatical ou o estudo de terminologias e regras de formação das palavras ou de sintaxe da língua sempre foram vistas por mim como suporte para a construção de sentidos dos textos e para auxiliar os alunos-sujeitos nessa compreensão, seja lendo ou escrevendo.

¹² Optamos por manter essa subseção em primeira pessoa do singular por se tratar de experiência da professora pesquisadora, embora acreditemos na visão bakhtiniana de que um discurso é sempre carregado por múltiplas vozes.

Já com essa crença, em 2008, fui lecionar literatura para o ensino médio em uma escola particular na cidade de Itanhaém. Algumas alunas-sujeitos¹³ daquele ano sempre reclamavam dos enunciados estéticos abordados pela disciplina – a escola era apostilada¹⁴ e eu precisava seguir o cronograma estipulado, fato que contrariava minhas crenças sobre ensino de língua. Aquelas alunas-sujeitos eram leitoras assíduas; no entanto, liam outro tipo de literatura, uma literatura que eu, professora, desconhecia. Contudo, mesmo seguindo o cronograma da escola, eu tentava organizar as aulas de modo que a interação entre a turma - da turma com a literatura e deles comigo - fosse presente e constante. Foi, então, que em um dia, em um debate sobre um fragmento de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, minhas alunas-sujeitos – aquelas leitoras assíduas – intimaram-me a ler *Crepúsculo*, primeiro livro de uma saga que viraria febre entre adolescentes do mundo. O livro já tinha sido publicado três anos antes e as alunas esperavam ansiosas pela continuação da trama, que aconteceria naquele ano. *Lua Nova*, segundo livro da série seria lançado no Brasil no final daquele ano.

Cumprida a “lição de casa” em um final de semana, qual seja, ler a obra tão ovacionada pelas minhas alunas-sujeitos, fiquei surpresa de como e quanto essa leitura colaborou não só com a minha relação com a turma, mas com as seguintes aulas de literatura. A partir daquele fim de semana as comparações com o enredo, personagens e estilo eram constantes e, da mesma forma com que esse fato me aproximou do mundo da literatura jovem, aproximou também aquela turma das aulas de literatura e, conseqüentemente, dos cânones trabalhados para o vestibular. Naquele ano, tive a clareza de que os alunos-sujeitos precisam ouvir suas vozes saírem também da minha boca. Somente assim, talvez um dia, eu também pudesse ouvir a minha na deles. O que aconteceu, também – fato que nos trouxe para a presente pesquisa – foi que eu, de certa forma, dividi a angústia da espera pela continuação da trama com minhas alunas-sujeitos e, então, descobri que elas eram leitoras e escritoras de *fanfic*. Foi quando conheci esse ambiente de leitura e escrita do mundo jovem. Fiquei entusiasmada com a riqueza dos sites e com a quantidade de jovens usuários, que escreviam e liam fora do ambiente escolar, já pensando que seria um excelente objeto de estudo para uma pós-graduação. Naquela época, no

¹³ De fato foram as meninas que sempre se manifestavam quanto à leitura dessas obras e, posteriormente, à escrita de *fanfics*, curiosidade que não pretendemos abordar nesse trabalho.

¹⁴ Sistema Dom Bosco.

entanto, como trabalhava em uma escola cuja liberdade de encaminhamentos pedagógicos era limitada, não consegui tirar muito proveito dessa descoberta, além dos descritos acima. Apesar de ela ter me rendido muitos outros bons exemplos nas aulas de “Redação”, outra frente em que eu lecionava.

Concomitante à escola particular, também trabalhava na rede pública da mesma cidade, com o ensino fundamental. Contudo, talvez pela idade – já que os meus alunos-sujeitos do ensino médio tinham entre 16 e 17 anos e os do fundamental entre 11 e 13 –, talvez pelo pouco acesso à tecnologia – trabalhava em uma comunidade com pouco acesso a bens de consumo –, não observei a prática de produção e leitura de *fanfics*.

Anos mais tarde, quando fui trabalhar na rede municipal da cidade de Praia Grande, onde atualmente trabalho, novamente me deparei com alunas-sujeitos usuárias de plataformas de *fanfics*. Observei que eram sempre as melhores alunas da sala; porém, em uma quantidade bem inferior das que eu observara no ensino médio. Pensava: será a idade? Ou o acesso? Já que se tratavam de alunas-sujeitos de 13 anos e possuíam menos recursos materiais do que aquelas da escola particular. Será que essa plataforma não poderia ser um instrumento para a produção textual em sala de aula? Por que não colaborar para que outros alunos-sujeitos sejam usuários dessas plataformas? Foram esses questionamentos que me fizeram, alguns anos depois, já aluna do programa de mestrado Profletras, escolher esse tema.

1.2 *Fanfiction*: a literatura na e da vida

“O eu se esconde no outro e nos outros, quer ser apenas outro para outros, entrar até o fim do mundo dos outros como outro, livrar-se do fardo de eu único (eu-para-si) no mundo” Bakhtin.

Clarice Lispector, em seu conto *Felicidade Clandestina*, narra a aflição de uma garotinha apaixonada por leitura que vive um martírio pelo desejo de ler o livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, cujo empréstimo lhe foi prometido pela cruel amiga. Para a narradora-personagem – o conto é em primeira pessoa – “era um livro grosso, [...], era um livro para se ficar vivendo, comendo-o, dormindo-o”. No entanto, o obstáculo entre o desejo e sua realização manifestava-se na própria figura daquela que lhe envenenara o espírito, a colega, filha do dono da livraria e

possuidora da obra, que odiava ler e era, nas palavras da narradora, feia e má. A colega, dessa maneira, tortura a protagonista com uma série de desculpas para cada vez que ela ia à busca do livro, peregrinação aflita que se prolonga por boa parte do conto. A desilusão e a esperança manifestam-se simultaneamente em seu coração. A tortura se repete por dias a fio e só termina quando a mãe da menina má, estranhando a presença diária da colega da filha em sua porta, resolve questioná-la e descobre a perversa travessura. Horrorizada, empresta-lhe o livro “por quanto tempo quiser” e encerra aquele calvário. A narradora, então, com o livro em sua posse, vive o deleite da leitura.

Tendo como tema o prazer da leitura, esse conto revela que tal sentimento deve ser vivenciado calmamente e alongado o máximo possível. Aqui, a personagem se vale de inúmeras estratégias para prolongar seu gozo pela leitura, pela narrativa, pelos personagens de Monteiro Lobato, já que a ela foi dada autorização para ficar com o livro pelo tempo que desejasse; assim, ela o deixava no quarto e “fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter”. Passado um tempo, lia algumas partes, fechava o livro novamente e ia fazer outras coisas, fingindo que não sabia onde guardava o livro, achava-o, lia novamente. A narradora “criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade”.

Quem nunca se sentiu assim, apaixonado por um livro e o leu devagar para que não acabasse? Ou desejou que o escritor fizesse outro volume, continuando aquela narrativa findada? Ou ainda, partindo para outras artes, assistindo àquele filme não desejou que o personagem tomasse outro rumo? Ou ainda não ficou imaginando qual seria a continuação de uma história? Ou como viveria aquele personagem do séc. XIX nos dias de hoje? Foi desse sentimento, não só de paixão, mas de desejo de prolongar o contato com o objeto ficcional, que surgiram as *fanfictions*.

Traduzida literalmente como “escrita de fã”, o termo inglês *fanfiction* é resultado da junção de duas palavras: *fan* e *fiction*, significando, portanto, uma escrita ficcional feita por um fã a partir de um enunciado estético original¹⁵. Tal termo foi inserido no vocabulário de muitos jovens brasileiros, que também usam uma

¹⁵ Como entendemos que um enunciado está sempre em diálogo com o já dito, não o vemos como o primeiro a dizer algo. A palavra original, aqui, se refere ao enunciado que serviu como ponto de partida para a criação das *fanfics*.

versão mais curta da palavra, *fanfic*, ou até mesmo *fic*. O termo se relaciona diretamente com a origem do termo fã: fanático. Para escrever uma *fanfiction* não basta gostar de escrever, é necessário possuir um sentimento de fã a ponto de não conseguir ser passivo às histórias, é preciso ser fanático. Nesse sentido, o envolvimento e o prazer são basilares para a difusão das *fanfictions*, já que os ‘fanfiqueros’, sem pretensões estéticas ou mercadológicas, leem e escrevem aquilo e daquilo que gostam. Nesse contexto, a personagem Clariciana não precisaria adiar a leitura do tão almejado livro no intuito de prolongar sua relação com ela. Poderia lê-lo e continuar vivenciando a narrativa, mergulhando num mundo paralelo criado pelos fãs.

Apesar de ter se popularizado com a expansão da internet, as primeiras *fanfics* surgiram ainda na década de 60, quando fãs de *Jornada nas estrelas*¹⁶, nos Estados Unidos, começaram a publicar em *fanzines*, revistas onde se reuniam histórias alternativas baseadas no enredo e personagens dessa série.

Segundo Jenkins (1992), a origem da *fanfiction* se relaciona às comunidades de fãs, conhecidas também por uma palavra em língua inglesa: *fandom*, diminutivo da expressão em inglês *fan kingdom*, que significa “reino dos fãs”, na tradução literal para o português. Para o autor, essas produções se relacionam aos enunciados estéticos mais difundidas pelos meios de comunicação. De acordo com Coppola (2006, apud MORAES, 2009), as *fanfics* surgiram na mesma época em que as *fanzines* se popularizaram nos EUA, quando do surgimento dos seriados de TV, ou seja, no final da década de 60. Segundo a autora, a primeira *fanzine* a trazer uma *fanfiction* foi *Spocknália*, referência ao Dr Spock, personagem da série de TV *Jornada nas estrelas*. Essas revistas serviam de circulação para *fanfics*, *fanarts* e toda e qualquer troca de ideias dos fãs dentro daquela comunidade de *fandom*.

Com a consolidação da internet, as *fanzines* se espalharam e houve um imenso crescimento das produções de *fanfictions*. Hoje, elas são publicadas e compartilhadas em *websites*. Os escritores são na sua maioria amadores e jovens, apesar de já existirem enunciados estéticos que começaram como *fanfic* e entraram no mercado editorial, como é o caso da saga *Cinquenta tons de cinza*, de Erika Leonard James, publicada originalmente como *fanfic* do livro *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer.

¹⁶ Série televisiva norte-americana, criada por Gene Roddenberry, em 1966, transformando-se posteriormente em uma famosa franquia.

Muito praticada nos EUA, as *fanfics* se tornaram mais populares no Brasil depois do lançamento da série de livros *Harry Potter*, de J. K. Rowling, sucesso em todo mundo. Tanto é que os maiores *websites* brasileiros surgiram a partir de 2000, ano do lançamento do primeiro livro no país.

Hoje, existem vários sites que abrigam essas histórias no Brasil. Para essa pesquisa, descreveremos dois desses suportes: o *Nyah! Fanfiction* e o *Spirit Fanfics e Histórias*, já que ambos recebem *fanfics* sobre vários temas e categorias e estão integralmente em língua portuguesa.

Todos os depositórios de *fanfics* apresentam-se como redes sociais, neles é necessário um cadastro e criação de perfil para ter direito à navegação completa do site. Além disso, os usuários não só leem e escrevem *fanfics*, mas também comentam as histórias lidas, tiram suas dúvidas de língua portuguesa e participam de fóruns de debates sobre as histórias ou sobre a escrita. Embora o *Spirit Fanfics e Histórias* apresente um designer mais atrativo, com cores facilitando a distinção dos ícones e com uma disposição que simplifica a navegação, os dois apresentam organização semelhante. Já na tela inicial exibem abas para dar acesso às publicações recentes do site, às aulas de língua portuguesa, aos “betas” e às categorias. O *Spirit Fanfics e Histórias* ainda mostra os “destaques”, aquelas *fanfics* mais visitadas e mais comentadas, e aos “capistas”, usuários que se disponibilizam a criar capas de *fanfics* para outros usuários. E o *Nyah! Fanfiction* mostra os “melhores leitores da semana”, usuários que não só leem e comentam os textos, mas cujos comentários são selecionados pelo autor como “melhor comentário” do capítulo. Isto é, os melhores leitores são aqueles que dão melhores feedbacks.

Figura 4 - Página inicial do site Spirit Fanfiction



Fonte: <https://www.spiritfanfiction.com/>

Figura 5 - Página inicial do site Nyah Fanfiction



Fonte: <https://fanfiction.com.br/>

Nas abas de acesso às aulas de português há diversos temas, como crase, acentuação, pontuação, morfologia, parônimos, sinônimos, polissemia etc. Além disso, ambos apresentam um texto introdutório de explicações das regras em uma linguagem informal e jovem.

Figura 6 - Apresentação de *Beta Reader*



Fonte: <https://fanfiction.com.br/>

Em ambos os sites há o que o universo fanfiqueiro chama de “betas”, usuários dispostos a ajudar outros usuários com seus textos, indicando questões a serem melhoradas gramaticalmente ou estilisticamente, dando opiniões por meio de comentários nas publicações e auxiliando os escritores dos sites com suas dúvidas. Nas duas plataformas existe um processo de seleção tanto para ser ‘capista’, quanto para ser ‘beta’, e ambos são trabalhos voluntários. Para solicitar uma dessas ajudas, o usuário seleciona, em uma lista de voluntários, aquele que se encaixe mais no perfil desejado. Geralmente, principalmente os betas, apresentam preferências de “categorias” para fazer a betagem – nome dado para esse auxílio.

Os sites apresentam as categorias nas quais os usuários poderão ler ou escrever *fanfics*: Animes e Mangás, Bandas e Músicos, Cartoons, Filmes, Games, Livros, Originais, Quadrinhos, Séries, Novelas e TV. A *Spirit* ainda apresenta Youtubers e *Social Media Stars*, Celebidades, Concursos e Mitologias e Lendas; e a *Nyah*, poesias e doramas – dramas da televisão japonesa.

Ainda existe outra divisão das histórias, chamada pelos sites de “gênero”. São, na verdade, uma espécie de subdivisão, algumas bem específicas do mundo fanfiqueiro: ação, aventura, bishoujo ou bishounen¹⁷, colegial, comédia, crossover¹⁸,

¹⁷ São temas usados para referir-se a tipos de personagem, garotas ou garotos, respectivamente, jovens e bonitos, geralmente abaixo da idade universitária.

¹⁸ Narrativas em que personagens de livros, séries ou filmes diversos interagem.

drabble¹⁹, drama (tragédia), droubble²⁰, ecchi²¹, escolar, esporte, família, fantasia, femmeSlash²², festa, ficção, ficção científica, fluffy²³, terror e horror, universo alternativo, violência, etc. Assim, ao abrir uma *fanfic*, aparecem todas essas classificações: categoria, “gênero”, além do número de capítulos e de palavras escritas pelo autor.

Figura 7 - Apresentação de *fanfic*



Fonte: <https://www.spiritfanfiction.com/>

O *Spirit Fanfics e Histórias*, segundo o próprio site, possui atualmente – dados de 06/03/2017 – a média diária de mil e quinhentas novas histórias, oito mil e quinhentos novos capítulos e dois mil e quatrocentos novos cadastros de usuários. No total, são mais de quinhentas mil histórias, três milhões de capítulos e dois milhões de usuários cadastrados. O site, além do alcance nacional, também recebe textos de países de língua portuguesa, como Portugal e Angola.

No Brasil, o número de acessos mais expressivos vem de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Com o lançamento do aplicativo Spirit para dispositivos móveis, a rede foi ampliada de maneira expressiva, facilitando a portabilidade da utilização das mesmas ferramentas disponibilizadas pelo site. (<https://spiritfanfics.com/sobre- acesso em 18/10/2017>).

¹⁹ Narrativas curtas, com 100 palavras.

²⁰ Narrativa com no máximo 200 palavras.

²¹ *Fanfics* que possuem insinuações de sexo, mas não necessariamente explícito.

²² *Fanfics* com relacionamento amoroso entre duas mulheres.

²³ *Fanfic* na qual os personagens são muito carinhosos.

O *Nyah! Fanfiction* não possui informações atualizadas; segundo dados do Google Analytics de 2013, a média diária de novas histórias era de duzentos e noventa e sete, mil e duzentos novos capítulos e trezentos e noventa novos cadastros de usuários. No total, possuíam, nessa data, mais de cento e sessenta mil histórias e trezentos mil usuários cadastrados.

As duas plataformas se apresentam como rede social, depois do cadastro e do aceite dos termos do site, o usuário faz amizades, acompanha publicações, escreve suas histórias, entra em grupos ou fóruns de debate, troca mensagens. Essa interação é inerente à prática de *fanfiction*, cujos escritores se apoiam nos comentários de usuários para continuar suas narrativas. Segundo Alves (2015), que publicou sua pesquisa realizada com quatro jovens escritoras de *fanfiction*, é a colaboração entre usuários que torna a autoria possível, já que nesse ambiente os usuários têm liberdade para fazer análises, repensarem e reescreverem.

[...] pude perceber que, no processo da produção de escrita na *fanfiction*, no que diz respeito à elaboração do texto, há uma expectativa quanto às intervenções provenientes dos comentários de A4 “*A história vai de acordo com eles*”, uma vez que, nesse perfil de atividade, o processo de colaborativo está intimamente concatenado à constituição da escrita. (ALVES, 2015, p.88).

Vemos, dessa forma, que as *fanfics* são manifestações da cultura participativa, parte constitutiva da cultura vinda das tecnologias digitais, defendida por Henry Jenkins (2008). Ademais, as *fanfictions* extrapolam os sentidos do texto original, uma vez que criam novas tramas discursivas. Nessa perspectiva, a comunidade de fãs se opõe à comunidade corporativa, fazendo com que a cultura participativa se transforme em uma “convergência alternativa” (JENKINS, 2008). Mediante a essa interatividade, os fãs se apoderam dos conteúdos, transformando-os por meio de um diálogo com o enunciado estético original, com os vários narradores que da nova narrativa participam e do contexto cultural desses fãs, demandando diversas interpretações para tal.

Nesse panorama, outro conceito que nos auxilia é o de narrativa transmídia, que tenta aprimorar as experiências de entretenimento, permitindo que os consumidores experimentem o universo ficcional de novas e múltiplas formas, incluindo a participação na criação desse universo. Segundo Jenkins, a narrativa transmídia se explica como:

Histórias que se desenrolam em múltiplas plataformas de mídia, cada uma delas contribuindo de forma distinta para nossa compreensão do universo: uma abordagem mais integrada do desenvolvimento de uma franquia do que os modelos baseados em textos originais e produtos acessórios. (JENKINS, 2008, p.384).

Isto é, na perspectiva de Jenkins, a *fanfiction* é considerada uma narrativa transmídia, uma vez que ela é desenvolvida a partir de uma narrativa produzida em plataforma diferente daquela de sua origem.

Destacando a multiplicidade das mudanças em relação à comunicação, o autor ainda defende que a convergência, além de ser um sistema tecnológico que conecta várias funções dentro dos mesmos aparelhos, é também a mudança cultural que envolve o marketing, a busca de conteúdos, as leis de direitos autorais e a relação participativa dos fãs. E, como há muitas plataformas, os consumidores se sentem estimulados a buscar novas informações sobre seus interesses em outras mídias, lendo, escrevendo e fazendo conexões. Dessa forma, ampliam suas experiências com o assunto que lhes interessa e enriquecem sua experiência com a narrativa. E é nesse contexto que surge o fenômeno *fanfiction*.

Segundo o autor, no mundo da convergência, as velhas e as novas mídias interagem, a corporativa e a alternativa, fazendo com que haja uma 'convergência' nos meios de comunicação, no movimento dos conteúdos e no trânsito do público.

[...] a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos. [...] A convergência não ocorre por meio de aparelhos, [...] mas dentro do cérebro de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. (JENKINS, 2008, p. 27-28)

Na mira dessas reflexões, fica evidente o traço espontâneo e livre da *fanfic*, o que, naturalmente, pode nos levar a um questionamento acerca dessa espécie de didatização que esse gênero poderia sofrer ante a um esforço investigativo, que pretenda estudá-lo à luz de sua estrutura acadêmica. Consciente disso, essa dissertação pretendeu, dentro de uma perspectiva dialógica, desenvolver essa proposta de modo a manter o máximo de sabor que o gênero possui dentro de sua esfera natural. Para isso, foi fundamental mantermos o ambiente de produção, isto é, os *websites* colaborativos, e a relação com o objeto ficcional, o fanatismo.

1.3 A cidade, a Seduc e a escola

Praia Grande, município da região da baixada santista, no estado de São Paulo, pertenceu à cidade de São Vicente até 1967, quando ocorreu sua emancipação política. Segundo dados do IBGE de 2016, sua população é de 304 705 mil pessoas. Concentrada na região considerada central da cidade, até o início da década de 1990, a maior parte dos habitantes de Praia Grande morava junto à praia. Contudo, o *boom* da construção civil na década de 90 atraiu milhares de famílias para o município em busca dos empregos oferecidos pelas empreiteiras e construtoras, ocasionando um aumento excessivo da população na região entre a atual Via Expressa Sul ou a Rodovia Padre Manoel da Nóbrega e a Serra do Mar, regiões essas popularmente chamadas de terceira zona. Hoje, esses bairros já estão em via de urbanização, com escolas, creches, transporte público e pavimentação em grande parte de suas ruas. Assim, os bairros da cidade são classificados em bairros litorâneos, que ficam localizados entre a Rodovia Padre Manoel da Nóbrega e a praia, e bairros periféricos, localizados na terceira zona residencial, entre a rodovia e os morros ou o Rio Piaçabuçu.

A prefeitura administra 71 escolas de ensino fundamental I e II, totalizando cerca de 52 mil alunos-sujeitos. Todas as escolas são construídas dentro de um padrão estrutural, possuindo lousa digital em todas as salas, parte delas com acesso restrito à internet. Algumas escolas possuem sala de informática, outras um kit de *tabletes*, outras um kit de *netbooks*.

No que diz respeito às diretrizes educacionais da rede municipal, elas não diferem daquelas instituídas no estado de São Paulo quanto ao conteúdo, estipulam um currículo comum para todas as escolas, de modo a fornecer uma base de conhecimentos e competências, subdividindo os conteúdos pelos anos do Ensino Fundamental. A equipe gestora da secretaria elabora, a cada trimestre, avaliações diagnósticas para serem aplicadas em todas as escolas municipais, no intuito de medir o aprendizado dos alunos-sujeitos. No mais, os professores têm liberdade de trabalhar os conteúdos da maneira que acharem melhor, desde que cumprido o programa.

A escola Sebastião Tavares de Oliveira, onde construímos nossa proposta, possui ensino fundamental I e II e conta com 1296 alunos-sujeitos. Foi fundada em

2009 e fica localizada na 3ª zona de Praia Grande. 90% do bairro é residencial e os outros 10% é ocupado pelo comércio, em sua grande maioria pertencentes aos próprios moradores. São bazares, mercados de médio porte, padarias, bares, lojas de roupas, bicicletarias, salões de beleza, academias. A maioria das ruas é asfaltada e conta com rede de esgoto e saneamento, ainda que haja algumas de terra, já que o bairro cresce constantemente e novas áreas próximas ao mangue são invadidas. Existem dois canais de esgoto abertos no bairro e muitas casas de madeira. Isto é, algumas das famílias dos alunos-sujeitos da escola vivem em condições precárias de moradia. No ano de 2018 a escola E.M Sebastião passou por três diretoras diferentes, o que causou interferências na cena dialógica da escola. A última delas, cuja gestão não se pautava no diálogo com alunos-sujeitos e professores, colaborou para que o ambiente escolar se tornasse um espaço pouco democrático.

1.4 Os sujeitos de pesquisa

Os alunos-sujeitos que participaram dessa pesquisa estavam no 9º ano e a grande maioria já estudava na escola desde o ensino fundamental I. Além disso, foram alunos-sujeitos da professora/pesquisadora nos dois últimos anos, ou seja, desde o 7ºano. Nesse sentido, a construção da proposta no início do ano letivo teve menos entraves, já que parte dos interesses, dificuldades e limitações das turmas já eram conhecidos.

As famílias de nossos sujeitos de pesquisa moram nos bairros situados aos arredores da escola, Jardim Quietude e Caieiras, e trabalham no comércio da cidade formal e informal. A situação econômica, portanto, é baixa, mas a maioria das famílias é assalariada. Por isso, 95% dos nossos sujeitos de pesquisa têm acesso à internet, 65% têm computador e 89% celular.

Apesar desse bom acesso à tecnologia, a maior queixa dos professores da escola, sejam os do fundamental I, sejam do fundamental II, é a falta de interesse na participação das atividades escolares e a falta de estudos complementares em casa. Isto é, a maioria dos nossos alunos-sujeitos não realizam lições e trabalhos em casa e os pais pouco acompanham esses afazeres. Foi pensando também nesse perfil de nossos alunos-sujeitos, que resolvemos trabalhar a partir daquilo que gostam e, quem sabe assim, incentivá-los na participação escolar.

2. METODOLOGIA: as vozes dessa pesquisa

A pesquisa aqui apresentada apoia-se na ideia de que para o sucesso no trabalho da escola com a leitura e, principalmente, com a escrita é imperativo considerar o gosto dos alunos-sujeitos, para assim, revelarmos os sujeitos que neles habitam e envolvê-los no prazer do ler e do escrever, embrenhá-los na consciência do poder da linguagem. Nesse sentido, reconhecer que os alunos-sujeitos são sujeitos pensantes, que sentem desejos e que têm preferências é fundamental para a execução da proposta. Por isso, optamos por utilizar o substantivo composto aluno-sujeito ao invés de simplesmente aluno, pois consideramos que sua existência ultrapassa essa condição. Em muitos dicionários brasileiros o primeiro significado desse verbete é assim escrito: “O que recebe de outrem educação ou instrução” (Priberam)²⁴ ou “pessoa que recebe lições de um mestre; discípulo, escolar” (Dicio)²⁵. Essas definições nos parecem desempossar as identidades de nossos estudantes e nossa proposta de trabalho e nossa visão de educação vai de encontro a essa ideia. Isto é, acreditamos ser imprescindível dar voz a eles, considerar seus gostos, suas preferências e suas identidades, deixar revelar, portanto, os sujeitos.

Por esse turno, há de se considerar o caráter humano dessa pesquisa, uma vez que os discursos proferidos pelos alunos-sujeitos são carregados de ideologias, de desejos, de escolhas e partem de uma determinada situação, de um contexto – sala de aula, aula de Língua Portuguesa, escola Sebastião, Praia Grande – e trazem um mundo de outros contextos – de suas famílias, suas vivências, suas outras aulas de Língua Portuguesa – e no caso do trabalho com as *fanfics*, do objeto ficcional, dos comentários acerca de suas escritas, do ambiente virtual. Aqui, as múltiplas vozes precisam ser ouvidas e respeitadas.

E nessa reflexão de se pensar nos limites dos objetos e da metodologia, questionamo-nos: de quantas vozes se faz a pesquisa em ciências humanas? E será que essas vozes são ouvidas? Será que superamos o monologismo típico da pesquisa e adentramos no dialogismo de fato?

²⁴ In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: <https://www.priberam.pt/dlpo/aluno> [consultado em 31-05-2018]

²⁵ In Dicionário Online de Língua Portuguesa: <https://www.dicio.com.br/aluno/> [consultado em 31-05-2018]

Assim, para analisar e respeitar todas essas vozes que reverberam no nosso *corpus*, trazemos nessa seção a reflexão metodológica norteadora da pesquisa, que privilegiará os enunciados dos alunos-sujeitos, aqui considerados seres pensantes e não objetos. Para tanto, propomos uma base metodológica engendrada a partir de ideias do Círculo de Bakhtin para fundamentar tal discussão.

Na subseção 2.1 falaremos sobre o eu pesquisador, acreditando que o ponto de vista de quem vê altera o que se vê. Na 2.2 abordaremos a respeito do conceito de exotopia na composição da pesquisa que pretende refletir múltiplas vozes. Na 2.3 discutiremos a alteridade como princípio metodológico, pois consideramos que nossos objetos de estudo, não são objetos, mas sujeitos e, conseqüentemente, dialógicos, cujas vozes precisam ser ouvidas, já que fazem parte de nosso *corpus*. Na subseção 2.4 abordaremos o caráter dialético-dialógico da pesquisa, pois os enunciados se constituem a partir do diálogo com outros enunciados, num processo de embate. E na subseção 2.5 falaremos sobre o método de cotejo, considerando que só se entende um enunciado na relação com outros enunciados.

2.1 O eu pesquisador: nosso ponto de partida

A falsa ciência baseada na comunicação não vivenciada, isto é, sem o dado primário do objeto autêntico. O grau de perfeição desse dado (do vivenciamento autêntico da arte). A análise científica em baixo grau será de índole inevitavelmente superficial ou mesmo falsa. (BAKHTIN, 2017. p. 381)

Para início de nossa reflexão propomos olharmos para o sujeito que pesquisa e do lugar de onde ele observa. Esses são pontos importantes, afinal, dependendo de onde olhamos e com que óculos estamos, enxergamos diferentes paisagens. Aqui, o pesquisador que vos fala é um professor da rede pública de ensino, inserido em um programa de mestrado cujo principal objetivo é o de focalizar o chão da sala de aula, buscando estratégias para a melhoria do ensino. Em tal programa, portanto, já é esperado que o pesquisador/professor conduza a pesquisa a partir de sua trajetória. Assim, é a partir desse sujeito, que também é ator em cena, que surgirão as observações e análises. Além da vivência em sala de aula, o professor, ao transmudar-se em pesquisador, utiliza-se de asas teóricas para alçar voo na pesquisa. Nessa perspectiva, já temos uma multiplicidade de sentidos

construídos por essa diversidade de vozes, a de um professor, a de um pesquisador, a da academia, a da sala de aula. Esse será nosso ponto de partida para retratar a riqueza da pesquisa em ciências humanas. A perspectiva do pesquisador sobre a experiência, no caso do Profletras, é toda uma junção de vozes.

Também, como tão bem prevê Amorim (2004), quando de sua obra sobre a metodologia em ciências humanas, “a imersão num determinado cotidiano pode nos cegar justamente por causa de sua familiaridade” (p. 26). Nesse sentido, ainda que os manejos em sala de aula sejam familiares à vivência do professor, as buscas por respostas nunca o são, já que cada grupo de alunos-sujeitos é único, cada debate é novo, cada proposta didática torna-se singular dependendo do contexto. Então, embora haja muito de familiar no contexto em que o pesquisador está inserido, a inserção da *fanfic* enquanto proposta de trabalho é dado novo e com ele, juntamente com a inter-ação professor/aluno-sujeito, aluno-sujeito/*fanfic*, esperamos provocar a estranheza necessária para se ter em relação a um objeto de pesquisa²⁶.

Na verdade o que queremos propor é a ideia de que o pesquisador pretende ser aquele que recebe e acolhe o estranho. Abandona seu território, desloca-se ao país do outro, para construir uma determinada escuta de alteridade, e poder traduzi-la e transmiti-la. (AMORIM, 2004. p. 26)

Assim, na escrita aqui manifestada, há de se considerar a palavra do outro, ainda não a dos sujeitos de pesquisa, que trataremos adiante, mas daquele que usaremos como base para a defesa pretendida: as asas que escolhemos para o nosso voo. Nosso referencial teórico, Bakhtin e toda sua arquitetura, fará parte de nosso discurso, alterando-se com o do eu pesquisador – pluralizado em ‘nós’ (pesquisador/orientador). Dito de outra forma, o discurso que aqui se materializa, além de planejar representar a alteridade com as vozes dos sujeitos pesquisados, também dialoga com o discurso bakhtiniano.

2.2 O eu pesquisador e o movimento exotópico

²⁶ Nosso objeto principal de pesquisa serão os enunciados produzidos pelos alunos-sujeitos a partir da inserção do gênero *fanfiction*, bem como a interação professor/aluno-sujeito durante o desenvolvimento dessa proposta. No entanto, colocamos a *fanfic* também como “objeto de pesquisa”, já que também descrevemos o gênero – Seção 1 – justificando sua presença em sala de aula.

A construção da visão do eu-pesquisador, na presente pesquisa, envolve não apenas o lugar de onde ele fala, considerando aqui todo o contexto sócio-cultural-ideológico, como dito acima, mas também as trocas ‘do outro para comigo’ e vice-versa. Isto é, encontrar a si só é possível ao considerar o outro que nos compõe, aquele que participa dos nossos atos vividos. Segundo as ideias defendidas pelo Círculo, é o outro que nos dará uma visão completa sobre nós mesmos e, de igual maneira, nossa visão completará a constituição do outro.

Esse processo será garantido pelo movimento de exotopia, discutido pelo círculo em *Estética da criação verbal* (2017) quando das reflexões acerca da elaboração e acabamento da obra pelo autor, o qual se desloca do autor-pessoa para o autor-criador. Isso ocorre quando se coloca a partir do ponto de vista do personagem para observar o mundo e, retornando a si, carrega esse excedente de visão que o auxiliará na construção de sua obra.

Na pesquisa em ciências humanas, Amorim (2004) diz que o pesquisador, para representar a voz de seu sujeito de pesquisa, deve buscar um excedente de visão, deslocando-se de seu lugar em direção ao lugar do sujeito e retornando para o seu lugar de pesquisa. Isto é, um deslocamento que permite nos posicionar do ponto de vista do outro. E será nesse retorno, nessa volta ao nosso lugar de pesquisa, que teremos condições de considerar o ponto de vista alheio, agora também nosso.

Amorim (2004) diz que “o conceito de exotopia designa uma relação de tensão entre pelo menos dois lugares: o do sujeito que vive e olha de onde vive, e daquele que, estando de fora da experiência do primeiro, tenta mostrar o que vê do olhar do outro”(p. 101). A pesquisa com alunos-sujeitos e seus discursos é um ato exotópico, já que o pesquisador precisa fazer esse deslocamento constantemente em uma tentativa de preservar suas vozes e suas identidades. E também o é no deslocamento da professora para a pesquisadora, como explicitamos acima.

Nesse trabalho, tal movimento foi necessário como princípio metodológico, uma vez que a professora se deslocou para o lugar de seus alunos-sujeitos, deles extraindo suas vozes, preferências e urgências, deslocando-se, por sua vez, ao lugar da pesquisadora, que, carregada também de uma voz de professora – do chão da sala de aula e de suas necessidades – se propôs a refletir academicamente esses discursos.

2.3 A alteridade como base metodológica: nosso “objeto” de estudo

A palavra do outro deve transforma-se em minha-alheia (ou alheia-minha). A distância e o respeito. No processo da comunicação dialógica com o objeto, este se transforma em sujeito (o outro eu). (BAKHTIN, 2017. p. 381).

Um dos termos basilares do pensamento bakhtiniano é o dialogismo²⁷, já que ele permeia todos os conceitos defendidos pelo autor, isto é, partem da ideia de que em todo discurso há pelo menos um outro além do eu, colocando a interação social em posição de destaque. Trazendo essa ideia para a pesquisa em ciências humanas, considerar que além da voz do pesquisador, há outras vozes que ali reverberam é essencial dentro de uma perspectiva bakhtiniana. Dessa ideia surge o princípio da alteridade – também discutido pelo Círculo de Bakhtin e analisado por Amorim (2004) em relação à pesquisa em ciências humanas – que considera que a pesquisa de campo sempre visa um encontro com o outro.

O complexo acontecimento do encontro e da interação com a palavra do outro tem sido quase totalmente ignorado pelas respectivas ciências humanas [...]. As ciências do espírito; seu objeto não é um mas dois “espíritos” (o que é estudado e o que estuda, que não devem fundir-se em um só espírito). O verdadeiro objeto é a inter-relação dos “espíritos”. (BAKHTIN, 2017, p. 380)

Nesse sentido, em uma perspectiva bakhtiniana, o diapasão²⁸ do pesquisador de ciências humanas consiste em buscar uma equalização constante ante a relação estabelecida frente ao sujeito de pesquisa, e que a dialogia constitutiva desse processo seja desde já assumida e levada em consideração, para que durante o tempo em que durar a pesquisa tal posição seja revista, refletida e problematizada. Nesse caso, não podemos pensar numa afinação unívoca e estática, uma vez que não se trata de um “objeto” de pesquisa, cujo local passivo se configura, em suma, em se mostrar aos olhos do pesquisador, que cuidará para elaborar seu discurso com base em seus preceitos. Aqui, no trabalho com as *fanfics*, os sujeitos possuem vozes, discursos e ideologias, que vão agir no pesquisador e por ele serão também afetados. O equilíbrio a ser buscado metodologicamente nessa polifonia é cuidar para que a voz do pesquisador não abafe o sujeito da

²⁷ Esse conceito será melhor abordado na fundamentação teórica.

²⁸ “Lâmina de aço ou pequeno instrumento metálico, geralmente em forma de U, com que se dá o tom para afinação de instrumentos musicais ou vozes”. in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/diapas%C3%A3o> [consultado em 07-01-2018].

pesquisa, alunos-sujeitos e suas *fanfics*, e que também não se deixe por ela ser silenciada. A movimentação do pesquisador deve operar de maneira pendular, ora afastando-se do sujeito, ora aproximando-se dele, como já mencionamos na subseção anterior.

Insistindo na alusão do universo musical para elucidar a metodologia eleita para embasar nosso trabalho, é importante não perder de vista que se trata de uma pesquisa cujo escopo são alunos-sujeitos do nono ano de uma escola municipal de Praia Grande que estarão às voltas com as *fanfics*, gênero cuja palavra fã é definidora. Por esse turno, a posição do professor como maestro torna-se problemática à medida que ele é também um analista dessa orquestra, que, composta por diferentes influências, sem uma partitura exata e sisuda, não pode flutuar improvisadamente ao sabor da sorte, numa espontaneidade orgânica em que os fatores não possam ser rearranjados durante a trajetória. O intento é fazer valer o processo dialógico, assumindo sob essa condição que, nessa orquestra de diferentes culturas, as relações alunos-sujeitos\alunos-sujeitos, alunos-sujeitos\professor, alunos-sujeitos\pesquisador, professor\pesquisador se darão numa constelação de fatores, dos quais o surgimento de tensionamentos será inerente a eles, qual seja, a arena de conflitos dialógicos e ideológicos irá se configurar como parte natural do processo.

Assim, refletir a respeito do objeto de pesquisa imerso no pensamento bakhtiniano nos faz abdicar do lugar seguro que, muitas vezes, o pesquisador se coloca no fazer pesquisa. Aqui, aquele pesquisador que observa, questiona e analisa imparcialmente, mesmo que fundamentado em determinados conceitos, seu objeto de pesquisa dá lugar àquele que deixa outras vozes ecoarem. Logicamente que embora o pesquisador naquele caso trate com objeto estático, não pensante, os conceitos usados por ele para fundamentar o estudo e a própria observação daquele objeto são escolhas, e por si só constituem ações e posições axiológicas. Isto é, de um determinado tempo e espaço, o pesquisador se coloca em relação ao objeto pesquisado e na análise introduz sua voz.

O que se pretende mostrar aqui é que, além de toda essa carga de valor já inerente às escolhas de uma pesquisa, na nossa, os objetos são sujeitos discursivos, cujas vozes são parte do *corpus* do pesquisador. E ter um objeto como sujeito que se posiciona frente ao pesquisador deve ser considerado.

O objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado. [...]. O ser que se autorrevela não pode ser forçado e tolhido. Ele é livre e por essa razão não apresenta nenhuma garantia. Por isso o conhecimento aqui não pode se dar nem garantir [...] O ser da totalidade, o ser da alma humana, o qual se abre livremente ao nosso ato de conhecimento, não pode estar tolhido por esse ato em nenhum momento substancial. [...] A formação do ser é uma formação livre. Nessa liberdade podemos comungar, no entanto não a podemos tolher com um ato de conhecimento (material). (BAKHTIN, 2011, p. 395)

Se, como nos diz Bakhtin, o sujeito na pesquisa humana é um ser falante e, por ser falante, é carregado de ideologias, precisamos ter consciência de quem é esse sujeito e de que lugar ele fala. No nosso caso, são alunos-sujeitos do 9º ano, de uma escola pública em Praia Grande, com certo acesso às tecnologias, mas que delas pouco se utilizam no contexto escolar. Alunos-sujeitos falando como alunos-sujeitos, como sujeitos, mas também como fãs – já que estarão em interação com as *fanfictions* – como escritores e leitores, falando para um professor, que também é pesquisador.

Postas dessa maneira, ao refletirmos sobre alteridade, a definição e a clareza das vozes que ecoam do e para o *corpus* são fundamentais, e, aqui, no trabalho com os alunos-sujeitos, indo um pouco além, tal princípio, tão necessário nas ciências humanas, não opera apenas no processo de reconhecer, na pesquisa, a alteração de discursos – entre o pesquisador e o professor, entre o professor e o aluno-sujeito, entre o aluno-sujeito e a *fanfic* – ou o de valorizar as vozes que ali reverberam – as de um professor da rede pública, de alunos-sujeitos do 9º ano, de fãs, de escritores, de personagens, de comentaristas, de pesquisador – mas é, também, uma finalidade. Alterar-se para outro, outros, tantos, muitos, é como um despertar de si mesmo, é crescer, acrescentar-se. E é essa alteração que busca qualquer professor, qual seja, a de que, reconhecendo suas identidades, os alunos-sujeitos possam se alterar para tantos outros. Dessa perspectiva, vemos tão claramente como, de fato, a alteridade é constitutiva da produção de conhecimento.

No entanto, a questão essencial a se pensar é que os discursos dos alunos-sujeitos, portanto alunos-sujeitos discursivos, compõem o *corpus* deste estudo juntamente com os dados que serão construídos e coletados e os conceitos teóricos levantados. Bakhtin (2017) ainda diz que “o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não

pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico” (p.400). Assim, o pesquisador, na interação com esse aluno-sujeito, coloca esse diálogo, juntamente com a interação alunos-sujeitos/*fanfics*, como fontes e focos de sua pesquisa.

Dessa perspectiva, Amorim (2004) defende que o pesquisador ao ocupar-se dos sujeitos altera seu ponto de vista, que é influenciado por eles, que também se alteram com o contato com o pesquisador. Por isso, embora haja a busca pela objetividade, essa alteração no ponto de vista do pesquisador tem que ser levada em conta, já que a construção dos discursos é sempre influenciada pelo outro, e aqui, nessa relação sala de aula/pesquisa, essa influência se intensifica pelas relações ali já existentes.

Nesse viés, Amorim defende que

[..] em torno da questão da alteridade se tece uma grande parte do trabalho do pesquisador. Análise e manejo das relações com o outro constituem, no trabalho de campo e no trabalho de escrita, um dos eixos em torno dos quais se produz o saber. [...] sem reconhecimento da alteridade não há objeto de pesquisa e isto faz com que toda tentativa de compreensão e de diálogo se construa sempre na referência aos limites dessa tentativa. (AMORIM,2004, P. 28)

Estando clara essa alteridade nas vozes que reverberam na pesquisa em ciências humanas, importante reconhecer que o pesquisador também precisará se afastar para que seu objeto de pesquisa se torne estranho, como já dito no primeiro tópico desta seção, principalmente aqui, onde há outros papéis desempenhados – professor/pesquisador, aluno-sujeito /sujeito de pesquisa. Para que uma voz não se sobreponha a outra, a do pesquisador em relação à do pesquisado ou vice e versa, um movimento de refração e reflexão é necessário.

Por fim, nessa pesquisa, pensar sobre o objeto é pensar no outro, em tantos, muitos, e dos lugares de onde são proferidos os discursos. O princípio da alteridade como proposta metodológica relaciona-se à ideia de que os sujeitos dialogam entre si – alunos-sujeitos com alunos-sujeitos, com *fanfics*, com professor, e pesquisador que também reconhece seu lugar de professor e dialoga com os alunos-sujeitos, com o presente texto, com a pesquisa. Portanto, concebemos a pesquisa como aquela que se pautará no diálogo de todas essas vozes que reverberam na sala de aula com o professor e no *corpus* com o pesquisador.

2.4 O caráter dialético-dialógico

Como já expomos na subseção acima, o diálogo está na base teórica das ideias defendidas pelo Círculo e, no centro desse conceito, há o reconhecimento de que o discurso é produzido na relação com o outro, na alteridade. Dessa ideia, não é difícil reconhecermos que é no embate que o conhecimento é produzido. Já dizia a célebre frase de Bakhtin: O signo “se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes”. Assim, essa dialética, o círculo acredita ser dialógica, já que esse embate é parte fundamental da estrutura do discurso (PONZIO, 2017). Em outras palavras, o sujeito está inacabado, é na interação com o outro, no diálogo, no movimento de apagar e mostrar seus valores ideológicos, no embate com outros valores, que ele se construirá. Por isso, acreditamos que a pesquisa aqui apresentada também deve se fundamentar metodologicamente nesse movimento dialético-dialógico.

Acreditamos, portanto, que a alternância de vozes, tanto de conversas triviais no dia a dia, quanto de discursos mais formais – que sempre remetem ao já dito, a outros discursos já proferidos – ou qualquer outra forma de comunicação tem uma especificidade dialética-dialógica.

Paula, Figueiredo e Paula (2011), em artigo que discutem o marxismo no e do Círculo, esclarecem que embora tanto Marx quanto o Círculo acreditem em um movimento dialético de tese, anti-tese e síntese, Bakhtin não considera esta última como fim, mas como continuação do diálogo, por isso dialético-dialógico. Para nós, não seremos os primeiros a dizer algo sobre o *corpus*, apenas estaremos respondendo a outros enunciados e provocando outros que ainda virão. Assim, acreditamos que na interação do eu com o outro, do professor com os alunos-sujeitos e dos alunos-sujeitos com as *fanfics*, numa relação ideológica e linguística, construída na e pela linguagem, nosso *corpus* será formado.

Segundo Bakhtin (2017):

Não pode haver um sentido único (um). Por isso não pode haver o primeiro nem o último sentido, ele está sempre situado entre os sentidos, é um elo na cadeia dos sentidos, a única que pode existir realmente em sua totalidade. Na vida história essa cadeia cresce infinitamente e por isso cada elo seu isolado se renova mais e mais, como se torna a nascer. (BAKHTIN, 2017, p.382)

Não existe nem a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). [...] Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem

massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (novo contexto). (BAKHTIN, 2017, p. 410)

Por esse turno, admitindo que nada está posto, que os discursos serão construídos na interação, assim como a constituição dos sujeitos como seres que refletem e agem na relação com o outro, negamos o caráter absoluto dos pontos de vista. Aqui, a convivência das teses e anti-teses, de sínteses e respostas entram em embate, dialogam. Daí, retornamos para o signo como arena, nesse ponto se resolverão (não no sentido de ‘ponto final’, mas de ‘busca de respostas’) as lutas, não as de classe no sentido marxista, no sentido econômico, mas no sentido de entrar no afã da melhoria do ensino.

Logo, nossa proposta visa olhar o *corpus* desta pesquisa à luz dessa metodologia, que, como dito, concebe as relações entre os sujeitos e entre sujeitos e discursos como fenômenos em embate, que nega e afirma, reflete e refrata. Analisaremos, por esse viés, as produções de *fanfics* dos alunos-sujeitos, assim como toda a produção dentro do ambiente virtual que propusemos, vistas como (re)ações responsivas – à obra original, à proposta da atividade em si, à instituição, à aula de Língua Portuguesa. Também dialogicamente agimos diante desse *corpus* – produções dos alunos-sujeitos com a e na linguagem e interação professor/aluno-sujeito e pesquisador/fundamentação teórica/*corpus* – construindo a escrita que aqui se materializa.

2.5 O cotejo na construção dos sentidos

Para Bakhtin, o enunciado²⁹ é uma unidade da comunicação verbal e comporta em si reverberações de outros enunciados, sendo visto como uma resposta ao já dito e uma possível implicação a respostas futuras. Portanto, um enunciado sempre se relaciona a outro, sendo um “elo na cadeia da comunicação verbal” (BAKHTIN, 2017, p. 371). Por isso, para o autor, a compreensão plena dos enunciados tem caráter dialógico, uma vez que o produtor de discurso também é respondente de discurso e, nesse processo ativo de escuta e produção, faz constantes correlações com o outro, seja discurso, enunciado ou sujeito.

²⁹ Esse conceito será melhor discutido na seção três.

Aqui, compreendemos que cada signo conduz para além dos limites do enunciado, isto é, o sentido se constrói na medida em que há interação com o outro e com o mundo, e para interpretarmos um enunciado precisamos correlacioná-lo a outros enunciados e ao contexto, buscando um olhar dialógico. Bakhtin chamava esse processo de cotejo. Em suas palavras: “Cada palavra (cada signo) do texto leva para além dos seus limites. Toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros textos.” (BAKHTIN, 2017. p. 400).

Colocar enunciados diferentes em comparação uns com os outros é cotejar, criando uma tensão fundamental para compreendermos variadas realidades linguísticas. Quando conseguimos perceber as vozes que do discurso reverberam, que no enunciado dialogam, logicamente nossa compreensão será mais aprofundada. Nesse sentido, o pesquisador conseguirá ampliar os contextos, conforme a riqueza da compreensão dos enunciados. Geraldi (2013) concebe esse passo como o ato do pesquisador em cotejar textos com outros textos, dando-lhes contextos.

Portanto, numa perspectiva bakhtiniana, o movimento de levantar esses sentidos dentro do texto favorecerá na sua apropriação, produzindo a compreensão, o comentário, a réplica, o diálogo. Por isso consideramos que “o texto só tem vida contando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectivamente e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo” (BAKHTIN, 2017. p. 401)

Trazendo essa ideia para nossa proposta de trabalho em sala de aula, determinar o processo interlocutivo em que se dá a compreensão das *fanfics* será uma ação em que tanto o professor/pesquisador quanto o aluno-sujeito/sujeito de pesquisa cotejarão as *fanfics* com outros gêneros, a fim de transcender o limiar do gênero e reconhecer esse novo contexto. Também, se cotejar relaciona-se a uma compreensão ativa e criadora, o pesquisador, ao focar seu olhar na compreensão de seu objeto de pesquisa – no nosso caso sujeitos e enunciados –, traz consigo uma carga sócio-histórica-ideológica que se fundirá com o tempo-espço da pesquisa, criando novos contextos.

No que se refere às aulas, possibilitar leituras a partir do cotejamento colabora na ampliação dos sentidos da série escolhida ou das *fanfics* escritas, uma vez que haverá o confronto de diferentes posições ideológicas sobre o tema

da trama, a forma de narrar, as referências culturais, os modos de ser dos personagens, dos escritores, as possibilidades de continuação das histórias. Nessa perspectiva, ao escolhermos o cotejamento discutido por Bakhtin, assumimos que não ficaremos nos limites dos dizeres do autor, pois não desejamos barrar nem o fluxo dialógico das leituras dos alunos-sujeitos, nem as possibilidades de construção de repertório que esse confronto possibilita.

Quanto à análise dos enunciados produzidos durante a construção da proposta, o cotejamento nos auxiliará a ver além do dito, evidenciando também possíveis silenciamentos. Nessa ação, o pesquisador também coteja com os discursos que envolvem o ensino de língua portuguesa com aqueles que apontam para outros e novos paradigmas.

3. BAKHTIN: a teoria que nos responde

Embrenhar-se na obra de Bakhtin – e de seu Círculo, Bakhtin/ Medviédev/ Volochínov – não é tarefa fácil, já que o autor foi desenvolvendo os seus conceitos, reformulando-os, acrescentando novas ideias, no decorrer de sua vida e obra, em diálogo constante com outros escritores. Por isso, muitos dos conceitos que defende diluem-se nos textos escritos por ele e pelo Círculo. Nesse sentido, sistematizar as noções bakhtinianas em tópicos temáticos, em uma espécie de glossário, parece-nos tarefa complicada. Dito isso, apresentamos nesta seção não simplesmente a fundamentação teórica dessa pesquisa, mas o diálogo estabelecido com a arquitetônica de Bakhtin, que nos auxilia na explicação da nossa proposta de trabalho, entendendo-a não apenas como estrutura basilar daquilo que, metodologicamente, procuraremos defender, mas também como adoção de uma postura enquanto professor e pesquisador. Ver o mundo pela perspectiva que adotamos aqui – a bakhtiniana – pressupõe também entender que é pelo diálogo que levantaremos os conceitos aqui pertinentes.

O pensamento de Bakhtin e de seu Círculo nos leva a reflexões várias, sobre a cultura, a construção de conhecimentos, a linguagem em suas várias manifestações, seja literária, seja uma conversa trivial, sempre tendo o homem e suas interações como propulsor de suas teorias, por isso fonte rica para a pesquisa em ciências humanas. Assim, além da postura dialógica adotada com a obra bakhtiniana, e entendendo que são dialógicos e muito bem amarrados os conceitos construídos pelo autor, acreditamos que uma separação nos parece ter caráter mais didático do que epistemológico. Dessa forma, dividimos essa seção por sessões para facilitar a leitura, ainda que, muitas vezes, esses conceitos imbriquem-se.

Na subseção 3.1 falamos de diálogo, base de toda a arquitetônica bakhtiniana, sendo o conceito que nos guiará por todas as seções; na 3.2 discorreremos sobre enunciado; na 3.3, ideologia; na 3.4, sujeito e vozes sociais; na 3.5, gêneros discursivos; na 3.5.1 tecemos algumas reflexões a respeito de um ensino calcado na teoria dos gêneros discursivos e, finalmente, na 3.5.2 explicamos porque concebemos a *fanfiction* como gênero discursivo.

3.1 Diálogos: a aula, os enunciados e suas reverberações.

O pensamento filosófico de Bakhtin e seu Círculo focaliza claramente a noção do outro e de sua importância para a reflexão sobre linguagem, trazendo a interação entre sujeitos como mote centralizador de suas teorias, como já explicitamos na seção metodológica. Para Bakhtin, o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem. Isto é, o dito só passa a ter sentido no processo enunciativo, que se dá na interação entre os sujeitos, entre seus discursos. O discurso, nessa perspectiva, sendo considerado como a língua viva, em ação, desconsidera o caráter individual³⁰ dessa ação, já que a linguagem em funcionamento pressupõe pelo menos um outro além do eu. Portanto, para o filósofo russo, a real natureza da língua está nas relações sociais, estabelecidas pelas interações verbais.

Nesse sentido, a questão do diálogo não é apenas definidora da constituição da linguagem, mas também do ser humano, pois a existência do outro é fundamental para a construção do eu. Dito de outra forma, o homem não existe fora do diálogo, fora da interação com o outro – outro sujeito, outro discurso.

Assim, as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas. (BAKHTIN, 2002, p. 183).

Aqui, Bakhtin esclarece que não há como olharmos para o discurso apenas pelo ponto de vista único e individual, nem tampouco, apenas pelo social. A dialogia pressupõe considerarmos os dois pontos. No entanto, o caráter individual está mais relacionado às escolhas de orientação dos enunciados que o sujeito tem em seu ato responsivo, sendo, portanto, atos sociais, pois são respostas ao já dito.

O enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia

³⁰ Aqui usamos o vocábulo “individual” no sentido de restrito, exclusivo, e não de sujeito ou de um eu-interior. Para Bakhtin, o sujeito não está apagado nos discursos sociais, sua voz, em um dialogismo constante com outras vozes, outros discursos, constrói-se constantemente. No entanto, “o centro organizador de toda enunciação [...] está situado no meio social que envolve o indivíduo”, ou seja, a enunciação individual faz sentido quando somada a outras enunciações, de outros indivíduos.

antes dele, absolutamente novo e singular, e que ainda por cima tem relação com o valor (com a verdade, com a bondade, com a beleza, etc.). Contudo, alguma coisa criada é sempre criada a partir de algo dado (a linguagem, o fenômeno observado da realidade, um sentimento vivenciado, o próprio sujeito falante, o acabado em sua visão de mundo, etc.). Todo dado se transforma em criado. (BAKHTIN, 2017, p. 326)

Nesse sentido, o texto nunca é o primeiro a dizer algo e o autor nunca está sozinho ao produzir algo, já que ambos trazem consigo referências anteriores que também servirão para referências posteriores. Isto é, quando enunciamos algo já presumimos a existência de algo anterior e também posterior.

Inseridos nesse pensamento, percebemos que a interação social é a espinha dorsal das discussões do Círculo de Bakhtin, é por meio dela que conceitos como enunciado, ideologia, gêneros, sujeitos, vozes sociais são construídos. Portanto, pensar em linguagem na concepção bakhtiniana é refletir sobre a influência de um sujeito sobre o outro, de um discurso sobre o outro, de vozes que reverberam de cada enunciado, enfim, a natureza interacional. De igual maneira, no trabalho com o texto na escola, há de se olhar para os discursos que emanam dos textos, levando os alunos-sujeitos a entenderem que a construção de significados se dá em um processo dialógico e pode extrapolar o dito pelo autor, já que dessa materialidade trazemos referências e fazemos outras nossas, estabelecendo constantes diálogos e cotejos.

Em todos os momentos da construção de nossa ideia, descritos na seção quatro dessa dissertação, o diálogo foi centro nevrálgico do direcionamento das aulas e análises dos enunciados. Nas primeiras aulas sobre narrativas, ao analisar, por exemplo, a letra da canção *Dezesseis*, da banda Legião Urbana, além das relações intertextuais, como outra canção, dos Beatles, presentes na letra, esse enunciado nos levou a outras canções que abordam sofrimento jovem, a personagens do cinema representativos da rebeldia, como James Dean, ou seja, interdiscursos. O diálogo ecoado da letra narrativa expandiu para muitos outros já ditos, levando nossos alunos-sujeitos a também criarem novas relações.

Também, falar sobre *fanfics* é falar nos contextos de produção, nos sujeitos envolvidos nesse processo e nos diálogos firmados, que, no caso desse gênero, extrapulam os limites da inconsciência, já que se trata de criação feita a partir de um enunciado estético original, do já dito, textualmente. Além disso, quando propusemos a criação dessas narrativas a partir da voz do aluno-sujeito, de

referências apresentadas por ele, pretendemos trazer a tona a parcela dele enquanto indivíduo para nosso diálogo. Com isso, acreditamos que, vendo sua voz nas atividades propostas em sala de aula, ele se enxergará como parte daquele discurso e, reconhecendo-se nele, emergirá com menos barreiras nessa interação.

Ainda nesse pensamento, se dentro dessa concepção os sentidos são construídos entre os sujeitos e seus discursos, e o sujeito é agente produtor de um discurso para outro sujeito, a figura do professor não deve funcionar como único “outro sujeito interlocutor”, mas sim uma das possibilidades de interação. Em nossa proposta, os alunos-sujeitos interagiram com a série escolhida e todos os discursos e referências que dela emanam e para além dela partem, também com suas próprias *fanfics*, com os colegas e, também, com a professora. Tirando o caráter centralizador da figura do professor como único interlocutor na sala de aula, pretendemos colaborar para que a escrita seja interacional e não se direcione unilateralmente à figura daquele que dará uma nota.

Para a reflexão proposta, diferentemente dos estudos linguísticos que tomavam a língua como objeto, destrinchando-a em unidades mínimas até a dimensão da frase, Bakhtin tomava o enunciado como objeto. É dessa perspectiva que o estudioso russo toma o homem como cerne de suas reflexões, pois ele é produtor de discursos e será dessa e nessa produção, nessa dialogia, que se construirá enquanto sujeito. Assim, o diálogo, sendo adjetivação central dos estudos da linguagem pelo viés bakhtiniano, será um conceito que organizará e norteará toda essa reflexão.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2006, p. 127)

Para Bakhtin, as ciências humanas estão no enunciado e ao tratá-lo como objeto aponta duas concepções do princípio dialógico: o diálogo entre interlocutores e o diálogo entre discursos. Dito de outra forma, Bakhtin considera tanto o objeto – o discurso – quanto o método – relações entre sujeitos – dialógicos.

A definição de diálogo aparece como princípio interno da palavra – que no discurso significa estar impregnado de valores, de histórias, de vozes³¹ – e dos enunciados – que são construídos por outros enunciados e serão também base para outros. Aqui o sujeito responde a um enunciado já existente, como se o discurso a ele não pertencesse e sim a outras vozes que já o disseram. Assim, em todo discurso há embates de vozes convergindo ou divergindo.

Nesse sentido, além de olharmos dialogicamente para os enunciados, fazendo emergir os discursos que deles emanam, os alunos-sujeitos foram convidados a portarem-se de forma dialógica, interagindo e trazendo suas leituras e repertórios para o centro dos debates – e em embates – com os enunciados analisados.

Importante ter claro que diálogo, embora possa significar uma busca por estabelecer acordos, para Bakhtin tal termo envolve também desacordos. O diálogo pode tanto ser de convergência como de divergência. Aqui, citamos mais uma vez a famigerada frase “o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes”. Pois se nossa sociedade é formada por classes diferentes, que pensam diferente, agem de formas diferentes, têm suas crenças, preferências, logo, haverá pontos de tensão entre esses discursos, por isso o enunciado é espaço de luta, de embate.

Levando essa reflexão para a produção das *fanfics*, vemos que ao mesmo tempo em que ela converge, ela também diverge. A *fanfiction* tem como base o princípio do diálogo com uma obra original, nessa conversa respeita parte dela, como na categoria crossover – narrativas em que personagens de livros, séries ou filmes diversos interagem – e têm a pretensão de serem lidas, aceitas – as produções são mediadas pelos comentários dos leitores – e quem sabe até publicadas em livros. No entanto, por outro lado e principalmente, a *fanfiction*, também pela sua natureza, se coloca no papel de embate ao canônico, ao que está posto, não aceitando aquela formatação da obra original, querendo mudar seu final, dar outro sabor às relações entre as personagens, colocá-las em outros contextos. Enfim, o *ficwriter* se coloca na posição daquele que não é passivo da arte, quer interagir com ela mais profundamente, quer embrenhar-se nela e, a partir dela, fazer suas criações. Nesse sentido, embora a essência da *fanfic* seja uma força centrífuga, já que o embate ao que está posto é o que mais se sobressai, parece-

³¹ Discorreremos sobre vozes sociais na seção 3.4.

nos que ela também possui uma medida de força centrípeta³², já que há o desejo de serem lidas e aceitas. Nesse mundo, unem-se o desejo do encontro com ideologias afins e o desejo de mudar o que está posto. Há *fits* que entram em acordo com a obra original, dando continuidade às ideias ou ao contexto da história da qual o jovem escritor é fã, mas há outras que divergem muito, gerando até polêmicas e debates no mundo fanfiqueiro acerca dos limites da *fanfic*, qual seja, se podem fugir totalmente da obra original ou não. Nas *fanfics* produzidas por nossos alunos-sujeitos, observamos tanto diálogos que refletem a obra original em essência, como vimos outras que a refratam, pois entram em embate com as ideologias trazidas pela família, como veremos mais adiante, na seção cinco.

As forças centrípetas e centrífugas, no mundo das *fanfictions*, mostram-nos – como também vemos na sociedade – que as vozes estão imersas nas lutas de poder, vistas aqui travestidas da visibilidade que os *ficwriters* desejam alcançar com seus enunciados e o embate ao que está posto. Por isso, a interação social dentro da plataforma é tão fundamental para a constituição do gênero, é por meio dela que o jovem escritor medeia seus escritos, faz as alterações, cria. Nesse universo, o social se sobrepõe ao individual – assim como defende Bakhtin. No entanto, a liberdade individual – a de modificar o que quiser dentro da obra original, relacionar personagens de diferentes obras, mudar o final, dar outro destino a personagens, etc – é também constituição do gênero. Aqui vemos o equilíbrio do eu – *ficwriter* – e do outro – comentaristas, leitores, obra original – na constituição dos enunciados.

A enunciação³³ enquanto tal é um puro produto da interação verbal, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística. (BAKHTIN, 2006, p. 126)

Acerca da plataforma eletrônica em que os referidos enunciados circulam, percebemos que sua dinâmica é constitutiva da construção do gênero, sobretudo pelo caráter dialógico dessas composições. Inclusive, visitando um desses websites, a *Sprit Fanfics e Histórias*, como descrito na seção um, vemos que se trata de uma rede social, com perfil de usuários, rede de amigos, atividades recentes, comentários, enfim, a interação nesse espaço é algo primordial. Portanto, pensar em

³² Esses conceitos serão melhor abordados ainda nessa seção.

³³ Embora tenhamos usado uma edição de *Marxismo e filosofia da linguagem* que não fora traduzida direto do russo, temos claro que Bakhtin não diferencia enunciado de enunciação, os dois imbricam-se no mesmo termo russo usado pelo autor.

fanfic com essa perspectiva dialógica nos obriga não só a aliar sua produção dentro da plataforma virtual, como também trabalhar com obras originais com as quais os alunos-sujeitos tenham esse diálogo, tenham algo a “responder”, como mencionamos acima, pois “ignorar a natureza dialógica (da linguagem) é o mesmo, para Bakhtin, que apagar a ligação entre a linguagem e a vida” (BARROS, 2011, p.33) e “aquilo que nada responde se afigura sem sentido para nós” (BAKHTIN, 2017, p.381).

3.2 Enunciado: para além da palavra morta

Ainda imersos nas reflexões sobre dialogia, pensemos na inevitável concepção de linguagem, pois é por meio dela que se dá qualquer relação entre seres humanos, e é ela o cerne de qualquer trabalho em sala de aula. Além disso, estudiosos, como Geraldini (1997), defendem a importância de se ter consciência de qual concepção de linguagem o professor se utiliza, uma vez que esses parâmetros alteram o modo de estruturar o trabalho em termos de ensino. Dessa forma, como explicitamos na introdução dessa seção, uma metodologia relaciona-se a uma opção política adotada, que norteará os procedimentos utilizados não só em sala de aula como na presente pesquisa.

Na concepção bakhtiniana de linguagem, acredita-se que os sujeitos se constituem na relação com o outro, interagindo sobre ele, na e pela linguagem, sendo ela o próprio lugar de interação, e os interlocutores são ativos, constroem e são construídos por essa (e nessa) relação. Assim, a linguagem se constitui pela interação humana em certa situação comunicativa e em certo contexto sócio, histórico e ideológico. Logo, dentro dessa concepção não são prioridades a descrição gramatical, nem os estudos de terminologias e regras de formação das palavras ou de sintaxe da língua. Aqui, privilegia-se o uso da língua em situações concretas de interação. Olhando por essa lente, a palavra não aparece solta, como em um daqueles velhos exercícios classificatórios, com frases mortas, sem uso real. Aqui a palavra tem um autor, permite uma resposta/interação, são dirigidas a um interlocutor, tem sentido de ordem dialógica, isto é, está inserida em contextos reais de interação. Nessa perspectiva, uma palavra em si, vista fora de seu contexto, em

sua fonética, sua morfologia, não nos diz muita coisa. Por isso Bakhtin defendia uma ciência para além da linguística, examinando a linguagem em funcionamento.

Para o Círculo, as palavras vistas por essa concepção são chamadas de enunciados, que são concretos e únicos e são mais do que simples unidades da língua ou estruturas linguísticas, pois eles refratam e refletem a realidade e as condições e finalidades da situação real de interação.

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional da língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. (BAKHTIN, 2017, p. 261).

Segundo Bakhtin, o enunciado é a unidade de comunicação discursiva e se constitui na interação entre sujeitos situados sócio, histórica e culturalmente, e reflete e refrata responsivamente as vozes sociais³⁴, criando um elo entre enunciados. Por isso o enunciado é concreto e único, pois naquele momento, naquele contexto, com aqueles sujeitos, os dizeres são sempre outros. E, assim, essa unidade de comunicação abarca em si os sujeitos, as vozes, a ideologia, o ato enunciativo e moldam os discursos.

À luz dessa reflexão, fica fácil compreendermos que os sujeitos não obtêm a língua, ela não pode ser transmitida, ensinada, ela não está pronta, estática, como uma fórmula matemática. Será mergulhado na linguagem, interagindo com ela, que os sujeitos terão sua consciência despertada. Por isso, para Bakhtin, as formas normativas da língua são abstrações e só podem ser analisadas por um viés teórico e as dimensões comunicativa, dialógica e axiológica precisam ser consideradas. Nessa esteira, as situações específicas de cada contexto se relacionam intimamente com a produção do enunciado, e separá-las é tornar a língua morta.

Por essa perspectiva, quando analisamos junto aos alunos os enunciados em sala de aula, olhamos tanto para seu evento único e concreto, como o enxergamos pertencendo ao elo de uma cadeia comunicativa. Na leitura da série *La casa de papel*, seriado espanhol que narra um roubo a casa da moeda, vimos que ela dialoga com o momento econômico vivido pelo país e reflete outros momentos difíceis da política mundial. Na leitura da canção *Geni e o Zepelim*, de Chico

³⁴ Esse conceito será melhor explorado na subseção 3.3.

Buarque, analisamos o enredo da canção e os diálogos com a repressão da época da composição, com o preconceito e a hipocrisia. Também, ao olharmos para os enunciados dos alunos-sujeitos, nas produções de *fanfics*, há de se reconhecer o diálogo com a obra original, com os colegas também produtores de enunciados, com os comentários acerca de suas produções, com a intervenção do professor, e também, com o contexto de produção no qual os alunos-sujeitos estão produzindo seus enunciados, na sala de aula, no ciberespaço. Isto é, os enunciados por eles produzidos responderão a todo o contexto dessa produção.

Portanto, ao se ter claro que para estudarmos a linguagem é necessário focalizarmos a interação, pois é nela e para ela que se produzem sentidos, os sujeitos precisam estar situados em um meio social, interagindo com outros sujeitos. E o uso do gênero *fanfic* é uma das maneiras de se implementar essa interação em sala de aula, já que é constitutivo dele, de maneira mais explícita, a resposta.

3.3 Ideologia: embate, refração e reflexão.

Se para Bakhtin, como acabamos de ver, a linguagem se dá na dialogia e nenhum discurso está sozinho ao dizer algo, sendo todo enunciado uma resposta a algo já dito, há de se compreender que, para o filósofo russo, o resultado dessa interação – o discurso – estará carregado de posições valorativas, as quais estão relacionadas às ideologias, outro conceito importante nas obras do Círculo. Para desenvolver esse conceito relacionando-o à linguagem, Bakhtin/Volochinov³⁵ dialogam com a ideologia marxista, partindo para uma nova conceituação do termo. Para Marx, ideologia, sem grandes pormenores, são representações dos interesses da classe dominante, transmitindo uma falsa ideia de classes, relacionando o termo, desse modo, a uma falsa consciência do indivíduo, que, nessa perspectiva, não consegue ver a verdade das relações sociais. Nessa visão, a ideologia é vista como algo pronto, posto, que os indivíduos adquirem e, quando enxergam a verdadeira relação entre as classes, perdem. Bakhtin e o Círculo vão somar a essa visão de ideologia – dita “oficial” – uma outra, a do cotidiano (MIOTELLO, 2005), aquela que deriva dos encontros, do dia a dia da vida em sociedade, do processo de interação entre os sujeitos. Além disso, o Círculo defende ser no diálogo entre as duas

³⁵ Esse conceito foi debatido principalmente no livro *Marxismo e a filosofia da linguagem*, cuja autoria era de Volochinov, mas foi atribuída a Bakhtin.

ideologias, a dominante e a do cotidiano, a formação do contexto ideológico de uma sociedade. Colocado dessa maneira, qual seja, a de que a ideologia germina no diálogo entre os sujeitos e seus discursos, entre discursos dominantes e cotidianos, pensamos que essa ideia parte da premissa de que a linguagem – pois a interação entre sujeitos é feita por meio dela – será a representação por excelência das ideologias.

Assim, na concepção bakhtiniana, a ideologia revelada pela linguagem está no signo linguístico – entendido como a linguagem em ação, ou seja, um enunciado, e não a língua vista como sistema sintático ou morfológico. Nesse ponto os autores formulam que todo signo é ideológico, pois compreendem que o signo é formado pela realidade social, histórica e ideológica. Se a ideologia é social e a linguagem é social, logo, o signo também o é. Dada essa importância do signo para a construção das relações sociais e, conseqüentemente, do próprio indivíduo, Bakhtin/Volochinov acreditam que a consciência se manifesta e se estabelece porque foi alimentada por signos. Então, o signo linguístico relaciona-se a tudo o que é ideológico e será na interação social que a consciência se formará e desenvolverá ideologias, de sujeito para sujeito e seus discursos.

Dito de outra forma, as palavras são signos por meio dos quais materializamos nossas ideologias, que, por sua vez, são respostas dialógicas que concordam ou discordam de algo posto, de algo já dito, de outras ideologias. Dessa premissa, Bakhtin/Volochinov (2006, p. 47) formulam que o signo é “a arena onde se desenvolve a luta de classes”. Nessas lutas, representadas por forças ideológicas opostas, há forças centrípetas – que tentam manter os valores tradicionais, acabando por determinar conceitos como ‘bom’, ‘belo’, ‘certo’, ‘errado’ – e centrífugas – que representam o dizer marginal, contestando a tradição representativa das classes hegemônicas – que acabam por trazer novas significações para o signo. Isto é, as vozes marginais operam em contestação/resistência à ideologia das vozes dominantes pela necessidade desses grupos de menos prestígio reivindicarem transformações sociais, seja na arte, na ciência, na religião, enfim, pela necessidade de lutar por direitos igualitários, resultando em lutas discursivas, determinadas por expressões de resistência, como a polêmica, o riso e a carnavalização, por exemplo, conceitos também explorados nas teorias bakhtinianas. Nessa perspectiva, acredita-se que, uma vez que dentro

de uma sociedade convivem diversas vozes, esses valores são múltiplos. Também, a produção de sentidos compreende as complexas relações entre os sujeitos no momento concreto do ato de enunciar, isto é, as relações histórico sociais e as concretamente situadas definirão os valores do enunciado. Nas palavras de Bakhtin:

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo o que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. (BAKHTIN, 2006, p. 31).

Assim, o signo linguístico reflete e refrata os valores das diversas vozes sociais de certo momento sócio histórico e das relações estabelecidas pelos sujeitos discursivos no momento do ato de enunciar e formula outros valores, em um movimento dialógico. Por isso, ao analisar a linguagem, o círculo defende que a realidade determina o signo, e este está em constante transformação. A palavra, portanto, revela de maneira precisa as mudanças sociais, e serão essas mudanças, ou tentativas de mudanças, esse movimento dialético-dialógico que tornará um signo vivo, móvel e capaz de evoluir. Assim, removê-lo da interação social – como fazem os estruturalistas – é colocá-lo a serviço das classes dominantes, que tornaria o signo monovalente, pronto, estanque, morto, impregnado apenas de uma ideologia, sem entraves ideológicos ou lutas de classes. O signo linguístico, formando o meio no qual se produzem indicadores de mudanças, nasce de um acordo consensual entre indivíduos organizados, em um processo de interação social, e refletindo/refratando, conseqüentemente, essas mudanças.

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abrem caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (BAKHTIN, 2006. P. 42)

Trazendo essa reflexão para o mundo da literatura jovem, especificamente para o mundo das *fanfics*, não querer mais ser passivo diante dos objetos culturais, querer que sua voz reverbere, concordando ou discordando, acrescentando algo novo ao discurso posto, à narrativa original, representa, de certa forma, a luta dos jovens para se fazerem ouvir no mundo da literatura. O debate dialógico enredado

entre esses dois mundos – a literatura canônica e as *fanfics* – reflete e refrata os valores hegemônicos. Nessa acepção, trazer o mundo da *fanfic* para a sala de aula colaborará para que no ambiente escolar haja ações de caráter dialético e de plurivalência do signo, já que essas produções, além de refratarem o hegemônico tanto da literatura, como da escrita, também refratam o posto como ensino de língua portuguesa, refletindo o gosto dos jovens na era digital.

3.4 Sujeito e vozes sociais: alunos-sujeitos e identidades

Na concepção bakhtiniana, o sujeito é aquele que se constitui na relação com o(s) outro(s), a qual é mediada pela linguagem. Para o filósofo, esse sujeito, ao produzir discursos – que como já vimos sempre estão em diálogo com o já dito e com o que virá –, na interação social, faz escolhas axiológicas baseadas em diversos fatores, como o tempo e o espaço onde acontece a enunciação ou o interlocutor com quem dialoga. Nessas escolhas, o sujeito revela sua individualidade e sua ética, já que regula as formas de dizer e interpretar o mundo. Esse sujeito, portanto, é pensante, discursivo, responsável, responsável e busca, inserido em um contexto social, histórico e ideológico, significados do mundo nos diálogos com os outros e outros discursos. Assim, a tomada de consciência do sujeito sobre si mesmo e o outro se dá por meio da produção de enunciados, isto é, na articulação entre os discursos e os saberes socialmente construídos. Em outras palavras, é na dialética da alteridade que os sujeitos produzem e reproduzem sentidos. Por isso, entendendo o homem como um ser ativo que produz e é produzido na e pela linguagem, essa se torna o elo essencial de interação, logo, da construção do sujeito.

Entendendo o sujeito como aquele que responde a algo já dito, retomamos a ideia de enunciado, já mencionado na subseção 3.2, que estará sempre refletindo ou refratando outro enunciado, isto é, nunca estará isolado, sozinho, fora do diálogo. A partir dessa noção, entendemos que para compreender não basta reproduzir, mas sim ter uma resposta ativa e atenta (responsável), já que “toda compreensão é preche de resposta”, fazendo com que o “o ouvinte se torne falante” (BAKHTIN, 2017, p. 271):

Portanto, toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma que ela se dê). O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas dobre o seu pensamento e voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc. (BAKHTIN, 2017, p. 271)

Geraldi (2010) defende que o sujeito bakhtiniano não é apenas aquele que responde a algo já dito, dialogando com discursos construídos na sociedade, mas também é responsável, pois sua resposta envolve um compromisso ético, que o fará agir de acordo com seus valores e suas avaliações daquela enunciação. Isso porque esse processo exigirá que ele compreenda o sentido daquele evento e saiba que de sua compreensão formulará o enunciado que servirá de base a outros. Nas palavras de Geraldi, “a responsabilidade responsiva tem dupla direção, tanto para o passado, quanto para o futuro, ainda que concretamente ela seja sempre realizada no presente” (p.287).

Se o sujeito é responsável, porque se faz responsivamente respondente [...], e se toda essa presença do eu se dá na correlação com a alteridade, princípio essencial de individualidade do eu, então esse sujeito é um sujeito que está sempre se fazendo, está sempre inconcluso, nunca é igual a si mesmo, e não encontrará jamais uma integralidade que o conforte. (GERALDI, 2010, p. 292)

Como o sujeito é sempre inconcluso e nas interações mediadas pela linguagem é construído, o papel da escola é o de propiciar que essas relações sejam produtivas, de modo a ampliar os usos que se faz da linguagem na linguagem. E, estando inseridos nessa interação, toda uma postura é tomada no ato da enunciação porque há o reconhecimento do outro – no nosso caso, obra original, plataforma eletrônica, colegas, professor, pesquisador – elemento necessário para a construção do sujeito. Para Bakhtin, “[...] eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo” (BAKHTIN, 2017, p. 373). E se é no outro que o sujeito toma consciência e a relação com o outro se dá na linguagem, será por meio dela que o sujeito se construirá e se reconhecerá como tal.

Também, embora Bakhtin diga que “eu não posso passar sem o outro, não posso me tornar eu mesmo sem o outro; eu devo encontrar a mim mesmo no outro; encontrar o outro em mim (no reflexo recíproco, na percepção recíproca)” (Idem, p. 342), o reconhecimento do eu no outro não será apenas pelas semelhanças, mas

pela busca do equilíbrio, na convergência ou divergência, construindo nesse embate discursos que mostrarão o sujeito agindo no mundo. Assim, o sujeito bakhtiniano não será passivo ou vazio, mas precisará da interação para construir discursos e se construir enquanto sujeito. Nas palavras do autor, “o enunciado nunca é apenas um reflexo [...] ele sempre cria algo que não existia antes dele [...]. Contudo, alguma coisa criada é sempre criada a partir do dado” (BAKHTIN, 2017, p. 326). Assim, para Bakhtin, embora a consciência seja social, a unicidade de cada ser não é negada, já que cada um responde aos discursos de maneiras diferentes uns dos outros. Para o autor e seu Círculo, o sujeito é visto como ser humano na perspectiva das relações sociais, contribuindo com sua singularidade para o todo.

[..] não basta colocar dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se. (BAKHTIN, 2006, p. 35)

A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. (Idem, p. 36)

A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos. (Idem, p. 36)

Acreditando nessa visão, qual seja, de que o sujeito é um ser autônomo na produção de enunciados e se constrói na interação com o outro, agindo de modo responsável, percebendo seu eu e o outro, pensamos que nossa pesquisa, ao propor aos alunos-sujeitos a construção de enunciados, interagindo com o objeto ficcional, com os colegas e professor, colaborará para que as aulas de Língua Portuguesa levem os estudantes a serem sujeitos ativos e que se construam nessa relação de embate.

As *fanfictions*, embora tratem de obra já escrita ou personagens já inventados, assim como a maioria dos discursos, não se utilizam do já dito de forma neutra. Somam-se àqueles personagens ou enredo algo de novo, algo de nova criação. E é esse diálogo, isto é, esse já dito com novas invenções a partir dele que se dá essa produção no ciberespaço. Além disso, essa alternância de discursos não se dá apenas com as obras originais, também acontece com os outros usuários das plataformas que contribuem com a narrativa. O que esses novos escritores fazem é

extrair o fio narrativo, a essência dos personagens, a essência da obra original. Isto é, interação com essa matéria criando outra. Nelas, “o acontecimento da vida do texto, isto é, a sua verdadeira essência, sempre se desenvolve na fronteira de suas consciências, de seus sujeitos” (BAKHTIN, 2017, p. 311).

À luz da teoria bakhtiniana, esse novo escritor será o sujeito cujo enunciado é sempre uma resposta a outros enunciados, possuindo a responsabilidade não apenas sobre sua parte criativa, mas também sobre a obra original e sobre as leituras que outros farão do seu enunciado. Geraldi (2010) salienta que “ao agirmos com base na compreensão de algo que antecede a nossa própria ação, somos responsáveis pela compreensão construída que passa a ser o sentido do evento” (p.287). Estar inserido nas interações humanas, portanto, requer do sujeito uma compreensão, uma avaliação e uma resposta ativa e responsável dos enunciados que, por sua vez, estarão impregnados de outras vozes que o constituem.

Dentro da reflexão de que em todo enunciado ecoam vozes – seja de maneira direta ou indireta, implícita ou explicitamente – que vão se reverberando de discurso em discurso, percebemos que quando pronuncio um discurso não estou lidando apenas com minhas palavras, mas também com palavras alheias.

Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro... a começar pela assimilação delas ... e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana. [...] A palavra do outro coloca diante do indivíduo a tarefa especial de compreendê-la. (BAKHTIN, 2017, p.379)

Nessas palavras do outro, nessas vozes, ecoam ideologias distintas, as quais são assimiladas pelos sujeitos como se a eles pertencessem ou refutadas com novos posicionamentos, deixando marcas dos pontos de vistas nos enunciados. Ora, se para Bakhtin o enunciado é “um tecido de muitas vozes”, não seria a *fanfic* também uma materialidade desse conceito? Aqui há vozes dos novos escritos com os das obras originais e com os leitores dos novos enunciados e com os leitores das obras originais e com os comentaristas e betas e capistas. Aqui múltiplas vozes são ouvidas e representadas nas produções.

3.5 Gêneros discursivos: para além do texto

Segundo conceitos bakhtinianos, o uso da língua se faz sob a forma de enunciados - “unidade real da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2017, p. 269) – incorporando o contexto verbal e o contexto extraverbal (aspectos situacionais, históricos, ideológicos), garantindo, assim, o espaço do outro na dinâmica discursiva, já que as situações comunicativas são compostas por alternâncias de vozes de outros sujeitos. Além disso, o enunciado traz nuances das esferas sociais nas quais ele foi criado. Se pensarmos no plano coletivo, o enunciado ganha uma relativa estabilidade consequente da esfera social em que foi produzido. Dessa perspectiva, Bakhtin define os gêneros do discurso como tipos relativamente estáveis de enunciados. Isto é, tudo que dizemos ou escrevemos concretiza-se na forma de enunciados e cada um deles apresenta-se de forma mais ou menos fixa de acordo com o propósito comunicativo. E esses enunciados mais ou menos fixos – estáveis – são chamados gêneros discursivos, e por meio deles expressamos toda e qualquer ação humana, seja um anúncio de perigo, como “cuidado!”, seja um tratado entre países ou uma dissertação de mestrado. Assim, os gêneros são medidos por seus usos.

Bakhtin (2017) diferencia o gênero de forma essencial em dois aspectos: o primário e o secundário, considerando o primeiro simples e o segundo complexo. Os primários são aqueles cujos enunciados tratam da comunicação do dia a dia, “replicas do diálogo”, e os secundários são aqueles que aparecem em situações comunicativas culturalmente complexas e bem organizadas, como romances, teses, dramas. Os gêneros secundários por vezes absorvem os gêneros primários em seu processo de formação, tornando esse um acontecimento daquele, isto é, fazendo com que o primário perca a ligação com a realidade empírica e passe a retratar uma outra, o acontecimento artístico-literário. E os primários, por sua vez, também se nutrem dos secundários. Nesse arcabouço teórico, os gêneros ligados à prosa literária, como o romance, tão analisado por Bakhtin, tornam-se híbridos, uma vez que abarcam outros gêneros em sua composição.

Seja sob a perspectiva da temática, do estilo ou da composição, segundo a proposta bakhtiniana, é fundamental conhecer a situação em que o enunciado foi construído para, assim, medirmos suas fronteiras. Isso porque a definição de gênero é condicionada aos contextos sociais onde há interação com o uso da língua, sendo, nesse sentido, tão heterogêneo que chega ao ponto de tornar seus traços gerais

imprecisos, “abstratos”. Reformulando, as diferentes relações entre pessoas, em diferentes circunstâncias, em diferentes campos de comunicação, produzem diferentes temas, composições e estilos de enunciados, isto é, produzem diferentes gêneros. No interior dessa perspectiva, será por meio dos gêneros discursivos que se dará toda forma de comunicação, por isso eles são tão inumeráveis, como também são inumeráveis as esferas das atividades humanas.

Cabe aqui destacar que para Bakhtin, conforme desenvolve Sobral (2006) em sua tese de doutorado, “esfera” funciona quase como sinônimo de “instituição”, pensada pelo viés marxista. Isso porque acredita que o maior ou o menor grau de estabilização do enunciado será definido pelo maior ou menor grau de formalização da esfera comunicativa. No entanto, a significação de esfera é mais ampla na medida em que considera a simples presença de duas pessoas como representação de um encontro institucional, afastando o caráter restritivo de pertencer às relações pertinentes ao Estado. Nessa acepção, as meras relações cotidianas entre os sujeitos tornam-se parte formativa essencial da sociedade, independente do grau de formalização dessa atividade. Logo, o sujeito torna-se aquele que não só é formado pela sociedade, mas que a ela também dá forma.

Bakhtin não definiu, nem tampouco classificou as diferentes esferas da comunicação humana, pois elas são inumeráveis e foram entendidas como não estáticas, já que se modificam com as transformações da sociedade, sejam elas históricas ou culturais, e não são estanques, por poderem se relacionar, se fundir de maneira híbrida. Portanto, assim como as maneiras de nos relacionar e interagir mudam, novos gêneros que representarão essas novas interações surgirão.

Para um enunciado se configurar como gênero é necessário levar em conta as circunstâncias temporais, espaciais, ideológicas que constituem o discurso, assim como as relações entre os interlocutores que dele participam e a esfera comunicativa onde estão. No interior dessa perspectiva, se as fronteiras dos enunciados não se dão pelo conteúdo ou pela composição, mas sim pelo ouvinte e falante, escritor e leitor, será por meio dessa interação e dos propósitos dentro de um contexto que haverá a definição do limite de um enunciado e outro. Nesse sentido, formatar os gêneros pelas propriedades estruturais, como propõe certos manuais, torna mecânico o manuseio com o texto, colaborando para que os alunos-

sujeitos não compreendam que a linguagem se dá no processo de interação, e será por ela e para ela que os estudos da língua devem convergir.

A questão é que a escola, muitas vezes, foca seus esforços na concepção do gênero enquanto suas características e se esquece de considerar os contextos de produção desses gêneros. Didatiza os gêneros, dissecando-os em estrutura e características, tirando-lhes a vida, descontextualizando-o de sua produção. É nesse sentido que o estudo da língua portuguesa acaba por centrar-se em uma perspectiva classificatória, que enxerga a língua como certo e errado desconsiderando seus usos e seus falantes. Tal estudo acaba por ignorar o que de fato é o gênero do discurso, que só o é se inserido dentro de seu contexto.

É preciso, portanto, trazer para a vida o que muitos manuais apresentam como algo estático, pois é “através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2016, p. 16). Assim, o gênero discursivo poderá dar forma, mas a um discurso real, subordinado a um processo de interação verbal.

3.5.1 Por uma proposta discursiva para os gêneros

Oriunda do pressuposto de que para se ensinar língua é necessário demonstrar aos aprendizes os meandros de seu funcionamento, perdura ainda a noção de um ensino textual calcado em uma abordagem de suas características básicas e fundamentais. Nessa perspectiva, acredita-se que dominar uma língua significa compreender e nomear sua sintaxe, tal concepção diz respeito ao tão criticado ensino de língua focado na gramática normativa. Um equívoco que a Linguística tratou de combater – e ainda combate – e, dada a consolidação dessa linha de estudo por meio de documentos oficiais, publicações e estudos, ao que parece, podemos dizer que essa gramática descontextualizada e apartada do texto tem sido superada.

No entanto, o resquício dessa visão surge também no trabalho com os gêneros, em consequência de tomá-los como evento dissociado dos papéis e características dos interlocutores, do propósito comunicativo ou, ainda, do contexto de produção. Assim, ainda é concebido, em algumas atividades que remontam aquele tão criticado ensino da gramática, um estudo de um grupo de características

que compõem determinado gênero, cuja abordagem incide em uma espécie de fórmula.

Dessa maneira, tal equívoco, qual seja, o de imaginar que para se ensinar língua é necessário dominar teoricamente seus manejos, é repetido com nova roupagem: se os alunos-sujeitos dominam as características de um gênero, isso significa que eles saberão fazer uso dele de forma proficiente. Trata-se, como se está a ver, de um equívoco, pois, se um gênero só funciona dentro de determinados pré-requisitos dos envolvidos em determinada interação, não faria sentido deslocarmos o texto de tudo o que o faz ser de determinado gênero.

Tal ideia surge com ares de obviedade: “Dissecar” um gênero quando não se observa a situação de produção inerente a ele apresenta-se como atividade ineficaz; ou seja, saber quais são as materialidades linguísticas – a composição, a estrutura – que delimitam o gênero notícia, por exemplo, sem entender que se trata de uma atividade interlocutiva, não configura atividade dotada de significado claro, uma vez que subjacente a qualquer gênero estão os sujeitos, e é por e para eles que o texto existe.

Como se está a ver, concebemos o gênero como uma materialização de ideologias e que reflete certas relações entre sujeitos, organizados e articulados sócio e historicamente, em certa esfera de atividade discursiva. Nesse sentido, para pensarmos em um trabalho de escrita em sala de aula, devemos pensar em formar usuários eficientes e competentes da linguagem escrita que possam ser imersos em práticas sociais letradas, e não aqueles que dominarão um código escrito ou que terão na memória estruturas textuais, como nos parece ser a proposta de certos manuais e parâmetros curriculares. Nessa perspectiva, é importante pensar em um trabalho de recepção e produção do gênero dentro de uma perspectiva bakhtiniana, associado ao contexto de produção e aos sujeitos envolvidos na prática social, como propusemos com o gênero discursivo *fanfiction*.

3.5.2 *Fanfiction*: novo gênero discursivo do ciberespaço

Se o uso da linguagem se dá por meio de enunciados concretos, que refletem as condições e finalidades de seu campo de atuação, o qual, por sua vez, cria características relativamente estáveis que se expressam nos enunciados, gerando os gêneros do discurso, esses tão inumeráveis como são também as

atividades humanas. Assim, quando um novo hábito surge como atividade humana, nasce também um novo gênero discursivo. Nesse sentido, foi óbvio nosso caminho de considerar a *fanfiction* como gênero do discurso, já que ela reflete as novas relações estabelecidas entre os sujeitos no ciberespaço.

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2017, p. 262).

Sobral (2006, p.135) defende que não podemos considerar novos gêneros a cada pequena mudança na conjuntura das produções dos enunciados, sejam elas da produção, da circulação ou da recepção, para não correremos o risco de tornar o gênero tão único que ele jamais se repetirá. Por outro lado, não podemos ignorar tais mudanças, do contrário poderemos tornar o gênero uma forma fixa e estável, matando a essência da teoria bakhtiniana. No entanto, entre a cruz e a espada, há um ponto de fuga. O autor argumenta que se os gêneros estão intimamente relacionados às esferas das atividades humanas, precisamos identificar quando essas alterações ocorrem na esfera e quando ocorrem no gênero. Se a mudança for na esfera e essa alterar de maneira significativa a relação antes existente entre os sujeitos e desses com a materialidade dessa esfera, a mudança na produção desse enunciado refletirá em novo gênero. Contrariamente, se essas mudanças não interferirem na relação entre os sujeitos ou deles com a materialidade, o gênero permanecerá o mesmo. O que ocorrerá serão as nuances que o tornam “relativamente estável”.

Assim, diante da perspectiva bakhtiniana de que cada esfera de atividade humana produz gêneros discursivos, e pensando na consolidação da internet como fato inerente às atividades humanas na contemporaneidade e, por fim, na interação dos jovens com artes difundidas nos meios comunicativos, podemos afirmar que a *fanfiction* é um gênero do discurso e sua inserção nas práticas escolares se faz importante e necessária, pois não só retrata uma vivência social já existente no ciberespaço, mas pode levar outros jovens a essa vivência. Nesse sentido, o uso do gênero discursivo *fanfiction* colaborará para a inclusão de alunos-sujeitos no ciberespaço e, nessa interação, auxiliará no trabalho com a produção textual nas aulas de Língua Portuguesa.

4. O DIÁLOGO PRINCIPAL: o chão da sala de aula

Nesta seção, apresentaremos como se deu todo o processo de construção das atividades do nosso protótipo, considerando a interação entre a professora-pesquisadora, os alunos-sujeitos, a série eleita e as *fanfics* produzidas. Participaram da construção dessa ideia duas turmas de nono ano do ensino fundamental da Escola E.M Sebastião Tavares de Oliveira, totalizando 55 (cinquenta e cinco) alunos-sujeitos.

A priori, pensamos em construir nosso protótipo nas quatro turmas de nono ano atribuídas à professora-pesquisadora, entretanto, devido a eventualidades da escola – como reunião de pais, conselho de classe, semana de provas – e a diferença natural em relação ao andamento das atividades de cada turma, duas delas demandaram de mais tempo no trajeto para a concretização da proposta. Questões como essas são esperadas, já que os grupos são heterogêneos, apresentando, portanto, desenvolvimento, envolvimento e necessidades também heterogêneas. No entanto, para o andamento da pesquisa, na qual os prazos são curtos, tivemos que optar por escolher as turmas que finalizaram as atividades antes do recesso, 14 de julho de 2018. Voltaremos a essa questão na seção seguinte, subseção 5.3, quando discorreremos um pouco sobre a avaliação dessa proposta.

Dito isso, para a descrição das atividades, em alguns momentos, citamos falas diretas dos alunos-sujeitos, que foram ora anotadas, ora gravadas durante as aulas e transcritas aqui. Para nomear os alunos-sujeitos na escrita dessa dissertação utilizamos os mesmos “apelidos” que criaram na plataforma de *fanfic*: “Nono”, em referência ao ano, ‘a’ ou ‘d’, em referência à sala, e o número da chamada. Isto é, Nonoa01, Nonod01, Nonoa02 e assim por diante. Dessa forma, ficou mais fácil para os identificarmos dentro da plataforma.

Na subseção 4.1 discorreremos sobre o levantamento de dados quantitativos, fundamentais para começarmos o planejamento das atividades. Na subseção 4.2 apresentamos nossos primeiros diálogos a respeito da tipologia em questão, momento em que fizemos cotejo com vários gêneros na intenção de ampliar o repertório dos alunos-sujeitos e ambientá-los em uma atmosfera de narrativas. Na subseção 4.3 discorreremos a respeito do trabalho com a série eleita, primeiramente falamos a respeito do enredo e personagens da trama, no tópico 4.3.1, e, depois,

descrevemos como se deu o diálogo com a narrativa, no 4.3.2. Na subseção 4.4 descrevemos o trabalho com o gênero discursivo *fanfiction* e na 4.5 falamos brevemente sobre a montagem de uma *fanzine*, com a intenção de mostrarmos para a comunidade escolar um pouco do que fizemos. Por fim, na subseção 4.6, falamos a respeito do nosso protótipo de ensino, resultado de toda essa construção, que está disponível no apêndice do volume II dessa dissertação.

4.1 Para começar: os primeiros dados

Tendo como mote a ideia de considerar as vozes dos alunos-sujeitos no processo de construção das aulas, iniciamos com uma pesquisa quantitativa, ainda em 2017, para levantarmos as séries assistidas pelas turmas, quais eles mais gostavam e se conheciam o gênero *fanfiction*, lendo ou escrevendo.

Desse primeiro contato com o tema nos surpreendeu a diversidade de séries conhecidas e assistidas pelos alunos-sujeitos. Imaginávamos que haveria duas em três mais vistas, que existiria alguma em especial, famosa naquele momento. No entanto, apareceram trinta e quatro séries diferentes. As mais votadas, naquele momento, foram: *The Walking Dead*³⁶, com sete votos, *Supernatural*³⁷, com quatro, e *The flash*³⁸, com também quatro votos. Pensando que cinquenta e cinco alunos-sujeitos responderam essa pesquisa, sete votos não é suficiente para considerar que a série fosse eleita a preferida das turmas. Pensamos na possibilidade de deixarmos os alunos-sujeitos livres para a escolha do objeto cultural, no entanto, com tamanha diversidade, seria impossível para a professora se apropriar do conteúdo dessas séries para, posteriormente, poder orientá-los na análise e na produção das *fanfics*. Por isso, no início do ano letivo de 2018, conversamos com os alunos-sujeitos para verificar se estavam assistindo novas séries, diferentes

³⁶ *Walking Dead* é uma série baseada na história em quadrinhos de mesmo nome escrita por Robert Kirkman, Tony Moore e Charlie Adlard. No enredo da série, o protagonista acorda de um coma e percebe que grande parte da população transformou-se em zumbis. Todo o enredo se desenvolve em torno dos sobreviventes que esse protagonista encontrará em sua jornada. É transmitida pelo canal FOX e pela *Netflix*. Até esta data conta com nove temporadas.

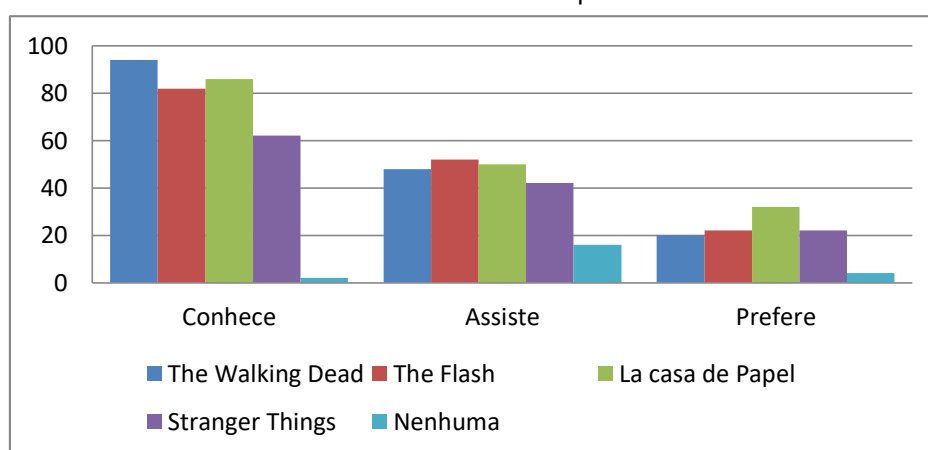
³⁷ *Supernatural*, criada por Eric Kripke e produzida pela *Warner Bros Television*, narra a história de dois irmãos que caçam demônios, fantasmas, monstros e outras criaturas sobrenaturais no mundo. É transmitida pelo canal *Warner Channel* e já fez parte do catálogo da *Netflix*. Até essa data conta com treze temporadas.

³⁸ *The Flash* é uma série de televisão americana baseada no personagem Barry Allen/Flash, da *DC Comics*, um super-herói que combate o crime com o seu poder de se movimentar em velocidade sobrenatural. É transmitida pela *Netflix* e, até essa data, conta com cinco temporadas.

daquelas que haviam respondido na pesquisa do ano anterior. Nessas conversas, surgiram o nome de duas, *La casa de papel*³⁹ e *Stranger Things*⁴⁰. Assim, a fim de chegarmos a um denominador comum, fizemos uma nova pesquisa, dessa vez de múltipla escolha, na qual os alunos-sujeitos teriam que optar por apenas uma série. Decidimos incluir essas novas opções para a nova votação, juntamente com as duas das mais votadas no ano anterior. Como *The Walking Dead* e *Supernatural* tratam de temática semelhante resolvemos colocar apenas a mais votada delas, a primeira, e *The flash*, na enquete.

Cinquenta alunos-sujeitos responderam essa nova pesquisa, e o resultado foi: mais da metade dos alunos conheciam todas as séries, o que já era esperado, pois são largamente difundidas nos meios de comunicação, sendo objeto de notícias, páginas e *memes* nas redes sociais. No entanto, não foi observada a mesma proporção quando se trata de consumo. Cerca de metade dos alunos-sujeitos assistiam à série *The Walking dead*, *The Flash* e *La casa de papel*, 48%, 52% e 50% respectivamente, e 16% não assistia a nenhuma delas. Para melhor visualização, segue o gráfico:

Gráfico 1 - Pesquisa sobre seriado



Fonte: Autoria própria (a partir de dados da pesquisa)

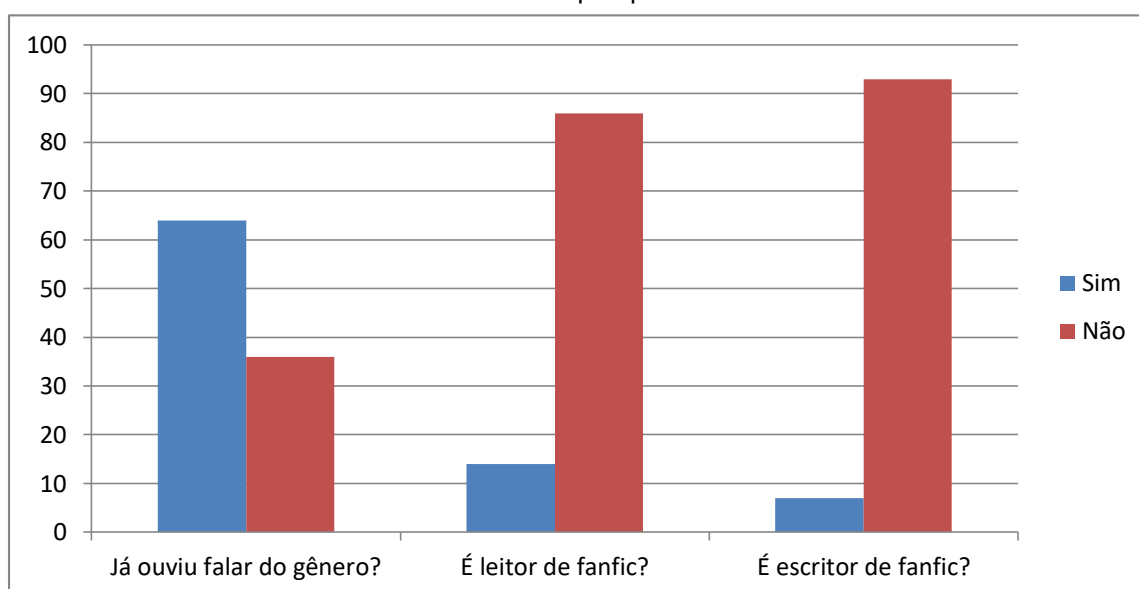
³⁹ *La casa de papel* é uma série de televisão espanhola que conta a história de um grande assalto. Foi adicionada internacionalmente no catálogo da *Netflix* e conta com duas temporadas até essa data.

⁴⁰ *Stranger Things* é uma série de televisão americana de ficção científica e terror. A história, que se passa na década de 1980, fala um grupo de garotos que procuram por seu amigo desaparecido misteriosamente. Nesse processo, conhecem uma garota com poderes, como telepatia. É transmitida pela *Netflix* e conta com duas temporadas até a presente data.

Como podemos observar, embora tivéssemos uma série eleita como a preferida, a diversidade do contato com objetos culturais desse gênero é visível, pois a maioria dos alunos-sujeitos conhecem todas as séries e os que assistem, assistem mais de uma ao mesmo tempo. E mesmo depois de afunilarmos as opções, a eleita como preferida obteve apenas 32 % (trinta e dois por cento) dos votos, ou seja, dezesseis alunos-sujeitos, de cinquenta, consideraram a série escolhida pela maioria como sua preferida e, metade dos alunos-sujeitos sequer a assistiram. Esse dado nos fez refletir que para o êxito desse trabalho, precisaríamos criar estratégias para que os outros alunos-sujeitos também passassem a não só assistir, como a gostar da série.

Em relação ao gênero *fanfiction*, observamos que, embora muitos já tivessem ouvido falar dele, poucos eram leitores, apenas oito, e pouquíssimos escreviam, apenas quatro, embora nenhum desses já tivesse publicado esses textos em alguma plataforma. Segundo eles, não se sentiam seguros para isso.

Gráfico 2 - Primeira pesquisa sobre *fanfic*

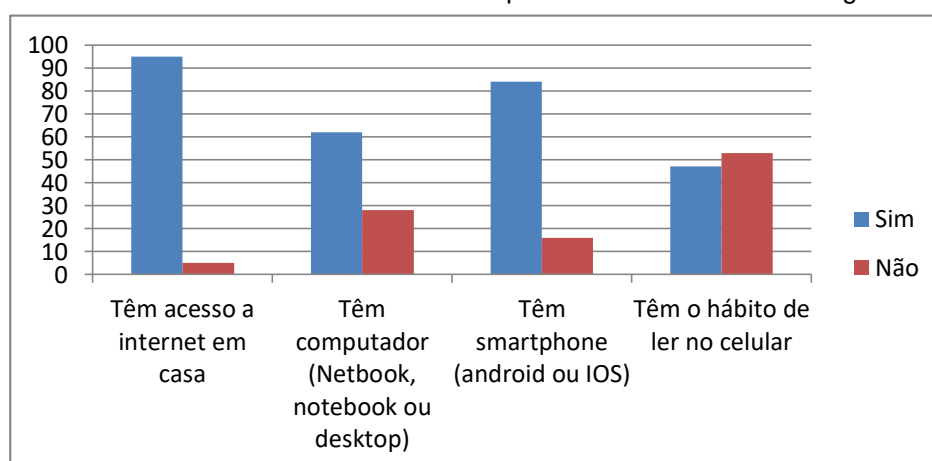


Fonte: Autoria própria (a partir de dados da pesquisa)

Outro dado importante levantado sobre as turmas foi a respeito do acesso que tinham à internet e aos suportes para seu uso, como computadores e smartphones. Conforme mostra os gráficos abaixo, a grande maioria dos alunos-sujeitos, 95% (noventa e cinco por cento), tem acesso à internet em casa. Esse dado foi fundamental para termos a certeza de que poderiam acompanhar suas

postagens na plataforma de *fanfic* e interagir nela, lendo outros textos, comentando e acompanhando as publicações dos colegas. Para os três alunos-sujeitos sem esse acesso, pensamos em estratégias para que não fossem excluídos das atividades. Além do acesso à internet, os alunos-sujeitos precisariam de um suporte para usá-la, seja computadores ou smartphones. Do total que possuíam internet, apenas três não tinham nenhum suporte, o que os impossibilitaria de interagir na plataforma. Para esses casos, também tivemos que pensar em estratégias. Isto é, seis alunos-sujeitos, dos cinquenta e cinco participantes, não tinham acesso à *Web* em casa, seja pela falta de internet ou do suporte para seu uso.

Gráfico 3 - Pesquisa sobre acesso à tecnologia



Fonte: Autoria própria (a partir de dados da pesquisa)

4.2 Para início de conversa: o cotejo

Antes de iniciarmos o trabalho com a série eleita, decidimos abordar questões gerais sobre narrativas com o intuito de apurar o olhar dos alunos-sujeitos quanto aos elementos que compõem essa tipologia. Para isso, elencamos narrativas de gêneros diversos: canção, conto, crônica e longas-metragens e fomos desenvolvendo, em cotejo, a análise. Para Bakhtin, a compreensão de um enunciado se dá na comparação com outros enunciados, estabelecendo um constante diálogo entre eles, uma vez que são um elo na cadeia comunicativa. Nas palavras do autor:

Compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos. E essa cadeia de criatividade e de compreensão ideológicas, deslocando-se de signo em signo para um novo signo, é única e contínua. [...] Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas as outras. Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. [...] A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação. (BAKHTIN, 2006, p. 34).

Do gênero canção, levamos aos alunos-sujeitos as seguintes faixas: *Geni e o Zeppelin*, de Chico Buarque de Holanda, *Eduardo e Mônica*, da banda Legião Urbana, *Domingo no parque*, de Gilberto Gil, *Dezesseis*, também da Legião Urbana e *Vital e sua moto*, da banda Paralamas do sucesso. Durante essas aulas, analisamos os elementos que compõem as narrativas cantadas nas músicas, principalmente os relativos à construção do enredo e personagens. Durante a análise, partindo do plano linguístico para o discursivo, pudemos também debater sobre o contexto de produção de cada uma dessas canções, o momento histórico, os músicos, a juventude da época, além de especificidades que cada uma das canções carrega e que foram observadas e levantadas. Nesses momentos, embora tenhamos utilizado em alguma medida teorias estruturalistas⁴¹ para observar o arcabouço dessa tipologia, nosso direcionamento continuou sendo dialógico, dentro de uma concepção bakhtiniana de linguagem, já que o princípio era o diálogo com e entre os enunciados, com e entre os alunos-sujeitos e enunciados.

Além da análise, ouvimos as canções e assistimos aos clipes. Nessa etapa, também foi objetivo fortalecer o vínculo dos alunos com culturas diversas, apresentando-lhes canções representativas da cultura popular brasileira. Para que eles se atraíssem pelas letras das canções, primeiramente fizemos uma leitura dramática, fazendo pausas programadas com o intuito de fazê-los participar da aula, interagindo com a história. Observamos que muitos não conseguiam esperar o fim da leitura e víamos seus olhos percorrerem os versos para saber o fim da história. Na canção *Domingo no parque*, mal acreditaram na tragédia final da narrativa e nos fizeram lê-la outra vez. Na canção *Dezesseis*, quando da possibilidade interpretativa de suicídio da personagem, ouvimos um “credo, professora, arrepiei” (Nonoa19), e

⁴¹ Para essas aulas usamos as teorias contidas no livro *Como analisar narrativas*, de Cândida Vilares Gancho.

na semana seguinte “professora, estou ouvindo aquela música todo dia” (Nonoa05). No desfecho da história de Geni, silêncio. Uma aluna levou a mão à face. Passamos um vídeo no qual a atriz Letícia Sabatella interpreta a canção. No clímax, ouvimos um “puta que pariu” (Nonod20). Nesses momentos sentimos que os alunos-sujeitos estavam envolvidos pelas narrativas, que criaram um vínculo com elas. E, nesse vínculo, esperamos que elas se agreguem a seus repertórios.

As canções *Dezesseis* e *Vital e sua moto*, foram dadas em forma de trabalho em duplas. Os alunos deveriam observar o enredo, localizando o conflito e o clímax, e falar as características das personagens, Jonhy e Vital. Nas duas turmas houve duplas que vieram até a mesa do professor perguntando se não faltava uma parte da canção *Vital e sua moto*, já que, para eles, a letra parecia incompleta. Esse foi o intuito da atividade: queríamos criar neles a percepção de que o conflito é fundamental para o desenvolvimento da narrativa, e que, na canção trabalhada, tal elemento foi pouco explorado.

Ainda com o intuito de apurar o olhar na análise de narrativas, também levamos aos alunos-sujeitos dois contos: *Tchau*, de Lygia Bojunga e *Passeio Noturno*, de Rubem Fonseca. As duas narrativas possuem conflitos e clímax bem demarcados, o que possibilitou boas discussões sobre a construção dessas narrativas. No diálogo entre os alunos-sujeitos e a professora, com as vozes daqueles, que gritavam suas narrativas de super-heróis e desenhos animados, e as nossas, inserindo grandes narrativas em pauta, como a de *Dom Casmurro*, para falar de narração em primeira pessoa, ou das obras de Guimarães Rosa, para falar de uso da linguagem regional e poética, fomos construindo um repertório desses gêneros e dessa tipologia.

Para finalizar essa introdução às narrativas, passamos aos alunos-sujeitos dois filmes hollywoodianos, *Click* (2006) e *Mil palavras* (2012). Ambos possuem enredos e personagens com uma lógica muito semelhante e são carregados de estereótipos. Nosso intuito foi criar neles um senso crítico sobre as narrativas produzidas pela indústria cultural. Para isso, fizemos comparações com narrativas fílmicas conhecidas por eles e com outras que passamos para as turmas nos dois últimos anos, como foi o caso de *Forrest Gump* (1994) e *Filhos do paraíso* (1997).

As obras em questão são comédias, cujo intuito, como se sabe, é divertir. No entanto, para além disso, há um fator que parece ser recorrente em filmes dessa

categoria: a presença de uma mensagem, ou, como na fábula, uma moral. Tratam-se de obras simples, de fruição fácil, sem grandes reflexões e intertextos. Lineares e com *happy end*, ao final não deixam nenhum ponto em suspenso.

Em ambos os filmes os heróis surgem agitados, numa sequência de cenas em que suas tagarelices ficam evidentes, bem como seus egocentrismos. Tudo gira em torno deles, seus sentidos práticos e utilitários ficam evidentes quando demonstram se preocupar mais com a carreira do que com a família. Em uma espécie de pré-conflito, ainda na situação inicial da narrativa, Michel (Adam Sandler), personagem principal de *Click*, precisa de um controle, e Jack (Eddie Murphy), de *Mil palavras*, precisa fechar um contrato com um guru espiritual. O conflito se apresenta na forma de elemento mágico, quando o primeiro percebe que o controle possui a peculiaridade de comandar o tempo e o segundo recebe de ‘presente’, depois de sua visita ao guru, uma árvore cujas folhas vão caindo conforme pronuncia palavras. Ambos lidam com esse elemento mágico no decorrer das narrativas e vão, cada vez mais, entrando em decadência, até que, num pré-clímax, há um momento muito importante dentro da jornada desses heróis: a contemplação, a mudança de perspectiva. Nesse trecho há uma trilha sonora endossando esse fator, as cores e a fotografia também convergem para esse fim. No clímax, em cenas grandiloquentes de chuva, trovão e quase morte, os heróis reconhecem seu fracasso. O desfecho é a confirmação da mudança: ambos superam seu individualismo e passam a valorizar o mais importante: os laços familiares.

Durante essas primeiras aulas sobre narrativas, tivemos excelentes discussões com nossos alunos-sujeitos, uma delas diz respeito à dicotomia entre vilão e herói que os contos de fadas demonstram, muitos dos quais foram levantados por eles quando falavam de suas principais referências narrativas. Dessa discussão, os alunos-sujeitos concluíram que as personagens mais interessantes não eram os heróis das histórias que, segundo eles, eram construídos de um jeito muito “perfeito” (Nonoa05) e “não pareciam de verdade” (Nonod16) e sim aqueles que apresentam “defeitos” (Nonod03). Nesse momento, algumas alunas-sujeitos disseram o seguinte:

Nonoa03: “Eu acho ridículo histórias que têm esses personagens perfeitos, que agem de jeito perfeito”

Nonoa09: “Parece fanfic.”

Professora: Fanfic? Fanfic sobre o quê?

Nonoa09: “De qualquer coisa, professora. Muitas fanfics falam de um cara que apronta, aí acontece alguma coisa, aí ele se apaixona por uma menina e muda.”

Professora: Não importa sobre o quê seja a fanfic?

Nonoa09: Não professora, tem fanfics ótimas, mas tem umas que fazem sempre assim.

Nesse diálogo podemos perceber que as alunas-sujeitos entenderam a discussão sobre o enredo quando das aulas sobre os filmes *Click* e *Mil palavras*. Aqui elas estabeleceram relação com o gênero que têm contato, no caso, a *fanfic*. De fato, como já mencionamos em outros momentos dessa dissertação, a *fanfic* faz parte das referências dos alunos-sujeitos.

Em outra turma, o debate acerca dos heróis aprofundou-se a ponto de levarmos essa relação ao mundo da política. Refletimos sobre a insistência de parte da população na busca por heróis que tirem o Brasil do estado em que se encontra, e de como, também, há a interpretação de que certas figuras políticas são postas como heróis ou vilãs, como se houvesse nelas a pureza de ações ou o intuito único de atrapalhar o desenvolvimento do país. Chegaram à conclusão que interpretações como essa pertencem à esfera infantil e que na maturidade não deveriam estar presentes, principalmente quando se trata de algo tão sério como a política. Foi inevitável o debate acerca da dicotomia ex-presidente Lula e juiz Sergio Moro, em que ambos são vistos tanto como heróis, quanto como vilões, de acordo com a posição política adotada. Embora não tenhamos entrado em debates ideológicos, foi importante para que os alunos-sujeitos vissem, fora da esfera ficcional, um exemplo concreto e atual.

Outro debate emergido dessa aula foi a respeito da construção das heroínas mulheres em comparação com as figuras masculinas. Causou revolta em alguns alunos-sujeitos a percepção de que, em relação às personagens do mundo infantil, são raras as vezes em que “aquelas princesas em busca de um marido” não aparecessem. Perguntamos às alunas-sujeitos se elas acreditavam que essa construção interferia na maneira como as mulheres se viam perante o mundo. Uma respondeu: “Essas princesas acabam com a nossa vida, professora. Ficamos bobas”

(Nonoa16). Em uma das turmas, pelos diálogos estabelecidos, foi possível ampliar o debate e pensarmos em estratégias para fugir dessa visão machista em relação às heroínas.

Essas atividades introdutórias e analíticas das narrativas duraram doze aulas e foram organizadas com debates em sala, análise de alguns textos pelos alunos-sujeitos em casa e em sala.

4.3 Para fruir e analisar: a construção do repertório cultural

Nessa subseção abordaremos o trabalho com a série eleita pela maioria como a preferida, *La casa de papel*. Como já mencionamos, pensamos em estratégias para que os alunos-sujeitos que não a tivessem assistido, ou que mesmo a assistindo não a tinham como preferida, pudessem se tornar fãs. Para isso, foi imprescindível o envolvimento pelas narrativas e que levassem esse entusiasmo para além da sala de aula, pois parte do trabalho seria feito em casa, como assistir aos episódios e, depois, produzir as *fanfics*. Ao final, sentimos que o trabalho de análise com esse objeto cultural foi tão rico, que poderia ter sido estendido por mais tempo, e só não o fizemos pelos prazos acadêmicos. Inclusive, esse trabalho durou além do que havíamos previsto, restando-nos menos tempo para as produções das *fanfics*.

No tópico 4.3.1 falamos a respeito da série *La casa de papel*, de modo a situar nosso leitor; e no 4.3.2, sobre as atividades desenvolvidas em sala de aula com esse objeto cultural.

4.3.1 A série: *La casa de papel*

La Casa de Papel, estreada em início de 2017 e incluída no catálogo internacional da *Netflix*⁴² no final desse mesmo ano, é uma série televisiva espanhola escrita por Álex Pina para *Antena 3*, rede de televisão do país. Tendo como temática principal um assalto, a série narra o ambicioso plano de Sérgio Marquina, cujo codinome é Professor, quem recruta oito pessoas – cada uma delas

⁴² *Netflix*, com mais de cem milhões de assinantes, é uma fornecedora global de filmes e séries de televisão via streaming, tecnologia que envia informações multimídia por meio de transferência de dados.

com habilidades necessárias para a concretização de seu plano e que nada têm a perder – com o objetivo de invadir a Casa da Moeda da Espanha e imprimir mais de dois bilhões de euros. Para conseguir esse feito, os assaltantes precisam permanecer no lugar por onze dias, tempo em que precisarão lidar com os reféns e com a polícia, que fará de tudo para impedir o assalto. O Professor, que ficou fora da Casa da moeda para auxiliá-los nos imprevistos e acompanhar os passos da polícia e imprensa, acaba se envolvendo com a policial chefe das investigações do assalto, o que gera ainda mais conflitos na trama.

Narrada em *off* por um dos assaltantes, Tóquio, a história é contada em três planos paralelos e concomitantes. O momento do assalto, em que são narradas as relações entre os assaltantes, entre eles e os reféns e como estão trabalhando para que o plano seja concretizado. Os acontecimentos fora da Casa da moeda, em que são narradas as peripécias do Professor para tirá-los das encurraladas postas pela polícia, o que a polícia está planejando para impedir o assalto e a relação do Professor com a policial Raquel Murilo. E, por fim, *flashbacks*, nos quais são narrados os momentos em que o grupo planejava o assalto – em uma fazenda em Toledo, onde ficaram por seis meses – e o passado mais longínquo das personagens, com o intuito de contextualizar suas vidas. Dessa forma, o espectador é convidado, a cada episódio, a montar o quebra-cabeça necessário para a construção das personagens, para entender as motivações do roubo e as minúcias do plano elaborado pelo Professor. Nesse quebra-cabeça se revelam também os pontos fracos das personagens, que são humanizadas e, nesse ponto, abrem espaço para que o espectador sinta afinidades com elas.

A narrativa se inicia com Tóquio – que, naquele momento, estava fugindo da polícia por causa de outro assalto – sendo abordada pelo Professor que lhe convida a participar do ‘maior roubo já feito na história’. Em seguida, ela e os outros assaltantes aparecem chegando à fazenda de Toledo. Uma das regras estipuladas pelo Professor foi a de que os assaltantes não poderiam se relacionar entre si, nem tampouco saberem das vidas pessoais uns dos outros. Por isso, deveriam ter codinomes. Foi aí que surgiu a ideia de que cada um teria o nome de uma cidade. Tóquio, Rio, Denver, Moscou, Oslo, Helsinque, Nairóbi e Berlim foram as personagens que cativaram telespectadores do mundo, principalmente Brasil, Argentina e França. Aparentemente escolhidos de forma aleatória, conforme a trama

se desenvolve conseguimos estabelecer relações entre as características das cidades e a personalidade dessas personagens; fato que rendeu um dos trabalhos feitos pelos alunos-sujeitos na análise da série.

Um dos pontos fundamentais a se observar na narrativa é a questão temporal, outro tema de trabalho feito pelas turmas. Como os assaltantes precisavam permanecer por onze dias dentro da Casa da Moeda para imprimir a quantia de dinheiro que desejavam, percebemos que antes do dinheiro precisavam roubar o tempo. Cada minuto era cronometrado – tanto é que durante os episódios os dias e horas do assalto eram marcados na tela, em vermelho – cada ação minimamente planejada para que a polícia se distraísse e eles ganhassem mais tempo.

Já no primeiro episódio, o grupo, fortemente armado e vestindo macacões vermelhos e máscaras de Salvador Dalí, invade a Casa da moeda, amarra e venda os reféns – onze seguranças, trinta e cinco funcionários e dezessete estudantes, dentre eles um trunfo importante para a narrativa: a filha de um diplomata inglês –, abre o cofre, enche as sacolas de dinheiro e, para a nossa surpresa, eles mesmos acionam o alarme e aguardam a chegada da polícia. Sempre monitorados pelo Professor, que grampeou tanto as câmeras internas e externas da Casa da moeda, quanto a comunicação da polícia, os avisa de cada passo dado por ela. Quando ela chega, há trocas de tiros e os assaltantes retornam ao prédio, deixando-nos entender que estavam a enganar a polícia e a mídia, as quais achariam que os assaltantes foram pegos de surpresa e estariam encurralados. No entanto, por meio de um *flashback*, o espectador percebe que isso já era parte do plano do professor e que essa ação foi feita para ganharem tempo. Durante a narrativa, o cabeça do grupo armará outras iscas para a polícia e mídia com o mesmo propósito de distraí-los e roubar-lhes o bem mais precioso para a execução do plano: o tempo; enquanto as máquinas para imprimir o dinheiro rodam a todo vapor, comandada por Nairóbi, a especialista em falsificação.

A máscara de Salvador Dalí usada pelos assaltantes durante parte da trama nos fornece mais indícios de que o tempo é combustível primordial para a narrativa, uma vez que nos remete a obra maior do pintor, *A persistência da memória*. Nessa obra surrealista, o relógio, objeto banal e cotidiano, é transfigurado. Aparecendo derretidos, esses objetos nos levam a reflexões a respeito de sua função, indicando-

nos uma passagem de tempo distorcida. Já sugerida em seu título, a obra também dialoga com a questão da memória, outra forma de marcar o tempo, porém de forma subjetiva e pessoal. Assim, o tempo da memória, diferente do tempo do relógio, pode ser alongado ou encurtado dependendo das vivências individuais. No caso da série em questão, tanto o tempo da narrativa em si, onze dias narrados em vinte e dois episódios, tanto o tempo psicológico das personagens – vivendo sob a pressão da polícia e reféns – e a moeda de troca que o Professor estabelece com a polícia, alargam a percepção temporal.

Dessa forma, o dinheiro em si é visto apenas como papel, como nos indica o título da série. E o bem mais precioso, o tempo, representa o que a sociedade moderna mais deseja nessa época em que somos cobrados por produção e resultados em curto prazo ou, ainda, reflete uma crise mundial nas formas das relações de trabalho. Tanto Europa quanto Brasil passam, desde a crise de meados de 2012, por perdas de direitos trabalhistas, onde governos querem flexibilizar as leis que regem o tempo do trabalhador. Na narrativa em questão, também os macacões usados pelos assaltantes e pelos reféns nos remetem tanto às prisões norte americanas, embora estes sejam laranjas e os usados na série vermelhos, quanto ao uniforme típico do operário. Afinal, estão confinados a trabalho, fabricando a própria fortuna.

Daqui, partimos para outra grande questão da temática da série: o posicionamento diante de uma crise na qual bancos e grandes empresas recebem dinheiro do governo para se manterem enquanto o cidadão comum sofre as consequências. A perspectiva assumida pela trama é a da resistência, não cedendo às autoridades, à mídia, às grandes instituições, ao sistema que, segundo o Professor, tiram-nos todo o tempo de vida útil na terra em troca de subsistência. Na segunda temporada, ao explicar a Raquel as motivações para o roubo, o Professor a acusa de interpretar a realidade de forma maniqueísta, questionando-a se ela o considera um dos maus. Nessa cena, o Professor diz à inspetora que, “em 2011, o Banco Central Europeu fez 171 bilhões do nada. 185 bilhões, em 2012. 145 bilhões, em 2013.” O personagem explica que esse dinheiro todo foi para os bancos com a justificativa de que era uma “injeção de liquidez”, isto é, para ajudá-los a superar a crise. No entanto, “ninguém chamou o Banco Central de ladrão”. Com essa fala, nos capítulos finais da série, confirmamos o que para alguns ainda era uma dúvida,

trata-se de um roubo como forma de resistência, ou, como disse Pierre S erisier, no blog da revista *Le monde*, uma alegoria da rebelião.

Uma das can oes temas da narrativa, *Bella Ciao*, foi hino de um movimento de resistência contra o fascismo italiano, na Segunda Guerra Mundial; e, ainda hoje,   entoada em momentos de manifesta o, como em 2012, quando a Europa passou por grande crise econ mica. Cantada pelas personagens Professor e Berlim – em uma cena marcante da trama, quando planejavam o assalto – e em outros momentos por outras personagens – como quando finalmente terminam de perfurar o túnel por onde fugiriam – a can o se torna ária dos ladrões, nos fornecendo mais um indício dessa temática. Além disso, a cor vermelha, presente na paleta de cores de toda a série – no título, nos macacões e em outros elementos nas cenas, como o telefone que o Professor usava para se comunicar com os assaltantes e a polícia – também nos remete a movimentos de resistência da história. Em 1791, a assembleia constituinte francesa decretou que uma bandeira vermelha fosse hasteada nas ruas de Paris para mostrar   popula o que as manifesta es públicas estavam proibidas. No entanto, milhares de parisienses foram às ruas reivindicar a saída do rei Luís XVI. A polícia foi chamada e atacou os manifestantes, matando mais de 50 pessoas. Depois disso, a mesma bandeira que foi usada para intimidar as manifesta es passou a ser símbolo do povo oprimido e da revolu o que se encaminhava: a revolu o francesa. Desde então, movimentos com caráter revolucionário do mundo todo passaram a usar essa cor em suas bandeiras.

A trama segue trazendo essas e outras referências, como, também, o caso de machismo e violência doméstica sofrida pela personagem Raquel. Ela enfrenta um corporativismo patriarcal dentro da polícia espanhola, tendo que ser também resistente a esse sistema. Interessante pensarmos que, embora essa personagem faça parte do outro lado da moeda e que tenha passado toda a trama a perseguir e investigar os heróis dessa história, não nos espanta a facilidade com que o Professor a convenceu, nos episódios finais, a não denunciá-lo. Ela própria já tinha o espírito da resistência em si, mesmo que sob outro viés.

Também há várias referências f micas na obra: o Professor toca para Raquel no piano a música tema de um grande filme sobre assaltos, *Golpe de mestre*, de 1973; o corte de cabelo da narradora da história, Tóquio, nos lembra do mesmo usado por Nathalie Portman, em *O profissional*, de 1994, e de Uma

Thrumman, em *Pulp Fiction*, de 1994; os nomes de cidades dados às personagens nos remetem a *Cães de Aluguel*, primeiro filme de Quentin Tarantino, em que as personagens têm nomes de cores, além de cenas que muito lembram as dirigidas por esse mesmo diretor. Outro filme lembrado é *Onze Homens e um Segredo*, em que um ladrão recruta uma trupe de assaltantes para fazer um grande roubo no qual não poderá haver feridos, nem tampouco tirar daqueles que não merecem. Em *La casa de papel* também há uma regra de conduta, um senso de moral, em que não poderão ferir pessoas. O Professor, nos momentos do planejamento do assalto, estipula como regra número um: não matar ninguém. Já aí, nessa primeira regra, o espectador sente empatia pelo grupo, são ladrões “bons”.

Outro aspecto curioso é que a série aborda também nomes de cidades em outros elementos, além dos nomes das personagens, como nos planos elaborados pelo Professor – Chernobyl, Valência e Camarões – e o nome do bar onde Raquel e Professor se encontram – Hanói, capital do Vietnã.

Com a perspectiva dialógica, é possível fazer outras várias inferências com a série, a ponto de transformá-la em objeto de estudo para um ano letivo inteiro. As que fizemos aqui nos foram suficientes e usadas como mote para debates em sala e trabalhos feitos em grupos pelos alunos-sujeitos.

4.3.2 Fruição e análise da série: o pensamento crítico, estético e criativo.

Como a diferença de preferência entre uma série e outra foi pequena, sabíamos que muitos alunos-sujeitos não tinham assistido ao seriado escolhido ou que, se assistido, não era tido como preferido. Já ao anunciarmos a escolha, houve tanto comemoração quanto reclamação. Visto que a produção de *fanfics* é feita por fãs, precisávamos criar neles essa atmosfera. Para isso, decidimos passar os seis primeiros episódios na íntegra para que os alunos-sujeitos que ainda não tinham sido envolvidos pela trama o fossem.

Depois de assistirmos aos três primeiros episódios, propusemos uma atividade em grupo a respeito das características das personagens. Funcionou como uma espécie de gincana entre grupos. Fizemos previamente um painel⁴³ com as fotos das principais personagens, abaixo delas deixamos uma fita dupla-face

⁴³ Vide foto do painel em Anexos, Volume II dessa dissertação.

colada e distribuimos para os grupos três adjetivos impressos. Eles deveriam debater em grupo e escolher para qual das personagens atribuiriam cada um dos adjetivos, justificando a escolha. Foram à frente da sala, colaram a característica na fita dupla face e fizeram a explanação. Depois, perguntávamos ao restante da sala se concordavam com tais atributos, possibilitando um momento de debates sobre a construção das personagens e retomada das ações da trama para as justificativas. A ideia foi a de refletir sobre a maneira de ser demonstrada por cada personagem naqueles episódios, tanto em suas atitudes quanto na maneira de se relacionar com as outras personagens. Por fim, aqueles que desejassem acrescentar algo poderiam mudar alguma das características coladas no painel pelos colegas e justificar a troca.

Aproveitamos a aula para fazer um apanhado geral da narrativa, traçando os elementos que até então apareceram no enredo, atentando-nos para o fato de que a trama se desenrola em três planos narrativos paralelos. Quando já estávamos no quinto episódio, produzimos um mural do lado de fora da sala de Língua Portuguesa com alguns elementos de referência da série. Falamos a respeito de Salvador Dalí, cujo rosto foi emprestado para as máscaras dos assaltantes. Ilustramos com algumas obras do pintor e falamos um pouco de sua história e sua relação com a loucura. Também colocamos no painel a história e a letra da canção *Bella Ciao*⁴⁴. Aproveitamos o painel e expomos duas notícias sobre a série, uma⁴⁵ que explicava o sucesso da trama e outra⁴⁶ que falava da importância das personagens na construção da narrativa. Nessa, publicada em um site, havia a proposta para que os leitores deixassem suas opiniões a respeito das personagens em forma de comentário, por isso, tivemos a ideia de simular esse espaço interativo deixando uma parte do painel para que nossos alunos-sujeitos pudessem fazer o mesmo. Também expusemos uma resenha⁴⁷ crítica e um anúncio que confirmava a terceira temporada para 2019. Aqui nossa ideia foi não só a de ampliar o repertório cultural e discursivo dos alunos-sujeitos, expandindo também o contato com diversos gêneros, mas também o de criar uma atmosfera de fã semelhante àquela vista nos espaços virtuais frequentados pelo mundo do *fandom*. Fã é aquele interessado por tudo que

⁴⁴ <https://www.lettras.mus.br/banda-bassotti/1080528/>

⁴⁵ <http://www.bbc.com/portuguese/geral-43820924>

⁴⁶ <http://www.coxinhanerd.com.br/la-casa-de-papel-personagens/>

⁴⁷ <http://cinefilapornatureza.com.br/2018/02/22/la-casa-de-papel-1a-temporada-resenha-critica/>

permeia o objeto cultural, que se apropria não só dele, mas de tudo o que diz respeito a ele. Sentimos que os alunos-sujeitos gostaram bastante do painel, tiraram⁴⁸ fotos das notícias e, principalmente, da letra da música *Bella ciao*. Também fizeram comentários acerca das personagens. Observamos que o painel também fez sucesso com os alunos-sujeitos das outras turmas, deixando as paredes de fora da nossa sala sempre frequentadas.

Outra observação que fizemos a respeito da canção, é que ela foi cantada em dois momentos pelos alunos-sujeitos em espaços para além da sala de Língua Portuguesa: na hora do intervalo e ao final do período de aulas. Isso poderia parecer apenas fruição e envolvimento com as aulas, mas analisando o contexto da escola, percebemos mais do que isso. Nossos alunos-sujeitos estavam incomodados com as regras impostas pela nova diretora da escola, dentre elas a que os obrigava a usar o uniforme completo dado pela prefeitura, incluindo uma calça de *tactel* que detestam. Nos anos anteriores, com a outra diretora, haviam conseguido negociar a troca do uso dessa calça pela jeans. A diretora atual, no entanto, estava inflexível. Os alunos-sujeitos andavam alvoroçados com essa e outras mudanças da escola e, inclusive, fizeram um manifesto nas redes sociais com a *hashtag* “*voltavaleska*”, em referência a diretora que havia saído da escola e com a qual já tinham uma relação de cinco anos. Um dia, marcado por esse e outros incômodos dos alunos-sujeitos, ouvimo-los cantando a canção ao descerem as escadas. Isto é, no contexto em que esse enunciado foi proferido, o interpretamos como um discurso de protesto, de resistência, da mesma forma em que foi usada na série.

Segundo a posição bakhtiniana, vemos que os enunciados sempre são situados cultural, histórica e ideologicamente e somos neles e por eles transformados e, também, com eles somos aptos a transformar os contextos. Por isso, lemos nas vozes ecoadas da canção, não apenas a linguisticamente evidente, qual seja, a letra em língua italiana, com versos que refletem tempos de outrora, mas, sim, as vozes de nossos alunos-sujeitos que refratam o autoritarismo daqueles momentos da escola e, também, refletem suas compreensões a respeito dos enunciados trabalhados em sala.

No ensaio *Para uma filosofia do ato responsável* (2010), Bakhtin fala da importância da singularidade do nosso existir no evento, concebida pela

⁴⁸ Vide fotos em Anexos, no volume II dessa dissertação.

responsabilidade e responsividade dentro do diálogo. Para o autor, quanto maior a consciência de que os enunciados refratam e refletem a realidade, maior será nossa inserção no mundo e a possibilidade de transformá-lo.

[...] É necessário reconduzir a teoria em direção não a construções teóricas e à vida pensada por meio destas, mas ao existir como evento moral, em seu cumprir-se real – à razão prática – o que, responsabilmente, faz quem quer que conheça, aceitando a responsabilidade de cada um dos atos de sua cognição em sua integralidade, isto é, na medida em que o ato cognitivo como meu ato faça parte, com todo o seu conteúdo, da unidade da minha responsabilidade, na qual e pela qual eu realmente vivo e realizo atos. (BAKHTIN, 2010, p. 58)

Imbuídos dessa reflexão, acreditamos ter havido uma compreensão plena desse enunciado, uma vez que foi tomado pelos alunos-sujeitos e replicado em uma situação significativa, diferente daquela por nós proposta e cujo centro é ficção.

Voltando as atividades, depois que assistimos até o sexto episódio, combinamos com os alunos-sujeitos que eles assistiriam em casa alguns capítulos e nós usaríamos as aulas para analisá-los e debater sobre as referências apresentadas. Grosso modo, a organização se deu da seguinte maneira: pedíamos para que os alunos-sujeitos assistissem um ou dois episódios em casa, os quais foram debatidos na aula seguinte, e passávamos um episódio próximo na sala, isso é, assistiam os episódios sete e oito em casa e na aula conversávamos sobre eles e assistíamos o nove, por exemplo. Isso ocorreu até chegarmos ao episódio de número doze da primeira temporada. Nos debates dessas aulas, procuramos partir do plano linguístico, usando elementos presentes na série, para o plano discursivo, levando aos alunos-sujeitos elementos de referência que apareceram nos episódios. Isto é, o solo do qual pegamos impulso para além do texto é linguístico.

Notamos uma prática pouco comum no ensino fundamental quando dessas aulas de análise da narrativa, qual seja, o fato de alguns alunos-sujeitos anotarem as explicações do professor. Principalmente quando relacionávamos as construções observadas na série com uma futura produção de texto. Quando, por exemplo, explicávamos a respeito da construção da personagem Professor e salientávamos que suas vestimentas, modo de andar, vocabulário eram fundamentais para construir sua personalidade. Perguntamos para as turmas porque, por exemplo, esse era uma das poucas personagens que não falava palavras consideradas de baixo calão, e outras, como Denver ou Tóquio, usavam esse vocabulário

constantemente. Ou do porquê essa personagem usar sempre terno e gravata e usar pijamas de botões que nos remetem a alguém mais velho, enquanto Rio usava calças largas, camisetas pretas e gorro na cabeça. Explicamos para os alunos-sujeitos que quando estivessem no papel de escritores deveriam ter em mente esses detalhes para ajudar-lhes na construção de suas personagens.

A partir desse momento os alunos-sujeitos seriam os responsáveis por apresentar à sala os episódios seguintes, que correspondiam ao último da primeira temporada – que deixamos para essa atividade no intuito de se somarem dez episódios, dois por grupo – e os nove da segunda. Os alunos-sujeitos se dividiram em grupo e escolheram dois episódios. Nós os orientamos para que preparassem uma apresentação para os colegas sobre os fatos e referências daqueles episódios. A maneira como essa apresentação ocorreria era livre. Cada grupo se organizou a seu modo, a maioria deles fez *slides*⁴⁹ no *power point*, com resumo dos fatos e imagens, outro grupo fez um cartaz com imagens. Um grupo fez sua apresentação fantasiado das personagens, usando, inclusive, a máscara de Salvador Dalí. Outro grupo, o mais surpreendente de todos, fez uma intervenção, simulando serem os personagens da trama e nós os reféns. Foram o segundo grupo a apresentar e haviam pedido para sair da sala enquanto o primeiro apresentava para se prepararem. Assim que batemos palmas para o grupo que findara a apresentação, aquele entrou já fazendo a intervenção dramática. Nessa simulação, a professora, amarrada junto aos outros “reféns”, representou o papel da personagem Inspetora Raquel Murilo. Durante a intervenção, o grupo explanou os fatos dos episódios por eles escolhidos em primeira pessoa, como se fossem eles próprios a vivenciarem os fatos. Nesse dia, por coincidência, a ATP – Assistente Técnico Pedagógico – estava na sala para pedir à professora que assinasse um documento e, vendo que algo diferente acontecia, permaneceu para assistir às apresentações. Ao final disse que a escola acontecia mesmo na sala de aula.

Isto é, a ATP teve a percepção de que a singularidade daquele evento sintetiza o significado do que é uma aula, um evento único e composto por múltiplas vozes, no qual, alunos-sujeitos, imbuídos de atos responsáveis e responsivos significavam, na vida, os enunciados vistos.

⁴⁹ Dois desses trabalhos, um de cada sala, estão em Anexo B, no segundo volume dessa dissertação.

Durante as apresentações levantamos junto aos grupos várias referências trazidas pela série, muitas das quais pouco desenvolvidas por eles em suas apresentações para a sala. Decidimos, então, reunir tais referências e pedir que os grupos montassem painéis⁵⁰ multimodais, semelhantes aos que fizemos no início dessas aulas. Os trabalhos foram os seguintes:

✓ A Espanha ama os loucos: Reunir informações das mais diversas formas e imagens a respeito dos pintores Salvador Dalí e Pablo Picasso e da personagem Dom Quixote. Pensar na enquete: Qual a personagem da série “La casa de papel” é mais amada pela sua loucura?

✓ Filmes sobre grandes assaltos da história do cinema: Reunir informações das mais diversas sobre grandes obras do cinema que abordem essa temática. Sugestão: Sinopse, imagem da “capa do filme” e das personagens principais.

✓ Resistir é preciso: Pesquisar sobre o tema, explicando seu significado e dando exemplos da história. Reunir informações das mais diversas e imagens. Relacionar com a temática da série *La casa de papel*, mostrando os símbolos que aparecem nos episódios. No Brasil já houve resistência? Pesquisar. Pensar na enquete: Hoje é preciso resistir? Contra o quê?

✓ Os grandes planos do professor: Reunir informações das mais diversas sobre cada plano do professor, relacionando seus nomes às respectivas cidades. Usar mapas e imagens desses lugares.

✓ Patriarcado e matriarcado: Pesquisar o significado dos termos e sociedades que sejam matriarcais e patriarcais. Usar as cenas da série em que esses termos aparecem e imagens das personagens representantes de cada um.

✓ Os apelidos das personagens: Pesquisar a respeito de cada cidade correspondente a cada apelido das personagens, reunindo informações básicas como população, língua, território, características principais, relacionando-as as das personagens. Usar um mapa mundial para ilustrar, bem como imagens das personagens.

✓ Miopatia de Hellmer e Mal de Alzheimer: as doenças de Berlin e da mãe de Raquel, respectivamente: Reunir informações sobre as doenças, falando dos sintomas e tratamento. Ilustrar com imagens das personagens.

⁵⁰ As fotos com esse material estão em Anexo D, no segundo volume dessa dissertação.

- ✓ Mascarar-se: Pesquisar a história sobre as máscaras e exemplos de seu uso na cultura (carnaval, rituais religiosos, manifestações, etc). Refletir: As máscaras escondem ou revelam? Ou escondem e revelam? Pesquisar exemplos no cinema. Pesquisar expressões que utilizam a palavra 'máscara'. Propor a enquete: Todos usamos máscaras? Quais?
- ✓ Síndrome de Estocolmo: O que é essa síndrome? Por que tem esse nome? Pesquise sobre o assalto em Estocolmo e os sintomas dessa síndrome. Use imagens do assalto, da cidade, um mapa e das personagens Mônica e Denver. Deixem a enquete: Mônica está com essa síndrome ou é amor verdadeiro?
- ✓ Comunicação analógica e comunicação digital: Explicar a diferença, mostrar como aparecem na série e por que os assaltantes optaram por usar a analógica.
- ✓ A cor vermelha: Pesquisar a respeito dos significados da cor no decorrer da história. Que símbolos essa cor carrega? Por que é a cor predominante da série?
- ✓ Violência contra a mulher: Uma personagem da série sofreu violência doméstica. Colocar a fala em que a personagem explica o ocorrido e pesquisar dados sobre a violência contra a mulher no Brasil e no mundo.
- ✓ Os filmes citados por Berlim antes de sua morte: *Romeu e Julieta*, *Bonnie e Clyde*, *Os amantes de Teruel*. Reunir informações sobre os filmes, como sinopse, diretor e data de lançamento. Use a cena em que Berlim menciona esses filmes e explique a relação da cena de La casa de papel com os enredos dessas obras.
- ✓ Desvendando as personagens: Escolher uma personagem e falar sobre suas características, história de vida e o que seus gestos, vestuário e vocabulário colaboram em sua construção. Citar cenas marcantes.

A montagem desses trabalhos e sua posterior discussão nos renderam bons debates e análises em sala, além de ter favorecido para a criação de um ambiente de *fandom*. As paredes dos corredores ficaram repletas de informações a respeito da série, prolongando a vivência dos alunos-sujeitos com esse objeto cultural. Os alunos-sujeitos puderam perceber como a série trazia, subjacente ao enredo, várias referências culturais e como não saber delas prejudica na compreensão geral do

enredo. Todas as discussões foram organizadas tendo como ponto de partida o plano linguístico para adentrarmos no discursivo, intercalando-os constantemente.

Bakhtin (2006), em suas reflexões acerca da construção de sentidos, diferencia significação de tema, atribuindo a aquela elementos reiteráveis, idênticos e linguísticos, e a esse, elementos irrepetíveis, únicos e ideológicos. Para explicar esses conceitos o autor utiliza-se da expressão “que horas são?”, a qual, independente do contexto, tem sua significação clara, dicionarizada e pode ser utilizada em um sem fim de situações. Agora, se acrescentarmos a esse enunciado o fato de ter sido proferido por um palestrante ao cerimonialista, quando dos minutos finais de sua apresentação, somamos outros significados nessa equação: ele não deseja pura e simplesmente saber que horas são, quer saber quantos minutos ainda tem para concluir suas ideias, ou se ainda tem tempo para dar um último exemplo, ou, se o palestrante fosse, também, um comediante, poderia estar calculando qual de suas piadas caberia naqueles minutos finais. Isto é, a significação de um enunciado somada a uma situação concreta de comunicação, nos fornece indícios para entender o tema, esse único e inteiramente ligado ao contexto. Assim, para que haja uma compreensão plena, precisamos compreender a situação comunicativa e o contexto do outro, já que “a cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão” (Bakhtin, 2006, p. 137). Por isso, a compreensão também é vista como uma forma de diálogo, pois as significações dos enunciados são transferidas para nós pelos contextos e são fruto da interação do ouvinte/leitor com o receptor/autor. Nesse sentido, para entender, por exemplo, o porquê dos assaltantes usarem a máscara do pintor Salvador Dali e não a de outro pintor ou a de outra personalidade, fomos para o plano discursivo entendendo as obras do pintor, o surrealismo, sua relação com a loucura, que também nos levou à personagem Dom Quixote, outra referência da cultura espanhola que faz menção à loucura.

Banhamos dessa reflexão, acreditamos que ampliar o repertório dos alunos-sujeitos quanto às referências culturais, histórias e políticas trazidas pela série colaborou para enriquecer a compreensão deles sobre o objeto analisado, dando-lhes ainda mais subsídios para que não só possam construir de maneira eficiente suas *fanfics*, mas que também adquiram conhecimento para diálogos futuros com

outros objetos culturais, elaborando e testando outras hipóteses, e que apurem seu olhar analítico e crítico para fruir e valorizar outras manifestações artísticas e culturais.

Nesse aspecto, o trabalho com as temáticas se deu de forma transdisciplinar, uma vez que colocamos como eixo unificador da nossa ação a compreensão plena do nosso enunciado, a série; e, para isso, precisamos recorrer a conhecimentos que, pela organização fragmentada do currículo, pertencem a outras disciplinas, como foi o caso do trabalho com o pintor Salvador Dalí e o surrealismo. Na ocasião, chegamos a procurar a professora de Arte da escola, explicando a ela sobre nossa proposta, e perguntamos se ela poderia trabalhar tal temática com os nonos anos. Para a nossa surpresa, ela nos respondeu que se tratava de conteúdo para o oitavo ano e que ela não poderia fugir da programação. Ainda chegou a argumentar que, por isso, era a favor de seguirmos o cronograma, pois se o professor do ano anterior o tivesse feito, os alunos-sujeitos do nono já saberiam tal conteúdo. Sentimos que a parceria ali para uma possível interdisciplinaridade seria difícil. Chegamos a investigar com os alunos-sujeitos se tinham visto esse conteúdo no ano anterior e alguns diziam lembrar, porém de forma vaga. Isto é, não podemos afirmar se o professor de Arte do ano anterior trabalhou ou não tais conteúdos, o que sabemos é que os alunos-sujeitos não se apropriaram dele e, se são conteúdos necessários para compreender um fenômeno da vida, nesse caso um seriado televisivo, acreditamos que deveriam ser retomados. Como a parceria não foi possível, fizemos a transdisciplinaridade acontecer dentro da aula de Língua Portuguesa, de forma interna, entre professora e alunos-sujeitos.

Já em relação aos conteúdos relacionados à disciplina de História, a parceria se deu de forma natural e fluida. Conversamos com o professor a respeito do tema Resistência abordado na série e ele disse que abordaria em suas próximas aulas o período da Segunda Guerra Mundial e que poderia reforçar os movimentos de resistência contra o fascismo. Também disse que retomaria a Revolução Francesa, dada no ano anterior, já que era considerada matéria de oitavo ano. Percebemos que os professores de Arte e História possuem concepções pedagógicas distintas, embora lecionem disciplinas afins. O de História entende os conteúdos como aporte para que o aluno-sujeito interprete uma dada realidade; e a de Arte, que os conteúdos devam ser apreendidos de forma fragmentada. Não

queremos apontar, aqui, essa postura como errada, pois a escola e a secretaria cobram que esses conteúdos sejam ministrados dentro do planejamento hierarquicamente organizado. Para fugir dele, os professores também precisam ser resistentes, embora também defendamos que o conteúdo programático apareça em diálogo com outros conteúdos, por vezes de outras disciplinas, e com o conteúdo da vida. Se assim são amarrados, fragmentá-los é afastar a sala de aula da realidade, conseqüentemente da vida de nossos alunos-sujeitos.

Retomando a questão, entendemos que a transdisciplinaridade também é entendida como uma estratégia para superar a fragmentação muitas vezes imposta pela organização dos saberes por disciplinas. A escola, de um modo geral, sempre coloca como uns de seus objetivos a instrução, que será dada por conteúdos previamente definidos, e a formação do cidadão com seus aspectos éticos e morais. No entanto, o que se vê é uma política pedagógica voltada para as disciplinas, em que a escola ensina português, matemática, geografia e assim por diante. Dessa forma, soma-se a questão da transdisciplinaridade o conceito de transversalidade, visto, também, como estratégia para superar essa fragmentação, trazendo para a escola outras temáticas que não são disciplinarizadas, mas que fazem parte das demandas da escola e, principalmente, da vida, como foi o caso quando abordamos a questão do machismo nas instituições, ao analisarmos a personagem Raquel.

Também, esse trabalho só é possível quando se entende o gênero pelo viés discursivo, uma vez que o enunciado é considerado como tal quando levamos em conta as circunstâncias temporais, espaciais, ideológicas que constituem o discurso, assim como as relações entre os interlocutores que dele participam e a esfera comunicativa onde estão. Por isso defendemos que o gênero, quando formatado por suas propriedades estruturais, torna mecânico o manuseio com o texto, deixando de lado todo o diálogo possível entre falante/ouvinte ou autor/leitor.

Talvez por se relacionarem a vida ou também por estarem inseridos em um ambiente de fãs, vários grupos queriam escolher mais de uma temática sugerida para o trabalho. Nesses casos, pedimos que fizessem grupos maiores para que sobrassem temas para todos. Nesse dia, percebendo nossa satisfação ao vê-los querendo fazer além do que estava sendo pedido, uma aluna-sujeito nos confidenciou que parou de faltar depois que começamos com esse trabalho. Segundo ela, antes estava se sentindo muito desestimulada. De fato, embora seja

uma aluna-sujeito normalmente participativa, estava faltando muito no início das aulas, fato que, inclusive, foi pauta de conversa com sua mãe na reunião de pais.

Utilizamos em torno de quatorze aulas para trabalhar com a série, passando os episódios, fazendo as discussões e propondo as atividades.

4.4 Para vivermos a série: a produção das *fanfics*

Antes de relatarmos como se deu o trabalho com a escrita, esclarecemos que a prefeitura não liberou o site *www.spiritfanfiction.com* para usarmos nas lousas digitais e nos dois computadores da biblioteca. Fizemos o pedido três vezes. A primeira ainda no ano de 2017 quando já sabíamos que usaríamos o site, depois no início do ano letivo de 2018 e, ainda, em torno de maio desse mesmo ano. Segundo a direção da escola, o pedido foi feito. As relações de hierarquia são bem demarcadas na rede de Praia Grande e não podemos falar pessoalmente com o responsável pelo setor de informática, a diretora da escola que o faz por meio de um documento específico.

Isso dificultou a construção da proposta, pois não conseguimos acessar a plataforma para aqueles alunos-sujeitos que não tinham acesso à internet em casa. Para inclui-los foi preciso rotear a internet de nosso celular. Assim, pudemos solucionar dúvidas de uso da plataforma para aqueles que apresentaram dificuldade e mostrar como funcionava a interação para aqueles que dela não puderam participar.

Por conta disso, cinco alunos-sujeitos, os quais não tinham acesso à internet ou não possuíam computador ou smartphone, não puderam publicar seus textos na plataforma, não participando da interação com os demais colegas da turma. A fim de minimizar esse prejuízo, fizemos troca de textos entre eles e pedimos que comentassem a narrativa dos colegas. No entanto, essa ação não foi suficiente para garantir uma participação plena desses alunos-sujeitos, principalmente porque não conseguimos muitos momentos para que essa interação entre os cinco se desse, já que havia cerca de mais vinte e cinco alunos-sujeitos na sala, esses fazendo as atividades propostas dentro da plataforma, em casa. Esses cinco eram da mesma turma. Na outra, havia mais um que não possuía computador ou smartphone, no entanto, pôde ir a uma *Lan house*.

Dito isso, voltamos ao início do trabalho com o gênero. Até o final das apresentações dos seminários, os alunos-sujeitos ainda não sabiam que faríamos *fanfics*, pois preferimos falar a respeito apenas quando chegasse o momento das produções para que eles não criassem barreiras com a escrita. No entanto, em uma das questões da avaliação⁵¹ trimestral, aplicada na semana de provas da escola, pouco antes das apresentações dos seminários, perguntamos o seguinte:

Imagine-se um convidado pela Netflix para ser roteirista da série. (Responda A OU B OU C)

A- Se você não assistiu ao final da segunda temporada, como você finalizaria essa trama?

B- Se você já conhece o gran finale, como seria o enredo da terceira temporada?

C- Qual(is) personagem(s) mereceria(m) uma série só para ele(s)? Qual seria o enredo?

Com essa questão, imaginávamos que aqueles alunos-sujeitos familiarizados com esse gênero fariam a suposição de que esse fosse nosso próximo objeto de estudo. No entanto, dos oito que haviam declarado serem leitores de *fanfics*, apenas um imaginou que produziríamos esse gênero. A maioria deles imaginou que faríamos um roteiro de filme ou série.

Depois de expomos questões a respeito do gênero, como características e origem, pedimos àqueles que já conheciam as plataformas que falassem de suas experiências. Esse momento foi importante para instigar os alunos-sujeitos a buscar essas plataformas, independente delas fazerem, naquele momento, parte da aula de Língua Portuguesa. Em seguida, apresentamos a eles a plataforma que usaríamos: a *spirit fanfiction*. Para isso, fizemos *prints* das páginas e montamos uma apresentação em *power point*, pois não tínhamos o acesso pela internet da escola. Nesse momento, pedimos que os alunos-sujeitos criassem, em casa, um perfil na plataforma com os *nicknames* combinados, como já mencionamos na introdução dessa seção.

Depois disso, conversamos sobre possibilidades de *fanfics* a partir do seriado *La casa de papel*, anotando as sugestões dos alunos-sujeitos na lousa.

⁵¹ Vide avaliação na íntegra em Anexo C, no segundo volume dessa dissertação.

Muitos não queriam compartilhar suas ideias com receio delas serem roubadas pelos colegas, mas conversamos sobre muitas possibilidades e auxiliamos aqueles que estavam com dificuldade de imaginar como fariam.

Em seguida, elaboramos uma espécie de roteiro para que pudessem planejar suas narrativas. Essa atividade funcionaria como um “projeto de dizer” no qual poderiam particularizar as ações que os tornariam criadores dos seus discursos, colaborando para a construção de uma autoria. Nesse “projeto de dizer” deveria conter: título, sinopse da história, personagens da série que apareceriam, personagens novos (nesse caso, deveriam descrever essa personagem com características físicas e psicológicas, sua relação com as personagens já existentes, alguma habilidade que teriam, qual ocupação tinham antes de entrar para a trama e que papel desempenhariam na narrativa), lugares onde se passariam a história (sugerimos que usassem imagens no planejamento, para que visualizassem o lugar antes de escrever sobre ele) e ideias para os cinco primeiros capítulos. Pedimos que fizessem esse roteiro no caderno para que pudessem consultá-lo sempre que necessário. Explicamos que as ideias dos capítulos poderiam ser modificadas no decorrer da escrita, mas que deveriam ser pensadas a fim de ajudá-los na organização, principalmente porque se tratava de narrativa longa. Usamos parte da aula para que eles começassem a elaborar esse roteiro e pedimos que terminassem em casa.

À priori, as aulas seguintes haviam sido planejadas para que eles pudessem produzir os textos nos *netbooks* da escola e foi assim que iniciamos. No entanto, essas máquinas estavam sem acesso à internet, o que se tornou mais um obstáculo para a execução da proposta. Os alunos-sujeitos precisariam, então, salvar esses textos em um *pen drive* e publicá-los em casa, porém muitos deles não tinham computadores, apenas smartphones, e outros não tinham *pen drive*, o que tornaria o processo inviável. Com essa diversidade de situações, organizamo-nos da seguinte maneira:

- Os alunos-sujeitos que tinham computadores e internet fariam os textos em casa e publicariam na plataforma. Durante a aula, leriam uma obra literária, com a qual faríamos uma análise e que disponibilizamos em todos os *netbooks* em arquivo PDF.

- Os alunos-sujeitos que não tinham computadores digitariam durante a aula e uma colega voluntária salvaria seus textos em um *pen drive*, mandaria esses textos aos respectivos autores pelo *whatsapp* e cada um publicaria na plataforma pelo celular. Como usariam a aula para digitar, teriam que fazer a leitura da obra literária em casa, esta também enviada em PDF pelo *whatsapp*.

Feita essa organização das aulas, combinamos prazos para a publicação de cada um dos capítulos. Assim, poderíamos fazer os comentários dos textos na plataforma e, em sala, fazer orientações gerais a respeito da escrita.

Muitos alunos-sujeitos tiveram dificuldade na criação de perfil na plataforma, o que nos chamou atenção para a necessidade de um letramento também digital. A dificuldade mais evidente foi em relação ao e-mail necessário para a ativação da conta. Como em muitos *sites*, para se cadastrar no *spirit.fanfiction* é necessário possuir um e-mail ativo para o qual é enviado um *link* que direcionará o usuário para a concretização de sua inscrição. Embora esses alunos-sujeitos tivessem e-mail, não o utilizavam para a função a que, em tese, se destina, isto é, só o tinham porque é requisito para smartphones e perfil em redes sociais, como o *facebook*. Muitas dessas contas estavam, portanto, inativas ou suas senhas foram perdidas. Tivemos que auxiliá-los nessa saga, ora roteando a internet do celular, como já mencionamos, ora pedindo a colaboração de colegas que os ajudavam em casa. Surpreendeu-nos perceber, também, a dificuldade de muitos no manejo do *netbook*, sobretudo para salvar os textos no local adequado, seja numa pasta específica que foi criada em documentos, seja no *pen drive*. Essa surpresa se deu por dois aspectos: primeiramente por essa falta de habilidade contrariar a opinião habitual de que os adolescentes possuem uma espécie de talento nato para manipularem aparelhos tecnológicos; e, também porque no ano anterior havíamos trabalhado com produção textual no *netbook*, projeto que consistia na criação de um livro de memórias em oito capítulos. Isto é, todos esses alunos-sujeitos já haviam passado pela experiência de lidar com a escrita no *netbook* e, ainda assim, não dominavam certos manejos. Mesmo aqueles que tinham acesso à internet e que possuíam computadores apresentaram dificuldades ao lidar com o programa *word* e com a plataforma em si. Também aconteceu de alguns alunos-sujeitos não terem espaço

em seus *smartphones* para baixarem o aplicativo da plataforma e demorarem a entender que podiam acessar pelo site da *web*, sem o *app*. Todas essas dúvidas foram surgindo no decorrer da construção do protótipo e para saná-las usamos nosso aparelho de celular pessoal e nossa internet.

Conforme os alunos-sujeitos iam publicando seus primeiros capítulos, começamos a ler os textos e fazer os comentários. O uso da plataforma como instrumento de trabalho com a escrita nos pareceu excelente. Nela temos acesso a todas as publicações dos alunos-sujeitos, pois além de incluí-los como ‘amigos’, também podemos optar por ‘seguir-los’. Dessa forma, pudemos saber o que leram, o que comentaram e o que publicaram, dando-nos a segurança necessária para monitorá-los e protegê-los, já que ali, também, há histórias para maiores de dezoito anos, as quais falam de sexo explícito e violência. Sabendo disso, já havíamos os alertado e, embora em alguns possa ter surgido curiosidade, não tivemos problemas quanto a isso. Outro aspecto interessante é que pudemos comentar individualmente, fazendo sugestões quanto à escrita e a construção das histórias e, caso necessário, enviar mensagens de forma privada. A contra partida é que precisamos do acesso à internet, o que não acontece em muitas escolas públicas brasileiras. Isso significa que o docente terá que fazer esse trabalho em casa. Mesmo no nosso caso em que há internet na escola e há computadores disponíveis, esse monitoramento não pôde ser feito na escola.

Depois da publicação do primeiro capítulo, pudemos observar que uma parcela significativa dos alunos-sujeitos havia criado seus textos de forma a parecer mais um resumo do que propriamente um capítulo de *fanfic*, que deveria se assemelhar, no aspecto estrutural, a um capítulo de romance ou novela. De primeiro, nos atentamos ao parco tamanho desses textos, cuja carência de caracteres se fazia somar pela ausência duma elaboração textual que constituísse uma narrativa propriamente dita. Em suma, os textos estavam sendo construídos de modo que as ações das personagens, seus movimentos, eram elencados de maneira protocolar, sem desenvolvimento que os justificasse. Assim, foi comum encontrarmos textos sem diálogos, descrições, tensionamentos do arco dramático, conflitos. Não se tratava de questões propriamente linguísticas, que qualquer tipo de trabalho sobre produção textual acaba cedo ou tarde enfrentando. Nosso impasse recaía sobre o enredo em si, carente de traços romanescos, ou seja, tratava-se de

uma questão técnica que precisaria ser abordada; já que a *fanfic* pressupõe um leitor que, guardadas as diferenças, se comporta como um leitor de romances, que precisa ter sua atenção, curiosidade e interesse trabalhados de maneira consciente pelo escritor. Nesse sentido, o trabalho com o gênero *fanfiction* não se difere do trabalho com outros gêneros de cunho narrativo, por isso mencionamos que o uso desse gênero colabora para o letramento em língua portuguesa.

Foi nesse momento que sentimos a necessidade de buscar referências literárias para os alunos-sujeitos. Para isso, primeiramente, levamos para a sala de aula várias obras de autores consagrados: *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; *Cem anos de solidão* e *Crônica de uma morte anunciada*, de Gabriel Garcia Marques; *Barba ensopada de sangue*, de Daniel Galera; *Ensaio sobre a cegueira*, de Saramago; *Terra sonâmbula*, de Mia Couto; *Miguilim e Manoelzão*, de Guimarães Rosa e *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubens Paiva. Com os livros em mãos, fomos comentando sobre o enredo e estilo de cada um deles e, em alguns casos, lendo os primeiros parágrafos. Falamos da importância de, nesse momento, terem referências literárias, já que fílmicas já tinham tido várias. Falamos muito a respeito de como a palavra sozinha, isto é, sem auxílio da imagem e do som, se comporta diferente e exige, por isso, outro tratamento. Falamos das estratégias que precisamos adotar para mostrar o que queremos de maneira cadenciada a nosso leitor. Nessa esteira, abordamos também a relação de curiosidade e interesse travadas entre obra e público, do leitor que se sente atraído pela história e quando não consegue parar de ler. Finalizamos essa explanação alguns minutos antes do término da aula e vários alunos-sujeitos foram até a mesa do professor pedir os livros emprestados, começando com um pedido tímido de uma aluna-sujeito, terminando com vários a frente disputando quem levaria os livros.

Essa situação nos motivou a buscar essas obras em PDF para que todos tivessem acesso. Conseguimos todas. Mandamos os arquivos para os grupos de *Whatsapp*⁵² e salvamos nos *netbooks* para aqueles que usariam a aula para leitura. Em seguida, pedimos para que todos lessem o primeiro capítulo do livro *Barba*

⁵² Temos o número de telefone dos representantes de sala, para os quais mandamos os livros em PDF e outras orientações, e esses encaminhavam para um grupo (de *Whatsapp*) da sala. No decorrer dessas atividades, mandamos via *whatsapp* várias orientações gerais sobre a plataforma, sobre a publicação dos textos, algumas explicações de cunho estrutural da língua, além de recados referentes aos prazos de publicação dos textos.

ensopada de sangue (2012), do escritor contemporâneo Daniel Galera. Nessa obra, narrada em terceira pessoa, há descrições de lugares e personagens com aquele elemento literário, isto é, com imagens e comparações que sentimos falta nas produções dos alunos-sujeitos. Também a obra possui de certa maneira uma linguagem acessível à faixa-etária. No primeiro capítulo, a personagem chega à casa de seu pai, em uma fazenda no interior de Santa Catarina e, nas primeiras sete linhas, descreve o rosto que encontra:

Vê um nariz batatado, reluzente e esburacado como uma casca de bergamota. Boca estranhamente juvenil entre queixo e bochechas tomados por rugas finas, pele um pouco flácida. Barba feita. Orelhas grandes com lóbulos maiores ainda, parecendo esticados pelo próprio peso. Íris da cor de café aguado no meio de olhos lascivos e relaxados. Três sulcos profundos na testa, horizontais, perfeitamente paralelos e equidistantes. Dentes amarelados. Cabelos loiros abundantes quebrando numa única onda por cima da cabeça e escorrendo até a base da nuca. Seus olhos percorrem todos os quadrantes desse rosto no intervalo de uma respiração e ele pode jurar que nunca viu essa pessoa na vida, mas sabe que é seu pai porque ninguém mais mora nessa casa desse sítio em Viamão e porque ao lado direito do homem sentado na poltrona está deitada de cabeça erguida a cadela azulada que o acompanha faz muitos anos. (GALERA, 2012, p. 09)

Só com esse primeiro parágrafo pudemos falar sobre o tempo da narrativa, descrição e como as histórias podem deixar pistas que serão desvendadas no decorrer da obra, como é o caso de quando sentimos estranheza pelo fato da personagem poder jurar que nunca tinha visto aquele homem, mas saber que era seu pai. O leitor só entenderá essa situação nos capítulos seguintes. Em uma das turmas sentimos a necessidade de ler o capítulo na íntegra, pois ali havia alguns alunos-sujeitos com dificuldade também no uso do discurso direto, usado nessa obra.

Para a semana seguinte, pedimos que os alunos-sujeitos lessem o primeiro capítulo da obra *Crônica de uma morte anunciada*, de Gabriel Garcia Marques, a fim de terem uma experiência com outro tipo de narrativa, essa mais rápida, porém não menos descritiva.

Além dessas indicações de leitura gerais e comentários sobre as obras, fizemos outras individuais a depender da escrita e estilo de cada *fanfic*/aluno-sujeito. Sugerimos a leitura do livro *A Trégua*, de Mario Benedetti, cuja narrativa se desenrola por meio do diário íntimo da personagem, para Nonod10, quem escrevia

sua *fanfic* em forma de diário, e *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubens Paiva, para Nonod29 quem buscava um narrador com linguagem informal.

Quanto a questões de cunho gramatical, abordamos a respeito das formas de discurso para as falas das personagens; conectivos temporais, espaciais e argumentativos; uso das orações subordinadas. Também retomamos a questão da importância do conflito, já que notamos que algumas *fanfics* estavam presas em narrar o que as personagens estavam fazendo com o dinheiro do roubo sem apresentar uma questão nova a lidar. Além disso, como grande parte dessas aulas foram dedicadas à digitação ou leitura no netbook, sem aulas de cunho expositivo, pudemos ficar à disposição dos alunos-sujeitos para diálogos. Foram momentos em que permanecíamos na mesa do professor e formava-se uma fila com pedidos de ajuda e dicas de escrita. Muitos alunos-sujeitos vinham contar a respeito de suas histórias e pediam sugestões de como deveriam encaminhá-las. Um exemplo foi o aluno-sujeito Nonod10, cuja *fanfic* estava sendo feita com a forma de diário – como já mencionamos – o qual foi escrito pela personagem Professor quando criança e internado em um hospital; brecha deixada pela série que menciona esse período da personagem, quando ele dizia ouvir as histórias sobre assaltos contadas pelo pai achando que fossem filmes e que, posteriormente, descobrira que eram assaltos cometidos por ele. Esse aluno-sujeito estava incomodado com o fato de achar estranho usar “diálogos” no diário e que sem isso estava achando difícil mostrar ação em seu texto. Conversamos que ele poderia usar o discurso direto com moderação, quando fosse uma fala importante, algo que precisasse ser dito diretamente pelo personagem. Pedimos que explicasse a cena a qual queria deixar com “mais ação”.

Nonod10: Professora, eu quero contar o seguinte: a mãe do professor vai estar disfarçada de enfermeira..

Professora: Por quê?

Nonod10: Por que ela tinha sumido quando ele era bem pequeno e decidiu voltar, aí foi trabalhar no hospital como enfermeira para cuidar do filho...sem ele saber que ela era a mãe dele.... Mas aí o hospital descobre que ela não era enfermeira e dá o maior rolo...aí o professor fica triste porque era a enfermeira que ele mais

gostava....aí ela vai voltar com outro disfarce, não sei ainda qual.... humm... enfermeira de novo não vai dar certo...

Professora: E se você colocar palhaço... já que é comum nos hospitais...

Nonod10: Isso professora, adorei! Aí ela vai voltar como palhaça e o pai do professor vê ela e vai lembrar dela....aí vai ter essa ação...

Professora: Então acho que você não quer criar uma ação e sim um suspense, seguido de choque. Você quer que seu leitor sinta um choque. É isso?

Nonod10: é isso...do jeito que eu escrevi ficou sem emoção...

Professora: Lembra do texto do Daniel Galera? Quando, no capítulo todo, a personagem fica perguntando para o pai sobre o porquê haver uma arma em cima da mesa e o pai não respondendo, disfarçando e ele perguntando de novo e de novo. De repente, no final do capítulo, ponto final, parágrafo e uma frase bruta, com a fala direta do pai: "Vou me matar amanhã."...

Nonod10: Deu até falta de ar....(risos)... era mais ou menos isso que eu queria fazer, professora... Ela vai estar de peruca e o pai vai puxar a peruca dela... vai descobrir que é ela...

Professora: Entendi...e será nesse momento que o professor vai entender que aquela enfermeira, depois palhaça, era sua mãe?

Nonod10: isso...

Professora: Então não é ação mesmo... Você também pode usar uma fala direta do pai. Por exemplo: "Fulana???" ou "Não acredito que você voltou!". E como você não quer usar muito o discurso direto no seu texto, o professor pode contar a cena e dizer, por exemplo, que nunca se esquecerá daquela fala do pai que aquilo fez seu corpo congelar e usar só essa pequena fala do pai, entre aspas. Aí já volta para a cabeça do professor, contando o que ele sentiu...

Além de situações como essa, em que os alunos-sujeitos queriam orientações específicas para suas histórias. Aconteceu com frequência de perceberem o quanto precisavam pesquisar para construir os capítulos. Uma aluna-sujeito, por exemplo, queria que sua história tivesse um novo roubo. Já havíamos conversado com as turmas que se optassem por direcionar suas histórias desse jeito, precisariam justificar esse novo roubo, afinal as personagens já eram todas milionárias. Se fossem roubar, teriam que ter outro motivo que não fosse o

enriquecimento financeiro. Essa aluna-sujeito veio nos perguntar o que suas personagens poderiam roubar que não tivesse esse intuito. Falamos sobre a obra *O código Da Vinci*, que narra a respeito do roubo da *Monalisa*, não apenas pelo seu valor financeiro, mas pelo seu valor histórico. Sugerimos que a aluna-sujeito pesquisasse algo que chamasse sua atenção, uma obra de arte, um objeto importante, simbólico. Na aula seguinte, segundo ela, depois de passar “a tarde toda” pesquisando o museu do *Louvre*, pois ela queria que sua história se passasse em Paris, ela decidiu que o objeto a ser roubado seria a obra *Vênus de Milo*. A aluna-sujeito, com um visível entusiasmo a despeito de sua descoberta, leu uma notícia que contava a indignação do povo grego em relação ao fato dessa obra não estar na Grécia e sim na França. Assim, sua história falaria sobre um grupo de gregos que, inspirados no assalto à Casa da moeda da Espanha, decide roubar a obra e devolvê-la ao seu lugar de origem. Segundo a aluna-sujeito, foi preciso ler quatro horas para escrever vinte linhas. Foi com essa argumentação que os alunos-sujeitos pediram para aumentarmos os prazos para a produção dos capítulos, já que demandavam muita pesquisa. Cedemos, concordando com eles.

Realmente o prazo para finalizar o projeto foi curto. Não queríamos estendê-lo para além do recesso. Primeiro porque precisávamos concluir para analisar os textos e assim escrever a dissertação, depois porque achávamos que o recesso esfriaria a empolgação dos alunos-sujeito. Como não estavam conseguindo cumprir com a escrita dos capítulos aliada às leituras e pesquisas, decidimos pedir até o terceiro capítulo da *fanfic* e não mais até o quinto, como propomos inicialmente. Alguns alunos-sujeitos não gostaram, argumentando que suas histórias haviam apenas começado. Uma aluna-sujeito ainda disse: “*professora, quando a senhora pediu cinco capítulos achei um absurdo! Pensei, a professora quer que a gente escreva um livro? Depois percebi que cinco era pouco. Estou no três e nem começou*” (Nonod28). Vários outros alunos-sujeitos concordaram com seu discurso. Nesse momento dissemos que poderiam continuar suas histórias, mesmo elas não estando mais vinculadas à escola ou às aulas de Língua Portuguesa. Salientamos que os textos estavam muito bons e que deixá-los para trás, sem terminar as histórias, seria um desperdício. Além disso, muitos textos haviam recebido elogios de outros usuários da plataforma e dezenas de visualizações. “*Deixariam seus leitores na mão?*” Provocamos.

Quanto aos desafios na orientação aos alunos-sujeitos, embora saibamos que na maioria das salas de aula o público é heterogêneo, apresentando individualidades, interesses e dificuldades distintas, algumas discrepâncias de desenvolvimento, quando muito dispare, dificultam o trabalho docente. Nessas turmas tínhamos alunos-sujeitos que, por exemplo, seguiram nossas orientações de leitura e leram *Dom Casmurro*, de Machado de Assis ou *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, e buscavam por estilo. O que para nós é um dado concreto do desenvolvimento de suas consciências escritoras. Momentos quando Nonod25 pediu ajuda para desenvolver uma escrita que mostrasse a perturbação mental de sua personagem ou quando Nonod10 dizia sentir que seu texto não estava muito “literário” nos mostraram que o manejo com as narrativas estava lhes proporcionando a consciência necessária para a busca do estilo. Também, a consciência de saber que para escrever precisavam pesquisar – como foi o caso de textos que falavam sobre obras de artes (Nonoa19), sobre a Cidade do México, comida típica, aeroporto e clima (Nonoa03), cultura das touradas espanhola (Nonoa05), doenças mentais (Nonod25), etc. – também demonstrou que, para além do letramento linguístico, esses alunos-sujeitos estavam criando um repertório próprio para, assim, aprofundar suas narrativas; ação que só é feita quando se tem consciência escritora.

Segundo a filosofia marxista, a consciência se constitui da percepção do que é exterior ao indivíduo, não existindo fora das relações entre seres humanos, já que deriva das necessidades da vida em sociedade. Com esse fundamento, Bakhtin (2006) defende que o conteúdo ideológico é fundamental para a formação da consciência, conseqüentemente a interação é a base dessa formação, já que as ideologias são construídas na e pela interação. Nesse sentido, a consciência desses alunos-sujeitos foi possível tendo em vista todo o processo de interação que se estabeleceu desde o início da construção dessas ideias, tanto nas aulas, quanto na plataforma. Também, os alunos-sujeitos sabiam que aqueles enunciados faziam parte de uma prática social, que seriam lidos por leitores diversos, o que os coloca em uma situação real de comunicação.

Por outro lado, tínhamos alunos-sujeitos que não dominavam os manejos básicos da língua, como o caso do Nonoa10, que depois de nos perguntar como poderia mostrar “quando uma outra pessoa falava no texto” e nós, depois de

entendermos que esse outro era uma personagem e o orientarmos que usasse “dois pontos e travessão”, o aluno-sujeito imediatamente escreve em seu texto dois pontos na horizontal (..), seguido de travessão (_), isto é “.. – “. Perguntamo-nos, naquele momento: que circunstâncias levaram esse aluno-sujeito a possuir tal dificuldade com o uso da escrita? Nas aulas de Língua Portuguesa lemos vários textos narrativos, abordamos discurso direto e indireto e esse mesmo aluno-sujeito escrevera, no ano anterior, seu livro de memórias. No entanto, sua dificuldade com as estruturas da língua eram tamanhas que o desenvolvimento pleno de sua narrativa, naquele momento, seria impossível. Para ele, e outros com dificuldades parecidas, tivemos que fazer muitas orientações individuais, daquelas em que o professor precisa se dedicar integralmente àquele aluno-sujeito, ler com ele seu texto, reescrevê-lo. Não parece difícil quando ignoramos que há na sala de aula mais trinta e cinco alunos-sujeitos com outras necessidades.

Para tentar minimizar essa barreira e podermos nos dedicar a essas orientações, precisávamos garantir que os outros alunos-sujeitos ficassem entretidos com alguma tarefa. Aproveitamos essa necessidade e trouxemos para as turmas o filme *Dentro da casa* (2013), do diretor francês François Ozon, que narra a história do professor de literatura Germaine, frustrado pela mediocridade dos estudantes, até ler os textos de seu aluno Claude. Como julga que o aluno tem potencial acima da média, fica obcecado em ajudá-lo. A questão é que Claude, para se inspirar a escrever, faz amizade com um colega de sala e começa a frequentar sua casa, fazendo suas narrativas sobre aquela família. A trama se desenvolve com as leituras dos textos do aluno, as orientações do professor e as reescritas, deixando tanto público, como Germaine na terrível dúvida de não saber até que ponto as narrativas são verídicas. O enredo desse filme dialogava perfeitamente com o que estávamos fazendo: os alunos-sujeitos buscando narrativas bem construídas e um professor que tentava orientá-los. Faríamos um debate posteriormente.

Enquanto a sala assistia ao filme, fomos à biblioteca com os alunos-sujeitos que precisavam de orientações individuais. Temos consciência de que não foi o ideal, uma vez que esses alunos-sujeitos não assistiram a um filme cujo roteiro fora elogiado pela crítica e que nos serviria de reflexões. Contudo, acreditamos que suas urgências eram outras. Também, importante frisar, pudemos confiar nessas salas para deixá-las sozinhas assistindo a um filme, dado que sabemos não ser

encontrado tão facilmente. Outro ponto é que, nesse período, a escola contava com uma direção que dava liberdade para os docentes se organizarem da maneira que preferiam. Fato que não se manteve até o final do ano letivo, uma vez que ocorreram outras mudanças no quadro da equipe gestora.

Nessa altura, muitos de nossos alunos-sujeitos já haviam comentado nas *fanfics* dos colegas de sala, assim como receberam comentários, inclusive de outros usuários da plataforma. Essa troca colaborou para que se sentissem empolgados para a escrita dos capítulos. Esse assunto foi tema de mais de uma aula e gerou vários debates entre eles a respeito da maneira de se portar nas redes, quais os melhores comentários, quais não acrescentam na melhora da escrita. Nessa reflexão, surgiram pautas sobre a postura dos usuários da internet, sobretudo do *Facebook*. Por isso, ampliamos esse debate e pedimos que os alunos-sujeitos levassem *prints* de comentários das redes que gostariam de debater. Nesse momento ficou evidente a necessidade e importância de um letramento que considere as novas formas de ser e estar que as redes proporcionaram, um letramento que considere a multiplicidade de gêneros e semioses do ciberespaço, isso é, um multiletramento.

Por fim, quando a maioria dos alunos-sujeitos havia terminado de postar seus três capítulos das *fanfics*, fizemos orientações gerais para a reescrita, já que os comentários individuais já tinham sido feitos na plataforma, e pedimos que fizessem uma autoavaliação e uma avaliação horizontal – em que avaliam um texto de um colega. Tivemos o intuito de, ainda, criar neles mais consciência escritora. Para essas avaliações, estipulamos quatro critérios e esmiuçamos a nota que cada um valeria. Orientados por esses critérios⁵³, tiveram um prazo para reescrever os textos, autoavaliarem-se e, posteriormente, avaliarem o texto de um dos colegas. Fizemos um sorteio, como uma espécie de amigo secreto. Assim todos seriam avaliados. Aproveitamos para orientá-los a ler e comentar os textos dos colegas.

Usamos vinte aulas para a realização desse trabalho.

⁵³ Vide modelo em Anexo E, Volume II.

4.5 Para as demandas da escola: a resistência do papel

Em outubro desse ano, visto a necessidade de compartilharmos com a comunidade escolar uma amostra do trabalho realizado durante o ano letivo, decidimos, junto aos alunos, montar uma *fanzine*⁵⁴ com todo o material já produzido sobre a série *La casa de papel*. Todo o trabalho com o gênero *fanfiction*, embora a análise da série tenha aparecido nos painéis feitos pelos alunos-sujeitos nos corredores da escola, tinha ficado restrito à *web* e a comunidade escolar, em parte, não teve acesso a essas produções. Nesse sentido, a revista serviria para que pudéssemos mostrar um pouco da produção dos alunos-sujeitos.

Primeiro perguntamos aos alunos-sujeitos quem gostaria que sua *fanfic* saísse na revista, já que, pelo formato dessa produção, não seria possível colocarmos as de todos. Como oito alunos-sujeitos demonstraram esse interesse e, ainda assim, não havia espaço para todas na *fanzine*, optamos por publicar os três capítulos das *fanfics* que se destacaram e o primeiro capítulo das demais.

Os outros alunos-sujeitos puderam escolher de que maneira colaborariam com a revista, seja com matérias relacionadas aos trabalhos desenvolvidos, seja em novas criações, com gêneros relacionados a esse tipo de publicação, como charges e caça-palavras, seja com ilustrações, edição; enfim, nesse momento puderam escolher com o que trabalhar de acordo com suas habilidades ou preferências.

Por fim, dividimos a revista em três partes principais. A primeira seção reuniu todas as matérias relacionadas ao objeto cultural analisado, a série *La casa de papel*; a segunda reuniu as *fanfictions* já produzidas e a terceira, as novas produções, com charges, *quiz*, *memes*, caça-palavras e uma matéria em que um aluno-sujeito compara as personagens da série com os professores da escola. Dois alunos-sujeitos fizeram as capas, das quais uma foi selecionada para a revista. Três alunos-sujeitos fizeram as ilustrações das *fanfics* que seriam publicadas e outros três fizeram a edição da revista, ficando cada um deles responsável por uma das seções. A professora ficou com a incumbência de fazer o editorial.

Ao final, imprimimos alguns exemplares⁵⁵. A escola, nesse período sob nova direção, não deu apoio para a confecção das *fanzines*, pensada de início para a feira

⁵⁴ *Fanzines* são publicações, uma espécie de revista, feitas por e para fãs, nas quais são reunidas diversas produções a respeito do objeto ficcional escolhido, informações, ilustrações, *fanfics* etc.

⁵⁵ Vide Anexo H, Volume II.

cultural da escola e para que pudéssemos apresentar à comunidade escolar uma amostra do que foi desenvolvido. Os papéis custaram caro e não tivemos verba para imprimir exemplares para todos. A escola acabou não imprimindo para o dia da feira, ficando o material restrito aos alunos-sujeitos do nono ano. Nessa feira cultural, um grupo de alunos-sujeitos decidiu fazer uma intervenção artística com o tema Resistência, tratado durante os meses de análise da série, em parceria com o professor de História. Nessa apresentação houve uma encenação teatral com dança e música.

4.6 Para futuros diálogos: nosso protótipo

Nessa subseção apresentaremos nosso protótipo de ensino, elaborado com base na construção das ideias até aqui descritas e discutidas e que se encontra no apêndice dessa dissertação, em seu volume II. A intenção, como já dito na introdução dessa dissertação, é o de fornecer subsídios a professores que desejam trabalhar com o gênero *fanfiction* em sala de aula. O objetivo central no desenvolvimento das atividades descritas adiante foi o de colaborar para que nossos alunos-sujeitos praticassem a escrita de forma real, isto é, que compreendessem que ela faz parte de um uso social da vida e, a partir disso, levá-los à percepção de uma consciência escritora. Nesse sentido, o objetivo foi o de proporcionar atividades em que os alunos-sujeitos pudessem desenvolver as habilidades de escrita. Além disso, nosso intento foi o de levar os alunos-sujeitos a compreenderem que os processos de construção dos sentidos de um enunciado relacionam-se ao caráter dialógico da linguagem. Se, segundo Bakhtin, a linguagem é fruto da interação entre duas ou mais consciências que respondem ativamente a algo (já) dito, desenvolver habilidades de leitura e escrita críticas e autônomas torna-se basilar no ensino de língua portuguesa.

Foi com essa perspectiva que construímos, junto às turmas de nono ano do ensino fundamental, atividades que demonstrassem o universo sócio histórico e cultural da produção dos enunciados analisados, evidenciando que sem ele a construção de sentidos é menos ampla. Assim, por acreditarmos que a linguagem é um processo de interação entre sujeitos, esses carregados de ideologias, saberes, interesses e histórias, nossa intenção com esse material não é o de apresentar uma

sequência pronta e engessada de um trabalho a ser copiado. Esperamos que nossos futuros leitores possam fazer uma leitura crítica e reflexiva desse material em confronto com as múltiplas realidades e contextos em que possam ser inseridos. Por isso, optamos por classificar o que faremos aqui como protótipo, pois é entendido como uma “estrutura flexível e vazada que permite modificações por parte daqueles que queiram utilizá-lo em outros contextos que não o da proposta inicial” (ROJO, 2012, p. 8). Assim, salientamos que não almejamos esgotar as possibilidades no trabalho com o gênero *fanfiction*, pelo contrário, apresentamos aqui apenas uma pequena amostra do que é possível trabalhar com ele em sala de aula. Por isso, aos professores que desejarem conhecer uma amostra desse trabalho e desenvolvê-lo em sua sala de aula caberão a escolha de quais atividades usar ou que sequência preferem aplicá-las.

Dito isso, nosso protótipo didático se organizará em quatro partes, assim como foi a organização construída em sala de aula. A primeira funciona como uma introdução à tipologia narrativa e tem como proposta um trabalho de cotejo com vários gêneros. A segunda aborda o trabalho com a interpretação do objeto cultural a partir do qual será produzida a *fanfiction*. A parte três dedica-se ao trabalho com a escrita propriamente dita das *fanfictions*. A parte quatro contém o processo de organização da *fanzine*. As quatro partes do material foram organizados da seguinte maneira:

- **Comentários para os professores**, onde abordamos alguns pontos teóricos, fazemos sugestões de leitura ou esmiuçamos como se deu o processo de construção daquela atividade;
- **Aula**, onde abordamos o conteúdo que será visto no dia, já direcionado aos alunos-sujeitos;
- **Atividades**, que são propostas de exercícios ou discussões, também já direcionadas aos alunos-sujeitos;
- **Quadro explicativo**, com conteúdos metalinguísticos importantes para o entendimento daquele enunciado;
- **Ampliando o repertório**, com informações para que os alunos-sujeitos aprofundem a significação dos enunciados.

5. ANÁLISE DOS DADOS: o que nos disse essas vozes

Nessa seção apresentaremos a análise dos dados levantados durante a construção desse protótipo, colhidos não apenas na produção final dos alunos-sujeitos, mas também em todo o processo de interação em sala de aula. Como defendemos na seção dois dessa dissertação, acreditamos que a pesquisa aqui apresentada deva se fundamentar metodologicamente no movimento dialético-dialógico, entendendo que na interação com o outro, no diálogo, o sujeito se constituirá; no cotejo, para a construção dos sentidos que emanam dos enunciados, olhando para além do dito e evidenciando alguns silenciamentos; na alteridade, buscando reconhecer as vozes que ecoam do e para o *corpus*; e no movimento exotópico, deslocando-nos do eu pesquisador para o chão da sala de aula e trazendo o excedente de visão dos nossos alunos-sujeitos.

Nesse sentido, procuramos olhar para os enunciados de nossos alunos-sujeitos de forma a dialogar com as aulas de Língua Portuguesa, com a série *La casa de papel*, com o contexto sócio-histórico-cultural da construção dessas aulas e, quando possível, com outras produções desses sujeitos. Nessa análise, embora a construção da ideia tenha sido dialógica, em algum momento privilegiamos observações estruturais dos enunciados, já que também nos propusemos a trabalhar um letramento dito tradicional. No mais, nossa apreciação revela nosso próprio recorte axiológico, isto é, elementos que para nós deveriam ser destacados. Voloshinov, em *Discurso na vida e discurso na arte*, diz que uma obra de arte não é feita apenas por seu autor, mas também pelas interpretações de seus leitores, considerados parte da obra. Isto é, os elementos destacados na análise que se seguirá foram um recorte do que para nós foi importante colocar em evidência, muito embora saibamos que o material produzido durante a construção das aulas possibilitaria um sem fim de leituras e análises.

As produções finais de nossos alunos-sujeitos, sendo construídas dentro de certa atividade humana, portanto dentro de um gênero discursivo específico, a *fanfiction*, carregam marcas dessa especificidade. Por isso, procuramos observar suas produções em sua forma, seu conteúdo e seu estilo, muito embora esse último seja de difícil análise por pressupor uma recorrência que, em nossa proposta, não pôde acontecer, como discutiremos adiante.

Não pretendemos fazer uma análise aprofundada e cuidadosa dos enunciados no que se refere à construção das narrativas, o que demandaria bibliografia específica, fugindo do objetivo de nossa proposta. No entanto, como as *fanfictions* pertencem a essa tipologia, não pudemos deixar de olhar para essa estrutura.

As quarenta e seis produções finais tiveram que ser encaminhadas por e-mail pelos alunos-sujeitos à professora-pesquisadora, já que apenas escritores da plataforma podem “copiar” os textos. É uma medida protetora da autoria. Para isso, um novo letramento digital foi necessário. Nesse momento, os alunos-sujeitos tiveram que entrar em seus perfis, copiar os textos e enviar por e-mail. Quatro alunos-sujeitos não conseguiram fazer esse processo e não pudemos ter acesso à versão editável.

Os dados aqui apresentados se referem a essas quarenta e seis produções finais das duas turmas que finalizaram a construção do projeto. Essas produções não serão analisadas de forma individualizada, mas servirão de aporte para nossas reflexões gerais a respeito dos resultados obtidos. Todas essas produções estão disponíveis no anexo, no segundo volume dessa dissertação, mesmo aquelas que não foram analisadas, já que fazem parte do nosso *corpus*.

Por fim, outro aspecto que gostaríamos de pontuar é que, como descrevemos na seção anterior, fez parte do processo de escrita uma autoavaliação e uma avaliação horizontal – avaliação do texto de um colega. Para isso, os alunos-sujeitos receberam uma tabela⁵⁶ com os critérios para que pudessem se apoiar. Utilizamos esses mesmos critérios para também atribuir uma nota para as produções. Nessa tabela elencamos os seguintes critérios:

- **Registro da língua portuguesa**, em que deveriam ser observadas questões ortográficas, de pontuação e de concordância. Orientamos os alunos-sujeitos a observarem o uso correto dos discursos direto e indireto, já que tinha sido tema de várias aulas.

- **Tema**, em que deveria ser observado o recorte temático escolhido pelo autor da *fanfiction* a partir de elementos da série *La casa de papel*, bem como o desenvolvimento desse recorte.

⁵⁶ Vide Anexo E , no segundo volume dessa dissertação.

- **Narratividade**, em que deveria ser observada a estrutura narrativa em si, levando em consideração a descrição dos espaços e personagens, bem como um conflito gerador da narrativa.

- **Coesão e coerência textual**, em que deveriam ser observadas questões relativas à organização dos parágrafos e elementos coesivos.

- **Título e resumo**, em que deveriam observar se estavam bem relacionados à história e instigavam o leitor. Este critério foi escolhido por ter sido tema de reflexões em sala.

Cada um dos critérios acima descritos foram subdivididos e detalhados em quatro partes, cada uma delas valendo uma quantidade de pontos. Para que os critérios ficassem claros para os alunos-sujeitos, fizemos a correção de alguns textos de forma coletiva. Assim pudemos esmiuçar cada um deles. Antes que fizessem as avaliações, foi estipulado um prazo para que pudessem mexer em seus próprios textos e melhorar o que julgavam necessário. Dessa forma, quando os colegas fossem avaliá-los já estariam na versão final.

Observando a comparação das notas dadas por nós com aquelas dadas pelos alunos-sujeitos tanto para seus próprios textos, como para os textos dos colegas, pudemos ver quais tinham uma consciência escritora mais apurada. Isto é, uma parte considerável dos nossos jovens escritores tinha a consciência de quais aspectos de seus textos deveriam melhorar e em quais estavam bem desenvolvidos. Para melhor visualização, segue a tabela.

Tabela 1 - Autoavaliação e avaliação horizontal

Total de alunos que participaram	33
Avaliaram-se com a mesma nota dada pela professora ou com uma diferença de meio a um ponto para mais ou para menos.	19
Avaliaram os textos dos colegas com a mesma nota dada pela professora ou com uma diferença de meio a um ponto para mais ou para menos.	17
Avaliaram tanto seu próprio texto, como o do colega com a mesma nota dada pela professora ou com uma diferença de meio a um ponto para mais ou para menos.	9

Para Bakhtin, os sujeitos se constituem como tal na interação social. Seu lugar no mundo, no tempo e no espaço, bem como a valoração dos sentidos se dá pelo olhar do outro. A consciência se forma nesse diálogo em um contexto sócio, histórico e cultural e se organiza nos embates - do 'outro para mim', do 'eu para o outro' e do 'eu para mim' - revelados durante o diálogo. Nesse sentido, mais do que a avaliação feita pelos alunos-sujeitos, nos interessa toda a cena dialógica, os sentidos produzidos por eles nesse evento, nessa avaliação. Para Bakhtin, a verdade está na interação, com seus embates e contradições, na tensão das múltiplas vozes e não em um evento isolado.

Também, cada consciência está relacionada com os valores de cada horizonte de expectativas, o que muda de um indivíduo para o outro, mesmo que tenhamos tentado afinar essas expectativas com as explicações em sala de aula. Por isso, observamos que alunos-sujeitos cujos enunciados demonstravam dificuldades linguísticas primordiais, como já citamos na seção anterior, avaliaram seus colegas com uma nota bem acima daquela atribuída pela professora. Nossa hipótese é a de que, ao comparar seu texto, com muitos desvios da norma e pouco desenvolvido, com o do colega, com menos desvios e mais desenvolvido, o aluno-sujeito teve a percepção de que o do colega estaria excelente. Nonoa07, por exemplo, cujas dificuldades com as estruturas da língua foram muitas, como mencionaremos adiante, atribuiu nota nove ao texto do colega que, na verdade, era seis. Embora esse aluno-sujeito não tenha desenvolvido uma consciência escritora, sua percepção em relação à escrita do colega, comparada a nota de sua autoavaliação nos sugere que o aluno-sujeito apresenta indícios de uma consciência, ainda que sua escrita não esteja desenvolvida plenamente. Nesse sentido, esse ato do aluno-sujeito revela sua posição axiológica do que é um bom texto, o que não está livre de embates e revela sua constituição enquanto sujeito. E seu posicionamento foi tomado na relação com o outro, inserido no diálogo.

Dito isso, na subseção 5.1 analisamos em que medida as produções dos alunos-sujeitos refletem um letramento tradicional de escrita. Na subseção 5.2 discorreremos a respeito das vozes observadas nas produções, em cotejo com a interação em sala de aula, no tópico 5.2.1 falamos de autoria e no 5.2.2., de gêneros. Na subseção 5.3 tecemos algumas observações de toda a cena dialógica

da escola, em cotejo com as aulas e nossa proposta e da avaliação dos alunos-sujeito a respeito da construção dessa ideia na aula de Língua Portuguesa.

5.1 O letramento tradicional e alguns diálogos

Nessa subseção, nosso intuito é compreender se os alunos-sujeitos fizeram uso da escrita de forma competente e se, de fato, foi possível verificar um letramento tradicional da língua materna, como propusemos na introdução dessa dissertação. Entendemos que o uso competente da escrita, aqui, se relaciona principalmente a duas questões: ao uso da norma padrão da língua portuguesa e das estratégias para a construção do gênero escolhido.

Em relação à norma padrão, entendemos ser ela transversal em qualquer trabalho nas aulas de Língua Portuguesa, isto é, o conhecimento da ortografia, da pontuação, da acentuação, da estrutura sintática, por exemplo, devem estar presentes ao longo de toda escolaridade. Para a construção de nossas atividades, esperávamos que os alunos-sujeitos fizessem o uso desse conhecimento acumulado ao longo de sua trajetória no ensino fundamental e aplicassem alguns que reforçamos durante as aulas, como o uso correto da pontuação no discurso direto, por exemplo. Também esperávamos que os alunos-sujeitos considerassem a informalidade e a variedade linguística quando essas fossem recursos para a construção das personagens, o que já é o ponto de partida para olharmos para o segundo aspecto que observamos: a construção do gênero *fanfiction*.

Nesse quesito, esperamos que os alunos-sujeitos considerassem a situação comunicativa em que estavam inseridos e seus interlocutores, o que, na construção dessas aulas, pressupunha o uso de recursos expressivos típicos da tipologia narrativa, como figuras de linguagem, discursos direto e indireto e descrições, bem como estratégias para atrair o leitor da plataforma para sua narrativa, com o uso de suspense ao final do capítulo e cadência dos fatos narrados.

Em consonância com o que defendemos, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) estabelece que o eixo escrita:

[...] compreende as práticas de produção de textos verbais, verbo-visuais e multimodais, de diferentes gêneros textuais, considerando a situação comunicativa, os objetivos visados e os destinatários do texto. A escrita compreende a aprendizagem da codificação de palavras e textos (o domínio

do sistema alfabético de escrita), o desenvolvimento de habilidades para produzir textos com coerência, coesão e adequado nível de informatividade. Além disso, a aprendizagem da produção textual envolve habilidades de uso adequado de variedades linguísticas; por exemplo, a escolha do registro apropriado à situação de interação (formal ou informal), a consideração da variedade social ou regional ao se dar voz a personagens de determinada região ou camada social em uma narrativa ou relato, entre outros. (BRASIL, 2017. p.66)

Como a *fanfiction* é um gênero narrativo, observamos em que medida os enunciados dos alunos-sujeitos evidenciaram um aprendizado de recursos dessa tipologia e, também, se compreenderam as especificidades do gênero. Isto é, além de elementos como espaço, tempo e personagens ou os diferentes modos de se contar uma história, seja em primeira ou terceira pessoa, observamos se os alunos-sujeitos utilizaram elementos da série *La casa de papel* para compor suas histórias.

Em primeiro lugar, como podemos visualizar na tabela 2, dos cinquenta e cinco alunos-sujeitos que participaram da construção dessas aulas, quarenta e seis deles escreveram a *fanfic* e trinta e oito as reescreveram. A reescrita nos revela uma participação mais efetiva das atividades, uma vez que esses alunos-sujeitos se propuseram a debruçar em seus enunciados, em diálogo com as aulas e os comentários dentro da plataforma. Esse engajamento também é mencionado na BNCC como habilidade a ser construída nos alunos-sujeitos dessa idade escolar.

Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/ edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário. (BRASIL, 2017. p.155)

Trinta e um alunos-sujeitos também comentaram nas produções de seus colegas, revelando que não apenas participaram escrevendo, como também lendo. Isso nos mostra que houve uma prática de linguagem contemporânea não só envolvendo o gênero transmidiático *fanfiction*, como também novas formas de produzir e de interagir, nesse momento além da leitura dita tradicional, os alunos puderam comentar e “favoritar” as histórias dos colegas.

Tabela 2 - Produção das *fanfics* e interação na plataforma

Aspectos observados / Total de alunos	55
Escreveram a <i>fanfic</i>	46
Escreveram de forma completa (os três capítulos propostos)	38
Comentaram nas <i>fanfics</i> dos colegas	31
Reescreveram seus textos	38

Em relação à estrutura do gênero, todos os alunos-sujeitos compreenderam o que é uma *fanfiction*, isto é, criaram suas narrativas a partir de elementos trazidos da série. Em relação aos elementos da tipologia narrativa, como construção do enredo e personagens, observamos, também, que a totalidade dos alunos demonstrou compreender e aplicar essas habilidades, como mostra a tabela 3.

Tabela 3 - O gênero *fanfiction* e sua narratividade

Aspectos observados	Sim	Não	De maneira parcial
Aproveitou os elementos da série	38	-	-
Respeitou a estrutura narrativa	38	-	-
Conflito demarcado	30	8	-
Desenvolvimento	25	-	13
Diálogos	27	-	11

Quanto ao desenvolvimento dessas narrativas – isto é, se houve uma progressão temática de modo a apresentar uma situação inicial, um conflito gerador e um desenvolvimento das ações de maneira coerente e verossímil, com uso de descrições e diálogos – observamos que uma parcela significativa de alunos-sujeitos não dominou os manejos de forma plena. Citaremos o exemplo do texto do aluno-sujeito Nonoa07⁵⁷:

⁵⁷ Como já mencionamos, essa e todas as produções citadas nessa seção estão em Anexos, no segundo volume dessa dissertação.

“Depois que o maior assalto da Espanha foi feito a quadrilha resolveu parti da Espanhã para dubai, chegando em dubai a quadrilha se reencontram e vão para um hotel da cidade pra conta o dinheiro e dividilo logo em seguida.

- A tokyo desse para comer algo no hotel e liga pro professor avisando que os policiais estão a procura da quadrilha

Logo a pos o professor manda a quadrilha preparar tudo que em 5 minutos a gente estará saindo o professor fala:

- Pra nairobi e o Berlim darem cobertura para o professor e o rio saírem com todo o dinheiro sem que os policiais vejam

Mais um dos funcionário do hotel percebe a movimentação e a aciona a policia Berlim e nairobi rende todos os reféns do hotel [...]”

Nesse trecho inicial do primeiro capítulo da *fanfic* do aluno-sujeito podemos perceber não apenas dificuldades em relação ao registro da norma, como o uso de letras maiúsculas e minúsculas, pontuação, ortografia, concordância, uso do discurso direto e indireto; vemos também uma dificuldade no desenvolvimento dos fatos narrados. Sua narrativa já começa comprometida quando não apresenta ao leitor detalhes da situação inicial do enredo. Que “maior assalto da Espanha” foi esse? Que quadrilha é essa? Isto é, Nonoa07 concebe seu leitor como sendo aquele que já conhece o enredo da série *La casa de papel*. Já que se trata de narrativa feita por e para fãs, imaginamos que essa concepção de leitor seja aceitável. No entanto, um detalhamento das ações posteriores ao fim da segunda temporada seria de importância significativa para fãs que desejam saber o destino das personagens. Quando o aluno-sujeito diz que *“a quadrilha resolveu parti da Espanhã para dubai, chegando em dubai a quadrilha se reencontram e vão para um hotel da cidade pra conta o dinheiro e dividilo logo em seguida”* não consegue detalhar as ações das personagens, narrando como a quadrilha conseguiu sair da Espanha, de que maneira chegou a Dubai, se estavam todos separados ou em duplas, como o final da segunda temporada deu a entender, enfim, o desenvolvimento precário dos fatos não possibilita que um leitor se sinta atraído pela narrativa, pois o texto não cumpre a função romanesca.

Segundo a BNCC, os alunos-sujeitos dessa faixa etária devem saber:

Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo (BRASIL, 2017. p. 155).

No segundo parágrafo, não conseguimos entender se a personagem Tóquio ‘desce’ logo em seguida da divisão do dinheiro para comer e ligar para o Professor e este não estava presente nessa divisão; ou se houve um salto temporal, ou seja, se, depois da divisão, o Professor vai para outro lugar e, passado um tempo, Tóquio liga para ele. Isto é, houve uma ruptura entre o que foi narrado no primeiro e o que foi narrado no segundo parágrafos, não nos fornecendo detalhes que preencheriam essas lacunas temporais. Os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo usados pelo aluno-sujeito - “depois” (I1) e “logo a pós” (I6) – não foram suficientes para dar coerência temporal à narrativa. Também o aluno-sujeito não observa a falta de verossimilhança na ação aparentemente cotidiana de “descer para comer alguma coisa” e “estar sendo procurada pela polícia”; ou seja, dada a dimensão do caso, um roubo sem precedentes na história da Espanha, em que a quadrilha em questão entra na mira da polícia internacional, a atitude da personagem aponta um disparate narrativo, que poderia, talvez, ser amenizado caso houvesse um apontamento dessa irresponsabilidade de Tóquio, uma descrição que justificasse tal ação. Como isso não ocorre, há considerável perda de verossimilhança. Essas lacunas lógico-temporais se mantêm ao longo do seu texto, comprometendo a coerência do enredo. Nonoa07, portanto, embora conheça a estrutura narrativa, não conseguiu desenvolvê-la de forma plena.

Outro dado percebido na composição textual do aluno-sujeito Nonoa07 se refere à construção precária dos diálogos. Esse recurso que, por alto, serve para emprestar ao texto uma proximidade maior entre leitor e personagem – já que há suspensão do narrador para que se fixe a dicção das personagens, deixando a cargo do leitor uma interpretação mais autônoma – o texto do aluno-sujeito não

consegue cumprir minimamente essa função. No trecho “*-A tokyo desse para comer algo no hotel e liga pro professor avisando que os policiais estão a procura da quadrilha*”, o aluno-sujeito até esboça alguma consciência que correlaciona o uso do travessão ao fato de que alguma personagem vai dizer algo, isto é, que Tóquio dirá ao professor da busca que a polícia faz à quadrilha, e há predisposição em sinalizar esse evento. No entanto, a conversão necessária entre o discurso indireto para o direto não é realizada. Há, no lugar, cumprindo tentativa de indicar o diálogo, o uso do gerúndio “avisando”, seguido do pronome “que”, incidência que impossibilita a voz das personagens de aparecer. Em suma, o aluno-sujeito desconhece a dinâmica da construção dos diálogos em narrativas escritas. Em sequência, podemos perceber a reincidência desse aspecto e fazer mais alguns apontamentos, eis o trecho: “*o professor fala:- Pra nairobi e o Berlim darem cobertura para o professor e o rio saírem com todo o dinheiro sem que os policiais vejam*”. Mais do que certa consciência da dinâmica dos diálogos, conforme expusemos há pouco, percebemos que o projeto de construir um diálogo se inicia de forma mais clara e direcionada que o exemplo do trecho anterior. Aqui, o narrador indica a personagem, o verbo no presente do indicativo, “fala”, e, em seguida, utiliza o sinal tradicional que aponta para o início dum diálogo, o dois-pontos. Não podemos ignorar que se trata duma apropriação, ainda que limitada, de aspectos próprios da narrativa, o movimento inicial é ensaiado com os devidos itens, contudo, o que se segue é a manifestação do discurso indireto, no mais, é, ainda, o narrador quem emula as vozes das personagens.

O trecho que destacamos traz mais um exemplo acerca do baralhamento entre os discursos direto e indireto, no entanto, no exemplo que mostraremos agora, ocorre o contrário, é o discurso direto que invade o indireto: “*Logo a pos o professor manda a quadrilha preparar tudo que em 5 minutos a gente estará saindo o professor fala:*”, ante o truncamento que se faz no nível sintático, admitimos que existe mais de uma hipótese interpretativa para esse trecho, façamos primeiro a que viemos discutindo nesse período. Em primeiro, é o narrador quem diz “*Logo a pos o professor manda a quadrilha preparar tudo*”, em seguida ocorre um câmbio narrativo que, na esteira do que temos apontado, evidência uma insuficiência de recursos em relação à tipologia narrativa, pois é já uma personagem quem assume a voz, sem que haja qualquer indicação referente a essa mudança – “*em cinco minutos a gente*

estará saindo”. Tal ruptura que, em grande medida, se deve ao uso da forma pronominal “a gente”, responsável por fundir as vozes do narrador e personagem, não pode ser tomada por indício de discurso indireto livre, já que supomos ser impossível ao aluno-sujeito, conforme sua redação nos mostra, transgredir uma norma sem antes dominá-la.

A outra hipótese interpretativa, menos provável, seria a de que a indicação “o professor fala” ao final do período teria o intento de situar a fala do professor. Consideramos menos provável essa hipótese pelo uso que o aluno-sujeito fez do dois-pontos, indicando que a “fala” não foi, mas estaria por vir. Além do que, devido ao grau de precariedade que se encontra o texto, se torna pouco provável o uso, nesse caso, de uma sofisticação desse narrador que recupera uma informação.

Em relação à construção da trama em si, conflito, clímax, em suma, elementos que pudessem tornar sua *fanfic* passível de despertar curiosidade leitora dentro da plataforma, cumpre dizermos que os aspectos discutidos acima atravessam todo o texto e é devido a eles que, em grande medida, a leitura dessa *fanfic* se torna não fluida, pouco clara e truncada. No mais, há um aspecto sumário na narrativa, um narrador que parece resumir a história, com pouca narratividade e bastante pressa. Entretanto, para sairmos dum nível meramente crítico, é importante reconhecermos alguns indícios de apropriação do gênero trabalhado, ainda que esboçados de forma tímida e pouco articulada. O primeiro deles diz respeito à presença dum *módus* da série, qual seja, a emboscada, o confronto com as autoridades, as cenas de ação, a arquitetura dum plano mediante a manipulação de reféns, além do que, há ainda, no primeiro capítulo, um reaproveitamento da característica de uma personagem muito importante, o professor, que é quem fornece o componente intelectual para a quadrilha. Nesse sentido, embora com as limitações já apontadas, podemos encontrar elementos importantes do gênero *fanfic* na produção do aluno-sujeito Nonoa07⁵⁸.

⁵⁸ O referido aluno-sujeito fez parte da última turma de “aceleração escolar” do município de Praia Grande. Nessas turmas eram realocados os discentes que estavam fora da idade escolar e que não tinham sido alfabetizados. Ressaltamos que esse aluno-sujeito estava no grupo que orientamos na biblioteca da escola enquanto os demais da turma assistiam a um filme. Fizemos parte da reescrita do texto (Seu capítulo 2) junto a ele, explicando questões relativas tanto à estrutura, quanto a progressão temática. O aluno-sujeito ouviu atentamente as explicações e rascunhou algumas alterações durante essa aula, já que imprimimos seus textos da plataforma para essa orientação. No entanto, o aluno-sujeito fez apenas algumas alterações na plataforma, mesmo tendo acesso em casa. Questionado, disse a nós que não tinha tempo, trabalhava de servente de pedreiro depois da aula. Nonoa07 almejava o fim do ano para que pudesse trabalhar o dia todo e “ganhar um pouco mais”.

No capítulo dois, há um alargamento espacial: personagens se deslocam até a França; talvez uma tentativa de propor um novo horizonte narrativo, já que nas temporadas assistidas há restrição no sentido de toda narrativa se passar na Espanha. Ademais, fica evidente, em alinhamento à série, conflitos internos da quadrilha. No mais, há novamente a presença da emboscada seguida de tiroteio, a reiteração desse traço pode nos revelar carência de recursos e inexistência de planejamento narrativo. Em contrapartida, há um esforço de conferir à narrativa uma ação. Outro dado que merece destaque nesse capítulo é o elemento improvisado que surge no enredo. Sem forçar a nota, podemos observar uma percepção e reprodução por parte do aluno-sujeito da ambivalência entre plano e contingência que a série apresenta.

O capítulo três repete certo padrão que o aluno-sujeito demonstra ter se apropriado, o da emboscada seguida de tiroteio. A resolução para o conflito final, que é quando um policial decide solicitar a documentação do carro para Rio numa parada rotineira é o da expectativa frustrada, já que o agente da lei, após certa tensão, não consegue desvendá-lo. Merece destaque também o desfecho, que, repetindo certa gramática das séries, conclui a narrativa, no entanto, adiciona brechas para os outros episódios. Mais um aspecto que demonstra o diálogo do aluno-sujeito com o gênero série.

Os enunciados, compostos pela versatilidade do signo ideológico, revelam seu traço dialógico. É um evento único, mas está no elo da cadeia comunicativa. A *fanfic* de Nonoa07 apresenta suas individualidades, seus acertos, deficiências e escolhas, e ecoa as vozes de outros enunciados, da série *La casa de papel*, do repertório fílmico e das aulas de Língua Portuguesa, ainda que demostre dificuldades. Segundo Bakhtin (2017) os enunciados estão sempre em diálogo com outros enunciados, reverberando vozes de outros sujeitos, outros enunciados. Para Volochínov (2013), a estrutura do enunciado é organizada por sua dialogia constitutiva.

Nonoa24 foi outro aluno-sujeito com dificuldades para desenvolver sua narrativa de forma plena. Sua *fanfic* se propôs a revelar o paradeiro dos assaltantes depois do *gran finale* da série, por isso, as personagens Denver e Mônica aparecem nos dois primeiros capítulos e Rio e Tóquio, no terceiro. Isto é, a intenção foi a de

percorrer as histórias de todas as personagens. A questão problemática na narrativa de Nonoa24 é que o conflito por ele apresentado não foi suficiente para que pudesse desenvolver as ações, como vemos abaixo:

“Um mês depois do Assalto, Denver e Mônica foram morar na Argentina, em Buenos Aires.

Moram numa mansão gigantesca com muitos quartos, alguns dias depois Mônica recebeu uma notícia do falecimento do seu bebê.

Ela fica de depressão e Denver tentar fazer de tudo pra agradala. Ela começa a ter pensamentos de suicídio.

Ela ligar para uma pessoa, a pessoa misteriosa, atende e diz :

- Quem é?

- A Mônica !

- Oque vc quer ?

- Quero um conselho

- Que conselho ?

Diz ela com uma voz de choro :

- Oque devo fazer ? Quero me suicidar

- Você é muito nova, Mônica você ainda tem uma vida inteira pela frente, isso é por causa do bebê ?

- Sim

- Você é muito nova ainda, você pode ter muitos filho pela frente...

- Mas eu não consigo mais viver, não consigo sair na rua, queria estar morta agora !

- Não faça isso, você é uma mulher forte, bola pra frente.

- Obrigada, você pensar no que vc disse

- Pense bem”

O trecho acima, embora também insuficiente, comete bem menos desvios em relação à norma padrão que o aluno-sujeito Nonoa07 e demonstra um conhecimento mais sólido acerca da construção de diálogos, ou seja, o aluno-sujeito Nonoa 24 maneja com mais propriedade o recurso dos discursos direto e indireto. Basicamente, o que se percebe reiteradamente em relação ao desvio da norma está

ligado à segmentação de alguns vocábulos, como é o caso de “oque” e “agradala”, também há o uso da forma abreviada do pronome de tratamento “você”, que aparece como “vc”. Tratam-se de questões ligadas à grafia, no caso do segundo exemplo, diz respeito propriamente a uma inadequação, uma vez que não há justificativa narrativa para o uso dessa abreviação, ainda que seja a *fanfic* um gênero que opera por meio da internet e essa forma esteja ligada à rede. Notamos também, que diversas frases dos diálogos surgem sem pontuação ao final.

Como parte considerável do trecho elencado consiste num diálogo, convém dispensar atenção a esse dado. Tomando, ainda, por analogia o texto do aluno-sujeito Nonoa07, percebemos um domínio dos discursos direto e indireto que atravessa todo o texto. Se no trecho analisado anteriormente não se podia delimitar com clareza a distinção entre narrador e personagem, aqui tal truncamento não ocorre. Dessa forma, por exemplo, no trecho *“Ela ligar para uma pessoa, a pessoa misteriosa, atende e diz: - Quem é? - A Mônica !”* há clareza suficiente para entendermos as três vozes que estão manifestas: narrador, pessoa misteriosa e Mônica. Ainda que haja o uso do infinitivo “ligar” no lugar desse verbo no presente do indicativo, o que poderia dar ao trecho melhor cadência e, ainda que a repetição do substantivo “pessoa” aponte para uma falta de fluidez textual. Ainda assim, o trecho esboça que o aluno-sujeito mobiliza conhecimentos importantes para a construção dum diálogo claro, bem delimitado e com incursões do narrador bem controladas. Em suma, tecnicamente o aluno-sujeito Nonoa24 domina os recursos necessários à construção de diálogos, o que, todavia, não garante que tais diálogos funcionem bem no interior da narrativa, é o que veremos adiante.

Recuperando o que foi dito dessa *fanfic*, que a aproxima da produzida pelo aluno-sujeito Nonoa07, trata-se de seu início, cuja ausência de detalhes não consegue dar conta de realocar o leitor na nova trama que se desenvolverá. A narrativa, nesse sentido, é incapaz de despertar curiosidade no leitor, visto que, seu caráter sumário atenua a construção dum conflito. Também os diálogos vão nessa direção que, dada a insuficiência do conflito, por vezes esbarra na inverossimilhança. Isto é, Mônica está deprimida pela morte do filho, liga para uma pessoa misteriosa, desejando que essa lhe dê um conselho, tal pessoa lhe responde que “- Você é muito nova ainda, você pode ter muitos filho pela frente..” , em seguida, quando Monica menciona certa inclinação ao suicídio, em reação ao estado

das coisas, a pessoa misteriosa responde: “- Não faça isso, você é uma mulher forte, bola pra frente.” Posteriormente, Mônica demonstra satisfação ante a resposta-conselho ouvida e promete pensar sobre o que foi dito. Como se percebe, o elemento inverossímil se traduz na simplificação com que um impasse de grande dimensão é resolvido sob o signo da trivialidade.

Cumpra agora comentarmos, de modo geral, os três capítulos escritos pelo aluno-sujeito Nonoa24, no sentido de verificar em que medida ele conseguiu compor uma narrativa atraente aos leitores da plataforma em termos de conflito, clímax, verossimilhança. Em primeiro, um aspecto que foi percebido ao longo de toda sua *fanfic* foi o uso demasiado dos diálogos para compor a história. Tal constância, que não configura um erro – nesse caso em específico, poderia ser um indício de estilo, caso tivéssemos outros enunciados em que tal recurso aparecesse – esbarra no elemento da inverossimilhança apontado por nós. Ainda assim, notamos um esforço por parte do aluno-sujeito em construir diálogos.

Acerca do segundo capítulo, embora haja alguma confusão entre o foco narrativo - é Mônica quem inicia narrando, mas ao final o narrador observador reassume a narração, sem nenhuma indicação – demonstra um esforço de preencher lacunas deixadas propositalmente no primeiro capítulo. Aqui, o leitor fica sabendo as circunstâncias em que se deram a perda do bebê de Mônica, também há a revelação da identidade da pessoa misteriosa que forneceu o tão valioso conselho para Mônica: é Arturo, seu ex-companheiro, fato que desencadeia uma intriga cuja irrupção se dará no atropelamento de Denver. Tomando por base que a série em razoável parte não segue uma temporalidade linear, isto é, há constantes avanços e recuos em relação ao tempo, o aluno-sujeito, ao incorporar tal dinâmica ao seu texto, demonstra uma apropriação em relação a esse aspecto da série.

No terceiro capítulo, há uma alternância de núcleo, é a personagem Rio quem entra em cena, há um encontro com sua família após o roubo. No mais, o trecho, em grande parte composto por diálogos, tem por objetivo situar essa personagem às voltas com sua antiga vida familiar, já que Rio é o membro mais novo e menos agressivo do grupo. Também esse recorte de núcleo demonstra domínio narrativo em consonância com a série. Ademais, interessa-nos nesse capítulo o seu final, que mostra Rio atropelando um homem, que, pelos elementos sugeridos ao longo do texto, talvez seja Denver. Caso essa hipótese se confirme, há

demonstração de sofisticação narrativa, qual seja, o cruzamento de dois núcleos narrados em separado. Fato que não conseguiremos saber se se cumprirá, já que o aluno-sujeito não escreveu o quarto capítulo.

Por fim, ainda que o aluno-sujeito Nonoa24 demonstre tais conhecimentos, visível, por exemplo, quando deixa um gancho narrativo ao final de todos os capítulos de sua *fanfic*, a narração sumária, com pouca descrição, prejudica em muito a leitura, fato que nos faz avaliá-la como insuficiente.

Já Nonod25, por exemplo, conseguiu desenvolver de forma plena o tema a que pretendia. No primeiro capítulo, o aluno-sujeito inicia sua história narrando um trecho do final da segunda temporada da série, quando a personagem Berlim, durante a fuga dos assaltantes, decide ficar para trás, protegendo-os da polícia. Esse primeiro capítulo ajuda o leitor a compreender qual será o direcionamento pretendido pelo autor em sua *fic* e qual personagem terá destaque. Na cena final do capítulo, o jovem escritor descreve o momento quando a personagem leva vários tiros da polícia, dando a certeza ao leitor (e telespectador, no caso da série) de que Berlim morreu:

“A cada bala disparada contra eles, três vinham de volta em minha direção, e enquanto perdia gradativamente o ar, minhas pernas ficando bambas, meus olhos se escurecendo, e cada última gota de vida em mim presente se esvaindo, pensava que agora já terminara. Estava feito! Meu irmão finalmente viveria em paz, Helsinque aproveitaria finalmente um pouco de paz e deixaria partir em paz seu companheiro, podendo aproveitar a vida com um pouco mais de gosto. E Ariadna... aquela vagabunda poderia morrer em paz sabendo que seu amor se havia sacrificado por uma justa causa, e então quem sabe um dia até sentiria saudades.

Sim, era a hora tão esperada. Estava feito!”

Observamos que o aluno-sujeito fez um bom uso da descrição, não só nesse trecho, mas nos três capítulos de sua *fanfic*. Também, a escolha pelo foco narrativo em primeira pessoa favorece a perspectiva pretendida pelo autor, qual seja, a de dar voz a uma das personagens da série.

No segundo capítulo, o aluno-sujeito inicia a narrativa com os últimos lampejos de consciência da personagem para, em seguida, fazer um *flashback* para sua infância:

“Engraçado, sempre achei que essa ideia de vislumbrar sua vida em seus últimos suspiros fosse nada mais do que mera ilusão e vã esperança, vi porém que não é como eu achava. A cada tiro que a metralhadora mandava para cima dos desgraçados da merda da polícia, eu lembrava cada vez mais de minha infância, se é que pode se chamar aquele lixo de época de 'infância'...”

* * * * *

* * *

Em uma manhã fria como todas as outras, depois de me levantar da cama onde eu mal conseguia dormir por não terem mais que um ou dois lençóis amontoados como colchão, fui até meu guarda - roupa e vesti meu velho uniforme da escola, saí do quarto pronto para descer as escadas em direção à cozinha, quando passando pelo corredor ouvi um barulho estranho no quarto dos meus pais, alguns gritos e risadas, descí, isso era costumeiro. Cheguei à cozinha e fui até a geladeira onde estava o resto da minha janta da noite passada, coloquei ela por um tempo para esquentar no fogão e me preparei para comer, nesse momento vi minha mãe entrando na cozinha, cabelos todos bagunçados e com sua camisola nova.

-Bom dia mamãe

Ela como sempre não me respondeu nada, baixei a cabeça e comecei a comer, foi quando notei um homem estranho descendo as escadas, barba feita, botas ligeiramente novas, uniforme um tanto amassado da companhia elétrica, me encarou por um curto período de tempo, deu um sorrisinho para minha mãe e disse que se ela precisasse de ajuda para pagar mais alguma conta, podia contar com ele. O homem cheirava à cerveja de longe, cambaleava até a porta com um sorriso que... era um tanto estranho. O que esse homem estava fazendo na minha casa? A mamãe estava tão sem dinheiro que precisava de ajuda para pagar a conta de luz, de água semana passada e a multa que o papai ganhou no mês anterior? E como eles estavam ajudando ela? Nossa eles devem ter muito dinheiro e serem muito bonzinhos para estarem ajudando a mamãe sempre. Meus pensamentos se interromperam quando a mamãe ralhou:

-Olha pro teu prato moleque, não tem que comer não?!"

Notamos que o aluno-sujeito, em uma tentativa de humanizar a personagem, que é vista como machista e desequilibrada pelos telespectadores da série, desenvolverá sua *fanfic* de modo a justificar suas ações futuras. Nesse texto, percebemos uma cadência das ações e um cuidado ao descrever a situação da personagem por meio de seu olhar ainda infantil: o leitor entende antes do menino Berlim que sua mãe estava se prostituindo para pagar as contas da casa. O autor conseguiu dar conta, na construção da narrativa, de duas perspectivas: o que meu personagem sabe e o que meu leitor precisa entender.

O aluno-sujeito utiliza-se de uma pontuação não convencional para demarcar a mudança temporal de sua narrativa – os asteriscos. O aluno-sujeito, ao colocar essa demarcação entre a narração de quase morte da personagem e suas lembranças da infância demonstra ter a percepção de que seu leitor precisará disso para compreender esse salto temporal.

Em relação ao uso da norma, verificamos que o aluno-sujeito domina os manejos e regras gramaticais, seus períodos estão bem organizados e faz uso do discurso direto de maneira satisfatória. O uso de poucas falas em detrimento da narração introspectiva dialoga com o objetivo de fazer o leitor entender a psiquê dessa personagem.

Ressaltamos que esse aluno-sujeito fez as leituras sugeridas pela professora não apenas no decorrer da construção dessas aulas, mas em anos anteriores também. Machado de Assis e Gabriel Garcia Marques foram autores lidos por ele. Nonoa07 e Nonoa24 não fizeram as leituras sugeridas. Essa relação, qual seja, a de quem lê escreve melhor, foi percebida em outras produções.

Façamos agora algumas observações gerais em relação à *fanfic* produzida pelo aluno-sujeito Nonod25. Por ser uma leitura cadenciada e fluida, a curiosidade leitora é satisfeita, tal aspecto, conjugado ao êxito em relação ao tom da personagem, que é reproduzido de maneira satisfatória, torna sua narrativa plenamente adequada. Esse aspecto, qual seja, o sucesso na reprodução de traços característicos duma personagem, cumpre função de extrema importância no gênero *fanfic*, uma vez que a relação de fã, próprio desse gênero, é acionada quando determinada personagem é inserido em novo movimento narrativo. Nesse sentido,

tanto melhor será a história quanto mais próximo essa(s) personagem(s) se aproximar(em) do original. Na verdade, o movimento ideal seria o de, pela leitura, o leitor ter certeza que realmente é a mesma personagem quem vive novas aventuras. Sem prejuízo da seriedade, seria como assistir a um show *cover* de um artista a que se admira muito. A simbiose perfeita ocorrerá se tanto a aparência do artista quanto sua voz, a perfeição do arranjo da banda que o acompanha se aproximar do original. Embora haja um acordo tácito que nos assegura de que aquele não é o artista de fato, demandas importantes dos fãs podem ser satisfeitas.

Retomando o fio, estamos de acordo que a *fanfic* ora analisada consegue esse feito, qual seja, o de suprir as necessidades dos fãs. Para além duma humanização gestada à Berlim, conforme apontamos há pouco, que o aluno-sujeito consegue dar conta, o perfil obtuso da personagem, ora capaz de grande maldade com laivos de psicopatia, ora sendo justo, até sensato, é refeito com bastante competência, isto é, no decorrer da leitura o leitor é “convencido” de que está diante de Berlim. O foco narrativo escolhido é, como foi posto, um acerto.

Em face dos textos analisados anteriormente, tendo por horizonte os elementos: verossimilhança, projeto de texto e norma padrão, notamos significativa distância que se opera entre os textos dos alunos-sujeitos Nonoa07 e Nonoa24 em relação ao de Nonod25. Nessa altura, convém discutir alguns elementos desses níveis. À priori, se os dois primeiros textos, embora com distinções significativas, esbarrem no elemento inverossímil, no texto analisado não encontramos tal deslize; pelo contrário, há, isso sim, uma reafirmação da verossimilhança, mostremos alguns exemplos. Nonoa07 cria situações de descuido cometido pela quadrilha que, dada a dimensão do roubo que acabaram de realizar, cuja destreza e senso de planejamento são evidentes, torna-se improvável de ocorrer. Nessa esteira, Nonoa24 além de simplificar temas complexos como depressão, uso de drogas, perda de um filho, insere um dado bastante controverso, o tabagismo da personagem Mônica, que a fazia fumar por volta de 10 maços por dia. Tal exagero, que em termos de narrativa se traduz em inverossimilhança, demonstra, talvez, falta de pesquisa e certa limitação em termos de repertório cultural. Em sentido oposto, Nonod25, ao aproveitar as falas ditas por Berlim no episódio final da série “SOMOS ROMEO E JULIETA. SOMOS BONNIE E CLYDE. SOMOS... OS AMANTES DE TERUEL”, acerta no timbre da personagem. Tal trecho incorpora as facetas mais

importantes dessa personagem, qual seja, o cruzamento de cultura clássica com a cultura popular (cinematográfica). Além do que, Berlim, ao longo da série, demonstra alguma sofisticação cultural que, no entanto, sempre surge sob o código da subversão, dessa forma, casais que simbolizam um ideário bastante cristalizado de romantismo, posto em contiguidade com um casal, Bonnie e Clyde, de assaltantes retratam bem a personalidade bipolar e contraditória dessa personagem.

Em face de um projeto de texto, pensemos na seguinte sequência: Em Nonoa07 não se pode perceber um projeto; em Nonoa24 ocorre planejamento, no entanto, faltam recursos para alcançá-lo; em Nonod25 há claro planejamento e cumprimento desse plano. Pensemos mais demoradamente sobre esses aspectos. A primeira das *fanfics* analisadas demonstra que o aluno-sujeito não arquitetou sua narrativa de modo a deixar claro que rumo a quadrilha tomaria nessa nova etapa da história. Assim, o que ocorre é a repetição de uma cena de ação (tiroteio), sem que a narrativa avance, que perpassa os três capítulos apresentados. Já na *fanfic* do aluno-sujeito Nonoa24 conseguimos notar o recorte, há uma problemática em evidência, Mônica, Denver e Rio, ao que parece, farão parte dum conflito de grande proporção, entretanto, narrativamente, a história não consegue concluir satisfatoriamente o plano almejado. No texto de Nonod25 é evidente que o horizonte a ser tratado é o da personagem Berlim, basicamente, em recuo temporal contextualizar seus traços vis. Tal projeto, delimitado, é alcançado com êxito. Nessa mesma conjuntura opera a adequação em relação à norma vigente. Embora haja, é verdade, desvios no texto de Nonod25, porém são eles pontuais e de pouco – ou nenhum – prejuízo para a compreensão global do texto.

Por fim, um elemento que não pode ser ignorado nessa análise diz respeito ao tamanho dessas narrativas, utilizando dum dado da própria plataforma, Nonoa07 e Nonoa24 escreveram *fanfics* com 986 (novecentas e oitenta e seis) e 957 (novecentas e cinquenta e sete) palavras, respectivamente, ao passo que Nonod25 escreveu uma história com 3029 (três mil e vinte e nove) palavras. Estamos de acordo do cuidado que se deve ter frente a sugestões dessa ordem, ou seja, a de correlacionar tamanho com qualidade, dizendo de modo habitual, uma longa narrativa não significa que ela seja, propriamente, boa, tanto é verdade que a história de Nonoa07 é um pouco maior que a de Nonoa24, no entanto, inferior a ela. Ainda assim, cremos ser um elemento significativo, principalmente não perdendo de

vista os textos analisados, Nonod25 demonstra maior fôlego, vocabulário, adequação linguística, o que confere ao seu texto certa robustez.

Outro exemplo de fanfic desenvolvida de forma plena é o do aluno-sujeito Nonoa19.

“Capítulo 1 - O Retorno

Sophie foi caminhar pela praça como sempre fazia todas as manhãs. Enquanto observava o vento levar as folhas das copas das árvores, sentou-se em um banco que havia na praça, pegou um jornal que estava sobre ele e começou a folheá-lo. “Já se passaram três anos do assalto a casa da moeda da Espanha”. Quando seus olhos leram de relance a manchete, ela lembrou de seu marido Adam. Ele ficou fascinado com o aquele assalto desde o início, sempre acompanhava pela televisão tudo o que acontecia dentro e fora da casa da moeda, algumas vezes ele conversava pelo telefone com um desconhecido, ele nunca comentava sobre esse homem com Sophie e isso a deixava desconfiada.

[...]

Capítulo 2 - Primeiro Passo

Adam se dirigiu até a casa onde havia ficado esses dois anos, foi lá que ele passou sua infância e parte da adolescência. Quando entrou naquele lugar pela primeira vez depois de anos, ele lembrou de quando seu avô contava histórias sobre estátuas e mitologias gregas. Ele contava muito sobre a Vênus de Milo, uma estátua grega que foi descoberta na Ilha de Milos, no ano de 1820 por um camponês que procurava pedras para construir um muro. Ele vendeu a estátua por um preço muito baixo para navegantes franceses que estavam no mar Egeu á procura de peças arqueológicas de valor. Um tempo depois, ela foi apresentada para Luís XVII, rei da França na época, então, a pedido do rei, a estátua foi levada ao museu do Louvre. Seu avô também dizia que esta estátua nunca deveria ter saído da Grécia, e que um dia, ela ainda voltaria para o seu devido lugar.

Adam ficou fascinado com esta estátua desde seus doze anos, ele planejou esse roubo com a intenção de levá-la de volta a Ilha de Milos, não para ganhar dinheiro, mas sim por motivos patriotas e para realizar o sonho de seu avô.”

Para não incorrer em repetição desnecessária, podemos afirmar que, em razoável parte, os êxitos da fanfic do aluno-sujeito Nonoa19 repetem o do Nonod25,

isto é, verossimilhança, narratividade, planejamento de texto. Chamemos atenção, então, para o que aqui se destaca. Em primeiro, podemos destacar o foco narrativo em terceira pessoa. Tal escolha, diferente da *fanfic* analisada anteriormente, além de contextualizar de maneira clara os novos elementos em que se darão a história, imprime um ritmo bem timbrado, que já dá pistas ao leitor das novas relações que serão postas. O capítulo dois além de manter o ritmo iniciado apresenta um dos grandes acertos dessa *fanfic*, elemento importante para o tipo de história ao qual o aluno-sujeito se propôs a contar, a pesquisa. Isto porque, a nova trama que se inicia terá por horizonte um novo roubo, não mais ligado a dinheiro, e sim, para utilizar dum termo da própria história, com motivação patriótica: Adam pretende roubar uma obra de arte do Museu do Louvre para trazê-la ao seu país de origem. Podemos dizer que o argumento, bem resolvido e delimitado, consegue ser sustentado pelo ritmo narrativo acertado, conjugado à pesquisa que confere maior solidez e verossimilhança à história. Destacamos que foi centro dos debates, quando da análise da série, o roubo ser entendido pelo personagem Professor como forma de resistência, um roubo que, embora seja concreto – milhões de euros – tinha cunho simbólico, uma forma de subverter a ordem capitalista.

Aqui ressoam os debates feitos em sala e a hipótese interpretativa que mais se sobressaiu quando da análise da série, qual seja, ser seu tema a resistência em não aceitar padrões estabelecidos. O enunciado de Nonoa19 coloca em debate o fato de a França ser possuidora de grandes obras do mundo todo, como é o caso de da estátua grega *Vênus de Milo*, abordada pela narrativa. O signo é sempre ideológico, nunca neutro. Por isso, ao justificar que Adam não tinha interesses financeiros com o roubo, Nonoa19 se posiciona contrária ao roubo por si só. Aqui há motivações nobres: devolver a estátua a seus verdadeiros donos.

5.2 O letramento dialógico

Sob a perspectiva de uma análise dialético-dialógico, com base nas ideias do Círculo de Bakhtin, como já expomos na seção dois dessa dissertação, nessa subseção tentaremos demonstrar as vozes de nossos alunos-sujeitos e a interferência de outras possíveis vozes em seus discursos.

Também, pretendemos demonstrar, pelas observações nas produções finais em cotejo com a interação em sala de aula, indícios de autoria revelados. Como propusemos a produção de um gênero pertencente ao campo literário, acreditamos ter proporcionado, na medida do possível, um espaço de expressão e manifestação de subjetividades. A partir dos horizontes valorativos de nossos alunos-sujeitos, suas realidades foram refletidas e/ou refratadas pela linguagem.

Em *O método formal nos estudos literários* (2012), Medviédev defende que a literatura, por não refletir a vida de forma concreta, mas sim figurativa, emula a perspectiva social, materializando a vida e produzindo signos. Assim, o ato ético é moldado por uma forma estética e com certo acabamento, de acordo com a composição do gênero e o projeto de dizer do autor pessoa (BAKHTIN, 2017). A arte reflete a vida e revela os embates e conflitos sociais, pois o enunciado possui “[...] ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo” (2017, p. 297). Nesse ponto, o diálogo ganha corpo. Ao olharmos para os enunciados de nossos alunos-sujeitos, propomo-nos a investigar os ‘ecos e ressonâncias’ que deles reverberam, tanto de outros enunciados, como de outras vivências, das aulas, da escola, dos colegas, da série *La casa de papel*. Assim, nossos alunos-sujeitos são, antes, sujeitos que respondem a todos esses diálogos sociais, pois são participantes ativos. Suas *fanfics* estão repletas dessas vozes, pois respondem a todo esse universo e pretendem ecoar em futuros enunciados.

Não descartamos, por outro lado, que a escola, pela sua concepção institucional, acaba por impor valores e silenciar as individualidades dos sujeitos. Nesse sentido, muito do que foi produzido pelos nossos jovens escritores carrega essa marca. Muitos deles, quando planejavam suas escritas, perguntavam se podiam escrever de determinada forma ou sobre determinada personagem. Por mais que tentamos deixar claro que a única ressalva era a de que suas produções devessem dialogar com a série estudada, a pergunta “*assim pode, professora?*” apareceu.

Portanto, o recorte axiológico feito pelos nossos alunos-sujeitos e expressos por meio dos enunciados concretos apresentados foram construídos não apenas

pela interação sala de aula/professor/série/aluno-sujeito/plataforma/leitores, mas também por suas concepções do que podiam ou não escrever.

Em primeira análise, a partir do momento que propusemos aos alunos-sujeitos que pensassem e registrassem em seus cadernos o planejamento para a escrita, intencionamos criar um espaço onde eles pudessem criar seus “projetos de dizer”, expressão usada por Bakhtin ao tratar das elaborações discursivas que os sujeitos fazem antes de concretizá-las. Isto é, todos nós arquitetamos o discurso antes de efetivá-lo. Quanto mais formal for a situação comunicativa, mais detalhado será nosso projeto de dizer. No caso de nossos alunos-sujeitos, esse projeto estava submetido à situação de ser um texto narrativo que deveria dialogar com a série estudada, ou seja, pertencer ao gênero *fanfiction*. Seria lido pela professora e estaria disponível em uma plataforma e poderia ser lido por várias pessoas. Nesse sentido, nossos jovens escritores deveriam levar adiante seus planejamentos de escrita – ou projetos de dizer – sob imposições de um gênero e de certa situação comunicativa, tendo uma atitude responsável. No entanto, mesmo submetidos a essas imposições, o sujeito não precisa renunciar sua subjetividade e, algumas delas podemos detectar nas produções finais de nossos alunos-sujeitos.

5.2.1 Autoria e outras vozes reveladas

Em Nonod03, Nonod15, Nonod17, Nonod19 e Nonod29 pudemos detectar autoria, cotejando suas *fanfics* com outras produções desses alunos-sujeitos, tanto escritas quanto orais. Isso não significa que apenas esses possuem essa habilidade, mas sim que não conseguimos detectar em outros. Primeiro porque o próprio sistema educacional não o permite quando um professor possui mais de trinta e cinco alunos-sujeitos por classe e mais de cinco turmas. Essa quantidade de alunos-sujeitos dificulta o que nos propusemos aqui, que é olharmos para os sujeitos, suas individualidades e autorias. Nos casos citados, o olhar dialógico foi fundamental para essa percepção, uma vez que precisamos reconhecer nos enunciados as vozes desses sujeitos.

Em Nonod03 conseguimos identificar autoria pela escolha temática que fez ao narrar a mesma história da série pela perspectiva da personagem Arturo. Essa personagem, considerada a mais odiada pelos telespectadores, passou a narrativa a

planejar uma fuga para os reféns, atrapalhando por vezes os planos dos assaltantes e submetendo os colegas em apuros. Arturo também não demonstrou ética em alguns momentos da trama, já o primeiro episódio nos mostra que tinha uma amante e que, esta estando grávida, não demonstra vontade de assumir o filho. Também, em várias maquinações para acabar com o assalto, essa personagem coloca algum outro refém para concretizar os seus planos, ficando ele apenas nas elucubrações e passando a ação perigosa para outra personagem. Nonod03, ao planejar sua *fanfic*, decidiu mostrar que o verdadeiro resistente da narrativa era Arturo. Foi ele quem tentou subverter a ordem dos fatos, não aceitando ser submisso às ordens dos assaltantes. Nonod03, em outros momentos das aulas, demonstrou ter a mesma necessidade de analisar o outro lado da história, sendo chamado algumas vezes por seus colegas de “do contra”. Quando trabalhávamos a análise da série, o aluno-sujeito já sinalizava um interesse em desvendar mais sobre essa personagem e questionou, quando falávamos sobre resistência, se Arturo também não o seria, já que lutava contra os assaltantes.

Se pensarmos em cotejo com outros momentos das aulas de Língua Portuguesa, esse modo de estar no mundo de Nonod03 pôde ser observado. Quando estávamos preparando a sala para um debate a respeito dos benefícios e malefícios da internet e nenhum aluno-sujeito quis ficar no grupo que argumentaria contra essa tecnologia, gerando manifestações da turma quanto à impossibilidade de ser contra essa questão, Nonod03 se posicionou dizendo que ficaria no grupo que iria maldizer a rede. Como bom argumentador que é, acabou por influenciar alguns colegas a também ficar nessa equipe. Enfim, como é um aluno-sujeito que se manifesta e participa ativamente das aulas, foi possível identificarmos que a busca por enxergar um viés que a maioria não vê é uma característica de Nonod03. Nesse sentido, acreditamos que na escolha em narrar a mesma história da série, porém com a perspectiva da personagem Arturo, o aluno-sujeito demonstrou o recorte axiológico que faz da realidade, imprimindo sua individualidade.

O aluno-sujeito também imprimiu sua individualidade quando, na tentativa de humanizar Arturo, narra que no passado a personagem era pobre e sofria com as enchentes da cidade:

[...] lembro como se fosse ontem a cena que eu disse a ela naquela casa de madeira, em que em uma simples e fraca chuva molhava tudo que lá dentro havia e então nós pedíamos a Deus toda noite para não ter uma tempestade muito forte, porque senão ficaríamos sem uma moradia, mas acabou por acontecer, depois de 1 mês e meio que estávamos ali, foi uma cena horrível eu estava voltando do meu simples trabalho de limpar a casa da moeda, e enquanto estava no transporte público a caminho de casa para ver minha amada, eu olhei para o céu e vi que pesadas nuvens estavam a caminho e então comecei a suplicar a Deus que não fosse uma devastadora tempestade, [...] e chorando dentro do ônibus eu estava vendo a grande chuva começando a cair, e estava a dois pontos da minha casa e tive que descer do ônibus por que a rua já estava alagada com pouco menos de meio metro de altura a água empoçada, e fui me esforçando correndo por entre aquela quantidade enorme de água desesperado, e pensando em tudo mas ao mesmo tempo pensando em nada ou talvez os pensamentos estavam fluindo tão rápido que eu mal conseguia parar para pensar em cada um, e estava perto da minha casa quando uma correnteza feita por tanta água veio trazendo minha cama, que estava com minha camisa que eu coloquei em cima dela de manhã antes de ir trabalhar, e então peguei a camisa e coloquei em meu ombros e deixei minha velha cama passar e fui me aproximando da minha casa e vi minha mulher a mesma que eu trai no futuro, mas naquela época tudo era diferente o dinheiro não fazia a minha cabeça, mas então acabei por chegar em minha e o teto a um fio por cair, e eu e ela começamos a desesperadamente pegar tudo o que desse para salvar, que foram só algumas roupas que colocamos em mochilas velhas que tínhamos, e uma mala que estava com o zíper quebrado [...] E nós desistimos de salvar “tudo” por que grande maioria de nossos bens foram por água a baixo e eu olhei para o rosto dela desamparado e triste a chorar [...].

Em primeiro, Nonod03 entendeu que ao aprofundar os sentimentos e vivências de uma personagem poderia subverter uma visão cristalizada que o espectador possa ter construído dela. Nessa cena, Arturo, depois de saber que sua amante Mônica estava grávida, lembra-se de todo seu passado sofrido junto com a esposa, que não o abandonara nem nos piores momentos. Diante dessas reflexões e de suas lembranças da esposa companheira, Arturo age de forma ríspida com a

notícia da gravidez de Mônica. Arturo percebe, nesse momento, que não estava agindo certo.

A rispidez de Arturo com Mônica, na primeira cena em que aparece na série, foi interpretada pelos alunos-sujeitos como ponto chave para que os telespectadores o olhassem como vilão. A partir daquele momento, as interpretações das ações dessa personagem teriam esse filtro: ele traiu a esposa e não assumiu o filho da amante. A *fanfic* de Nonod03 tenta subverter esse olhar. Já em seu primeiro capítulo ele justifica essa atitude, descrevendo o arrependimento de Arturo tanto em ter um relacionamento fora do casamento, como o de ter tratado Mônica de forma ríspida. Nossa hipótese é que o aluno-sujeito tenha apreendido uma dinâmica da série *La casa de papel*, qual seja, a de fazer com que o telespectador desenvolva, contraditoriamente ao posto pela sociedade, uma empatia pelos bandidos. Na realidade empírica essa empatia dificilmente aconteceria, pois o lugar de “bandido” é bem demarcado socialmente. No plano narrativo, por outro lado, a forma como foi arquitetada a construção das histórias dessas personagens levou os telespectadores a se afeiçoarem a eles. Nonod03 segue a mesma lógica ao ampliar o horizonte da personagem, narrando fatos passados e reflexões que, de alguma maneira, dão conta de justificar ou, ao menos, explicar suas ações. Se pensarmos em cotejo com as reflexões em sala quando do debate sobre a transferência do olhar cristalizado dos heróis e vilões das narrativas para as personalidades públicas da vida real, vemos que Nonod03 dá indícios de ter compreendido e, de algum modo, superado, essa dicotomia.

No *flashback* transcrito acima, notamos que o aluno-sujeito, ao descrever a vida pobre de Arturo, insere uma problemática típica da baixada santista: as enchentes. Na cidade de Praia Grande são comuns transtornos decorrentes das chuvas com a maré alta: moradores perdem seus pertences, ruas ficam intransitáveis. Quer dizer, o aluno-sujeito faz uso de uma vivência sua, de uma ideia que para ele reflete um sofrimento da população pobre, para compor sua narrativa.

Em Nonod29, também em cotejo com outras produções do aluno-sujeito, não apenas em relação à construção dessa ideia, mas a de outras aulas e no ano anterior a construção dessa ideia, pudemos verificar que sua individualidade estava marcada na *fanfic*. A narradora construída pelo aluno-sujeito apresenta a mesma acidez e ironia demonstradas em outros enunciados construídos por ele, como o

livro de memórias no oitavo ano, em 2017, quando no prefácio já percebíamos que se tratava desse aluno-sujeito: *“Escrever é como se fosse uma segunda voz que nós temos e.... ” se quiser ler e ver o resto da frase tumblr leia meu livro. Já entreguei o convite, aceita se quiser, te obrigar não posso, certo?*”. Aqui, o aluno-sujeito, ao fazer o convite a um leitor pretendido, demonstra não se importar caso esse leitor não queira ler suas memórias. Também nos debates em sala de aula e comentários das atividades, esse aluno-sujeito costuma se posicionar de maneira ácida e irônica, quase mal humorada.

Sua *fanfic* não foi diferente, já o título - *“O depois de “La Casa De Papel”, ou de qualquer outra coisa”* – demonstra uma acidez, um mal humor em definir do que se tratará sua história. O enredo se passa depois do assalto e começa com o encontro entre as personagens Professor e Raquel, como mostra o final da segunda temporada. A narração é feita por uma personagem nova, numa espécie de fluxo da consciência, quase que como um diário. Essa personagem está observando Professor e tem planos em relação a ele e aos outros assaltantes. Esse plano não nos foi revelado nos três primeiros capítulos.

Nossa hipótese é que o autor-pessoa se deslocou para o autor-criador, movimento denominado pelo Círculo de exotopia, discutido em *Estética da criação verbal* (2017), quando das reflexões acerca da elaboração e acabamento da obra pelo autor. Isso ocorre quando se coloca a partir do ponto de vista da personagem para observar o mundo e, retornando a si, carrega esse excedente de visão que o auxiliará na construção de sua obra. No caso da *fanfic* de Nonod29, sua personalidade apareceu na construção de seu narrador. Eis um trecho:

*“Com licença senhor, você teria um carregador para me emprestar?
Pergunta Raquel ao balconista.*

Então um homem de terno branco com um sorriso se vira para Raquel e diz...

- Bem... Eu não tenho carregador para de emprestar, mas se quiser pode usar o meu celular...

E assim que o professor ou Salva (ou Salvito como o chamo), encontrou o amor de sua vida, a mulher por quem avia se apaixonado perdidamente e que quase FERRO! Com o plano todo por causa dela! (desgosto TOTAL, ela nem é bonita!!!).

Bem você deve estar confuso agora certo????!! Achando que sou uma louca, psicopata, maníaca, doente ou uma perseguidora “apaixonada” pelo professor. Né?! Bem...posso ser louca sim, maníaca e perseguidora só virei agora para a informação de vocês!

Ah!! e já ia esquecendo, sim, eu também sou doente, mas não mentalmente e sim fisicamente, pois desenvolvi uma doença que é uma herança de família. Não é uma das melhores heranças que alguém pode ter,mas fazer o que né?

Ah! Que grosseria eu nem me apresentei. Meu nome é... não pera não importa agora mais tarde eu falo, por enquanto podem me chamar de ALASKA. E pra ser mais direta ao ponto essa história é minha mais precisamente de como minha vida chegou ao fim, mas foi um dos melhores finais q eu poderia imaginar para mim.

Bem por enquanto é só o que vão saber de mim e vão tirando suas próprias conclusões, mas já vou avisando que eu sou fria e até demais para uma garota de 18 anos então sinceramente, não me importo se gostarem de mim ou NÃO!”

A escolha de Nonod17 e Nonod19 também nos pareceu ser carregado de autoria. Ambos escolheram desvendar o passado da personagem Rio, o assaltante que dominava a tecnologia e ficou responsável, no assalto, por monitorar as câmeras, os celulares e, antes do assalto, por investigar câmeras de segurança e comprar armas no mercado negro. Sendo a personagem mais jovem do grupo, Rio se destaca pela beleza e pelo envolvimento com Tóquio, por quem se apaixona, não se importando com a diferença de idade entre eles. Imaturo e passional, a personagem colocou o plano do Professor em risco por mais de uma vez no decorrer da narrativa. A escolha de Nonod17 e Nonod19 por essa personagem se relaciona com seus interesses particulares em computadores e tecnologias. Ambos são fãs de games e são os primeiros a se manifestar quando o assunto é computador. Um deles foi editor da *fanzine Fanfiqueiros de papel* e autor da capa escolhida da revista. Essa relação entre as preferências dos alunos-sujeitos e a escolha para a construção da *fanfic* só foi possível porque as aulas de Língua Portuguesa sempre foram entendidas de forma dialógica e como um espaço para manifestação de individualidades.

A *fanfic* de Nonod15 narra os acontecimentos posteriores à fuga dos assaltantes. Em seu enredo, a inspetora Raquel irá ao encontro do Professor não para viverem uma história de amor, como o último capítulo da série mostra, mas sim para investigá-lo e prender todos os envolvidos no assalto.

Assim que definimos a escolha por essa série, chamamos os pais para assinarem uma autorização para a realização do trabalho. Além de essa autorização ser parte obrigatória para a pesquisa com seres humanos, preocupava-nos o fato da série ter classificação indicativa de idade superior a de nossos alunos-sujeitos, mesmo que a maioria deles já tivesse assistido a série em casa. Na ocasião, um pai de uma aluna-sujeito foi à escola querendo entender melhor esse trabalho. Para ele, essa escolha ia de encontro com o que pregava em casa. Temia que essa “valorização” dos bandidos afetasse a educação e os princípios religiosos com que orientava sua filha. Pastor de uma igreja evangélica da comunidade e claro em seus posicionamentos, o pai queria entender os objetivos de nossa proposta e, depois de mais de uma hora de conversa, assinou a autorização, confiando em nossos argumentos.

Uma prerrogativa da série foi a de despolarizar o binômio ‘lei *versus* fora da lei’, o que, em última instância, corresponderia a ‘bem *versus* mal’. Logo, fica patente a ideia de que a casa da moeda funciona como símbolo de instituição que opera sob a tutela da lei, sendo deflagrada quando Professor, no clímax da narrativa, verbaliza o que a série vinha demonstrando: os mecanismos que fazem tal instituição ser mantenedora de um *status quo* das desigualdades. Em outras palavras, o Professor explicita uma ação que é comumente invisibilizada: o roubo institucionalizado. A casa da moeda imprimira milhões de euros durante a crise europeia para salvar bancos, enquanto a população pobre sofria com as consequências. No entanto, essas ações não foram interpretadas como ‘fora da lei’, enquanto a ação dele de imprimir dinheiro para esses ‘assaltantes’ o fora.

Nesse sentido, embora o telespectador da série seja convidado a partilhar da visão dos ‘bandidos’, a *fanfic* de Nonod15 preferiu subverter a essência desse pressuposto, qual seja, a de que o roubo tenha justificativas plausíveis e os bandidos, genuínas. Nossa hipótese é a de que a escolha de Nonod15 seja um reflexo de sua construção ideológica familiar. A maneira como foi arquitetada sua *fanfic* demonstra defesa de seus valores, revelando seu posicionamento. A aluna-

sujeito coloca em embate as ideologias trazidas da família com as trazidas pelo enunciado original, imprimindo sua individualidade.

Para Bakhtin, o signo linguístico reflete e refrata os valores das diversas vozes sociais de certo momento sócio histórico e das relações estabelecidas pelos sujeitos discursivos no momento do ato de enunciar. Por isso, ao analisar a linguagem, o círculo defende que a realidade determina o signo, e este está em constante transformação. Assim, removê-lo da interação social é colocá-lo a serviço das classes dominantes, o que tornaria o signo monovalente, pronto, estanque, morto, impregnado apenas de uma ideologia, sem entraves ideológicos ou lutas de classes. Na série *La casa de papel*, por exemplo, ao olharmos para toda a construção narrativa conseguimos subverter a visão dominante de 'bandido como uma representação do mau', uma vez que não olhamos apenas para o significado morto do que é ser bandido, olhamos para toda a cena dialógica da narrativa: as motivações para cada ação, as justificativas para o roubo, a coerência dada para cada situação. Será inserido nesse diálogo que o telespectador compartilhará dos posicionamentos da personagem Professor. E foi dessa perspectiva que partiram a maioria das análises de nossos alunos-sujeitos.

As palavras são signos por meio dos quais materializamos nossas ideologias, que, por sua vez, são respostas dialógicas que concordam ou discordam de algo posto, de algo já dito, de outras ideologias. Dessa premissa, Bakhtin/Volochinov (2006, p. 47) formulam que o signo é “a arena onde se desenvolve a luta de classes”. Nessas lutas, representadas por forças ideológicas opostas, há forças que tentam manter os valores tradicionais e outras que contestam a tradição e que acabam por trazer novas significações para o signo. São as forças centrípetas e centrífugas, respectivamente. A *fanfic* de Nonod15 reflete as forças centrípetas que imperam na nossa sociedade, principalmente nos tempos atuais, em que as dicotomias 'bem e mal', 'certo e errado' invadiram as esferas políticas e foram incorporadas ao discurso de igrejas evangélicas conservadoras. Nesse contexto, tais instituições religiosas acabaram por adotar uma defesa do militarismo, da punição, sem analisar esses signos de forma contextualizada. “Bandido bom, é bandido morto” se tornou mote dessa perspectiva, na qual o contexto social ou histórico não foram vistos para compor essa análise. Nesse sentido, a *fanfic* de Nonod15 tenta, em acordo com suas ideologias familiares e religiosas, reestabelecer a ordem das

coisas, o que é bom é bom, o que é mau é mau, conservando as forças centrípetas. Assim, bandidos precisam ser presos, policiais prendem os bandidos.

5.2.2 Gêneros

Como já discorremos no decorrer dessa dissertação, o gênero discursivo acaba por orientar não apenas o que dizer, mas também o como dizer e constitui-se de certa situação comunicativa. Para Bakhtin “ao falante não são dadas apenas as formas da língua nacional (a composição vocabular e a estrutura gramatical) obrigatórias para ele), mas também as formas de enunciado para ele obrigatórias, isto é, os gêneros do discurso.” (BAKHTIN, 2017, p.285). Assim, as escolhas dos alunos-sujeitos, suas vontades discursivas, estavam limitadas a escolha desse gênero.

Com esse pensamento, acreditamos que as dificuldades em planejar o discurso e concretizá-lo estão relacionadas não apenas a faltas de habilidades linguísticas, mas, principalmente – ariscamo-nos a dizer, já que se tratam, aqui, de alunos-sujeitos do último ano do ensino fundamental – a ausência de práticas sociais dos sujeitos que os insiram nessa situação comunicativa específica. Isso porque, como nos observa Bakhtin, “todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do topo” (2017, p. 282), isto é, tudo o que dizemos está na forma de algum gênero discursivo, os quais “nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna [...] que não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas mas de enunciados concretos que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos” (2017, p. 282/283). Portanto, o domínio desses enunciados relativamente estáveis está relacionado à vivência das práticas sociais inerentes a eles. Nesse sentido, o recorte que faremos para tratar da maneira como nossos alunos-sujeitos lidaram com o gênero se relacionam a práticas outras, não apenas a desenvolvida na escrita da *fanfic*.

Nonod10, por exemplo, que escreveu a respeito da infância da personagem Professor, desenvolveu sua *fanfiction* incorporando a ela outro gênero, o diário. A nossa suspeita é que essa transposição de um gênero para outro se deu em decorrência do nosso trabalho de leitura ter se dado com múltiplos gêneros. Isso

possibilitou que o aluno-sujeito adequasse o gênero ao seu projeto de dizer, sem que para isso deixasse de cumprir a proposta, qual seja, a produção de uma *fanfiction*.

Nonoa03, outro exemplo, construiu sua narrativa de modo a transpor o estilo do gênero série para sua *fanfiction* quando iniciava os capítulos com o final do anterior e quando os terminava em momentos de clímax para instigar a leitura do seguinte. Essas duas estratégias, típicas dos seriados televisivos, foram escolhas feitas pelo aluno-sujeito a fim de cumprir seu projeto de dizer. Aqui, vemos também uma transposição de um gênero para outro.

Nonoa05, além de também transpor a estratégia da interrupção em momento crucial ao final dos capítulos, também utilizou o mesmo estilo, agora entendido como autoral, da série *La casa de Papel*, quando desenvolveu seu enredo em planos paralelos, um no presente e outro no passado, como a série fez.

Bakhtin, ao tratar de estilo faz distinção daquele relacionado ao gênero, isto é, aquele que é indissociável de determinadas unidades temáticas ou composicionais, sendo, portanto, um elemento integrante do gênero; daquele autoral, isso é, aquele que reflete a individualidade do falante.

Nonoa03 e Nonoa05, nessa perspectiva, estariam reproduzindo o estilo do gênero discursivo série e, no caso desta, o estilo do enunciado *La casa da papel*. Por outro lado, se Bakhtin considera que “a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico” (2017, p. 269), podemos entender que ao escolher essas marcas e não outras, os alunos-sujeitos em questão demonstram indícios de autoria, assim como a escolha pelo hibridismo dos gêneros de Nonod10. Nossa hipótese é a de que essas escolhas, conscientes para concretizar seus projetos discursivos, demonstram uma consciência escritora importante para o desenvolvimento da autoria, que também é processual.

Para pormenorizar a análise, faremos algumas observações pontuais de duas dessas *fanfics*. Em senso comum, é habitual dizer que um bom escritor é, antes, um bom leitor. Tal prerrogativa, em se tratando de *fanfic*, possui menor generalidade, visto que o gênero deve manter algum vínculo com a obra original. Dessa maneira, criar a partir de, significa ter se apropriado desse objeto original. Além do que, quando da análise de *La Casa de Papel*, insistimos na ideia de descobrir alguma “brecha narrativa” que pudesse ser aproveitada; isto é, identificar

na série algum elemento que poderia ser explorado para além da história original. Logo, essa busca, estamos de acordo, depende de uma leitura atenta. Criar a partir de, mantendo algum vínculo com a obra original, envolve atenção, retomada, ponderação, cuidado, escolha, criatividade e observação. O aluno-sujeito Nonoa05, de maneira exemplar, ilustra bem a confluência desses fatores na construção de sua história intitulada *Segundo Round*, da qual faremos análise.

Um dado que emerge duma leitura geral dessa história diz respeito à escolha que o aluno-sujeito fez em construir sua narrativa com vistas a emular o tom da obra de origem. Essa opção aponta para um gesto de natureza estilística, tendo por base a premissa de Bakhtin, que considera “a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante um ato estilístico” (2017, p.269). Nesse sentido, o traço estilístico que aqui se concretiza se dá numa busca por manter certa atmosfera do original que perpassa toda sua narrativa. Cumpre destacarmos que esse espelhamento não é regra no gênero *fanfiction* - em ocasião faremos análise de exemplo que não segue tal lógica. Essa foi uma escolha do aluno-sujeito. Desse modo, essa atmosfera é alcançada pela reprodução de elementos da série tanto no plano formal, quanto do conteúdo. Os capítulos operam à maneira folhetinesca, com final servindo de gancho ao próximo e sua narrativa trabalha com sequência temporal não-linear, características essas presentes no original. Sobre esses dois aspectos, o primeiro se dá sob os signos do gênero discursivo “série”, ao passo que o segundo atua ao estilo do enunciado *La casa de Papel*. Em face do conteúdo dessa *fanfic*, embora o conflito central não repita um outro assalto, como algumas narrativas fizeram, a história traz traços importantes do original: cenas de ação com fugas e tiroteios, arquitetura de um plano que visa antever a ação dos antagonistas – sobre esse ponto, a cena em que Nairóbi resgata o filho e o leitor só fica sabendo nesse momento que a babá fora, dias antes, subornada, contém ingrediente que se encontra com frequência em *La Casa de Papel*, qual seja, o “estar um passo adiante” – e uma parcela de contingência que colide com o planejamento das personagens, exigindo desses imprevisto e re-planejamento.

Conforme afirmamos, o gênero *fanfic* determina que a nova produção mantenha algum vínculo com o objeto que a originou; no caso do texto do aluno-sujeito Nonoa05, a opção de se emular a atmosfera da série já cumpriria tal prerrogativa. Entretanto, a escolha em manter as personagens originais, inclusive

dar voz narrativa a uma delas – é Nairóbi quem narra, mais uma transposição do estilo de *La casa de papel*, já que essa é narrada também por uma personagem, Tóquio – reforça ainda mais esse vínculo, pois são personagens já conhecidas pelo público, delas já são esperadas certas posturas e atitudes. Nesse ponto, cumpre retomarmos o início desse tópico, em que relacionamos a *fanfic* bem sucedida com uma leitura atenta. O fato do aluno-sujeito Nonoa05 ter conseguido reproduzir de forma convincente a dicção de certos personagens, sobretudo da narradora, as características preponderantes de cada personagem retratado e suas possíveis (re)ações frente aos mais variados temas, demonstra um domínio que só pode ser obtido por conta de uma apropriação profunda do título trabalhado. Nossa hipótese é a de que se trata de um aluno-sujeito que assistiu a série mais de uma vez, de maneira autônoma, à maneira de um fã mesmo.

A título de exemplo, Nairóbi conduz a nova trama cuja oscilação entre momentos de violência e ternura reproduz a psique da personagem original, inclusive a dureza de suas falas, seus palavrões convencem o leitor fã da série. Trata-se daquele esforço de tentar apagar ao máximo a diferença que possa vir a ter entre o novo e o original. Outro exemplo acertado está no trecho em que os membros do grupo se reencontram para tentar resolver o novo problema que a eles se apresenta, alguém sabe da quadrilha e os está perseguindo, a atmosfera se dá numa aura de tensão, no entanto, Denver diz ao cumprimentar o professor: “Caralho professor, você continua um gostoso.” Em seguida todos riem. A irreverência da frase, dita de maneira natural, em tom jocoso a quebrar o gelo da ocasião, funciona em perfeita consonância com o que conhecemos da personagem retratada.

A brecha narrativa usada por Nonoa05 para a construção do conflito reforça a ideia de que o aluno-sujeito tenha feito uma leitura atenta. O novo conflito gerador de sua narrativa e o desenrolar que se fará dele foram criações feitas a partir de uma brecha narrativa. O aluno-sujeito traz a personagem Alejandro Diaz, que aparece em um episódio da série em que o Professor o menciona como possível opção para comandar a polícia quando do assalto, mas que é descartado por conta de ter sido Raquel Murillo a personagem escolhida para desempenhar tal função. Assim, a inserção dessa personagem, descartada pela trama oficial, demonstra, como já mencionamos, uma leitura profícua do seriado.

Embora já tenhamos comentado a opção de se construir a *fanfic* de modo não-linear, em se tratando do tempo, ao modo da série, existe uma especificidade no caso do aluno-sujeito que merece nota: a demarcação de indicativos temporais “flashback on” e “flashback off” para explicitar esses avanços e recuos da história. Trata-se de ferramenta bastante comum nas plataformas de *fanfic*, uma nomenclatura própria do gênero que serve como orientador interpretativo para nortear o leitor. Como se houvesse uma preocupação extra em se fazer entendido, dissolvendo confusões e ambiguidades. O uso desses recursos mostra que o aluno-sujeito possui alguma familiaridade com o gênero *fanfic*, o que se prova quando dos primeiros dados levantados nessa pesquisa: o aluno-sujeito já era usuário, como leitor, da plataforma.

Para evitar repetições, a análise da *fanfic* do aluno-sujeito Nonoa03, cujo título “*Bem-vindo a Cidade do México*” já adianta ao leitor em que local se dará a trama, será mais breve, já que alguns elementos exitosos dessa narrativa se repetem, em alguma proporção, às da produção do aluno-sujeito Nonoa05. Em termos de brecha narrativa, o aluno-sujeito optou por retratar a personagem Berlim, chegando à Cidade do México para uma tentativa de recomeço, após o assalto e sua prisão que durou uma década. O narrador, em terceira pessoa, embora imprima um ritmo diverso do original, mais dilatado, descritivo, se aproxima da psique da personagem Berlim em sua paranoia, ansiedade e senso de humor doentio. O vínculo com o título original é mantido também por meio de retomadas, embora haja ruptura, sobretudo, com o ritmo e com a não-linearidade temporal – essa narrativa apresenta-se linearmente. De mais a mais, no uso do diálogo consegue-se perceber a presença mais nítida das personagens, no caso, Berlim e Nairóbi, o que garante o vínculo de que tanto falamos.

Em face do gênero discursivo série, o corte narrativo em momento de elevada tensão é recurso também utilizado aqui com bastante destreza; ademais, há um desdobramento dessa técnica que consiste em iniciar os capítulos repetindo o último trecho como a situar o leitor. Esse elemento é também bem aproveitado pelo aluno-sujeito Nonoa03 em sua produção. No mais, podemos concluir que essas duas produções são eficientes, cada uma a seu modo.

5.3 Análise da proposta: alguns apontamentos

Nessa subseção faremos apontamentos a respeito da construção de nossa proposta em sala de aula. No tópico 5.3.1 faremos algumas leituras gerais sobre as posturas de nossos alunos-sujeitos e os diálogos que estabelecemos com as aulas. No tópico 5.3.2 falaremos sobre os dados levantados das avaliações respondidas pelos alunos-sujeitos.

5.3.1 Resistência: nossas leituras do ‘não’ dito e algumas ‘rebeldias’

A intenção com essa proposta foi o de, em linhas gerais, trabalhar habilidades leitoras e escritoras por meio de um gênero transmidiático lido e produzido por fãs para, assim, promover um espaço de uso da linguagem de maneira a respeitar as individualidades dos sujeitos envolvidos, dialogando com as novas formas de ser e estar no ciberespaço. Intentamos, com isso, colaborar para que os alunos-sujeitos fossem mais participativos das aulas, ingrediente que acreditamos ser fundamental para o desenvolvimento deles.

Lembremos que duas turmas finalizaram as atividades muito depois das demais, como mencionado na introdução dessa seção, e seus dados não puderam ser usados para essa dissertação. Ainda que fatores como a heterogeneidade das turmas justifiquem a delonga dessas na concretização das atividades, não podemos negar que o menor envolvimento delas também foi fator expressivo, fato que queremos expor aqui. Houve vários momentos em que parte significativa dessas turmas não cumpriu com sua parte no diálogo. Quando, por exemplo, combinamos com os alunos-sujeitos que assistiriam em casa alguns capítulos do seriado para posterior debate, como descrevemos na subseção 4.3.1, muitos não o fizeram. Ou quando propusemos a explanação em grupo de dois episódios da segunda temporada e, em uma das salas, de cinco grupos apenas um fez o trabalho. Nessas situações, os diálogos acabaram se empobrecendo, já que eram compostos por menos vozes. Observamos que, embora nossa proposta tenha partido das vozes desses alunos-sujeitos e tenhamos tentado manter as aulas dinâmicas e interativas, muitos continuavam mudos. O ‘não’ dito em seus silêncios era também dirigido a nós. No entanto, como abordamos na seção dois, subseção 2.1, “a imersão num

determinado cotidiano pode nos cegar justamente por causa de sua familiaridade” (AMORIM, 2004, p. 26). Por isso, foi preciso nos afastar e, no papel de pesquisadoras, percebermos que o ‘não’ também faz parte de nosso *corpus* e, principalmente, está repleto de significados.

Do que pudemos levantar, ressaltamos que nessas turmas se concentravam os alunos-sujeitos que menos tinham acesso às tecnologias e cujos pais eram os menos participativos da escola - a reunião de pais tinha menor frequência nessas turmas. Essas turmas também tinham as notas gerais mais baixas e suas apatias e desinteresses eram alvo de queixa constante dos professores. Nesse sentido, esse protótipo não é uma panaceia e, embora haja tentativas, como a nossa, de melhora da educação, com intervenções distanciadas do ensino monológico, há todo um contexto social e político que torna esses alunos-sujeitos mudos, pouco habituados ao diálogo. E, pedagogicamente, a educação só poderá intervir social e politicamente em longo prazo.

Talvez essas sejam questão já sabidas por todos que de alguma forma lidam com a educação pública. No entanto precisam ser ditas, uma vez que, como mencionamos no capítulo três dessa dissertação, quando aderimos a uma teoria, também tomamos partido de uma ideologia e, para Bakhtin – e concordamos com ele – a realidade só existe quando transformada em discursos. Então, precisamos bradar essas questões tão gritantes da sala de aula e deixá-las à procura de uma “compreensão responsiva”.

Karl Marx dizia que só uma ideia enunciada em palavra se torna pensamento real para o outro e só assim para mim mesmo. Esse outro, porém, não é apenas o outro imediato (o destinatário segundo); a palavra avança cada vez mais à procura da compreensão responsiva. (BAKHTIN, 2017, p. 334)

Retomando o fio, intervenções pedagógicas como as que defendemos aqui atingem àqueles que, de alguma forma, já estejam minimamente inseridos na escola. Esses produzirão mais e com mais qualidade, como tentamos demonstrar na seção quatro e nessa. Também não estamos defendendo que as aulas devam se direcionar a alunos-sujeitos já interessados, de forma alguma. O que expomos aqui tem por finalidade deixar marcado o quão o silenciamento dos alunos-sujeitos é uma construção social, familiar e escolar e que romper com ele não será possível com

apenas algumas interferências. Também não estamos afirmando que não pudemos romper com nenhum desses silêncios. Houve um aluno-sujeito, por exemplo, quase evadido por faltas e repetente, que, no dia de uma apresentação que faria em grupo dos episódios da série, perdera a hora de entrada da escola, chegando quinze minutos atrasado. Foi barrado. Para a nossa surpresa esse aluno-sujeito agiu em desacordo com o que ouvimos de relatos das escolas, pulou o muro de fora para dentro. Não queria perder a apresentação do seu grupo. Foi descoberto pela direção. Levou advertência e seus pais foram chamados. Foi calado de novo. Esse caso mostra como a escola, pela sua constituição em si, tem dificuldades para lidar com as manifestações de nossos alunos-sujeitos, com suas individualidades. Não que estejamos afirmando que a direção agiu de forma errada ao não permitir a entrada de nosso aluno-sujeito, mas também não defendemos que esteja certa.

Outro exemplo que julgamos ser reflexo da nossa metodologia em sala de aula foi o episódio da escolha do professor paraninfo para a formatura. Nossos alunos-sujeitos queriam escolher dois professores, não apenas um: o de História e a de Língua Portuguesa. A direção, acostumada a ser autoritária em suas decisões, foi categórica em dizer que não seria permitido dois professores e que precisariam fazer uma votação para a escolha de apenas um. Não contentes e entendendo que a decisão da diretora parecia arbitrária, pais e alunos-sujeitos combinaram os votos de modo que desse empate na votação. Tiveram dois professores paraninfos. Não queremos dizer que primamos por uma educação da rebeldia, mas sim que essa postura dos alunos-sujeitos, com apoio dos familiares, seja um reflexo da nossa proposta: senso crítico, autonomia, protagonismo e atitude ativa e responsiva. Defendemos que nossos alunos são sujeitos – alunos-sujeitos – por estarem atuantes em toda a cena dialógica da escola, não apenas nas aulas de Língua Portuguesa. Foi essa a postura que insistimos que devessem ter.

Bakhtin, ao defender suas teorias a respeito das ações humanas, esclarece que os atos são sempre únicos e irrepetíveis, mesmo que possuam elementos similares uns com os outros ou, em suas palavras, “relativamente estáveis”. O filósofo acreditava que isolar os atos de sua totalidade, de seu evento único, para compará-los com outros reduzia sua compreensão. Por isso, ao olharmos os enunciados produzidos por nossos alunos-sujeitos, olhamos também para toda a ação circundante desse ato, todo o contexto sócio, histórico e cultural. E, a fim de

contextualizar como estava o ambiente escolar no último semestre, esclarecemos que a nova direção mantinha uma postura autoritária, não democrática. Junto com o professor de História, sofremos perseguição dentro da unidade escolar e tivemos que recorrer, ao final do ano letivo, às autoridades superiores. Um dos fatos que marcou essa perseguição ocorreu em sete de setembro, quando de um evento na escola em comemoração a independência. A direção pediu que os dois professores de história da escola orientassem dois ou três alunos-sujeitos para elaborarem um “texto reflexivo” sobre a pátria. O professor dos nonos anos, como não estaria presente no dia do evento e por fazer parcerias constantes conosco, pediu que lêssemos o texto dos alunos-sujeitos e os orientassem no dia da apresentação. As duas alunas-sujeitos convidadas pelo professor chegaram com os textos prontos, os quais continham críticas à pátria e à comemoração da independência. Diziam elas que essa comemoração era “romanceada” e o hino “uma farsa”. Considerando que eram vozes de alunas-sujeitos dos nonos anos e que excessos poderiam aparecer, deixamos o texto que produziram na íntegra, alertando-as que não seria fácil assumir tal postura, pois a própria constituição do evento marcava outro discurso. Ambas foram firmes e mantiveram a vontade de ler o que haviam escrito. Uniram seus textos em um só e ensaiaram a leitura. A direção, no entanto, ao ler o texto antes da apresentação, vetou-o quase por inteiro, deixando apenas os trechos em que ressaltavam a cultura e povo brasileiros. As alunas-sujeitos, obviamente, sentiram-se desconfortáveis e houve gaguejos e tremedeiras na leitura do texto censurado. Ocorreu aqui, um apagamento das vozes dessas alunas-sujeitos de forma explícita. Nas aulas de História e Língua Portuguesa foi dado o espaço para o dialógico a essas alunas-sujeitos e suas vozes bradavam por outras leituras da pátria. Foi uma disputa de narrativas.

As vozes marginais de nossas alunas-sujeitos operaram em contestação/resistência à ideologia das vozes dominantes, qual seja, um sentimento de ufanismo em relação à pátria e à comemoração cívica. Acrescenta-se a esse momento o fato de vivermos no Brasil uma polarização em que a reverência à pátria ou a crítica a ela coloca os indivíduos em terrenos bem demarcados. O próprio evento em si e o pedido da direção aos professores para que fossem vestidos de camisetas verdes ou amarelas poderia ser lido como uma demarcação por um desses polos. Isso dado o fato das camisetas dessas tonalidades, principalmente as

da seleção brasileira de futebol, carregarem a marca de manifestações de um grupo político ideológico específico. Da mesma forma que às críticas das alunas-sujeitos também podem ter sido lidas como pertencentes a um campo político ideológico antagônico a esse. Elas representando a resistência e a polêmica, infraestrutura; a escola, a superestrutura. E como a produção de sentidos compreende as complexas relações entre os sujeitos no momento concreto do ato de enunciar, isto é, as relações histórico sociais e as concretamente situadas que definirão os valores do enunciado, vemos nitidamente que a censura não foi apenas às reflexões feitas pelas alunas-sujeitos, mas a todo um discurso ideológico, a uma proposta pedagógica, a construção de uma narrativa de país. Nesse caso, a força venceu o embate dessas narrativas. Nossas alunas-sujeitos foram caladas aqui também.

Soma-se a isso o fato do outro professor de história ter ele mesmo escrito o “texto reflexivo” sobre a pátria e pedido que seu aluno-sujeito apenas o lesse. Nesse caso não foi dada nem a chance desse aluno-sujeito mostrar sua voz. Mais um caso de silenciamento. O aluno-sujeito, descaracterizado de sua identidade, não estava em diálogo. Reproduziu o discurso de outrem. Não foi sujeito, foi aluno. No entanto, como não ocorreu disputa de narrativas e o discurso coadunava com o da direção, não houve problemas.

Posteriormente ao evento, em reunião coletiva de professores, questionamos o ocorrido e fomos – professora de Língua Portuguesa e professor de História do nono ano – acusados de impor nossas ideologias às alunas-sujeitos. As mães, que presenciaram as filhas na escrita do texto em casa, vieram à escola questionar a direção. Sem pormenores, o professor de História – apenas o dos nonos anos – foi notificado e, depois disso, passamos a ser perseguidos. Nossos passeios com os alunos-sujeitos não foram aprovados, como idas ao cinema, à ETEC. Não recebemos verba para a impressão das *fanzines*, não pudemos fazer o evento para finalização do projeto, como combinado com as turmas. Uma das alunas-sujeitos foi chamada para acareação, insistiam que o texto não era de sua autoria. Esses fatos geraram desconforto aos alunos-sujeitos.

Entendemos, portanto, diante desse contexto, que o ato dos alunos-sujeitos na escolha dos paraninfos, além de outras já comentadas no decorrer da seção quatro, como a apresentação sobre resistência na feira cultural ou o coro de *Bella ciao* nos corredores da escola, seja uma resposta a essa postura adotada pela

direção da escola. Por isso, não foi interpretada por nós como rebeldia ou desobediência, mas sim como uma resposta ativa aos discursos autoritários da direção. Além de marcar o posicionamento dos alunos-sujeitos diante desses embates na escola, entendemos que esse ato entra em constelação com as aulas de Língua Portuguesa, com as leituras da série *La casa de papel* e, principalmente, com a postura teórico-metodológica adotada por nós em sala de aula.

Em um horizonte em que as aulas ainda são pensadas por um viés monológico, como no ensino da gramática normativa descontextualizada, por exemplo, impera-se a exigência de uma postura obediente do aluno-sujeito. A ele não cabem questionamentos – são regras – o ensino opera sob a lógica da normatividade. Nesse contexto, uma postura como a que observamos dos nossos alunos-sujeitos frente à decisão da escolha do professor paraninfo ou diante da tarefa de produzir um texto sobre a pátria ou o ato de pular o muro para dentro da escola para apresentar um trabalho seria menos provável. Não que os alunos-sujeitos, dentro dessa lógica monológica, não pudessem ter as mesmas reflexões – dois professores homenageados, texto crítico, a vontade de participar – mas a eles não teria sido dada a tarefa da resposta, a eles não teria sido dado o convite ao diálogo. Os exemplos citados nesse tópico, a formatura e o evento cívico, foram organizados pela escola de forma teatral na medida em que esperava dos alunos-sujeitos apenas o cumprimento de um papel pré-determinado. No entanto, nossos alunos-sujeitos, já inseridos no diálogo, sendo sujeitos, sendo responsáveis e responsáveis, quiseram mostrar suas vozes.

Para Bakhtin, é no diálogo, na interação e embate que o sujeito se faz e se constrói. Nossos alunos-sujeitos, em diálogo com as imposições da escola, refletindo os debates das aulas de Língua Portuguesa e História e refratando o autoritarismo da direção e a leitura oficial da pátria, colocaram-se como sujeitos ativos. E “qualquer tipo genuíno de compreensão deve ser ativo, deve conter o germe de uma resposta” (BAKHTIN, 2010, p.136), já que “compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente” (p. 137). Isto é, a motivação dos sujeitos para uma resposta em um evento único e irrepetível é algo importantíssimo quando se entende a linguagem pelo viés dialógico.

Por fim, o embate de práticas motivadoras desestabilizantes e práticas consagradas desestimulantes está em jogo na escola. O que fizemos aqui foi colocar esse motor para girar. Tivemos uma parcela de alunos-sujeitos que continuaram mudos, mesmo convidados não participaram do diálogo, como as turmas que citamos no início desse tópico. Romper com essa dinâmica social não é tarefa de apenas alguns professores e algumas práticas, é um trabalho de anos, um trabalho de conscientização das individualidades e de visibilização de vozes nunca ouvidas e reconhecidas. No entanto, houve também manifestações que nos mostraram que uma parcela foi ativa. Esses atos analisados nesse tópico, embora não sejam as produções finais de nossa proposta, as *fanfictions*, fazem parte da cena dialógica das aulas como um todo, ou seja, estão em diálogo, fazem parte do elo da cadeia comunicativa. Por isso, fazem parte do nosso *corpus*.

5.3.2 As respostas dos alunos-sujeitos nas avaliações

Ao final da construção do projeto, ainda em julho de 2018, pedimos que os alunos-sujeitos respondessem a uma avaliação do projeto construído em sala. Queríamos registrar suas vozes a respeito das aulas. Não podemos descartar o fato de que a palavra ‘avaliação’ carrega em si uma carga pejorativa, remetida à ideia de julgamento. Por isso, as respostas de nossos alunos-sujeitos podem ter sido influenciadas por esse estigma. Dito isso, mostraremos de forma quantitativa os dados levantados nessa avaliação feita pelos alunos-sujeitos das duas turmas que finalizaram o protótipo e faremos alguns apontamentos qualitativos.

A avaliação continha dez perguntas, dentre elas duas abertas, embora em todas houvesse espaço para justificativas. Segue as perguntas:

Avaliação do Projeto “Fanfiction da série La casa de papel”

- 1- *Você gostou de estudar a língua por meio de um seriado? Por quê?*
- 2- *Depois desse projeto, você passou a ver séries e/ou filmes de um modo diferente? Explique.*
- 3- *Pontue algum aspecto que tenha chamado sua atenção no estudo da série.*
- 4- *Você gostou de escrever fanfics? Por quê?*
- 5- *Você gostou de usar a plataforma spiritfanfiction? Justifique.*

6- *Você acha que sua consciência sobre a sua escrita melhorou depois desse projeto. Explique ou dê exemplos.*

7- *Você achou que os comentários dos colegas em seus textos te ajudaram?*

8- *Qual foi sua maior dificuldade?*

9- *Você acha que o projeto deveria mudar em algum aspecto? Qual e por quê?*

10- *Você pretende continuar a escrever sua fanfic sobre La casa de papel ou outras?*

Quarenta e cinco alunos-sujeitos responderam a avaliação, dentre eles cinco que não escreveram as *fanfictions*, mas que participaram da análise da série e das outras atividades em sala de aula. O que mais se sobressaiu do que os alunos-sujeitos responderam foi o de que gostaram de estudar por meio de um seriado, como mostra a tabela abaixo.

Tabela 4 - Avaliação das atividades feitas pelos alunos-sujeitos

Perguntas fechadas	Sim	Não	OBS
1- Gostou de estudar a língua portuguesa por meio de um seriado?	42	3	
2- Passou a ver séries e/ou filmes de um modo diferente?	23	22	
4- Gostou de escrever <i>fanfic</i> ?	27	11	Gostaram um pouco- 4 Não chegaram a escrever- 5
5- Gostou de usar a plataforma <i>Spirit fanfiction</i> ?	26	8	Não chegaram a usar- 7 Sugeriram outra plataforma existente- 4
6- Sua consciência sobre a escrita melhorou depois do projeto?	36	9	5 dos alunos que responderam “Não”, não escreveram os textos.
7- Os comentários dos colegas ajudaram?	30	9	5 não publicaram e um não acompanhou os comentários.
9- O projeto poderia mudar?	32	13	Mais tempo para a escrita- 3 Incluir outras séries- 4 Escrever os textos em sala de aula- 1

			Mais organização- 1 A forma como os capítulos são solicitados – 1 Fazer um livro ao invés de publicar- 1 Fazer a <i>fanfic</i> sobre resistência -1 Mais explicação- 1
10- Continuará a escrever sua <i>fanfic</i> ?	16	21	Estão pensando, não se decidiram- 8

Justificaram que atividades como a que propomos deixam as aulas mais “divertidas” e fogem do que estão habituados a estudar, deixando “a interpretação de textos mais fácil” e colaborando para que se interessem pelas aulas. Os alunos-sujeitos perceberam que estudamos a língua portuguesa viva, como ela aparece na vida e não com frases sem contexto, com a palavra morta.

“Claro (eu gostei de estudar a língua por meio de um seriado), foi interessante refletir a série e estudá-la com base na língua portuguesa, ainda mais um lazer recente, que todos assistiram” (Nonod10)

"Eu gostei de estudar a série porque dessa maneira foi possível ter uma experiência 'real' de como a língua portuguesa funciona e quão complexa ela pode ser, indo além de gramática básica encontradas nos livros didáticos. "(Nonod25)

“ Sim (eu gostei de estudar a língua por meio de um seriado), porque não ficamos presos a “regras” no sentido tradicional, ficamos livres para expor nossas opiniões e identidades” (Nonod16)

"É um jeito diferente de estudar linguagem e saímos um pouco da rotina que é só copiar e responder as lições da lousa ou do livro." (Nonod09)

O aluno-sujeito Nonoa16 conseguiu perceber que ao tratarmos a linguagem de forma dialógica, as identidades dos sujeitos acabam emergindo, pois todas as vozes são convidadas para o diálogo. Nonod25 compreendeu como as aulas de Língua Portuguesa, por vezes, podem ser encaminhadas de modo exageradamente abstrato. O aluno-sujeito teve a clareza de perceber que o estudo da série propôs

uma observação da língua viva, em suas palavras, “real”. Para ele, dessa forma conseguimos ver sua complexidade. O ensino da Língua Portuguesa, culturalmente, é visto e entendido como o ensino das regras gramaticais. A resposta de Nonod25 nos mostra que o projeto alargou seu horizonte em relação a isso: “indo além da gramática”. Nonod10 ao dizer que o projeto trouxe um “lazer recente”, mostra-nos sua surpresa ao inserirmos um objeto cultural que faz parte de sua coleção nas aulas de Língua Portuguesa. É comum a escola abafar as preferências dos alunos-sujeitos, impondo-lhes apenas cânones, não dialogando com as culturas da comunidade escolar. Pra Nonod09, o estudo da série colaborou para que fugissem de uma rotina maçante que muitas aulas impõem: “copiar e responder as lições da lousa”. Esse é mais um indício de como na escola ainda existem práticas monológicas e distanciadas dos alunos-sujeitos. Nonod16 ainda diz que se sentiu “livre” durante essas aulas para expor suas opiniões, o que nos leva a pensar, pelo fato de ser colocado pelo aluno-sujeito como diferencial, que sejam momentos pouco vividos dentro da escola.

“Sim (eu gostei de estudar a língua por meio de um seriado), pois um seriado é algo maior, onde podemos explorar mais suas referências, os personagens, a história etc...Além de aprendermos diversas coisas sobre a língua”. (Nonod28)

“Sim (eu gostei de estudar a língua por meio de um seriado), pois ficou melhor de entender” (Nonod32)

“Sim (eu gostei de estudar a língua por meio de um seriado), porque isso me fez melhorar a minha interpretação, eu comecei a observar que antes não observava” (Nonoa06)

“Sim (eu gostei de estudar a língua por meio de um seriado), porque a língua portuguesa ficou mais legal de estudar com a série” (Nonoa22)

“Esse projeto foi muito bom porque aprender por meios diferentes é legal e importante para o desenvolvimento do aluno.” (nonod36)

Nonod28, ao entender que a série “é algo maior, onde podemos explorar mais suas referências” nos dá indícios para acreditar que, para o aluno-sujeito, nunca foi lhe dada a chance de um aprofundamento no estudo dos enunciados. Não

é necessário escolher gêneros longos para se fazer um trabalho de análise dialógica, observando suas referências e as vozes que dele emanam. Talvez essa percepção do aluno-sujeito se relacione ao fato de que os estudos dos gêneros tenham sido feitos de acordo com o planejamento estipulado pela Rede Educacional do município, qual seja, avolumado com diversos gêneros. Não que as aulas de Língua Portuguesa devam se direcionar para o estudo de um gênero apenas, ou menos gêneros. A questão é que o planejamento não pode ser entendido como uma lista a ser cumprida. Com o trabalho da série *La casa de papel*, por exemplo, utilizamos diversos gêneros: canção, clipe, *memes*, seminário, painel, resumo, resenha, notícia, longa-metragem, animação; enfim, a diversidade de gêneros deve aparecer desde que estejam em cotejo com a prática de linguagem em ação.

Uma ressalva: para Bakhtin, os enunciados são produzidos nas relações entre os sujeitos e situados em um contexto sócio, histórico e cultural, ou seja, nossos alunos-sujeitos, ao produzirem esses enunciados estavam avaliando um projeto realizado por uma professora que os acompanha há três anos. Por isso, embora tenhamos os orientado sobre a importância de mostrarem de fato o que pensavam, essa relação professora/alunos-sujeitos pode ter influenciado em suas respostas. O que podemos verificar dessas respostas, no entanto, foi o de que obtivemos sucesso em nossa proposta, embora haja uma parcela de alunos-sujeitos que ficaram fora desse diálogo, como já expomos no tópico anterior.

Em relação aos estudos da série em específico, o que mais chamou a atenção dos alunos, de um modo geral, foi a análise dialógica, isto é, ir para além do enunciado, ouvindo as vozes que dele emanam, não ficando apenas no solo linguístico, como podemos observar na tabela abaixo.

Tabela 5 - O que chamou a atenção dos alunos-sujeitos em relação ao estudo da série

O que mais chamou a atenção dos alunos-sujeitos quanto ao estudo da série	
Significado por trás dos detalhes da série	14
O tema 'resistência'	9
A construção do enredo da série	5
Os painéis e seminários produzidos sobre a série	4

Perceber a importância do conflito	2
A interpretação de textos feita na série	2
Os debates nas aulas	1

Cerca de metade dos alunos-sujeitos responderam ter adquirido um olhar mais apurado, prestando atenção nos detalhes e referências dos filmes e séries, como trilha sonora, cores, vestimentas e falas das personagens. Isto é, a análise dialógica, o olhar para as vozes que reverberam dos enunciados foi percebido por nossos alunos-sujeitos como quesito de êxito do projeto.

"O que eu mais gostei foi quando descobrimos do que se tratava a música, as letras, as roupas, as máscaras e o vermelho que está sempre presente na série."
(Nonoa05)

"Depois do projeto notei que a maioria dos filmes e novelas que eu assistia eram de baixa qualidade" (Nonoa16)

"Eu comecei a perceber referências em todos os filmes e séries que assisto"
(nonod25)

"Sim (eu passei a ver filmes e séries diferente), porque todo filme que eu assisto eu procuro encontrar o "conflito" do filme."(Nonod34)

"Depois desse projeto e da criação do meu canal no YouTube chamado pipocando que faz críticas de grandes produções, passei a assistir seriados e filmes com uma reflexão diferente, mais crítica e percebendo os elementos da narrativa."
(Nonod10)

"Os pontos que mais me chamaram atenção foram a maneira como foi contada a história e o tema que tinha por trás a resistência." (Nonod08)

"Depois desse projeto eu passei a observar as referências que a série faz."
(Nonoa24)

Em relação às maiores dificuldades encontradas pelos alunos-sujeitos, percebemos que parte delas se relacionam a um letramento tradicional da língua materna, como construção do texto, desenvolvimento de conflito e detalhamento da narrativa, como podemos observar na tabela abaixo. Três alunos-sujeitos afirmaram

ter dificuldades para lidar com a plataforma e um deles se sentiu constrangido a publicar os textos, demandas que o uso da tecnologia impõe.

Tabela 6 - Maiores dificuldades dos alunos-sujeitos quanto à escrita da *fanfic*

Maiores dificuldades	Total: 45
Transformar as ideias em textos	10
Pensar em uma história	9
Detalhar a história	9
Desenvolver o conflito	4
Começar uma história	3
Lidar com a plataforma	3
Falta de disposição	1
Construir as falas dos personagens	1
Vergonha de postar	1
Demandas das pesquisas	1

Também relataram que, embora tenham tido essa dificuldade, aprimoraram sua percepção do que é necessário para se escrever um bom texto. Isto é, embora achem que o desenvolvimento da narrativa não tenha saído a contento, adquiriram certa percepção escritora, tão fundamental para apurarem suas habilidades.

“Ao escrever a fanfic percebi que simples detalhes fazem a diferença na construção de um bom texto, e que para desenvolver uma boa história é preciso de muita pesquisa”. (Nonod25)

“Minha escrita melhorou bastante, pois agora eu sei organizar bem todas as ideias que eu tento para escrever sem ficar uma bagunça o texto todo.” (Nonod29)

“Eu percebi que para se escrever algo precisa ter muita pesquisa e é preciso ser fiel ao seu personagem prestando bem atenção nos detalhes e no rumo da história.” (Nonoa05)

“Minha escrita melhorou depois que eu fiz outra história, porque a primeira não estava muito boa. Reescrever é importante.” (Nonoa14)

“Eu melhorei muito minha escrita depois desse projeto, creio eu que fiz um ótimo fio narrativo em minha fanfic, comparando ao ano passado e a outras fanfics”. (Nonod10)

“Gostei (de escrever fanfic), pois eu já escrevia antes, porém não postava, então por ser um assunto que eu já conhecia e me interessava, gostei bastante.”(Nonoa03)

“Sim (gostei de escrever fanfic), escrevi o que tive vontade, procurei os temas e a cultura da Espanha que é diferente em comparação ao Brasil” (nonoa05)

“Tive muita dificuldade em detalhar os lugares, aparências e pessoas, o que é complicado pois escrever os detalhes exige muita atenção e imaginação” Nonoa05)

“Mais ou menos (gostar de escrever fanfic), estou me acostumando com esse tipo de trabalho, pois não gosto de escrever, mas por outro lado esse trabalho foi divertido” (Nonoa08)

“No começo não, porem depois me interessei mais e comecei a gostar, pois eu tinha a história em minhas mãos e podia fazer o que queria”. (Nonoa16)

“Sim (gostei de escrever fanfic), achei que depois que reescrevi a minha história melhorou muito uma das coisas que me ajudou foi quando a professora leu o livro “Barba ensopada de sangue” na sala de aula, me ajudou em como descrever as pessoas e as situações entre outras coisas” (Nonod08)

“Sem dúvida (minha consciência escritora melhorou), eu tinha uma visão muito “fechada” sobre escrita e nem sempre tinha inspiração. Agora, digamos que os meus textos têm um sentido mais literário”. (Nonod16)

Em relação às sugestões para uma melhora do projeto, a grande maioria dos alunos-sujeitos disse não ter. Os que fizeram sugestões, falaram a respeito de mais tempo para a escrita, mudança da série escolhida ou escrever os textos em sala de aula ao invés de fazer em casa. Entendemos que os alunos-sujeitos, mesmo aqueles que finalizaram a proposta com êxito, mostrando excelente desenvolvimento, deram sugestões muito próximas do que já aconteceu, não conseguindo subverter a ordem das aulas e/ou da escola. Nesse sentido, acreditamos que os alunos-sujeitos estão presos a estrutura (im)posta da instituição, não conseguindo manifestar suas subjetividades. Mais um elemento que nos mostra

que apenas uma intervenção não dá conta de romper com o ensino ainda monológico da instituição escolar, nem, tampouco, com o silenciamento de parte dos alunos-sujeitos.

Por fim, ressaltamos que a inserção de práticas linguísticas, independente se nelas haverá novas formas de se relacionar no ciberespaço, como propusemos aqui, não é possível quando o texto é visto apenas pelo viés linguístico. A riqueza desse trabalho, tanto o que foi apontado pelos alunos-sujeitos em suas respostas à avaliação, quanto o que foi percebido por nós, relaciona-se ao princípio da dialogia e suas demandas: o embate, a escuta atenta, as vozes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em consonância com o pensamento de que educar, sendo um ato humano, deve dialogar com a realidade cultural, histórica e ideológica dos sujeitos envolvidos no processo, defendemos que o ensino deve considerar as preferências e gostos de nossos alunos-sujeitos para que possam estar no diálogo em sala de aula com suas vozes presentes. Imersos nessa perspectiva, nossa proposta foi o de adentrar no ciberespaço e fazer o uso de uma prática de leitura e escrita que não apenas refletisse as preferências de nossos alunos-sujeitos, mas que colaborasse para a escola não ficar alheia à diversidade de linguagens oferecida pela internet.

Com essa experiência, percebemos que a relação, muitas vezes ainda posta dentro das escolas, que privilegia uma educação monologizante, na qual as vozes dos alunos-sujeitos são abafadas, é análoga às antigas relações da *Web 1.0*, quando usuários das redes não podiam interagir, nem mesmo opinar com as informações a que tinham acesso. Já uma escola que pauta suas relações de forma dialógica, deixando emergir as vozes dos alunos-sujeitos é análoga a *Web 2.0*, aquela em que os usuários não só escolhem os conteúdos, como com eles interagem, sendo também produtores.

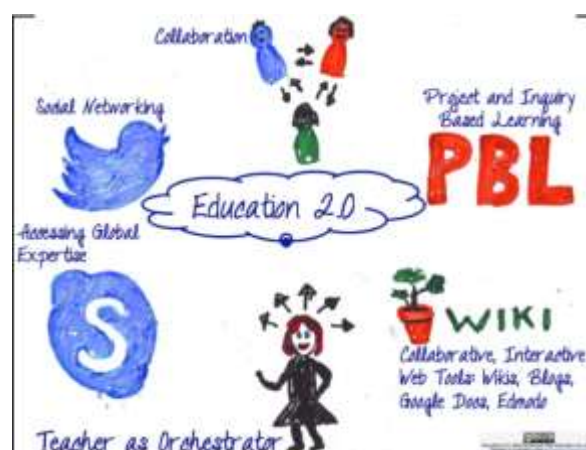
Observando as duas ilustrações abaixo, extraídas de um site americano que discute educação, a relação entre a configuração de uma escola tradicional com a antiga *Web 1.0* é posta, nos deixando a reflexão de que, dessa forma, a escola não dará conta de abarcar as novas relações de leitura e escrita trazidas pelas novas TDICS.

Figura 8 - Educação 1.0



Fonte: <https://usergeneratededucation.wordpress.com/2013/03/22/schools-are-doing-education-1-0-talking-about-doing-education-2-0-when-they-should-be-planning-education-3-0/>

Figura 9 - Educação 2.0



Ver: <file:///C:/Users/raque/Downloads/32219-91707-2-PB.pdf>

Nesse sentido, ao defendermos que o letramento se dê, obrigatoriamente, na inserção de práticas, trazer uma vivência real de uso da linguagem pressupõe entendermos, também, a constituição da aula, por ela mesma, dentro dessa perspectiva. Isto é, a aula de Língua Portuguesa precisa estar em diálogo com todos os sujeitos e enunciados envolvidos, não se afastando do elo da cadeia comunicativa e tendo consciência de todo o contexto sócio, histórico e cultural de todas as vozes que dali emanam.

De acordo com o que argumentamos, Paulo Freire defende, em toda sua obra literária e acadêmica, uma educação que leve os alunos a serem sujeitos do seu aprendizado. Essa concepção, antes de Freire pouco debatida no Brasil, ia de encontro à visão de educação que coloca o professor como centro das aulas e detentor de todo o saber debatido ali. Da mesma forma, ao propormos uma concepção de linguagem bakhtiniana, visamos romper com algumas hierarquias ainda impostas pela constituição da escola. Paulo Freire, assim como Bakhtin, entende que os sujeitos não podem pensar uns pelos outros, mas sim uns com os outros. Sem utilizar essa nomenclatura, Freire também defendia uma educação dialógica quando afirmava que os sujeitos crescem em interação. Essa concepção, para o autor, é uma forma de respeitar os sujeitos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem. Isto é, nossos alunos-sujeitos não chegam à escola desprovidos de conhecimentos. O que precisamos fazer é colaborar para que esse

conhecimento entre no diálogo com os nossos, com os dos outros, com os dos livros.

[...] para pôr o diálogo em prática, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber, deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem perdido, fora da realidade, mas alguém que tem toda uma experiência de vida e por isso também é portador de um saber (FREIRE apud GADOTTI e FREIRE, 2001, p.2).

Paulo Freire acreditava que para os sujeitos deixarem de ser oprimidos, de serem coisas para serem sujeitos, precisavam prolongar a consciência de si próprios. Essa consciência é adquirida conforme se relacionam com o mundo, se posicionam, compreendem o que os circunda. Por isso Freire defendia que “não basta saber ler mecanicamente ‘Eva viu a uva’. É necessário compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e quem lucra com esse trabalho” (FREIRE apud GADOTTI e FREIRE, 2001). Vemos, portanto, a importância do embate de vozes sociais como ponto nevrálgico estar em destaque na escola e sobre o qual devemos nos pautar.

Também, segundo Lemke (2010), as novas tecnologias estão desequilibrando os dois paradigmas educacionais que existem hoje: o curricular e o interativo. O primeiro, ainda dominante nas escolas, parte da premissa de que alguém decidirá o que e em que ordem nossos alunos-sujeitos devem aprender. Segundo o autor, esse paradigma se relaciona ao *modus operandi* das fábricas e do capitalismo industrial. Já o segundo, o paradigma da aprendizagem interativa, está presente em bibliotecas e centros de pesquisa e parte da ideia de ser dos indivíduos a responsabilidade de determinar o que precisam saber e na ordem em que lhes convém, fazendo consultas com especialistas. Este último paradigma da aprendizagem relaciona-se ao mote do ciberespaço e também ao defendido por Freire. Lemke defende que, ao insistirmos em uma educação curricular, que é vista por ele como autoritária, colaboramos para uma situação que é fonte de grande queixa dos professores: o desinteresse dos alunos-sujeitos.

Não nos propusemos, aqui, a pensar em uma escola fora da sala de aula, como a previsão colocada pelo autor, baseada na qual precisamos pensar em trabalhar habilidades que garantam aos jovens uma autonomia para aprenderem sozinhos, online. Também não discordamos que isso, de fato, seja possível. No

entanto, a realidade brasileira ainda está distante disso. O que pretendemos refletir, em diálogo com as ideias de Lemke, de Freire e de Bakhtin, é que a escola não pode insistir em continuar monologizada, presa a uma educação industrial, silenciando as vozes que dela emanam. Esse cenário tecnológico deve nos impulsionar a pensar em novos paradigmas para a educação e, um deles se relaciona ao mote da *web 2.0*, a interatividade, ou, como diria Jenkins (2008), a cultura participativa, e que, embora se relacionem às habilidades tradicionais de produção textual e de leitura crítica, como já defendemos, sem a prática contextualizada nossos alunos-sujeitos correrão o risco de serem tão marginalizados quanto àqueles que hoje são analfabetos.

Embora essa reflexão pareça ser nova, quando nos aproximamos de um ensino de língua portuguesa calcado na concepção de dialogismo, defendida pelo Círculo de Bakhtin, na qual o ser humano e sua consciência se constituem na e pela interação verbal, em uma atitude responsiva aos já existentes enunciados, sendo esses vivos apenas quando no fluxo da comunicação, situada sócio, histórica e ideologicamente, entendemos que a interação e a percepção dos alunos-sujeitos enquanto sujeitos deve ser inerente ao processo de ensino. Nesse sentido, como já discutimos na seção teórica, o ensino de língua portuguesa deve calcar-se nos gêneros discursivos, já que está inerente a eles o diálogo.

Também, entendendo que nesse novo espaço de interação e produção de linguagem, a internet, há uma multiplicidade de semioses necessárias a uma compreensão plena dos enunciados, uma aula de língua materna deve abranger a perspectiva dos multiletramentos e abarcar as práticas que as novas TDICS trouxeram, como o comentar, favoritar e compartilhar. Em nossa proposta, embora sugerimos um gênero que em boa medida não se distancia de outros gêneros narrativos, pudemos proporcionar aos alunos uma vivência de novas práticas, como o comentário nos textos dos colegas, o ato de “favoritar” as *fanfics* preferidas e navegar pela plataforma de modo a buscar os textos e informações de interesse. Nesse sentido, entendemos ter proporcionado a nossos alunos-sujeitos algumas percepções desses novos usos da linguagem, bem como o desenvolvimento de uma postura mais ativa e crítica diante dessa diversidade de gêneros e semioses que a internet oferece.

Em relação à multiplicidade cultural, não podemos deixar de mencionar a importância de também inserir as culturas dos nossos-alunos sujeitos na escolha dos enunciados analisados. Trabalhar com a série *La casa de papel*, vista e escolhida por eles, foi fundamental para o sucesso da ideia. Nesse sentido, acreditamos que a escola deve romper com a dicotomia de culturas ainda presente em seus espaços, como se as culturas erudita e canônica fossem maiores que a popular ou massiva. Todas são culturas e fazem parte das coleções dos indivíduos (CANCLINI, 2015). E, quando entendemos a aula de Língua Portuguesa como espaço de diálogo, ao trazermos as culturas de nossos alunos-sujeitos, fazemos emergir, também, culturas outras, seja popular, erudita ou canônica. Isso porque entendemos que um enunciado é apenas um elo na cadeia comunicativa e de elo em elo abarcamos muitas culturas, ampliando o repertório dos alunos-sujeitos de maneira significativa. Quando analisamos a série *La casa de papel*, trazida pelos alunos-sujeitos, considerada pertencente a uma cultura massiva transmidiática, fizemos emergir, em diálogo, filmes de Quentin Tarantino, pinturas de Salvador Dali, obras de Machado de Assis, Gabriel Garcia Marques, já consideradas valorizadas socialmente.

Nesse sentido, para uma boa aula, não podemos ignorar as vozes de nossos alunos-sujeitos, o que a sala de aula nos traz é um importante ingrediente e, a partir dele, ficamos atentos à cadeia comunicativa que se seguirá, aos possíveis diálogos. Assim, provavelmente chegaremos a culturas valorizadas, já que nenhuma cultura está isolada, todas estão em diálogo, elas convergem (JENKINS, 2008). Também, ao nos atentarmos a toda a cena dialógica, percebemos que a aula de Língua Portuguesa entra em constelação com outras produções dos alunos-sujeitos no ambiente escolar e fora dele.

Infelizmente, a pedagogia curricular vista hoje nas escolas, quando conteúdos pré-definidos numa linearidade a ser seguida são impostos aos docentes, vemos, ainda, uma visão monológica da linguagem, relacionada, também, a uma ideia de transmissão de uma cultura hegemônica, cristalizada, um modelo a ser seguido. Como se a escola precisasse cumprir o papel de apagar as culturas vindas dos alunos-sujeitos e, no lugar, inserir outras, valorizadas, colaborando para a opressão dos sujeitos. Acreditados, por outro lado, que os conteúdos devam ficar em segundo plano, aparecendo quando necessários para àquela prática a que se

propõe. Nesse sentido, habilidades atitudinais e procedimentais se sobressaem, já que a contemporaneidade exige que os cidadãos saibam buscar, sejam ativos e que façam as relações necessárias para uma compreensão plena.

Por fim, a ideia de linguagem proposta pelo círculo de Bakhtin pressupõe uma visão estética baseada na ética, uma vez que reconhece as múltiplas estéticas e as apreciações valorativas de outros. Nesse sentido, reconhecer e valorizar as coleções de nossos alunos-sujeitos e colocar seus enunciados em diálogo com outras culturas e outras vozes é um eficiente caminho para tornar as aulas de Língua Portuguesa mais democráticas e mais participativas. Ainda estamos no caminho.

REFERÊNCIAS

ALVES, E.C.A. **Fanfiction e práticas de letramento na internet**. São Paulo: Pontes Editores, 2015.

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**. São Paulo: Musa, 2004.

ARENA, Dagoberto Buim. **Nem hábito, nem gosto, nem prazer**. In.: MORTATTI, Maria do Rosário Longo (org.). *Atuação de professores: proposta para ação reflexiva no ensino fundamental*. Araraquara: JM editora, 2003.

BAKHTIN /VOLÓCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. **Problemas da poética de Dostoievski**. Trad. Paulo Bezerra. 3.ed. Rio: Forense Universitária, 2002.

BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: Brait.B (org). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. São Paulo: Editora Unicamp, 2011.

BRAIT, B. **Bakhtin – conceitos-chave**. 5. ed. 2ª. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Bakhtin – outros conceitos-chave**. 2. ed., 1ª. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BUZATO, M. **Entre a fronteira e a periferia: linguagem e letramento na inclusão digital**. 2007. 284 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

_____. **O letramento eletrônico e o uso do computador no ensino de Língua Estrangeira: contribuições para a formação de professores**. 2001. 188 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Edusp: São Paulo, 2015.

_____. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

COSCARELLI, C. V. Alfabetização e letramento digital. In.: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.) **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica. pp.25-40., 2005

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Paraná: Criar edições, 2003.

GALERA, D. **Barba ensopada de sangue**. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

GERALDI, J. W. Da redação à produção de textos. In: GERALDI, J. W. & CITELLI, B. **Aprender e ensinar com textos de alunos-sujeitos**. São Paulo: Cortez, v. 1, 1997.

GERALDI, J.W. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Volume 1. Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

GERALDI, J. W. Por que práticas de produção de texto, de leitura e de análise linguística? In: SILVA, L. L. M. da; FERREIRA, N. S. de A.; MORTATTI, M. do R. L. (Orgs.). **O texto na sala de aula: um clássico sobre o ensino de língua portuguesa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2014. p. 207-226

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins fontes, 2013.

GOMES, L.F. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos a aprender?** São Paulo: Parábola, 2016.

GONÇALVES, J. C. **Humor com dessabor: uma análise das tiras da Mafalda no contexto escolar**. Tese de mestrado. Araraquara: UNESP, 2015. (Mimeo)

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 1 de julho de 2016.

JENKINS, Henry . **Textual poachers television fans and participatory culture**. New York: Routledge, 1992.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

_____. **Lendo criticamente e lendo criativamente**. In: Revista Matrizes, ECA/USP, São Paulo. V. 6, N. 1-2 (2012).

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **Sampling «the New» in New Literacies**. In: Knobel, M.; Lankshear, C. (Eds.) A New Literacies Sampler. New York: Peter Lang, 2007, pp. 1-24.

LEMKE, J. **Letramento metamidiático: Transformando significados e mídias**. Trabalhos em Linguística Aplicada, vol. 49/2. Campinas, SP: DLA/IEL/UNICAMP, 2010, p. 1-17. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010318132010000200009&lng=en&nrm=iso&tling=pt. Acesso em: 20/04/2018

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **Cibercultura**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

MARCHEZAN, R. Diálogo. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin - outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.

SÉRISIER, Pierre. **La casa de papel: allegorie de la rebellion**. Disponível em: <http://seriestv.blog.lemonde.fr/2018/03/13/la-casa-de-papel-allegorie-de-la-rebellion/>

MICARELLO, Hilda Aparecida; MAGALHÃES, Tânia Guedes. **Letramento, linguagem e escola**. Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso. ISSN 2176-4573, v. 9, n. 2, p. 150-163/Eng. 156-170, 2014.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin - conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

MIRANDA, Fabiana Mões. Fanfic e fanfiqueros: leitores/fãs de livros/escritores. In: **Hipertexto**, 1., 2005, Recife. 1º Encontro Nacional Sobre Hipertexto: desafios linguísticos, literários e pedagógicos. Recife: UFPE, 2005.

MEDVIÉDEV, P. M. **O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica a uma poética sociológica**. São Paulo: Contexto, 2012.

MORAES, E. V. H. de M. **Homepage de fanfictions: um estudo bidimensional de gênero na concepção sociorretórica**. Mestrado em Língua Portuguesa. Dissertação. Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.

PAULA, L. de; STAFUZZA, G. B. (Org.). **Círculo de Bakhtin - teoria inclassificável**. Volume 1. Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

PAULA, L. de; FIGUEIREDO, M.; PAULA, S. L. de. O Marxismo no e do Círculo de Bakhtin. In: STAFUZZA, G. B. (Org.). **Slovo - O Círculo de Bakhtin no Contexto dos Estudos Discursivos**. Curitiba (PR): Appris, 2011, p. 79-98.

_____. **Círculo de Bakhtin - diálogos in possíveis**. São Paulo: Mercado das letras. 2011.

PAULA, L. de. **Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica do Discurso**. Revista de Estudos da Linguagem. Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/5099>

PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). **Atlas do Desenvolvimento Humano**. Disponível em: Ranking decrescente do IDH-M dos municípios do Brasil. Resultados de 2013.

RAMAL, Andrea Cecilia. **Educação na cibercultura hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FREIRE, P. In: GADOTTI, M. ; FREIRE, A. M. A. **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire/Unesco, 2001.

PONZIO, A. **Revolução Bakhtiniana**. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, R. E BAROBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Editora parábola, 2015.

SIQUEIRA, Márcio André Padrão de. **A desconstrução da fanfiction: resistência e mediação na cultura de massa**. Dissertação de mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

SOBRAL, A. **Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase "parasitária de uma vertente do gênero de auto-ajuda"**. Tese de doutorado. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction [recurso eletrônico]: novas leituras e escrituras em meio eletrônico**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015.

VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João, 2013.

XAVIER, A. C. S. Letramento digital e ensino. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RAQUEL SANTOS ZANDONADI

**LEITURAS E ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA: a *fanfiction* na
sala de aula
Volume II**

**ASSIS
2019**

RAQUEL SANTOS ZANDONADI

**LEITURAS E ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA: a *fanfiction* na
sala de aula
Volume II**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestra em Letras (Área de Conhecimento: Linguagens e Letramentos)

Orientadora: Luciane de Paula

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) Código de Financiamento 001

ASSIS

2019

SUMÁRIO

ANEXOS.....	5
ANEXO A – Foto da primeira atividade sobre as personagens.....	5
ANEXO B – Slides dos trabalhos dos alunos-sujeitos	5
ANEXO C – Avaliações	10
ANEXO D – Fotos dos painéis e dos seminários.....	16
ANEXO E – Critérios para autoavaliação e avaliação horizontal	20
ANEXO F – Produções finais dos alunos-sujeitos: As <i>fanfictions</i>	21
Nonoa03: Bem-Vindo à Cidade do México!.....	21
Nonoa05: Segundo round	26
Nonoa07: O maior assalto	32
Nonoa8: Pós Maior Assalto Da História	33
Nonoa11: Lá Huida De Lá Prisión	36
Nonoa12: Em busca do Professor (reescrita).....	38
Nonoa14: A Grande Vingança	40
Nonoa15: Atração perigosa.....	44
Nonoa16: Apenas Irmãos	46
Nonoa17: O Assalto.....	50
Nonoa19: O Roubo dos Deuses	55
Nonoa24: Depois do assalto	59
Nonoa29: La casa de papel	62
Nonod1: La casa de papel	64
Nonod03: La casa de papel: O assalto por outro olhar	66
Nonod05: O recomeço	69
Nonod6: Assalto A Joalheria - O Novo Golpe	71
Nonod08: História O Recomeço 2.....	72
Nonod09: La casa de Papel	75

Nonod10: Maldito Diário.....	77
Nonod13: Una vida de mentiras.....	79
Nonod15: O Grande Plano.....	83
Nonod16: Hermejus.....	87
Nonod17: Hacker.....	89
Nonod19: Minha vida de hacker antes do assalto.....	92
Nonod20: O Recomeço.....	96
Nonod21: O casamento.....	99
Nonod23: La Casa do Desespero.....	101
Nonod24: Olimpia: Um sofrimento contínuo.....	102
Nonod25: A História Nunca Contada.....	105
Nonod28: Mafia x Assaltantes.....	110
Nonod29: O depois de "La Casa De Papel", ou de qualquer outra coisa.....	115
Nonod31: La casa de papel.....	118
Nonod32: La Casa de Papel.....	118
Nonodv33: Asian Tower Bank.....	120
Nonod36: Vivendo na Berlinda.....	120
ANEXO G – Avaliações da proposta respondidas pelos alunos-sujeitos.....	125
ANEXO H – <i>Fanzine Fanfiqueros de papel</i>	1533
APÊNDICE - Nosso protótipo didático.....	184

ANEXOS

ANEXO A – Foto da primeira atividade sobre as personagens.

Figura 1 - Atividade: Foto de gincana entre grupos



ANEXO B – Slides dos trabalhos dos alunos-sujeitos

Grupo: Nonoa03, Nonoa05, Nonoa16, Nonoa17.



ANA CLARA

BRENDA

9º ANO A

ISABELLE

ISABELLY

Todos estavam exaltados pela fuga dos reféns, principalmente Denver que talava gritando e culpando o professor por não ter percebido tal incidente. Enquanto Denver esbravejava, Heitsinque entra na sala com Oslo em seus braços. Ele havia sido acertado na cabeça por um dos furtivos. Os outros queriam que o levasse para o hospital, mas Berlin não autorizou. Eles tinham que seguir o plano.



Fora da sala, Tôquio e Rio estavam recolhendo as embalagens de comida, quando uma das reféns, Mercedes, pergunta o que houve na noite anterior por causa dos disparos. Rio contou sobre a fuga, e disse também que não tinham porquê se preocupar, mas mesmo assim Mercedes levantou e começou a bater palma como forma de protesto e foi seguida por todos os outros reféns. Quatro tiros para o alto foram suficientes para que Tôquio acabasse com aquilo.

O professor sabia que mais cedo ou mais tarde os reféns iriam se rebelar, por isso era preciso criar um laço entre eles, era preciso achar algo que os ligassem de alguma forma, dinheiro. Era essa a resposta.

Berlim e Nairóbi perguntaram a todos os reféns, um por um, o que eles preferiam, liberdade, ou sair de lá com 1 milhão de euros. Os que escolhessem liberdade ficariam presos no subsolo.



Liberdade ou dinheiro?

A polícia interrogava os fugitivos, mas deram uma pausa quando a inspetora chegou na tenda. Os policiais mostraram pra ela que foi implantado um microfone nos óculos de Ángel e que ele não era um traidor como a mesma suspeitava. Ela ouviu uma das mensagens deixada por Ángel em sua caixa postal e se sentiu culpada pelo acidente do mesmo, por isso decidiu entrar sozinha na Casa da Moeda, mas foi impedida pelos policiais que a deram um calmante e pediram para que fosse para casa descansar.



Enquanto isso, sua mãe recebeu uma mensagem gravada de Ángel, que falava que ele havia pego o suspeito. Sua mãe anotou a mensagem e tentou avisá-la mas Raquel não atendia de jeito nenhum, então sua última opção foi ligar pra o professor e pedir pra que enviasse a mensagem. O professor ficou fora de si, nunca imaginaria que poderia ser descoberto. Ele então só tinha uma opção, eliminar quem poderia complicar o plano, ou seja, a mãe de Raquel. Ele deveria matá-la.

Ele foi até a casa de Raquel com a desculpa que precisava falar com a mesma, como ela ainda não estava em casa ele tinha a oportunidade perfeita para fazer o que tinha planejado. A mãe de Raquel o convidou para entrar e o ofereceu um café, era o momento certo para derramar algumas gotas de dioxina no café da senhora em sua frente e assim o fez, mas não conseguiu segurar com aquilo e derrubou a xícara no chão. A mãe de Raquel já estava tão doente que pensou que ela mesma havia derrubado a xícara.



Algum tempo depois Raquel chegou em casa e se sentou para conversar, mas recebeu uma ligação urgente que pedia para que fosse a uma casa. A casa onde os sequestradores ficaram antes do crime. Ela não conseguia dirigir, pois estava fraca, então pediu para que Salva a levasse. Chegando lá ele ficou dentro do carro apenas observando e com medo do que poderia acontecer. Ele lembrou da conversa que teve com Berlin um dia antes do crime, onde Berlin dizia que se algo desse errado era pra que ele fugisse sem deixar pistas.



O professor estava nervoso por dois motivos. Um: digitais que poderiam ser encontradas na casa. Dois: o tempo estava passando, ele precisava ligar e avisar sobre o que estava acontecendo. Mas, nem tudo estava perdido. Pouco antes da polícia, o Professor tinha ido até a casa e implantado pistas falsas que tinham apenas as digitais de Tóquio, Rio e Berlim. Raquel percebeu que aquilo tudo não levaria a lugar algum, então ela ligou para seu ex marido, que era perito nesses casos.



Dentro da Casa da Moeda, eles já não aguentavam mais ficar sem notícias. Eles não recebiam ligações por quase 18 horas. Berlim tentava acalmar os outros dizendo que não adiantava nada tudo aquilo e se caso alguma coisa desse errado, entraria em prática o plano Tchernóbil.

Enquanto todos estavam preocupados na Casa da Moeda, Professor tentava ao máximo sair de lá. Raquel disse que os policiais poderiam dar a ele uma carona até Madri, mas estava demorando muito, então ele pediu para ir se despedir, quando ele percebeu que cometeu um erro, as fotos de família que ele havia queimado na lareira deixavam pistas que podiam o comprometer.



Com todos nervosos por causa da demora das ligações, Berlim resolve ir "relaxar", e isso se resume em ter relações com uma das reféns, Ariadna. Na Irã e Tóquio não conseguiram aceitar tal ato, já Denver dizia não ver problema em ficar com uma refém, foi quando todos perceberam. Ele estava se envolvendo com Mônica. Todos tentavam tirar esse ideia de ter uma vida com ela de sua cabeça, eles tentavam explicar que ela tinha a Crise de Estocolmo, onde a refém se apaixona pelo sequestrados para obter sua confiança.

Berlim apenas ignorou tudo o que acontecera e foi fazer o tinha em mente. Se encontrar com Ariadna. Ele a tirou para dançar e contou sobre sua doença. Ele disse que tinha apenas alguns meses de vida e que estava bem por poder vive-los ao lado dela e dentro da Casa da Moeda.



Denver e Moscou estavam contando dinheiro e conversando sobre Mónica. Moscou estava explicando que Mónica não era mulher certa para ele, que ela poderia ter um bom futuro, futuro esse que Denver não poderia dar a ela. Denver levou Mónica para outra sala para que pudesse trocar seu curativo e ela percebeu que ele estava diferente. Ele contou tudo a ela sobre a Síndrome de Estocolmo, mas eles se reconciliaram rapidamente.



Rio e Tóquio entraram na sala em que Moscou e Denver estavam e levaram a televisão. Eles precisavam saber o que estava acontecendo com o Professor. Enquanto isso, Helsínque levou Oslo para um lugar vazio e tirou sua vida, ele não queria, mas era o que tinha que ser feito.

FIM

CRÉDITOS ▶ PRÓXIMO EPISÓDIO EM 1

Grupo: Nonod10, Nonod17, Nonod23, Nonod29.



A REVELAÇÃO



A FUGA



A VERDADE



O FALSO AMOR



EPISÓDIO 7



O AMOR BLINDADO



O FIM ESTÁ PRÓXIMO



O TIRO



ANEXO C – Avaliações



E.M. "Sebastião Tavares de Oliveira"
AVALIAÇÃO TRIMESTRAL DE LÍNGUA PORTUGUESA

Nome: _____ nº _____ 9º ano _____

Professora Raquel Santos Zandonadi

Praia Grande, _____ de maio de 2018.

Caros alunos, nossa prova trimestral será dissertativa, ou seja, você precisará explicitar as questões aqui levantadas em forma de textos (mini textos). Portanto você não será avaliado apenas pelo que você responder, mas pela maneira como expressará isso na modalidade formal da língua. Isto é, você será avaliado principalmente pela sua argumentação. Mas cuidado, não se trata de uma simples opinião, mas sim de ideias embasadas! Aproveite para por em prática o uso das orações coordenadas, também estudadas nesse trimestre. Atente-se às normas da Língua Portuguesa. Boa Prova! ;)

- 1- Os **Memes** são bastante conhecidos e utilizados no "mundo da internet", espalhando rapidamente entre os usuários da rede um pensamento breve, geralmente em tom de comicidade. Os memes abaixo nos mostram a opinião de muitos admiradores da série "La casa de Papel" sobre um de seus personagens. Por que esse personagem criou essa antipatia do público enquanto que outros em sua mesma condição (reféns) não? Comente, exemplificando com cenas da série.





- 2- Esse outro **meme**, agora da personagem Nairobi, traduz um dos motivos principais que leva os fãs da série a se afeiçoarem aos personagens, embora sejam ladrões. Explique o porquê dessa afeição, citando cenas do enredo.



- 3- Imagine-se um convidado pela Netflix para ser roteirista da série. (Responda A **OU** B **OU** C)

A- Se você não assistiu ao final da segunda temporada, como você finalizaria essa trama?

B- Se você já conhece o *gran finale*, como seria o enredo da terceira temporada?

C- Qual(is) personagem(s) mereceria(m) uma série só para ele(s)? Qual seria o enredo?

Termos que você pode usar: Em primeiro lugar, importante destacar, também, nesse sentido, no entanto, portanto, outro fato importante, etc.

- 4- A narrativa da série se desenrola em três planos narrativos paralelos. Cite quais são eles e resuma o principal fio condutor da trama.

- 5- Nesse trimestre estudamos as narrativas sob diferentes formas, com diferentes gêneros (canção, conto, longa metragem, série) e refletimos sobre várias teorias relacionadas ao enredo e personagem. Faça uma análise dos filmes "Click" e "Mil palavras", que assistimos nas aulas, comparando-os em suas similaridades, principalmente as relacionadas à estrutura narrativa e personagens. Atenção, o seu texto precisará contemplar os seguintes termos: **SITUAÇÃO INICIAL, CONFLITO, DESENVOLVIMENTO, CLÍMAX, DESFECHO, ESTEREÓTIPO, REDENÇÃO, INDÚSTRIA CULTURAL** e investigar o porquê repetições como essas ocorrem nos filmes, sobretudo, americanos.





- 6- Avaliação das aulas e de sua participação.

a- Como tem sido para você as aulas de Língua Portuguesa?

b- Você está gostando de estudar por meio de um seriado?

c- Como foi sua participação nas aulas durante esse trimestre?



E.M. "Sebastião Tavares de Oliveira"
AValiação TRIMESTRAL – 2º TRIMESTRE
 Língua Portuguesa e História – Profª Raquel e Profº Leonardo



NOME: _____ Nº ____ 9º DATA: __/__/2018

Para responder as questões de 1 a 4, leia o texto e as charges abaixo:

O Nazismo não morreu!

Faz mais de 70 anos que Hitler enfiou uma bala na cabeça com sua pistola Walther 7,65 mm. Mas a semente do nacional-socialismo continua germinando. Nas últimas duas décadas, cerca de 180 pessoas foram mortas em ataques de grupos de extrema-direita na Alemanha. Gangues neonazistas mataram mais gente no território alemão do pós-guerra que qualquer outro grupo, incluindo os radicais islâmicos e os de extrema-esquerda.

Mas o neonazismo vai bem além dessa violência pura e simples. Ele é o nazismo "de cara nova". Uma cara encoberta, maquiada. O neonazismo contém o mesmo discurso de ódio da versão original, só que adaptado aos novos tempos. Seus seguidores em geral não se dizem nazistas. São "libertadores", "nacionalistas", "guerreiros da nação", defensores de seu país e da sua cor. "Não somos racistas, somos orgulhosos", diz uma página brasileira do Facebook que defende a superioridade branca, com ataques a negros e índios.

Na Alemanha, o Partido Nacional Democrático (NPD) propõe a expulsão de ciganos e turcos, mas garante que é só isto: nacionalista e democrático. Ilias Kasidiaris, porta-voz do partido grego Aurora Dourada, já elogiou Hitler no Parlamento e tem uma suástica tatuada no braço. Mas ele também jura que não é nazista. Só quer tirar a Grécia da crise.

Muitos neonazistas não falam em "pureza racial", mas em "pureza cultural". E não perseguem só judeus, gays ou testemunhas de Jeová, mas também imigrantes, muçulmanos, negros, pobres ou qualquer outra minoria que ameace sua identidade "superior".

Os alvos variam conforme o país. Na Ucrânia, o batalhão Azov e outras milícias neonazistas combatem separatistas pró-russos. Na Mongólia, o agrupamento Dayar Mongol, que exibe uma suástica em sua bandeira, ameaça raspar a cabeça de mulheres que dormirem com homens chineses.

Na Polônia, palco das piores atrocidades da SS, hooligans neonazistas vão aos jogos de futebol distribuindo socos em qualquer gay ou mestiço que encontram pela frente. Nos EUA, o Movimento Nacional Socialista (NSM) defende a deportação de todos os latinos do território americano.

Integrantes do Movimento de Resistência Finlandês (SVL) têm se envolvido em ataques cada vez mais violentos contra gays e oponentes políticos. O mesmo acontece com os *skinheads* da Tercera Fuerza, na Colômbia, e com os membros da rede Combat 18 - espalhados pela Inglaterra, Austrália, Sérvia, Rússia e uma dezena de outros países.

No Brasil, grupos como Carecas do ABC e White Power escolhem suas vítimas de forma aleatória. Alguns perseguem gays, outros nordestinos, negros, judeus, bolivianos ou usuários de drogas. Isso quando seus integrantes não se matam em disputas entre as facções.

A brutalidade faz parte dos códigos das gangues neonazistas. Quando a polícia desarticula alguma delas, em geral encontra panfletos e CDs de músicas militantes ao lado de um arsenal de facas, bastões e gás pimenta.

Texto adaptado, Revista Superinteressante, Eduardo Sklarz, 14 ago 2017, Publicado em 14 ago 2017.
<https://super.abril.com.br/sociedade/as-raizes-do-neonazismo/>



Angeli, Folha de São Paulo, Março de 2013.



Revista Lado A, 2017.

1 - As ideias citadas na reportagem foram cultivadas por Adolf Hitler após a Primeira Guerra Mundial. Conforme o texto destaca, tais ideias não acabaram com a morte do ditador, elas estão por aí e tendem a se fortalecer em momentos de crise e dificuldades, tempos esses em que se declara ser necessário combater os "inimigos da pátria".

Baseado nas ideias da reportagem, das charges, das discussões em sala de aula e dos seus conhecimentos e observações sobre o assunto, responda: **É possível afirmar que estamos passando por um momento de "alerta" em relação ao aumento da propagação desse tipo de ideologia de ódio e ataque às minorias? Quem seriam, hoje, as vítimas dessa ideologia? De que maneira ela se manifesta? Dê sua opinião, utilizando-se de argumentos e fazendo uma reflexão sobre o assunto.**

Termos que você pode usar para elaborar sua resposta: Em primeiro lugar, importante destacar, também, nesse sentido, no entanto, portanto, outro fato importante, atualmente, etc.

2 - Releia: "Muitos neonazistas não falam em "pureza racial", mas em "pureza cultural". **Que efeito de sentido os neonazistas buscaram ao trocar a palavra racial por cultura?**

3 - Embora apresentem assuntos diferentes (movimentos neonazistas, a comissão de direitos humanos no Brasil e um polêmico projeto de Lei), os três textos se relacionam na temática. Qual o ponto em comum entre eles?

4 - A Charge é um gênero de texto que trata criticamente de assuntos atuais com humor, mesclando texto escrito com imagem. Sobre as charges acima, qual alternativa melhor se enquadra no que diz respeito à crítica realizada e ao efeito de humor sugerido?

a) A charge 1 explora a imagem, tanto que o texto é dispensável para o seu entendimento. Enquanto que a charge 2 busca efeitos de humor na caracterização exagerada das personagens em relação à desproporção de tamanho entre político e entrevistadora.

b) A Charge 1 critica o excesso de políticos na comissão de direitos humanos, envolvendo grandes gastos para os cofres públicos. Já a charge 2 aborda a falta de educação da repórter perante uma figura pública.

c) A Charge 1 pretende criticar de maneira explícita a corrupção da política brasileira. Ao passo que a Charge 2 sugere, de maneira cômica, a liberdade que todos possuem para manifestar seus ideais.

d) A charge 1 utiliza-se de ironia para criticar o descaso da comissão de direitos humanos para com os grupos que mais necessitam de seu trabalho. Já a charge 2 mostra de maneira exagerada o radicalismo de alguns grupos políticos que sequer se dão ao trabalho de argumentar em defesa de suas pautas.

ANEXO D – Fotos dos painéis e dos seminários.

Figura 1 - Primeiro painel



Figura 3 - Alunos comentando no primeiro painel



Figura 2 - Painel sobre resistência



Figura 5 - Detalhe do painel sobre resistência



Figura 6 - Detalhe do painel sobre resistência 2

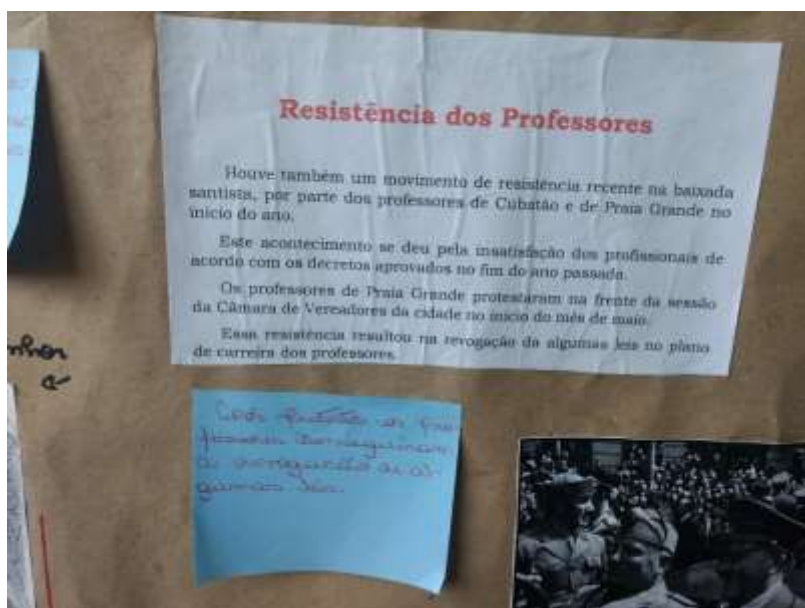


Figura 7 - Painel sobre os apelidos das personagens



Figura 8 - Painel sobre a Síndrome de Estocolmo



Figura 9 - Painel sobre as máscaras



Figura 3 - Painel sobre os grandes planos do Professor



Figura 4 - Pannel sobre as personagens



Figura 5 - Pannel sobre a doença da mãe da personagem Raquel

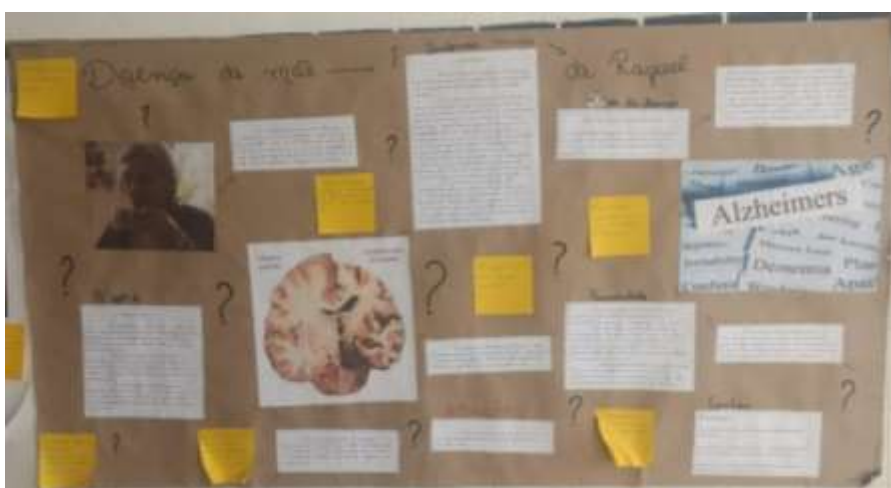


Figura 6 - Detalhe de um dos seminários



ANEXO E – Critérios para autoavaliação e avaliação horizontal

- Orientações gerais para a MELHORA DOS TEXTOS (Reescrito)**
- 1- **TÍTULO:** aqueles que colocaram o mesmo título da série em suas histórias devem mudar. Pensem em algo que se relacione a sua criação.
 - 2- **RESUMO:** O resumo é algo fundamental para que vocês atraiam leitores para os textos. Além de ser preciso na descrição de sua história, é importante que funcione como uma propaganda. Vocês merecem o Fome! Já são escritores! E escritores precisam de leitores! (Favor item as histórias de todos os colegas (monô e monô), assim todos poderão ter mais visualizações)
 - 3- **NUMERO DE PALAVRAS:** A regra do plataforma é clara: textos com menos de 300 palavras serão excluídos. Sorte a nossa que ainda não fizeram isso. Portanto, na reescrita, todos os textos devem ter, no mínimo, 300 palavras. Desafio da sala: **TOCOS DEVEM AUMENTAR MAIS 100 PALAVRAS EM SEUS TEXTOS.**
 - 4- **COMENTÁRIOS:** Não se esqueçam de comentar em, pelo menos, três textos de colegas da sala e um de outra sala.
 - 5- **AUTOAVALIAÇÃO E AVALIAÇÃO HORIZONTAL**

Critérios	Auto-avaliação	Avaliação horizontal
<p>REGISTRO: Demonstrou domínio da norma culta da língua escrita? (Observar ortografia, pontuação, uso do discurso direto e indireto, concordância)</p> <p>- Raros erros: 2,0 - Vários erros: 1,5 - Muitos erros: 1,0 - Erros inadmissíveis para novo ano: 0,5</p> <p>TEMA: Escolheu um tema criativo e conseguiu desenvolvê-lo bem, instigando o leitor? Respeitou as características das personagens originais e extraiu algum elemento da série "La casa de papel"?</p> <p>- História muito criativa, respeito as personagens originais, usou bem os elementos da série: 2,0</p> <p>- História criativa, mas não desenvolveu muito bem, alguns trechos estão sem explicação. Respeitou os personagens originais e usou bem a série: 1,5</p> <p>- Teve boa ideia, mas não a desenvolveu, há muitos trechos sem explicação, deixando o leitor perdido E/OU não respeitou os personagens originais: 1,0</p> <p>- Desenvolveu muito mal o tema, deixando o texto muito curto, não instigando o leitor OU não usou nenhum elemento da série: 0,5</p> <p>NARRATIVIDADE: Usou bem os diálogos e a descrição? Conseguimos visualizar os lugares e perceber os sentimentos dos personagens? Apresentou um CONFLITO GERADOR da narrativa?</p> <p>- Usou muito bem os diálogos e a descrição, levando o leitor a imaginar as cenas e os sentimentos. Conflito bem elaborado: 2,0</p> <p>- Usou bem os diálogos e descrição, mas há lacunas no texto sem explorar. Há conflito: 1,5</p> <p>- Usou diálogos e descrição, mas o leitor não se instiga, pois faltou desenvolvimento. O conflito não está claro: 1,0</p> <p>- Fez um relato ou um resumo. Não há conflito: 0,5</p> <p>COESÃO E ORGANIZAÇÃO TEXTUAL: Os parágrafos do texto estão bem organizados? Há elementos coesivos, evitando repetições e fazendo o texto fluir? (Observar se há elementos temporais e espaciais como: "Naquele dia, naquela hora, tempos depois, dois anos antes, em seguida, naquela manhã, dias depois, nesse lugar, no hotel, no caso... E elementos argumentativos como: mas, também, porém, portanto, assim, então...;)</p> <p>- O texto está muito bem organizado, deixando a leitura fluida: 2,0</p> <p>- O texto está bem organizado, mas faltam alguns elementos temporais, espaciais ou argumentativos: 1,5</p> <p>- Os parágrafos estão organizados, mas faltam elementos temporais e espaciais, deixando o leitor confuso: 1,0</p> <p>- Monolítico. O texto está muito desorganizado: 0,5</p> <p>TÍTULO E RESUMO: Estão bem escritos? Convidam o leitor para a leitura? Está bem relacionado com a história?</p> <p>- Título e resumo muito bem feitos, deixando clara a história que se seguirá e convidando o leitor para a leitura: 2,0</p> <p>- Título e resumo bons, deixando clara a história que se seguirá. Mas não instiga o leitor: 1,5</p> <p>- Título e resumo não deixam claro do que se tratará a história: 1,0</p> <p>- Título igual o da série e resumo que não explica a história: 0,5</p>	Aluno Nº ____	Aluno Nº ____
TOTAL		

ANEXO F - Produções finais dos alunos-sujeitos: *As fanfictions*

Nonoa03: Bem-Vindo à Cidade do México!

Sinopse:

Anos se passaram após aquele assalto fracassado. Como deve ser sair daquela cela e poder ver finalmente o grande céu espanhol? Deveria ser um alívio, mas é certo que não seria simples reerguer uma nova vida, ainda mais com toda essa lista criminal nas costas.

Andrés sabia que esse recomeço seria uma bagunça, não conseguiria um lugar para morar tão facilmente e muito menos conseguiria um emprego (não que ele estivesse realmente se importando com isso), mas ele precisava levar sua vida de alguma maneira, mesmo que pra isso ele precisasse conviver com alguém que, com certeza, não estava disposta a ajudar.

Visualizações 132

Favoritos 6

Comentários 13

Categorias La Casa de Papel

Personagens Berlim, Nairobi, Personagens Originais, Professor

Tags Berlim, La Casa De Papel, Nairobi

Capítulo 1

Era fim de tarde quando Andrés finalmente se viu livre daquele inferno, Madri tinha mudado bastante desde a última vez que tinha andado por suas ruas. O que ele precisava no momento, era apenas um lugar para passar a noite e existiam duas opções, dormir em uma dessas vielas ou pular a catraca do metrô da Espanha e seguir até Toledo, a cidade que vivia antes de se meter naquele assalto. Obviamente a opção “dormir na rua” foi descartada imediatamente, se fosse para dormir precariamente que continuasse na prisão.

Sua mente estava uma bagunça, era como se tivesse acabado de passar um furacão, sinceramente ele não tinha ideia do que faria desse dia em diante, esses anos preso o afundou ainda mais, se já era difícil controlar a si mesmo antes, com o apoio de Sergio, agora que não faz ideia de onde o mesmo está tudo só fica pior. É horrível ver a pessoa que você mais confiava desaparecer, mesmo que esse desaparecimento tenha sido causado por um maldito plano que deu errado. Mas ele não podia reclamar, não queria ser egoísta a esse ponto, foi ele mesmo que disse que se tudo desse errado, Sergio deveria fugir. Foi uma promessa.

Durante essa quase uma hora dentro de um metrô lotado, tudo o que Andrés queria era se jogar em uma cama de verdade e poder descansar, não só fisicamente como mentalmente também. O dia seguinte seria o início de uma vida nova.

Okay, talvez a “cama de verdade” que o garantiria uma boa noite de sono, não fosse tão boa assim. Depois de mais de dez anos abandonada, aquela casa foi invadida por bichos de todo tipo, desde insetos que acabaram com seu colchão, até uma coruja que ficou o encarando e “cantando” a noite inteira. Mas não era hora de se preocupar com isso, Andrés pegou um dinheiro que tinha guardado e partiu direto para o aeroporto de Madri, o dinheiro que tinha não era muito, mas era suficiente para se manter por alguns meses, depois disso, nada que umas visitinhas em algumas joalherias não resolva. Enquanto escolhia seu destino, sentado à mesa de um café qualquer, ele observava as pessoas que por ali passavam, elas eram de todos os tipos, diferentes etnias, diferentes raças, exóticos), diferentes em aparência, modo de andar, falar, tudo. A única semelhança que era possível perceber era que todos de alguma forma, pareciam estar felizes, de bem com a vida mesmo que por baixo de suas toucas e mergulhados em seus próprios mundos. Isso podia ser só mais uma das paranoias que sua cabeça o pregava, mas aquela confiança que o mesmo tinha ao sair de casa não era a mesma. Essas suas mudanças súbitas de humor tiravam sua sanidade.

Ao ter terminado sua terceira xícara de café e finalmente ter escolhido seu rumo à seguir, o mesmo se dirigiu até o balcão e como esperado, precisou pagar mais caro pela passagem, já que estava comprando no dia em que viajaria. Tudo resolvido, check-in feito, bagagem despachada, precisava apenas relaxar naquela poltrona de avião.

Após quase doze horas dentro de um avião, o único lugar que conseguia prestar atenção no momento era no panfleto que segurava em mãos e nos preços absurdos das diárias dos hotéis. Seu estômago clamava por comida depois de todo esse tempo comendo só comida de avião, o que o fez esquecer os hotéis por um tempo e ir procurar um restaurante, que não seria do aeroporto, pois antes de ir em busca de comida ele precisava achar algum lugar para trocar seus Euros. Assim que pisou fora do aeroporto e andou um pouco encontrou uma estrutura excessivamente chamativa onde dizia, “Bienvenido a Ciudad de México”. Parece que ele tinha chegado ao seu destino.

México, um lugar bem distante da sua tão amada Espanha seria seu novo lar. Transformações não eram novidades em sua vida, mas isso não significa que lidava fácil com elas, pensar que teria que começar do zero em um país desconhecido o deixava desorientado.

Achar um bom restaurante não foi um problema, porém depois de descansar precisava continuar sua caçada por um hotel barato. Andrés nunca se imaginou nessa situação, ele sempre teve uma vida confortável, não era rico, mas vivia bem e de repente está assim, procurando desconto em hotéis três estrelas. Estava em decadência e em condições péssimas

Ter dito “não” quando seu advogado de defesa lhe contou ter conseguido um habeas corpus e dessa forma poder passar o resto da vida trancado na cela de uma penitenciária poderia ter sido uma ótima escolha. Essa falta de confiança repentina estava mortificando-o aos poucos.

Depois de buscas e mais buscas, Andrés encontrou uma casa para alugar que sairia bem mais em conta do que morar em um hotel e além disso, teve a sorte de poder pegar as chaves no mesmo dia. A casa não era uma mansão nem nada do tipo, até porque não tinha dinheiro suficiente para pagar por uma, mas era relativamente grande para o preço anunciado. Ela possuía uma coloração em tons pastéis, era possível ver plantas por todo o ambiente como forma de decoração, tinha também uma varanda com uma aparência bastante aconchegante, assim como todo o resto, quadros nas paredes também ajudavam na composição do ambiente. Era difícil imaginar um homem com Andrés vivendo em tal espaço.

Quando acabou de arrumar suas roupas e conhecer melhor o lugar onde moraria, foi caminhar pela cidade, precisava dar um jeito nesses pensamentos que o atormentavam. Esse tempo de reflexão foi interrompido por uma chuva repentina, o que o obrigou a entrar no primeiro estabelecimento aberto que encontrasse, que no caso era um pub temático dos anos 60.

Se dependesse da chuva, ele não voltaria para a casa tão cedo, então que ao menos pedisse algo para beber. E foi o que ele fez, pediu uma porção de carne grelhada acompanhada de tequila. Pensou em pedir whisky, mas já que estava no México, optou por pedir algo local.

Enquanto consumia o que pedira, pode perceber que alguém tinha entrado no bar e que parecia estar usando uma capa de chuva, mas não deu importância, não até reconhecer a voz de quem estava por debaixo daquela capa.

- Com licença, pode me dizer onde fica o banheiro?

Capítulo 2

“Com licença, pode me dizer onde fica o banheiro? - perguntou ao barman que logo lhe indicou o caminho.”

Andrés não queria acreditar que aquela voz era de quem estava pensando. Ele por conta do nervosismo evitou fazer contato visual e esperou até ter certeza que conseguiria sair do bar sem que a tal pessoa o percebesse.

Ainda chovia lá fora, mas mesmo assim não se importou, apenas foi para casa o mais rápido que conseguiu, sem nem mesmo se preocupar se estava esbarrando nas pessoas que por ali passavam.

Enquanto observava o extenso rastro de água que deixara desde da porta de entrada até seu quarto por conta da chuva que deixou-o encharcado, ele se lembrava da voz que havia escutado anteriormente.

Um dos motivos de Andrés ter ido para um país tão afastado da Espanha, era porque não queria voltar as lembranças daqueles cinco meses e doze dias que passou com todas aquelas pessoas. Mesmo que desprezasse todos que estavam à sua volta, não nega que sentia falta às vezes. O que podia fazer? Ele é humano também.

Durante o tempo que parava para analisar o porquê de tudo o que acontecera enquanto estava preso nem ele próprio conseguia entender como foi capaz de depositar tamanha confiança naqueles desconhecidos. Conforme os dias se passavam era cada vez mais difícil aceitar que todo o vínculo que tinha sido construído se quebrara por causa de uma traição. De qualquer forma, após passar treze anos na solitária, ele reaprendeu a conviver sozinho e principalmente sem a presença daquelas pessoas.

Ao sair de seus devaneios e perceber que a casa ainda estava molhada, resolveu ocupar sua mente com algo mais útil, como procurar alguma coisa para secar o chão.

Eram cerca de 01:00hrs e Andrés ainda estava acordado, a ansiedade e o nervosismo causado pelo o que houve no dia anterior o deixava com insônia. Ele já estava cheio de ficar rolando de um lado para o outro da cama, então decidiu ler o livro que encontrara mais cedo quando estava procurando algo para secar o chão.

O livro se chamava “Una gota de sangre” e parecia bastante interessante, porém as pequenas letras - ainda do índice – se embaralhavam na sua cabeça. Seu cérebro estava realmente cansado, entretanto o sono não chegava. Ele forçou-se a ler mais um pouco, desistindo logo em seguida. Talvez precisasse de um óculos ou simplesmente um Lorazepam.

Depois de inúmeras tentativas ele consegue adormecer.

Já era de manhã, Andrés tomava seu café calmamente quando um dos quadros que enfeitava a parede da sala de estar chamou sua atenção. Era retrato de um homem e seus traços pareciam familiares, mas não ligou muito.

De repente, começou a sentir-se mal, tonto, estava fora de si. Foram longos dez minutos sem controle de seu próprio corpo e suas pernas fraquejavam. Quando se viu lúcido novamente se tocou do que estava acontecendo. Era abstinência.

O motivo por não ter ficado louco na prisão, era porquê todos os dias recebia seus remédios, mas quando saiu de lá está foi a última coisa em que pensou.

Sem perder mais tempo, saiu de casa e adentrou a primeira farmácia que encontrou, pagou pelo medicamento e o tomou lá mesmo. Assim que sentiu a pequena cápsula fazer efeito em seu corpo era como se seus pensamentos se organizassem e tudo tivesse voltado a fazer sentido.

Depois desse surto, percebeu que ainda era o mesmo de anos atrás, ainda era fraco e dependente de uma droga. Sim, uma droga. Não só o que consumira, mas o que vivia. Sua vida era uma droga. Ele não queria mais isso, queria de alguma forma poder mudar. E já que desejava tanto isso, resolveu começar pela sua aparência.

Andrés não era um cara muito vaidoso, mas se era para recomeçar direito, não seria de todo o mal começar dando uma mudada no seu eu exterior.

Como estava no centro da cidade, não foi difícil encontrar alguma coisa de seu agrado. Ele visitou várias lojas e pode-se dizer que gastou mais do que deveria, se continuasse desse jeito acabaria falido.

Quando acabou suas “compras”, eram quase meio dia e como sempre, seu estômago deixou claro o que queria, obrigando-o a ir até um restaurante.

Dessa vez optou por um restaurante tradicional, com comidas típicas mexicanas. Ao mesmo tempo em que tentava deixar as sacolas em pé em cima da cadeira, ele fazia seu pedido. Pediu alguns tacos e um suco natural, mas se arrependeu assim que deu a primeira

mordida. O quão apimentado aquilo poderia ser? Existiam muitas comidas fortes na Espanha, no entanto nada se comparava a aquilo.

Após terminar de comer e quase ter uma indigestão, ainda sentado à mesa, começou a pensar em qual seria o próximo passo dessa mudança superficial e cogitou que talvez um novo corte pudesse ser interessante.

Antes de sair do restaurante, perguntou para o caixa se conhecia alguma barbearia por perto e o mesmo lhe recomendou uma que era até bem distante do centro da cidade, mas não se importou e apenas seguiu a orientação dada.

Quando chegou onde procurava, percebeu que quase tudo na ao redor tinha uma aparência bastante simples, porém bastante elegante também. Ao entrar no lugar é recebido por um rapaz aparentemente jovem que o levou até uma das cadeiras em frente ao espelho e começou a fazer sua barba.

Um tempo depois o rapaz começou a ficar inquieto.

- Há algo errado?

- Não, é que já vai dar a hora do meu almoço e eu preciso resolver algumas coisas, mas a outra pessoa que trabalha aqui ainda não chegou.

- Então deveria prestar atenção no seu trabalho, ao invés do seu horário de almoço. Afinal, não é o cliente que tem sempre razão? – Andrés respondeu curto e grosso como de costume.

- Algum problema Kaleb? – Era aquela voz de novo. A voz do bar.

- Ágata! Que bom que chegou, por favor, continue atendendo esse senhor, tenho coisas pessoais a resolver. Até.

Então era ela. Não era uma alucinação ou uma coincidência. Ela estava ali, na sua frente. Nairóbi estava ali.

Capítulo 3

“Então era ela. Não era uma alucinação ou uma coincidência. Ela estava ali, na sua frente. Nairóbi estava ali.”

- E então, como vai querer seu corte, senhor Berlim?

- Era você. – Como? – Era você no bar não era? Responda.

- YA, que diferença seria se fosse eu ou não nesse tal bar? Eu nem sei do que está falando. Aliás, você continua o mesmo babaca e grosseiro desde a última vez que nos vimos. Precisava tratar o cara daquele jeito?

- Apenas fui sincero, os funcionários daqui deveriam ser mais receptivos e profissionais, não acha? – dizia em tom de deboche – E você ainda não me respondeu. Era você no bar aquela noite?

- Eu não sei qual é o seu problema, mas nós não temos mais uma lista de regras a seguir como antes, não preciso mais te obedecer, engolir sua estupidez ou fingir que gosto dos seus comentários rudes. Não sei o que veio fazer aqui no México, não sei se veio para me importunar, mas depois de anos nós poderíamos pelo menos tentar conversar civilizadamente.

- Deve ser bastante iludida para achar que eu sairia da Espanha e viria para o México apenas por sua causa. Deixe eu te dizer uma coisa, não é recíproco.

Ágata apenas fingiu não escutar. – Vamos começar novamente. Olá Andrés, que surpresa boa você aqui. Senti sua falta. Como esteve nesses últimos anos?

- Pensei que fosse para ser civilizada e não fingida.

- Okay, eu desisto, não vou ficar tentando ser educada com quem não merece. Vai ficar aí parado? Vou fechar mais cedo hoje, não pode ficar trancado aí dentro. Não vai sair? Tudo bem, estou indo embora, aqui estão as chaves, quando decidir cair fora tranque tudo e as deixe dentro da caixa de correio. - Ágata falava enquanto guardava alguns papéis na bolsa.

- Ei, calma aí. Onde foi parar seu senso de humor? É o seguinte, não vim aqui por sua causa, vim aqui para cortar o cabelo e fazer a barba, afinal é isso que se faz em uma barbearia e eu não saio daqui sem ser atendido devidamente.

- Muito bem, vamos fazer um acordo então. Eu te atendo, mas não quero ouvir mais nenhuma “piada” idiota sua, caso contrário corto seu pescoço com a navalha.

- Eu vou pagar, não posso falar e ainda sou ameaçado de morte? Isso parece um pouco injusto, mas tudo bem, estou de acordo. Agora faça logo isso.

A última coisa que se ouviu foi um longo e frustrado suspiro de Ágata, depois disso o ambiente ficou em silêncio total.

O silêncio foi quebrado alguns longos minutos depois, quando o corte foi finalizado.

- Terminado. Pode me pagar e ir embora.

- Por que a pressa? Podíamos sair para tomar alguma coisa, conversar... sobre o motivo de você ter vindo ao México.

- Ah! Então é isso que quer saber? Por que isso te interessa tanto? – dizia enquanto fechava a caixa a caixa registradora. – De qualquer forma, não posso conversar agora, eu realmente planejava fechar a barbearia cedo hoje. Tenho outras coisas a fazer.

Eles saem de dentro da barbearia sem trocar uma palavra. Andrés estava apoiado na parede, tinha suas mãos nos bolsos da calça e a cabeça baixa, provavelmente pensando em algo, enquanto Ágata fazia sinal para um táxi que passava por ali.

- E seu filho? Conseguiu recuperá-lo? Axel, certo? – perguntou ainda olhando para seus sapatos, fazendo Ágata parar imediatamente o que estava fazendo e direcionar imediatamente o olhar para o mesmo.

- Sério mesmo, qual é a sua? Aparece de repente, insiste em saber o porquê de eu estar aqui e agora, quer saber de Axel? - Ela já estava irritada e sem paciência. – Afinal Andrés, o que você quer?

- Ainda vai querer o táxi? – perguntava o taxista receoso.

- O QUE VOCÊ ACHA?

- Isso foi um “não” senhor, desculpe pela falta de educação da minha amiga, pode ir. – dizia calmamente com um sorriso perverso nos lábios e sem desviar o olhar da mulher à sua frente. – É... pela sua reação você não tem a guarda de seu filho.

- Se você quer tanto saber, NÃO, eu não tenho a guarda dele. – falava ao entrar em outro táxi que por sorte conseguiu chamar. – Mas vou conseguir.

- Huh, se você acha.

- Vá para a Avenida Miguel Ángel de Quevedo, por favor. – Disse ignorando mais um comentário imbecil.

Andrés apenas desencostou da parede e seguiu seu caminho para casa a pé, observando atentamente cada um que passava por ele. Era quase fim de tarde, estava frio e nublado, mas ainda assim as ruas estavam cheias.

Quanto mais andava, mais frio sentia, não estava nem na metade do caminho e seus braços já estavam cansados de carregar aquelas sacolas. Quem teve a ideia idiota de ir a algum lugar tão longe? Ah, foi ele mesmo, quando decidiu “mudar”.

Conforme andava, ficava mais enfurecido consigo mesmo. O que foi aquilo com Ágata? Qual a necessidade de a humilhar daquele jeito? “Mudar”, isso era tudo o que ele não estava fazendo, continuava o mesmo de sempre.

Quando finalmente conseguiu chegar em casa, deixou as sacolas no chão e se jogou no sofá. Sua cabeça estava prestes a explodir, a friagem tinha lhe feito mal. Levou suas coisas para o quarto e foi tomar um banho quente para tentar relaxar os músculos.

Ele sentia a água quente escorrer por todo o seu corpo e um turbilhão de pensamentos passando pela sua mente. Seu corpo estava calmo ao mesmo tempo, ao mesmo tempo que sua cabeça estava completamente agitada.

De repente, a única coisa que conseguia pensar era no endereço que Ágata tinha indicado ao taxista. Precisava falar com ela novamente. Qual era mesmo o endereço? Ele só conseguia lembrar que era “Avenida alguma coisa Ángel alguma coisa”. Ángel, esse nome resgatava várias lembranças, mas não queria pensar nisso naquele momento.

Depois de sair do banho e fazer algumas pesquisas, conseguiu encontrar o endereço e sem pensar duas vezes pegou o primeiro táxi que passou. Quando chegou na avenida percebeu que encontrar o lugar certo seria mais difícil do que imaginou, afinal, era uma AVENIDA.

Pediu para o motorista dirigir um pouco mais lentamente para que conseguisse encontrá-la. Foi quando a viu acompanhada de uma outra mulher no estacionamento de uma clínica psicológica.

Nonoa05: Segundo round

Sinopse:

Após muito tempo sem falar com seus antigos companheiros, Nairóbi recebe uma ligação estranha do professor e descobre que algo terrível aconteceu. Em um ano as suas vidas mudaram completamente e eles podem estar em perigo.

Visualizações 164

Favoritos 9

Comentários 9

Palavras 3.578

Categorias La Casa de Papel

Tags Berlim, Denver, Helsinque, La Casa De Papel, Monica, Nairobi, Professor, Raquel, Rio, Tóquio

Capítulo: Uno

Estava sentada, sem rumo e sem motivos para seguir em frente, a chuva caía em meus ombros e mesmo estando toda molhada eu não me importava mais, tiraram meu filho de mim e eu não tenho mais nada, não tenho mais um motivo para viver e não tenho mais motivos para lutar. Me sentia derrotada, as lágrimas caíam e não me restava mais nada, perguntas passavam pela minha cabeça: "será que um dia iria conseguir ele de volta?". A resposta era clara, Não. Quatro anos e dois meses haviam se passado, Axel estava com 7 anos, mesmo saindo da prisão e com um emprego não me deixaram ver ele, descobri que estava sempre em casas diferentes procurando por famílias novas. Eles não iriam dar a guarda para uma mulher que já foi presa que estava sem marido ou família. Eu não sabia o que fazer.

— *E se eu falar que tenho a solução para o seus problemas?* — Disse um homem desconhecido, usando óculos, de terno e com barba. De imediato fiquei surpresa, entretanto dei risada, ele não tinha como me ajudar.

— *Conheço sua história **Ágata Jiménez**, imagino que queria o seu filho de volta. Eu tenho uma proposta e sei que você não tem nada a perder.* — O desconhecido falou e eu rapidamente me levantei assustada, várias perguntas passavam pela minha cabeça. Então logo perguntei: — *Quem é você, porra?*

— *Pode me chamar de **Professor**, eu irei ajuda-la a com o maior roubo da história da Espanha.*

Flash back off

Parada mais uma vez aqui, olhando para o mar percebo o tempo que passou, a proposta que o Sérgio me fez realmente mudou a minha vida. As pessoas ainda se perguntam como conseguimos fazer aquele plano dar certo quando tinha tudo para dar errado, os policiais nunca pararam de procurar e minha identidade nunca foi descoberta. Os assaltantes estão distribuídos em diversas ilhas na Espanha, mas confesso que com o tempo acabamos nos afastando, afinal já faz um ano que o assalto aconteceu. Exatos 365 dias.

Olho para a televisão e logo vejo os mais importantes jornais da Espanha informando que o assalto a Casa da Moeda da Espanha, o assalto que durou 12 dias havia acontecido á um ano atrás, ainda haviam muitas perguntas sem respostas e embora os policiais procurassem muito não sabiam de nada novo, o Professor não deixou pistas.

Observando a beleza da casa de férias de Minorca vejo Helsinque pela sacada brincando com meu filho Axel que estava perto de completar 8 anos, eles se tornaram bons amigos e sempre estavam juntos. Acabamos realmente morando juntos, a ideia de dividir uma casa ou apartamento foi boa. O único problema são os namorados de Helsinque que estão sempre por perto mesmo ele sendo cauteloso.

Flash back on

Coloco meu disfarce, roupas e minha peruca, iria recuperar meu filho dez dias após o maior assalto da história, já estava tudo preparado, Helsinque iria me ajudar. Fechei a mala, olhei para o quarto e vi que estava tudo certo, hoje seria o dia em que eu iria recuperar o meu filho, Axel.

Estava usando uma roupa refinada e Helsinque estava de terno para supostamente fingir ser o meu marido, entramos em um carro e após 30 minutos chegamos no hotel, onde estava a família adotiva de Axel, entramos no hotel e ele estava exatamente como as plantas do hotel mostravam, não teríamos problema em fugir. Fizemos o check-in e logo pegamos o elevador e entramos em nossa suíte presidencial, abrimos nossas malas e separamos tudo, as armas, explosivos e granadas que estavam dentro. Nossa intenção não ferir ninguém, mas se alguém fosse tentar impedir, eu iria atirar.

Com nossos aparelhos de microfone e ouvido nos dividimos pelo grande hotel para saber o exato quarto e o lugar onde Axel estava no momento. Mas quando eu-o vi de longe, meu coração parou e tudo a minha volta não pareceu importar mais, eu só queria correr e abraça-lo mas precisava seguir o plano.

— *Helsinque, ele está na piscina* — Falei enquanto me aproximava das cadeiras de praia onde tinha uma visão perfeita do meu filho brincando com algumas crianças dentro da piscina.

— *O quarto dele é realmente o 212, assim como planejamos.* — Helsinque disse enquanto dava uma boa olhada pelo local. Então continuou: — *Seus responsáveis não estão no hotel, estão em uma conferencia, temos 3 horas, esse é o tempo que teremos para pegar ele.*

— *Ele está saindo da piscina, Rosalía a ruiva está com ele* — Avisei enquanto pegava o cartão de uma das empregadas que estava colocando toalhas perto das cadeiras de praia. Continuei: — *Tudo está saindo como planejamos.*

Axel e sua babá entraram no quarto esperamos 20 minutos, trocamos de roupa, pegamos as armas, explosivos, colocamos o colete aprova de balas embaixo da roupa e apagamos qualquer vestígio de que um dia passamos pelo hotel e nossas digitais do quarto.

Olhamos nos corredores e nenhuma empregada estava passando, esse era o horário de almoço delas, então todo o caminho dos quartos estavam tranquilos e sem pessoas passando, era nosso momento de pegar o cartão e entrar no quarto. Entramos e logo pegamos as armas

— *Passa a porra do garoto* — Falei enquanto entrava no quarto, vendo se tinham mais de duas pessoas no local.

— *Está tudo livre* — Helsinque falou, olhei ao redor e vi Axel assustado enquanto abraçava a sua babá. Então continuei: — *Rosalía, me dá o garoto* — Disse enquanto me abaixava e abria os meus braços a espera do garoto. Ela acenou com a cabeça sorrindo e logo mandou ele vir para ao meu lado.

Rosalía estava comprada, antes de irmos para o Hotel observamos cada passo da família adotiva de Axel, os Martinez, percebemos que ela era uma garota pobre, sem a família por perto que cuidava de crianças para se sustentar, então Helsinque logo deu a ideia de pagarmos para ela 1 milhão de euros para tornar o sequestro mais fácil e menos perigoso para a criança. Todos os encontros com ela ambos estávamos de máscaras e bem disfarçados para que ela não tivesse a opção de nos revelar.

Pegamos o garoto e amarramos ela no quarto, nós estávamos sabendo de todas as saídas do Hotel e a mais fácil era a pela cozinha, os cozinheiros e empregados estavam

almoçando então não iriam perceber quando um casal e uma criança com malas passassem pela cozinha, disfarçados.

Um segurança passou pela cozinha com uma maça na mão, arregalou os olhos e logo percebeu o que estava acontecendo, antes de conseguir pegar a arma que estava em sua cintura foi tarde demais antes de Helsinque lhe dar um tiro no ombro fazendo ele cair no chão. Ele estava no lugar errado e na hora errada.

Quando finalmente estávamos seguros, abracei Axel e disse que iria levar ele para sua mãe, para que ele não ficasse traumatizado por sua mãe ser uma sequestradora e uma ladra.

Flash back off

— *Mamãe.* — Axel me chamava e corria para os meus braços enquanto Helsinque estava atrás dele, correndo como se fosse o pegar, ele rapidamente chegou perto e me puxou para os meus braços para se proteger de Helsinque.

— *Peguei você* — Falei enquanto segurava ele e distribuía pequenos beijos em seu rosto, ficamos muito tempo separados e eu sempre tratava-o com muito carinho. Comecei a desfrutar a companhia de meu filho e acabei esquecendo do mundo, só me recordei quando Helsinque apareceu com o telefone na mão, falando: — *É o professor, ele quer falar com você.*

Capítulo: Dos

— *Professor?* — Perguntei surpresa, uma das últimas regras era não manter contato, todos nós concordamos com essa regra pois apesar de sermos amigos gostaríamos de seguir vidas completamente diferentes, ser pessoas melhores e ricas. No começo foi difícil, passamos muitos meses juntos e estava habituada a ter as suas companhias em minha vida, as piadas de Denver, os conselhos e histórias de Moscou, o silêncio de Oslo, a ansiedade e as músicas que dançava com a Tóquio, a inteligência e o nervosismo do Professor, o humor negro de Berlim, Rio o mais sonhador e jovem.

— *Algo terrível aconteceu, precisei te ligar, desculpe-me por não seguir minha própria regra* — Professor disse nervoso, então continuou: — *Assassinaram de forma cruel a mãe de Raquel, ela foi degolada e em seu corpo usando a faca escreveram o seguinte bilhete: "Quando este monstro entrou em meu cérebro, não sei, mas chegou para ficar. Como alguém se cura sozinho? Todos temos poder para matar em nossas mãos, mas a maioria das pessoas tem medo de usá-lo. Os que não têm medo controlam a vida"*

Me senti abalada e precisei me sentar para processar tudo o que estava acontecendo depois de tanto tempo, se o professor estava me ligando ele tinha certeza que o bilhete havia sido deixado para nós, não me sentia mais segura, mas isso não era tudo, então o professor continuou:

— *Seu nome estava embaixo Nairóbi* — Nesse momento o meu coração parou e todos os pelos do meu corpo se arrepiaram, uma leve falta de ar me atingiu e eu não sabia mais o que fazer e como agir devido a esta grande ameaça.

— *O quê eu faço, professor?* — Perguntei desesperada e desejando que o professor tivesse um plano, como sempre tem.

— *Observando os fatos, o assassino quer nos atingir, ele poderia ter assassinado alguém próximo a você, mas assassinou a mãe da inspetora, ele sabe o seu nome de assaltante e a forma como ele fez o corpo aparecer onde estou vivendo foi surpreendente.* —

O professor explicou detalhadamente e fiquei mais aliviada em perceber que o alvo não era somente eu.

— *Não estava nos nossos planos ser perseguidos por alguém que não fosse policial. Como você sabe que não é a inspetora? Você nos avisou que ela era inteligente e para as outras pessoas ela era imprevisível* — Disse enquanto observava o quarto.

— *Ela não iria matar a sua própria mãe, não iria ser tão fria como o assassino foi* — O professor falou e eu percebi que tinha sentido, então ele continuou: — *Ela está comigo, Nairóbi.*

Flash back on

Quatro meses antes do assalto.

– *Como eu serei o único que vai ficar fora da Casa da Moeda da Espanha, conseqüentemente irei conversar com o inspetor presente nas investigações e acordos feitos pelos policiais, existem dois possíveis inspetores que os policiaos devem decidir pelo seu histórico de casos resolvidos e de vítimas salvas.* – Continuou enquanto escrevia dois nomes da lousa.

Alejandro Diaz.

Raquel Murillo.

– *Alejandro Diaz, é um dos negociadores que já salvou mais de 253 pessoas de cometerem suicídio ou de atirar em alguém, muitos dos seus casos são concluídos sem mortes, os casos mais complicados ele faz questão de entrar no local onde está acontecendo o assalto, casa ou até na janela de um prédio como já aconteceu tantas vezes. É solteiro e mora sozinho o que possibilita de trabalhar em qualquer lugar da Espanha* – O professor falou enquanto mostrava fotos de um homem alto, usando sempre uma calça e uma camisa quadriculada. Mostrou fotos de seus casos e até de um caso onde ele estava apoiado na janela para ajudar uma mulher.

– *Esse homem realmente não tem estilo, deve ser por isso que está solteiro. Imagina na hora do sexo? Deve usar cuecas quadriculadas, eu iria broxar* – Denver falou enquanto dava risada das roupas sempre iguais e com os mesmos quadrados. Moscou deu um tapa em sua cabeça e ele ficou quieto.

– *Raquel Murillo, uma negociadora que já ajudou mais de 587 pessoas, está sempre nos casos mais complicados envolvendo assaltos ao banco, atentados e ameaças. Muitos assaltantes desistem de executar um grande assalto apenas falando com ela, uma de suas estratégias é fazer perguntas pessoais e criar um personagem em sua mente, descobrindo assim o que ele faria.* – Continuou enquanto mostrava fotos de uma mulher de cabelos castanhos e um dos casos onde ela trabalhou como o de um assalto ao banco onde ela foi conversar com os assaltantes com uma arma escondida e surpreendia os assaltantes.

Flash back off

– *A inspetora?! – Perguntei surpresa porque o professor sempre nos avisou e proibiu de ter relações pessoais com os assaltantes ou com algum individuo que fosse atrapalhar o nosso plano.*

– *Sim, entretanto ela acabou nos ajudando, ela sabe nossas identidades e está comigo guardando esse grande segredo e nos protegendo. Ela está do nosso lado.* – O professor falou e precisei de um tempo para processar tudo o que estava acontecendo, era muito informação e estava com medo de tudo começar a dar errado.

– *Por que você não nos avisou, porra?* – Perguntei furiosa e revoltada, ela poderia estragar o plano depois de tanto tempo. Estava irritada, continuar na Espanha não era ideal, precisava me mudar o mais rápido possível.

– *Vocês não iriam entender, não prejudiquei o plano. Ela é de total confiança.* – Ele disse e continuou: – *Mas não precisamos nos preocupar com isso, nossa atenção precisa ser focada no assassino, ele pode nos afetar e nos prejudicar de verdade. Você precisar tomar cuidado, seu nome estava no corpo então pode indicar que você é a próxima.*

– *Vou sair da Espanha* – Avisei e fui em direção ao quarto pegando três malas grandes para colocar as roupas e objetos pessoais do Axel e os meus, peguei os euros e coloquei alguns dentro da mala.

– *Não, precisamos nos encontrar e formar um novo plano para saber quem é assassino e como ele sabe sobre nós* – O professor disse e fiquei em silêncio por um tempo. Ele foi o cérebro por trás da operação do roubo da Casa da Moeda e com certeza iria descobrir quem assassinou a mãe de Raquel e o que quer de nós.

As duas frases que estavam no bilhete dois serial killers falaram: Dennis Rader: "Quanto este monstro entrou em meu cérebro, não sei, mas chegou para ficar. Como alguém se cura sozinho?" Dennis Rader cegou, torturou e matou dez vítimas no Kansas, Estados Unidos, de 1974 a 1991, enquanto levava uma vida criminosa secreta para sua família e dois filhos. Richard Ramirez: "Todos temos poder para matar em nossas mãos, mas a maioria das pessoas tem medo de usá-lo. Os que não têm medo controlam a vida." Ramirez foi acusado de invadir casas no estado de Los Angeles, matando 13 pessoas entre 1984 e 1985.

Capítulo: Tres

Desci do avião com Axel em meu colo e Helsinque do meu lado, estávamos em Madri, capital da Espanha onde iríamos nos encontrar com o resto do grupo, pegamos as malas e fomos em direção ao carro blindado que compramos. As malas foram colocadas no carro e depois de Axel tanto insistir antes de irmos para o Hotel compramos para ele uma grande porção de batatas fritas.

Gran Meliá Palacio de los Duques

O grande hotel mais luxuoso da Espanha, o gerente rapidamente surgiu com dois funcionários que nos auxiliaram com as malas. Helsinque logo mostrou os passaportes e o ingresso do Hotel.

- *Senhor e Senhora Mendéz?* - O gerente nos chamou e nos levou para a bancada e começamos a fazer o check-in. Depois de todo o processo fomos para o quarto que era o mais caro do hotel.

- *Carvalho, que lugar bonito* - Falei e logo vi Helsinque concordar, era uma cobertura grande composta por vários móveis da cor branca e preta, alguns quadros do Pablo Picasso na parede faziam o cômodo ter um sintonia e acabavam destacando a cama grande com lençóis amarelos e travesseiros vermelhos com pequenos detalhes pretos.

- Mamãe, não pode falar isso - Axel me alertou e embora essa palavra fosse comum em meu vocabulário eu concordei. Desde pequena me acostumei a escutar essas palavras devido ao Miguel, o meu pai. Ele encontrava-se sempre em bares e cabarés espalhados pela cidade de Oviedo, na Espanha, onde nasci e onde tenho memórias ruins, como quando ele aparecia em casa e ofendia a minha mãe Inês e agredia ela. Um filha da puta alcoólatra. É exatamente por esse motivo que não deixo Axel falar essas palavras e as vezes até evito falar elas.

Flash back on

Era de madrugada, estava pela cama quando escuto uma voz e alguns barulhos pela casa, o pai havia chegado. Começo a tremer e olho para minha mãe que estava ao meu lado, seus olhos demonstravam medo e seu corpo estava em alerta, nós estávamos atentas e com medo do Miguel, meu pai e marido da minha mãe, Inês.

- *Não se preocupe filha, vamos dormir e vai dar tudo certo* - Minha mãe disse enquanto me abraçava carinhosamente me passando amor e confiança.

A porta logo rangeu e logo senti o medo me dominando, como o alcoólatra que ele sempre foi e era, com certeza estava bêbado e iria reclamar de algo, estava aterrorizada e esperando o que iria acontecer.

- *Onde está as minhas bebidas, mulher?!* - Gritou logo chegando perto e puxando minha mãe da cama, que logo levantou-se aterrorizada e assustada.

- *Você bebeu todas* - Minha mãe disse alerta e fazendo movimentos leves, andando lentamente em direção a porta, quando foi impedida por Miguel que logo deu um tapa em sua cara, fazendo ela gritar de dor e surpresa pelo ato. Minha mãe gemeu e caiu do chão com a mão no rosto vermelho e com lágrimas em seus olhos que demonstravam medo.

Flash back off

Estava desarrumando as malas quando escuto o meu celular tocar e logo atendo:

- *Olá professor* - Disse enquanto pegava algumas armas e colocava embaixo da cama por precaução.

- *Iremos nos encontrar com eles quando a Tauromaquia começar, na Praça de Touros de Madrid, estaremos todos disfarçados e sentaremos junto com a multidão, nos lugares mais caros onde o sol não bate e mais próximos da tourada.* - Disse e Helsinque que estava do meu lado escutou e eu coloquei no viva-voz.

- *Porquê não nos encontramos em algum lugar fechado e sem pessoas?* - Perguntei já que poderia ser um perigo nos encontrar com uma multidão em nossa volta.

- *O assassino sabe os lugares que frequentamos e provavelmente está a espera de um passo nosso, ele deve saber que vamos nos encontrar e deve estar procurando algum lugar ou casa longe de tudo. Seria o mais óbvio a se fazer já que somos procurados por todo o mundo, então se nós nos encontrarmos em algum desses lugares pode ser que ele esteja lá, nos esperando.* - Ele avisou e eu percebi que ele tinha razão.

- *Como você sabe, as informações de como nós éramos chamados foi publicado em todos os jornais em revistas então não podemos usar aqueles mesmos nomes, os espanhóis estão em alerta, podem se assustar e fazer nosso encontro dar errado, Tóquio se tornou **Alaska**, Rio se tornou **Sidney**, Denver se tornou **Mali** e Helsinque se tornou **Chicago** Não cometa nenhum erro. Você se chama **Bélgica*** - O professor avisou.

- Certo - Concordei.

- *Alaska, Sidney e Mali já estão em Madrid e já sabem das informações. Só estão esperando. Vejo vocês daqui a uma hora. Me chamem de **Belize**.* - O professor disse e desligou o celular.

Comecei a preparar as coisas, deixei Axel em um lugar confiável para que ele ficasse seguro caso algo der errado. Helsinque arrumou as malas e escondeu pistolas em sua cintura, em seu par de sapatos e nos bolsos de seu paletó. Troquei de roupa e coloquei um vestido vermelho e comprido, uma cinta onde coloquei quatro armas, duas de cada lado e mais algumas balas por precaução, para completar coloquei meias pretas e longas embaixo do vestido e um tênis confortável, afinal na troca de tiros um salto não iria salvar a minha vida se fosse preciso correr.

Praça de Touros de Madrid: Las ventas

Estava um dia ensolarado e bonito, várias pessoas estavam no local, muitas com bandeiras da Espanha e algumas até com uma camisa e fotos do toureiro famoso que iria se apresentar hoje, o Morante de la Puebla. A construção era linda, tinha em cerca de três andares e muitas varandas, sua cor é meio beje e apesar de ser uma antiga construção é limpa e bem tratada. Fomos em direção as bancadas onde os funcionários estavam pegando os ingressos, pegamos o boleto e compramos os ingressos que o Professor havia marcado e entramos na grande arena, avançamos em direção ao nossos lugares e já estavam todos à nossa espera, cada um deles estava diferente. Tóquio agora estava de cabelo loiro e comprido, usando lentes de contatos que deixavam o seu rosto completamente diferente, mas bonito, Denver estava de barba e seu cabelo estava castanho claro, o Professor estava sem barba e seu cabelo estava pintado de castanho claro com um corte diferente, sem os óculos, Rio estava de cabelo comprido e estava usando óculos.

Não existem palavras para descrever a emoção de rever-los após tanto tempo, a primeira pessoa que abracei foi a Tóquio que parecia estar muito animada em me ver, em seguida foi o Professor e ele continuava do mesmo jeito tímido e constrangido, mas não hesitou em me abraçar, Denver apareceu e se jogou em meus braços e por último o Rio.

— *Caralho professor, você continua um gostoso* — Denver falou e acabou fazendo todos rirem, o Professor se envergonhou e deu risada.

As luzes então foram apagadas e uma única luz havia na arena, o apresentador então começou a falar:

— *Bem vindos á mais uma tourada! Vocês estão animados?* — O apresentador perguntou e a multidão enlouqueceu, mas de repente as luzes se apagaram novamente e o silêncio predominou pela arena, todos estavam se perguntando o que estava acontecendo, quando uma luz vermelha e forte voltou revelando o apresentador morto. Ele estava deitado

no chão com milhares de espadas cravadas em seu corpo, a mais funda era a do coração que dava perfeitamente colocada, mas em sua cabeça havia uma marca de bala como se alguém tivesse dado um tiro. Ele estava exatamente como os touros que são mortos com dezenas de espadas pelo seu corpo e em seu coração.

— **Tóquio, Rio, Nairóbi, Helsinque e Professor** — Uma voz falou no microfone e as luzes se apagaram novamente, todos começaram a correr.

— O assassino está aqui — O professor falou e nos olhamos.

Nonoa07: O maior assalto

Sinopse:A Quadrilha ficou rica cada um dos integrantes ficou com 2 milhões e tentaram fugir para Dubai

Visualizações 48

Favoritos 1

Comentários 3

Listas de Leitura 1

Palavras 986

Categorias La Casa de Papel

Personagens Berlim, Nairobi, Professor, Rio, Tókyo

Capítulo 1

Depois que o maior assalto da Espanha foi feito a quadrilha resolveu parti da Espanha para dubai, chegando em dubai a quadrilha se reencontram e vão para um hotel da cidade pra conta o dinheiro e dividilo logo em seguida.

- A tokyo desse para comer algo no hotel e liga pro professor avisando que os polícias estão no hotel a procura da quadrilha

Logo a pós o professor manda a quadrilha preparar tudo que em 5 minutos a gente estará saindo o professor fala:

- Pra nairobi e o Berlim darem cobertura para o professor e o rio saírem com todo o dinheiro sem que os policiais vejam

Mais um dos fucionario do hotel percebe a movimentação e a aciona a polícia Berlim e nairobi rende todos os reféns do hotel, tokyo leva o fucionario gagoete para o banheiro enquanto isso Berlim bola um plano com o professor para ele e nairobi e tokyo fugirem do hotel professor fala :

- Que ele é o rio estão em barcando nim um vô para França tokyo pede pra fala no telefone com o professor :

- tokyo brava diz no telefone para o professor. Não era esse o plano professor fala :

- Relaxa tokyo irei mandar um dinheiro por uma conta do laranja pra vocês pegarem o vô pra França professor desligar

Berlim e nairobi trocam tiro com os policiais, enquanto a tokyo força o fucionario gagoete a fala aonde e a saída de emergência

Berlim bola um plano pra todo eles saírem manda a nairobi leva um dos reféns do hotel lá pra fora e manda ele fala:

- a seguinte frase " SE TODOS VOCÊS POLÍCIAIS NÃO PAREM DE ATIRA ELES VÃO MATAR TODOS OS REFÉNS DO HOTEL " É os policiais param de atira enquanto isso Berlim e nairobi vão trás da tokyo

E a tokyo consegue oque quer e liberar o fucionario gagoete do hotel, Berlim e Nairobi e Tokyo se encontram foge do local e vão para uma outra cidade bem longe de dubai para ficarem na espera da ligação é do dinheiro que o professor irá manda em breve o dinheiro e a ligação irá chega .

Capítulo 2: Fugindo para a França

Berlim, Tokyo e Nairobi ficam no aguardo da ligação é do dinheiro, que o professor irá mandar em breve. Quando eles menos esperam o celular do Berlin toca, quem atende e a Tokyo:

- Quando que a gente vai sair dessa casa senhor professor - disse o professor
 - Calma Tokyo vocês irão sair daí hoje, terá um homem desfaçado aguardando vocês no aeroporto, vocês irão pegar o voo para França.

Enquanto o Professor e o Rio contam o dinheiro e pesquisam, casas longe da cidade que tenham pouca vizinhança para não chamarem muita atenção Berlin, Tokyo e Nairobi viajam para França.

Berlim, Nairobi e Tokyo pegam o voo para França, chegando no aeroporto da França eles percebem que os policiais ar mão uma emboscada para pega a quadrilha, mais Tokyo percebe e avisa Berlin e Nairobi e começa a troca de tiro dentro do aeroporto a quadrilha foge para uma cidade um pouco distante da França Tokyo liga para o professor avisando que vai ter mudanças de planos o professor:

- como assim Tokyo mudança de planos? Tokyo:
 - Os policiais estão atrás da gente está passando em todos os noticiários de TV e na Espanha, Dubai e aqui na França a gente está sendo procurado pelo FBI o professor:
 - Não saiam daí até que a poeira abaixe irei despista os policiais por alguns dias.

Capítulo 3

Nairobi avisa Tokyo pra ir preparando as coisas que o Rio já está a caminho, Berlin, Nairobi vai ver se as coisas já estão calma Nairobi:

- vai ao mercado com Berlin para compra algumas coisas para eles comerem, por que a viagem será longa e manda a Tokyo fica atenta quando o Rio chega

Quando Nairobi, Berlin chegam no mercado, ver que tem um cartas colado na parede com a foto da quadrilha e a recompensa de quem tiver notícias da quadrilha, será de 1 milhão Nairobi:

- A gente está valendo tão pouco assim e manda Berlin ir comprando as coisas para viagem

Quando o dono do mercado da a voz de prisão, Berlin escuta. Nairobi corre e Berlin começa o tiroteio, Berlin sai pela porta dos fundos e se encontra com Nairobi e no meio do caminho encontram o Rio em uma Mercedes, Preta com os aros cromados. Berlin e Nairobi entram E eles vão a atrás da Tokyo chegando na casa que a Tokyo, estava eles pegam as malas e seguem viagem sentido ao encontro do professor

Ao atravessarem a fronteira Rio manda os três se abaixarem, para não chamarem atenção mais não adianta os policiais, mandão Rio encosta.

Ao encosta o carro Rio manda todos os três ficarem em silêncio o policiais pedem habilitação, documentação do carro Rio da ao policial, o outro parceiro comenta que o os vidros estão muito filmados e o Rio:

- E pra não ser muito visado - o policial devolver, os itens diz boa viagem para o Rio. Eles seguem viagem, e chegam ao destino que o Professor manda Berlin, Nairobi e Tokyo dão um Abraço no Professor, Professor:

- fala que tem um novo plano de fuga que irá ajudar a todos se safarem da polícia e curtirem seu dinheiro na maior tranquilidade de uma forma bem diferente mais enquanto o professor Bola Um novo plano o Rio vai ligando pra suas conexões de fora pra darem uma baixada na poeira e despistar os policiais por um bom tempo

Nonoa8: Pós Maior Assalto Da História

Sinopse: Pós maior roubo da história, cada um vai para cidade de seu apelido fazer suas vidas. Mas no final do roubo Rio se apaixona por Alyson e entrega Tóquio para a polícia, então Tóquio e Alyson fogem juntos.

Visualizações 78

Favoritos 1

Comentários 5

Listas de Leitura 1

Palavras 1.549

Categorias La Casa de Papel

Personagens Alison Parker, Ángel, Berlim, Coronel Prieto, Denver, Helsinque, Mônica Gaztambide, Moscou, Nairobi, Oslo, Professor, Raquel Murillo, Rio, Tóquio

Capítulo 1

O assalto acaba com eles saindo disfarçados, cada um com uma passagem para cidade de seu apelido, mas Denver e Mônica pretendem morar juntos, igual a Raquel e Professor... Mas Rio e Tóquio antes do assalto terminar, eles brigam dentro da casa da moeda:

- Seu lixo, vagabundo, moleque, eu vi como você olhava para ela dentro do banheiro, só faltava beijar ela. (Tóquio)

- Como se você ligasse, a pouco tempo queria terminar, agora está com ciúmes de mim e ela, talvez eu troque você por ela mesmo. (Rio)

- Tabom então, vai ser assim. (Tóquio saindo e mostrando o dedo do meio para Rio)

Alison entra na discussão e fala para Tóquio :

- Você não merece ele sua louca. (Alison)

Após dizer isso ela leva um tapão na cara de Tóquio que saía para esperar Rio lá fora enquanto Alison era liberada junta aos outros reféns. Lá fora Rio e Tóquio se perdoam e se trocam para fugir disfarçados. Mas o que Tóquio não sabia era que Rio e Alison armaram para Tóquio sem que ninguém soubesse. Rio falou para Tóquio, depois de brigarem e fingir perdoar ela:

- Me espere esquina da rua Vincent De Lá Cunha, que fugiremos juntos para o Brasil. (Rio)

A esquina era perto da base onde a polícia estava na casa da moeda. Tóquio o esperou lá, e quando já tinha se passado 25 minutos ela decidiu fugir sozinha, mas quando ia, mais de 10 viaturas pararam ela e a prenderam, enquanto isso, Alison com a desatenção da polícia com os reféns e para capturar Tóquio, ela fugiu da onde iria ser interrogada e fugiu com Rio para o Brasil. Rio estava esforçado de skatista e Alison de frera. Com todos já fora da Espanha apenas Tóquio lá, presa. Professor como tinha prometido que iria salvar Tóquio de qualquer coisa, já que ele era o anjo da Guarda dela, descobriu o que aconteceu com ela e iria punir Rio por isso. Então professor decidiu que Berlim, Nairobi, Oslo, Helsinki, Denver, Moscou e Rio mesmo feito o que ele fez, iriam salvar Tóquio na Penitenciária de segurança máxima da Espanha.

Capítulo 2

Pós todos se dividirem, professor descobre o que Rio fez com Tóquio e então puni ele tirando dele todo dinheiro recebido do assalto e mandando para o Rio de Janeiro, dois capangas para matarem ele. Enquanto Rio vive sua vida nova com Alison Parker, os capangas se infiltram nos empregados da casa de Rio sem que ninguém perceba, então Rio caminha até a cozinha quando da de cara com um deles e quando vai chamar um segurança, o outro capanga coloca um saco na cabeça dele e o leva ao seu quarto. Lá eles amarram uma fita em sua boca e começam a dar socos nele, quando acabam de bater nele um dos capangas abre um notebook e o professor estava na tela, o outro tira a fita da boca de Rio e fala que se ele gritar dá um tiro na cabeça dele. Professor para poupar a vida de Rio oferece um acordo:

- Boa tarde Rio, vejo que meus capangas já te viseram muito carinho.

Rio responde muito nervoso.

- O que você quer agora, para quê mando esses idiotas aqui?

Professor responde com um sorriso no rosto.

- Aonde está Tóquio, Rio? Fiquei sabendo que foi presa, mas como se o plano estava tão certo que não tinha como ninguém ser pego.

- Está no lugar que ela merece por discutir comigo, e nunca mais quero vela tão cedo. (Rio)

Professor então oferece um acordo para Rio, mas professor estava enganando Rio sem ele saber.

- Ok então vamos fazer um acordo, poupo sua vida e de sua nova namoradinha e ainda devolvo todo seu dinheiro. (Professor)

Rio meio desconfiado, aceita.

- Tudo bem então, mas aí vocês sabiam da minha vida... É mande esses dois capangas idiotas saírem da minha casa. (Rio)

- Certo. (Professor)

No final da transmissão pelo notebook, Berlim que escutava toda a conversa, pergunta ao professor:

- Não vai fazer negócio com esse moleque, né? Ele entregou um dos nossos. (Berlim)

Professor balança a cabeça e sai da salinha onde estavam. Uma semana depois, Rio chega a Espanha de novo junto aos dois capangas, vai direto ao esconderijo do professor para se ajuntas com seus companheiros. Chegando lá já é xingado por todos, professor com sorriso enorme fala:

- Boa Tarde Rio. (Professor,)

Então professor começa a falar o plano já armado para captura Tóquio. O plano era, Rio e Danver se infiltrarem na polícia da penitenciária, enquanto Rio distraia os outros policiais conversando com eles, Danver desativava às câmeras de segurança e ia até a cela de Tóquio entregar a ela uma caixa de fósforo. Berlim e Alison esperavam no veículo de fuga no outro carro esperava também Helsinki e Oslo, no estacionamento da penitenciária. Moscou e Nairobi roubavam um carro de bombeiro para entrar na prisão e apagar o fogo que Tóquio ia colocar, professor era o cabeça, ficava em seu esconderijo esperando todos e faltava poucos minutos para começar a captura de Tóquio.

Capítulo 3

Era 13:45 da tarde e já ia começar o golpe dentro da penitenciária. Denver dá o isqueiro e um fósforo a Tóquio e eles começam a conversar: - O que está fazendo aqui? Como entrou? (Tóquio) - Acha que abandonaríamos você aqui nesse lixo? Agora chega de perguntas e agiliza que não temos muito tempo. (Denver) Rindo com aquela sua risada engraçada.

Então Tóquio para não parecer que está fazendo nada de errado dentro da cela, disfarça indo fingir que vai dormir. Ela deita e começa a acender o fósforo que começa a pegar fogo no lençol da cama, logo começa a sair fumaça preta por toda a cela e então por toda a penitenciária. Enquanto isso Rio chama os bombeiros que são Nairobi e Moscou e acabam de roubar um caminhão dos bombeiros. Tudo já planejado e indo certo, o caminhão de bombeiros chega a prisão e entra com Nairobi e Moscou cantando:

- Oh, Bella ciao, Bella ciao! Bella ciao, ciao, cia o!

Quanto isso Rio e Denver iam até a cela de Tóquio para abrir para ela sair, quando os dois se reencontram Rio e Tóquio, Tóquio dá um tapa na cara e começam a discutir:

- O que você está fazendo aqui também, já está traindo a outra comigo seu lixo? (Tóquio)

- O quê? Estou aqui para te resgatar, me arrependo do que fiz.

Enquanto discutiam, Denver fala para falar disso outra hora por que não tinham muito tempo. Tóquio sem acreditar em Rio para de discutir e sai deixando Rio falar sozinho. Professor tendo acesso á todas às câmeras da prisão, guiava os cinco lá dentro. Moscou estaciona perto da lixeira da prisão, enquanto Denver, Rio e Tóquio passavam pelos policiais de dentro da prisão pela fumaça preta. Os três se jogam no lixão que cai na saída da prisão, Moscou entra dentro da penitenciária para apagar o fogo, enquanto isso Nairobi ajuda os outros a irem mais rápido na fuga. Dentro do caminhão a roupas da polícia para eles se

disfarçarem de policiais e saírem da prisão e irem para o estacionamento do lado de fora da prisão, no estacionamento está dois carros de fuga, um com Oslo e Helsinki e no outro com Alison e Berlim já recuperado de tiros que levou na casa da moeda. Nairobi e os outros conseguem sair e vão ao carros de fuga, apenas Rio vai ao de Alison, Nairobi, Denver e Tóquio vão ao de Oslo. Apenas Moscou ficou lá dentro da prisão, após apagar o fogo ele sai da prisão sem falar com ninguém. Moscou estaciona o caminhão e sai de lá, ele até o carro de Oslo também e fala para Tóquio :

- Fique tranquila, ele te entregou, mas mal sabe ele que é hoje a punição de verdade dele. (Com risos dizendo a Tóquio)

Enquanto dão fuga, sem ainda que a polícia saiba que Tóquio fugiu, Berlim começa a conversar com Alison e Rio.

- Uau que coragem sua Rio de resgatar sua ex, mas acho que sua punição foi fraca demais. (Rindo)

- Cuida da sua vida Berlim, pois saiba que vou receber mais dinheiro que você depois disso tudo. (Rio)

- Pois é, mas só uma pergunta! Está com cinto de segurança? (Berlim e continuando rindo)

Rio sem entender para de falar com ele e o carro fica quieto, mas depois de 1 minuto, Berlim fala uma última coisa:

- Depois do que fizeram com Tóquio, acho vocês uns jovens muito burros e idiotas. Se fossem espertos saberiam que o professor nunca deu uma punição tão fraca como essa... E que essa não vai ser a primeira.

Após dizer isso, Berlim vira o volante com tudo e capota o carro, ele que estava com o cinto de segurança não sofreu muito, mas Rio e Alison se machucam todo e ficam inconscientes. O carro de Oslo estava logo atrás e parou para pegar Berlim fugir e deixar Rio e Alison serem presos pela polícia da Espanha. Enquanto tudo isso a polícia descobre que Tóquio fugiu e vai atrás dela na estrada de fuga deles. Antes de partirem Tóquio sai do carro e fala para rio:

- Agora apodrece lá dentro, vamos vê quem vai sair rindo agora. Alison... Sua Piranha!

E ela sai deixando os dois para polícia, que acabam presos na mesma penitenciária do Tóquio.

Nonoa11: Lá Huida De Lá Prisión

Sinopse: nessa fanfic a personagem Tóquio foi presa e não liberta como na série. Após o Plano acabar, Rio e seus comparsas tentará libertar a sua amada Tóquio.

Visualizações 61

Favoritos 3

Comentários 8

Listas de Leitura 1

Palavras 1.019

Categorias La Casa de Papel

Capitulo 1

Após o plano se encerrar e todos terem tomado um caminho diferente, Rio continua sendo procurado pela polícia e por isso compra sua casa gigantesca fora da cidade tentando ao máximo se isolar da cidade. após ele ficar sabendo que sua amante Tóquio pegou uma cana de 79 anos ele decide que não deve ficar parado enquanto seu amor verdadeiro apodrece em uma prisão, muito preocupado com a Tóquio ele decide ligar para o professor para pedir a ajuda.

Rio liga desesperado para o professor para conversarem sobre uma possível fuga de sua amada Tóquio, o professor fica meio indeciso sobre isso, mas decide ajudar porque ele não gosta de deixar nenhum parceiro para trás. Logo após isso professor liga para cada um dos membros para ajudarem na fuga de Tóquio todos aceitam participar deste plano menos o Berlim que não se dava muito bem com a Tóquio. O professor pede para eles se encontrarem em uma casa que ele comprou na mesma região da prisão da Tóquio, bem afastada de tudo é de todos para que ninguém vejam e nem os escutem, para quem assim ele consiga estudar seu plano e todos treinarem suas precisão com a arma. Logo após passar uma 1 semana que o professor ligou para os membros, finalmente já chegaram todos e já estão todos reunidos na casa onde será bolado o plano de fuga de sua parceira TÓQUIO.

Capítulo 2

Todos juntos novamente, agora para bolarem um Plano juntos

-Em quanto isso na prisão Tóquio está passando muito aperto, a chefe do tráfico que está na prisão não tem boas lembranças de Tóquio.

-Tóquio a 4 anos atrás foi mandada em uma missão de recompensa para matar o chefe do tráfico e sua mulher, mas acabou matando o chefe sua mulher acabou que conseguiu escapar

-Ja lá na casa do Plano, professor diz que precisará de fotos para estudar cada ponto da prisão. E ele mandara 2 pessoas para fazer essa missão e ele decidiu que será Denver e Mônica que tem os nomes limpos. Denver e Mônica aceitam e se preparam, após 2 horas eles chegam lá e tiram foto de fora da prisão após isso eles entram na prisão e vão tirando fotos, mas o professor pediu que eles tentassem visitar a Tóquio e tirassem fotos de lá de dentro, antes de Denver e Mônica irem o professor falsificou a identidade dos dois colocando os sobrenomes da Tóquio para que eles consigam visitar ela se passando de irmãos dela. Quando Denver e Mônica entra na prisão eles tiram foram discretamente antes dele irem para a ala de visita, Monica vai ao banheiro e coloca o celular em baixo da palmilha do tênis, após isso Mônica e Denver vão para a ala de visitas, mas antes são revistados com muito sufoco Monica e Denver conseguem passar, mas agora Monica precisa tirar o celular para tirar foto como os dois estão acompanhando pelo segurança Monica fala que está passando mal e precisa ir ao banheiro, Monica vai ao banheiro sem segurança e consegue tirar o celular e na volta ela discretamente vai tirando foto de cada detalhes cada câmeras. Após isso eles conseguem visitar a Tóquio e revelam a ela que eles estão planejando a sua fuga da prisão.

Capítulo 3

Logo após Mônica e Denver terem levado as fotos para o professor analisar, ele (Professor) fala que as fotos não serão o suficiente para ele bolar o plano por completo e diz que será preciso fotos de lá de dentro das celas é mais alguns detalhes de dentro da prisão, mas dessa vez não tem como entrar na parte das celas sem ser um prisioneiro ou um policial então o professor tem a brilhante ideia de fazer um sequestro a um policial para pegar seu crachá e seu uniforme da polícia

Mônica diz que o policial que acompanhou ao banheiro se parecia um pouco com o Denver e não parecia ser tão velho, então o professor procura saber quem é esse rapaz e descobre que este policial se chama Vázquez e tem 26 anos a mesma idade de Denver. Então o professor diz que esse será o alvo é já pensou em um plano simples e fácil, mas antes ele precisa saber que horas ele entra e que horas ele sai

Então denver vai para a prisão e fica lá esperando ele, quando exatamente 18:00 quando dever já estava indo embora ele o policial Vázquez aparece e como na Espanha eles só trabalham 8 horas por dia provavelmente ele sairá as 2 da manhã, após saber isso professor começará o sequestro os escolhidos para sequestrar o policial foram Denver (que pilotar e atira bem), Nairobi (dirige bem) e Rio porque ele vai hackear o sinal de trânsito e as câmeras ao redor.

Então exatamente 1:45 Rio, Nairobi e Denver vão para a frente da delegacia de carro já preparados para o sequestro, então 2:01 o policial sai da delegacia e vai para o estacionamento a frente pegar o seu carro, enquanto isso Nairobi vai devagar na frente porque ela ficará a frete do carro de Vázquez e Rio e Denver esperam eles sair, assim que o policial sai Rio e Denver já vão logo atrás e esperam o policial chegar no meio da cidade onde tenha um sinaleiro, assim que a Nairobi avista um sinaleiro a frente ela rapidamente avisa o Rio para ele hackear e fazer que ele fique vermelho, então é isso que o Rio faz rapidamente ele hackea o sinal e faz que ele fique vermelho e no momento que ele hackea o sinal Denver e Nairobi saem do carro armados e mascarados e rapidamente atiram contra o pneu do carro do policial para que ele não fuja, logo após Nairobi aponta a arma contra o policial e pede para que saia do carro e coloque as mãos na cabeça o policial com muito medo faz o que ela pede e atrás do policial está Denver que o revista para ver se ele não está com arma, após revista Denver amarra as mãos dele coloca um capuz preto e o coloca no porta malas de seu carro.

Nono12: Em busca do Professor (reescrita)

Sinopse: Após 3 anos do maior assalto da história, Rio decide reunir todos os integrantes do golpe, todos comparecem menos um o Professor e todos muito preocupados decidem ir em busca dele

Visualizações 38

Favoritos 1

Comentários 1

Listas de Leitura 1

Palavras 801

Categorias La Casa de Papel

Personagens Denver, Helsinque, Mônica Gaztambide, Nairobi, Professor, Raquel Murillo, Rio, Tókyo

Tags La Casa De Papel

1. Em Busca do Professor

Após 3 anos do maior assalto do mundo muitas coisas haviam mudado, todos os ladrões já estavam com suas vidas encaminhadas, Denver e Monica se casaram e ganharam o bebê e vivem em uma mansão luxuosa localizada em uma montanha conhecida como Monte Goglians na Itália, Toquio e Rio sempre estão aproveitando a vida vivendo loucamente sempre viajando para lugares diferentes e vivendo como jovens aventureiro conhecendo lugares novos toda semana, mas por um certo tempo eles decidem se acalmar um pouco e ficar um tempo casa, Helsinque e Nairobi acabaram saindo da Europa e foram viver na cidade de Buenos Aires na Argentina, mesmo Helsinque e Nairobi sendo totalmente diferentes eles decidem tentar viver apenas como amigos. 28 de julho, 15:43, Rio e Toquio estão conversando sobre assuntos banais quando Rio pergunta:

-Você sente saudades de nossos colegas do golpe?

-Sim, por que está perguntando. Responde Toquio

-Estou pensando em tentar reunir eles de novo.

-Você não está pensando em fazer outro trabalho está?

-Não, gostaria de nos reunir apenas para uma comunhão entre amigos e para nos conhecermos melhor já que não sabemos nem os nomes verdadeiros de nossos colegas

-Sim, parece ser uma boa ideia mas como você irá chama-los se você não tem, nem nomes, nem endereços, nem nada?

-Você lembra que antes de me conhecer eu era apenas um garoto com capacidades de hackear qualquer coisa, posso tentar encontrar eles de diversas formas

Passam-se 1 semana e o Rio conseguem o telefone de todos menos o do Professor

Rio liga primeiramente para Helsinque e Nairobi e lhes convida para um jantar apenas para reunir os velhos amigos e eles aceitam, e Rio disse-lhe:

-Venha a minha casa em Londres e traga a Nairobi

Em seguida ele liga para Denver e quem atende é a Monica:

-Alo, quem está falando

-Boa tarde a senhora seria a Monica

-Sim, como você sabe. meu nome

-Sou o Rio do golpe de 3 anos atrás, e estou convidando você e seu marido para um jantar em minha casa em Buenos Aires.

No dia seguinte todos estavam juntos, e Rio preocupado conta para todos o seu plano de encontrar o Professor.

2. A busca continua

Passam-se uma semana e todos juntos outra vez, mas faltava o Professor, Rio buscou muito por informações do Professor mas como sempre estava acostumado a se esconder, não foi possível obter nenhuma informação sobre ele, mas como todos ficaram preocupados decidem ir em busca do Professor. Cada um possuía suas respectivas habilidades e contatos que poderia ser de grande uso na busca, contudo ainda estavam a precisar de algumas coisas como um computador potente o suficiente para poder invadir e hackear qualquer sistema, armas para confrontos possíveis, um radiotransmissor para capturar ondas de rádio e uma base para armazenar todos os equipamentos necessários, o grupo se dividiu uma parte foi atrás do radiotransmissor e das armas, a outra parte da equipe tiveram que providenciar uma base onde não chamasse muita atenção e conseguiram um computador potente o suficiente para a busca. Após conseguirem todos os equipamentos necessários Rio invade o servidor dos aeroportos internacionais buscando pelo primeiro nome do Professor Sergio, e acaba encontrando quatro vôos nos últimos 3 anos com algum passageiro chamado Sergio, um para o Brasil, para a Austrália, para Nova Zelândia, e um para o México. Denver como acabou se envolvendo com o tráfico antigamente tinha muitos contatos inclusive fora do país, ele tenta entrar em contato com alguns deles mas só consegue falar com um que mora no Paraguai, Denver paga uma boa quantia de dinheiro pedindo para que o contato fosse para o Rio de Janeiro investigar sobre o sumiço.

3. As informações cruciais

A busca pelo professor continua, mas agora com equipamentos e informações, a equipe pode finalmente tentar achar o Professor, contudo não fazem ideia por onde começar, Rio invade alguns servidores policiais brasileiros e espanhóis. Enquanto o contato de Denver vasculhava pela imensa cidade do Rio de Janeiro descobre algo sobre um tal estrangeiro bilionário que tinha chegado na cidade. Já nas buscas de informações nos servidores, com muito sono, os membros já faziam turnos para que todos possam descansar, e em um dos turnos de Nairobi, Rio quase deixa passar uma informação importante, a polícia espanhola estava investigando a identidade do professor, por tanto tiraram a conclusão que o professor estava já com a identidade suja igual a equipe e desceu se esconder por um tempo. Agora com essa informação, eles tinham um novo trabalho, encontrar o esconderijo do professor, que poderia ser a coisa mais difícil, pois o professor tem várias ideias e estratégias. A equipe já estava sem saber o que fazer, quando o contato de Denver liga e diz:

-Fiquei sabendo de algo aqui no Rio, parece que a algum tempo chegou um estrangeiro bilionário na cidade.

-Sabe de algo a mais? Pergunta Denver.

-Não, esse cara não aparece a um tempo. Responde o contato.

Com essa informação todos ficam mais atentos no Rio de Janeiro e agora a equipe tem certeza que o professor saiu da Europa, mas sem saber o motivo pegam um avião e todos vão atrás do Professor para tentar descobrir o que está acontecendo.

Nonoa14: A Grande Vingança

Sinopse: Um menino em busca de vingança pelo o que tinham feito com seu pai vai atrás do dono do primeiro assalto a Casa da Moeda da Espanha para realizar um segundo golpe.

Visualizações 40
 Favoritos 2
 Comentários 5
 Listas de Leitura 1
 Palavras 2.520
 Categorias La Casa de Papel

Capítulo 1 – Aonde tudo começou

Tudo começou em 2000 quando a família Alves vivia uma briga com a família Louse. Essa briga começou a muito tempo atrás quando Ricardo Alves de era um militar junto com seu melhor amigo Douglas Louse, eles são grandes amigos, sempre estavam juntos, estudavam juntos na mesma sala dès do tempo de criança, gostavam da mesma coisa, inclusive da mesma mulher... E foi por causa dela que tudo começou. Em um dia Douglas e Ricardo estavam recebendo visitas, pois no dia seguinte estavam a se encaminhar para uma missão no México de combater o tráfico de drogas. Com um belo sorriso, um corpo muito chamativo, cabelos loiros como o sol, olhos azuis como o mar e com seu charme, lá estava ela a menina mais linda da escola, a menina que os dois melhores amigos gostavam, mas ela não estava lá para ver eles... Seu irmão Deric era companheiro de Douglas e Ricardo na missão, um menino novo e bobinho que todos gostavam, não por ser gente boa e sim por causa de sua irmã. Sem perde a oportunidade Ricardo e Douglas decidem ir falar com Elice sobre seu irmão :

- Olá Elice, não sei se vc lembra da gente éramos da sua turma na escola - Disse Douglas todo envergonhado.

Elice toda seca respondeu :

- Hum, lembro sim!

Ricardo como sempre foi um menino mais solto, logo disse pra ela :

- Então Elice, a gente veio aqui para falar que vc pode ficar tranquila, seu estará sobre nossa proteção e nada acontecerá com ele.

Elice responde:

- Obrigada meninos vocês não sabe o quanto eu fico feliz por ouvir isso, estou confiando em vocês.

Ricardo ganha um beijo no rosto e dá risada da cara de Douglas que estava se achando, mas não conseguiu nada.

- Atenção soldados... A hora da visita acabou, vamos para os aviões.

Subindo no avião Deric senta na cadeira ao lado dos melhores amigos Ricardo e Douglas, ele era daqueles meninos solitários, que não tinha muitos amigos, que fica perguntando "já está chegando?" até você se irritar e colocar o fone de ouvido e dormir no resto da vigem para o México.

O avião pousa no aeroporto do México, os jovens mal sabiam que estavam se encaminhando para uma missão super perigosa que poderia custar a vida deles, a operação começa, Deric, Ricardo e Douglas vão para o mesmo lugar antras de traficantes na cidade Tecomán. Em um Hangar abandonado os três decidem saber o que tem lá dentro, para não dar problema eles resolveram fazer uma tática em que o Douglas e o Deric iriam entrar para verificar o local, ao entrar no Hangar os Douglas começa a puxar assunto com Deric sobre sua irmã e Deric ficou irritado por Douglas ter falado " - Você é a sombra da sua irmã e ninguém gosta de vc porque vc não é lindo como ela", Deric ameaça Douglas colocando sua arma na cabeça e eles começam a discussão:

- Se você disser mais um pio, eu meto uma bala na sua cabeça

- Você não tem coragem de matar uma mosca seu boyzinho do caralho.
- Prefiro ser um boyzinho do que ser você, nem sua família gosta de você.
- Cala a boca muleque você não sabe de nada.
- A você a acha que eu não sei que seus pais te mandaram para o orfanato quando era criança ?!.
- Agora você vai ver seu filha da puta !...

E os dois começam a se bater e derrepente um barulho de tiro... Quem será que levou a bala, qual será a desculpa de Douglas para a irmã de Deric e seu melhor amigo Ricardo ou qual será a desculpa de Deric para Ricardo e o resto dos seus companheiros...!?

Capítulo 2 – Tudo por ele

Ricardo ouviu barulho de tiro e corre rapidamente para dentro do Hangar.

- Cara oq que aconteceu ?, Aonde está o Deric? E porque você está cheio de sangue?. Cheio de perguntas e curioso com o que tinha acontecido Ricardo corre para ajudar seu melhor amigo.

- Mano me desculpa, foi tudo culpa minha.
- Como assim o que aconteceu?
- Eu fui pra um lado e Deric pro outro.
- Continua...
- Eu escutei um barulho de tiro e corri para ver o que era e quando eu cheguei aqui ele não estava, só deixaram o chapéu dele no meio desse sangue todo no chão. Eu tentei ir atrás dele, mas não achei ele, sinto muito.

- Você é babaca, eu disse que era pra vocês ficarem juntos !
- E quem disse que você manda em mim ?, você só tá assim por causa da irmã dele, nem pergunta se eu estava bem vc perguntou !
- Você não sabe oq você está falando, ele era nosso amigo !
- Amigo o caralho, ele só servia pra atrapalhar !
- Realmente você é babaca ! E quer saber o que eu acho, que foi você que o matou, porque a família dele amava ele e a sua não.

Douglas levantou com umas lágrimas no rosto, com um pensamento vifativo contra seu melhor amigo e saiu do Hangar.

1 mês a equipe volta para a cidade com a triste notícia de que um dos seus homens tinha morrido, o Coronel decidiu que quem daria a notícia era Ricardo para todos os familiares como se fosse um discurso.

- Bom dia, hoje eu venho trazer uma notícia boa e uma ruim, a boa é que a gente conseguimos concluir a nossa missão no México e a ruim é que infelizmente perdemos um dos nossos homens em um desacerto com traficante que levou o corpo dele também... Meus pêsames a família de Deric Evans.

E lá no meio da platéia Elice chora aos braços de sua família, mas derrepente surge Douglas argumentando contra as palavras de Ricardo :

- Ricardo é um mentiroso, Deric não morreu em um desacerto com o traficante foi o Ricardo que deu um tiro nele, eu estava la, eu vi tudo.

As famílias ficam todas agitadas não sabendo em quem acreditar e Ricardo chocado com Douglas ficou sem argumentos. Então o coronel decide expulsar Ricardo do Exército e disse a ele que será feita a investigação sobre o caso e se fosse confirmado, Ricardo seria preso por prisão perpétua.

Dezoito anos depois, lá estava Fin e Jace indo pra escola, os dois amigos inseparáveis, que estavam prestes a se formar no final do ano.

- Eai Fin, oq se acha de depois da escola a gente ir jogar um game lá na minha casa ?
- Meneiro Jace, vamos sim !.

Toca o sinal da aula chata de química, todos saíram correndo para a saída e lá estava Marco o garoto mais popular da escola, o cara que todas querem pegar, o maravilhoso da escola que o único defeito era ser burro em todas as matérias... Ele estava prestes a brigar com um nerd que era irmão parecia ser namorado de uma aluna nova muito linda, pois eles

estavam juntos antes da briga. Fin e Jace tinham uma birra também com Marco e depois que escutam a linda menina desesperada gritar

- AJUDEM MEU IRMÃO

Rapidamente os dois já foram pra cima de Marco e acabaram levando uma surra ao invés do Nerd, todo mundo dando risada deles, mas pra eles nada importava só queriam conquistar o meigo coração da menina.

- Vocês estão bem ?

- Quem não ficara perto de vc!

- Prazer meu nome é Clara ! Qual é o nome de vocês ?

- Eu sou o Fin.

- E eu sou o Jace.

Sem paciência o irmão de Clara pega na mão da dela e arrasta ela para o carro sem agradecer aos meninos.

Chegando em casa para jogar videogame como prometido, Jace ver um monte de carro da polícia em frente sua casa e corre rapidamente para ver o que estava acontecendo.

- Não leve ele policial - disse a mãe de Jace.

- Pai, o que está acontecendo porque estão levando o senhor ?

- Filho sua mãe sabe de tudo e você é minha única esperança !

- Não pai não vá !

E suas últimas palavras antes de ser levado foi para seu filho não andar mais com seu amigo Fin, Fin vai embora com um peso na consciência, sem saber acontecido com o senhor Alves e o porque dele ter falado que era para o Jace não andar mais com ele. Jace e sua mãe começam a discutir sobre oq tinha acontecido :

- Mãe pq levaram o pai ?

- Filho, isso se trata do passado do seu pai.

- E oq aconteceu no passado dele ?

- É uma longa história... Mas o mais importante do que você deve saber é que vc não deve andar com seu amigo Fin.

- E pq?

Lorena a mãe de Jace conta toda a verdade sobre oq tinha acontecido com seu pai no passado e o porque dele na poder mais andar com Fin, mas ela não só conta a verdade, conta também que seu pai pegou prisão perpétua e que nunca mais irá ver ele se ele não fizesse o plano que seu pai tinha planejado caso ele fosse preso.

- Me diz como é esse plano mãe?!

- Calma filho, não é tão simples assim !

- Foda-se, eu preciso tirar meu pai de lá. Me conta !

- Tabom. Como ele pegou prisão perpétua e pode pegar sentença de morte para tirar ele de lá é só pagando muito caro !

- Muito caro quanto ?

- Filho estou falando de 1.500.000.000.000,00 de reais.

- E como eu vou conseguir esse dinheiro?

- O plano de seu pai era que você fosse atrás de ladrões qualificados, que não tenham nada a perder e que tinha interesse de ganhar muito dinheiro ! Vc deve está se perguntando aonde você vai conseguir esse dinheiro e seu pai pensou na Casa da Moeda da Espanha !

- Mas ela foi roubada por criminosos que conseguiram escapar !

- Por isso mesmo, sua missão é ir atrás dele e fazer o Segundo Maior Golpe da Espanha !

Jace chocado com o que ia ter que fazer, mas o amor dele por seu pai falava mais alto, então ele concordou.

Capítulo 3 – O encontro

Dia 28 de julho de 2018, daqui a um 4 meses seria o aniversário de Ricardo Alves, mas o primeiro que ele iria passar atrás das grades por um crime que ele não cometeu. Jace não ia a escola a 5 dias seguidos, pensando em como e onde achar os criminosos mais

procurados da Espanha e sentado no corredor de casa, sozinho, triste e se sentindo um pouco culpado estava Fin

- Oq foi filho ? Aconteceu alguma coisa?
- Sim pai aconteceu!
- Oq aconteceu menino?
- Hoje o pai do Jace o Sr. Alves foi preso.

Com uma expressão de preocupação, mas por dentro estava pulando de felicidade seu pai perguntou :

- Mas pq ele foi preso?

- Não sei, mas o que me deixou mais curioso foi pq antes de ele entrar dentro da viatura ele disse para o Jace não andar mais cmg.

Depois dessa conversa com seu filho Douglas começa a ficar com medo de seu filho descobrir a verdade sobre seu passado com o Sr. Ricardo.

Sem dormir a dias Jace não parava de pensar no momento em que seu pai foi levado, se perguntando o pq do Sr. Douglas que aparentava ser um homem honesto e gente boa, ter feito isso com seu pai...

- Filho você não vai vir comer?

- Não!

- Você precisa se alimentar.

- Pq vc está agindo assim?

- Assim como?

- Como se nada tivesse acontecido, como se o papai não estivesse sido preso.

- Pq eu já sabia que isso ia acontecer e ele também !

- Como assim?

- Sim a gente já sabíamos que isso ia acontecer. Seu pai depois de ter sido expulso do exercito começou a planejar um plano de como iria sair da prisão.

- E os criminosos que você falou que eu tinha que ir atrás?

- Ele já pensou nisso também. Ele conseguiu falar com Sérgio mais conhecido como o cabeça daquele assalto a Casa da Moeda da Espanha.

- E onde ele está?

- Ele deu um prazo pra conseguir convencer seus aliados a fazer o assalto novamente.

- Até quando é esse prazo ?

- Até amanhã.

Jace não via a hora de amanhecer, então foi comer e logo em seguida foi dormir.

Dia 30 de julho de 2018, a campainha da casa de Jace toca, apressadamente ele vai abrir a porta e não vê ninguém só uma carta em cima de seu tapete

- Quem era filho?

- Ninguém mãe, deve ter sido esses moleques que não tem nada pra fazer da vida.

- Vc viu mais alguma coisa?

- Sim, tinha essa carta aqui, mas eu acho que é só conta pra pagar.

- Mas eu já paguei tudo esses mês, não tinha que vir conta. Me dê isso aqui !

Minutos depois Jace de lá de seu quarto escuta gritos de sua mãe e corre para sala pra ver o que estava acontecendo

- É ISSO

- Oq foi mãe?

- Filho não era conta, era um recado do Sérgio dizendo que queria se encontrar contigo. Eu sabia que ele não iria deixar seu pai na mão!

- E aonde ele está?

- Ele está nesse endereço aqui.

Sem poder dirigir ainda Jace pega o carro de seu pai e vai.

A campainha da casa dos Alves toca e a mãe de Jace pensou que era Jace com algum problema, mas não era.

- Olá Sra.Alves, eu sou o Fin amigo do seu filho Jace, ele está?

Ela estava de frente ao filho do homem que fez seu marido ter sido preso injustamente, com a vontade de matar ele ou outra coisa do tipo, apenas diz ao menino que Jace não está e tinha ido passar um tempo na casa dos seus avós.

- Mas Sra. Alves a senhora sabe o pq do Sr. Alves ter falado aquilo pro Jace de mim ?

- Não, eu não sei.

Quase anoitecendo e Jace não tinha chegado ao seu destino ainda e derrepente ele escuta um barulho de sirene.

- Encosta o carro é a polícia !

- Boa noite senhor policial.

- Aonde está o documento do carro?

- Eu não sei senhor, esse carro era do meu pai.

- E como é seu nome ?

- Jace Alves.

- A sei, filho do Ricardo, ele era meu grande amigo ! Prazer eu sou o Douglas, vou deixar vc ir pelo oq aconteceu com seu pai beleza garoto.

- Tabom Senhor obg.

Jace acaba de descobrir que o causador da prisão de seu pai era um policial e que poderia atrapalhar o plano dele. Em uma casa abandonada no meio do mato Jace estranha o local e pensa que o endereço estava errado, mas decide entrar na casa para ver, ao entrar lá estava eles Helsinki, Tóquio, Rio, Nairobi, Denver e o Professor.

- Seja bem vindo Jace, somos seus novos amigos, temos muito a conversar.

Nonoa15: Atração perigosa

Sinopse:

Um casal de assaltantes famosos por roubar a casa da moeda da Espanha se a junta para fazer vários assaltos pelo mundo

Visualizações 48

Favoritos 2

Comentários 3

Listas de Leitura 1

Palavras 815

Categorias La Casa de Papel

Capitulo 1 – O reencontro

Há um ano atrás nós estava trancado dentro do banco fazendo o maior assalto de todos os tempos, mas de 900 milhões nós roubamos, e hoje estamos aqui morando em Estados Unidos.

Depois que saímos do banco eu e o rio e cada um foi para um lado, depois de cinco meses ele me ligou querendo me encontrar, eu fui até ele e conversamos, ele falo que queria casar comigo, eu sem reação acertei ter uma vida perigosa com ele e fazer vários assaltos pelo mundo, nós queria entra para história, então decidimos sair da Espanha e partimos para o próximo assalto, a casa da moeda do Estados Unidos

Assim que chegamos no Estados Unidos fomos barrado aeroporto, os policiais avisaram que avia dois assaltantes naquele avião, mas eu e o rio estava disfarçado e conseguimos escapar.

Capitulo 2 – O plano

Após chegar no Estados Unidos eu e o rio fomos atrás de lugar para passar a noite, passamos a noite em um motel, ficamos a madrugada toda elaborando o plano e pesquisando os maiores criminosos no EUA Depois de pesquisa os maiores criminosos, rio

foi atrás de uma casa abandonada, encontramos uma no Centro da cidade deixamos tudo preparado para convocar os integrantes. -Ei, você aí, você poderia me dar uma informação? estou meio perdida - No que eu posso ajudar? - Eu quero saber aonde fica a casa da moeda, você poderia me informar? -Há eu estou indo para lá, se quiser vamos juntos -Ta bom, pode entrar no carro fomos a direção da casa da moeda, fui conversando com ela, e falando sobre o maior assalto do mundo, até que viramos uma rua vazia e foi nessa hora que ela colocou um revólver na minha cabeça -Eu só vou fazer uma pergunta, quem é você? - Calma, abaixa essa arma e podemos conversar numa Boa Eu não quero conversar numa boa, me responde logo se não vou explodir sua cabeça em pedacinhos, quem é você? Para quem você trabalha? -Eu sou um dos participantes do maior assalto do mundo, que aconteceu na Espanha, e quero continuar fazendo assalto e to atrás de integrantes, por isso vim atrás de você -Como eu posso acreditar em você? -Não tem como te explicar, so venha comigo -E aonde nós vamos -Vamos até o meu esconderijo, lá vai estar o resto dos integrantes -Ta bom, eu vou com você -Tem como você abaixar essa arma? -Eu não confio em você -pode confiar Liguei o carro e fomos até o esconderijo.

Capítulo 3 – O assalto

-Rio essa aqui é uma dos integrantes, você conseguiu encontrar os outros integrantes?

-Consegui encontrar todos, mas só quatro aceitou participar do assalto - Ótimo, menos pessoas, mas dinheiro para nós, não é? - Sim.

Fizemos uma pequena reunião explicando sobre o assalto que aconteceu na Espanha

- Eu e o rio somos um dos participantes do assalto da casa da moeda da Espanha, foi difícil? Foi, muito difícil fica lá dentro sem tomar banho por dias, passa raiva, chorar, vê seus parceiros morrer é uma tristeza total.

Quando comecei a falar sobre o assalto, eu não aguentei comecei a chorar e lembrar do Moscou do Oslo do Berlim

-Tóquio você está bem? -Há? -Você está bem? -Estou sim, só fiquei mal depois de lembrar daquele inferno que a gente passou -Vai descansar, deixa que eu continuo a reunião -Ta bom

Fui deitada para ver se eu conseguia esfriar a cabeça, mas assim que eu peguei no sono, comecei a lembrar dos tempos ruins que eu passei dentro daquele lugar, acordei gritando, e todos vieram correndo para ver o que tinha acontecido

-Tóquio, você está bem?

Eu fiquei paralisada sentando na cama lembrando daquele dia que o Moscou levou um tiro

-Eu não consigo parar de pensar naquele dia rio, não consigo, não consigo -Calma amor, eu estou aqui com você ,vamos dormir amanhã eu a gente resolve o que tem que resolver.

-Tóquio acorda, já são 8 horas da manhã, vamos acordar o resto do pessoal - Vamo sim fomos até a cozinha, e vi todos reunidos cantando tomando café e conversando, estava me sentindo como o professor.

Após tomar café fomos até a sala principal, falei sobre o plano, decidimos sobre os nomes de cada um, eles resolveram usar sobre nomes Santana,Oliveira,Santos,Andrade,Paranhos Já estava tudo resolvido, só faltava falar a parte de como a gente entra no banco.

Cada um entrou em um carro e partimos na direção do banco, saímos do carro correndo para a porta principal, atiramos nas pernas dos seguranças, não queria matar ninguém, apenas assustar, conseguimos entrar no banco sem nenhum ferido, fechamos a porta do banco, e menos de uma hora o banco ficou rodeado de policiais, levamos os reféns para uma sala, e separamos as mulheres dos homens, e deixamos todos os homens amarrados para não terem heróis, depois de resolver tudo lá dentro, fomos até a máquina de fazer dinheiro, ligamos ela a todo vapor.

Nonoa16: Apenas Irmãos

Sinopse: E se derrepente você descobre provavelmente é o seu irmão quem esta controlando um dos maiores assaltos do mundo, e se sua melhor amiga fica doida para investigar isso melhor, oque você faria ?

Visualizações 79

Favoritos 5

Comentários 10

Listas de Leitura 1

Palavras 2.768

Categorias La Casa de Papel

Personagens Personagens Originais, Professor

Tags Irmãos

Capítulo 1: IRMÃOS ?

Eu moro na Espanha, e todos souberam do assalto a casa da moeda, mas eu sei de uma coisa que ninguém mais sabe... Pelo menos eu acho que sei, nem a policia, nem os cidadãos, nem os turistas... NINGUÉM, eu tenho uma suspeita muito grande de quem está controlando isso, eu tenho quase certeza, eu me lembro do meu pai contando as histórias antes de morrer, eu lembro que meu irmão queria ser igual a ele, que achava o máximo o que nosso pai fazia, acho que até hoje ele não percebeu que foi por causa disso que papai morreu, por causa da ganancia dele, eu não acredito que Sergio realmente levou isso pra frente, eu sei que faz muito tempo que não nos vemos, mas poxa, ele ainda é meu irmão, a gente ainda tem o mesmo sangue. Eu não posso simplesmente chegar em uma delegacia e dizer que aposto meus dois olhos, que não funcionam mais isso não vem ao caso agora que quem comanda esse assalto é simplesmente o meu irmão mais velho que não vejo a mais de 10 anos, isso esta acontecendo exatamente igual papai disse, eu não sei o que fazer.

Do nada eu ouço um estralo e a televisão que eu passava o noticiário onde eu ouvia a cobertura do assalto é desligada.

- Meu Deus, oque foi isso?

-Sou só eu, a Léa, trouxe seu remédio Lucia- Respondeu enquanto enchia um copo de água.

- Olha aqui, tenho duas coisas para te dizer, a primeira é que eu sou cega, quer que eu soletre? C-E-G-A, então você não pode chegar me assustando assim, e a segunda é que eu nasci sem enxergar e vou morrer assim, não adianta me entupir de remédio porque não vai adiantar nada, só vai me deixar mais biruta, eu já perdi a esperança de ver faz tempo, acho que você também deveria parar de se iludir.

- Meu deus Lucia, você sempre esta na defensiva não é, eu apenas estou fazendo o que o medico mandou, se você não quiser tomar eu não posso fazer nada- respondeu Léa com o tom de voz mais calmo do mundo.

- Tá, desculpa... É que eu vi uma coisa no jornal que me deixou um pouco nervosa sabe?

- Pois é, sempre acontece uma coisa com você, você nunca tem um dia normal e sem pegar na porcaria do meu pé, eu não sei mais o que fazer pra te animar Lucia, você parece que quer morrer sabe, já deu de você ficar se fazendo de coitada pelo fato de não enxergar, tem gente que não tem braço e cozinha, tem gente que não tem perna e surfa, tem gente que nasce surdo e mudo, mas mesmo assim não deixa de se comunicas, fazer amigos, ser feliz, você não, você não faz nada Lucia, eu estou cansada de ver você se afundando sozinha, vai dar uma volta sabe, sentir a natureza, eu sei lá, mas pelo amor de deus vai fazer alguma coisa além de me encher o saco e ficar o dia todo nesse quarto.

- Tá bom Léa, obrigada pelo remédio, já pode sair do meu quarto – Assim que ela saiu eu desabei no choro, a única pessoa que eu tenho é a Léa, ela ficou do meu lado

quando todos que se diziam meus amigos e família me abandonaram, ela é a única amiga que eu tenho, e se ela pensa isso de mim, imagine só as outras pessoas.

Meu dia foi como todos os outros, mas no fim da tarde decidi seguir o “conselho” de Léa e dar uma volta, enquanto eu caminhava percebi que precisava muito de uma nova bengala, a minha e nada é quase a mesma coisa, eu batia em quase tudo que aparece na minha frente, cheguei à praça, procurei um bom banco e finalmente me sentei, Léa estava mesmo certa, fazia tanto tempo que eu não saía de casa que nem lembrava mais como era bom sentir a brisa, o vento... Eu comecei a pensar que poderia muito bem ser eu agora no lugar do Sergio, eu fui criada do mesmo modo que ele, tipo, eu não enxergo, porém como a Léa vive dizendo eu sinto muito mais que os outros, poderia muito bem ser eu lá agora, prestes a me tornar milionária, mas qual será o verdadeiro preço disso? Acho que se algo desse errado e minha identidade fosse revelada, não saberia viver fugindo, na verdade não teria nem capacidade para isso... Mesmo sendo criados pela mesma pessoa e ao mesmo tempo, sempre fomos tratados de modos diferentes, meu pai era mais atencioso comigo, talvez por eu ser garota, ou por eu ser cega, e ainda talvez por eu ser a casula, ou provavelmente pelo fato de eu ser essas três coisas juntas, não estou dizendo que ele não amava Sergio, eram apenas formas diferentes de demonstrar o amor, será foi por isso que ele se transformou em um maluco que assalta a casa da moeda? Eu quero muito defender meu irmão, mas como eu posso fazer isso? Se eu não falar nada do que sei para polícia, ou pelo menos acho que sei isso também me tornaria uma criminosa?

Então eu lembrei que costumava vim aqui com o Sergio e nosso pai, a gente vinha aqui para brincar quando éramos pequenos, na verdade eu brincava, Sergio tinha que ficar comigo, me olhar, cuidar de mim, meu pai dizia que se algo acontecesse a mim a culpa não seria de ninguém além de Sergio, ele realmente teve uma infância e até quem sabe uma vida inteira bem complicada. Papai não era uma pessoa ruim, ele só fazia coisas ruins... Se eu pelo menos tivesse como falar com Sergio e convencer ele de que esse não é o caminho certo para nada...

Estava perdida nos meus próprios pensamentos, mas quando senti o vento esfriar percebi que era tarde e decidi voltar para casa.

Acho que devo desculpas à Léa, mas eu não sei como fazer isso, ela vem se afastando de mim de uns tempos pra cá.

Cheguei e fui para a sala onde eu sabia que ela estava, pois ouvia perfeitamente o som da televisão em que ela assistia a um filme que pelo que eu percebi era horrível e eu também ouvia seus dentes mastigando algum salgadinho, tinha cheiro de queijo, sentei do lado dela e disse:

- Léa, me desculpa pelo modo que eu venho agindo ultimamente, eu não sei exatamente porque estou assim, só quero que você, sabia que é uma ótima amiga.

- Eu sei que não deve ser fácil para você Lucia, me desculpa também por ter surtado hoje cedo... Mas então, o que você queria me falar quando te cortei para brigar- Ela deu um sorriso e ficou quieta.

- Então eu não sei nem como falar isso, mas eu acho que o Sergio está envolvido nesse assalto a casa da moeda que está passando toda hora no noticiário – Falei muito rápido sem nenhuma pausa.

- O que!? Como assim seu irmão está envolvido? Porque você sabe disso? Você anda tendo contato com ele?

- Calma, é que assim, eu não tenho certeza absoluta sabe, mas você lembra que eu te disse que meu pai não era uma pessoa super correta... Então, quando nós e criança ele nos contava Varias histórias sobre roubos e assaltos, nos não entendíamos bem na época, mas com o tempo percebemos que não eram apenas historias tiradas da imaginação de alguém, e sim as histórias dos roubos dele, de coisas reais que ele fizera, antes de morrer ele contou uma historia sobre o assalto a casa da moeda, esse ele nunca conseguiu realizar, mas o modo que ele falava desse meu irmão vivia dizendo que ia fazer isso por ele, mas eu achei que como nós éramos crianças ele iria esquecer isso, mas agora eu acho que não, pois esta tudo acontecendo do exato jeito que meu pai disse na história, ele falou até dos assaltantes com o nome de cidades.

- Espera, isso é só uma teoria... Né? Você não tem certeza se é realmente o Sergio, admito que seja uma teoria muito boa, mas pode muito bem não passar disso.

-Olha, eu não sei, seria muita coincidência, e se não for o Sergio eu aposto que é alguém que conhecia meu pai- respirei fundo depois de falar.

- Então o que você acha que a gente deve fazer? Falar com a polícia talvez- Respondeu Léa aflita

-Juro que não sei, mas a única coisa que eu quero fazer agora é dormir- Levantei e deixei Léa na sala, ela deve ter ficado com uma cara de taxo muito engraçada, daria tudo pra ver isso.

Capítulo 2: O CAFÉ DA MANHÃ

Acordei com a Léa esmurrando a minha porta, fiquei espantada, pois ela não acorda cedo, NUNCA, ela entrou e me disse que era pra mim me trocar e ir pra cozinha porque o café estava pronto, estranhei isso também, aqui em casa a gente não faz “café”, é só acordar ver o que tem para comer no armário ou na geladeira e simplesmente comer, mas não a contrariei, escovei os dentes e fui pra cozinha. Eu não sei exatamente o que ela fez, mas tem um cheiro diferente, eu não estou acostumada com isso, eu nunca morei em lugares muito bons, ou tive uma família grande e feliz, então coisa simples como essas, o cheiro de um café da manhã consegue me surpreender bastante ... Procurei uma cadeira com as minhas mãos, sentei e falei:

- Café da manhã... O que eu em você?

-É porque a gente precisa por um jeito nisso Lucia, precisamos descobrir se o Sérgio realmente está por trás desse assalto, vai me dizer que não está pelo menos um pouco curiosa. – Disse ela enquanto servia uma xícara de café e colocava em minhas mãos.

- Você está de brincadeira com a minha cara né Léa, como você acha mesmo que eu vou fazer alguma coisa, se for ele mesmo, não posso fazer nada, ele que está cavando a própria cova e eu é que não vou me envolver nisso- Pausei para dar um gole no café que estava muito quente por sinal.- Alias, porque você está dando tanta bola para isso, parece até que se preocupa com o meu irmão.

- Eu? Preocupada com aquele pé rapado do Sérgio... Até parece né, eu só estou curiosa, imagina só se a gente conhece ninguém mais ninguém menos do que o cara do assalto que parou a Espanha toda, além do mais, faz muito tempo que a gente não faz nada juntas poxa, eu não quero me envolver, só quero descobrir se é ele mesmo. – Disse ela, com uma voz bem eufórica, como eu nunca vi o rosto da Léa com o tempo eu aprendi a decifrar suas emoções pelo seu tom de voz.

- Tá, tá, tá, mas como você quer pretende descobrir isso, já faz muito tempo que não falo com ele, não deve ser nem o mesmo numero. Retruquei concordando porém tentando tirar a ideia da cabeça dela ao mesmo tempo, isso me fez pensar no real motivo de ela querer achar ele, pois tenho certeza que não é apenas curiosidade, eles tinham assuntos mal resolvidos no passado e eu acho que de uma hora para outra Léa decidiu resolve-los .

- Olha, o mais difícil eu já consegui Lucia, que era te convencer, agora eu vou trabalhar e quando eu voltar a gente pensa nisso, mas se você por acaso quiser tentar ligar no numero dele antigo que temos não seria uma má ideia né, vai que dá em alguma coisa.- Soltou ela em disparada cortando meus pensamentos pela raiz.

- Sai logo daqui e vai para o seu trabalho antes que eu desista dessa sua ideia maluca de descobrir quem é.

Quando ela saiu eu fiquei pensando se realmente deveria ligar para o Sérgio, parei de pensar nisso e fui arrumar toda a bagunça que Léa fez para fazer o enorme e cheio de coisas café da manhã, que por sinal não foi comido, aqui em casa as coisas são adaptadas, então eu consigo fazer quase todas as tarefas diárias de uma pessoa normal, as vezes eu corto o dedo ou coisa do tipo, mas nada muito grave.

Quando eu terminei, eu fui trabalhar, trabalho em casa porque seria muito complicada ficar saindo de casa todos os dias, então peguei meu computador e comecei a fazer o que tinha de fazer, pode parecer difícil mexer em um computador com a minha deficiência mas na verdade é bem fácil, o único jeito é decorar o lugar das letras, porém hoje

em dia os computadores vem com um traço em baixo de algumas letras especificas deixando assim muito mais fácil identificar o local de cada letra.

Parei para almoçar, quando era mais ou menos uma e meia da tarde, eu coloquei a comida no micro ondas para esquentar e me sentei á mesa para esquentar. Eu ouvi o meu celular que estava na mesa tocar, atendi e era a Léa querendo saber se eu já tinha tentado ligar no numero que nos já tínhamos do Sérgio, eu disse que não e desliguei na cara dela. Depois de desligar fiquei sentada viajando parada, esqueci até da comida, até que tomei coragem e liguei no numero do Sérgio, o telefone chamou exatas 7 vezes e depois caiu na caixa postal. Eu sabia eu ele não iria atender, mas ter chamado me deixou muito surpresa, pois se chamou é porque o numero esta no ar, e se esta no ar é porque ainda tem alguém utilizando-o e mesmo se não for o Sérgio, a pessoa que tem esse numero pode saber alguma coisa sobre ele.

Capitulo 3: HEMA

Quando já era fim de tarde Léa chegou em casa e no exato momento em que ela abriu a porta o meu celular tocou:

- Alô.

- Olá, quem é? – Respondeu uma voz que com toda certeza era masculina, mas não era de Sergio.

-Ué, você que me ligou então você tem que me falar quem é.

- Eu nada, você que me ligou hoje mais cedo, mas eu não atendi porque estava ocupado.

Quando ele falou isso parei para pensar e lembrei que hoje na hora do almoço tinha ligado para o numero que eu tinha do Sergio, esse homem só pode ser o novo dono do numero.

- Alô? Ainda tem alguém ai? – Disse a voz do outro lado do celular.

- Oi, desculpa, eu ainda estou aqui sim, e agora eu me lembrei que realmente te liguei mais cedo...Esse numero era do meu irmão, o nome dele é Sergio, você o conhece ?

- Não faço ideia de quem seja- disse com uma voz muito ranzinza, mas não me convenceu muito.

- Por favor, isso é muito importante para mim, eu realmente preciso encontra-lo.

- Minha senhora, eu já disse que não conheço esse homem, será que você poderia ter o mínimo de respeito pelo próximo e entender que não é não, eu nunca nem ouvi falar desse homem.- Disse ele literalmente gritando.

- Então como você conseguiu esse número?

- Olha moça, com todo respeito, eu simplesmente não te devo satisfações, então nem quero e nem vou falar sobre o meu numero de celular- Disse ele novamente com um tom grosso e por fim desligou na minha cara em seguida.

Assim que deliguei Léa, a curiosa de plantão veio me perguntar oque era, quem era, para onde era, que horas eram e todos os outros era que você possa imaginar. contei para ela o que aconteceu e ela exclamou um grito alto e fininho:

- AAAAA! Eu nem acredito que não estava aqui para falar com esse homem Lucia, você acha que ele falou a verdade sobre não saber de nada ou era só uma armação para te despistar?

- Sinceramente, eu não o senti muito a vontade, e quando eu perguntei de onde ele tirará aquele numero logo mudou de assunto e desligou na minha cara e ainda gritou.

- Unf, sei lá, mas sabe o bom disso tudo ?

-Não, eu não sei- Respondi já sabendo que Léa faria alguma coisa maluca a seguir.

-Bom, para a sua sorte euzinha aqui passei na HEMA (uma lojinha e papelaria comum na Espanha) e comprei muitas coisas para começarmos a nossa investigação.

Fiquei confusa por um tempo e então eu perguntei:

-E que tipo de coisas são essas? Será que posso saber?

-Para de se fazer de boba vai, fui comprar as coisas para podermos anotar onde estamos em nossa investigação, e assim não se perder com tanta facilidade.

-Meu deus, você jura que gastou dinheiro com isso?- As vezes eu me surpreendo com a capacidade de comprar coisas inúteis da Léa, uma vez ela comprou um relógio com 5

ponteiros só porque achou bonito, sim, 5 ponteiros, ela nem sabia para que serviam todos, até hoje não sabe.

- Pelo menos olha as coisas que eu comprei- Disse ela colocando item por item em minhas mãos para senti-los.

A primeira coisa que ela me deu foi uma lousa bem grande que ela provavelmente penduraria em algum canto da casa, então ela me entregou alguns alfinetes, cliques e grampos, canetas finas, depois canetas grossas, me entregou uma infinidade de papéis de diferentes tipos e tamanhos, entre eles um bolo enorme de papel braile que como o nome já indica é um papel para cegos, alguns anos atrás eu consegui juntar dinheiro para comprar uma impressora braile, que por acaso não tem o preço nada acessível, mas me ajuda muito, então tive que fazer uma forcinha, ela também trouxe tesoura, cola, muito post-it e varias outras coisinhas irrelevantes.

- Léa eu realmente acho que você precisa ir se tratar me responde, para que tudo isso?

- Ai, caramba Lucia, se diverte com isso poxa, vai ser tão legal investigar, me da essa chance, vai, por favorzinho.

Revirei os olhos e assenti com a cabeça concordando

Ela deu pulinhos de alegria e eu pude escutar suas mãos batendo palmas repetidamente, me levantei e disse para ela que iria ao banheiro.

Quando eu já estava lá ela me deu um grito:

-LUCIAAAAA, SEU CELULAR ESTÁ TOCANDO!

-PODE ATENDER! – gritei de volta.

Eu sai do banheiro e assim que pisei na sala Léa pulou no meu braço e o agarrou me assustando

- Meu deus Léa, o que é isso? Que foi?

- É... Que e... Eu... Acabei de receber um telefonema do numero do Sergio, eu não né, você, mas eu atendi, um cara começou a falar nem me deu tempo de responder, ele disse que quer se encontrar com você em um café, eu anotei o endereço, ele disse para você ir sozinha, e ele disse mais uma coisa- ela apertou meu braço mais forte.

- oque?

Ela ficou em silencio.

- Que foi criatura? Me fala logo, o que ele disse?

Nonoa17: O Assalto

Sinopse: Um dos maiores assaltos da Europa, mas dessa vez de uma forma diferente, dessa pela visão de Mônica Gaztambide

Visualizações 52

Favoritos 3

Comentários 2

Listas de Leitura 1

Palavras 2.970

Categorias La Casa de Papel

Personagens Alison Parker, Arturo Román, Berlim, Denver, Helsinque, Mônica Gaztambide, Moscou, Nairobi, Oslo, Personagens Originais, Professor, Rio, Tókyo

Cap 1 – O terror dos reféns 1

Eu me chamo Mônica Gaztambide, trabalho na casa da moeda da Espanha como analista a muitos anos, eu sempre estive trabalhando bem, sem sentir nenhum pressentimento ruim, mas hoje foi diferente. A um bom tempo eu estava vomitando e sentido várias dores estranha, mas tinha uma coisa de que eu estava duvidando. No meu horário de almoço saio da casa da moeda e vou até uma farmácia, era bem longe mas acredito que em 1 hora dava para fazer o que eu queria,

compro um teste de gravidez e logo volto para casa da moeda. Ao chegar vou direto para o banheiro e faço o teste, fecho os olhos enquanto rezava para o teste dar negativo. Então, rapidamente abro meus olhos e vejo o resultado, deu positivo, fico calada por alguns minutos enquanto pensava sobre o acontecido, depois de fazer minha higiene, me levanto e vou até o lavatório, lavo minhas mãos e em seguida saio do banheiro.

– O que eu devo dizer ao Arturo?

Eu estava nervosa com isso tudo, mas como conhecia o meu amor já estava quase tendo a certeza de que ele iria adorar essa ideia.

Vou para o meu escritório, me sento em minha cadeira e volto a fazer meu trabalho.

– Não se levanta - Diz Arturo enquanto colocava sua mão esquerda em minhas costas

Me assusto por um estante e logo fecho meus olhos enquanto sentia seu rosto se aproximar do meu

– Quando você tá por perto eu não consigo nem respirar

– Então respira, porque dentro de nove meses você vai ficar totalmente sem ar - Respondo ele enquanto um sorriso se formava em meus lábios.

Ele se afasta um pouco de mim, parecia estar nervoso, então ele sai da minha sala. Depois de alguns estantes saio do meu escritório para procurá-lo, vou para o andar de baixo (digamos que era um porão), e enfim acho ele, desço as escadas e vou até o mesmo. Puxo ele pelo braço o fazendo olhar pra mim

– Não vai falar nada?! Eu te digo que tô grávida e você fica calmo assim?

– O que quer que eu faça Mônica? Que ligue para minha mulher e digo para ela pegar as crianças para nós festejarmos juntos? Faça me um favor

– Ontem você me disse que estavam mal, que não aguentava, que tinham problemas

– Como qualquer casal tem Mônica, problemas que qualquer casal com 3 filhos tem. Não disse que ia me separar. Mônica eu tive três filhos, os três são bebês. A mais de 20 anos que faço sexo estéril com minha mulher e agora você vem me contar isso – ele diz em um tom agressivo e no final da uma risada sarcástica. – Você deve ser a Deusa da fertilidade

– O que você tá insinuando? Eu não vim aqui pedir pensão, sabia? Nem o seu divórcio, muito menos um teste de paternidade

Digo isso com a voz trêmula e os olhos lacrimejando

– Achei que você me amasse, e...eu achei uma ideia bonita. Difícil de encaixar nas nossas vidas, mas é uma ideia maravilhosa

Saio andando antes de começar a chorar, ele chega por trás de mim e puxa meu braço

– Mônica, espera!

– O que? Quer saber o que eu vou fazer com o teu filho? É isso que você quer né?

– Escuta, não se deci....

Ele é interrompido por um cara "estranho" que usava uma roupa vermelha e uma máscara de um pintor, que surgiu de dentro de um rolo de papel moeda e atirava para cima. Sinto o Arturo me abraçar enquanto, cada vez mais o medo tomava conta do meu corpo. Escuto pessoas gritando no andar de cima, e logo os meus colegas de trabalho começam a descer para o "porão"

Aparecem mais homens com macacão vermelho, que nos mandam colocar as mãos na cabeça e ir para a entrada da casa da moeda. Já estava na cara de que aquilo era um assalto, mas ninguém iria conseguir assaltar a casa da moeda, com certeza isso daria errado

Os assaltantes distribuem tapa olhos para nós e eu coloco o meu

Meu corpo estava queimando de medo e eu estava nervosa, pois tinha medo de perder o bebê, eu gostaria tanto de ter este filho que nem pensei em outra coisa além de perde-lo Um dos assaltantes começa a falar enquanto outros deles começam a pegar nossos celulares, senha e nossos nomes. O telefone fixo da casa da moeda começa a tocar

– Por favor a senhorita, Mônica Gaztambide – diz um dos assaltantes

Neste instante sinto meu coração gelar e minhas mãos ficam mais trêmulas do que já estavam

– Não se mova, por favor, não se mova, eles não vão tocar na gente. – Arturo sussurra

– Tá bom...

– Senhorita Mônica Gaztambide tenha a gentileza de dar um passo a frente

Então decido fazer o que ele pede para não piorar a situação, dou um passo a frente

– Sou e

Ele me leva até a bancada aonde o telefone ficava

– Quero que atenda o telefone e diga que estamos fechando por problemas técnicos, entendeu?

– Entendi

O assaltante pega minha mão e coloca no cano da sua arma

– Não tenho escolha se não apontar uma arma pra você. Sentiu?

Balanço a cabeça, afirmando enquanto o assaltante coloca a arma contra o meu peito, me deixando cada vez com mais medo.

–Agora!

– Casa da moeda da Espanha, pois não

– O senhor Arturo por favor

– Não, sinto muito eu não posso passar para o senhor Arturo

– Por que? O que está acontecendo?

– O sistema caiu

– Então peça para ele subir

– Não posso pedir para ele subir

– Passa o telefone pra ele por favor

– Não dá pra ele atender

– Não dá pra ele atender? Passa pra ele logo

– Não, não vai dar

– Por que ele não atende?

– Porque eu não sei, Porque eu não sei se ele está no museu ou em uma lanchonete, esse não é meu trabalho Senhorita.

Desligo o telefone rapidamente.

– Você deveria ganhar um óscar, senhorita Gaztambide.

Ficamos um bom tempo ali no mesmo lugar, eu já estava um pouco calma. Até que escuto alguns barulhos estranhos de passos, com certeza eram os assaltantes Arturo provavelmente levanta o seu tapa olho e diz

– Shhhh! Calma, calma eu estou vendo as bolsas, eles já pegaram o dinheiro e estão indo embora. Não vai acontecer nada.

Eu estava quieta até que escuto barulhos de tiros e os assaltantes gritando, fico desesperada e com medo, tinha pensado que os assaltantes estavam matando os reféns. Na hora penso no meu bebê e começo a chorar Sem entender nada me sento no chão e fico ali enquanto eles atiraram.

Cap 2 – O terror dos reféns 2

Depois de todo aquele tiroteio a única coisa que eu escutei foi um dos assaltantes gritando feito um louco dizendo algo sobre uma tal de "primeira regra". Então um deles nos manda levantar e tirar os tapa olhos, apenas faço o que ele nos pede.

– Eu sei que vocês estão nervosos, com fome, com sede e com sono e por isso nós vamos distribuir pra vocês, colchonetes, um lanche e água. E eu também quero que vocês tirem as suas roupas e vistam um macacão vermelho igual ao nosso.

Dois dos outros assaltantes começam a distribuir os macacões, seria até melhor pois eu não sei quantos dias nós vamos ficar aqui então, tirar aquele vestido é aquele salto seria ótimo

– Eu acho melhor que vocês deixem as pessoas mais vulneráveis irem embora porque elas não iriam aguentar essa pressão

E lá vai novamente o Arturo fazer besteira, ele parece não se cansar de querer ser o herói de todos. Sei que nesse momento é difícil e que é normal querer fazer algo, mas ele já deve ter percebido que nós contra os assaltantes não temos nenhuma vantagem

– Cara você deve estar de brincadeira, né porra?! porque não para de se achar o machão e fica quieto na sua?

– Denver fica calmo o Arturozinho é só mais uma criancinha assustada

Derrepente Denver aponta para Arturo uma pistola ,nesse instante eu pensei que Arturo fosse morrer, mas não, Denver o mandou pegar a arma e apontar pra ele, Arturo como não tinha opção apenas pegou a arma e apontou para Denver como o mesmo tinha mandado, mas nem dei a mínima para isso. Em um pulo saio dos meus pensamentos com a voz de um dos assaltantes nos mandando tirar a roupa. Penso duas vezes e logo começo a me despir, em seguida visto o macacão vermelho e me sento no chão como os outros reféns estavam fazendo. Uma das duas assaltantes se ajoelha ao meu lado enquanto amarrava o cadarço de sua bota e olhava pra mim.

– Por que seu chefe é assim?

– Como sabe que ele é meu chefe?

– Porque eu sei tudo sobre vocês, eu estudei e eu vi o teste de gravidez que está na sua mesa. Eu tô imaginando quem deve ser o pai

Ela diz se referindo ao Arturo

– E ele pelo jeito odiou, e ai o que vai fazer? Aquela hora eu fiquei sem resposta ao pensar naquilo uma grande vontade de chorar me preencheu

– Vou abortar...é o que posso fazer Respondo sem pensar duas vezes.

– Reféns fiquem de pé e me sigam, está na hora da guerra Diz o Berlim, nós nos levantamos e seguimos o Berlim, no caminho, outro assaltante distribui máscaras e armas falsas para nós reféns.

Eu coloco minha máscara e os sigo, eles nos levam para o “porão” aonde ficamos parados para uma das saídas. Eu percebi que do lado de fora tinham policiais, pelo jeito eles iriam invadir e era pra isso que estávamos ali. Depois de um tempo esperando, parados no mesmo lugar o Berlim diz que a missão foi abortada e então voltamos para a entrada da casa da moeda.

– Agora eu vou chamar alguns de vocês para que possamos começar com o que realmente queríamos

Diz a senhorita que estava conversando comigo, Nairóbi o nome dela se eu não me engano. Ela chama alguns dos reféns que mexem com dinheiro e os leva para outro lugar, como eu não era dessa área tive que ficar com os outros reféns, sentada no chão e pensando quando iria sair dali. E então a noite chega, pego meu saco de dormir e me deito, logo pegando no sono. Ao amanhecer acordo ao sentir alguém pegar minha mão

– Preciso que me faça um favor

Sem entender, me levanto, o Berlim me pede para colocar a máscara e eh obedeco. Nós saímos da casa da moeda e descemos alguns degraus da escada

– Tire a máscara Tiro minha máscara lentamente e olho para os policiais.

Pego o papel que iria ler enquanto Berlim coloca um microfone perto de minha boca.

– Por favor não atirem eu imploro, eu me chamo Mônica Gaztambide e só vim ler um comunicado que os assaltantes querem passar. Aqui dentro nós somos 67 reféns, com a saúde muito boa, e sendo bem tratados, nós todos usamos roupas e máscaras iguais. Por isso peço para que não invadam

Ao terminar olho para o Berlim que estava ao meu lado e entramos novamente. Então, ao entrar, Berlim da mais um de seus discursos tediosos. Ao ver uma senhora chorando ele vai até ela e pergunta a mesma se ela quer um remédio ou algo do tipo, e então ele começa a atender os pedidos das pessoas, perguntando qual remédio elas iriam precisar

– Eu também quero...Quero uma pílula abortiva

Digo e dou um passo a frente. Então depois de um tempo de todo o Discurso do Berlim, Nairobi leva uns dos reféns escolhidos pelo Berlim para ir para o verdadeiro porão. Como sempre me sento no chão e fico lá sentada. Algumas horas depois colocam uma caixa com garrafinhas de água, pego a minha, até que avisto o Arturo ser puxado é jogado no chão, bem ao meu lado. Fico um bom tempo ali conversando com ele até que Berlim chega, gritando e fazendo um chabu, dizendo sobre um refén que tinha enviado fotos para a polícia, de dentro da casa da moeda. Berlim calmamente pede para quem tinha feito aquilo, desse um passo a frente mas ninguém foi. Então o Helsinque pega um senhor e começa a tirar a roupa dele.

– Denver por favor tire a roupa da Mônica

Denver vem em minha direção e eu começo a tirar minha roupa. Eu estava querendo muito saber quem foi que fez aquilo, pois ninguém tinha ido até a sala aonde guardaram os celulares.

Cap 3 – Vivenciando a morte

"Denver vem em minha direção e começa a tirar minha roupa. Eu estava querendo muito saber quem foi que fez aquilo, pois ninguém tinha ido até a sala aonde guardaram os celulares".

Quando ele começa a tirar minha roupa sinto falta de ar e fico desesperada

– Eu não consigo respirar... Me leva com as outras

– Berlim, eu vou levar ela

Ele me leva até a sala do Arturo e eu me sento em uma poltrona que ficava na frente de um dos assaltantes, ele era grandão e gordo, tinha barba e era tatuado em algumas partes do corpo. Me lembro das palavras de Arturo, sobre o celular que tinha dentro de uma jaqueta.

– Aqui está muito quente

Me levanto e me sento em outra poltrona que ficava mais perto da jaqueta. Eu não sabia o que fazer então decido tomar uma atitude

– Eu vou..– Me levanto – Posso?

Ele afirma com a cabeça e pego uma das garrafas de água

– Senta ai...SENTA AI!

Levo um susto com o grito do mesmo e sem querer deixo a garrafa de água cair no chão. Aquilo de qualquer forma me ajudou muito. Então me abaixo pra pegar a garrafa, com a mão esquerda pego a garrafa e ao mesmo tempo coloco a direita no bolso da jaqueta, pego o celular e me levanto. Ao me levantar me deparo com Denver me olhando de uma forma estranha

– Chegaram os remédios, distribua

– Eu vou sair – Digo com a voz trêmula

– Vamos lá fora – Ele diz e eu faço negação com a cabeça – Vamos lá fora

Ele repete a frase mais uma vez só que em um tom agressivo. Então ele me dá passagem e eu vou andando na frente. Nesse momento meu coração acelera e eu fico assustada, pensei que ele tinha me visto pegando o celular mas então ele começa a falar

– Você não vai gostar do que eu vou falar mas essa história de abortar não é uma boa ideia

Ao ouvir as suas palavras fico mais calma e solto um suspiro baixo de alívio

– Precisa de grana pra criar não é?

– Não...não é isso

– Olha, nós estamos em um assalto você precisa de algo?

– Não sério

Ele abre o seu macacão e tira dois bolos de dinheiro

– Esconde isso aí! 2 mil pra você comprar fralda pro bebê, pra ele poder cagar o quanto quiser

– Não é isso, de verdade, eu te agradeço muito mas me dá logo as pílulas

Ele começa a me dizer várias coisas e eu começo a refletir sobre o que iria fazer. Me sinto mal por querer abortar meu filho e por achar minha vida uma droga

– O que tá fazendo Denver?

– Berlim se aproxima de nós dois

– Tô dando a pílula do aborto pra ela

– O que foi? Precisa que alguém enfia a pílula na sua boca com um pouquinho de água?

– O aborto é particular, não é? As mulheres decidem mas não na frente de todo mundo

– De qualquer maneira, eu vou pensar até a gente sair daqui

– Fantástico! Fico feliz de querer continuar a gravidez. Agora, volta pra sala com as outras

– Tá...

A essa hora eu já tinha mudado de ideia sobre realizar o aborto e iria continuar com a gravidez. Saio andando e cada vez me afastando deles dois, quando fui chegando mais longe me senti aliviada por nada ter dado errado mas aí o celular que eu tinha guardado dentro da minha calcinha apita. Berlim se aproxima e começa a abrir meu macacão, primeiro tira o dinheiro que eu tinha guardado em meus seios e depois coloca a mão na minha calcinha e pega o celular. Eu tinha a sensação de que ia morrer e que não iria poder ver meu filho nascendo, seguro o choro e olho para eles dois. Berlim sussurra para Denver e então o mesmo vem em minha direção e começa a me puxar para o banheiro. Imploro pra ele não atirar em mim

– Sabe o que acontece se eu não te matar? Ele me matam e depois matam você Começo a chorar até que ele vem até mim e me manda ficar de joelhos, obedeço e olho pro chão até que ele dispara. Fecho meus olhos e quando paro e olho pra ele, percebo que o mesmo tinha atirado no chão. Fico com medo e com falta de ar

– Obrigada...muito obrigada! Você pode me esconder

– Esconder aonde? Aonde porra?

– Na segunda caixa forte – Mas não tem uma gota de sangue

– Então...atira na minha mão...ou no meu ombro ou então na minha coxa

Apoio um dos meus braços na pia do banheiro, ele chega por trás e coloca o cano da arma na minha coxa esquerda

– Se doer morde minha mão

Ele coloca sua mão esquerda na minha boca e puxa o gatilho da arma. Começo a gemer de dor e ele me deita no chão, lógico que eu preferia aquilo do que morrer então não podia reclamar. Berlim então chega e conversa com o Denver, eu não dei atenção pois eu só pensava na minha perna machucada e sangrando. Então ele sai e Denver me pega no colo e me leva até a caixa forte

– Espera ai...

Ele me coloca no chão e rapidamente coloco a senha, Denver abre a caixa forte e eu vou andando com uma certa dificuldade até lá dentro. Depois de um tempo ele sai e eu fico um pouco pensando e tentando aliviar aquela dor.

Nonoa19: O Roubo dos Deuses

Sinopse: Já se passaram três anos do assalto a Casa da Moeda da Espanha. Adam, um primo distante do Professor, se inspira naquele assalto e reúne cinco "Deuses" para roubarem a estátua Vênus de Milo em Paris e levá-la devolta ao seu devido lugar.

Visualizações 78

Favoritos 10

Comentários 10

Listas de Leitura 1

Palavras 2.200

Categorias La Casa de Papel
Personagens não há Originais

Capítulo 1 - O Retorno

Sophie foi caminhar pela praça como sempre fazia todas as manhãs. Enquanto observava o vento levar as folhas das copas das árvores, sentou-se em um banco que havia na praça, pegou um jornal que estava sobre ele e começou a folheá-lo. “Já se passaram três anos do assalto a casa da moeda da Espanha”. Quando seus olhos leram de relance a manchete, ela lembrou de seu marido Adam. Ele ficou fascinado com o aquele assalto desde o início, sempre acompanhava pela televisão tudo o que acontecia dentro e fora da casa da moeda, algumas vezes ele conversava pelo telefone com um desconhecido, ele nunca comentava sobre esse homem com Sophie e isso a deixava desconfiada.

Enquanto relembrava cenas do seu passado, Michael a avistou de longe e foi em direção ao banco onde ela estava sentada. Com um olhar surpreso, Sophie imediatamente o reconheceu como sendo o principal investigador do desaparecimento de seu marido.

– Já se passaram dois anos – disse ele com a voz trêmula por causa do frio. – Mesmo com o caso arquivado, continuei a investigar e encontrei algo que você precisa saber.

Os dois se levantaram e enquanto Michael carregava uma pasta preta, um vento gelado os acompanhou até uma cafeteria que ficava próxima à praça. Os dois adentraram à cafeteria, que estava totalmente vazia.

Eles sentaram-se ao lado do balcão. Ao ler o cardápio, Sophie ficou surpresa ao saber que naquela cafeteria eles vendiam o Copilock, o café mais caro do mundo. Imediatamente se lembrou de um momento engraçado com seu marido, quando ele descobriu que este café era produzido a partir de um gato selvagem que comia os frutos maduros que caíam dos pés e após passar pelo estômago do gato o café sofria a influência do suco gástrico na sua composição e que ao ser defecado era colhido pelos catadores, lavado, torrado e moído. Deu um leve sorriso ao lembrar da careta que ele havia feito ao descobrir a origem daquele café tão saboroso.

Michael impaciente com a demora, pediu um café com chantilly e ela, um descafeinado. Após fazer o pedido, ele colocou a pasta preta sobre seu colo.

– Aqui está! – disse a balconista ao colocar o pedido sobre o balcão.

Quando ela os deixou a sós, ele começou a pôr de forma organizada, papéis e fotos ao lado de seu café.

– O que é isto? – indagou ela.

– Esta é a prova de que seu marido está vivo.

– Há um mês recebi uma carta de um destinatário desconhecido e nela havia indícios que me levaram direto ao hotel onde o viram pela última vez. – Prosseguiu.

– Mas os policiais disseram que não havia nenhuma pista naquele hotel, por que ele enviaria esta carta? – Perguntou ela após tomar um gole do café.

– Quando cheguei no hotel tudo estava diferente, mesmo assim encontrei um colar debaixo do tapete. Pedi para ver as gravações das câmeras mas elas estavam editadas, então abri o colar e havia uma foto de vocês no museu do Louvre.

Sophie pegou o colar, seus olhos começaram a lacrimejar e sem saber o que fazer, ela ficou em silêncio e continuou a ouvir o que Michael falava.

– Fiquei dias indo ao museu e não descobria nada, até que eu o vi, depois de dois anos eu finalmente consegui encontra-lo – Disse Michael com um ar satisfatório.

Ele mostrou as fotos que havia tirado. Nelas, Adam estava na ala das obras de arte greco-romanas e parecia estar procurando algo. Após ver as fotos, ela continuava sem reação... muitas coisas passavam pela sua cabeça, mesmo sem saber o porquê de seu marido desaparecer, ela nunca deixou de acreditar que um dia ele voltaria. Sophie levantou-se do banco e se despediu de Michael, saiu pela porta da cafeteria e enquanto olhava para o colar, ela foi andando em direção à sua casa, tinha muitas perguntas que só seu marido poderia responder.

Chegando em casa, deitou-se em sua cama e começou a chorar, mas parou quando viu seu marido em pé, ao lado da cabeceira de sua cama.

Os dois ficaram se olhando por um longo tempo, ela ficou espantada, Adam havia mudado, seus olhos claros já não tinham o mesmo brilho de antes. Ele sentou-se ao lado de Sophie e ficou em silêncio.

– Por que você desapareceu por dois anos? Por que não disse nada durante todo esse tempo? – Perguntou ela com um semblante embravecido.

– Me perdoe, foi necessário, eu precisava de tempo para pensar.

– Pensar em quê?

– Não posso te contar agora, você não entenderia, na hora certa você saberá.

Adam levantou-se da cama e foi em direção a saída. – Na hora certa você saberá– repetiu enquanto fechava a porta do quarto.

Capítulo 2 - Primeiro Passo

Adam se dirigiu até a casa onde havia ficado esses dois anos, foi lá que ele passou sua infância e parte da adolescência. Quando entrou naquele lugar pela primeira vez depois de anos, ele lembrou de quando seu avô contava histórias sobre estátuas e mitologias gregas. Ele contava muito sobre a Vênus de Milo, uma estátua grega que foi descoberta na Ilha de Milos, no ano de 1820 por um camponês que procurava pedras para construir um muro. Ele vendeu a estátua por um preço muito baixo para navegantes franceses que estavam no mar Egeu á procura de peças arqueológicas de valor. Um tempo depois, ela foi apresentada para Luís XVII, rei da França na época, então, a pedido do rei, a estátua foi levada ao museu do Louvre. Seu avô também dizia que esta estátua nunca deveria ter saído da Grécia, e que um dia, ela ainda voltaria para o seu devido lugar.

Adam ficou fascinado com esta estátua desde seus doze anos, ele planejou esse roubo com a intenção de levá-la de volta a Ilha de Milos, não para ganhar dinheiro, mas sim por motivos patriotas e para realizar o sonho de seu avô.

Chegando na casa, abriu a porta e lá estavam três dos mais procurados ladrões da França.

Louis, o mais inteligente dos três com o QI de 184, fala quatorze línguas e sabe tudo sobre jóias, suas habilidades matemáticas e tecnológicas o ajudaram a roubar várias joalherias, bancos e o principal, uma esmeralda de dezoito quilates.

Anne, uma sociopata que na idade de onze anos, matou seu pai a facadas após ter agredido sua mãe. Depois de anos, ela aprendeu a lutar e um dia, quando estava indo para casa, viu um homem agredindo sua mulher na rua, isso fez com que ela o matasse, devido ao transtorno pós traumático ao lembrar aquela mesma cena no seu passado.

Jean, o mais louco de todos que estavam naquela casa, entende tudo sobre máquinas, ele sofre de cleptomania, um transtorno que resulta em um impulso irresistível de roubar. Seus pais morreram quando ele ainda era um bebê, sua infância é resumida em mudanças de abrigos e casas de adoção. Desde seus nove anos, ele rouba tudo o que se pode imaginar, tanto coisas caras quanto coisas de menor valor comercial.

Os três têm fichas criminais, menos Adam. Ele não tem nenhuma passagem pela polícia nem uma infância traumática, vivia uma vida normal com Sophie, sua esposa, mas o assalto à Casa da Moeda da Espanha e a lembrança de seu avô, foram o gatilho para que ele fugisse e começasse a planejar o roubo que para ele, seria de grande importância.

– Finalmente você chegou – disse Louis com a voz impaciente.

Adam entrou na casa e ao sentar-se ao lado deles, começou a falar sobre o que havia acontecido.

– Eu fui até a casa de Sophie, minha intenção era contar a ela todo o meu plano, mas então lembrei do detetive Michael, como já se passou muito tempo, ela está magoada e poderia contar tudo a ele.

Os três ficaram quietos, até que Adam foi em direção a seu quarto. Sentou-se em uma poltrona que ficava ao lado de sua cama, pegou uma bola de baseball que estava sobre ela e começou a arremessá-la contra a parede. Não parava de pensar em como faria

para contar a Sophie sobre o roubo, mesmo com seu jeito bravo e sério, ele sentia muita falta dela e desejava que ela o perdoasse.

Após ter ficado horas arremessando aquela bola contra a parede, finalmente ele criou coragem e no dia seguinte voltou a casa de sua esposa, mas desta vez, para contar-lhe tudo.

Eram nove horas da manhã e ele sabia que Sophie sempre caminhava na praça nesse horário. Enquanto estava do outro lado da calçada, a observou saindo da porta de sua casa, seus cabelos castanhos e lisos balançavam ao vento e como de costume, ela foi até a caixa do correio. Enquanto abria para ver se havia alguma carta, ele foi até ela de forma discreta.

Sophie virou-se e se deparou com Adam, ao revê-lo novamente, estava determinada a saber o porquê de tudo aquilo.

– Entre. – disse ela após segurar sua mão e o puxá-lo para dentro de casa.

Desta vez, ninguém sairia daquela porta até que ele contasse tudo o que havia acontecido.

Capítulo 3 - A decisão

Ao entrarem, ela o levou até o cômodo mais tranquilo de sua casa, sentaram-se em um sofá que estava na frente de uma lareira acesa e ficaram calados por um tempo. Enquanto aquele fogo aumentava, eles se olharam novamente da mesma maneira que haviam feito no dia anterior.

– Estou esperando. – disse Sophie com a voz impaciente.

Por um instante, Adam lembrou todos os momentos que eles haviam passado juntos, desde momentos felizes à momentos tristes, choros, gargalhadas altas, brincadeiras, brigas...

Sem saber qual seria sua reação, ele tomou coragem e começou a contar a ela toda a história.

– Nesses dois anos que fiquei longe, todos os dias eu desejava voltar para casa, mas não pude, pois em todo esse tempo, bolei um plano para roubar a estátua da Deusa da mitologia grega “Vênus”. Passei um ano tentando reunir três dos mais procurados ladrões da França, mesmo sendo muito diferentes, com a ajuda deles, conseguirei levar a estátua de volta à Grécia, o lugar de onde nunca deveria ter saído.

Sophie ficou assustada, mesmo sempre havendo uma certa desconfiança, ela não achava que seu marido seria capaz de chegar a esse ponto, roubar uma obra de arte por patriotismo.

– Venha comigo, se você quiser eu te levarei para a casa onde planejei o roubo, preciso muito da sua ajuda Sophie, por favor venha comigo.

Ela estava totalmente sem reação, se passaram muitas coisas pela sua cabeça naquele momento, não parava de pensar se deveria seguir seu coração e ir embora com Adam ou ficar e continuar sua vida normal como se ele nunca tivesse reaparecido.

De repente, a janela daquele quarto se abriu com o vento e a chama da lareira diminuiu interrompendo seu pensamento. Sophie levantou e se dirigiu à janela com a intenção de fechá-la, mas ao chegar, ela olhou para fora e começou a apreciar a vista. Ficou em pé na frente da janela sentindo o vento bater em seu rosto e deslizar sobre seus cabelos, então, após ter ficado um bom tempo ali, ela olhou para trás como se estivesse chamando a atenção de Adam, finalmente, ele levantou e foi em direção a ela.

Caminhando a passos largos e lentos, ele chegou e se posicionou ao seu lado. O silêncio tomava conta daquele lugar até que um pardal, pássaro comum nessa época do ano, começou a cantar enquanto voava na frente da janela.

Sophie virou-se e ficou de frente com Adam, após ter pensado por longos minutos, ela lembrou de um acontecimento muito marcante na sua família que havia acontecido com suas gerações passadas e que até hoje a intrigava, então decidiu contá-lo, segurou em uma das mãos de Adam e olhou para seu rosto, seus olhos estavam muito claros por causa da luz do sol que refletia em seu rosto.

– Na minha juventude, meus bisavós me contavam histórias de que existia um vaso antigo de origem grega pertencente a nossa família há décadas, esse vaso era chamado de Ânfora, pois foi feito de barro e possuía duas alças simétricas, antigamente ele era usado pelos gregos para o transporte de vinho. Servia também para conter azeite, mel e até mesmo água. O que chamava mais atenção naquele vaso era a sua pintura, ela foi feita com figuras negras pintadas sobre um fundo vermelho, essa era uma técnica muito usada na Grécia antiga. No governo de Napoleão, o vaso foi tirado a força da minha família e levado ao museu do Louvre assim como a estátua da Vênus de Milo.

Após contá-lo sobre isso, ela respirou fundo e finalmente tomou uma decisão.

– Irei contigo, pois assim como você, eu desejo realizar o sonho de minha família e trazer de volta um pertence que foi nos tirado há muitas décadas.

Os olhos de Adam começaram a lacrimejar, enquanto naquela lareira restavam apenas brasas, ele deu um passo à frente e puxou o corpo de Sophie para perto de si, aproximou seus lábios aos dela e mesmo estando um pouco assustada, ela se entregou deixando suas dúvidas de lado e então... os dois se beijam, como se todos os problemas que haviam acontecido não importassem mais.

Finalmente, depois de dois anos, eles iriam ficar juntos novamente e desta vez, sem mentiras.

Nonoa24: Depois do assalto

Sinopse:

Após fazerem o maior assalto da história, o que aconteceu com os assaltantes?

Visualizações 131

Favoritos 2

Comentários 9

Listas de Leitura 1

Palavras 957

Categorias La Casa de Papel

Personagens Denver, Helsinque, Mônica Gaztambide, Nairobi, Professor, Raquel Murillo, Rio, Tókyo

Tags Depois Do Assalto, La Casa De Papel

1 CAPÍTULO – Denver e Monica

Um mês depois do Assalto, Denver e Mônica foram morar na Argentina, em Buenos Aires.

Moram numa mansão gigantesca com muitos quartos, alguns dias depois Mônica recebeu uma notícia do falecimento do seu bebê.

Ela fica de depressão e Denver tenta fazer de tudo pra agradala. Ela começa a ter pensamentos de suicídio.

Ela liga para uma pessoa, a pessoa misteriosa, atende e diz :

- Quem é?

- A Mônica !

- O que vc quer ?

- Quero um conselho

- Que conselho ?

Diz ela com uma voz de choro :

- O que devo fazer ? Quero me suicidar

- Você é muito nova, Mônica você ainda tem uma vida inteira pela frente, isso é por causa do bebê ?

- Sim

- Você é muito nova ainda, você pode ter muitos filho pela frente...
- Mas eu não consigo mais viver, não consigo sair na rua, queria estar morta agora !
- Não faça isso, você é uma mulher forte, bola pra frente.
- Obrigada, você pensar no que vc disse
- Pense bem

Denver fica na porta ouvindo a conversa, e então ele vai conversar com a Mônica.

Ele abre a porta Mônica fica espantada e ele diz :

- Então você vai se suicidar ?
- Tô pensando
- Sério que você vai fazer isso comigo, depois de tudo que fiz por você, Mônica ! Eu salvei sua vida, se não fosse eu você não estaria aqui conversando comigo
- Denver, eu não disse que ia me suicidar só disse que estava pensando!
- Você sabe que eu te amo, teremos muitos filho ainda
- Tudo bem eu não vou fazer isso, por você
- Tive uma ideia, que tal a gente fazer uma viagem, por toda a Europa?
- Gostei da ideia, vamos sim
- Amanhã viajaremos.

Eles viajaram por toda a Europa. 1 mês depois Mônica com um sorriso enorme, Mônica pula nos braços de Denver e diz :

- Tenho uma notícia que vc vai gostar !
- Qual ?
- Tô grávida.

2 CAPÍTULO - Segredos

Uma coisa que aconteceu comigo, que nunca irei contar ao Denver.

Quando fui morar com Denver, eu era viciada em cigarro, eu fumava uns 10 maços por dia. Denver pediu para eu para, eu queria, mais o vício era grande, comecei a tomar remédios para parar de fumar.

Consegui, mais resolvi experimentar coisas maiores tipo a maconha.

Denver não sabia que eu fumava maconha, e nunca vai saber. Eu era muito viciada, Denver até percebeu que eu estava com uma aparência estranha, más eu dizia que era a gravidez, ele era muito bobo e acreditava.

Quando eu perdi o bebê, o médico disse que foi por causa da maconha, eu disse para ele não contar ao Denver, que eu faria todos os tratamentos.

Fiquei de depressão por causa do bebê, mas graças a Deus, estou bem, agora estou grávida de gêmeos, Alicia e Tiago.

Ao passar alguns dias, depois que descobriu o sexo do bebê, Denver começa a lembrar do dia em que descobriu que Mônica queria se suicidar, ele lembra que ela estava conversando com alguém no seu telefone, ele grita ela em seu quarto :

- Amor !!!
- Que foi !!!
- Vem aqui rapidinho !!!
- Tô indo !!!
- Oque você quer ?
- Com quem você estava conversando naquele que você pensou em suicidar?

Ela gaguejando diz :

- Era um conhecido
- E porque está gaguejando ? Quando vc mente você sempre gagueja
- Tá bom vou falar a verdade
- Diz
- Era o Arthur
- Oque !!!
- Só pedi um conselho
- Depois de tudo que ele fez com você, você foi pedir conselho pra aquele merda
- Amor eu não sabia o que estava fazendo

- Não me chama de amor
- Mas...
- Vou fazer uma caminhada!

Denver está atravessando a rua, pensando na vida, quando É atropelado por um carro.

Mônica está triste, quando receber uma ligação do hospital :

- Vc é a senhora Gaztambide?
- Sim, porque?
- Seu marido está entre a vida e a morte.

3 CAPÍTULO - Família

Logo após o assalto Rio, vai a casa de seus pais se despedir, ele toca a campainha e seu pai atender e diz:

- Oque você está fazendo aqui?
- Vim aqui para conversarmos
- Conversar oque? Você deu desgosto para nois seu muleke
- Eu entendo, mais posso
- Oque tem nessa bolsa?
- Posso entrar?
- Entrar
- Obrigado

Quando sua a mãe o viu, deu um abraço bem apertado e disse:

- Meu filho o que vc fez na sua vida, você é tão jovem, cuidei muito bem de você, onde foi em que eu errei?

- Calma mãe, eu tenho consciência no que eu fiz
- Me promete que você vai ser, uma pessoa melhor?
- Prometo mãe

Seu pai com olhos lacrimejando diz:

Você é um desgosto grande na minha família, te cuidei com tanto carinho, pra você fazer uma coisa dessa, oque eu fiz de errado meu Deus?

- Eu só quero que saiba que eu amo vcs, mais irei morar em um lugar distante daqui.

- Mesmo com tudo isso, eu nunca irei te entregar meu filho.
- Obrigado mãe, de coração
- Filho eu te amo muito, mesmo você fazendo esse desgosto pra mim
- Entendendo pai. Eu vi aki deixar essa bolsa com 500 mil euros, pra vocês, obrigado por terem cuidado de mim.
- Te amamos filho

Depois disso, Rio foi encontrar Tokyo na Buenos Aires, para fazê-la uma surpresa, eles foram se encontrar em restaurante chiquérrimo, com um sorriso imenso ele diz a ela :

- Tenho uma surpresa
- Que surpresa ?
- Garçom traga as bebidas.

O Garçom com uma Taça de champanhe e dois copos e um deles tinha uma surpresa. Tokyo bebeu, e com uma cara espantosa, tirar um anel de noivado, da boca, e Rio faz o grande pedido :

- Senhorita Silene Oliveira, você quer casar comigo ?

Tokyo emocionada Diz :

- Eu acho que é muito cedo pra gente se casar, a gente foi sabe nossos nomes verdadeiros agora.

Rio irritado sai do Restaurante, e começa a andar que nem loco na cidade, até que atropela alguém.

Nonoa29: La casa de papel

Sinopse:Após considerado, o maior roubo da Espanha, a quadrilha se separa durante dez anos, depois se reencontram novamente e formam um novo assalto, mas dessa vez seria na casa da moeda dos Estados Unidos !!!

Visualizações 103

Favoritos 3

Comentários 6

Listas de Leitura 1

Palavras 1.175

Categorias La Casa de Papel

Personagens Denver, Helsinque, Mônica Gastambide, Nairobi, Professor, Raquel Murillo, Rio, Tókyo

Capítulo 1-

Após o maior roubo da Espanha ser sucedido, a quadrilha acaba se separando, Rio seguiu sua vida como gênio da tecnologia, Tokyo seguiu sua vida apenas treinando sua mira em campo de tiros, Nairobi seguiu sua vida juntamente com Helsinque, os dois após o assalto moraram juntos em uma casa na Alemanha, Monica Gastambide e Denver seguiram suas vidas juntamente com seu filho Estocolmo que na época tinha um ano e cinco meses, Professor e Raquel Murillo após se encontrarem na ilha de Filipinas, se casaram depois de um ano e meio e tiveram um filho chamado Sergio Santana Junior, após seis anos sem muita comunicação com o grupo, finalmente se encontraram novamente no México, Denver e Monica juntos com seu filho Estocolmo (que já estava com quase sete anos), encontraram Nairobi, Professor, Raquel e seu filho Junior (que estava com cinco anos), começaram a curtir um pouco antes de começarem a elaborar o novo plano, depois de um mês para se adaptarem ao local e reencontrar a “nova família” se mudaram para Washington, em um dia comum em uma caminhada Denver e Professor passaram na frente da casa da moeda e perceberam uma multidão correndo logo eles pararam para ver o que estava acontecendo, e de lá saíram cinco assaltantes com oito bolsas cheias de dinheiro armados com AR15 entraram em um carro forte fornecido pelo governo para soltarem os reféns, depois desse dia Professor começou a bolar um novo plano, pediu ajuda do Rio para ficar na parte de eletrônicos e os ajuda-los nos movimentos das câmeras, cabeamento elétrico, tudo na parte elétrica...

Capítulo 2 –

Após se reunirem e acompanharem um assalto simples na casa da moeda, a mídia divulga a quantia roubada no total de quatro milhões e trezentos mil dólares.

Fazendo tudo com calma, professor passa uma semana com seu filho que hoje está com sete anos, vai pescar, leva seu filho para caçar, vai aproveitando o tempo que tem com seu filho até começar o planejamento do plano.

Professor volta a Washington e reúne todos em uma nova casa/mansão, professor apresentou a casa á todos, mostrou o quarto que cada um podia se hospedar.

Então Professor pergunta :

- O que acharam da casa ? acham que pode ser um bom lugar para um novo plano

?

Então todos dizem que sim, que a casa é bem espaçosa para fazerem as coisas e etc.

Professor pergunta para Rio:

- Aqui você consegue fazer um bom escritório rio ?

Rio responde:

- Sim, com o quarto dos fundos podemos fazer um escritório bem grande com tudo que precisamos.

Após as perguntas de professor, ele leva todos para sala de estar e começa a contar o que tinha acontecido na semana passada.

Semana passada em um simples roubo, roubaram quatro milhões de dólares, em questão de dez minutos no máximo pegaram quatro milhões, talvez se nos ficassemos durante quatro dias lá dentro conseguiríamos pelo menos um bilhão de dólares e duzentos milhões, além disso em um dos cofres da casa da moeda tem pelo menos trezentos milhões de dólares em joias, diamantes, pedras preciosas etc...

Surge uma duvida para Denver, e provavelmente para todos...

Denver pergunta:

- Mas Professor porque roubar essa grande quantia, e ainda mais o mesmo lugar?

Professor responde:

- Nairobi e Helsinke não contou a vocês nem eu e a Raquel mas, nós quatro acabamos falindo em apostas de cassinos.

Então Denver Fala:

- Quando nos entrarmos lá dentro se não conseguirmos muito dinheiro pegamos pelo menos as joias, que assim não sairemos sem nada.

Todos concordam com a ideia, até por não ser uma ideia tão ruim, e voltam a falar sobre as estratégias e o tempo até lá de trabalho.

Rio pergunta:

- Mas quanto tempo iria demorar para planejar o roubo com todos os passos novamente professor?

Professor responde:

- Provavelmente mais de 2 anos pois como estamos aqui em menos de 2 meses temos que estudar muito cada passo da policia, sabermos oque usam em questão de arma, munições, na parte elétrica, tudo, então provavelmente 3 anos no mínimo.

E nessa hora todos se calam e vão dormir.

Capitulo 3 –

Após acompanhar assaltos durante oito meses professor já tem algumas ideias de passos policiais, por já estar acompanhando muitos assaltos grandes, pequenos e até em lojas simples quando chamam a policia.

E em tudo isso professor percebeu que maioria das vezes os policiais chegam sempre em uma faixa de tempo muito grande, entre dez e quinze minutos, então ele começa a anotar tudo.

Passando um mês depois do ultimo roubo professor percebeu que não estava mais a vendo roubos, achou estranho, mas deixou por isso mesmo, então foi até casa deles e encontrou Denver na sala de estar bebendo e fumando.

Ele chama o professor para beber um pouco, e o Professor aceita...

Por volta de 18:40 ele pede para Denver reunir todos na casa até 19:00, quando está todos reunidos ele começa dizer.

Professor diz:

- Precisamos fazer esse plano muito bem feito pela policia aqui demorar a chegar, podemos ter vantagens nisso, porém eles demoram para chegar no local mas fazem o trabalho bem feito, estava acompanhando muitos roubos nesses meses e percebi que de 40 roubos 24 a policia conseguiu pegar os assaltantes, então aqui eles fazem o trabalho bem feito maioria das vezes, devemos pensar em um plano agora muito bem feito e diferente do ultimo por não termos muitas rotas de fugas pelo que consegui observar.

Então eles começam a discutir sobre as rotas de fuga que teriam.

Denver da uma ideia:

- Na casa da moeda temos 3 ruas para fuga, pelo que escuto dos outros dizendo lá tem um túnel em baixo do banheiro que da em um lugar no esgoto.

Então juntando isso professor começa a pensar nas fugas agora, e pede que Denver vá lá na casa da moeda para ver se acha algo no banheiro, alguma rachadura, algo de identifique onde fica o túnel, e sem reclamar no dia seguinte o Denver diz ir lá.

Professor diz:

- Todos estão dispensados podem voltar para seus quartos, menos você Rio eu e você vamos procurar coisas na Deep Web.

Professor pede ao Rio que ele procure armas comuns como AR15, M16.

Mas Rio pergunta:

- Porque deep web se podemos comprar em lojas comuns?

Professor responde:

- Deep web não usamos documentos, caso usamos nas lojas poderiam desconfiar de nossas identidades falsas.

Então Rio compra dez AR15, quatro M16 e treze Glock's

Professor agradece e diz para Rio que pode ir se deitar e que amanhã ele ira reunir todos novamente.

No dia seguinte professor chama todos na sala de estar e começa a contar.

Professor diz:

- Se nos entrarmos e pegarmos apenas as joias, em menos de dois dias conseguimos sair de lá com pelo menos cento e cinquenta milhões em joias, eu e rio vimos hoje de manhã e achamos um lugar que compra joias em geral, e provavelmente podemos triplicar o dinheiro vendendo tudo.

Todos acham uma boa ideia, e vão beber um pouco e comer também...

Nonod1: La casa de papel

Sinopse: Raquel tenta descobrir o que Sérgio (professor) esconde em seu passado.

Visualizações 131

Favoritos 2

Comentários 9

Listas de Leitura 2

Palavras 1.057

Categorias La Casa de Papel

Personagens Berlim, Denver, Helsinque, Mãe da Raquel, Mercedes, Mônica Gaztambide, Moscou, Nairobi, Oslo, Professor, Raquel Murillo, Rio, Tókyo

1 – O reencontro

Após um ano do grande "roubo" Professor e Raquel se reencontram em uma das ilhas em que eles planejavam ir durante o roubo (Tailândia) onde eles encontraram paz e sossego.

Em uma noite num jantar a luz de velas de frente para o mar em um restaurante muito popular na ilha, sem muito assunto mas com muitos olhares e sorrisos bobos, Raquel tenta criar coragem para perguntar ao Professor sobre sua vida e a grande ideia do roubo que entrou para a história da Espanha mas que já foi quase esquecida por todos. Ao encarar o Professor com um sorriso de lado, vem a coragem e a grande pergunta:

-Então, como surgiu a grande ideia? - Pergunta Raquel com um pouco de medo da sua reação

Em um silêncio longo, Professor encara Raquel soltando os talheres e colocando as mãos sobre a mesa, e diz:

- Por que essa cara meu amor? Não nos conhecemos ontem para ter medo um do outro - responde Professor com uma risada, tentando mudar de assunto.

- É que eu não sei como você se sente ao lembrar disso - responde Raquel endireitando sua postura na cadeira.

Professor da uma olhada rápida para baixo e pergunta para Raquel se vai querer mais alguma coisa

-Mais alguma coisa?

- Não, obrigada! - Responde Raquel ao perceber que Sérgio não gostou nem um pouco de sua pergunta.

Ele dá um sorriso disfarçando a vergonha, chama o garçom e pede a conta. Em seguida Professor se levanta afastando a cadeira com as pernas, indo em direção a Raquel afastando também a sua cadeira com as mãos e indo embora. Em direção ao carro, Raquel encara o Professor sem entender a sua reação e preocupada com o que ele estava pensando naquele momento. Enquanto Professor estava calado, de cabeça abaixada, olhando para seus sapatos enquanto caminhava.

Chegando no carro e o mesmo silêncio agonizante, eles entram, Raquel se vira e diz:

- Desculpa pela pergunta eu não...

- Não precisa pedir desculpas, você só estava curiosa - responde Professor após corta-lá.- você pode perguntar o que quiser, e desculpa a minha reação, isso me fez lembrar da minha infância.

Depois que ele explicou, acabou deixando ela mais curiosa. Mas para não piorar a situação, Raquel deixa de lado mas com muitos pensamentos e dá um beijo longo em Sergio enquanto ele liga o carro

2

Dia seguinte...

Mar agitado, dia ensolarado e calmo em Copacabana.

Tokio e Rio acordam em um dos hotéis mais caros e chiques do Rio de Janeiro, onde eles gastam todo seu dinheiro em festas, bebidas e muitas outras besteiras.

- A um ano atrás nós fizemos a maior loucura de nossas vidas - diz Tokio com um sorriso como se não acreditasse

Rio se levanta da cama, caminha até a janela e diz:

-E graças a essa loucura a gente está super bem - com uma gargalhada enquanto se encanta com a vista maravilhosa para o mar.

Em outro lugar bem distante...

Nairobi e Helsinki super íntimos como se fossem irmãos até e felizes morando juntos em Los Angeles, um lugar lindo onde eles sonhavam em conhecer e recomeçar do zero, mudando suas vidas para a melhor e esquecendo os problemas que só fazem tudo piorar. Mas claro que não tem como se livrar de todas pois a vida não é conto de fadas ou um mar de rosas. Nairobi com o mesmo plano de sequestrar o filho, continua em sua mente.

Os dias se passam e Helsinki percebe sua diferença, quieta pensativa e preocupada, mas finge que está tudo bem pois pensa que é coisa da sua cabeça. Mas Helsinki não faz ideia da grande besteira que a sua grande amiga está prestes a fazer, e não a nada que possa impedir que ela faça isso.

Enquanto isso Tokio e Rio já arrumaram problemas como roubar, arrumar brigas e quebrar coisas, deram muita dor de cabeça para os outros hóspedes e para quem trabalha no hotel. Mas isso não é nenhuma novidade, principalmente para o grupo né!?

3

Depois de muito tempo sem se verem e se comunicarem, Raquel finalmente voltar para os braços de sua amada mãe e o conforto de sua casa com sua filha. E dar a notícia que Sérgio (Professor) vai morar por um tempo com elas.

- Não queria ir embora nunca, mas aí mesmo tempo eu estava torcendo para acabar logo... - Diz Raquel enquanto os dois arrumam a mala.

- O lugar é maravilhoso mas não conseguimos viver longe da rainha e sua comida - responde Professor se referindo a mãe de Raquel.

- aah com certeza! - responde Raquel com muita saudade.

Super ansiosa e preocupada, pois não vê as duas a 1 mês.

Enquanto no Rio de Janeiro, Tokio e Rio aproveitam seus últimos dias no hotel fazendo bobagens e brincadeiras de mal gosto, como sempre... E o que não pode faltar: roubando coisas de luxo do hotel, uma ideia não tão inteligente do Rio, mas Tokio aceitou numa boa, pois faz tudo por esse "moleque".

Chegando ao seu destino, Raquel se depara com sua mãe e sua filha esperando no aeroporto.

Raquel com um sorriso enorme, abre seus braços e vai correndo abraça-lás, enquanto professor espera ao seu lado para poder cumprimentar a sua nova "família".

Não podemos esquecer o grande casal estranho, Denver e Monica, a mulher que mudou seu coração maldoso, onde só tinha raiva e ódio, mas que tinha um amor imensurável pelo pai que era completamente ao contrário em relação a sentimentos, mas que infelizmente morreu durante o roubo com uma bala no peito.

Nonod03: La casa de papel: O assalto por outro olhar

Sinopse: O grande assalto da serie não americana mais assistida do mundo, pelo olhar de Arturo Roman, que é um dos personagens mais odiados na serie original

Visualizações 43

Favoritos 2

Comentários 3

Listas de Leitura 2

Palavras 1.993

Categorias La Casa de Papel

Tags Arturo, La Casa De Papel, Tragedia

Capitulo 1

Estava eu em mais um dia comum de trabalho, e como sempre naquela chata rotina de assinar papeis como autorização para qualquer tarefa, porque eu sou Arturo Roman o diretor executivo da casa da moeda da Espanha, e então sinto um respirar na minha nuca e bem baixinho eu disse:

-Você consegue tirar totalmente meu ar

-Em 9 meses ai sim você vai ficar sem ar – disse Mônica ironicamente

Então fiquei sem nenhuma reação por aproximadamente 5 segundos e parei para refletir o qual errado eu fui em deixar isso acontecer, me apaixonei pela minha assistente mas não definitivamente por ela e sim pelo seu magnifico corpo que possuía, porque na realidade eu amava a minha mulher que ficou comigo no passado quando eu não tinha nada, e lembro como se fosse ontem a cena que eu disse a ela naquela casa de madeira, em que em uma simples e fraca chuva molhava tudo que lá dentro havia e então nós pedíamos a Deus toda noite para não ter uma tempestade muito forte, porque senão ficaríamos sem uma moradia, mas acabou por acontecer, depois de 1 mês e meio que estávamos ali, foi uma cena horrível eu estava voltando do meu simples trabalho de limpar a casa da moeda, e enquanto estava no transporte público a caminho de casa para ver minha amada, eu olhei para o céu e vi que pesadas nuvens estavam a caminho e então comecei a suplicar a Deus que não fosse uma devastadora tempestade, mas acho que Deus não me ouviu aquele dia, talvez fosse pelo grande trovão que caiu no meio da rua, que por pouco não fritou todos no ônibus, pensei que o barulho estrondoso poderia o ter deixado levemente surdo por algum tempo, e fiquei decepcionado mas tive que aceitar que bem provavelmente eu poderia ficar sem um teto para me abrigar, e chorando dentro do ônibus eu estava vendo a grande chuva começando a cair, e estava a dois pontos da minha casa e tive que descer do ônibus por que a rua já estava alagada com pouco menos de meio metro de altura a agua empoçada, e fui me esforçando correndo por entre aquela quantidade enorme de agua desesperado, e pensando em tudo mas ao mesmo tempo pensando em nada ou talvez os

pensamentos estavam fluindo tão rápido que eu mal conseguia parar para pensar em cada um, e estava perto da minha casa quando uma correnteza feita por tanta água veio trazendo minha cama, que estava com minha camisa que eu coloquei em cima dela de manhã antes de ir trabalhar, e então peguei a camisa e coloquei em meus ombros e deixei minha velha cama passar e fui me aproximando da minha casa e vi minha mulher a mesma que eu trai no futuro, mas naquela época tudo era diferente o dinheiro não fazia a minha cabeça, mas então acabei por chegar em minha e o teto a um fio por cair, e eu e ela começamos a desesperadamente pegar tudo o que desse para salvar, que foram só algumas roupas que colocamos em mochilas velhas que tínhamos, e uma mala que estava com o zíper quebrado e acho que foi a vez que montamos a mala mais rápido em minha vida, e rapidamente peguei meu celular que era de botão, e eu ainda estava a pagar por que naquela época não era tão barato quanto é hoje e eu nem tinha condições para isso, por isso fui tão rápido nele pois foi meu primeiro aparelho telefônico que comprei com trabalho. E nós desistimos de salvar “tudo” por que grande maioria de nossos bens foram por água abaixo e eu olhei para o rosto dela desamparado e triste a chorar e disse:

-Amor eu te prometo que um dia não precisaremos nos preocupar com chuva, e a cada chuva que der nós estaremos assistindo nossa de TV de 60 polegadas e voltaremos ao passado e vamos nos lembrar da nossa TV de 29 polegada e vamos chorar mas dessa vez não de tristeza e sim de alegria.

E ela olhou para mim com um olhar meio debochado e sorrindo disse:

-Para de ser bobo, eu estou contigo independentemente da situação, na lama no luxo, o que tiver que ser vai ser, acredito que você vai conseguir eu te amo.

E então naquele momento vi que eu tinha a melhor mulher do mundo que nunca iria me abandonar, e então quando parei para pensar que eu traí a mulher da minha vida, por uma secretária que só satisfazia minhas vontades do momento, que só me conheceu na calmaria, mas na tempestade quem estava comigo era a mulher da minha vida, então eu disse a Mônica:

-Monica como eu vou poder ter um filho de uma secretária, o que minha mulher e meus 3 filhos vão achar disso, vamos pensar nisso depois.

Então ela ficou brava comigo, e eu entendo isso pois era o primeiro filho dela, mas seria muito difícil para eu assumir esse filho, eu ia perder toda minha família que demorei anos para conseguir estabilizar mas Monica não quis entender minha parte e ela me ameaçou dizendo que era necessário que eu assumisse o filho dela, que ela não tinha estrutura financeira nem familiar para ter um filho sozinha e se eu não assumisse esse filho iria fazer de tudo para acabar com meu casamento e nesse momento eu fiquei desesperado porque minha família pra mim vale mais meu cargo na casa da moeda, vale mais que o dinheiro que eu recebo, vale mais que tudo pra mim e ela não podia fazer isso, mas isso foi o que eu pensei, por que em um momento de loucura saiu da minha sala, e subiu na mesa mais alta e todos olharam e viram no rosto dela um olhar de ódio, e quando estava prestes a revelar tudo a toda equipe que por sua vez poderia meia dúzia gravar e começar a compartilhar até chegar em minha mulher, nesse momento vi minha vida desabar, mas ao mesmo tempo me conformei com o que aconteceria porém houve uma coisa que deixou todos sem reação que foi a hora em que aqueles bandidos entraram dentro da casa da moeda.

Capítulo 2

Então começou a o que seria o motivo de grande desespero a todos, quando Monica foi revelar o quão desgraçado eu fui, nesse momento entram os ladrões com máscaras estranhas do dali com muita violência dizendo:

-Todo mundo no chão se não vai levar bala.

Todas as mulheres gritando muito e eu disse para eles que podia pegar tudo o que quisessem, a condição era só que nos deixássemos vivos, mas eles não fizeram acordo e apontando a arma na minha cabeça gritaram comigo dizendo:

-Quem manda nessa porra é a gente, cala boca se não vai tomar bala vagabundo.

Então no mesmo momento me calei por que tinha amor a minha vida, mas no entanto em meu silencio eu analisava a situação para tentar descobrir o que eles queriam, mas eles não eram muito de conversa e depois de renderem todos que estavam na casa da moeda, eles juntaram todos nós reféns e um homem que parecia ser o líder deles começou a falar com todos nós, que eles não queriam nos machucar eles só iriam fazer dinheiro a partir mas eu tinha em mim a convicção que eles nos matariam então não aguentem essa pressão e levantei-me e disse:

-Como vamos acreditar em bandidos que estão mascarados.

Então ele veio se aproximando de mim passo após passo, bem devagar, acho que era justamente para nos deixar com medo deles, mas ele logo chegou a mim e bem em minha frente e ficou a me encarar por 5 segundos que mais me pareciam 5 anos, eu senti meus batimentos rápidos e fortes como se fosse carnaval e ele me disse:

-É verdade.

Então em minha mente foi uma grande confusão por que, que tipo de assaltante concorda com um refém? Não entendi nada e ele continuou a falar:

-É difícil acreditar em bandidos mascarados, então meus companheiros, vamos tirar essas mascaras.

E então todos tiraram, eram 8 assaltantes entre eles homens e mulheres, e eles começaram a impor regras sobre nós, e as regras eram que tínhamos que obedecer a cada assaltante, que teríamos tarefas a fazer também, e tinha a principal que a pessoa a qual tentar fugir será severamente castigada.

O líder deles mandou que todos os homens se levantassem e perguntou aos que se levantaram:

Quem tem experiência com o manuseio de ferramentas levante a mão. E alguns policias e guardas que também foram feitos de reféns levantaram a mão, e um aluno da escola de intercambio que fazia um excursão na casa da moeda também, porém eu me mantive de mão abaixada e o líder deles veio até a mim novamente, com os mesmos aspectos de um psicopata indo ao abatedouro de uma vítima indefesa e ele me disse:

-Você não sabe manusear nenhum tipo de ferramenta.

E eu o respondi que não, mas ele insistiu:

-Vou fingir que não ouvi o “não” e vou perguntar de novo, você não sabe manusear nenhuma ferramenta ?!

Então não tive outra opção a não ser responder que sim.

E um deles que tinha uma barba grande e um gordo nos levou ao andar de baixo para cavarmos um túnel e além de ter os reféns que faziam o túnel, teriam os reféns que faziam dinheiro, os reféns que empacotaria o dinheiro. Os reféns que em sua grande parte eram os estudantes e mulheres e essas estava Monica, nós que estávamos a cavar o túnel tínhamos pausas de 3 em 3 horas para descansar, comer e depois voltarmos ao trabalho.

Estava bem nítido em minha mente que eles matariam todos ali, e então comecei a planejar uma maneira de conversar com alguém que estava lá fora, para ajudar talvez uma invasão policial.

Capitulo 3

Aqueles ladrões já estavam a fazer o próprio dinheiro e o plano deles estava indo muito bem, eu não podia permitir isso, mas não só por mim e sim por aquela mulher que carregava um filho meu e por aqueles estudantes, então tive a ideia de preparar um plano em que eu conseguisse comunicação com o mundo exterior, já que todos celulares foram apreendidos, para ajudar a polícia no caso, pois com as informações que eu tenho aqui dentro, pode ajudar em talvez um invasão a casa da moeda, então eu me lembrei que meu celular ficou em meu terno, que estava em minha sala, então olhei para Monica e pensei que ela poderia ajudar por ser uma mulher muito inteligente então eu disse a ela:

- Monica, você precisa fazer algo para ajudar a nos salvar!

Ela por sua vez ficou meio desconfiada e me respondeu que o que ela conseguisse fazer ela faria, então eu contei a ela o que deveria ser feito para conseguirmos o necessário para comunicação, e como eu esperava ela não concordou logo de cara, mas eu não podia

desistir e eu insisti naquilo por que era muito necessário, e depois de muito insistir ela aceitou e antes dela sair por aquela porta eu falei a ela:

- Tome cuidado, eu te amo muito.

Mas como eu já esperava ela não me deu atenção porque ainda estava brava, e eu entendia isso e também estava pensando em aceitar o filho, porque apesar de não ser o filho da minha mulher, não deixa de ser meu filho, e me lembro como foi um momento mágico pra mim quando fui pai, e não seria um fardo na minha vida um filho mas sim saber que eu abandonei um filho meu, e então eu falei pra mim mesmo que quando eu sair vou levar ela a minha mulher e contar tudo e não direi nada a Monica ainda, mas tudo dependera do êxito dela no plano, eu estava com medo de dar errado e matarem ela.

Nonod05: O recomeço

Sinopse:Rio e Tóquio irão ficar juntos mesmo com o distância entre eles, Rio vai atrás de Tóquio e conseguiu encontra-lá.

Visualizações 126

Favoritos 2

Comentários 8

Listas de Leitura 1

Palavras 1.450

Categorias La Casa de Papel

Personagens Rio, Tókyo

Tags Drama, Romance

Capítulo 1.- Tóquio e suas aventuras

Depois do assalto cada um segue suas vidas. Eles foram para onde queriam e desejavam, ninguém trocou contatos apenas se despediram com abraços, bebidas e festa .

Havia se passado 1 mês depois do assalto, Tóquio ainda não tinha visto ninguém, nem mesmo o "Seu grande amor " Rio .

Chegando em Bahamas localizou um hotel e foi direto pagar as diárias do seu quarto e subindo de elevador começou a pensar em sua vida daqui pra frente e viu que poderia ter sido uma filha melhor porém não foi... Chegando ao seu quarto largou as malas no chão, com os seus olhos cheio de lágrimas foi ao banheiro e tomou um banho para vê se conseguia relaxar, em seguida deitou naquela cama com os lençóis brancos e pérolas de rosas sobre a cama apenas decorando e trazendo um ar de um local tranquilo. Ficou um tempo deitada e então pensou em começar a passear e decidiu ir a praia, levantou pegou sua mala escolheu o melhor biquíni, vestiu o biquíni e um shorts jeans roxo, se olhou no espelho e sorriu, desceu e pegou táxi e disse ao rapaz.

-Boa Tarde, poderia me leva na melhor praia por favor.

-Boa Tarde, mas é claro.

-Chegando lá pagou o táxi.

-Obrigado, Pode ficar com o troco.

-Disponha, obrigada eu. Se precisar só me ligar.

Tóquio deu um sorriso largo e saiu do táxi e foi direto para o mar, ficou admirada com tanta beleza a sua volta, a água era azul como o céu, sentou-se em uma cadeira bem perto do mar e foi ali que seus pensamentos começaram a se embolar, ela diz sozinha: Por que não começar a me aventurar?

Levantou, tirou o seu shorts e colocou na cadeira, e foi correndo dá um mergulho no mar, quando saiu do mar percebeu que já estava cansada e ligou para o taxista.

-Alô é o taxista?.

-Sim sou eu mesmo, no que posso te ajudar?

-Ainda estou na praia e preciso ir embora. Será que teria como vim me buscar?

-Sim, já estou indo daqui a uns 10 minutos estou ai.

Então ela desligou o telefone. E ela esperou, assim que ele chegou ela entrou e falou que queria voltar para o hotel, chegando ao hotel deu dinheiro a mais e disse a mesma coisa; "Pode ficar com o troco.. obrigado". Ele apenas agradeceu.

Ela chegou no hotel, e entrou no elevador e lá estava ele com um sorriso de lado.

Capítulo 2- O verdadeiro amor

E lá estava ele com um sorriso de lado. Tóquio logo o abraçou, com um abraço apertado e seu corpos foram se encaixando.

Rio sussurrou em seu ouvido " Ainda te amo minha maluca", ela olhou em seus olhos e disse.

-Também te amo seu otário. O que você esta fazendo aqui?

- Vim até aqui atrás de você para dizer que eu sinto muito a sua falta e foi uma pena que a gente se afastou.

Chegaram no andar desejado a porta do elevador se abriu, eles saíram e foram para o quarto dela. Ela foi tomar o seu banho e ele ficou na sala esperando, quando ela saiu com o roupão ele levantou e pegou ela no colo e a girou assim a beijando. E disse.

-Aqui está seu diário.

- Quem mandou tu pegar?

- Calma meu amor, não li apenas peguei para ter certeza que você não iria me deixar tão fácil assim.

-Seu otário acha mesmo que seria fácil te deixar. Logo em seguida ela deu uma risada com um sorriso meio irônico. Então foi ali que eles perceberam que realmente se amavam e que queriam estar um perto do outro.

Aquela noite eles ficaram no hotel, passaram a noite toda assistindo filmes e Tóquio dormiu em seu peito, ele ficou um tempo admirando a beleza dela e em seguida dormiu também.

No dia seguinte acordaram bem cedo por volta das 07:30 da manhã e pediram um café para eles, tomaram café colocaram uma roupa e decidiram ir ao parque localizado no centro de Londres, o Regent yem o lugar era muito agradável , eles alugaram um banco e ali passou um tempo conversando sobre o que tinha acontecido naquele mês que ficaram sem se ver.

Rio disse que naquele mês ele foi a baladas, boates, etc. Para tentar esquece-la, mas preferiu ir atrás do seu grande amor. Foi aí que ele largou as baladas e foi correndo para encontra-la.

-Eu estava hospedada em um hotel na Espanha em um lugar meio deserto até que resolvi vim para cá. Cheguei ontem quase a tarde e fui até a praia e o resto você já sabe né.

- Amor vamos andar de bicicleta?

- Droga, vamos né. Desde aquele momento eles levantaram e foram até um local onde se alugava as bicicletas. Desde então começaram a passear pelo parque, passaram por um lugar onde estava tendo teatro ao ar livre e pararam para admirar a peça, depois da peça eles devolveram as bicicletas e voltaram para hotel. Chegando no quarto Rio esperto já tinha ligado para o hotel sem ela perceber e pediu um buquê de chocolate.

Quando eles chegaram estava lá o buquê no seu quarto em cima da cama. Ela sem pensar pegou o buquê e começou a comer os chocolates sem mesmo o agradece-lo, ele olha e diz.

-De nada né.

-Desculpa meu amor, muito obrigado. Senta aqui e vamos comer. Ele olhou feio e sentou do outro lado da cama.

capítulo 3- Apenas uma briga?

Ele sentou do outro lado da cama olhou pra ela e disse:

- Pow mano tu é folgada pra caraca, não merece merda nenhuma..

- Cala a boca é mais que sua obrigação me dar as coisas.. Ela levanta e joga o buquê na cara dele e sai do quarto, sendo que ela nem sabia para onde ir, só saiu por sair,

ela começou andar na rua e pensou em ir em um bar que tinha na rua de trás do hotel, chegando lá pede umas bebidas:

- Boa noite, me dá uma vodka ai.
- Boa noite. Só 1 minuto ainda não chegou a sua vez.
- Ah man vai logo que demora...
- Calma moça só 1 minuto... Agora sim é a sua vez..
- Até que fim... Ela pega a vodka e sai pra pista de dança lá conhece um Brasileiro

e eles começam a conversar.

- E ai gata qual é o seu nome?
- E ai, sou a Seline e qual é o seu?
- Me chamo Ryan Niro. E ai está afim de sair daqui para a gente pode conversar

melhor.

- Vamos lá pra fora então.
- Não não, vamos pra minha casa é melhor aqui é muito movimentado. Vou buscar uma cerveja pra gente. Depois dele ir buscar as cervejas eles foram pra casa dele, mais antes Tóquio desliga o celular para não receber nenhuma ligação do Rio (Aníbal). Chegando lá eles ficam na sala mais logo sobem para o quarto. Enquanto isso Rio lá deitado na cama do hotel dela e ela se divertindo com outro..

Para ela foi apenas uma noite, agora para o Ryan foi á noite... Ele até pediu o endereço dela para eles se verem porém ela não quis dá e disse que iam se encontrar por ai. Quando foi bem cedo ela acorda e olha o relógio e percebe que já deveria ter ido, sai correndo vestindo suas roupas, com a cabeça mais fria volta para o hotel chegando lá ele estava com uma cara de cachorro sem dono. Ele não fala nada e nem pergunta onde ela passou a noite por que, agora pra ele não importava mais, achou ele, até ela dizer;

- Bom dia, passei a noite bebendo e fui para a casa de um desconhecido, antes de perguntar, sim dormi com ele...

- Como você teve coragem de fazer isso? Uma briguinha, você já sai dormindo com outro enquanto eu aqui fazendo planos para o nosso futuro...

- Mano, você é muito romântico, tem que ser mais suave com a vida...

- Cala a boca manooooo, que droga, vai se ferrar.. E foi ai que a briga começou.

Até que ela pega uma arma, ele começa a desafiar ela.

- Atira Seline Oliveira, vai não é isso que você quer? Então vai logo atira.. Ela com os olhos cheio de lagrimas e com suas mãos tremendo, ela aponta pra janela e atira em um passarinho preto com branco, o passarinho logo cai e ela solta a arma no chão e se ajoelha

- Me perdoa não queria fazer isso, eu que estou erradaaa. Ele senta na cama e grita " Você é louca? já pensou se esse tiro pega em alguém?"

Nonod6: Assalto A Joalheria - O Novo Golpe

(O ALUNO-SUJEITO NÃO ENVIU OS TEXTOS)

Sinopse:Logo após o assalto a casa da moeda da Espanha, os mesmos assaltantes decidiram fazer outro, porém com novos nomes, você conseguirá saber quem é quem?

1 sérvio, trabalha muito com a força e faz tudo que o chefe mandar, já teve no exercito mais teve alguns desacerto lá...

2 servia, trabalha muito com a força e faz tudo que o chefe mandar, mais também mexe muito com armas

3 mente do plano, uma pessoa muito calma, cautelosa e muito paciente etc.

4 mulher da joia, uma pessoa que se preocupa muito com a família... É uma mulher usuária

5 hacker, uma pessoa que faz de tudo pela pessoa que gosta

6 segundo chefe, uma pessoa muito misteriosa e que faz de tudo pra esta no poder

7 generoso mais também muito bravo que sempre desconta a sua raiva nas pessoas
 8 legal mais também um cara que sabe muitos planos de fuga, e que se preocupar muito com a sua filha, que ele envolveu no assalto

Visualizações 10
 Favoritos 1
 Comentários 0
 Listas de Leitura 1
 Palavras 1.777
 Categorias La Casa de Papel

Nonod08: História O Recomeço 2

Sinopse:Um ano após o assalto a Casa da Moeda da Espanha, contará sobre a atual vida de Sérgio Marquina (o Professor) e da Raquel Murillo, e o reencontro dos dois.

Visualizações 94
 Favoritos 3
 Comentários 0
 Listas de Leitura 0
 Palavras 2.870
 Categorias La Casa de Papel
 Personagens Raquel Murillo

1° capítulo – Após um ano : Raquel

Onde parecia ser só mais um dia normal e entediante sem cor tudo preto e branco onde não vejo mais motivo para viver sem metas e sem expectativas de mais nada minha vida perdeu o rumo já faz um ano quando perdi meu emprego que eu tanto amava, quando perdi o homem que eu amava o único que amei até hoje com tanta intensidade meu coração aperta só em lembrar dele, de seu jeito e suas manias parece que foi ontem que eu vi ele naquela lanchonete quando ele me emprestou o carregador de celular, sempre com mania de ajeitar seus óculos, seu jeito gentil e inteligente cada coisa nele me encantava cada vez mais, quando lembro de minha mãe meu coração aperta e meus olhos enchem de lágrimas em lembrar que já faz 5 meses que ela se partiu, mas prefiro acreditar que ela está ao meu lado a todo momento é uma maneira de não doer tanto. Começo a organizar meu quarto pois estava uma bagunça e estava na hora de dar uma geral, começo separando as roupas sujas, das limpas e guardo as limpas na minha cômoda que fica logo em frente da minha cama, abro a minha gaveta e as guardo, encima da cômoda encontro uma pequena caixa atrás dos meus perfumes lembro e a minha caixa de lembranças onde ficam algumas fotos e papeis que me lembram de algo que seja bom ou importante, então pego está caixa sento em minha cama , abro ela e logo vejo a foto da minha doce e pequena filha logo abro um sorriso e ao mesmo tempo meu coração aperta de saudades dela até hoje não sei como eu pude deixar que eu perdesse a guarda da minha pequena ela está na mão daquele monstro do pai dela nem gosto de lembrar do que ele fazia comigo mas sei que ele não vai fazer nada de mau contra a sua própria filha, logo me deparo com um cartão postal logo lembro que á um ano atrás Sérgio e ele falava que esse lugar era o lugar que ele queria viver até o resto de sua vida, mas nunca me falou o lugar exato, vejo que atrás do cartão tinha números logo liguei os pontos aqueles números não estavam ali por acaso, e eram coordenadas que dava em uma ilha Koh Samui a segunda maior ilha da Tailândia, ligando todos os pontos só podia ser para lá que o Professor foi embora, então decido me arriscar e ir tentar encontrar o meu verdadeiro amor, levanto e vou até a sala que fica próxima ao quarto vou direto pegar meu notebook e sento no sofá, começo a pesquisar passagens baratas para está ilha, procuro um hotel lá também finalmente encontro um hotel e uma

passagem que está dentro do meu orçamento, pretendo bancar a viagem com as minhas economias , agendo a viagem para a data mais próxima possível, consigo uma passagem para semana que vem tempo suficiente para organizar as coisas estou ansiosa ao mesmo tempo que estou feliz estou com medo de dar tudo errado.

CAPÍTULO 2 – FINALMENTE CHEGUEI: RAQUEL.

Após uma semana de muita ansiedade chega o grande dia, o dia da tão esperada viagem, acordo radiante faz meses que não me vejo assim , mau conseguir dormir as últimas duas noites de tão ansiosa que eu estou, fui direto para o banho cantarolando, tomo um banho bem rápido para não desperdiçar água e nem me atrasar, visto uma calça preta e uma blusa branca coloco meus saltos da "sorte" sempre uso em ocasiões especiais e acredito que eles me dão sorte pois sempre que uso eles tudo dá certo, tomo um café rápido enquanto isso o táxi já deve estar chegando então tenho que me apressar, termino de comer e escovo meus dentes, ouço uma buzina vou até a sala e vejo pela janela e sim, era o táxi minhas malas já estavam na sala abro a porta cumprimento o taxista ele muito simpático me ajuda com as malas, primeiramente vou passar na casa de uma grande amiga minha, pois é ela que vai olhar a casa e regar as plantas chegando na casa dela dou um abraço forte nela ela ainda acha uma loucura eu marca uma viagem do nada, mas é como eu disse não tenho nada a perder já estou desempregada e sem esperança na vida essa é uma maneira de tentar reencontrar o meu destino e o Professor, então dou as chaves de casa e me despeço, tenho que correr pois ainda vou passar na casa do meu ex-marido para poder ver a minha filha a casa dele é próxima cheguei em menos de 5 minutos , então desço do táxi, caminho até a porta e toco a campainha quem abre e a minha pequena meus olhos brilham e o dela também ela pula e me dá um abraço encho ela de beijos e falo:

- Quanto tempo né filha? eu já estava com saudades, desculpa por fazer quase um mês que não venho te visitar, mas não foi por falta de vontade, vim aqui para poder te ver e avisar que terei que fazer uma breve viagem.

Eu não pude visita-la pois seu pai não me deixava vê-la.

Então ela fala:

- Faz um tempinho mesmo mamãe, o papai me falou que você ia ter que viajar, então fiz este desenho para você se lembrar de mim durante a viagem.

Ela me entrega um lindo desenho, que estava eu e ela em um parque cheio de flores.

- Está lindo filha, sempre irei me lembrar de você a todo momento mas, a mamãe vai ter que ir agora.

Então dou um abraço bem forte nela e me despeço

Entro no táxi e vou a caminho do aeroporto enquanto isso eu ficava observando aquele desenho quão belo ele é, e o tempo passou tão rápido que logo cheguei ao aeroporto , o taxista muito cavaleiro desceu e abriu a porta para mim agradeço a gentileza e pago, ele me ajudou a retirar as malas do carro, na porta do aeroporto paro em frente dela respiro fundo e repenso mais uma vez se tenho certeza que quero fazer isso, e vejo que é uma das coisas que eu mais tenho certeza que quero fazer só em pensar que em algumas horas terei chance de chegar e poder encontrar Sérgio meu coração enche de alegria, mas eu tenho que pensar pelo lado ruim também e se eu não encontrar ele ? o que vou fazer? mas, vamos deixar essa hipótese para lá , e tudo vai dar certo, vou direto fazer o check-in, depois fui revistada pois é normal essa etapa eu passei sem nenhum problema, rapidamente eu e os outros passageiros entramos no avião , ao entrar sentei em um assento que ficava do lado da janela e próxima ao banheiro ninguém sentou ao meu lado foi bom por que eu pude deixar a minha bolsa e meus livros encima do assento, passei a maior parte do tempo lendo livros, a aeromoça passou distribuindo lanches pedi um simples croissant e uma garrafa de água, comi enquanto eu lia eu tinha que tomar cuidado para não sujar o livro, eu já estava exausta acabei cochilando, só acordei quando a aeromoça me acordou falando que já chegamos nem acreditei que o tempo tinha passado tão rápido

Saio do aeroporto admiro a vista da cidade, que bela cidade! me encanto com a visita, porém está muito quente só em ver o mar já quero me jogar dentro com roupa e tudo,

vou a procura de uma lanchonete pois necessito comer algo já estou morrendo de fome então encontro uma bem próxima, então entro e sento em um banco e olho ao redor me surpreendo ao ver Sérgio em um banco do outro lado, no mesmo momento que eu o vejo ele me ver seus olhos começaram a brilhar corro para dar um abraço nele, um abraço forte e demorado para compensar todo esse tempo sem nos vermos, então nos sentamos e começamos a conversar conto o que aconteceu no último ano em minha vida e ele me explica como conseguiu sair da Espanha sem ninguém suspeitar de nada eu estava segura que não tinha nenhum microfone ou algo do tipo escondido implantada no meu celular ou algo tipo pois troquei de celular e conheço esse tipo de objetos percebi que ele se sentiu seguro ao falar comigo sobre isso, ele sentiu confiança em mim pois ele falou como saiu e isso poderia incriminar ele , então terminamos de comer, ele me convida para dormir em sua casa já que houve imprevistos no hotel que ia ficar e eu não tinha onde ficar por essa noite então aceito o convite, sua casa era próxima da lanchonete, uma casa muito discreta porém enorme por dentro cheio de detalhes clássicos logo quando eu entro me deparo com um senhor alto, com olhos azuis turquesa com um olhar sério Sérgio me apresentou a ele seu nome é Santiago Marquina seu pai nos cumprimentamos, e Sérgio me levou a um quarto onde eu iria ficar, tomo um banho e vou descansar.

Mais tarde no mesmo dia o Sérgio recebe uma visita inesperada de uma jovem moça de cabelos loiros e olhos claros, um olhar misterioso cujo o nome é Clara que aparentemente tem uns trinta e poucos anos e um rapaz que acompanhava ela, estatura alta, cabelos escuros e olhos azuis chamado Marco devia ter a mesma idade dela.

Capítulo 3 - Quem são eles?

Após Clara e Marco se apresentarem, Clara pede ao professor para poderem conversar em particular e fala que conhece o professor e sua família melhor do que ele pensa, o Professor fica curioso e deixa-os entrar e vão até o escritório para poderem conversar melhor a sós, Marco acompanha ela, os dois não se desgrudam em nenhum momento, chegam ao escritório um lugar com decoração clássica como o resto da casa então os três se acomodam em um sofá. Logo vem a governanta uma senhora idosa já com linhas de expressão por causa da idade, com olhos claros e cabelos grisalhos mulher de poucas palavras porém muito observadora cujo o nome é Donatella e conhece a família de Sérgio a bastante tempo, veio trazer xícaras de café, ao ver Clara pela expressão facial percebesse a surpresa como se já conhecesse ela de algum lugar, ela deixa as xícaras sem dizer nenhuma palavra e sai imediatamente do escritório.

Então Clara começa a se explicar com poucas palavras porém chocantes.

- Sou sua meia-irmã filha do nosso pai e minha mãe acabou falecendo quando eu tinha apenas um ano. E fui deixada no orfanato pela a minha avó quando eu tinha um pouco mais de ano.

Professor surpreso com o que ela falou, diz:

- Não é possível, você só pode estar brincando comigo.

-Estou te falando a pura verdade

- Então prove!

- Eu trouxe o antigo diário da minha mãe que contém fotos e a minha história completa.

Clara entrega um livro empoeirado porém conservado e entrega a ele, rapidamente o Professor lê e lá confirmava a história que Clara havia contado e contendo fotos de seu pai e sua mãe antes dela morrer, Professor surpreso decide chamar seu pai para confirmar a história. Santiago chega rapidamente ao escritório, Clara se apresenta e fala que é sua filha e entrega o diário de sua falecida mãe, Santiago ao ouvir aquelas palavras e ver o diário ele não tinha mais dúvidas que o que ela falou era verdade sua expressão muda e desce uma lágrima e corre para dar um abraço e fala:

-Minha filha, quanto tempo você não tem ideia de como senti sua falta.

- Se o senhor sentiu minha falta porque deixou que a minha avó me deixa no orfanato? por que nunca me procurou?

- Desculpe por ter ficado todo esse tempo longe de você, eu nunca quis que você fosse pro orfanato, um dia quando fui trabalhar deixei você com a sua avó e ela nunca aprovou meu relacionamento com a sua mãe e sempre havia conflitos entre eu e ela porque eu tentava proteger você e a sua mãe contra ela e ela também nunca aprovou o seu nascimento e falava que era melhor sua mãe ter abortado mas, sua mãe se recusou a fazer isso, na época estávamos vivendo uma situação financeira complicada, um pouco antes de eu ir trabalhar havíamos brigado porque ela falava que a morte da sua mãe era sua culpa pois ela morreu com doença no útero mas você não teve culpa de nada, enquanto fui trabalhar ela te levou pro orfanato quando cheguei fiquei arrasado e muito bravo nunca perdoei ela pelo o que ela fez, procurei em você em todos os orfanatos, mas nunca te encontrei.

Clara emocionada e chorando fala:

- O importante que estamos aqui agora juntos, mas um dos motivos de estar aqui é que finalmente te encontrei e eu e o meu amigo não tem onde ficar não temos onde ficar, será que podemos ficar aqui pelo menos por essa noite?

-Pode sim, irei pedir para preparar um quarto para cada um.

Nonod09: La casa de Papel

Sinopse:Outro assalto? dessa vez na casa da moeda da França em paris dessa vez 7 assaltantes o quê vai acontecer

Visualizações 104

Favoritos 4

Comentários 6

Listas de Leitura 2

Palavras 1.222

Categorias La Casa de Papel

Tags Drama

Capitulo 1: Planos

O Professor um amigo meu que comandou um assalto na casa da moeda da Espanha havia nos chamado para ir em uma casa que ele havia alugado e disse que iria ser uma coisa muito importante sabe fiquei muito na duvida do que o professor estava planejando; mas mesmo assim fui la depois de 13 horas de viagem chegamos em Paris , quando entramos naquela casa pequena um pouco empoeirada eu e o Rio nos demos de cara com a Nairóbi, o Denver, o Professor e mais 3 pessoas e ali já imaginei que iriamos fazer outro assalto; o professor começou a nos apresentar os novos assaltantes Santiago: um homem forte e alto que praticava diversos esportes e também era atleta tinha 29 anos. Zagrebe um cara sério que também era forte e estava na casa dos 50 anos sua profissão era policial mas iria nos ajudar no crime e a atrasar a policia. Sofia uma moça de 25 anos bem arrumada,não trabalhava fora e fazia apenas os serviços básicos de toda mulher de casa; bom vamos para a parte que interessa Sabe pessoal estava pensando por que não planejamos outro assalto dessa na casa da Moeda De Paris na França já Faz 3 anos que não fizemos um grande assalto, nosso dinheiro já esta acabando, podemos usar estratégias que usamos na Casa da moeda da Espanha para realizarmos esse assalto, dessa vez iremos usar roupas brancas e mascaras de hackers para nos disfarçarmos , eu e Santiago iremos Ficar nessa casa que fica 1 quarteirão a casa da moeda , para nos comunicarmos Vocês iram usar este Telefone; liguem para o numero : +33 3147-6409.que é o numero de telefone que eu irei usar.

Logo após quando entrarem Matem Todos os policiais presentes na casa utilizando Granadas, Bombas de Fumaça, Usem coletes a prova de balas para se protegerem também, Enfim usem e tudo o que poder...

-Mas Professor não acha melhor não matarmos ninguém como fizemos no assalto na Espanha?

-NÃO dessa vez irei deixar que vocês matem os policiais caso não matarem eles vocês serão mortos, sabem que tem muitos policiais por isso decidi tomar essa decisão, caso contrario não falaria para vocês fazerem isso.

Não tirem as macaras antes de destruir as câmeras e matar todos os policiais ou serão identificados; logo após terem eliminado todos os policiais Fechem todas as portas e entradas, Prendam os Reféns e peguem todos os Aparelhos de comunicação, e todas as coisas que tiverem os reféns também usaram roupas iguais a nossa para caso a policia invadir não vão poder atirar ; nosso foco maior será atrasar a policia para ganharmos tempo e fabricarmos mais e mais dinheiro a policia também tentara fazer nós desistir mas caso desistirem ficarão o resto de sua vida trancados por barras de ferro, Zagrebe ira ficar como um policial disfarçado que também ira participar do crime que também ira nos ajudar a atrasar a policia e assim nós iremos realizar o assalto .

Capitulo 2 O começo de tudo

-Vamos pessoal todos levantando quero quê você vem aqui

-Eu?

-Sim, Você mesmo Anda logo parece mais uma tartaruga; esta vendo esse papel? nós iremos abrir a porta principal dessa casa da moeda e você ira ler na frente de todo mundo certo; sem nenhuma graça.

-Vamos la Denver pode abrir a porta

-Oi eu sou uma Refém e vir dar um comunicado em nome dos assaltantes caso tentem invadir esse Banco a vida de todos os Reféns estarão em risco nós estamos todos com a mesma roupa; Por favor não invadam.

-Logo mais eu e todos os assaltantes entramos para o Banco central e fechamos a porta.

-E ali o tempo estava passando e cada 20 segundos rendia 300 dólares, Logo após colocamos os Reféns do 2º Turno para imprimir o dinheiro não podiamos parar quanto mais tempo mais dinheiro.

Todo dinheiro que era impresso era colocado em bolsas e logo após no cofre no Cofre quando fossemos fugir, O dinheiro que imprimindo só iriamos passar o dinheiro para o professor através do túnel.

Quando tudo ficou calmo nós bebemos um vinho cantamos varias musicas também demos uma descansada e cada vez mais e mais dinheiro para nós, nunca fiz uma coisa tão emocionante quanto esse segundo assalto, só ficava imaginando eu e o Rio em outra casa de praia só olhando aquele sol e bilhões de dólares na nossa conta .

-Ei Tóquio, Tóquio o quê você ira fazer com todo o dinheiro que iremos levar?

-acho quê não iria ter coisa melhor

-Tóquio?

-ah Desculpe! o quê?

-Eu perguntei o quê você ira fazer com todo o dinheiro que iremos levar?

-Acho que irei comprar uma casa na frente da praia pra ficar o dia inteiro olhando para o sol batendo na água.

Logo após fomos dormir e Helsinque o Denver e o Rio ficaram vigiando a Casa da moeda toda a noite e assim foi o 1º dia.

-Ei Tóquio vamos logo corre eles estão atras de nós

-estou correndo o máximo que posso

-mais rápido mais rápido eles vão nos pe.....

-Rio Toma um tiro na cabeça e Tóquio vai tentar ajuda-lo mas a policia pega e venda a Tóquio.

-Tóquio levanta da cama com um susto muito grande e ali percebe que estava tendo apenas um pesadelo.

Nonod10: Maldito Diário.

Sinopse: Anos atrás, o maior assaltante da história da Espanha era só um garoto doente, saiba sua história e suas motivações.

Visualizações 73
 Favoritos 7
 Comentários 12
 Listas de Leitura 2
 Palavras 1.914
 Categorias La Casa de Papel
 Tags Professor

Capítulo 1 - Querido diário.

Isso é novo...uma garota ao lado do meu quarto tem um desse, ela que me deu essa ideia disse que é confortante, eu acho uma palhaçada mas né..então desculpa se quando eu morrer isso não virar uma obra valiosa de milhões pela escrita rudimentar... como isso começa ?

Olá, sou Sérgio, meu sobrenome é horrível então se contete com o primeiro tenho doze anos e sou magrela e com uma doença que está me matando aos poucos, sem pena.. vou morrer e se contete com isso também, e é muito estranho sentir pena de quem não conhece, se estiver lendo isso me trate como um sociopata maluco que tem desejo suicidas, ai não vão chorar e manchar esse livro com suas insignificantes lágrimas... desculpa se fui grosso é minha obra de arte esse diário, alías nem falei que isso é um diário... diário é uma escrita muito fraca, vou chamar isso de livro! Mas livro tem escrita mais avançada...vamos chamar então de Liário uma mistura, nome horrível, mas é o que tem para hoje, não gostou? Para de ler, brincadeira, fica vocês são minha diversão.. vou assistir vocês chorando no céu ou no inferno, não sei pra onde vou a vida inteira nesse lugar, não fiz coisas o suficiente para ir para alguns dos dois, será que existe um meio termo? Espero que sim, não tenho amigos meu pai é pouco presente só fica escrevendo em seu caderno, perguntando só coisa tipo você está bem é deplorável... um dia enquanto ele foi ao banheiro levantei e peguei aquele caderno hávia algo como um cada da moeda, assalto e outras palavras como polícias ou dinheiro, não entendi nada.

Voltando tem a Penny ela é uma garotinha ao lado do meu quarto, quando pode vem me visitar com um sorriso estampado que chega a cegar.. ela é gentil mas eu a trato com grosseria, é meu jeito.

Tem o Andrés, meu irmão se não fosse ele já teria tirado minha vida a muito tempo ele me estimula a lutar por.... droga está caindo água de meus olhos a nossa relação era para ser profissional, droga! Olha o que vocês fizeram, agora tenho que me convencer que sou um fardo novamente obrigado seu diário idiota, quer saber isso foi um erro.

Capítulo 2 – Desculpas.

É... desculpa se fui grosso página passada, nossa relação foi além, espero que não aconteça novamente, e eu decidir continuar a minha deprimente história aqui... alías Andrés só fica com a Penny, mal me visita, acho que os dois estão apaixonados, não estou com ciúmes ou algo assim, só que eu deveria ser a preferência, sou mais doente que ela.

Continuando minha semana foi tediosa, como todas outras só não quando Andrés se vestiu de palhaço no meu aniversário de dez ano, foi hilário. Meu pai brigou com a enfermeira por ter pego seu caderno, estava furioso, parece que tem ouro naquelas página, depois veio me pedir desculpas, falando sério não ligo, depois se virou ao diário e perguntou o que seria, falei que era a obra de milhões de reais, e raramente ele riu, fiquei surpreso, mas é engraçado, no máximo, quando eu morrer isso vai parar na mão de uma enfermeira sem graça com uma vida infeliz, e que vai jogar no lixo após acabar de ler, se estiver certo não faça isso por favor, me mande para um nobre escritor para ele escrever sobre mim e no

titulo colocar “ Vidas deprimida de um garoto doente” vou ser falado como depressivo, mas por favor faça isso por mim, se não fizer e me mandar pro lixo, vou estar lhe observando no “meio termo” que escrevi pagina passada e vou te assombrar cuidado.

A Semana continua com eu vomitando sangue e meu pai dizendo “ calma, vai passar “ seriamente acho que ele sabe que vou morrer e só ainda está aqui por pura obrigação ou até está escrevendo sobre mim naquele caderno, deve me retratar como um garoto divertido sonhador e como a doença me definhou.

Você deve estar se perguntando, como me sinto com tudo isso, resposta só no final, não pule só pra pegar a resposta, estarei de olho, sobre vomitar sangue ter a sensação de meus órgãos evaporar de pouco e pouco, são 10 anos já me acostumei com tudo, chega de falar sobre isso, vamos falar sobre Violet ela é A nova enfermeira que cuida de mim e de Penny, já estava na na hora a senhorita Gabash era gorducha e arrogante se estiver lendo isso me desculpa, é verdade. Continuando Violet é o oposto da Gabash ,ela é nova simpática e divertida Penny amou ela, eu acho as vezes irritante, mas é suportável. Meu pai viajou então ela fica praticamente vinte quatro horas conosco, com conosco e eu e Penny que estávamos no mesmo quarto pra ela conseguir observar ao mesmo tempo, por pouco ela não pega esse diário enquanto estava dormindo, e ela não é a primeira Penny e Andrés estão curiosos com esse meu hobbie novo..

Dois dias se passaram e meu quarto encheu de policiais, acredito?! Violet não trabalhava aqui ela invadiu o hospital pra cuidar da gente, meu pai e o de Penny estão furiosos com a segurança do hospital, pelo o que entendemos ela prendeu a Gabash em um armário e desligou a câmeras da sala.

Ela me é familiar, por que será que ela entrou em um hospital pra cuidar de mim ?

Capítulo 3 – Histórias

Dia 16.

Querido Diário, eu ainda não me acostumei com isso, é tão clichê... Então leitor estou agora em todo início da página datas, dei uma olhada no diário da Penny e parece que é uma regra ter datas, achou uma besteira, mas quem sou eu para ditar como deve funcionar, não vou arrancar as páginas para introduzir um número, vai perde a essência.. veja essas datas como uma evolução o que acha ?

Dia 18

Olá, desculpa pelo sumiço, a boba da Gabash levou meu diário sem querer junto com minha bandeja de almoço, diz ela que não leu, não acredito naqueles olhos profundos e pavorosos, sim os ultimo acontecimentos com a Violet mexeu com ela, diminuiu a carga horária, está cautelosa e até gentil, por parte isso foi bom. EU ainda desconfio de toda essa situação e não paro de pensar que eu já tinha a visto.

Dia 19.

Estou curtindo as datas da para vocês leitores terem uma ideia do cronograma de meus pensamentos, não deviria contar o que vou contar agora mas é necessário para entender tudo. EU meio que piorei, doença não regride, para para para para, sem pena lembram do maluco que devem achar que eu sou. Continuando o médico está muito preocupado e quer tentar realizar uma cirurgia para a regressão, e meu pai mal deu atenção , está furioso com a segurança pela Violet e nosso “sequestro” ela só se virou ao doutor e falou “ Sim, faça o que achar melhor “ e saiu. Andrés só me visito somente uma vez essa semana e ficou por trinta minutos e foi embora encerrando com a frase “ Tenho assuntos para resolver “ Dia 20, 21, 22.

A semana continua com visitas de Penny, ela fica falando que está ótimo, acho que ela está mentindo, eu não sou o mestre do diário mas creio que isso que escrevo é uma obra, você enfermeira, que deve está lendo isso aqui ou você, como outros milhões de leitores, acredito mais na primeira opção, deve está se perguntando, por que no titulo dessa página escrevi histórias, porque em uma visita de Penny ela me deu ideia de contar uns passeios que fui, você que achava que minha vida era sem graça melancólica, saiba que você está certa mais alguns momentos agencias de passeios levam alguns doentes para uma “ultima viagem” não é assim que eles falam, mas sei que é isso o verdadeiro

significado, sei que esperam que vamos morrer um mês após a viagem, elas ocorrem a cada dois anos, eu já fui em quatro, em toda vez a Meyhi, uma japonesa que creio ser a idealizadora olha pra mim com uma cara de supressa, e o que ela quer dizer com essa expressão “ esse moleque ainda tá vivo”.

Continuando, o primeiro passeio tinha quatro anos, era uma criança feliz, era, lembro de Meyhi adentrando meu quarto, e me chamando para um show, fomos levados para o auditório do hospital, sentei ao lado de uma garotinha morena de olhos escuros que sempre dava a impressão que ia chorar, segurava um urso roxo em seus braços, ela morreu uma semana depois, Meyhi é a monótona japonesa, cabelos escuros e curtos, um sorriso que vai de lado a lado de sua face, e rufas coloridas, lembro dela falando da importância dos passeios e da sua influência no cotidiano, aquele clichê que conhecemos, ai ela nos avisou que 1 mês após aquela apresentação iríamos para o Parque Guell, naquela época aquele passeio era o sonho de qualquer criança, era a Disney da América, todos as crianças não paravam de falar isso nos encontro que tínhamos toda quinta para conversar sobre diversas coisas, desenhos, quadrinhos, comidas e curiosidades eu particularmente não gostava de me abrir daquela maneira, o mês que se seguia para o aguardado passeio foi passando lentamente, só para aumentar a vontade... após 29 dias exatamente da palestra acordei as cinco horas da manhã empolgadíssimo, me arrumei naquela época tinha aquela disposição, hoje em dia...a enfermeira passou as sete horas me chamando, peguei a lancheira do super homem que contia dois lanches e uma macã me despedi de Andrès, que morria de ciúmes e de meu Pai, corri ao salão onde se encontrava a maioria das crianças pulando de felicidade e Meyhi distribuindo fitas e recebendo autorizações, depois realizamos uma fila indiana e partimos para o ônibus onde foi realizando uma viagem de três horas, onde paramos duas vezes para comer alguma coisa e ir ao banheiro, dormi o resto do tempo lembro de acordar com uma garota sendo socorrida por ter uma crise de asma e retornei a dormir. Quando cheguei ao parque foi uma maravilha, eu cheguei a chorar, como a maioria das crianças eu não estava acreditando, e foi um dos melhores dias da minha vida, o parque era tudo mesmo que eu ouvia, fantástico a arquitetura era futurista, tinha um campo enorme que futuramente iria ocorrer um piquenique, como era uma crianças sem muitas amizades eu simplesmente ia sozinho a maioria das atrações que incluía maquetes gigantes de pontos turísticos mundiais como a Torre Eiffel ou as pirâmides, vários parquinhos e campos abertos enormes, o passeio em si durou das onze da manhã até as sete da noite, retornamos ao ônibus completamente cansado, destruídos ao sentar no banco do transporte a maioria capotou inclusive eu, mas todos acordamos quando se ouvia um estrondo alto... o ônibus tinha batido em outro carro que parou no meio da estrada, as crianças todas começaram a se separar e Meyhi as acalmando dizendo a clássica frase tudo vai ficar bem, resumindo o motorista e o cara do carro que bateu começaram a discutir, trocaram uns socos, e depois retornamos para a coisa fingindo que nada aconteceu, então esses foi um dos meus passeios espero que você enfermeira ou você um de um milhão de leitores tenha gostado da historia tenho mais três, mas estou com sono, é melhor deixar para o próximo capítulo, até.

Nonod13: Una vida de mentiras

Sinopse:

Córpurus.

- 08415

Acesso permitido.

Visualizações 124

Favoritos 2

Comentários 9

Listas de Leitura 1

Palavras 1.745

Categorias La Casa de Papel

Personagens Arturo Román, Berlim, Denver, Helsinque, Mercedes, Mônica Gaztambide, Moscou, Nairobi, Oslo, Pablo, Professor, Raquel Murillo, Rio, Tókyo

Cap 1- A corpurus

Berlim passou sua vida inteira em institutos medicinais por conta de sua doença degenerativa. Miopatia de Hellmer. Com problemas na infância, Berlim possui um passado conturbador. Psicoses, crises, surtos violentos, medicamentos pesados faziam de sua vida uma rotina viciosa.

Após ser levado para um instituto famoso de sua Cidade, Berlim espera ser curado, porém, acontecimentos mudarão seu destino para sempre.

- Hannah!

Hannah ouviu seu marido gritar do corredor após ter escutado um barulho de algo que parecia ser dois corpos caindo.

-Hannah pegue o remédio de Berlim!

Hannah ouviu novamente, logo abrindo as portas do armário da cozinha, ela nunca estava preparada para aquele tipo de situação. Percorreu as mãos pelas prateleiras esbarrando em várias coisas, as deixando cair sobre a pia e causar barulhos altos. Hannah alcançou a caixa de remédios quase escorregando por estar na ponta dos pés, ao pegá-la, Hannah procurou fervorosamente os remédios de seu filho, agarrou-agarrou-lhes com as duas mãos e logo correu para onde o barulho de gritos ecoavam pela casa.

- Por favor! Me deixem ir..eu não aguento mais!

Berlim implorava enquanto se debatia nos braços do pai, esse que o segurava de modo que imobilizasse seus membros.

- Berlim não diga isso! Hannah segure os pés dele!

Matias, seu pai, disse com dificuldade enquanto apertava os braços e pernas do filho adotado. Berlim era pesado e não ajudava em se manter quieto.

Hannah tratou de ajudar o marido, agarrando as pernas de Berlim com toda a força existente em seu corpo delicado e de curvas leves. Ela não era muito forte.

Berlim sentia suas veias dilatarem-se com a força emanada de seu corpo, lutando para se soltar. Ele tentou, tentou muito, porém não conseguiu se soltar antes de apagar completamente com o medicamento sendo injetado diretamente na veia mais verde do seu braço.

Seu pai honrava seus estudos, afinal.

>>Flashback off<<

O peso de seus pulmões era forte, ele tinha necessidade de respirar melhor. Ao abrir seus olhos e respirar de forma ofegante, suas pupilas diminuíram ao entrarem em contato com a luz forte emanada do centro do teto, presumiu-se ser uma lâmpada. Essa que piscava de vez em quando.

O professor sabia exatamente o que estava fazendo quando passou metade de sua vida estudando a cabeça de Berlim e de todos os outros. Ele sabia de tudo.

Com uma mentalidade acima da média, o Professor imaginou e estudou cada canto daquele lugar, era diretor de uma instituição para doentes.

A Córpus.

Uma clínica especializada em estudo do cérebro humano e suas caracterizações. Mas era bem longe disso, e era notável assim que se entrasse ali.

O professor era completamente insano, ele fazia pesquisas extremas com o cérebro, torturando seus pacientes ao máximo, os exigindo ótimos resultados para seu experimento.

Berlim sabia disso e era deportado como um caso raro pois sofria de uma doença degenerativa.

Miopatia de Hellmer.

Doença que atacava diretamente seu cérebro, fazendo com que ele funcionasse de maneira falha, parcial ou integral, e em casos mais raros atacando também a personalidade

do portador, resultando assim em uma doença degenerativa que avança gradativamente, dando ao paciente com sorte mais ou menos 25 meses de vida.

Berlim era assim, sempre o caso mais raro e com isso sofreu por boa parte de sua vida, e dessa vez não seria diferente nas mãos do tão misterioso Professor.

O sistema da Córpus era extremamente sigiloso, regrado e violento, porém, organizado. Todos os integrantes possuíam números de série e uniformes vermelhos. Suas digitais eram cadastradas e fichadas os fadando eternamente no sistema. A Córpus possuía três andares.

A enfermaria e laboratório para pesquisas.

Os dormitórios.

O refeitório.

Berlim acharia tudo aquilo um saco.

As pessoas dali não se divertiam?

Após acordar, Berlin se via ali, batucando os dedos pelas correntes que estavam presas a si, observando minuciosamente cada movimento possível a olho nú.

Seus dedos foram registrados em uma espécie de máquina desconhecida por ele antes de receber seu número de série.

08415

Ele sentiu duas mãos agarrarem-lhe os braços conduzindo-o para a entrada liberada da Córpus; escutou o tilintar das válvulas se encaixando ao ter suas trancas abertas, observando a grande porta de metal se abrir e deixar aparente um refeitório movimentado.

Berlim foi levado para um dos laboratórios, afim de ser examinado antes de ir para seu quarto. Mas o mesmo viu uma ótima oportunidade quando sentiu um dos braços vacilarem sobre suas correntes, ele rapidamente passou uma das correntes pelo pescoço do guarda despercebido e a apertou ali antes de levantar seu joelho e golpeá-lo.

Berlim lutava para sobreviver e aprendeu aquilo da pior forma, ele odiava se lembrar disso.

Antes de conseguir apagar o segundo guarda, Berlin sentiu um arder em seu braço e quando desviou seu olhar para a região viu uma seringa perfurando sua pele antes de tudo apagar.

Cap 2- Curioso

>> 22 anos mais tarde <<

"Eu sei, mas se ele continuar desse jeito, vai entrar em parafuso!"

Berlim ouviu pela sala do laboratório, franzindo sua testa ao estranhar a conversa.

"Ele não vai entrar em parafuso! Só pressiona essa merda!"

Berlim continuou ouvindo e levantou em um pulo de sua cadeira, aproximando -se da parede, para ouvir melhor.

Do outro lado da sala Tóquio e Nairobi estavam enfaixando o ombro de Rio enquanto o mesmo murmurava palavras expressando sua dor.

Berlim esperou mais dois minutos após as vozes cessarem, deduzindo que haviam ido embora. Ele logo se viu sozinho novamente e decidiu voltar para sua cadeira depois de ver Denver trazer seus retardantes para sua doença degenerativa.

"Se sente melhor 08415?"

Denver disse enquanto passava o elástico no braço de Berlin, limpando a região com álcool e auxílio de um algodão...logo se virando para a bandeja dos medicamentos e escolhendo um dos milhares de frascos de medicamentos.

"Eu ao menos sei seu nome, por que daria uma informação sobre mim?"

Disse com o desdém de sempre.

"Você tem outra opção? Estou tentando fazer dessa consulta o mais amigável possível"

Denver ressaltou.

"Posso fazer do jeito que eu realmente gosto

O mesmo sorriu de modo sádico se virando com uma tesoura de lâminas compridas e afiadas para Berlin.

"Devo lembrar que também estou sendo obrigado a ficar aqui?"

Denver riu da cara de seu paciente, logo batendo um de seus dedos sobre a seringa, essa que já continha um de seus medicamentos diários.

"Você é estranho cara, mas eu te vejo nos dormitórios todos os dias, por que se comporta como se gostasse daqui também? Isso não faz sentido, não tem vontade de fugir daqui e ser um Doutor reconhecido ou sei lá, um produtor de drogas em um laboratório qualquer?"

Berlim falou tudo isso, grunhindo baixo em seguida ao sentir o arder da agulha penetrando sua epiderme.

Denver nada disse, não poderia de qualquer jeito...afinal foi enganado como a maioria das pessoas que estavam ali com o intuito de se curarem.

"Cala a porra da boca Rio! Não vê que estamos tentando caralho? Eu deveria ter deixado você agonizar até a morte seu filho da puta!"

Nairobi disse enquanto enquanto ajeitava Rio na cadeira de rodas com a ajuda de Tóquio.

"Levanta essa perna!"

Berlim saiu da sala sendo empurrado por Denver, estranhou ao ver duas garotas levando um cara em uma cadeira igual a sua, reparou o modo exagerado em que as duas tentavam esconder o rosto e os nomes dos jalecos brancos que utilizavam.

Berlim não era burro, sabia exatamente que elas não eram doutoras, até porque vivia em laboratórios e conhecia todos os especialistas em cuidados com o corpo humano, se é que aquilo era possível. Aquelas duas com certeza estavam escondendo alguma coisa e ele descobriria.

Passou ao lado delas, encarando uma que tinha os cabelos curtos de forma intrigante, escutando os rangidos das rodinhas contra o chão liso da ala hospitalar da Córpus.

"Parece que você é bastante observador 08415"

Denver disse enquanto empurrava a cadeira de rodas de seu paciente, causando rangidos medonhos contra o piso extremamente limpo da Córpus.

Cap 3- Denver é um chato

Era como estar gritando, as vezes me acho a última pessoa da terra.

Sei que isso pode parecer bobagem, pois é impossível todos estarem mortos. Posso afirmar que não sou o último ser humano vivo, já que Denver me segue para todos os lados possíveis desse inferno/minha cura. Era como estar com os dinossauros de novo.

Esse pensamento é o mesmo de quando acordamos no meio da noite e reparamos que dali em diante só temos mais três horas de sono. Você só consegue pensar em algo como : "Deus, estou tão ferrado!".

Minha psicóloga era a única que entendia meus pensamentos bizarros, afinal, eu era um estranho dentro de minha própria cabeça.

Honestamente, nunca soube quem bancou meus tratamentos, mas com certeza o queria dar um belo chute no meio das pernas. Por que caralhos, eu estava preso em minha própria mente por causa deste maldito infeliz para o resto de minha vida!

Me sinto apavorado as vezes, confesso que preciso escutar o vinil que Denver me deu para o auxílio das sessões terapêuticas e respirar fundo 5 vezes, mas não adiantava, logo o mundo se tornava uma tragédia, aos meus olhos, é claro.

"Está tudo bem Berlim, você está seguro".

Meu nome é Berlim e eu não estou seguro.

- **Berlim?**

A secretaria favorita do vice diretor Arturo interrompe meus pensamentos chamando por meu nome. Essa era a única coisa que tinha dos meus pais, meu nome.

- **Você está sendo chamado para a sala de experimentos, Denver te aguarda.**

Certo, Denver me aguardava. Por mais que não parecesse, eu gostava de o provocar. Era legal ter um amigo de vez em quando.

Ser chamado para a sala de Denver era rotina, ninguém mais se preocupava em

fazer burburinhos por conta disso. Sendo assim, não tinha mais meus 5 minutos de fama.

Andei pelos corredores escutando coisas que a secretária Mônica proferia, elas não me interessavam, de maneira alguma.

Todos os dias escutávamos que dois alunos haviam tentado fugir, mas isso não me trazia nada de diferente. Minha rotina era sempre a mesma. Sempre fui meio "foda-se" quanto a isso.

- 08415, nunca pensei que fosse te encontrar por motivo tão especial.

Revirei os olhos, o mesmo assunto de sempre.

"Meu cérebro teve uma melhora de novo?"

- Exato! isso não é ótimo?

"Mas que porra Denver".

Deixei um tapa em sua nuca, antes de pegar uma maçã sobre a mesa e me sentar desleixadamente sobre uma cadeira a sua frente.

- Isso é quebra de sigilo 08415! sugiro que me respeite...mas afinal..dessa vez mandei Mônica te chamar por um motivo realmente especial.

Nonod15: O Grande Plano

Sinopse: Depois de participarem do maior roubo da história, os assaltantes pegaram o dinheiro que conseguiram e cada um tomou um rumo diferente em sua vida.

A inspetora Murillo não se conformou com a fuga dos assaltantes e desde o final do assalto ela vem tentando encontrar pistas que a levem aos assaltantes, e mesmo ainda amando muito o professor ela não vai deixar que seus sentimentos a controlem e vai tentar encontrar todos eles.

Visualizações 123

Favoritos 5

Comentários 8

Listas de Leitura 1

Palavras 2.007

Categorias La Casa de Papel

Personagens Originais

Capítulo 1 – Decisão

Depois do final daquele grande assalto Raquel vem pensando muito no que aconteceu, começa a surgir muitas dúvidas em sua cabeça; será que foi certo o que eu fiz? Será que deveria ter deixado eles escaparem? Será que deveria ter ido com o Salva? Diversos sentimentos, questionamentos e a culpa toma conta dela. Ela fica confusa e totalmente desorientada.

A filha da Raquel vem observando, ela percebe que a mãe está diferente e decide falar com ela:

- Mamãe, o que está acontecendo? A senhora está bem?

- Como assim filha? Eu estou bem.

- Você está diferente mãe. A senhora está triste?

- Não filha, a mamãe está bem, só estou meio preocupada com alguns problemas que aconteceram, nada de mais. Vou ficar bem.

- Tem certeza?

- Claro que sim. Enfim... Como foi seu dia? O que fez na escola hoje?

Raquel mudou de assunto para disfarçar sua aflição mas, sua cabeça estava no assalto e ela estava bem angustiada.

Passam algumas semanas e Raquel vem ficando mais aflita, sua vontade era esquecer aquele assalto horrível e o Salva. Sua filha continua preocupada e vai falar com ela novamente:

- Mãe?

- Oi filha! Que cara é essa? Aconteceu alguma coisa?

- Mãe, a senhora lembra né, que eu te perguntei o que estava acontecendo com a senhora e porque você andava esquisita? Então... a senhora disse que não era nada e que estava bem mas, não me parece que era nada. A senhora continua estranha, não vai mais trabalhar, não sei nem pra ir jogar o lixo, só fica em casa com uma cara triste.

- Filha eu estou preocupada com algumas coisas, já disse. E eu gosto de ficar em casa, cansei daquele trabalho só isso.

- Mas mãe...

- Filha eu estou bem não precisa ficar preocupada. Não quero mais falar sobre isso! Agora vai brincar em quanto eu faço o almoço.

- Tá bom! Que pena que a senhora cansou do seu trabalho, eu gostava quando você ia trabalhar. Não é que eu não gosto de ter a senhora em casa comigo, eu amo mas, eu gostava do seu trabalho, achava bem legal e sentia bastante orgulho de quando você saia pra trabalhar.

Raquel ficou muito emocionada com o que sua filha disse e começa a pensar se valia a pena ficar tão triste por algo que passou e ela toma uma decisão.

- Chefe? Sou eu Raquel Murillo, eu só queria dizer que preciso falar com o senhor amanhã, pessoalmente. Quando receber essa mensagem me liga, por favor.

No dia seguinte, Raquel acorda bem e disposta e vai se encontrar com o diretor geral do corpo de polícia. Ela se desculpa por ter ficado ausente durante um tempo do trabalho, ela diz que estava passando por alguns problemas que estavam afetando seus sentimentos e pede para voltar:

- Eu peço que o senhor me deixe voltar ao trabalho. Prometo voltar com toda disposição e comprometimento.

Ela é aceita de volta no trabalho e já é impulsionada a investigar o paradeiro dos assaltantes; o que a abala.

- Gostaria de ficar de fora dessa investigação.

- Você não tem escolha Raquel, você é a melhor aqui e eu quero você nessa investigação.

Raquel percebe que se não aceitar viraria suspeita pois, todos sabem que ela ficou com o Professor. Ela lembra da filha, da sua equipe e resolve aceitar.

- Tudo bem! Não se preocupe eu vou me esforçar ao máximo.

Passa um ano depois daquele grande assalto e a investigação está um fracasso. Eles estavam quase desistidos até que Raquel vê uma reportagem falando do assalto e ela lembra que o Salva tinha dado a ela umas fotos de lugares que eles gostariam de ir juntos e ela vai procurar essas fotos na esperança de encontrar algo que a ajudasse na investigação. Ela fica desesperada para encontrar essas fotos e revira a casa toda. Depois disso ela abre o seu armário olha bem e não acha nada, quando ela vai fechar a porta ela vê uma caixinha que nem ela mesmo sabe porque está lá. Quando ela abre aquela caixinha ela vê um anel que o Salva tinha dado dizendo que independente do que acontecesse ele iria estar esperando por ela. Ela pega aquele anel e chora, passam milhares de coisas em sua cabeça, uma mistura de sentimentos, vontade de abraça-lo e sente uma tristeza grande pois, lembra do dia que descobriu que ele era o Professor e que estava mentindo pra ela.

Ela então se recompõe e vê também na caixinha as fotos que estava procurando, e observando aquelas fotos ela percebe que atrás de cada uma delas tem partes de um desenho e juntando todas formam um mapa indicando o lugar... Porto Princesa, a capital da província de Palawan; o lugar que ia com o Salva.

- Encontrei ele! Eu encontrei!

Capítulo 2 – O Reencontro

Finalmente chegamos em Palawan!

Logo depois achar o mapa Raquel vai atrás da sua equipe para comunica-los

- Pessoal, eu encontrei esses cartões com fotos de lugares que gostaria de visitar e atrás dessas fotos eu vi que tinham partes de um desenho e juntando formava um mapa que indica a cidade de Puerto Princesa, e eu tenho certeza que é lá que ele está.

- Como você sabe que ele está lá?

- Porque era o lugar que eu pretendia ir com ele quando a gente estava junto. Decidimos ir pra lá.

- E o como faremos para ir atrás dele?

- Eu acho que eu deveria ir com mais alguns policiais mas, sem que ele saiba que estamos lá para prende-lo.

- Como assim?

- Bom, nós precisamos conseguir informações do paradeiro dos demais assaltantes, então os policiais que vão comigo vão ter que ir disfarçados como se fossem turistas e vão fingir que não me conhecem e ficaram por perto caso coisa saia do meu controle, eu vou fingir que decidi ficar com ele, vou fingir que larguei tudo pra ficar do lado dele e quando estiver lá vou tentar fazer com que ele fale onde está os outros assaltantes. E só vamos prende-lo quando descobirmos o paradeiro dos demais.

- Beleza, achei bom.

- Todos estão de acordo com o plano?

- Sim!

- Bom, então agora temos que levá-lo ao diretor pra ver se ele aprova.

Raquel então vai falar com o diretor e explica todo o plano; o diretor aprova o plano, separa a equipe que irá com a Raquel e também a equipe que irá ficar para dar assistência aos demais.

- É preciso que nos mantenham por dentro de tudo, vai ter câmeras e escutas com os outros policiais e você vai ter que usar também para se comunicar mas, você terá que tomar todo cuidado do mundo para ele não perceber e isso acabe com o plano.

Depois de passarem quase duas semanas preparando tudo eles finalmente viajam, para dar início a sua missão.

Durante a viagem Raquel tenta disfarçar para que os outros policiais não percebam que ela não está bem; ela está com medo, medo de por tudo a perder pelo que ainda sente pelo Salva.

E finalmente eles aterrissam, e chegando lá repassam todo o plano para não correr o risco de sair nada errado, daí eles seguem atrás do Professor. Eles foram checar os hotéis mais próximos das praias para ver se ele tinha se hospedado em algum deles pois, Raquel sabia que visitar aquelas praias era o que ele tinha ido fazer em Palawan; lá há praias maravilhosas.

- Com licença senhora, somos do departamento de polícia da Espanha e precisamos saber se alguém com o nome de Sergio Maquina está hospedado aqui.

- Só um minuto... Sergio, Sergio... Sergio Maquina, se hospedou aqui já faz três semanas.

- Obrigado moça! muito obrigada!

O Professor já tinha se hospedado em vários hotéis em Palawan. A equipe de Raquel se hospedou no mesmo que ele para poder vigia-lo; logo depois saem a procura dele pela cidade. Eles se separam e checam praças, alguns restaurantes, lojas, quiosques e etc...

- Alguém tem algum sinal dele?

- Eu não tenho;

- Nem eu;

- E você Raquel?

- Também não tenho, vamos continuar procurando. Eu preciso de um carregador, meu celular está descarregando e vou precisar dele para me comunicar com vocês pois a escuta pode ser muito perigoso.

Raquel continuou procurando e então, com o celular descarregando, ela vê um quiosque e decide ir até lá e ver se achava um carregador. Quando ela se aproxima um pouco mais ela vê um homem de cabelos escuros, barba e óculos, usando um terno branco.

- É ele! É o Salva!

Raquel vai se comunicar com sua equipe pelo celular mas, ele descarrega. Enquanto isso Salva levanta e a vê e segue em sua direção.

- Moço, você por acaso tem um carregador de celular?
- Não moça, desculpa.
- Quer usar o meu?
- Salva!

Raquel respira fundo, o abraça e se sente mal pois, o ama muito e não queria ter que prende-lo. Eles então conversam e Raquel lembra que esqueceu de avisar a sua e equipe.

- Com licença Salva eu preciso ir ao banheiro.

Ela se tranca no banheiro e pega a escuta pois lá não teria perigo de ninguém desconfiar dela.

- Gente eu o encontrei, estamos num quiosque no fim da rua venham pra cá.

Raquel avisa sua equipe, sai do banheiro e vai até o Salva novamente; minutos mais tarde sua equipe chega, sentam em uma mesa distante e ficam observando de longe para que o Salva não desconfie.

O Salva é muito inteligente, planejou todo aquele assalto e foi o cérebro de toda operação porém, antes do assalto acabar Raquel os ajudou a escaparem, ele a ama ainda e pensa que ela foi atrás dele somente para eles poderem ficar juntos e realmente não passa pela cabeça dele o contrário.

Capítulo 3 – O Final do Plano

Raquel e sua equipe tem o Professor mas, e o outros? onde eles estão?

Raquel por muitas vezes tentou fazer com que o Salva desse alguma pista de onde os outros assaltantes estão, ela tentou de tudo, procurou pistas e não encontrou nada, então, ela decide perguntar logo para ele.

- Salva, e os outros?
- Outros? Que outros?
- Os outros que ajudaram você no assalto; você ainda fala com eles?

Quando Raquel pergunta isso fica muito na cara que ela quer saber onde os outros estão, mesmo ela não ainda tendo feito essa pergunta; o Salva é muito inteligente, ele se toca e percebe o verdadeiro motivo dela ter voltado. Mas, ele disfarça, finge nem fazer ideia.

- Falo sim, mas, o que tem eles?
- Como eles estão?
- Até onde eu sei, estão todos bem, cada um seguiu um caminho diferente.
- Você pretende visita-los?
- Sim, mas pra visitar todos vai ser difícil.
- E porque?
- Nossa que interrogatório!

- Desculpa, é que fiquei interessada, vocês passaram bastante tempo juntos e eu não tive oportunidade de conhece-los. Gostaria de saber mais sobre eles.

- Não precisa se desculpar, era brincadeira. Enfim... vai ser difícil eu ir visita-los porque eles estão muito longe e cada um está numa cidade diferente. Por exemplo, depois do assalto o Denver e a Mônica se mudaram para a Austrália, compraram uma bela de uma mansão, e decidiram se casar. Ela estava grávida e teve bebe não faz muito tempo. Denver é um pai babão e cuida dos dois com muito carinho. A Nairóbi quis compra um pequeno apartamento e usar o dinheiro para viajar o mundo. Ela tem um filho, você sabia?

- Não, nem fazia ideia, que legal!

- É uma história complicada, enfim... o Helsinque comprou uma ilha onde fez uma mansão e mora sozinho. Ele primeiro iria viajar com a Nairóbi mas, preferiu não ir; sabe-se lá o porque. E Tóquio e Rio estão em Nova York numa cobertura que compraram. É isso!

- Legal! gostaria de conhece-los.

Raquel pensa que já ganhou e que está na frente porém, ela pode ter estragado tudo.

Nonod16: Hermejus

Sinopse: Nairobi se vê fracassada diante do seu sonho de conquistar a guarda do seu filho, com sede de justiça convida o professor para a organização de um novo assalto.

Visualizações 101

Favoritos 6

Comentários 10

Listas de Leitura 1

Palavras 984

Categorias La Casa de Papel

Personagens Berlim, Denver, Helsinque, Nairobi, Personagens Originais, Professor, Rio, Tókyo

Tags La Casa De Papel

Capítulo 1- Promessa

Luz baixa, meu uísque favorito, pensamentos torturantes com uma música ambiente de fundo, o som dos grilos e o cheiro da noite em evidência.

Assim terminava os meus dias desde o maior assalto da história. Do qual saí milionária, entretanto sem realizar o meu maior sonho.

DIAS ANTES DO ASSALTO A CASA DA MOEDA ESPANHOLA:

Entro no quarto, me sento na cama, fecho os meus olhos e resgato lembranças suas. O seu sorriso largo, suas bochechas fofinhas que nem um pão fresquinho, da sua voz eufórica ao dizer que me ama.

Abro os olhos e sento-me frente ao espelho em lágrimas e faço uma promessa, não em tom de tristeza, de justiça.

>> Irei participar do maior assalto da história, com esse dinheiro vou te ter de volta em meus braços, meu filho!

Já deitada em minha cama sinto meu corpo consumido pelo álcool, os pensamentos vagos e distantes. Porém, paro para analisar a mim mesma desde o término do assalto.

Sempre fui muito risonha e extrovertida, entretanto isso veio mudando. Quando não temos motivo para sorrir, ou estamos tomados por tristeza e quando uma garrafa de bebida se torna sua melhor amiga, você muda, sua vida muda.

A solidão, de certa forma, me transformou.

Capítulo 2- Ceu e mar

O brilho do Sol reluzindo em meu rosto não só me acordou como deu bom dia para uma dor de cabeça infernal.

Levanto da cama e sigo minha rotina matinal, mas antes checo o horário, 8:30! Tomo um banho gelado para mandar a ressaca embora e o calor também já que na Tailândia ele não dá trégua, saio do chuveiro, me seco e visto um vestido longo vermelho queimado, me sinto viva e empoderada nele, coloco os meus brincos e sapatos antes de descer para o café tomo uma dose de vodka, o líquido desce queimando e me prepara para mais um dia.

Lorenzo já havia preparado a mesa, sentei-me e ele logo veio me servir. Lorenzo me conhece muito bem. Nesses anos ele aprendeu bastante desde que o trouxe da Espanha comigo, o admiro por se esforçar tanto.

Ele colocou sobre a mesa uma jarra de suco de laranja, juntamente com uma porção de churros, estava com saudade do típico café da manhã espanhol, comer pad thai todo dia logo cedo enjoa, aqui em Chon Buri o café da manhã é como um pequeno almoço. O chamei para sentar a mesa comigo, gosto da companhia dele.

>>Que dia lindo!

>>Com certeza, madame. Dormiu bem essa noite?

>>Acho que sim, em compensação acordei com alguém dançando dentro de minha cabeça.

O mar estava mais azul do que nos outros dias, o cheiro de maresia se instalou em mim desde que cheguei neste lugar, de longe era um dos lugares mais bonitos do mundo, minha mente traidora leva os pensamentos até você novamente. Penso em como minha vida faria sentido com você comigo, em como aquela casa seria preenchida de amor e não apenas de móveis classudos. Todos os dias penso na mesma coisa, para que tanto dinheiro se não te tenho. Entrei naquele plano para te-lo novamente, só me restou dinheiro e garrafas de bebidas importadas.

Voltando de uma corrida na praia ao entardecer, me permito sentar um pouco para descansar, a areia grossa e quente fez os meus pés repousarem após tirar os tênis. Aquele pôr-do-sol chamou a minha atenção, parecia que não havia separação entre o céu e o mar.

No jantar recebo uma ligação de um número diferente, atendo o telefone e uma voz familiar se pronuncia.

>> Boa noite Ágata, digo Liza. Liguei para saber se você irá vir para o jantar que eu e Raquel iremos dar.

>> Oi, pai... digo Sérgio, até hoje não entendo por que você não trocou de nome, sendo que todos nós trocamos. Mas então, vou sim! Só preciso ligar para o piloto e marcar o vôo.

>> Okay, você está bem?

>> Estou na medida do possível.

>> Tá bom, beijo.

Encerrei a ligação e continuei o meu jantar, que por sinal estava muito bom, Lorenzo é excelente no que faz.

Capítulo 3- Instinto paterno?

Observando o enorme aquário que eu ordenei para que colocassem assim que vim morar aqui na Tailândia. Acho que combina com o lugar e me lembra o meu pai, tinha um aquário bem pequeno na sala, sentávamos de frente para ele e ficávamos horas observando os peixes. Esse era um dos melhores momentos com o meu pai, por mais que não era um momento de falar, era um momento de sentir e refletir.

O que eu tinha, era em meu quarto na parede do lado em que eu deitava na cama, cobria a parede de fora a fora, a água era cristalina, os peixes coloridos me fizeram lembrar a Liza, na verdade a época em que ela era Nairóbi. Esse assalto nos deixou mais conectados, sempre tivemos algo diferente, porém não sabíamos o por que. No terceiro dia dentro da Casa da Moeda Espanhola descobri que ela era minha filha, assim que mencionou o nome de sua mãe tudo fez sentido. Não seria uma simples coincidência, a mesma cidade, bairro, nome, tudo. Uma gravidez inesperada, não fui um bom pai, passei a vida planejando esse assalto e me isolei do mundo.

Desde que viemos morar para cá e teve as tentativas fracassadas no resgate do seu filho, ela se tornou outra pessoa, mais reservada, não fala muito. Isso me deixa preocupado, ela está bem estranha.

Raquel volta de seu passeio diário pelo bairro em que morávamos, um lugar muito acolhedor e cheio de entretenimento. Ela estava tão bonita, com uma roupa leve, um vestido amarelo claro que ressaltava a sua pele bronzeada, cabelo preso em um coque desajeitado, sandália de dedos e um semblante feliz.

Entra no quarto e me conta como foi o passeio e diz que eu preciso sair de casa para contemplar o dia lindo que estava fazendo.

Ela sempre insiste na mesma coisa e eu nunca dou ouvido a ela, me perco em pensamentos dentro deste quarto.

Nonod17: Hacker

Sinopse: você conhece o passado de Aníbal, Rio da série 'La Casa De Papel', ou até mesmo sabe o porque dele ter escolhido uma cidade brasileira para representar seu nome?, se quiser descobrir essas e muito mais coisas sobre este personagem eu lhe convido a ler esta fanfiction (fanfic).

Visualizações 63
 Favoritos 6
 Comentários 8
 Listas de Leitura 1
 Palavras 1.471
 Categorias La Casa de Papel
 Personagens Rio

Capítulo 1 – O pequeno talentoso

Aparentemente ter uma inteligência acima da média pode ser bom, porém com as más inspirações isso pode se tornar uma bomba relógio, e quando a bomba explode não a ninguém que contem a destruição.

Aníbal sempre foi um jovem muito talentoso, porém muito ingênuo e influenciável:

-Ani iremos seguir o plano certo?

-sim, tudo como o planejado.

-É hoje que iremos mostrar quem manda nessa porra.

Aníbal e seu amigo Peter tinham um plano, eles iriam apagar todos os registros bancários de contas milionárias de criptomoedas, eles iriam falir milhares de pessoas.

-esta tudo certo?

-Sim Pete,

-Já instalamos o programa na central deles

-Sim, agora só falta ativarmos para eliminar o firewall, junto vamos tirar a merca dos drives de segurança.

- hahaha o sistema vai ficar vulnerável a qualquer ataque, não terá erro.

-não podemos esquecer de eliminar os arquivos de backup, senão eles vão botar a porra toda pra funcionar de novo.

Peter e Ani faziam os preparativos para a liberação do malware de corrupção, porém algo estava errado.

-Ani...droga....eu sou muito idiota

-Que merda você fez

-Eles descobriram a porra do programa, foi um descuido meu....

-Merda, temos que apagar os dados e os registros o mais rápido possível, faça a porra da análise de tempo até a exclusão do programa.

Peter começou a análise porém era muita pressão sobre a cabeça dele.

-Ani eu não devia ter começado isso.

-Foi ideia sua agora termine essa merda.

-Eu vou me entregar de uma vez.

-caralho, você não pode vacilar cadê o machão de antes porra!!

Peter rapidamente saiu correndo apartamento, Aníbal pensou em segui-lo, porém lembrou que teria que limpar todos os seus rastros.

Ani rapidamente tentou eliminar o malware do programa, tendo em mente que os programadores da empresa de criptomoedas pensariam que foi um descuido de algum funcionário a instalação do programa, porém já era tarde.

Um ato daqueles na Espanha é considerado web terrorismo, podendo chegar até em 30 anos de prisão, O país se preocupa muito com esse tipo de crime, então Ani sabia que a ação da policia seria rápida, então ele logo arrancou o HD de seu computador, vestiu

um moletom cinza e saiu para se livrar do HD, onde estava armazenado todas as provas de seu delito.

Enquanto Ani saía de seu apartamento escutou um barulho amedrontador, era a sirene de polícia, ele sabia que no caso de web terrorismo a polícia era implacável, então não houve reação, a única saída era se entregar, porém ele não iria se dar mal sozinho, sabia que Peter ainda não havia chegado na polícia para se entregar, então delataria seu amigo, para conseguir a amortização da pena.

Assim que os policiais chegaram em seu apartamento Ani simplesmente gritou

-Eu me rendo!!!!.... sem violência.

-iremos leva-lo pra delegacia central, lá o delegado Hawk decide o que vai fazer com você.

E lá estava Ani, em frente o delegado.

-Aníbal Cortes, 15 anos, sem nenhum delito em sua ficha, o que levou você a cometer esse, tão simples, mas muito impactante.

-Eu queria impressionar uma menina da minha escola

-Acho que você não seria idiota ao ponto de fazer isso.

-E eu acho que voc...

-Onde estão seus pais?

-Eu tenho o direito de ficar calado.

-foi você que não quis colaborar....henry coloca o pirralho na gaiola

-pode deixar chefe

Hawk tomou a decisão de deixar Aníbal em uma cela até ser julgado.

Ani não teve coragem de deletar seu amigo Peter, mesmo depois de todo o ocorrido, como menor de idade ele sabia que ficaria em uma casa de recriação até completar seus 16 anos onde poderia cumprir pena normal.

E foi dentro da cela que Ani adormeceu

Capítulo 2- a primeira consequência

Ani acorda no dia seguinte e, ainda com seus olhos embaçados avista a silhueta de alguém, varias coisas passam pela sua cabeça, mas infelizmente, ou melhor, felizmente era apenas o delegado hawk.

-Aníbal você teve sorte.

-não pode ser considerado sorte estar preso nessa porra

-eu recebi um documento do juiz que te julgaria, ele falou que como você ainda é menor de idade, e o crime não foi concretizado, você só vai ter como pena um ano de cadeia.....fale alguma coisa moleque

-você quer que eu fale o que? Um ano de prisão é pouco para o meu crime, mas não deixa de ser a porra de uma prisão.

Ani quis não demonstrar alegria, pois achava que isto era.

Sinônimo de fraqueza, então se demonstrou enfurecido.

-você será transferido depois do café da manhã.....ah já ia me esquecendo na prisão você terá uma cela exclusiva, você deveria estar pulando de alegria.

Ani espera ansiosamente o café da manhã, um guarda chega a passos lentos trazendo uma bandeja em suas mãos, o guarda apoia a bandeja na mesa que havia perto da cela, enquanto procurava a chave para abrir um compartimento do portão da cela, após abrir este compartimento o guarda pegou a bandeja e entregou rapidamente a Ani.

Ani logo viu que na bandeja havia um sanduiche de queijo e uma maçã, com fome Ani logo já terminara de comer tudo.

Passados 10 minutos o delegado hawk chegou, ele estava com uma algema na mão e ao lado dele havia dois outros policiais, logo Ani deduziu que já era hora de ser transferido.

Ani foi algemado e levado rapidamente para o carro dos dois policiais, olhando para a janela avistou o delegado hawk com uma cara de desanimado.

O carro estava fazendo o caminho de costume, passando pelo centro da cidade e evitando a periferia, esse era o caminho mais seguro, porém eles não contavam com a fuga de alguns detentos da prisão de whorfhein.

-que porra é essa?

-por que você tá calado seu filho da puta?

A fuga já não estava controlada na prisão havia detentos pela rua inteira, um dos policiais sacou a arma e tentou sair do carro, ele foi reprimido e espancado por vários detentos, que logo entraram no carro e renderam o outro policial, e também soltaram Ani.

Logo o Grupo Especial de Operações chegou ao local, todos começaram a correr, Ani não era muito atlético, então estava ficando para trás, foi quando ele escutou uma voz falando baixinho.

-garoto... Venha aqui... Aqui em cima.

Era um senhor aparentemente inofensivo, ele estava encima de uma escada de emergência, que era ligada a um prédio, Ani sem perder tempo subiu na escada, tomando cuidado para não chamar a atenção dos policiais.

-por que você me ajudou?

-você é muito jovem para estar no meio daqueles vagabundos

-...

-vou direto ao ponto, eu preciso de alguém para fazer um serviço para mim.

-eu nem sei a porra do seu nome, não posso confiar em você.

-meu nome é davy, mas pode me chamar do que quiser, eu sei que é difícil confiar em alguém que você acabou de conhecer, mas pelo menos tente afinal eu posso te denunciar a qualquer momento.

-mas eu terei um preço...

-claro eu te darei um abrigo temporário e 100 euros.

-isso é muito pouco...

-hmf... Você também vai ficar com 10% do que eu pegar.

-então acho que roubaremos dinheiro.

-de certa forma...

Ani não acreditava no que estava acontecendo, porém não tinha escolha, ele estava tentando descobrir os planos de davy.

Capítulo 3 - O sequestro?

-Voce ira me ajudar a sequestrar o filho do prefeito

-mas que porra!!!!, eu não sequestro crianças caralho

-ou é isso, ou a policia vai descobrir onde você esta

-*hfm*, você tem que saber que não muito bom com a força bruta

-.....então no que você é bom?

-tecnologia

-Bingo!!!!, nós vamos pegar o muleque naquela feira.....l4

-dá pra ver que você não sabe nada da cultura pop....a feira é a E3

-isso

-como eu vou pra la se provavelmente estou sendo procurado?

O plano de davy era sequestrar Jones, o filho do prefeito de petsberg, para isso Ani terá que ir a famosa feira Geek a E3.

-use um cosplay para não ser reconhecido

-Eu escolho o personagem, mas você banca! Fechou?

-okay

Ani decidiu que iria usar o cosplay de link, logo em seguida davy foi comprar a fantasia, Ani começou a revirar a casa em busca de alguma coisa que o ajudasse a sair dali, já que davy havia trancado todas as janelas e a porta, de repente ele acha um ipod, rapidamente o desbloqueia e tem acesso aos aplicativos, logo entra no aplicativo de banco e vê que davy é muito rico, então pensa que motivações teriam ele senão o dinheiro, Ani acha também uma caneta tática .

-Por que caralhos um velho teria uma caneta tática.

Ani começou a procurar mais e mais coisas até que achou uma medalha de honra, então ligando os pontos percebeu que Davy era um militar aposentado, mas por que ele iria querer sequestrar o filho do prefeito?

Nonod19: Minha vida de hacker antes do assalto

Sinopse: Em algum lugar da Espanha, Aníbal com a vida muito chata resolve fazer um curso, mas ele conhece um menino que muda sua vida e o deixa muito animado e você quer saber sobre porque que ele colocou a cidade Rio?

Visualizações 50
 Favoritos 3
 Comentários 9
 Listas de Leitura 1
 Palavras 2.357
 Terminada Não
 Categorias La Casa de Papel
 Personagens Rio

Cap 1- Meus primeiros momentos de hacker

Minha vida de hacker começou quando eu ficava no tédio na minha casa, ela era sempre vazia, as janelas ficavam abertas, as cortinas voavam com o vento e eu sozinho só escutava o som do vento, as crianças brincando, meus pais chegavam de noite e sempre brigavam e durante muito tempo fiquei tédio, o único jeito de me divertir era mexer no computador e foi quando pedi para a minha mãe deixar eu fazer curso de programação.

Uma semana depois minha mãe resolveu me colocar no curso, ela sabia que eu ficava em casa sozinho, não tinha irmão, não tinha amigos, até porque eu não saía de casa, só ficava na escola de manhã e o resto do dia ficava em casa no computador.

No primeiro dia do curso estava meio desanimado, mas fui um pouco ansioso, quando eu cheguei sentei do lado de um menino brasileiro que não estava ligando muito pra aula, eu prestei atenção que ele ficava zoando com os computadores, achei muito legal, mas acabei não falando com ele naquele dia, voltei para minha casa e estava o tédio de sempre e faltava pouco para os pais chegarem, enquanto eles não chegavam fiquei na sala esperando eles. Quando eu ouvi o som do carro fiquei tão feliz, mas escutei a voz do meu pai gritando com a minha mãe e quando eles entraram minha mãe olhou com cara triste e ela falou para eu ir para o meu quarto, depois de 20 minutos meu pai de gritar e ouvi ele batendo a porta do quarto, depois minha mãe foi no quarto.

- Como foi o curso?

- Foi legal.

Minha mãe estava tão tranquila que parecia que não tinha acontecido.

- Vou esquentar sua comida e já te chamo.

Ela desceu, eu ouvi o choro dela, eu me perguntava por que que ela não se separava dele. Meu pai começou a ser assim com faz muito tempo, foi quando ele parou de ser amoroso comigo.

Depois de almoçar, fui dormir, estava muito triste com a minha mãe brigando, eu não conseguia entender o porquê que ela não se do meu pai.

No dia seguinte, fui para o curso e acabei sentando do lado do mesmo menino de novo, depois de alguns minutos de aula, pedi para ele me ajudar em uma coisa que não estava entendendo, ele me explicou em três, fiquei impressionado como ele ensinava bem, pedi para ele me ensinar várias coisas que não entendia quando o professor explicava para sala, no meio do que ele ia me explicando eu perguntei o nome dele.

- Júnior – respondeu.

Quando eu perguntei o nome que prestei atenção na aparência dele, Ele era negro, cabelo crespo, estava usando calça jeans e camisa preta.

- Qual o seu nome?

-Aníbal.

Foi passando os dias, ele foi me ensinando muitas coisas para mim, nossa amizade foi fortalecendo e eu continuava a prestar atenção no que ele fazia na sala, zoando todos os computadores da sala, mas eu não falava nada, ele olhava para mim e via que eu ficava curioso de como ele fazia aquilo, foi quando ele me perguntou.

- Quer que eu te ensine isso.

Não sabia o que era aquilo, mas acabei aceitando.

- Quer ir na minha casa, já começo a te ensinar hoje mesmo.

- Quero.

Antes de ir para a casa dele, passei em casa para pedir para minha mãe, ela tinha chegado mais cedo do trabalho ela estava com um sorriso estampado no rosto, fiquei tão feliz que ela estava com cara de felicidade, eu apresentei o Júnior para ela ver quem era.

- Pode ir, filho. Só não volta muita tarde.

Fomos para a casa dele, era uma casa organizada, tinha um andar, toda branca, era uma casa de rico, muito grande, achei estranha porque ele não parecia rico, fiquei observando a casa inteira enquanto íamos para o quarto, no outro andar da casa, eu ouvi uma música um pouco alta e luzes piscando.

- É meu irmão – disse Júnior.

Quando entrei no quarto, era uma coisa totalmente diferente da casa, era muita bagunçado, apesar de ser bagunçado o lugar era cheiroso, só onde ficava o computador que era um pouco arrumado, ele falou para mim sentar no computador.

- Que coisas você gosta de fazer no computador?

- Jogar.

- Nossa, pensei que sabia mais coisas do que jogar, então vou ter que te ensinar a hackear desde o básico do básico.

Quando ele falou “hackear” tomei um susto, não sabia que aquilo que ele fazia na sala era hackear.

Ele começou do básico do básico, eu achei muito fácil, naquele mesmo dia, terminei tão rápido, que ficamos conversando até começar a anoitecer e fui embora, quando sai da casa dele, tinha um jardim muito grande na frente da casa, esse jardim era muito lindo.

Quando cheguei em casa, meus pais estavam almoçando, sentei na mesa com eles, depois de comer minha mãe me levou até o quarto.

- Como foi na casa do Júnior?

- Foi legal, ficamos jogando.

- Legal ver você se animando e arrumando amigos.

Acabei não falando sobre hackear porque ela não tem boas referencias de hackers, depois disso fui dormir.

A partir deste dia, comecei a ir todos os dias para a casa dele, ele me ensinou a hackear coisas simples em um mês, aquele dia que ele me ensinou a mexer só um pouco, acabei gostando muito e continuei a estudar, o que ele me ensinava.

Apreendi o simples de hackear, ele me fez um desafio do nada, fiquei com medo do que ele iria falar.

- Duvido você hackear um site simples!

- Eu aceito.

Aceitei com medo, mas confiante de iria conseguir fazer esse desafio.

Fomos pra casa dele, quando cheguei na casa dele fomos direto para o quarto, ele colocou no site e fui para o computador, comecei a hackear, não consegui de primeira, fiquei muito triste.

- Tente de novo – disse Júnior.

Fui tentar novamente, quando fui olhar tinha feito diversas coisas erradas, consegui arrumar tudo, quando consegui hackear, ainda tinha o antivírus para neutralizar, tentei muitas vezes, quando estava prestes a desistir consegui neutralizar e consegui deixar o site uma hora fora do ar.

Consegui fazer minha missão e fui pra casa, quando cheguei em casa, eles estavam conversando sobre divórcio, quando entrei na cozinha eles pararam de conversa e minha mãe me chamou para jantar, depois de jantar, fui para o meu quarto, entrei no computador e fui tentar hackear outro site e consegui e fui dormir.

C2- Minha primeira ciberzueira

Depois de aprender a hackear, Júnior começou a me ensinar coisas mais difíceis do malware, fiquei com um pouco de medo do que estava por vir, mas continuei. Ele foi ensinando coisas muito difíceis, mas mesmo sendo difícil fui aprendendo pouco a pouco, ele tinha que me ensinar coisas duas, três e até quatro vezes para eu conseguir entender, tinha dias que ele ficava 6 horas me ensinando.

Eu um desses dias de ir para casa do Júnior e resolveu me contar um segredo.

- Eu tenho grupo de hackers com meus amigos que hackeamos vários lugares e quero que você entre no nosso grupo, assim que você terminar de aprender tudo, quero que você entre porque você, foi a pessoa que eu ensinei mais rápido e é um dos melhores hackers que já ensinei.

Fiquei tão feliz que ele tinha me falado aquilo, eu pensava que ele nunca tinha ensinado para ninguém, mas eu ser o melhor aluno, eu fiquei surpreso, pensei um pouco sobre o grupo e perguntei.

- Mas vocês não fazem crimes, né?

- Não, a gente só faz zoeira, batizamos de "ciberzoeiras".

- Ok, eu aceito.

Depois de eu aceitar, fui para minha casa, mas acabei chegando tarde e minha mãe veio falar comigo.

- Filho, estou preocupada, você fica muito tempo na casa daquele menino. O que vocês fazem lá?

- A gente joga videogame.

Minha mãe estava linda como sempre, com seus cabelos pretos cacheados, sobrancelha bem-feita, seus olhos castanhos claros, depois de ficar olhando para a beleza da minha mãe fui para o meu quarto.

No dia seguinte fui para a casa dele, faltava muito pouco para eu conseguir e neste mesmo dia terminei tudo e ele falou que queria zoar uma casa super tecnológica de um rico da Espanha, da família Congres, foi aí que conheci os membros do grupo, tinha o irmão dele, que era igual ao Júnior, um menino loiro de olhos azuis, um menino de cabelo castanho e olho castanho e uma menina ruiva de olhos castanhos claros e muito linda. Júnior conseguiu colocar um malware no computador que controlava a casa inteira que entrou em um site que o Júnior tinha colocado para baixar o malware que um adolescente entrou no site e baixou.

A casa estava recebendo visita de famosos, tínhamos esperado dois dias para ter uma visita e ter repercussão do acontecido, nesses dois dias ficamos treinando para não fazer besteira na hora, pois mesmo a gente zoando a casa era difícil de hackear, tinha o antivírus que era bem difícil de neutralizar também e ficamos treinando essas dificuldades nos dois dias de espera.

Chegou o grande dia, nesse dia eu estava muito nervoso, com medo de errar muito e não dar certo, mesmo nervoso fui para a sede do grupo, era a primeira vez que estava indo nessa sede, tinha 6 computadores potentes, o lugar era muito bonito, cheio de neon, todos já estavam sentados no computadores, programando, eu sentei e comecei a programar, demorei uma hora para conseguir fazer tudo.

Começamos a hackear a mansão, eu tive o trabalho de neutralizar o antivírus, fui clicando nas teclas e eu estava muito tenso com medo de errar, soando e tremendo, demorei muito tempo para neutralizar, mas consegui e continuamos a hackear, de começo

fizemos as luzes piscarem, depois fizemos as portas ficarem abrindo e fechando, as pessoas da casa começaram a estranharem, todos que estavam dentro da casa saíram e começou a chegar à imprensa, de helicóptero, ficamos rindo muito, estávamos vendo por uma câmera que hackeamos fora da casa, tinha muita gente no portão da casa olhando toda zoeira que estávamos fazendo ficamos fazendo isso na casa umas duas horas, ninguém deter, pois sabiam porque estávamos fazendo aquilo, que era por causa da crise que a Espanha estava passando, depois de terminar a ciberzoeira desligamos todos os computadores e fui para minha casa, muito feliz de ter conseguido.

Depois dessa ciberzoeiras, fizemos diversas ciberzoeiras, ficamos quatro anos fazendo isso, até que resolvemos fazer uma última vez, que podia arriscar nossas vidas.

C3- Um ato perigoso

Júnior pensou em assalto muito arriscado, ele pensou em juntar ciberzoeira e crime junto, ele estava muito pensativo, era arriscado fazer isso, nós estávamos famosos pelas nossas ciberzoeiras. O objetivo era fazer um jeito de tirar muito dinheiro do Banco de Espanha e jogar esse dinheiro nos céus para população, portanto não conseguimos pensar nada naquele dia e voltamos para as nossas casas.

Voltei para a minha casa, fiquei muito tempo pensando no que iríamos fazer enquanto eu ficasse vendo televisão, até que consegui pensar em algo, achei melhor falar na sede com todo mundo reunido do que falar por rede social, fiquei pensando no que os outros do grupo estava pensando para eu os planos serem reunidos e ser tudo perfeito para não dar nada de errado.

No dia seguinte, fui para a sede e começamos a conversar sobre os planos, contei o meu plano e o Júnior achou muito bom, entretanto ele quis colocar o plano de todos em conjunto para dar mais, demorou muito para a gente conseguir montar um plano, esperávamos muito para todos estarem prontos psicologicamente, demorei demais para eu conseguir ficar pronto, estava com muito medo e apreensivo, minha mente girava quando pensava que um simples erro podia prejudicar todo mundo, ficava pensando em desistir de tudo, mas um dia tive coragem e falei que já estava pronto.

Nesse mesmo dia, fui ver a televisão e tinha acabado de ter assalto, uma pessoa tinha morrido e estavam investigando uma mulher, foi quando pensei que seria a hora certa para começar o assalto, pois estavam investigando a mulher, fui muito ingênuo da minha parte pensar.

Fui para a sede, ficamos o dia inteiro falando do plano, Júnior falou que tinha uma parte do plano que se desse errado, o que fosse fazer essa parte podia ser preso ou morto, quando ele falou isso todos ficamos com muito medo, mas ele acabou falando.

- Eu vou fazer essa parte do plano, é muito arriscado qualquer um de vocês fazerem.

Ele quis fazer essa parte do plano, porque ele era o líder do grupo, o irmão dele ficou com medo e falou para ele desistir desse assalto, mesmo assim ele continuou falando que não iria desistir do assalto.

- Começaremos amanhã – disse Júnior.

Dava para ver nitidamente que ele estava com muito medo, estava suando e tremendo. Quando saímos da sede, ele resolveu falar comigo a sós.

- Nunca falei de onde vim, né?

- Você já sabe que sou brasileiro, eu nasci no Rio de Janeiro. Quero de falar também daquela parte do plano, isso é muito arriscado, por isso meu irmão está com mais medo que eu, mas vai dar tudo.

- Tomara que não dê nada errado.

Ele me deu tchau e foi embora, fui para a minha casa, quando cheguei em casa estava muito tarde, comi e fui dormir, continuei com muito medo de dar errado, tudo isso podia envolver a morte do Júnior e eu não queria perder meu melhor amigo.

No outro dia, acordei, tomei café e fui direto para a sede, todos estavam nervosos. Começamos pelo site, fizemos muitas zoeiras no site tiramos ele do ar e depois

fizemos a mesma coisa com aplicativo. A ruiva conseguiu grampear o celular de um cara importante do banco falando a localização do cofre e a senha. Tudo isso podia ter parado nos aplicativos se a ruiva não tivesse conseguido um jeito de pegar o dinheiro do cofre. Júnior ficou enérgico na hora e falou que iria na hora e, ele foi.

Nonod20: O Recomeço

Sinopse: A história trata-se de um novo assalto, eles vão se reunir para executar uma nova estratégia para um novo plano.

Visualizações 117

Favoritos 4

Comentários 10

Listas de Leitura 2

Palavras 1.715

Categorias La Casa de Papel

Personagens Helsinque, Nairóbi, Professor, Raquel Murillo, Rio, Tókyo

Capítulo 1 - O Recomeço

Após o assalto a Casa da Moeda os assaltantes foram seguir seu plano com o dinheiro do assalto.

Nairóbi foi a procura de seu filho com a ajuda do Helsinque pois o Oslo havia falecido, e Helsinque se sentiu sozinho então decidiu ajudar Nairóbi.

Joaquim era o nome do filho dela, um jovem de 17 anos. Um menino frio pois sua mãe tinha o deixado.

Sua nova família sempre falava a ele que a sua mãe tinha falecido, mas Joaquim sempre sonhava com ela. Em seu sonho sua mãe não foi presa.

Rio e Tokyo, com o dinheiro do assalto compraram uma van para viajar a Espanha. Eles gastaram metade do dinheiro do assalto a casa da moeda com essa van super moderna.

Monica e Denver foram morar juntos e cuidar da filha da Monica, Denver cuidava dela como se fosse filha dele, eles se casaram, Denver decidiu desistir da vida de assaltante por ele ser agora um pai de família, e pode acontecer com ele o mesmo que aconteceu com seu pai.

O Professor e Raquel, passaram umas férias em uma praia bonita ,silenciosa,e com poucos moradores. Em meio as férias na praia o Professor tinha pegado confiança na Raquel, então ele decidiu contar como ele planejou o assalto.

Depois ele decide caminhar sozinho na praia,e pensou em reunir Tokyo, Nairóbi, Helsinque e Rio. O Professor convencera também a Raquel de participar e irá chamar uma nova integrante para fazer parte do grupo. Esse plano será feito por ele, pois o assalto a Casa da Moeda foi ideia de seu pai

Capítulo 2 - As ligações

: Para seu plano dar certo, o professor chamou Tókyo, Nairóbi, Helsinque e Rio, que já participaram do assalto a Casa da Moeda, contudo o professor já tinha confiança neles. Então enquanto Raquel havia saído, o Professor sozinho no quarto ligou para a Nairóbi.

- Alô, disse Nairóbi, assustada.

- Olá Nairóbi queria te fazer uma proposta, quero que você participe de mais um plano meu? Disse professor.

- Não sei, já encontrei meu filho, mas não tive coragem de falar com ele, não quero ser pressa e nem ficar longe do meu filho.

- Mas você precisa confiar em mim, esse plano vai dar certo. disse o professor com a certeza na palavra.

- Ok, mas antes quero falar com o meu filho.
- Compreendo, e agora vou ligar também para o Helsinque.
- E Nairóbi diz que Helsinque está com ela.
- Então diga a ele que ele irá participar do meu plano.

Agora o professor tinha que ligar para Tókyo e Rio, mas ele desconfiava e eles estariam juntos, com isso ele ligou para Tókyo.

- Olá Tókyo aqui é o professor.
- Professor quanto tempo, não?
- Pois é, Rio está com você?
- Sim, mas por que você me ligou
- Quero que você faça parte do meu plano, você e o Rio, o que você acha?

Olha o professor com mas plano imbatível, disse Tókyo rindo

Rio ouvindo toda a conversa pegou o celular da Tókyo, e falou sim nos topamos participar de mais um plano, professor.

- Então estou contando com vocês ok.

Pí,pi,pi (telefone)

- Agora está tudo pronto, disse o professor.
- Pronto o que? Disse Raquel
- Quero te falar uma coisa.
- Pode falar Sergio, disse Raquel desconfiada.
- Então estou planejando um...
- Assalto? Sergio pensei que você não iria fazer mas isso, mais um plano do seu

pai?

- Sim, mas esse plano fui eu que criei.
- E você ainda quer que eu participe disso?
- Sim, mas te garanto que vai dar certo, a gente vai ficar mais tempo juntos, pense

nisso.

- Mas Sergio o por que desse novo plano desse assalto...Você está rico, de férias, esquece isso.

- Sabe quando eu estava conversando com você sobre o assalto, depois da nossa conversa eu fui a praia, e enquanto esta caminhando pensei em fazer um novo assalto, eu acho que se meu pai estive-se aqui ele ia ficar muito orgulhoso de mim, pro eu criar um assalto. Você me entende né ?

-Não Sergio eu não te entendendo, o outro plano deu certo e se esse novo plano não der certo,e acho, acho não tenho certeza que seu pai não iria ficar orgulhoso de você, por que você pode estragar toda sua vida com esse plano.

- Só confia em mim vai dar tudo certo, e a gente vai ficar mas tempo juntos, pense nisso.

Se passou um dia e o Sergio perguntou a Raquel o que ela tinha decidido.

Capítulo 3 - O encontro

Nairóbi foi em busca de seu filho, e não teve coragem de falar com ele, de primeira vista.

Então no dia seguinte esperou ele na porta da escola, e quando saiu do colégio, foi falar com ele.

- Oi meu filho, disse Nairóbi, ao tocar no ombro dele.
- Filho? moça acho que você está enganada disse Joaquim.

Então Nairóbi e Helsinque levaram Joaquim até um beco, atrás da escola, onde não havia ninguém por perto, para conversar com ele.

- Não, não, sou eu sua mãe. Nossa você mudou bastante, não te vejo desde os seus 2 anos de idade, disse Nairóbi com lagrimas nos olhos.

- Então você a minha mãe que eu sonho todos os dias, você me deixou! Disse Joaquim, Bravo.

- Eu fui presa, não queria te deixar, disse Nairóbi, lamentando. Então venha comigo que eu te explico melhor.

- Acho melhor não, a gente nem se conhece, nem sei se você é a minha mãe de verdade e a minha família nem vai gostar disso

- Verdade tem a sua família adotiva, então a gente passa lá na sua casa e eu falo com eles sobre.

- Não, não, então é melhor a gente ir mesmo depois eu ligo pra eles, e também não vai fazer diferença eu tando lá ou não, eles nem vão sentir falta de mim, disse Joaquim triste.

- Também não é assim né é claro que eles vão sentir sua falta, afinal você faz parti da família deles.

- Não, você não entende, eles não são essa família perfeita, pelo contrario. Na verdade não tirando eu, ia ficar uma família perfeita. disse Joaquim com ódio.

Neste momento Nairóbi percebeu que Joaquim era um garoto triste e amargurado, e com um trauma.

- Então vamos, pelo caminho quero que você me explique melhor sobre você e a sua família...

- Mas antes esse cara é seu namorado, disse Joaquim sussurrando no ouvido da Nairóbi.

- Helsinque? kkk, não ele é um amigo meu que estava me ajudando a te procurar. Vamos.

Enquanto isso o Professor que estava lá na praia com a Raquel, perguntou a se ela já havia pensado no que eles tinham conversado, sobre o plano.

- Então eu pensei, pensei e..., eu vou participar do seu plano, não sei, mas acho que fiquei com rancor dos policiais por terem me expulsado do meu cargo do meu trabalho. Disse Raquel, com raiva e tristeza ao mesmo tempo.

- Sabia que você ia acabar aceitando, que bom vamos passar mais tempo um perto do outro.

- É, eu quero saber como é ser um assaltante, quero estar do outro lado do jogo, disse Raquel, dando muitos beijos no Professor.

Lá em Toledo estava a Tókyo e o Rio curtindo muito com o seu dinheiro, eles tinham que ir para o porto para encontra o professor. Mas Tókyo não curtiu muito a ideia de participar de um novo assalto.

-Por que a gente precisa participar desse novo assalto?

- A sei lá, gostei do outro assalto foi bem emocionante e a gente pode ganhar mais e mais dinheiro se esse for o plano do professor, disse Rio.

-Mas nos estamos ricos não precisamos mas de dinheiro nem nada só curtir a vida. E cá entre nos esse assalto pode dar errado, outro quase foi por água abaixo.

-Nos pensamos que ia dar errado, mas o professor tinha tudo em mente esta tudo calculado. E por que esse daria errado, deve estar tudo programado. Vai por favor faz isso por mim pela gente.

- Ta, eu vou só por que você esta me implorando. disse Tókyo abraçando e beijando o Rio.

Então eles foram embora de toledo e foram direto ao porto de Barcelona.

Nairóbi sabia que teria que ir ao encontro do Professor para iniciar o plano, então ela decidiu levar seu filho. E ao logo do caminho até o porto de Barcelona, ela foi conversando com seu filho sobre o que aconteceu com ela depois de perder ele.

- Para onde nós iremos, disse Joaquim, assustado, olhando para os lados do ônibus.

- Não posso te contar agora, mas quando a gente chegar lá você vai saber. Mas me fala um pouco de você, prática algum esporte? Disse Nairóbi

- A eu gosto de games e gosto de tiro ao alvo, não sou muito de sair, na verdade minha família não me deixa sair, disse Joaquim, virando os olhos.

-Mas por que eles não te deixam sair ?

- Eles são meio neuróticos, não deixam nem eu nem mesmo irmãos sair.

- A é você tem irmãos ?. Eu queria saber quando seus pais te falaram que você era adotivo ?

- Olha desde pequeno eles sempre me deixaram claro que eu era adotivo, meus irmãos sempre quando a gente brigava eles tocavam nesse assunto, disse Joaquim segurando as lágrimas.

- Nossa que horrível, nossa seus pais não brigava com seus irmãos por conta disso.

- Não eles fingem que não vê, eu sempre desconfiava que eu era filho deles, por que eles eram todos loirinhos de olho claros. tipo a família todo meus avós meus tios. Isso é muito ruim eu me sentia triste, me sentia um peixe fora d 'água.

- Nossa que horrível. Me desculpa meu filho, disse Nairóbi abraçando Joaquim.

E os dois estavam abraçados bem forte e chorando. Foi ai que Helsinque olhou pela janela do ônibus e avisou a eles que tinham chegado ao porto, os dois enxugaram as lágrimas.E os três pegaram as mochilas saíram do ônibus.

E então eles chegaram no porto, e Tókyo, Rio e Raquel já aviam chegado. Todos estavam animados por estar juntos de novo.

Mas todos estavam se perguntado quem era aquela mulher em que o professor estava conversando.

Nonod21: O casamento

Sinopse: com o passar do tempo policiais voltam a investigar mais sobre o professor e descobre onde ele esta,e acaba com o casamento dele

Visualizações 29

Favoritos 1

Comentários 2

Listas de Leitura 0

Palavras 350

Categorias La Casa de Papel

cap 1 – O casamento

Tudo começa com os policiais indo na casa de Raquel para encontra-la, mas chegam lá e não encontram ela, então eles vão revistando tudo e encontram as imagens com a pista.

Enquanto isso o professor acorda,levanta e fala: amor acorda,esqueceu,hoje é o dia do nosso casamento,oi amor eu ão esqueci não,espera ai que eu vou lá preparar o café,esta bem.

Assim que eles tomam café eles vão preparar o casamento,quando eles acabam o Professor liga para Tóquio e fala: Tóquio,oi avise os outros que hoje é o dia do meu casamento com a Raquel, esta bem Professor vou avisa-los, thau até mais, até mais.

Então todos convidados chegam e comprimetam o Professor, e logo depois o Professor vai para o altar e espera a noiva dele,e derrepente começa aquela musica,ai o Padre pergunta,Raquel Murilo ,você aceita ele como seu legítimo esposo,sim,Sérgio você aceita Raquel murilo como sua legítima esposa,derrepente um barulho na porta ,pow, era os policiais, Professor você esta preso no nome dá lei,e Raquel murilo tambem,e agora Sérgio o que vamos fazer,espera to pensando,então professor pensa em um plano rapidamente,Raquel vamos se entregar,não podemos , eu tenho um plano,então os assaltantes se ajuntam perto do Professor.

Com os assaltantes presos sendo levado para Espanha, o Professor teve a idéia de fugir no caminho mas acabou não dando certo.

Quandos eles chegam na Espanha , o coronel fala:leve eles para o Reino Unido eles tem que acerta com o pai alisson Packer.

Chegando lá o pai deles deixam eles presos dentro da masmorra,mas o Professor sempre tem um plano B,então o Professor conta o plano B para eles,então Tóquio chega no guarda e fala:sabia que você é o soldado mais bonito que tem aqui ,você tá falando isso só para eu te soltar , imagina to falando só a realidade,mas se você me soltasse eu ia te beija até você dizer chega,a é,lógico que sim, então o guarda solta ela e acaba caindo na armadilha,então o Professor fala temos que sair logo desse lugar,e ir para bem longe , professor temos que ficar desfasado então eles acabam conseguindo fugir.

Cap 2- A vingança

Quando eles chega lá eles mostra uma foto do Professor para o cara do bar,onde Raquel achou o Professor, então o dono do bar fala que já tinha visto, mas fazia muito tempo que ele não os viam então investigam mas hora eles passa em frente a igreja saindo

Raquel e o Professor eles correm até o barco que eles tinham e consegue fugir, mas o policiais pegam um barco do homem e vão atrás então o barco acaba emperrando em alguma coisa e eles acabam ficando preso em uma ilha.

Até que eles acha uma caverna nessa ilha e fica dentro dela,e Raquel fica desesperada e fala que não quer ser presa, mas fala para ela fica calma,então professor liga para Naeróbi e Helsinque para ir ajuda-los então eles vai.

Em quanto isso os policiais acha o barco preso na água então eles entra nessa ilha e acha a caverna onde esta o Professor e a Raquel e acaba prendendo eles,e nessa hora chega a Naeróbi e o Helsinque que acabam sendo preso.

Então os policiais acabam levando para o reino unido, porque o pai de Álisson Parker quer se vingar dos assaltantes, deixando preso em uma casa trancada assim como eles fizeram com a filha dele, mas o professor sempre tem um plano B então liga para os assaltantes.

Então o Professor avisa a Tóquio,Rio e Denver para ir PRO Reino unido correndo,mas Tóquio esperta chama reforços,os caras que salvaram ela.

Então eles chega no reino unido ,e vê os amigo deles nê uma foto na parede deles sendo exterminado, então eles vão correndo e vê o Professor e os outros sendo crucificado então rapidamente Tóquio e os outros assaltantes sai atirando para o alto,então o rei mandam pegar os outros assaltantes mas não conseguem porque eles morrem,e a Tóquio solta o professor eu os outros.

A Tóquio chama o Professor para ir embora para Rússia,mas o Professor fala primeiro que vai roubar o dinheiro do rei,então o professor elabora um plano rapidamente e consegue roubar o dinheiro.

Mas antes deles ir para a Rússia Denver e os outros vão buscar a Mônica mas ela não quer então Denver é obrigado a ficar,mas o professor entende ,e vai para Rússia de qualquer jeito mas chegando lá eles tem uma surpresa

Cap 3- O resgate

Na ida para a Rússia Professor e os outros, descobre que esta sendo perseguido,então eles da um perdido na pessoa que estava o perseguido.

Quando professor viu que deu perdido no cara ele procura um lugar para morar,e consegue achar.

Chegando dentro da casa eles tomam banho e dormem menos Raquel e professor,então Raquel pergunta sobre o passado do Professor, e se namoro com outra pessoa e se tinha filho,então Professor responde que sim,que ele tinha um filho então Raquel pergunta onde ele esta?ele responde que esta na Espanha,então Raquel fala vamos busca-lo,mas Professor fala que é muito arriscado e não quer perde-la ,mas raquel fala que não vai acontece nada e que eles vão formar uma família.

De manha sedo todos acorda e o professor avisa que eles vão até a Espanha resgata o filho dele, então o Professor elabora um plano e conta para os assaltantes.

No outro dia Professor ,Raquel e os outros assaltantes,vão seguindo com plano,então chegando na Espanha, o Professor fala para Naeróbi e Helsinque entrar desfaçada de casal antes deles ir Tóquio e Denver entram pelos fundo no porão para

controlar as câmeras,então Naeróbi e Helsinque entrão com um fone fala que querem adotar um filho, então Professor fala:vire a direita e depois a esquerda na sala 7, então Naeróbi indo buscar, a dona do orfanato vê Naeróbi na TV com os assaltantes, e a dona pergunta,você é uma assaltantes,então Naeróbi rapidamente abre a porta e pega a filha do Professor,então Helsinque fala pra ela ir rápida por que a policia tava vindo,quando Naeróbe ta correndo,chegando perto da porta ela vê a filha dela e tenta pegar mas Helsinque não deixa e segura e leva para o carro e vão embora

Nonod23: La Casa do Desespero.

Sinopse: La Casa do Desespero uma Fanfic que imitando La Casa de Papel Mas com mais Uma Personagem A Megan que vai ser Narradora da Série e Uma das Personagens Principais uma Repórter que vai Tentar investigar O Assalto e vai se meter em Várias Enrascadas.

Será que Essa História vai dar Certo ?

Visualizações 98

Favoritos 4

Comentários 8

Listas de Leitura 1

Palavras 1.683

Categorias La Casa de Papel

Personagens Originais

Capítulo 1 (Editado) A Vida de Megan !

Olá sou Megan uma repórter demitida depois de 7 anos de trabalho.

Tenho 27 anos morena dos cabelos cacheados dos olhos Azuis.

Vim de Londres deixei minha família la para tentar “investigar” o assalto da casa da moeda aqui da Espanha.

Tudo começou quando me formei depois disso trabalhei em vários programas de tv, 7 anos depois resolvi me envolver com uma pessoa achei que iria dar conta do trabalho e da minha vida pessoal mas não eu me enganei, iria fazer a maior entrevista da minha vida minha carreira iria decolar, mais não eu acabei com tudo meus estudos e a minha grande entrevista foi por água a baixo.

Sabe porque?

Depois comecei a namorar comecei a deixar de lado minha carreira eu não né ele meu namorado me deixou desinteressada ele me chantageava se eu fosse trabalhar ele iria terminar comigo, eu boba achava fofo pensava que ele só estava sendo carinhoso comigo e comecei a faltar e perder reportagem logo percebi que eu estava numa bola de neve e não tinha freio como diz o ditado la se foi o boi com a corda.

Depois de uns dias faltando fui para o trabalho para me explicar o que eu não sabia é que a vida tinha me dado uma chance e eu não dei valor.

E agora estou aqui para “investigar” o assalto.

Meu Lema não é atrapalhar a Investigação e sim consegui uma boa reportagem para depois eu Ir na imprensa e entregar a matéria para ver se consigo um emprego e dar a volta por cima e depois mostrar que consegui para todos que falaram que eu não ia ter uma 2° chance.

Mudando de assunto tenho que arrumar um plano para entrar na casa sem ninguém perceber muito menos a polícia a última coisa que preciso agora é de um acusamento isso me atrapalharia mais ainda.

2° Capítulo (Editado) Primeiro Dia Do Assalto!

Depois da entrada extraordinária dos assaltantes a casa se calou tudo se trancou e a população parou, sem dúvida nenhuma vai ser o maior assalto da história.

O que será que estão fazendo? Será que todos estão bem? Quem será os assaltantes? Tem alguém ferido ?

Essa era as perguntas rodando em minha cabeça e o que será que a polícia está pensando?

Com meu pouquíssimo conhecimento eu estava tendo a conclusão que com certeza a polícia estava em desespero até porque eles não sabiam que tinha tanta gente lá dentro se eles matarem todo mundo irá ser uma catástrofe

Vão tentar invadir ?

Essas perguntas só o tempo irá me responder.

Só vimos um caminhão entrar e depois de alguns minutos vários tiros e gritos quem planejou esse plano com certeza é uma pessoa grande não é qualquer assaltante.

Só estranhei porque as pessoas se calaram se fossem perigosos mesmo eles estariam gritando muito e já teríamos ouvidos tiros, enquanto isso vou nas lojas pedir os vídeos das câmeras e tentar ver se consigo ter alguma notícia.

Enquanto estava indo via nas vitrines das lojas às TVs ligadas todas no assalto entrei na 1º loja mas sem sucesso não queriam me dar a fita porque a polícia precisaria, fui em outra loja mas já estavam fechados com muito medo deles saírem da casa e invadir a loja, até que finalmente consegui uma loja escura no fundo da rua.

Abri a porta e nela tinha um sino fez um barulho que me assustei saiu um senhor de baixo de uma "mesa" com uma arma na mão dei um passo pra trás com o espanto então ele me perguntou quem eu era e respondi que só sou uma simples repórter querendo informações sobre o assalto então ele jogou o Dvd com o video dentro e falou para mim ir o mais rapido possivel então eu só obedeci.

3º Capítulo (Editado) Algumas Máscaras Caíram !

A Polícia está bem concentrada no assunto, estão sem dormir eles mal imaginam que eu estou com a fita da entrada do assalto na casa.

Faz apenas 2 dias que eles estão na casa da moeda totalmente em silêncio e nós curiosos aqui pelo lado de fora enquanto isso peguei meu notebook e tentei abrir o video estava dando erro tentei mais uma vez com toda a calma do Mundo mais em meus pensamentos já tinha dado um Soco no computador para ele ir logo, até que enfim abrir o Vídeo.

Carregando..... (era isso que aparecia na tela do notebook)

Enquanto isso vi na TV que já foram 3 nomes descobertos nomes não né apelidos descobrimos que na casa uns dos apelidos são Berlim só não entendi porque, será que tem a ver com o lugar ?

Quando Finalmente abriu o Vídeo só que a qualidade não estava muito boa não deu para ver quase nada mais tudo bem...

Salvei o Vídeo no computador coloquei um casaco grande que pelo visto era do Meu ex namorado e fui devolver a fita mas não estava aberto então fui na loja do lado e perguntei Cade o dono da outra loja ele falou que viu ele saindo com as malas a pouco tempo eu desconfiei voltei para casa o mais rápido possível entrei e tranquei tudo será que foi alguém que amassou ele se foi ele irá me entregar .

Agora o maior desafio é como posso entrar sem que ninguém me veja !

Nonod24: Olimpia: Um sofrimento contínuo.

Sinopse: Olimpia é uma das assaltantes, que junto com os demais, roubaram a Casa da Moeda, porém o problema é que a personagem, foi denominada vulgar, atirada, puta e vagabunda, palavras que não coincidem com o seu passado triste e sofrido. A maioria das pessoas souberam julga-la e condena-la, mas ninguém sabe o que se passou

em seu passado, será que ela foi feliz?, ou será que todas as noites em sua cama, eram pesadelos?, ou então, será que ela sempre teve essa fama de puta?.

Visualizações 37
Favoritos 6
Comentários 6
Listas de Leitura 1
Palavras 2.047
Categorias La Casa de Papel

Capítulo 1 - Três bandidos encapuzados.

No dia 13 de janeiro, minha mãe me deu a luz, e por coincidência no mesmo dia completou vinte seis anos; éramos muito parecidas em personalidade, aparência, sonho, ela era tão linda, tinha olhos azuis, pele branca como a neve, cabelo preto bem escuro e adorava rosa (essa minha paixão por essa cor, veio da minha mãe Jersey), era tão doce quanto algodão doce, gentil, sábia, delicada, alegre e feliz. Desde a primeira vez que me pegou no colo, olhou nos meus olhos e me disse, Filha eu te amo, percebi só pelas palavras, pelo toque, que ela era minha mãe, minha vida, minha paixão, sinceramente amor por mãe não tem explicação.

Lembro-me que a alguns anos atrás, minha mãe e eu, aos domingos íamos toda vez comer pizza de frango com catupiry; ela dizia que foi naquela pizzaria, que conheceu o meu pai, e no mesmo local onde ele foi assassinado; infelizmente não deu tempo de conhecê-lo, mas de acordo com minha mãe, não havia homem melhor que o meu pai. Por isso íamos todos os domingos lá, era uma forma de ficarmos conectado a ele. Olimpia, o jantar está na mesa;... Você não tira o olho mais dessa foto né. Ela me passa tantas emoções, sentimentos, me recorda de vários momentos felizes e alegres. Chega de conversa e vamos comer, antes que a comida esfria. (Minha vó nunca gostou de falar sobre os meus pais, mesmo com a minha insistência no assunto, ela sempre se escapa). Vó a senhora está ouvindo. O que menina?, vai comer e para de frescura. Não vó, tem alguém batendo na porta. Se está fazendo o que ai parada, levanta essa bunda da cadeira e vai ver quem é menina. (Então com a maior preguiça do mundo, me levantei e fui abrir a porta, porém por eu ter apenas onze anos, não sou grande o suficiente para conseguir ver quem é, portanto ao abrir, três bandidos encapuzados queriam roubar a casa, e eu sem ter o que fazer, deixei eles entrar). Minha vó começou a me xingar baixinho no canto, falando que eu sou uma incompetente, inútil e imbecil, então no mesmo instante comecei a chora; eles estavam ali revirando a casa, por minha culpa e eu não podia fazer absolutamente nada.

Contudo, um dos bandidos ao ver minha vó Roma falando comigo no sofá, veio por trás, sem que percebessemos, e apontou uma arma, na cabeça dela, automaticamente, no mesmo instante minha vó cai no chão. Olha o que vocês fizeram com ela. Corre, corre, corre a veia deve ter morrido. Louco tu atirou nela. Não, não, eu não sei o que aconteceu, vamos embora logo desgraça, antes que de ruim pra nós. Vó, vó, vó, acorda, por favor, me escuta, vai ficar tudo bem, vó eu estou aqui com você, só por favor não me deixe aqui sozinha.

Desesperada eu liguei para o resgate, chegando lá, levaram ela imediatamente para a sala do médico, mas não me deixaram entrar com ela, pois bem eu sentei em uma cadeira sem saber o que estava acontecendo; sem notícias; sozinha, e em diversas cadeiras que havia, apenas duas estavam ocupadas, a minha; e a de um homem, que tem os trajés, semelhante com a de um mendigo; ele me parece ser muito familiar, tenha a sensação de conhecê-lo; porém meus pensamentos, minha cabeça, só conseguem pensar em; será que a vovó morreu?; será que serei apenas eu, em um mundo grande e gigantesco?; será que se eu não tivesse aberto a porta, talvez não estaríamos aqui, talvez eu não estaria com essa dúvida de ficar sozinha; solitária (e em meio aos meus pensamentos, minhas lágrimas escorriam, mesmo que eu esteja tentando limpá-las, está sendo impassível seca-las com o meu fino casaco rosa). Até que finalmente a notícia veio a chegar.

Capítulo 2 - As fotos viraram cinzas.

As horas se passaram, e a notícia não chegava, o coração na esperança e as lágrimas de uma criança, os momentos felizes eram contínuos, mas naquele momento tudo parecia distinto. E ao chegar a hora a notícia veio a alegrar, vovó já iria melhorar. Oi vó a senhora está bem?; me desculpa, é tudo culpa minha, eu não perguntei quem era, abri a porta rapidamente sem saber o que viria pela frente. Ainda bem que você sabe né menina. Desculpa por favor, a senhora sabe o quanto eu a amo, não foi de propósito. Tá, Tá, não quero saber, quando chegar em casa conversamos; agora me deixa em paz, já basta o caos que fez. Ok, desculpa.

Dois dias após.

Entre, cuidado vó para não se machucar, se apoia em mim. Obrigada; olha isso, minha casa está toda bagunçada, suja e tudo isso por sua culpa. Senta aqui no sofá; vó eu já pedi desculpa. Como se suas desculpas fossem resolver os meus problemas. O que eu poderia fazer para agradar a senhora?. Que tal, começar arrumando a casa!!!. Vai ficar tudo limpinho. Assim espero; começa logo vai; NÃO calma, antes pega as fotos da sua mãe e me entrega. A senhora que vê-las?. Para de enrolar e pega logo. (Subi as escadas, que pareciam uma eternidade, e ao chegar em meu quarto, peguei todas sem excessação, e descii para entrega-las a minha vó). Aqui está, todas as fotos. Obrigada, já pode continuar o trabalho.

Antes de começar a limpar, peguei o avental, a vassoura, minhas luvas, uma toquinha para por em cima da cabeça, e para finalizar peguei o meu aparelho de música.

Comece pelo quarto da vovó, arrumei sua cama, sua estante, e limpei o chão, já no meu quarto fiz o mesmo processo, mas quando estava quase acabando, comecei a sentir um cheiro estranho, como se tivesse queimando algo; preocupada, descii rapidamente para averiguar o que estava havendo. Olhei na cozinha, não havia nada e ninguém; mas ao tirar meu fone, ouvi um barulho estranho, parecido com fogo, vindo do jardim da minha casa, corri em direção, porém quando abri a porta, me surpreendi, ao ver minha vó queimando todas as fotos que dei a ela, da minha mãe. NÃO!!!!!! não faz isso, por favor não. Isso é para você aprender a nunca mais cometer uma burrice, como aquela. Não vó por favor, eu só tenho isso, eu só tenho isso!!!!!! (Corri o mais rápido que pude, até a cozinha e enchi o balde de água, parecia que nem o tempo, nem a água, nem o fogo, nem minhas lágrimas estavam me ajudando, eu só tinha aquilo, minha alegria, meu sorriso, minha motivação era aquelas fotos, e de repente o meu maior tesouro, estava sendo queimado, minha mãe estava sendo queimada, meu coração estava ardendo, para que tamanha a crueldade?, eu sempre faço tudo o que minha vó me pede, tento ser a melhor neta do mundo, mas para que o esforço?, sendo que ela só me machuca com as palavras, atos e expressões, meu Deus o que mais eu terei que fazer para ser amada?, para não me machucar ou para não sofrer na vida?, poxa, eu já não tenho os meus pais, não tenho o amor da minha vó e agora minhas fotos, eu já estou cansada, será que terei que gritar pro mundo ouvir, que eu cansei, que eu não aguento mais?. E em meios a tantos pensamentos, nem havia percebido que o balde já teria enchido. Sai correndo com aquele pesado balde, e quando cheguei no jardim, joguei rapidamente, mas acho que já era tarde demais, todas as minhas fotos com a minha mãe, viraram pó, cinzas, poeiras. Me pus de joelhos na grama e deixei apenas minhas lágrimas rolar. Limpa toda essa sujeira e termina sua tarefa, vou me retirar. Por que?, Porque você fez isso?. Tem como a senhora entender que a culpa não foi minha. Porque vovó a senhora tem que ser assim?, sabia que eu já estou cansada de chorar, de sofrer?. Chega de drama menina, vai arruma essa bagunça logo.

Ela sempre me odiou, ela sempre me fez sofrer, mesmo que eu tenha apenas onze anos, mesmo que eu seja uma menininha, o sofrimento sempre está comigo, já uma coisa contínua em minha vida.

Porém, enquanto limpava aquela sujeira feita no jardim, pela minha vó, parecia que havia, alguém me observando; observando as minhas lágrimas, todo o meu sofrimento, e meu estado de tristeza no momento; por trás daqueles verdes e enormes arbustos. Mas será que é apenas impressão?, ou de fato havia alguém?.

Capítulo 3 - A terrível morte da minha mãe.

Parecia não haver mais esperança, parecia que tudo estava acabado, o meu mundo; a minha alegria; meu sorriso; eu já não enxergava a luz no fim do túnel, a luz que me guiava, me protegia e que me dava forças para continuar nessa longa e extensa jornada. Mas bastou um olhar, bastou eu apenas virar o meu rosto, para encontrar o meu paraíso, a minha felicidade. Levantei lentamente, com os olhos abertos e em direção, ao o que chamaria de a procura de um pequeno sorriso; andei com o intuito de achar algo; e encontrei, um pedaço da foto da minha mãe, ela está bem desgastada, rasgada e um pouco escurecida, por conta do fogo; porém não estou preocupada da forma que ela está, a única coisa que me importa, é ver o seu sorriso, seu rosto; e eu sinto tanta falta dos seus beijos; do seu carinho; dos seus abraços; de acariciar os seus cabelos; faz três anos desde a última vez que a vi.

Era duas horas da tarde, quando eu e mamãe, estávamos passeando pelas ruas de Madrid, pois por causa do seu emprego, não tínhamos mais tempo para passarmos juntas; contudo seu chefe, havia liberado ela naquela tarde. Porém após toda a nossa diversão, estávamos cansada e com fome, paramos no primeiro restaurante que encontramos. Ao entrarmos, minha mãe automaticamente mudou sua fisionomia, parecia não estar muito confortável ou satisfeita, mas contudo continuamos ali; até que um homem branco, de casaco preto e calça jeans, tirou do seu bolso uma arma, e atirou para cima, fazendo um pequeno estrago no teto do restaurante. No mesmo instante, começaram se os gritos, multidões e choros; eu estava com muito medo, tentei me esconder de baixo da mesa, mas minha mãe se levantou rapidamente da cadeira, e permaneceu ali, parada. Ela era única pessoa que estava em pé, fazendo com que chama se a atenção do assaltante. E ele ao se virar pra ela, e vê-la; bem divagar posicionou a arma em sua direção. Mãe, mãe abaixa, ele vai atirar mamãe. Não filha, ele não tem coragem de fazer isso. Você conhece ele?, (da forma que estava convicta, a afirmar que, aquele cara, não lhe faria mal algum, estava a desejar, porque ela estaria tão confiante?, porque ela não se escondeu junto comigo?, mesmo pedindo, ela não se moveu. Será que era um conhecido, talvez um familiar, parentesco?...). Sim, eu o conheço muito bem, (ela saiu de seu lugar e deu um passo a frente), ele não teria coragem de fazer algo trágico. Mãe volte aqui, fica comigo!. Não, não precisa ter medo, você é a única pessoa no mundo, que esse infeliz, vagabundo, nunca, nunca, irá machucar; sabe porque meu amor?, ele esse desgraçado, é; o seu... (Essas foram suas últimas, ela caiu no chão, automaticamente quando, "ele, o cara que não a feria", olhou nos meus olhos, para depois disparar o gatilho, em direção a sua cabeça). Não, não mãe, mãe, não faz isso comigo, não por favor mamãe eu te amo!, eu te amo, mãe não me deixe aqui, não vai embora, fica aqui comigo, mamãe, por favor, EU TE IMPLORO, fica aqui!!!. (Eu não sei de quem foram aquelas mãos, que me afastaram de minha mãe, mas eu não queria sair dali; então comecei a me debater, gritar MAMÃE VOLTA PARA MIM!, e a chorar profundamente, minhas lágrimas pareciam cachoeiras, elas não tinham fim, minha dor não tinha fim; eu não conseguia expressar, nem com as palavras; nem com o meu choro, nem com os meus gritos ou com a minha voz, o tamanho do meu sofrimento, da minha tristeza, e do que eu estava sentindo. Aquele barulho, aquela bala, aquela arma; foi o suficiente para tirar o meu sorriso. Porém, contudo, havia uma única questão; quem era aquele homem encapuzado de preto, que teria tirado a vida de minha mãe?).

Nonod25: A História Nunca Contada

Sinopse: Andrés de Fonollosa ou mais conhecido como Berlim, não é um personagem tão querido pelos fãs e telespectadores da tão famosa série La Casa De Papel, (se ele é seu favorito ou um dos seus, parabéns mesmo que não concordem você tem um excelente gosto) No entanto sua história ainda não foi tão bem contada para que sejam justificados as suas 'barreiras' contra tal personagem. Berlim é um homem frio, calculista,

MACHISTA, orgulhoso e egocêntrico... Será mesmo? E se sim, o que lhe fez ser desta maneira?

Visualizações 109
 Favoritos 4
 Comentários 9
 Listas de Leitura 1
 Palavras 3.029
 Categorias La Casa de Papel

CAPÍTULO 1 Nairóbi... Você e eu concordamos que eu sou machista

...

Mulheres e Bixas Primeiro.

Era verdade, mesmo não vendo grande problema ou algo como um 'pecado capital', tenho que admitir que sempre fui um tanto machista. O que, na realidade, não há mal nenhum não é mesmo? Visto que o sexo masculino é claramente mais iluminado e avançado que o oposto.

No entanto ela tinha mesmo razão, era hora de fazer algo que não fosse para me favorecer, era hora dessa "redenção" que Nairóbi tanto queria, não que eu devesse qualquer desculpa à ela, imagine, mas para que o plano fosse concluído com total e completo sucesso, alguém precisava ficar, e quando digo ficar não quero dizer que é para convercer os policiais à dexa-nos ir embora ou tentar se salvar depois, não, quero dizer que tenha que ficar para terminar o que todos começamos, e infelizmente era eu quem precisava limpar toda a bagunça.

Hey Hey hey

Espera, aonde pensa que vai hum? Combinamos que você e eu ficaríamos juntos ATÉ O FIM!

Estava tão absorto em meus pensamentos que me esquecera de Ariadna e não a vi tentar escapar

Não Berlim, por favor me deixa ir por favor.

Ha, ela realmente não entendia que quando concordou em atender em todos os meus desejos e ficar SEMPRE ao meu lado, era SEMPRE MESMO. Não a culpo, era só uma mulher com falsas ilusões e esperança como as outras. Sempre acreditando que tudo ficará do jeito que querem no final ... Enquanto na verdade é justo o contrário. MINHA vontade é que deve prevalecer. Ela nunca poder...

PAF
 DANE-SE
 PAF
 SEU
 PAF
 DESGRAÇADO
 TIC

Nesse momento ela petrificou, aãh, vagabunda burra, como ela acha que pode me tratar desse jeito? me distribuindo tapas aos montes? Agora vê a arma e se da conta de como é inferior e vulnerável, voltando ao seu lugar. Eu a agarro o braço direito com força lembrando -a

Eu e você somos a Resistência

Preparo a metralhadora que já estava à postos graças à Helsinque, o único que realmente me enxergava como o líder que sou, ah, era um bom homem com lealdade e senso de humor próprios, sentiria falta dele com certeza. Interrompendo meus pensamentos já nostálgicos os desgraçados da polícia invadem aos estrondos o corredor que leva ao cofre, com toda a maneira de agentes especiais do governo, sua suposta autoridade e superioridade, achando que estão trabalhando em prol de um bem maior, à

favor do povo, não que liguem muito para o povo mas mesmo assim se achando os justiceiros da vez como se fossem eles os protetores da nação, vá a merda então todos eles, onde estavam a elite governamental "dedicada à ajudar os pobres e oprimidos" quando era eu quem precisavam? Não. Ratos sujos, só apareciam quando seu precioso dinheiro estava em jogo bem, agora já era tarde. A resistência o tomou seus salafrários.

A metralhadora cuspi a munição à mesma velocidade e intensidade dos gritos agudos e desesperados de Ariadna, iam com força para cima dos policiais, infelizmente nenhuma das balas os atingiram, os covardes se escondias atrás das paredes bifurcadas do corredor.

ARIADNA! CARGA! VAMOS!

Ariadna gritava tanto que seu desespero chegava a me trazer uma sensação estranha, me encomodava ouvir lhe seus pedidos de socorro.

SOMOS ROMEU E JULIETA. SOMOS BONNIE E CLYDE. SOMOS... OS AMANTES DE TERUEL

Gritei enquanto colocava a munição na metralhadora o mais rápido que podia. Sim, éramos como eles, jovens amantes que resistiam à todo tipo de injustiça contra seus desejos, que ficaram inabaláveis e juntos até que o último tiro fosse cuspidos.

CARGA!

Nesse momento os policiais no fundo comentavam algo que não chegava aos meus ouvidos, fosse talvez pela deprimente doença que me consumia. Em meios à seus cochichos ouço-os gritando GRANADA e é nesse momento que mesmo sabendo que morreria uma hora, desejei que essa hora passasse longe, bem distante, somente a idéia de não ser tão invencível como pensava ser me gelava a espinha

CUIDADO VAMOS! VAMOS VAMOS! CUBRA-SE

Agarrei Ariadna levando-a para dentro do cofre e fechando o mais forte que podia com um só braço, abracei-a como nunca antes, protegendo-a da explosão externa que fazia o cofre inteiro chacoalhar e soltar poeira.

Era agora, mesmo me dando arrepios sabia que era agora a hora que tinha me feito permanecer e lutar ao em vez de salvar minha pele de primeira. Eu precisava enfrenta-los e finalizar o plano para que meu irmão pudesse se ver livre de todo o inferno que o seguiria caso eu botasse o pé atrás agora. E não, eu não poderia permitir que ele passasse o resto de sua vida na miséria e infelicidade como tinha sido até então. Era a hora de declarar o grande grito de resistência que nos motivou a planejar e concluir o assalto à Casa da Moeda, era hora de fazer algo que não fosse somente para me favorecer, era hora de não ser tão canalha como tinha sido até então. Precisava me despedir a última vez de Ariadna com um beijo que para mim expunha o máximo de sentimentos que possuía mesmo sabendo que para ela era apenas mais alguns segundos de um profundo pesadelo. Precisava agarrar minha metralhadora e sorratamente entreabrir o cofre, sair de dentro com tanta cautela quanto me fosse possível, e na hora em que ouvisse os desgraçados se aproximando, gritar SURPRESA enquanto os baleava aos montes, eternizando meus momentos no assalto e na vida, acabando de vez com a ansiedade dos que saíram pelo bunker e agora já se encontravam longe.

A cada bala disparada contra eles, três vinham de volta em minha direção, e enquanto perdia gradativamente o ar, minhas pernas ficando bambas, meus olhos se escurecendo, e cada última gota de vida em mim presente se esvaindo, pensava que agora já terminara. Estava feito! Meu irmão finalmente viveria em paz, Helsinque aproveitaria finalmente um pouco de paz e deixaria partir em paz seu companheiro, podendo aproveitar a vida com um pouco mais de gosto. E Ariadna... aquela vagabunda poderia morrer em paz sabendo que seu amor se havia sacrificado por uma justa causa, e então quem sabe um dia até sentiria saudades.

Sim, era a hora tão esperada. Estava feito!

CAPÍTULO 2 – Ajudando mamãe

Engraçado, sempre achei que essa ideia de vislumbrar sua vida em seus últimos suspiros fosse nada mais do que mera ilusão e vã esperança, vi porém que não é como eu

achava. A cada tiro que a metralhadora mandava para cima dos desgraçados da merda da polícia, eu lembrava cada vez mais de minha infância, se é que pode se chamar aquele lixo de época de 'infância'...

* * * * *

Em uma manhã fria como todas as outras, depois de me levantar da cama onde eu mal conseguia dormir por não terem mais que um ou dois lençóis amontoados como colchão, fui até meu guarda-roupa e vesti meu velho uniforme da escola, saí do quarto pronto para descer as escadas em direção à cozinha, quando passando pelo corredor ouvi um barulho estranho no quarto dos meus pais, alguns gritos e risadas, desci, isso era costumeiro. Cheguei à cozinha e fui até a geladeira onde estava o resto da minha janta da noite passada, coloquei ela por um tempo para esquentar no fogão e me preparei para comer, nesse momento vi minha mãe entrando na cozinha, cabelos todos bagunçados e com sua camisola nova.

-Bom dia mamãe

Ela como sempre não me respondeu nada, baixei a cabeça e comecei a comer, foi quando notei um homem estranho descendo as escadas, barba feita, botas ligeiramente novas, uniforme um tanto amassado da companhia elétrica, me encarou por um curto período de tempo, deu um sorrisinho para minha mãe e disse que se ela precisasse de ajuda para pagar mais alguma conta, podia contar com ele. O homem cheirava à cerveja de longe, cambaleava até a porta com um sorriso que... era um tanto estranho. O que esse homem estava fazendo na minha casa? A mamãe estava tão sem dinheiro que precisava de ajuda para pagar a conta de luz, de água semana passada e a multa que o papai ganhou no mês anterior? E como eles estavam ajudando ela? Nossa eles devem ter muito dinheiro e serem muito bonzinhos para estarem ajudando a mamãe sempre. Meus pensamentos se interromperam quando a mamãe ralhou:

-Olha pro teu prato moleque, não tem que comer não?!

Abaixei a cabeça e terminei de comer, peguei minha sacola de pano que estavam quase rasgadas de tanto carregar os livros da escola e me pus a caminho. Enquanto caminhava não conseguia parar de pensar em quanta ajuda mamãe precisava para pagar todas as contas, ela devia precisar de muita ajuda. Eu podia ajudar mamãe, é, mas eu não tenho dinheiro também. E se eu pegasse algum maiô para ela da loja sem ninguém ver? um bem bonito. Ela vivia reclamando para o papai que queria um novo, aquele cheio de rendas e babados da vitrine, bem, isso quando papai aparecia lá em casa. Mas será que ninguém iria me descobrir assim como foi com o Pablo? Ah se ele roubou as frutas do mercado no meio do dia com todo mundo passeando pela rua eu também iria conseguir pegar um maiô da loja sem a moça olhar, mas... menino não usa maiô, como eu pediria para experimentar? Será que eu conseguia arrastar alguma menina para ir comigo? Talvez Lúcia, ela tem cara de que faz essas coisas, ou a Inês ela sempre tem pena de mim. Já sei! E seu eu fosse a noite? Ah, mas estaria fechada a loja, só se eu desse um jeitinho de quebrar a porta que era de vidro, mas todo mundo ouviria nas casas ao lado. Só se...

- Olha só quem chegou, o farrapo ambulante, sua mãe teve que pedir "ajuda" para pagar seus trapos também?

Estava pensando em tantas coisas que nem me dei conta que já tinha chegado na escola, Juan como sempre ficava tirando sarro de mim. Abaixei a cabeça e continuei andando em direção ao portão principal, passei pelo corredor enquanto ouvia os meninos no fundo rindo alto e me chamando de nomes que não são os meus. Entrei na sala, sentei na última cadeira ao fundo e esperei a aula começar. O professor entrou, estendeu seus papéis em sua mesa e escreveu com uma letra garranchosa na lousa: *Ápice da 2 Guerra*. Tenho consciência de que todos odeiam a Alemanha nas atuais circunstâncias, e com razão, mas fico pensando se é realmente um país tão ruim assim, não deve ser não, afinal só por que houveram pessoas ruins no comando não significava que seria ruim eternamente, ou que tinha sempre sido assim, e mesmo que fosse isso não definia o país não é? Afinal há pessoas ruins em todos os lugares, como posso testemunhar.

CAPÍTULO 3 – Caminhando pelo parque

Enquanto cortava caminho para casa pelo parque no meio do bairro não parava de pensar em como me sentia sozinho, sei que já deveria ter me acostumado afinal não é de agora que os meninos implicam comigo, desde o jardim de infância eles me maltratam, chutam, socam, esmurram, batem, estapeiam, puxam minha cueca no meio do pátio, passam cola em minha carteira, assopram bolinhas de papel no meu cabelo, me xingam de burro, jumentinho (mesmo eu sendo o mais inteligente deles todos), lerdo, fedorento, lixo. saco de pancada, é... é uma longa lista.

À anos isso acontece, após 6 anos convivendo com eles já deveria ter me acostumado sei disso, mas é difícil. Queria voltar ao meu primeiro ano de vida quando ainda não os conhecia, claro que não era a belle époque também, meu pai nunca foi muito presente, nem sei bem o motivo ao certo. Quando estava em casa falava pouco comigo embora com muito carinho, acho que é um homem bom apesar da ausência. Em compensação mamãe me vê todos os dias e ainda assim parece que não me enxerga, mesmo quando ainda não convidava seus amigos para ir lá em casa ela não era de falar muito comigo, estava sempre com uma amiga ou saía à noite e voltava cedinho, sempre passando as tardes assistindo à TV ou trancada no quarto. Vivia me dizendo que saísse e fosse brincar com meus amigos, mas acontece que não tenho muitos amigos, na verdade apenas um.

Jorge era meu vizinho e a única pessoa que me entendia, seu pai o batia diariamente, tanto que uma vez o encontrei com o rosto inchado e a boca sangrando no canto de seu quintal , eu o levei para casa, lavei seu rosto, lhei gelo e um pano para escancar o sangue, ele me agradeceu e jurou que se vingaria contra o pai, que um dia ficaria grande e forte, mais que seu pai, a ponto de esmurra-lo mais do que ele mesmo já havia sido esmurrado pelo pai na vida toda. Jorge falava isso com tanto ânimo e brilho nos olhos que imaginei como deveria ser boa essa sensação, de causar dor à quem te aflige à tanto tempo, descontar seus problemas nela até não lhe sobrar nada, nem ao menos ar para poder respirar. era o máximo essa ideia, queria colocá-la em prática assim que possível. Jorge concordou comigo e juntos roubamos chumbinho de seu pai e demos ao velho gato da Sra. Areas que me arranhava desde que me entendo por gente. Enquanto ele sufocava perdendo todo o arzinho que tinha enquanto botava as tripas para fora, me subiu uma enorme adrenalina, uma sensação de prazer, um brilho nos olhos, mas assi que o bixano caiu duro no chão essa alegria se esvaiu completamente. Enquanto Jorge ria e gargalhava alto, lágrimas de desespero me caíram dos olhos. Po que fiz isso? Como pude? Era apenas um pobre gato. Tão indefeso. Ele nunca mais veria a luz do sol e a culpa era toda minha. Eu nunca mais poderia fazer aquilo, nunca. Nunca, nunca, nunca, nunca, nunca.

Essa lembrança me arrepiou a espinha .

Jorge morreu 3 meses depois desse incidente. Fora espancado tanto que não sobrevivera. Seu pai alcoólatra continuava na cadeia até hoje.

Ainda sentia sua falta, sem ele não havia mais como brincar no parquinho, era solitário brincar sozinho, ainda mais quando os outros meninos estavam todos lá e não te deixavam correr junto com eles, nem se balançar ou brincar de qualquer jeito, até seus irmãozinhos mais novos me odiavam, vinham até mim me xingando com palavras sussurradas em seus ouvidos pelos irmãos mais velhos. Juan Sanches era o líder do grupo e me perseguia desde que tinha 2 aninhos de idade, me batia forte na cabeça com a mãozinha gorda de bebê. Isso era o que papai me contava.

Era ainda mais triste quando iam ao parque com suas mães junto, elas o empurravam no balancê e brincavam com eles na gangorra sentadas um longo tempo no chão para que seus pequenos monstrinhos ficassem no alto. Mamãe nunca o fizera.

Pensava tanto nos meninos e suas maldades que nem percebera quando um deles havia saído de trás da uma moita e agora estava parado bem à minha frente. Era Sanches.

-Onde pensa que vai seu jumentinho?

-Estou à caminho de casa

- Fala que nem gente, acha que sou o presidente?

- Deixa eu ir por favor

-Você não vai à lugar nenhum trapo ambulante

Nesse momento Lucas e Pedro saíram detrás das árvores , me encaravam como se fossem lobos e eu um cabritinho indefeso

- Por favor me deixa ir, por favor

- Olha só a mocinha ta explorando agora. Me pede de joelhos que aí eu penso no assunto.

Me ajoelhei devagar, um pé de cada vez . Enquanto encarava seus olhos maldosos meu coração acelerava cada vez mais parecendo que saltaria pela boca. Estava desesperado, eles já eram maus comigo em público o que fariam se estivéssemos sós?

PAFT

Não escutava mais nada, tudo era apenas um zumbido. Abri os olhos e via as árvores na horizontal, havia terra na minha boca e algo escorria dos meus ouvidos, acho que sangue. Me levantei e vi Pedro atrás de mim segurando uma pedra na mão.

Os 3 pegaram meus braços e me arrastaram até a beira do rio Arga, suas água eram calmas porém extremamente geladas, estava frio, quase nevando. me mergulharam a cabeça na margem até não conseguir mais respirar, me puxando de volta arrastaram-me mais a fundo até a água cobrir minha barriga. Enquanto implorava para me soltarem, gritava por ajuda desesperadamente eles mergulhavam meu rosto novamente na água gelada.

Meu ar se esvaia completamente, minhas bochechas ardiavam e meus olhos doíam. Achei que seria meu último dia de vida. eles seguiram me afundando mais 5 vezes, enquanto perdia o ar ouvia suas gargalhadas e xingamentos embaixo d'água, seus risos me rasgavam por inteiro. Por que me odiavam tanto? O que eu havia feito para eles? Pararam apenas quando eu já tinha o rosto roxo e inchado. Me largaram congelando na beira do rio indo embora correndo e rindo bem alto.

-Pensa mais uma vez antes de NASCER da próxima vez otário!!!!

Minha cabeça estava confusa, girava sem parar, todos os sentimentos possíveis dançavam e sapateavam em minha mente, minhas emoções se esvaíam dando lugar somente ao ódio. Se não tivesse me lembrado mais cedo do incidente com o gato acho que o teria feito novamente.

Me levantei tremendo os braços e as pernas, peguei minhas coisas que deixara cair e segui com dificuldade para casa, estava cansado e sem fôlego. Seguindo à passos curtos, o mais lentamente possível para recuperar o fôlego que perdera chego em casa, onde estava escuro e frio, à luz da cozinha estava acesa e a sombra de mamãe era evidente, fui me aproximando lentamente até perceber que mamãe não estava sozinha. havia outro homem junto dela, prensando-a contra a parede enquanto ela sorria com um olhar maldoso.

Na hora em que me viu seu sorriso se desfez e a raiva tomou conta dele. O homem virou as costas e pasmo indagou:

- Você não disse que não tinha filhos?

Nonod28: Mafia x Assaltantes

Sinopse: Após o grande roubo da casa da moeda da Espanha ter dado certo e os assaltantes terem conseguido escapar juntamente com o professor, vão todos para Hom Kong (capital da China), chegando lá, eles se dão conta que a noticia do grande assalto já avia se espalhado por todo o mundo, apesar da maior parte da população serem a favor deles, a elite já não tinha a mesma opinião, oque eles mais queria era encontra-los custe oque custar, prende-los e recuperar todo o dinheiro que afirmam ser roubado. Achando que já não poderia ficar pior, descobre que a máfia mais perigosa e procurada de toda a China estão os-perseguindo, entrando em um grande perigo, não só de perder todo o dinheiro, mas também riscos de perder sua própria vida, ele e todo o resto do grupo. E agora? Oque eles faram? Será que a melhor opção é se rende, perdendo todo o dinheiro, depois de anos e anos de estudo e estratégias, passando o resto de suas vidas na prisão?, ou resistir,

lutando e se arriscando com pessoas da barra pesada, que são de iguais para piores em comparação ao grupo do professor? Como será?!"

Visualizações 53
 Favoritos 1
 Comentários 9
 Listas de Leitura 1
 Palavras 2.447
 Categorias La Casa de Papel
 Personagens Professor
 Tags Ação, Luta, Policia, Revelações, Romance

Amor: Capítulo 1- A máfia.

Após o grande assalto à Casa da Moeda ter dado certo e os assaltantes Rio, Tóquio, Denver, Estocolmo e Nairóbi terem fugido cada um com seus disfarces, o professor e Helsinque terem escapado com o caminhão onde estava todo o dinheiro, despistando todos os policiais, eles se encontram em um Porto onde um navio já os esperava para embarcarem com destino a Hom Kong capital da China. Chegando no navio dividem todo o dinheiro, comemoraram a vitória entre eles, ficam muito felizes por terem conseguido executar todo o assalto, porém tristes, pois deixado para trás 3 grandes amigos.

Dois meses depois de muita euforia, saudade e romance no ar, chegam à Hom Kong, uma cidade completamente diferente com tradições, estilos, linguagens e culturas diferenciadas, onde eles seriam apenas umas ovelhas negras ao meio de tantos chineses, lá se dão conta de que a notícia do assalto à Casa da Moeda da Espanha já havia se espalhado por todo o mundo como: "O maior e melhor assalto de todos os tempos", e é exatamente nessa cidade onde está localizada a maior e mais procurada máfia chinesa. Máfia essa, que é composta por uma gangue de pessoas perigosas e de sangue frio, porém que antes não eram assim, sempre há um porque de todos os atos, de tudo o que fizemos ou ainda faremos. Um exemplo disso é "Kira", a líder da máfia.

Sua infância foi um verdadeiro caos, foi abandonada pelos pais, criada como uma órfã sem amor, carinho, ou ao menos alguém que a conduzisse a seguir o bom caminho. Hoje ela é uma mulher triste e amargurada, carrega em seu coração uma cicatriz do passado, porém não é totalmente fechada, gosta de mandar e elaborar assltos, em alguns momentos até solta uma piada ou uma gargalhada. Tem 25 anos, nascida na China, ela é alta, magra, bonita, cabelos compridos, ficam presos sempre em tranças de boxeadora, tem como habilidade o Kung Fu, e esconde armas e facas por todo o corpo. Foi em seu passado que Kira fez amizades que não foram influenciáveis a coisas boas, ela acabou viciando-se em drogas e entrou ao mundo do crime, onde conheceu seus amigos: Kujosha, Toshi, Shi e Shè-Shou. Esses seus amigos que por coincidência tiveram o mesmo rumo e trajetória de Kira, exeto um, o Toshi, que ainda criança viu seus pais morrerem em sua frente em um confronto de tiroteios onde foi baleado por policiais.

Toshi tem 24 anos, alto, magro, com diversas tatoagens e pirsings pelo corpo; a cada roubo uma tatoagem em seu corpo, como uma forma de lembrança. Executa seus roubos sempre de terno preto, como forma de luto pela morte de seus pais.

Kujosha tem 30 anos, gordo, forte, careca, de barba grande, olhos puxados, tem uma pinta de durão e de que nunca tem medo de nada, sempre executa seus planos em grande estilos com roupas de motoqueiro. Tem uma ótima pontaria e sua perspectiva genial

Shi tem 22 anos, uma semelhança física bem parecida com a de Toshi, pois são primos. É o unico que não tem tatuagens, pirsings ou algum outro tipo de marcas no corpo. É o mais novo da turma, e brincalhão do grupo, é inteligente, conhece a China como a palma de suas mãos, é rápido, ágil e especialista em fugir de qualquer enrascada.

Shè-Shou tem 25 anos, é um homem bonito, atraente, magro, alto, seus olhos são verdes, tem cabelos pretos e escorridos. É o mais obediente e focado em relação aos

assaltos, gosta de fazer tudo minuciosamente certo, dificilmente faz algo de errado. Tem apenas uma tatuagem, e um estilo gótico bem semelhante ao de Kira.

tradução: Kira- Assassina, Toshi- Alerta, Shi- Katana (uma arma antiga japonesa),

Capítulo 2- Resistir é preciso .

Era 19:00horas, uma noite fria e silenciosa, Kira sentada em uma mesa elaborando novos roubos, Kujo-sha limpando suas luxuosas coleções de armas e pistolas, Toshi fumando no sofá com a companhia de Shi, que bebia uísque assistindo as reportagens e notícias de seus perigosos assaltos; enquanto isso Shèshōu sentado na janela apreciava as belas estrelas do céu que iluminavam aquela noite, com a companhia de um cigarro e um copinho de vodka, como sempre pensando em Kira. E foi exatamente às 19:30 onde Toshi e Shi se deparam com a grande noticia.

- Um grupo de grandes assaltantes cujo a maioria já foram identificados, roubam a casa da moeda da Espanha, um dos locais considerados mais protegido do mundo. Foram mais de 110 horas de assalto roubando cerca de 900 milhões de euros; de acordo com a policia militar fugiram para a China com uma falsa identidade, á registros que digam que se encontram aqui em Hom Kong...

Imediatamente Shi chama todos para assistirem oque a repórter dizia, após ouvirem toda a noticia de todos os planos do professor e depoimentos deixado pelas vitimas, a pulsação de Kira aumenta rapidamente, com muita atitude e determinação ela diz:

- Essa é a nossa chance !!! Vamos roubar toda a grana desses otários! Sera fácil acha-los, vamos ficar mais ricos do que nunca, mostraremos para esses babacas quem somos nós e oque é roubo de verdade, terão uma grande surpresa.

Porém oque eles não imaginavam era que isto chegaria a ouvidos do professor.

9:00 da manhã...

Professor acorda, prepara a mesa, e vai tomar seu café, logo em seguida chega Tóquio e Rio.

- Que felicidade essa sua professor, sonhou com a Raquel hoje,?.

-Bom dia para você também Sr.Rio! E respondendo sua pergunta eu sonhei sim, por sinal foi um belo de um sonho, amo muito a Raquel, penso nelas todos os dias... Em seguida chega Denver e Estocolmo (Mônica).

- Bom dia!. Diz eles bocejando de sono. E após chegar Nairobi e Helsinque, o celular do professor toca.

-tiriririm, tiriririm.

Era um número desconhecido, mesmo assim resolve atender, sem se identificar, uma voz anônima dizia:

- Vocês estão sendo perseguidos pela mafia, cuidado! se não tomarem alguma atitude perderão a vida e o dinheiro, escute oque eu digo, quero ajudar vocês, meu nome é...

-Piiiiiiiiiiii. A ligação cai.

O Professor imediatamente congela, Tóquio percebe o jeito estranho do professor e pergunta a respeito da ligação, ainda muito confuso e sem entender o que estava acontecendo não diz muita, é curto e grosso.

- Era engano, nada de mais.

O clima já não mais o mesmo, todos percebem que algo de errado tinha naquela ligação. Ele se retira da mesa e vai direto para seu quarto, pensa e se questiona, o que era aquela ligação?, quem era?, será que tudo isso era verdade?, ele já preocupado resolve investigar.

13:15 da tarde...

Sai para almoçar em um restaurante pouco movimentado, não muito longe do local onde se escondiam. Já para esporecer a cabeça vai andando lentamente, depois de virar a esquina vê que logo atrás tinha um casal de namorados e um homem de preto, chegando no restaurante percebe que o casal havia passado reto, porém, o homem de preto faz diferente, entra justamente no mesmo restaurante onde o professor estava, até então acha normal, pensa ele, que é um homem qualquer apenas indo almoçar como ele, terminando de almoçar se retira do restaurante, a caminho de volta para o esconderijo, escuta uma voz de mulher.

- Moço, moço, o senhor deixou algo cair!. Ela diz o chamando .

Ele olha para trás, e lá estava ele, era o homem de preto que havia entrado no seu mesmo restaurante, o professor olha para o homem disfarçadamente, vira para a frente e continua caminhando, aumentando o ritmo de seus passos, entra em uma lojinha qualquer, para ter certeza que ele estava o seguindo, e como o imaginava, o homem de preto entra também, e é quando ele se dispersa com a vendedora da loja.

- Olá senhor, boa tarde!, pode ficar a vontade, o senhor precisa de alguma ajuda?. Neste exato momento o professor consegue escapar, despistando do homem que o seguia.

Ele chega em casa tira seus sapatos e pendura seu terno, com a ligação e o homem ao seguir, tudo se encaixava, agora o professor já tinha a resposta mais importante nas mãos, pois realmente avia algo perseguindo ele, sendo assim a ligação era realmente verdadeira.

Capítulo 3- Em mira de tiros.

No dia seguinte, o professor decide reunir seu grupo e explicar o que de fato era aquela ligação, e o que realmente estava acontecendo, após conversar com todo o grupo, ele diz seu ponto de vista, sua opinião, e decide reagir, ou melhor, se proteger o quanto antes pois não sabem quando e como eles virão.

Enquanto isso na casa dos mafiosos...

-Eu não posso acreditar que isso esteja acontecendo, seu incompetente desgraçado filho da puta, como você pode deixar isto acontecer,?

-Desculpe chefe, tentei ser o mais discreto possível, ele me pareceu ser muito esperto, entrou em uma loja e acabei me distraindo quando a vendedora me esbarrou, depois perdi ele de vista, mas não se preocupe eu já...

-Cale a boca, não quero mais ouvir sua voz, a esta altura do campeonato ele já deve ter descoberto, agora se quiser que o plano de certo precisaremos ser mais inteligentes do que nunca. Só te digo uma coisa: Eu te dei uma ordem, e você não o executou como eu gostaria, como já deve saber não gosto de erros, se não me mostrar competência desde já, vou tirar você de meu grupo pois aqui ficam apenas os melhores, não tolero Criança ou moleques incompetentes.

Era ele, o Shi que avia recebido uma ordem de descobrir onde o professor e seu grupo se escondiam, acabou não tendo bons resultados, decepcionando sua líder Kira e deixando-a furiosa. Ele tendo total consciência disso, resolve provar que tem sim competência e que merece permanecer na máfia, fazendo com que Kira engolisse cada uma de suas palavras; Shi consegue hackear as principais câmeras de segurança da cidade, tendo acesso as filmagens de lojas, ruas e centros da cidade, assim ficaria fácil de achar o esconderijo.

No seu quarto sentado em sua cadeira, com seus olhos e sua mente total concentrada na tela daquele computador, pega um mapa, e localiza os principais pontos das ruas onde o professor avia passado naquela tarde; marcando assim o tamanho da área onde ele provavelmente se esconderia, assistindo as filmagem das câmeras, acompanha passo a passo a caminhada do professor, ele vê que após sair da loja o professor segue reto, vira a esquerda, três quadras depois ele vira a direita e entra em um estreito portão. Era lá!!! Shi avia conseguido achar o esconderijo do professor, ele ansiosamente grava tudo em um CD e corre rapidamente atrás de Kira. Ela estava na sala conversando com ShèShōu; Shi muito orgulhoso de si mesmo, interrompe a conversa.

-Kira, kira, trago boas noticias, consegui localizar a casa onde eles se escondem, fica em uma rua bem pouco movimentada, uma casa bem escondida um portão pequeno e estreito, tenho todas as filmagens gravadas no CD, e antes que pergunte como consegui, foi simplesmente hackeando as câmeras de segurança da cidade; confesso que foi um pouco trabalhoso porque nunca tinha feito isso antes, mais esta ai, mesmo eu tendo falhado de primeira me sentir na obrigação de cumprir com suas ordens.

- Muito bem Shi, estou bem surpresa com sua determinação e inteligência, confesso que avia me decepcionado bastante com você, mas agora, podemos colocar o plano em pratica e tudo dara certo, pelo menos é o que eu espero.

Kira por um instante se cala, inclina-se em direção a mesa olha para todos aqueles seus papéis com as anotações de planos e estratégias.

- Pensando bem, tenho absoluta certeza que estamos prontos. Não vamos mais perder tempo: ShèShōu chame o resto de meus cobaias, avise-os para que se armem até os dentes, prepare a Combe, pois, chegou a hora de nos divertimos um pouquinho.

00:50...

- Não, por favor, me deixa sair, socorrooo, por favor naaaaaaaaoo...

Uma voz perturbadora e desesperada ocupava a mente de Tóquio, ela acorda, suada e com uma respiração ofegante, se acalmando aos poucos percebe que foi apenas um pesadelo; não conseguindo pegar de volta ao sono, desce as escadas em direção a cozinha, toma um copo d'agua; de costas, escora-se na mesa da cozinha, tomando sua água lembra daquela ligação, e o que o professor dizia, derepente, um som estrondoso sangrava seus ouvidos.

- Boooooomm, avançar!, avançar!,

Tóquio vendo que aviam arrombado a porta, corre rapidamente para cima; Todos já acordados com o barulho do arrombamento, Tóquio desesperadamente diz.

- Estão invadindo!, Estão invadindo!.

- Peguem as armas, as pistolas tudo oque houver, eles querem o dinheiro! Vão todos para o porão, se protejam, matem se for preciso... Precisamos sair daqui, depois voltamos para pegar o dinheiro.

O professor sabia oque estava dizendo, de fato, oque eles tinham que fazer era fugir dali, pois ninguém, a não ser eles, sabiam que os euros estavam escondidos no porão. Após os mafiosos entrarem, vai avançando aos poucos, e se surpreendem ao ver o tamanha q era aquela casa. Uma casa perfeita para o professor, onde por fora era quase não vista, que não chamava atenção alguma, mas que por dentro tivesse o total conforto, fosse espaçoso e luxuosa.

Vão descendo lentamente, atentos a qualquer movimento, o professor comandava a frente do grupo;descendo as escadas se deparam com os mafeiosos, o professor, vendo que estava em maioria com uma voz calma e lenta, porem ao mesmo tempo ameaçadora ele diz:

-Abaixem as armas agora, se não as coisas não acabaram muito bem.

Kira então abaixa a arma vai se aproximando aos poucos dizendo:

-Calma meu colega, não vou fazer mal a vocês, queremos conversar, tenho uma proposta: Eu posso te ajudar a sumir deste país, terá a total liberdade, com nenhuma pessoa se quer perseguindo vocês principalmente os policiais, em troca disso você me dará a metade de toda sua grana, entao, o que me diz?

-Áh, então você deve ser a líder não é mesmo? Isso me surpreendi sabia?

Então Kira puxa o braço de Estolcomo, agarra-a e aponta sua própria arma na cabeça dela fazendo-a de refém. Kira não se contentaria apenas com a metade dos euros, e mesmo que o professor aceitasse a proposta, ele com certeza não entregaria tudo assim de mãos beijadas, isso seria tudo uma enrascada para os mafiosos.

Tinha sido tudo uma conversinha passa tempo, para pegar o peixe mais fácil e fraco. Vendo que Estolcomo corria perigo, Denver aponta a arma para a cabeça de Kira dizendo para solta-la, ela diz que soltará apenas se disserem onde está o dinheiro. ShèShōu

após ver Kira sendo ameaçada, aponta sua arma na cabeça de Denver. Todos a mira de tiros, um com a arma na cabeça do outro, em uma enorme tensão o professor já sem saber o que fazer, Tóquio brava e já sem paciência SOLTA UM DISPARO!

Nonod29: O depois de "La Casa De Papel", ou de qualquer outra coisa

Sinopse: Logo após o maior roubo da história da Espanha Salva (Salvito ou Professor), e seus amigos/nova família, descobriram uma pequena falha no passado de Salva

Será que vocês conseguiram me pegar???

Visualizações 95

Favoritos 3

Comentários 4

Listas de Leitura 1

Palavras 1.905

Categorias La Casa de Papel

Personagens Personagens Originais

Tags Histórias Paralelas

CAPÍTULO 1 – O término e o começo da história

Com licença senhor, você teria um carregador para me emprestar? Pergunta Raquel ao balconista.

Então um homem de terno branco com um sorriso se vira para Raquel e diz....

-Bem... Eu não tenho carregador para de emprestar, mas se quiser pode usar o meu celular...

E assim que o professor ou Salva (ou Salvito como o chamo), encontrou o amor de sua vida, a mulher por quem avia se apaixonado perdidamente e que quase FERRO! Com o plano todo por causa dela! (desgosto TOTAL, ela nem é bonitaaa!!!).

Bem você deve estar confuso agora certo???! A achando que sou uma louca, psicopata,maníaca, doente ou uma perseguidora "apaixonada" pelo professor. Né?! Bem...posso ser louca sim, maníaca e perseguidora só virei agora para a informação de vocês!

Ah!! e já ia esquecendo, sim, eu também sou doente, mas não mentalmente e sim fisicamente, pois desenvolvi uma doença que é uma herança de família. Não é uma das melhores heranças que alguém pode ter,mas fazer o que né?

Ah! Que grosseria eu nem me apresentei. Meu nome é... não pera não importa agora mais tarde eu falo, por enquanto podem me chamar de ALASKA. E pra ser mais direta ao ponto essa história é minha mais precisamente de como minha vida chegou ao fim, mas foi um dos melhores finais q eu poderia imaginar para mim.

Bem por enquanto é só o que vão saber de mim e vão tirando suas próprias conclusões, mas já vou avisando que eu sou fria e até demais para uma garota de 18 anos então sinceramente, não me importo se gostarem de mim ou NÃO!

Continuando...

Raquel então da um suspiro como se estivesse aliviada, como se algo que deixava ela perplexa avia aca- bou e depois deu um sorriso aquele tipo de sorriso que toda mulher da que acaba com todo tipo de homem.

-Bem já que você está aqui agora. Por que não começamos de novo? Diz o professor ou Salva.

Então assim eles começaram a se entender de novo, o Salvito meu...ahh quer saber deixa pra lá enfim, ele começou a explicar mais detalhadamente para Raquel como foi exatamente sua infância, como era o n... seu pai, como descobriu o plano, o colocou em prática, escolheu seus comparsas e tudo mais que imaginarem sobre sua vida ele contou. O

que na minha opinião foi uma BURRICE ÉPICA, pois como ele pode ter certeza que ela não vai o trair PELO AMOR DO UNIVERSO ELA É UMA EX POLICIAL!!!!

Mais, pelo menos ela também fez o favor de contar tudo sobre ela e é bom mesmo pelo menos consegui adquirir mais informações sobre ela, posso até me gabar dizendo que já “a conheço” a umas 7 horas ou 8 horas mais ou menos, já que fiquei seguindo eles por um BOOOM!!! tempo seguindo eles.

Bem eles conversaram muito sobre muitas coisas, discutiram, analisaram e chegaram a algumas conclusões sobre o que eles estavam conversando (claro! o que mais seria em Alaska).

Como já era de se esperar também, embora tenha demorado mais tempo do que eu tinha previsto, Salvito notou minha presença no seu pequeno passeio/ entendimento com Raquel.

Acho que vocês podem estar um pouco curiosos do porque eu chamo o Sérgio (Professor) de Salvito, bem 1º porque eu acho Salva melhor que Sérgio e 2º é um apelido carinhoso né então porque não coloca-lo no diminutivo tbm não é mesmo?!

Continuando...

Com o passar das horas, apesar de Salvito já ter me notado, conseguir bem sorrateiramente chegar perto da bolsa da Raquel e colocar um celular descartável. Com certeza mais cedo ou mais tarde ele notoria e vai ser ai que poderemos conversar melhor, mas provavelmente eu consiga provoca-lo a ficar um pouco alterado em seu humor, por estar envolvendo a sua AMADA Raquel

HA HA HA HA HAA!

CAPÍTULO 2 – O começo que veio do fim

Bem, depois do grande dia que Salvito e Raquel tiveram juntos e voltaram (óbvio) para o quarto etc, etc e vocês já imaginam o que aconteceu, mas! Como eu sou eu! não podia deixar eles dormindo em paz então... logo comecei a brincadeira.

Como disse antes para vocês no capítulo anterior deixei um telefone descartável, para ele me ligar, e sinceramente na bolsa não deu certo o desgraçado jogou fora (grr q ódio), mas esse tipo de coisa é barata então... foi só comprar outro e coloca-lo na janela do quarto em que eles estavam. Que na verdade devia ter feito isso antes de colocar o outro celular na bolsa foi perda de tempo, mas também coloquei achando q ele iria falar pra Raquel ou comentar algo sobre eu estar "perseguido" eles.

Confesso que nossa conversa foi bem confusa, mas... É... na verdade eu não sei o que dizer até eu NÃO ENTENDI porque ele ficou tão P da vida comigo, eu nem comecei a atormentar eles direito e o que achei mais estranho é que não é normal o Salvito se estressar assim tão rápido. Mas enfim quando eles chegaram no quarto foi mais ou menos assim q aconteceu:

O telefone que deixará na janela foi uma boa idéia (sem querer me gabar, mas foi boa mesmo).

Trin, trin, trin

-O que você quer? Já está me infernizando o dia todo me seguindo, observando. Quem é você?! Se...

-Olha a boca cuidado com as suas palavras Salvito, embora seja ridículo e estranho alguém falar isso, mas tenho meus princípios contra palavrões, OK?!!

-Você acha mesmo que pode me colocar contra a parede ou me deixar com medo, só porque sabe usar bem as palavras??!! AHH me dê licença cara!

-Primeiro não é “seu” e sim “sua” e não é cara é moça! Sacou Tio?

-Eii, não sou nada seu para me faltar com respeito! E outra você é muito burra viu já me revelando que é uma moça fica mais fácil deu te descobrir.

-Ha Ha Ha, me descobrir? Hmmm duvido muito Salvito, ahh vem cá você prefere Salvito ou Sergito (risadas de deboche), porque sabe você é um tipo de pessoa que tem dois nomes então...

-CALA A BOCA!!! Pare de enrolar cacete me diga o que você está fazendo ou o que você quer de mim?!!!!???

-Agora sim! Finalmente, até que aqueles assaltantes fizeram você se expressar melhor sabia?

-Pera o que? Eles... ahh que se dane você tá desviando do foco!

-Foco! Mais eu nem falei nada sobre focar em algo

-Falou sim!

-O que eu falei então Salvito?

-Quando eu perguntei aquilo

-Ahhh sim! Claro, bem você falou exatamente o que eu queria q no caso está certo. Eu quero e preciso de algo de você, acho que você tem alguma idéia né?1

-Sim, já tenho!

-AHH então ótimo! Que a diverção começe

CAPÍTULO 3 – Ponta do icebergue

Na mesma noite...

-Bem, não quero gastar meus créditos, se é que me entende NE? Então adeus Salvito.

-Espera!!! Você me segue o dia todo, me faz sentir desconfortável em um momento em que eu estava transbordando de alegria e amor, me liga no meio da noite me inferniza ri e brinca com a minha cara. VOCÊ ACHA QUE É QUEM MENINA?!??

-OLHE BEM O TOM Como você fala comigo Sergio, até agora fui legal com você pode acreditar nisso, se quiser claro, mas enfim a nossa conversa fica para próxima adeu... ahh ia me esquecendo é melhor você alertar os seus amigos Ok?

-Pera o que por que? Sua louca

-Ué você acha que é só o seu paradeiro que eu conheço?

-Não cheguei a te ver ainda, mas tenho impressão que você não parece uma menina normal. Você fala com ódio mais ao mesmo tempo calma, fala logo O QUE VOCE QUER??

-Aiii como você é chato! Você acha mesmo que eu vou falar agora? CLARO QUE NÃO! Preciso de todos juntos, mais uma coisa você deduziu rápido, eu falo calma mais tenho muito ódio para descontar. Ahh não se preocupe não vai ser na sua amada nem nos seus amigos

-Amigos? A gente só...

-Ah ok família então

- Não espera eu não quis...

-Enfim adeus agora Salvito!

-Adeus? Mas adeus quer dizer abandonar e esquecer.

-Ahh sim concordo, mas eu considero 'adeus' como 'uma próxima', entende?

Bem tenho que ser sincera fiquei tão! Tentada a falar tudo para ele nesse nosso 1º diálogo (um diálogo bem complexo), mas tenho um plano para seguir e não destruir com atos de pura imprudência, colocados em prática no calor do momento. O que eu não esperava que ele percebesse é o meu ódio, cada vez me surpreendendo Sergio!

Sabe... as pessoas dizem "paz e amor, não podemos ter ódio no coração", eu digo, 'QUE SE DANEM'

Acho uma IDIOTICE E HIPOCRISIA!!!, falarem pra eu ter paz SENDO que a metade da minha vida, foi puro ódio e tem gente acha que ainda to errado. Assim queridos vocês não me conhecem, mas que bom que vocês me vêem como uma pessoa rancorosa é exatamente isso que é pra vocês verem mesmo. E outra com 9 ou 10 anos notei que amor pra mim sempre uma bola de espinhos então meus caros, que seja o ódio aquilo que irá me salvar. Troquei minhas dores pelo ódio e aquelas feridas no peito, puff, sumiram.

Não me julguem só porque considero o ódio minha salvação, vocês nem ouviram minha história ainda.

Minha vida não foi nenhum pouco fácil, tenho todos os motivos q vocês podem imaginar para estar no mundo dos crimes muito cedo, mas eu gosto dele me faz sentir vitoriosa e com poder e a grande oportunidade de rir e se vingar de todos que foram contra eu em todos os sentidos e pra eu ter me tornado assim foi graças a uma luz que apareceu

na minha vida (Não é o Salvo se é isso que estão pensando), e sim uma pessoa que temos em comum e essa pessoa cuidou, me criou praticamente, me ensinou e acreditou em mim como ninguém jamais acreditaria e para honra-lo agora, preciso da ajuda de Salvo e seus amigos que vão ser de grande ajuda com suas habilidades e personalidades intrigantes para mim, mas... ainda não estou confortável com esse plano e não acho que ele poderá dar tão certo, pois tem aquela policialzinha metida no meu caminho não confio nela nem ferrando mais se ela não estiver junto Salvo provavelmente não vai estar também e junto com ele nenhum dos seus também e tudo pelo que eu corri atrás vai desmoronar sem nem mesmo antes eu conseguir construir.

Mas enfim, vou me livrar dela de um jeito ou de outro não gosto dela e se eu não gosto de uma pessoa ela some do mapa mais com ela vou ter que aprender a ter uma paciência semelhante com a de Deus, não que eu acredite nele mais sabe como que é né? Querendo ou não alguém sempre vai ouvir falar algumas coisa sobre Deus (mesmo que não goste ou acredite), esse Cara é mais famoso que não sei o que acho tão engraçado! Toda pessoa na terra já deve ter ouvido pelo menos a palavra "Deus", e ainda falam que Ele é uma história pra adulto se contentar com seus erros, eu não sei se ele existe não tenho certeza de merda nenhuma na vida vida, mas eu acho que uma pessoa (se Ele for uma pessoa né) com essa fama tem que existir mesmo porque não é possível ter tanta fama assim né?! Pelo amor né gente!!

Bem vocês viram que eu puxo vários assuntos aleatórios não é?!

Nonod31vm: La casa de papel

(O ALUNO-SUJEITO NÃO ENVIOU OS TEXTOS)

Sinopse: Naquela brisa do mar com o vento bem calmo comecei pensar por que não fazer outro assalto.

já faz três anos que fiz aquele assalto na Espanha. Aquele assalto o maior já feito na história do mundo até hoje eles não tem nenhuma pista sobre quem cometeu o assalto. Acho que já esta na hora de praticar outro assalto já tenho um lugar em mente. Um museu de arte com um uma das obras mais aprimoradas do planeta um vaso valioso agora falta uma equipe qualificada para cometer esse plano, já tenho uma equipe em mente só falta encontra eles já tenho uma idéia de onde eles pode estar vamos começar o plano.

Visualizações 35

Favoritos 2

Comentários 3

Listas de Leitura 2

Palavras 879

Categorias La Casa de Papel

Nonod32: La Casa de Papel

Sinopse: Vai falar sobre o reencontro dos assaltantes e o que eles planejavam.

Visualizações 104

Favoritos 2

Comentários 7

Listas de Leitura 1

Palavras 923

Categorias La Casa de Papel

Cap 1 Olhar do Professor

Eu e Helsinque fomos até o porto de Valencia, Espanha demoramos umas quatro horas e meia para chegar no caminho fui falando o que iria fazer para Helsinque, vou comprar uma bonita casa e fazer uma sociedade com um grande empresário para investir meu dinheiro e não precisar fazer outro plano ou trabalhar.

Comprarei uma casa em um lugar específico um local bonito com poucas pessoas e esperando somente meu amor quem sabe ela aparece e que seja por amor verdadeiro, esperarei ela todos dias e amarei somente ela.

Perguntei o que Helsinque iria fazer e ele disse:

- Não quero ficar sozinho então quero que a Nairóbi aceite minha proposta de ficar com ela e posso ajudá-la a resgatar seu filho também que viajar até a Rússia para visitar meus pais e ajudar eles com dinheiro, comprar uma bonita casa ou apartamento para eles e para mim.

Enfim chegamos até Valencia e avistamos Denver, Mônica e os Sérvios eles estavam esperando o carregamento de dinheiro, levamos os dinheiro até um barco onde fomos até Marselha, França demoramos uma duas horas, parabeneizei os Sérvios por conseguirem tirar a Tóquio do camburão.

Fomos conversando e bebendo com muita alegria, para mim a ficha não tinha caído que nós conseguimos executar o plano mas eu não esperava a morte de Moscou, Oslo e meu irmão Berlim.

Agradei a Mônica por ficar do nosso do lado e falei que Denver é uma ótima pessoa e que ele vai cuidar muito bem dela e desse filho e pedi para cuidar dele por mim.

Chegamos até Marselha e vimos todos felizes e pensando para onde vão, bebemos bastante comemoramos e dividimos o dinheiro.

Conversei com a Tóquio e perguntei o que ela iria fazer e ela disse:

- Vou morar com o Rio festejar bastante viajar o mundo praticar um esporte radical porque necessito de adrenalina, não penso muito em ter um filho mas quem sabe? E ter uma casa muito grande, linda em um lugar isolado para ter paz e uma casa em uma cidade grande para festejar bastante sair para beber e viver minha vida com o Rio.

Nos despedimos e cada um vai para um lugar eu vou rumo a minha cidade e claro esperar minha amada e tentar fazer todos meus planos pra minha vida.

Cap 2 Planos

Depois do assalto vou rumo a Marselha e depois de três horas de viagem a uma cidade isolada e resolvo pesquisar onde está meu filho em uma lam house vou procurando e vi que ele passou por várias casas de adoção até que depois de uma hora descobri que ele foi adotado e acho a cidade onde ele está, é perto de onde estou então resolvi ir até lá no caminho penso se eu só passo em frente se tento falar com ele, sinto uma vontade de chorar por saber onde ele está, fatalmente chego onde ele está paro em um posto e pergunto onde fica a rua onde meu filho mora e ele diz:

-Na quinta rua a direita

Quando estou indo um carro de polícia me para, fico tensa e com medo mesmo sem eles saberem que eu participei do maior assalto da Espanha, eles me revistam olham a moto em mandam eu continuar, sinto um alívio muito grande e paro de suar.

Chego a rua de meu filho e vou procurando espendo ver ele, quando vejo ele brincando no quintal da casa naquele momento sinto várias emoções e começo chorar quando ele escuta o barulho da minha moto ele é acena e fala que gostou da minha moto pergunto se ele quer dar uma volta ele aceita dou me capacete para ele coloco ele na minha frente e dou um abraço e começa a escorrer lágrimas em meu rosto e ando pela cidade com ele e ele gosta muito deixo ele em casa pois vejo que ele está bem lá e depois vou buscá-lo ele me dá um abraço e se despedimos.

Agora vou rumo a Marselha buscar o dinheiro para comprar uma casa e buscar meu filho depois de uma hora e meia chego em Marselha lá dividimos o dinheiro vejo todos felizes e bebemos e festejamos aproveito e converso com o professor e falo que achei meu filho e se ele me dá umas ideias para que eu possa ficar com ele sem ninguém me

atrapalhar e me achar é ele dá umas dicas e agradeço muito ele e se despedi de todos e vou o mais rápido possível comprar uma casa para resgatar meu filho.

Cap 3 Denver

Sai do esconderijo com minha amada demoramos três horas e meia para chegar em Valencia pensando onde eu e Mônica iríamos morar e depois como criar um filho e ainda mais sem ajuda do meu pai.

Sinto saudade dele é apesar de tudo que ele fez ele é melhor, penso em colocar o nome de meu pai no nosso filho.

Estou feliz por concluir o assalto e conseguir uma esposa, quando saímos da Espanha vou fazer um lindo casamento para Mônica, comprar uma casa com quintal grande para nosso filho,mas ainda vamo ver onde vamos morar.

Pergunto ao motorista se já estamos perto do destino e ele fala que chegaremos em 15 minutos, abro um sorriso e dou um beijo em Mônica e na expressão dela vejo um sorriso está suando um pouco, pergunto se ela está com medo?

- Não apesar de tudo que está acontecendo estou tranquila.

Chegamos ao porto de Valencia e ajudei o Professor, Helsinque e os Sérvios e dividimos o dinheiro comemoramos e fomos todos pra suas cidades.

Nonodv33: Asian Tower Bank

(O ALUNO-SUJEITO NÃO ENVIOU OS TEXTOS)

Sinopse: Jeongyeon decide seguir o plano que sua mãe havia passado anos desenvolvendo-o. Junto a ela, 8 garotas se tornam cúmplices desse plano. Qual o plano? Assaltar o maior banco da China, deixando assim o país inteiro em caos.

Será esse o novo maior assalto da história do mundo? Apenas em Asian Tower Bank resolveremos esse mistério.

Visualizações 4

Favoritos 1

Comentários 0

Listas de Leitura 0

Palavras 986

Categorias La Casa de Papel, TWICE

Personagens Jungyeon, Personagens Originais

Nonod36: Vivendo na Berlinda

Sinopse Vivendo na berlinda é a história de Tokio, menina que desde sua concepção teve que lutar pela sobrevivência. Tokio recebeu de Deus o maior presente de sua vida, Daiana, seu anjo da guarda, lutou muito para sua sobrevivência, mas enfrentou seus maiores pesadelos ao lado de sua filha. Esta é uma história eletrizante, na qual cada parágrafo te deixa extremamente curioso com que vem a seguir.

Visualizações 64

Favoritos 3

Comentários 9

Listas de Leitura 1

Palavras 4.176

Categorias La Casa de Papel

Personagens Tókyo

1º Capítulo – Crueldade e beleza

Olá, me chamo Tokio, isso mesmo como a capital japonesa. Fiquei famosa por aquele assalto La Casa de Papel, mas não é sobre isso a história que contarei, até porque essa você já conhece. Vou te contar como cheguei até isso, meus medos, meus traumas, minha infância, como nasci. É tudo tão surreal, que às vezes me parece um sonho, sonho não, um grande pesadelo, do qual vou acordar a qualquer momento.

É a minha história, meus problemas, minha família, meu pai, meus irmãos e minha querida mãe que mesmo com toda dificuldade optou pela minha sobrevivência. Nossa são tantas coisas que quero compartilhar com vocês, que talvez não haja palavras o suficiente.

Continue lendo, porque esta trama fica cada vez melhor.

Olivia Santana, jovem, muito jovem, bonita, estudante do primeiro ano do curso de Direito, com um futuro brilhante pela frente, namorada do cara mais popular da faculdade, sabe aquele carinha que toda garota quer, lindo, inteligente, com grana, vida estável, terminando já o curso de Direito, filho de pais muito bem sucedidos na carreira jurídica, Enfim, não tô aqui pra falar de Eduardo Vicente. Olivia Santana, essa sim, é o nosso assunto, engravidou, e por conta de tudo isso que eu já te contei, não podia ser mãe, a questão não é nem que ela não podia, mas sim, que ela não queria, decidiu então esconder a gravidez de Eduardo Vicente, mesmo porque ele jamais me aceitaria.

Com a desculpa de arranjar um trabalho em Madrid, Olivia Santana trancou o semestre da faculdade, e foi terminar a gestação numa casinha no centro da cidade.

Era inverno dos anos 2000, pra ser mais precisa, 21 de janeiro de 2000; em Madrid fazia uns 5°C, frio de verdade, pra piorar a situação, chovia bastante, Olivia Santana (ela sempre será Olivia Santana, pra mim sempre será uma completa estranha, e gente estranha a gente chama pelo nome e sobrenome) sentiu fortes dores, e como um espirro eu nasci, rápido assim, sem muito romance, ela mesma cortou o cordão umbilical, me limpou com uma camiseta suja que estava ao seu lado na cama, me pegou no colo, sem afeto, só me olhou de longe, não sei se é sonho ou realidade, mas eu me lembro do olhar de Olivia Santana, desprezível, só me lembro disso da minha mãe biológica, soube tempos depois que ela me colocou numa caixa de papelão e me largou a minha própria sorte.

Ali estava eu, debaixo daquela chuva, no frio, sozinha, precisando de alguém para que minha vida continuasse, foi neste momento que minha vida realmente começou. Meu anjo da guarda apareceu, Daiana Perez, um anjo sem asas, mas que foi enviado por Deus pra me cuidar. Daiana Perez passou pela caixa de papelão e me ouviu chorar, se apaixonou por mim no instante em que me viu, minha mãe tem um coração do tamanho do mundo, tão doce, me pegou no colo e decidiu me levar para casa como sua filha. Minha mãe era casada com Juan Manuel Perez, ele jamais aceitaria que ela me levasse pra casa deles, então como já havia se encantado por mim decidiu me esconder no porão da casa, pois lá ninguém me veria ou desconfiaria que eu estava ali.

Mas é claro que eu não seria um bebê para sempre, o tempo passou e eu cresci, quando comecei a andar, mexia em absolutamente tudo, não parava um segundo quieta, já estava perigoso eu ficar no porão, então minha mãe tomou coragem e me levou para cima, foi neste momento que eu fiz parte daquela família. Assim que minha mãe subiu a escada do porão, Juan estava na porta que dava para entrada da cozinha, e apesar de não dizer nada, eu percebi que ele não havia gostado nada da idéia de ter uma filha, a final de contas, naquela casa onde tudo era muito precário, moravam minha mãe,

meu pai, meus dois irmãos Tiago e Murilo e eu. Era uma casa muito antiga, com muitos reparos por fazer, faltava luz com frequência, às vezes água, e quase sempre faltava comida, meu pai não era aquele pai que costumamos ver nos filmes de Holywood, pelo contrário, era alcoólatra, passava o tempo todo deitado no sofá bebendo, só saía de lá quando a bebida acabava.

Minha mãe trabalhava muito para nos sustentar e o dinheiro que ganhava era muito pouco, chagava em casa exausta, mas mesmo assim cuidava da casa, do marido alcoólatra que só judiava dela, de meus irmãos e de mim, minha mãe sempre me olhou com ternura, e apesar de toda dificuldade era uma ótima mãe.

Murilo meu irmão mais velho, era adolescente, tinha 15 anos, menino muito problemático, não ia à escola, ficava na rua, chegava em casa de madrugada e sempre teve

os piores amigos, andava com gente da pesada, péssimas influencias. Tiago dois anos mais novo que Murilo, ia pelo mesmo caminho, pois seus exemplos em casa eram péssimos exemplos, estava ele seguindo os passos de Murilo.

A verdade é que minha presença ali naquela casa não fazia a menor diferença para meu pai e para meus irmãos, a única que se importava comigo era minha mãe, meu anjo da guarda, entretanto, não seria assim para sempre.

Meus irmãos estavam se tornando verdadeiros delinquentes, mas a situação só piorou mesmo de verdade naquela manhã de domingo. Era um domingo de agosto, o pior mês do ano para mim, pois foi neste mês que mesmo tão pequenina, apenas com 7 anos de idade fui a responsável por aquele crime bárbaro, meu pai nunca mais foi o mesmo após aquele dia, e minha mãe coitada, chorava sempre que alguém tocava no assunto, ela sempre dizia que jamais perdoaria meu pai pelo que a obrigou fazer, a verdade é que eu nunca entendi direito o que ela queria dizer, mas já era difícil conviver com as lembranças daquele dia, quanto mais tentar entender a conversa dos dois.

Era manhã de domingo, e antes mesmo de abrir os olhos senti cheiro de sangue, passei a mão no rosto para tentar despertar e senti aquele líquido frio e escorregadio, ao abrir os olhos me vi cheia de sangue, minha camisola de renda branca, já velhinha e com um remendo cor de rosa na altura do joelho, estava tomada pela cor vibrante.

2º Capítulo- Minha origem

Dez anos se passaram e eu já fazia parte daquela família, me tratavam como filha e irmã, talvez por este motivo nunca desconfiei que não tinha o mesmo sangue que eles. Mas sempre fui muito curiosa, certo dia estava mexendo em algumas fotos antigas da família e encontrei uma pasta cheia de papéis, foi quando eu li a frase Registro de adoção, naquele momento nada fazia sentido, a verdade é que aos 11 anos descobri sozinha que não fazia parte verdadeiramente daquela família. Me revoltei, fui conversar com minha mãe e perguntar para ela porque escondeu a verdade sobre a minha história, falei que queria saber do meu passado, de como fui parar naquela casa.

- Mãe, eu não sou sua filha?

- Por que nunca me disse que não sou sua filha, com pode mentir para mim todo este tempo?

- Por que não me disse que sou adotada?

- Vivi minha vida toda numa mentira! Minha vida é uma mentira!

- Filha, se acalme, vamos conversar, e lhe responderei todas suas perguntas.

-Onde você encontrou isso? Perguntou Daiana.

-Nas suas coisas, mas isso não é o que importa agora. Quero saber de tudo, preciso que conte-me tudo.

Por mais incrível que pareça, com toda a calma do mundo, nos sentamos no chão do quarto e ela me contou cada detalhe, ela só não soube me dizer como fui parar naquela caixa de papelão, quem era minha mãe, ou meu pai.

Mesmo com toda essa confusão e decepção, despertou em mim uma curiosidade em saber quem eram os meus pais biológicos, ou se eu tinha irmãos, ou ainda porque meus pais não puderam cuidar de mim.

Iniciei então uma busca por pistas, informações, quaisquer que me levassem ao paradeiro de meus pais biológicos, ou a qualquer pessoa que soubesse no início da minha história, minha mãe esteve ao meu lado o tempo todo me ajudando em todo o possível.

Nossas pistas nos levaram à casa de uma mulher muito bem sucedida na carreira jurídica, advogada, Olivia Santana aparece em minha vida mais uma vez, casou-se com Eduardo Vicente, um juiz de muito sucesso, eles não tiveram filhos, mas nos contou que engravidou no início da faculdade de Direito, mas que não podia ser mãe, isso atrapalharia seus objetivos profissionais, e atrasaria um pouco sua vida. Diante daquela história, história que Olivia Santana me contou com a maior naturalidade do mundo, como se aquilo fosse normal, tive a certeza de que ela era minha mãe biológica, mas para ter absoluta certeza fizemos teste de DNA com a condição de que jamais eu lhe procuraria, e não teria direito algum sobre qualquer herança ou dinheiro que fizesse parte de seu patrimônio. O resultado

do DNA ficou pronto, e minha certeza se confirmou, Olivia Santa e Eduardo Vicente eram mesmo meus

pais biológicos, ao terminar de ler o resultado do exame de DNA, Oliva Santana levantou-se virou as costas e eu nunca mais a vi.

3º capítulo- Morte e esperança

Completei 14 anos e nada ainda havia mudado, apenas o comportamento agressivo de meu pai, que estava além dos limites, batia todos os dias na minha mãe e eu já não suportava mais vê-la toda machucada, meus irmão já eram homens, e nada faziam para ajudar minha mãe, a viam apanhar sem nada fazer, às vezes passava pela minha cabeça que eles gostavam de assistir aquelas cenas de barbaridade.

Estava chovendo muito, eu cheguei em casa da escola e comecei a ajudar minha mãe com o almoço, meu pai chegou muito alterado por cota da bebedeira, chegou derrubando tudo, ele gritava pedindo dinheiro para que pudesse comprar mais bebida...

- DAIANA!!!

- Daiana, onde está o dinheiro? Disse meu pai.

- Não temos dinheiro Juan. Respondeu minha mãe.

- Como não há dinheiro Daiana, o que você fez com o meu dinheiro, quero o dinheiro, não queira que eu fique nervoso.

- Desculpe Juan, mas é que...

-CHEGA! Não peça desculpas, não quero ouvir suas desculpas, eu quero minha bebida, e quero AGORA!

-Não Juan, por favor, não faça nada comigo!

Infelizmente naquele dia minha mãe não tinha dinheiro, pois seu último trocado ela comprou comida para fazermos de almoço, naquela semana minha mãe não tinha ido trabalhar por estar com fortes dores nas costas.

Escutei os gritos de meu pai, corri para a cozinha, e ao adentrar vi o desespero nos olhos de minha mãe. Meu pai estava furioso, parecia ser outra pessoa, o vi indo até minha mãe com os punhos cerrados, senti um medo fora do normal, ali me dei conta de que a história não acabaria bem, vi minha mãe indo no chão aos poucos perdendo a consciência, gritei desesperada para que ele parasse: - Pai, por favor pare, NÃO, você está machucando!

Mas a raiva dele era tamanha que ele não me ouviu, decidi tomar uma atitude ou perderia a minha mãe, a única razão pela qual eu ainda estava viva, olhei para trás e avistei uma faca em cima da pia de mármore cinza, não pensei, peguei a faca e furei meu pai inúmeras vezes e quando dei por mim ele já não tinha vida.

Sim! Matei meu pai, não me orgulho disso, mas foi a única maneira de salvar a pessoa que eu mais amava.

Chorei!

Lembrei-me de uma conversa com meu tio, aquela frase ecoou por dias em minha mente "você menina é má, a ruindade está no seu coração, mesmo com essa doce feição, leva consigo a morte por onde passa".

Tratamos do enterro de meu pai, o colocamos na mesma cova que a primeira vítima.

Podíamos avisar a polícia do que havia acontecido? Eu seria presa? Antes não, mas agora eu apodreceria na prisão?

Não arriscamos.

Assim que colocamos o corpo de meu pai naquele buraco, eu me lembrei exatamente de 7 anos antes, foi como se eu estivesse assistindo um filme de terror.

Era madrugada quando aquele homem entrou no meu quarto, cheirava a bebida, cambaleava de um lado para o outro, mal conseguia ficar em pé.

Minha cama era tão macia, e lá estava eu deitada com minha camisola de renda branca, já velhinha e com um remendo cor de rosa na altura do joelho, sonhando com minhas brincadeiras favoritas, acordei assustada com aquele fedor sobre meu corpo tão pequeno; sempre fui pequena, mas quando criança além de pequena era também bem

magrinha; o cheiro do álcool tomou conta do quarto, tentei gritar, mas a voz não saiu, tentei sair, mas não consegui me mover, apenas pedi: “por favor pare, você esta me machucando!”, a resposta que me aterroriza até hoje saiu pela boca fedida daquele sujeito, a voz quase não saía por conta da bebida, ele homem nojento encostou sua boca em meu ouvido, e me disse: “é apenas um pesadelo criança, conte carneirinhos que passará, e logo você voltará a dormir, eu te ajudo, um carneirinho, dois carneirinhos, três carneirinhos...”.

Não peguei no sono!

Minha mãe sempre durante a madrugada fria ia checar se eu estava coberta, e naquela madrugada, ao entrar no quarto, avistou a pior cena de sua vida, correu da porta de meu quarto, foi ao encontro de meu pai, chamou por ele, contou o que estava acontecendo.

-Juan, Juan, JUAN, tem um homem no quarto da nossa filha, corra e faça alguma coisa!

Entretanto, meu pai a mandou deitar-se na cama.

-Vamos, deite-se e vá dormir, não é nada demais, a menina esta bem.

Minha mãe, negou seu pedido, mas, com um puxão de cabelo meu pai a fez deitar, a prendeu em seus braços, forçando-a a não mais sair dali, e disse: - Deixe-o se divertir, amanhã ela já não se lembrará.

Minha mãe chorou em silêncio, sofreu como jamais sofreu antes.

Meu pai pegou no sono, minha mãe levantou-se foi até a porta de meu quarto e viu que aquele homem nojento ainda se encontrava por lá, após saciar seus desejos demoníacos, ele dormiu e eu desfaleci, quando acordei antes mesmo de abrir os olhos, senti cheiro de sangue, passei a mão no rosto para tentar despertar e senti aquele líquido, frio e escorregadio em meu rosto, ao abrir os olhos me vi ensanguentada, minha camisola de renda branca, já velhinha e com um remendo cor de rosa na altura do joelho, estava tomada pela cor vibrante.

Murilo e Tiago, meus irmãos se tornaram as piores pessoas, eram traficantes e se envolviam em coisas ruins e sempre envolviam nossa família, minha mãe não falava nada porquê depois que sofreu aquelas agressões ficou impossibilitada de trabalhar, e o tráfico era a única maneira de conseguirmos sobreviver, mas não gostava da idéia de sermos tão vulneráveis .

Lembrei-me também que quando tinha uns 5 anos, dois homens invadiram a nossa casa a procura dos meus irmãos que deviam dinheiro de drogas para eles, eu estava sozinha pois, minha mãe tinha saído para trabalhar, foi um dia de total desespero para mim, aqueles homens me amarraram e me obrigavam a dizer onde Murilo e Tiago estavam.

-Onde estão seus irmãos garotinha?

- Eu não sei, não sei onde eles estão.

- Vamos, fale de uma vez, se não falar vai ser perigoso para você!

- Juro que não sei, eu juro!

- Eu não sou tão idiota assim meu benzinho sei que esta mentindo.

Mas eu não sabia, eles não acreditavam em mim, me agrediram, me amarraram, me ameaçaram, mas finalmente quando se deram conta de que eu realmente não sabia onde estavam, me deixaram ali quase que desfalecida e foram embora.

Quando minha mãe chegou, me encontrou toda machucada, cuidou de meus ferimentos, eu contei para ela tudo o que havia acontecido e implorei que ficasse em casa no dia seguinte, mas ela sabia que se ela não fosse trabalhar nós passaríamos fome, então arranjou um jeito de me deixar mais tranquila, desenhou uma porta na parede e disse que ela estaria atrás daquela porta, e quando eu sentisse medo eu poderia abrir e ela estaria lá, porém eu só poderia abrir aquela porta uma vez em toda a minha vida.

Você deve estar se perguntando quando eu abri a porta; não, nunca abri, pois, sempre esperei que o pior medo, viria no dia seguinte.

Acreditei de verdade que depois daquilo, meus irmãos iriam melhorar e criar um pouco de juízo na vida, mas a situação só piorou e isso acabou nos afastando ainda mais.

ANEXO G- Avaliações da proposta respondidas pelos alunos-sujeitos

Nickn _____
 Nickname: St. rorobol 9º ano: B Data: 23/08/2018 Nº 1
 Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

1- 1- Sim, acho que mais a atenção e foi mais interessante.

2- 2- não, está a mesma coisa

3- 3- A história

4- 4- não, não gostei muito

5- 5- Sim, ela é boa e bem fácil de ler

6- 6- Sim, para resumir e me deu ideias interessantes

7- 7- Sim

8- 8- Gostei das capítulos

9- 9- não, ele está bem ruim

10- 10- não

Nickn _____
 Nickname: Yonad OS 9º ano: "B" Data: 23/08/2018
 Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

1- 1.1- Dim, pois eu aprendi mais com a série e achei muito interessante e legal a maneira que ela quis ensinar.

2- 2.1- Dim, ficou prestado mais atenção e sinto um pouco no filme tudo que ele passou.

3- 3.1- A maneira de estudar, geralmente os professores gostam de passar texto, etc. A Profª Raquel passou algo diferente, eu achei mais fácil de aprender.

4- 4.1- Dim, antigamente eu não gostava de língua Portuguesa. Depois que ele passou a "profie" comecei a me interessar pela a matéria. A fanfic eu gostei de usar.

5- 5.1- A plataforma é interessante, eu apenas não soube usar.

6- 6.1- Não muito, pois continua com dificuldade no escrito.

7- 7.1- Dim, eles me deram ideias e me ajudaram.

8- 8.1- O desempenho no escrito.

9- 9.1- Não, acho que está bem desse jeito.

10- 10.1- Dim, eu pretendo continuar e melhorar algumas coisas.

Nickname: memedo099º ano: D

Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

1- Sim até porque é um jeito diferente de estudar a linguagem; e também um pouco do jeito que é só copiar e responder depois do dano e do dano.

2- Não mudou nada.

3- O Enredo é a forma de Entender que o filme precisa ter um conflito para que seja um filme de qualidade.

4- Sim, eu nunca ~~antes~~ ^{antes} escrevi uma ~~fanfic~~ ^{fanfic}, e através do fanfic que eu fiz eu melhorei muito muito escrito.

5- Sim, a plataforma de site sportfanfic é muito boa, mas uma coisa que atrapalhou muito gente foi o extremo volume de respostas que tem quando é feito um parágrafo.

6- Sim, eu não sabia que o enredo nos histórias filmes e séries eram preciso ser adaptado.

7- não

8- sobre o texto grande e extenso.

9- não

10- talvez sim.

Nickname: memedo089º ano: D

Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

1) Sim, pois é um método diferente.

2) Não, não mudou nada.

3) Os pontos que mais me chamou atenção foi a maneira de como foi escrita a história e cada detalhe e se tinha que tinha por trás a realidade.

4) Não, porque não gosto de gêneros fanfic.

5) Sim, acho ótimo de usar.

6) Sim, acho que depois que escrevi a minha história melhorei muito uma das coisas que me ajudou foi quando a professora leu um capítulo do livro "Barba empoeada de sangue" na sala de aula, me ajudou em como descrever os personagens e as situações entre outras coisas.

7) Sim, principalmente quando descrevi.

8) Descrever as situações.

9) Não, na minha opinião ficou ótimo deste jeito.

10) Não.

Nickname: nono d109º ano: D

Data: 23/05/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

1- Claro, foi interessante repletar a série e estudá-la com base na Língua Portuguesa, o seriado sendo algo tão atual, mesmo ainda mais um lazer recente, que todos assistiram.

2- Sim, agora com o preletor é um canal que eu gosto chamado "Pipocando" que visa crítica de grandes produções, passei a assistir séries e filmes com uma reflexão diferente, mais crítica e percebendo elementos da narrativa.

3- Achei o fato que a série trabalha com o tema resistir, que levei a pesquisa sobre a música Bella Ciao!

4- Achei escrever já há um tempo que escreva fanfics antes do projeto, portanto sim, festei.

5- Sim achei muito prática ir até minha plataforma.

6- Com certeza veio eu que melhorei, que construí uma ótima amizade, em relação ao ano passado.

7- Não, somente da professora.

8- Desenvolver o conflito.

9- Não, achei tudo certo e organizado.

10- Sim como já escrevo pretendo continuar.

Nickname: Nono139º ano: D

Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

1- Sim, porque foi um meio de estudar sem ser cansativo.

2- Não, eu não gosto de passar muito tempo vendo a mesma coisa/série.

3- A forma a qual o assunto "resistência" pode ser aprofundado no Brasil.

4- Sim, sempre gostei, já era fã do site antes do projeto.

5- Sim, ela é prática para a leitura.

6- Não muito, eu já tinha conhecimento sobre a escrita de uma fanfic.

7- Não.

8- Encaixar os aspectos dos personagens na história.

9- Acho que deveria ter um pouco mais de organização.

10- Talvez, no momento estou pensando em terminar minha outra fanfic (Lost boy).

Nickname meme169º ano DData 23/08/2018

Avaliação do projeto "Ficção da série 'La casa de Papel'"

- ① Sim, porque não ficamos presos a "regras" no sentido tradicional, ficamos livres para expor nossas opiniões e identidade.
- ② Sim, totalmente. Minha visão em questão a isso teve uma grande mudança de perspectiva. Depois do projeto notei que a maioria dos filmes e músicas que ouvia eram de baixa qualidade.
- ③ A referência ao comunismo, a forma que se desmitifica superando as expectativas, a maneira na qual o narrador nos faz sentir e terer para outros.
- ④ Sim, porém como toda escrita eu que muito de mim. Entretanto, gostei porque sempre quis escrever uma e o projeto me inspirou.
- ⑤ Não, porque acho desorganizado e há uma certa confusão em questão ao plot. Prefiro o Wattpad e também porque tem mais opções e é mais simples de usar.
- ⑥ Sem dúvidas, eu sempre tive uma visão muito "fechada" sobre escrita e mim sempre tinha inspiração. Agora, digamos que os meus textos têm um estilo mais literário.
- ⑦ Claro, as construtoras ajudam muito.
- ⑧ A escrita dos textos, ensinei muitos pesquisas para uma produção boa dos textos.
- ⑨ Acho que a forma em que os capítulos são redigidos.
- ⑩ Pretendo começar outra ficção.

Nickname: nanad579º ano: D Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

- 1- achei o projeto legal, uma ideia bacana, só não gostei da série 'La Casa de Papel'.
- 2- Sim, achei a ver séries e filmes de uma maneira mais crítica.
- 3- achei interessante as referências que a série apresenta.
- 4- Não gosto muito de escrever, porém gostei um pouco de fazer a fanfic.
- 5- Sim, achei a plataforma bem intuitiva e fácil de usar.
- 6- Não, eu ainda não consigo analisar corretamente, nem perceber direito os erros e acertos dos textos.
- 7- sim, ajudaram muito, não só os comentários feitos na plataforma, mas também os feitos pessoalmente.
- 8- Eu tive dificuldade em escolher um tema para a fanfic.
- 9- não, o projeto está quase pronto.
- 10- Sim, pretendo terminar a fanfic sobre 'La Casa de Papel'; mas não pretendo iniciar outras.

Nickname: NSNDDIS9º ano: D Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

- ① Sim, pois é um jeito diferente de estudar.
- ② Não, nada mudou, continuei a assistir ao mesmo jeito.
- ③ Foi a questão da resistência.
- ④ Sim, pois foi um jeito legal de fazer texto.
- ⑤ Sim, pois é uma plataforma muito fácil de usar.
- ⑥ Sim, porque eu aprendi a fazer texto mais detalhada.
- ⑦ Sim, por causa dos comentários que eu mandei meu texto.
- ⑧ Minha maior dificuldade foi ter uma ideia de como fazer o meu texto.
- ⑨ Não, esse projeto é ótimo, porque ele prende os alunos, pois é uma coisa que eles veem muito tempo.
- ⑩ Não.

Nickname: marcel209º ano: D

Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

1) Sim, porque a gente trabalhou com uma coisa que a gente gosta que não no série. É acho que a gente aprende mais.

2) Não

3) Sim, gosto da cartaz e o mínimo.

4) Bom, quando a gente começou o projeto, eu não tinha gostado, mas ao longo do trabalho comecei a gostar, por que eu criei a continuidade a história.

5) Gostei, não tive problemas com ela.

6) Sim

7) Sim, por que tem alguns comandados que me ajudaram a escrever coisas na fanfic.

8) Em manter a série como ter um desfecho completo.

9) Não, acho a ideia bem legal.

10) No momento não, talvez mais pra frente.

Nickname: marcel209º ano: D

Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

1- Sim. Porque os plunks precisam mais tensão e não é aquela coisa chata e repetitiva.

2- Não.

3- Cite quem não fazia nada se interessou em fazer e toda mundo participaram.

4- Eu não escrevi muito, porque estava sem ideias, mas eu gostei bastante. Porque a gente escreveu sobre uma coisa que todos os fãs gostam.

5- Não cheguei a usar.

6- Eu acho que continuei a mesma coisa.

7- Eu não terminei e não cheguei a postar, então, acho que não.

8- Pensar em algo criativo para escrever.

9- Não, está ótimo do jeito que está.

10- Não.

Nickname: Nonod239º ano: d Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Ficção da série 'La casa de Papel'"

- 1- Gostei pois da para ter mais noção de assunto, o tempo de conflito e da ação etc etc.
- 2- Sim, prestei mais atenção nos fatos, vi que todos tem um conflito e emrede e tudo igual.
- 3- Eu parei a prestar mais atenção nos fatos da série umas coisas que foi preciso eu rever o episódio para marcar alguns fatos.
- 4- Gostei porque você pode se expressor na história.
- 5- Gostei muito, pois é fácil de mexer e quem não sabe é fácil de aprender.
- 6- Sim, muito porque eu tive que pesquisar palavras desconhecidas e trechos de alguns livros.
- 7- Ajudaram muito porque eu tive mais ideias e tanto eles como a professora me deram dicas e eu editei meus capítulos e ficaram melhores.
- 8- Minha maior dificuldade foi começar o meu 1º capítulo pois não tinha ideia de que eu iria escrever.
- 9- Eu gostei muito desse projeto e eu não era acostumada a escrever nessa plataforma mas eu aprendi.
- 10- Pretendo continuar pois parei num momento muito importante da ficção quem sabe depois de alguns anos eu volte aqui na escola como uma escritora profissional.

Nickname: Nonesd249º ano: D

Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

1. Sim, pois é um misterio diferente, e legal; no qual a maioria das pessoas atualmente gostam de séries. Bastante em alguns estudos por mais de um século!
2. Sim, pelo ensinamento de crimes e análise diferencial do criminoso, que se aprende com eles.
3. Estudo a realidade, os meios usados e comparo com atualmente.
4. Sim, pois em questão de crimes.
5. Não, pois não gosto de publicar e compartilhar o que escrevo.
6. Sim, a forma, os fatos, as palavras usadas, os detalhes: realmente são melhores.
7. Sim, pois é assim assim que aprendemos.
8. Começou como histórias reais.
9. Sim, mas que não devem ser rotineiras publicas; preferimos fazer um livro.
10. Sim.

Nickname: NONO 259º ano: D

Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

1. Sim, porque dessa maneira é possível ter uma experiência "real" de como as línguas estrangeiras funcionam e quais as complexidades que podem ser, indo além das gramáticas básicas encontradas nos livros didáticos.
2. Sim, comecei a receber referências em todos os filmes e séries que assisto.
3. O símbolo da existência que mais estava curioso para saber o significado era o símbolo do Fati, que se tornou obvio quando viendi suas ligações com o tempo além disso e parentesco mis tais aprofundado de Berlin e Paganini, e a ligação dele com o "Partigiani".
4. Sim, me ajudou a escrever melhor e desenvolver ideias que estavam presas em minha mente.
5. Sim, não tenho muitas experiências com fanfic mas a plataforma me agradeceu de todas as maneiras, tanto em relação a formatação e explicações.
6. Sim, ao escrever a fanfic senti que simplesmente fazer a diferença na construção de um bom texto, e que para desenvolver uma boa história é preciso de muita pesquisa.
7. Sim, me ajudaram a perceber o que eu precisava melhorar e o que eu podia manter.
8. Desenvolver conflitos com base na trama geral, de mostrar a "outra face" de um personagem.
9. Não, acho que a maneira como foi proposta e executada é a melhor a ser feita, exigia responsabilidade básica da parte dos alunos e mostrando a confiança da professora.
10. Sim, há muito ainda que desenvolver e criar, podendo continuar fazendo pesquisas e desenvolver as fanfic logo quando possível.

Nickname: Anamed.289º ano: D Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

- 1) - Sim, pois um vídeo a longo prazo, onde poderias explorar mais suas ideias, os personagens, a história etc. e além de aprendermos diversas coisas sobre a língua.
- 2) - Sim, em uma, eu vou assistir meus filmes e séries de um modo totalmente diferente de como eu via antes; eu vou a a fazer mais atenção na história, suas narrativas, linguagem, e como são formadas os seus tipos de discursos, e vou entender bem melhor.
- 3) - Não, tudo se inicia por um conflito, que toda história deve ter uma situação inicial, conflito, desenvolvimento, clímax e desfecho.
- 4) - Sim, gostei muito de escrever minha fanfic pois pude melhorar meu conhecimento narrativo, e melhorar minha escrita.
- 5) - Sim, na verdade eu já escrevia esse site antes, porém não tinha vontade e não o atualizava, mas agora que pude usar de mais conhecimento, está bem organizado e útil.
- 6) - Sim, gostei que antes de publicar eu sempre revia e fazia o necessário se tivesse algum erro, pois sabia que não estava bem o suficiente.
- 7) - Sim bastante, pude perceber meus erros e corrigi-los.
- 8) - Fazer toda a história de personagens e discursos os lugares.
- 9) - Não, eu gostei deste projeto e acho que poderíamos continuar.
- 10) - Na verdade eu ainda não sei direito, mas gostaria de continuar.

Nickname: Monocli-29

9º ano: D Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

1- Sim gostei, eu gosto de expandir então adorei estudar e conhecer um pouco mais sobre a Espanha também.

2- Sinceramente não, porque não tenho mais séries ou filmes que trazem um assunto realmente interessante ou cativante para mim.

3- Vários "Ester Eggs", ou melhor, várias referências que a série teve (e um monte), foi muito legal assuntos por trás de coisas simples ou que parecem despercebidos como a música "Bella Ciao".

4- Não, não gosto de escrever coisas inventadas por mim, pra mim nunca fica bom mesmo então, desisto. Prefiro escrever coisas que já foram escritas.

5- Sinceramente eu não gosto muito, 1º porque foi complicada pra mim um-lá já um bom tempo tentando postar os textos e não conseguia e 2º porque estava escrevendo pra ganhar nota e não com sinceridade.

6- Sim, melhorou bastante, pois agora eu sei organizar bem melhor todas as ideias que eu tenho para escrever sem ficar sem a linguagem o texto todo.

7- Não, e também nem teve muitas que comentaram não.

8- Ter a ideia da história, organizar as ideias para escrever, continuar com o texto e a pontuação como vírgula, diálogos, etc.

9- Sim, acho que teria sido mais legal se criássemos uma história com ela se em "Resistência", que é o que a série passa, e não fazer praticamente uma 3ª temporada.

10- Não pretendo.

Nickname: Nunod32

9º ano: N Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

- ① Sim, pois ficou melhor de entender.
- ② Sim, maneira da filmar eu acho de uma maneira diferente sendo que foi o conflito entre outras coisas.
- ③ A questão da resistência, mudou a minha visão quando tem greves e paralisação.
- ④ Sim, porque sinto que melhorei minha escrita.
- ⑤ Sim, mesmo eu não entendendo como usar eu com dificuldades.
- ⑥ Sim, porque acho tendo que melhorar e até conseguir analisar melhor meus e outros textos.
- ⑦ Sim, pois fizem comentários sinceros e mostram minha melhoria.
- ⑧ Usar o Spint e o prazo de tempo. Tem problemas com o plataforma pois não salva uma só vez e o tempo de fazer os textos.
- ⑨ Melhorar o tempo para fazer os textos e fazer numa época sem prazo e sem trabalhos.
- ⑩ Não.

Nickname: Nunod33v

9º ano: D Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

- 1- Não, porque a série não era de meu interesse.
- 2- De certa forma sim, pois posso interpretar melhor os personagens.
- 3- Nenhum.
- 4- Eu já gostava de escrever antes, só não tenho paciência.
- 5- Sempre usei, mas não gosto, prefiro o wottpad.
- 6- Não está a mesma coisa.
- 7- Nenhum comentário.
- 8- Escrever e elaborar a fanfic.
- 9- Poderia sim, deveria mudar em relação a série. La Casa de Papel é ruim, deitem.
- 10- Pretendo sim, quero pelo fato de estar envolvido KPOP.

Nickname: moned.349º ano: D

Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

1. Sim, por que faz de tudo para não copiar as ideias dos outros escritores, além disso, o mundo "fictício" de tudo.
2. Sim, por que todo esse mundo que eu escrevo eu faço com muita criatividade e "talento" dos filmes.
3. O debate nos aulas foi bem interessante por que todo mundo estava falando e debatendo sobre o mesmo assunto.
4. Sim, porque eu tenho que escrever coisas que eu não tenho que escrever no dia a dia.
5. Sim, por que no texto que eu escrevo tudo muito mais fácil de ler e entender as coisas que eu escrevo.
6. Sim, por que tenho muitos textos bons para ler, e tentar a escrever igual ao escritor do texto.
7. Sim.
8. Desenvolver a ideia com a escrita.
9. Não, porque o projeto já tem um bom começo e interesse pelo projeto.
10. Não, eu já sei.

Nickname: mened.359º ano: D

Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

- 1) Sim, além de ser um mais fácil de escrever de estruturar, fica mais fácil de lembrar algumas coisas da matéria.
- 2) Sim, comerei a interpretar as outras séries de um modo diferente.
- 3) Os trabalhos, o filme, o seminário e as cartazes.
- 4) Não, porque não me interessa muito no assunto.
- 5) Sim, acho fácil de escrever nessa página.
- 6) Bem acho que sim, além de conseguir escrever sobre coisas melhores, eu melhorei muito na escrita e na interpretação.
- 7) Sim me fez valer críticas e elogios para melhorar as minhas escritas.
- 8) Escrever a história.
- 9) Bem eu acho que não precisa mudar o projeto já está bem elaborado.
- 10) Prefiro sim mais com outra série.

Nickname: Nened369º ano: DData: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

- ① Sim, acho que aprender por meios diferentes é legal e importante para o desenvolvimento de aluno.
- ② Passei a ler mais como autora, cada dita-lhe.
- ③ As relações que observamos com a resistência de alguns anos atrás com a série e os dias atuais.
- ④ Sim, amo escrever e acho que pelo fato de já ter uma história contada na série, pensar no antes e no depois é bem interessante.
- ⑤ Sim, conheço outras mas acho essa a melhor.
- ⑥ Eu acho que sim, consigo ter a percepção de pequenos detalhes.
- ⑦ Sim, muito, acho ótimo saber a opinião das pessoas de fora.
- ⑧ Consegui chegar ao ponto de conflito.
- ⑨ Não, acho ótimo.
- ⑩ Eu ainda não sei, preciso de tempo para ideias surgirem.

Nickname: Nora 039º ano: A Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

1. Não, porque eu não costumo assistir séries mesmo que eu goste da história, pois muitas vezes eu não consigo continuar assistindo. Durante as pesquisas de preferência de série, eu escolhi "La Casa de Papel", isso também fez com que me interessasse pelo projeto.
2. Eu não continuei vendo séries, mas pude começar uma Doctor Who e, em relação a filmes, sim, eu comecei a prestar mais atenção nos detalhes, como por exemplo, nos casos alguns woods um caso felizes e nos casos mais escuros woods um caso mais tenso.
3. Eu gosto de significados por trás de cada elemento, como a cor vermelha, a coroa Bella Ciao, a escolha da música de abertura e também o porquê do assalto.
4. Gosto, pois eu já escrevo conto, porém não postava, então por ser um assunto que eu já conheço e me interessava eu gostei muito.
5. Não, porque eu já lia fanfics nessa plataforma antes.
6. Acho que sim. Comparado a outros, minha estrutura de texto e escolha de palavras melhoraram bastante.
7. Não, pois ser tanta gente gostando e esperando algo que você possa fazer preparando e se esforçando máximo é gratificante.
8. A minha maior dificuldade, provavelmente, foi passar todos os meus ideias para o papel. Transformar meus pensamentos em texto.
9. Gosto que seria interessante fazer o projeto com duas séries ou filmes, colocando os personagens de um universo no outro. Um crossover.
10. Não, eu pretendo continuar escrevendo, inclusive já comecei a escrever o capítulo quatro, mas por motivos de falta de criatividade para continuar, eu ainda não postei. Quanto a outras fanfics, sim, eu quero escrever mais, porém eu não postaria quando estiverem terminadas, pois que eu não pare de escrever no meio da história por falta de interesse.

Nickname: NONOAS

9º ano A Data: 23/03/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

1. Sim, ficou mais fácil para entender e escrever por mais da série que é algo que se gosta e me interessa muito, prendeu minha atenção e se tornou uma experiência agradável.
2. Sim, procurei pesquisar mais e entender sobre o que se trata, seja por causa da roupa, do local ou uma música cantada na série. Também prestei mais atenção nos detalhes.
3. Quando descobrimos do que se trata a música, os livros, as roupas, as moedas e o vermelho que está sempre presente na série. Também quando comentamos sobre a fonética e o nome do país.
4. Sim, escrevi o que foi verdade, pesquisei os times e a cultura da Espanha que é diferente em comparação ao Brasil.
5. Sim, tive facilidade em escrever porque tenho computador e não escrevi diretamente no plotafone.
6. Sim, percebi que para se escrever algo precisa ter muita pesquisa e é preciso ser fiel ao personagem, prestando atenção nos detalhes e no sumo da história.
7. Não, os comentários dos colegas não me ajudaram e não facilitaram a escrita, mas o da professora ajudou muito por sempre dar ideias, sumo da história e por ajudar sobre tudo.
8. Tem muita dificuldade em detalhar os lugares, aparências e coisas, o que é muito complicado para escrever os detalhes exige muita atenção e imaginação.
9. Não acho que deveria mudar o projeto foi ótimo para quem sabe apresentar, melhorando a escrita e facilitando para quem lê de uma série.
10. Sim, pretendo continuar.

Nickname 9º G 06 novoa 06 9º ano A Data 23/08/2018
 Avaliação do projeto "Fanfiction da serie 'La casa de Papel'"

- 1- Sim. Por que isso me fez melhorar a minha interpretação, eu conheci a diversos coisas que antes não conhecia.
- 2- Sim eu conheci a pesquisa um pouco sobre algo que eu não entendi nos filmes.
- 3- A música Bella Lío
- 4- Não a pesquisa foi mais forte que eu.
- 5- Não fiz o projeto.
- 6- Sim por que mesmo não fazendo o projeto, eu aprendi algumas coisas que me ajudarão muito!
- 7- Não fiz o projeto.
- 8- Pesquisa
- 9- Como não fiz o projeto, eu não consigo falar sobre os aspectos do projeto.
- 10- Não.

Nickname novoa 07 07 9º ano A Data 23/08/2018
 Avaliação do projeto "Fanfiction da serie 'La casa de Papel'"

- 1- gosto foi uma lioa diferente e teve novas conclusões
- 2- Não conheci a lio mais interessante das lioas
- 3- A cor vermelha e as malhas
- 4- gosto, melhorai minha escrita teve mais especificamente em técnicas
- 5- Não lio que me confundia lio
- 6- melhorai sim, mais em questao de pontuação não teve muita influencia
- 7- lio ~~de~~ de de que da Gattara no surto de ajuda
- 8- Em tudo mais fui lendo algumas fanfics e fui me inspirado.
- 9- Não da certeza lio mais explicada?
- 10- Aho que sim, mais não lio La casa de papel, mais sim lio sobre Abnulo

Nickname: Noma089º ano: A Data: 23/06/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

- 1) Sim. Porque me interessou mais, me fez aprender mais sobre a língua.
- 2) Eu passei a ver filmes de modo diferente, séries não gostei muito, apenas de "La Casa de Papel".
- 3) A música "Bella Ciao". A história é muito interessante, uma música de resistência que foi muito usada nos últimos anos.
- 4) Não sei mesmo. Então me acostumando ainda com esse tipo de trabalho livre, pois não gostei muito de escrever, mas por outro lado esse trabalho foi divertido.
- 5) Não. Muito complicado e não gostei muito de ler histórias.
- 6) Sim. Algumas palavras eu não sabia escrever direito, mas depois da série aprendi.
- 7) Sim. Me obrigaram a continuar.
- 8) Algumas palavras que não conseguia escrever e a falta de fala dos personagens.
- 9) Sim, ao invés de fazer na plataforma, fazer manuscritos na sala de aula.
- 10) Não. Apenas se faz na sala, com as notas ou escrita.

Nickname: na nua 509º ano: A Data: 23/06/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

- 1- Sim, porque foi uma série legal e escrever foi legal fazer a proficiência não foi legal.
- 2- não
- 3- eu gostei da série e que eu mais gostei na proficiência.
- 4- não, eu não gosto muito de fazer isso em isso eu não gostei da proficiência
- 5- Não, sinceramente eu não sei a série.
- 6- Sim antes nascer eu quase não tinha ideias para escrever e isso, as vezes de linguagem eu dei uma milionada.
- 7-
- 8- fazer a proficiência e as coisas para ajudar nas atividades
- 9- Sim, mudar a série e é deixar uma segunda chance para a proficiência em outra série.
- 10- Sim de outra série a professora deixar de manter as proficiências.

Nickname: ~~marcelo~~ marcelo11 9º ano: A Data: 23/08/2018
 Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

- 1- Eu gostei bastante, porém achei muito engasgado, porque eu só faço muito aquilo só eu
- 2- Não, continuei mantendo do mesmo formato
- 3-
- 4- Eu não gostei bastante, por vários motivos, 1. acho q que eu tinha muita dificuldade em escrever
- 5- Eu gostei por do ter sido bem fácil de ler
- 6- Sim acho que deve como melhoras nas postagens, porém eu continuei com algumas dificuldades
- 7- Não
- 8- Já me pensei em uma história
- 9- Eu acho que poderia adicionar coisas mais no lado de fazer, mas muita coisa q eu não sei fazer q que eu acho muito engasgado fazer em outras como série
- 10- Não gostaria continuar o mundo fanfic, mas acho que não é bem legal fazer de conta sobre que eu gostei

Nickname: marcelo11 9º ano: A Data: 23/08/2018
 Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

- 1- Sim, gosto de experimentar coisas novas, e eu não sei escrever a série, como vai aparecer no assunto da série
- 2- Não, pois não tenho paciência para escrever, mal escrevo
- 3- A explicação da profissão sem frequentar detalhes
- 4- Não, eu mesmo nunca fui muito bom com textos, mal posso escrever sobre um tema tão abrangente, foi bem legal
- 5- Tive certa dificuldade de mecher no site, mas acho bem completa
- 6- Sim, agora consigo fazer textos mais elaborados
- 7- Sim
- 8- Me acostumar com o site
- 9- Não, com a ajuda de outros membros, tenho bastante liberdade para escrever e publicar
- 10- Sim, mas não agora

Nickname: Mônica H9º ano: A

Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

1. Gostei muito. Porque é uma forma diferente de estudar, e também é uma série que eu gosto muito.

2. Não

3. O cartão

4. Gostei um pouco, porque ela fez em minha minha escrita.

5. É uma plataforma ótima para quem gosta de escrever ou ler, mas já que eu não gosto muito, eu acabei não.

6. Melhorei depois que eu fiz outra história, porque a primeira não estava muito boa.

7. Não muito. Foi mais os comentários da professora que me ajudaram.

8. Produzir os detalhes na minha história.

9. Não, que não, foi um projeto bom.

10. Não.

Nickname: Mônica JS9º ano: A

Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

1) Sim, Porque a série escolhida foi a minha favorita

2) Não, Sentimos assim normalmente

3) A origem do hitler

4) Sim, se porque eu não sei, mas eu gostei

5) Não, dá muito trabalho para publicar

6) Sim, Eu não sei explicar, mas eu gostei que melhorou

7) Não, eles comentaram só para gerar nota

8) A escrita

9) Não

10) Não

Nickname: NONONIA

3º ano: A Data: 20/03/2018

Avaliação do projeto "Ficção da série 'La casa de Papel'"

- 1- Sim, achei um método super diferente e criativo, penso que poucas outras professoras já devem ter feito isso!
- 2- Eu comecei a prestar mais atenção nas referências da série que assiste, por exemplo as trilhas sonoras.
- 3- As referências que descobrimos (e foram várias) me chamaram atenção, coisas como a cor vermelha, a música, a resistência, etc.
- 4- No começo não, porém depois me interessei mais e comecei a gostar, pois eu tinha a história em minhas mãos e podia fazer o que queria.
- 5- Sim, mas nunca usei nenhuma outra, então não tenho com o que comparar para dizer se é um site bom ou ruim.
- 6- Sim, pela falta de ter sido um texto com várias frases me ajudou a usar as palavras certas e a pontuar direito, assim melhorando minha escrita.
- 7- Com certeza, com eles consegui fazer as alterações necessárias e melhorar meus textos para meus leitores.
- 8- Com muita maior dificuldade foi achar e/ou definir um tema e concretizar uma história para minha ficção.
- 9- Na verdade não, o projeto foi bem desse jeito e eu não mudaria nada nele.
- 10- Linda estou pensando sobre, mas acho que não!

Nickname: Tombal7 9º ano: A Data: 23/08/2018
 Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

1- Sim, porque nós fugimos do feto normal de estudar

2- Não

3- Nada

4- Não, não acho muito ruim por isso prefero o WhatsApp

5- Eu gostei, mas acho melhor trabalhar com um assunto que eu gostasse

6- Eu acho que não, mesmo me esforçando fui ruim

7- Não

8- Encerrar os casos em forma de livro

9- Acho que deveria ter mais tempo para escrever a fanfic

10- Não

Nickname: NOVA-18 9º ano: _____ Data: 23/08/2018
 Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

1- NÃO, PORQUE EU JA ESTOU ACOSTUMADO COM A MINHA LINGUAGEM

2- NÃO, PORQUE EU NÃO GOSTO DE SÉRIES E FILMES

3- NADA CHAMOU A MINHA ATENÇÃO

4- NÃO, PORQUE É CHATO

5- NÃO PORQUE EXISTE PLATAFORMAS MELHORES

6- NÃO, PORQUE EU CONTINUO ESCRIVENDO DO MESMO JEITO

7- NÃO

8- ESCREVER

9- NÃO, PORQUE ESTA BOM ASSIM

10- NÃO

Nome: Douglas9º ano A Data: 20/05/2019

Avaliação do projeto Função da série "La casa de Papel"

- 1- Sim, porque é uma forma diferente de estudar a Língua Portuguesa e bem dinâmico.
- 2- Sim, eu posso analisar mais a história por trás das séries.
- 3- Gostei de aprender a função da série e foi interessante.
- 4- Sim, porque eu nunca havia lido nada sobre essas séries.
- 5- Sim, eu não conhecia mais a série Casa, a primeira preferiria que eu conhecesse.
- 6- Sim, deu pra perceber a diferença do meu primeiro trabalho e na pesquisa dele, melhorou muito.
- 7- Não, só a da professora.
- 8- Não contar os fatos tão rapidamente, tinha dificuldade em detalhar coisas pequenas.
- 9- Só acho que deveria ser mais tempo para estudar as funções.
- 10- Não sei se eu tive tempo suficiente em casa.

Nome: Murilo 229º ano A Data: 20/05/2019

Avaliação do projeto Função da série "La casa de Papel"

- 1- SIM, Por que a língua Portuguesa ficou mais fácil de estudar com a série.
- 2- SIM, Porque a tua casa que eu não tinha antes, mas logo após.
- 3- A linguagem, parece a ser interessante de outros países.
- 4- SIM, Por que gostei de conhecer mais sobre a série de um jeito e deixar só um jeito.
- 5- Não, Por que não gostei de ficar.
- 6- Melhorar sim, só que eu quero melhorar mais.
- 7- SIM, e muito desajudado a aprender mais.
- 8- interessante mas, melhor.
- 9- Não, gosto do jeito que a língua é.
- 10- Sim, Por que gostei muito da série e desse jeito "função".

Nickname: Nuno249º ano: A Data: 23/08/2018Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

1) Gati Bontate: Nunca tinha estudado um livro sério, é sorte minha que esse livro é uma das séries favoritas

2) Eu acho que gostei de estudar as referências, que o livro faz

3) É fácil

4) Sim, porque que eu estava em outro mundo quando eu começava a escrever, eu fico imaginando o história, eu acho que poderia ter escrito mais.

5) Sim, é fácil quando você aprende a usar

6) Eu acho que sim, em melhoraria a ortografia

7) O comentário de professores me ajudou, de me dar dicas de como melhorar meu texto em alguns aspectos

8) Foi de como começar a terminar o história

9) Não, talvez sim

10) Talvez

Nickname: Renata 25 9º ano: A Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

1. Um pouco, achei diferente, mas um pouco legal

2. Sim, comecei a ler uma série, mais ainda não acabei de assistir todas.

3. Os fanfics, achei bem legal, alguns textos também, achei bem curioso.

4. Não muito, porque eu não sei ler, em espanhol (reproduzi textos).

5. Gostei, é bem melhor do que assistir a mais (escrita).

6. Eu já comecei a escrever, porque eu não fui ler com textos (eu mesma reproduzi).

7. Eu só postei um texto até agora, e ninguém comentou.

8. Já ler o 3º capítulo.

9. Na minha opinião, eu acho que não.

10. Sim, mais com outra série, Supernatural.

Nickname: monoa26

3º ano:

Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

- 1- sim, mesmo eu não ter feito muito uso, até que foi bom
- 2- não, vejo os filmes do mesmo forma
- 3- não tem nenhum
- 4- não, pois não gosto de escrever
- 5- gostei, porém gostei de usa-lo para ler
- 6- não pois não gosto de escrever
- 7- eu não li nenhum
- 8- o verçabo de postar o texto
- 9- acho que não, o projeto foi bom porém eu não aprendeu muito
- 10- não

Nickname: monoa 279º ano: N-27

Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

- 1- Eu não gostei muito da série mas, foi legal estudar sobre algo diferente.
- 2- Não, dei uma parada.
- 3- O trabalho em equipe desta série, isso é bem interessante "interessante".
- 4- Eu gostei até, melhorei bastante na escrita.
- 5- Eu não cheguei a usar.
- 6- Sim, bastante e a professora por isso.
- 8- Colocar em ordem, cada história.
- 9- Acho que não, assim já está bom.
- 10- Não.

nome: maria 289º ano: A/N:28 Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

- 1- Sim, Por que Eu estudei para tira a melhor nota do mundo.
- 2- não, Por que Eu não gosto.
- 3- fazer trabalho em grupo.
- 4- Não, por que é chato.
- 5- NÃO.
- 6- Sim, por que ela é boa.
- 7- Sim.
- 8- foi a disciplina.
- 9- Sim, Por que para fica mais bom
- 10- outra coisa.

Nickname: maria 279º ano: A Data: 23/08/2018

Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

- 1- não, porque eu não atuei mais demais no escrito
- 2- não
- 3- nenhum chamou minha atenção
- 4- não, por não gostar muito de escrever e não gostar de ficar
- 5- não, não conheço mais, só via que tinha melhores
- 6- acho que não, porque depois desse fanfic escrevi um muito mais que eu precisava passar.
- 7- sim o do professor, pois ele me ajudou em algumas coisas
- 8- no primeiro teste, depois ficou mais fácil
- 9- não
- 10- não

Nickname: Nenas 30^o3^o ano: A Data: 20/02/2016Avaliação do projeto "Fanfiction da série 'La casa de Papel'"

- 1- Não, porque não sou muito de assistir séries
- 2- Poderia ter visto filme foi igual since não sou muito de assistir séries então poderia ter visto mais filmes
- 3- A linguagem pareceu ser interpretada de outra maneira
- 4- Não escrevi, mais eu fiz um projeto bem legal
- 5- Não, eu não sei
- 6- Não poro fato que melhorou, mais eu fiz qe minha escrita melhorou muito, escrevi o meu meu postulação e etc.
- 7- Não.
- 8- Muita mais dificuldade foi escrever, usar plataformas e etc.
- 9- Não, eu fiz qe não falas.
- 10- Não

ANEXO H – Fanzine *Fanfiqueiros de papel*

FANZINE
FANFIQUEIROS DE PAPEL
 ELABORADA PELOS ALUNOS DO NONO ANO DA E.M. SEBASTIÃO TAVARES DE OLIVEIRA

SALVADOR DALI
 Conheça a história e algumas obras desse pintor excêntrico cujo rosto foi usado na máscara dos assaltantes.

BELLA CIAO
 Conheça a história por trás dessa canção e outras músicas de protesto.

A HISTÓRIA POR TRÁS DE CADA APELIDO
 Será que os apelidos dos personagens revelam suas características? Descubra!

RESISTÊNCIA
 O verdadeiro tema da série *LA CASA DE PAPEL*.

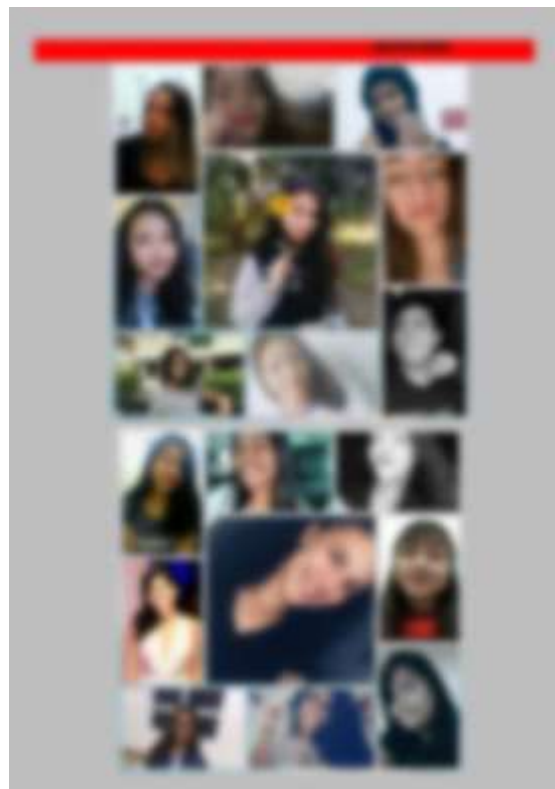
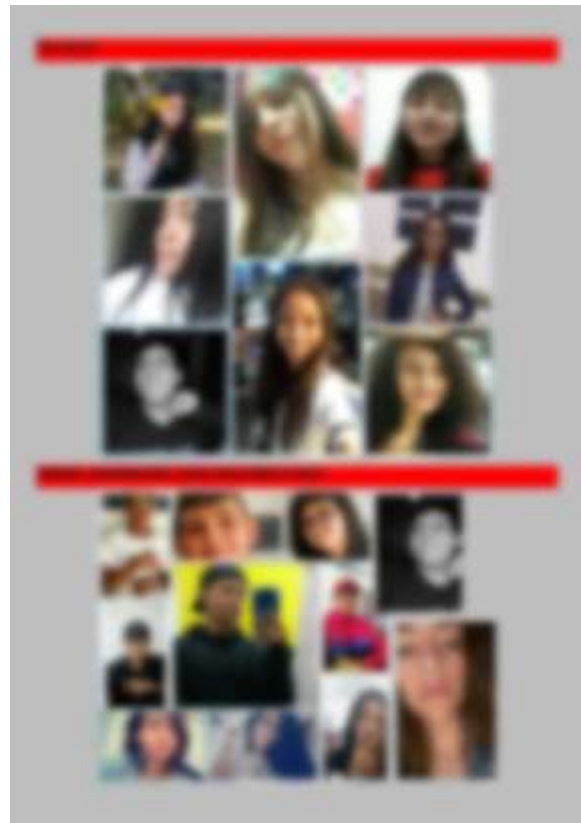
SEGUNDO ROUND
 A aventura não terminou. Leia a fanfic que mostra novas aventuras de nossos personagens preferidos.

ESCRITORAS REVELAÇÃO E ESCRITORES DESTAQUE!
 Conheça as fanfics que se destacaram no projeto!

E SE NOSSOS PROFESSORES FOSSEM PERSONAGENS?
 Veja as semelhanças entre eles!

EDIÇÃO 1 - NOVEMBRO DE 2018





O papel resiste!

Por Professora Raquel Santos Zandonadi



Queime seu plano número um aquele que nunca ficou fissurado por uma boa história! Novela, filme, série, HQ, romance ou conto, não importa o gênero, as narrativas sempre fizeram parte da história da humanidade, desde a arte rupestre, passando pelas histórias bíblicas até chegar aos dias de hoje, com novelas e séries televisivas. Então, não é de se estranhar aquele que se sente apaixonado por um livro e o lê devagar para que não acabe. Ou aquele que depois de assistir a um filme deseja que o personagem tome outro rumo, ou fique imaginando qual seria a continuação de uma história. Ou aquele que deseja saber mais de uma personagem pouco explorada de um seriado. Foi desse sentimento, não só de paixão, mas de desejo de prolongar o contato com o objeto ficcional, que surgiram as *fanfictions*.

Traduzida literalmente como “escrita de fã”, o termo inglês *fanfiction* é resultado da junção de duas palavras: *fan* e *fiction*, significando, portanto, uma escrita ficcional feita por um fã a partir de uma obra original. Inserido no vocabulário de muitos jovens brasileiros, que também usam uma versão mais curta da palavra, *fanfic*, ou até mesmo *fic*, o termo se relaciona diretamente com a origem do vocábulo fã: fanático. Para escrever uma *fanfiction* não basta gostar de escrever, é necessário possuir um sentimento de fã a ponto de não conseguir ser passivo às histórias, é preciso ser fanático. Nesse sentido, o envolvimento e o prazer são a base para a criação das *fanfictions*, já que os fanfiqueiros leem e escrevem aquilo e daquilo que gostam. As *fanfics* surgiram na mesma época em que as *fanazines* – revistas produzidas por fãs – se popularizaram nos EUA no final da década de 60. Essas revistas serviam de circulação para *fanfics*, *fanarts* e toda e qualquer troca de ideias dos fãs dentro daquela comunidade de *fandom*, que significa “reino dos fãs”, na tradução literal para o português.

Imagine, então, como se espalharam essas produções com a consolidação da internet? Hoje, as *fanfics* são publicadas e compartilhadas em *websites*. Os escritores são na sua maioria amadores e jovens, apesar de já existirem obras que começaram como *fanfic* e entraram no mercado editorial.

Sabendo de tudo isso e querendo aliar o útil ao agradável, as aulas de Língua Portuguesa do nono ano da Escola Sebastião se tomaram um espaço de *fandom*, onde mais do que simplesmente ler e interpretar um enunciado, ou fazer uma produção de texto, mergulhamos nas profundezas de um seriado televisivo escolhido pelas turmas, analisando toda a sua construção, desde a estrutura do gênero, até as entrelinhas de sua temática. *La casa de papel*, a série eleita como preferida dos alunos, foi vista e analisada. Esse trabalho resultou diversas pesquisas e reflexões que foram expostas nos corredores da escola para que todos pudessem vivenciar a série: foi o nosso *fandom*. Uma amostra desse trabalho poderá ser visto na seção **Análise da série: ampliando o repertório cultural**. Nela você verá que um texto sempre se relaciona a outro texto e que para a compreensão plena é necessário penetrar nas camadas mais profundas dos enunciados. Em *La casa de papel* nada é por acaso, a cor vermelha predominante, a canção *Bella ciao* e a máscara de Salvador Dalí nos levam a várias interpretações.

Depois do trabalho de leitura e análise do enredo, das personagens e do gênero série, além dos elementos para além dos visíveis, chegou a hora da produção das *fanfics*, que foi feito em um dos sites que abrigam essas histórias no Brasil: o *Spirit Fanfics e Histórias*. Lá, nossos jovens escritores puderam não apenas publicar suas histórias, mas ler outras, comentar e aprender com as dicas dos leitores. Você poderá conhecer algumas dessas produções na seção **Fanfics: para ficar vivendo a série**. Na primeira parte publicamos as duas histórias que renderam às alunas Ana Clara dos Santos e Brenda Cruz o título de escritoras revelação do projeto. Na segunda parte, publicamos outras seis *fanfics* que se destacaram. Se desejar continuar lendo essas histórias e conhecer as dos outros alunos, acesse www.spiritfanfiction.com. Estão todas lá!

Por último, na seção **Quando a gente sabe, a gente inventa**, os alunos fizeram *quiz*, caça palavras e uma matéria especial relacionando a personalidade de alguns dos professores da escola à dos personagens da série.

E para mostrar que cumprimos com nosso plano número um, a produção dessa *fanzone* foi uma tentativa de trazer para o papel parte do que produzimos no decorrer desse projeto. Portanto, *Fanfiqueiros de papel*, além de ser uma referência à série *La casa de papel*, relaciona-se também a nossa insistência de trazer o ciberespaço para o concreto. O papel resiste!

Por fim, parafraseando o querido personagem Professor que afirma: “dinheiro é só papel”, dizemos que o mais importante não está aqui registrado nas páginas que seguirão, isso aqui é só papel! Mas sim na evolução de cada aluno de se dedicou a escrever e a analisar, de forma dialógica, esses enunciados. Isso aqui é puro exibicionismo nosso!

Aproveitem a leitura!



AO LEITOR

"Eu comecei a prestar mais atenção nos detalhes dos filmes depois desse projeto, como por exemplo, as cores alegres usadas em cenas felizes e nas cores escuras usada em cenas mais tensas. O que eu mais gostei na análise da série foi do significado por trás de cada elemento, como a cor vermelha, a canção Beila Ciao, a escolha da máscara de Salvador Dalí ou o porquê do assalto." Ana Clara dos Santos Silva 9ºanoA

"Eu gostei muito desse projeto porque foge daquela aula chata que só copia, e as aulas ficam mais interessantes sem ser o modo 'padrão' de aula." Welison dos Santos Silva 9ºano D

"Depois desse projeto e da criação do meu canal no YouTube chamado pipocando que faz críticas de grandes produções, passei a assistir seriados e filmes com uma reflexão diferente, mais crítica e percebendo os elementos da narrativa. Eu melhorei muito minha escrita depois desse projeto, creio eu que fiz um ótimo fio narrativo em minha fanfic, comparando ao ano passado e a outras fanfics."

João Victor Salim 9ºanoD

"Os pontos que mais me chamaram atenção foram a maneira como foi contada a história e o tema que tinha por trás a resistência"

Fernanda Andrade Vanderlei 9ºano D

"Esse projeto foi muito bom porque aprender por meios diferentes é legal e importante para o desenvolvimento do aluno." Kauany 9ºanoD

"Eu gostei de estudar a série porque dessa maneira foi possível ter uma experiência 'real' de como a língua portuguesa funciona e quão complexa ela pode ser, indo além de gramática básica encontradas nos livros didáticos. Ao escrever a fanfic percebi que simples detalhes fazem a diferença na construção de um bom texto, e que para desenvolver uma boa história é preciso de muita pesquisa."

Melissa Santana Silva 9ºanoD

"Eu gostei de estudar a língua por meio de uma série porque os alunos prestam atenção e não é aquela coisa chata e repetitiva."

Ryan Barros dos Santos Oliveira 9ºanoD

"Antigamente eu não gostava de Língua Portuguesa. Depois que a professora passou a série eu comecei a me interessar mais na matéria. A fanfic eu gostei de escrever."

Daniela Andrade de Melo 9ºanoD

"É um jeito diferente de estudar linguagem e saímos um pouco da rotina que é só copiar e responder as lições da lousa ou do livro."

Filipe de Freitas da Silva 9ºanoD

"Minha escrita melhorou bastante, pois agora eu sei organizar bem todas as ideias que eu tento para escrever sem ficar uma bagunça o texto todo."

Sophia Vicent Teles 9ºanoD

"O que eu mais gostei foi quando descobrimos do que se trata a música, as letras, as roupas, as máscaras e o vermelho que está sempre presente na série. Também quando comentamos sobre a fanfic e fizemos os painéis. Eu percebi que para se escrever algo precisa ter muita pesquisa e é preciso ser fiel ao seu personagem prestando bem atenção nos detalhes e no rumo da história."

Brenda Cruz Santana 9ºano A

"Depois desse projeto eu passei a observar as referências que a série faz."

Otávio Henrique dos Santos 9ºano A

"Minha escrita melhorou depois que eu fiz outra história, porque a primeira não estava muito boa. Reescrever é importante."

Henrique Lira 9ºanoA

"Gostei muito do projeto, achei um método super diferente e divertido, acho que pouquíssimos professores já devem ter feito isso."

Isabelly Paulino Silva 9ºanoA

"Eu gostei muito de analisar a série porque isso me fez melhorar minha interpretação, eu comecei a observar as coisas que antes não observava."

Eduardo Henrique Cortijo Reis 9ºano A

SUMÁRIO

SEÇÃO Nossas leituras da série: ampliando o repertório cultural

- 08 A resistência na série *La casa de papel*
- 11 A história por trás da canção *Bella Ciao*
- 13 Vermelho: *La casa de papel* e a resistência
- 14 Salvador Dalí e a relação com o tempo
- 17 Mônica: é síndrome de Estocolmo ou amor verdadeiro?
- 18 A história por trás dos apelidos dos personagens

SEÇÃO Fanfiction: Escritoras revelação:

- 20 Bem vindo à cidade do México!, por Ana Clara dos Santos
- 25 Segundo round, por Brenda Cruz

SEÇÃO Fanfiction: Escritores destaque:

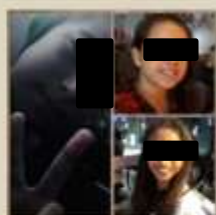
- 31 Apenas Irmãos, Isabelle Paulino
- 33 O roubo dos deuses, Julia Neves
- 34 Maldito diário, João Salim
- 35 Hermejus, Kethin KMikaely
- 36 Olimpia: um sofrimento contínuo, MariaMartins
- 37 A História nunca contada, Melissa Santana

SEÇÃO Quando a gente sabe, a gente inventa!

- 39 E se nossos professores fossem personagens?
- 40 Quiz: Com quem você se parece em *La casa de papel*?
- 41 Quiz: Você realmente conhece *La casa de papel*?
- 43 Caça palavras: Pra quem é fã e sabe tudo!
- 44 Charge

NOSSOS EDITORES**NOSSOS ILUSTRADORES**

Kevin



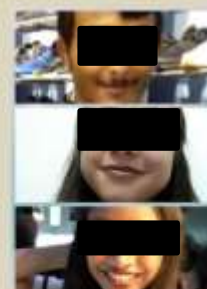
Maria Fernanda

Ana Clara

Thiago

Melissa

Ana Clara



A Resistência na série *La casa de papel*

Por Luiza Meneses, Karina Sousa, Yasmim Christiny, Sabrina Emily, Maria Martins, Nicolay dos Santos e Melissa Santana

Segundo a nossa análise e a declaração abordada pela personagem Professor, o sistema financeiro espanhol é o grande opressor e precisa ser combatido. Diante disso, o grande plano do professor é usar os seus “Partigianos” nesse plano surreal em atacar o sistema financeiro e a elite direto no seu coração, ou seja, na casa da moeda.

Professor, em uma das cenas finais da segunda temporada, quando tentava convencer Raquel de que não pertencia ao lado “mau”, diz:

“Por que não quer me ouvir? Sou um dos maus? Você aprendeu a ver tudo como bom e mau. Mas o que estamos fazendo parece correto para muitos. No ano de 2011, o Banco Central Europeu fez 171 bilhões de nada, 185 bilhões, em 2012, 145 bilhões, em 2013. Sabe onde foi parar esse dinheiro? Nos bancos! Para os mais ricos! Alguém disse que o BCE era ladrão? Era “injeção de liquidez”. Está vendo isso aqui? (uma nota de 50 euros) É papel. Estou fazendo “injeção de liquidez”. Só que para esses desgraçados.”

Com essa fala, percebemos que Professor se importava mais com a justiça do que com o dinheiro, e que seu principal objetivo não era ficar rico, mas sim resistir a um sistema que oprime os mais pobres e defende os mais ricos.

Quando pensamos no plano concreto e refletimos sobre nossos dias e sobre o nosso país, percebemos que também precisamos resistir. Aqui nosso governo financia grandes empresas e perdoa dívidas de bancos, enquanto áreas como a saúde e educação estão à mingua.

Significado das Palavras difíceis

Opressor: É aquilo ou aquele que impõe força ao mais fraco.

Partigianos: Eram assim chamados os soldados italianos amados que não pertenciam a um exército regular, mas a um movimento de resistência.

Fique ligado: “Para receber 500 milhões de reais no curto prazo, o Governo Michel Temer (PMDB) pode abrir mão de arrecadar até 543,3 bilhões de reais em um período de três anos. Assim é o programa de refinanciamento de dívidas com a União, batizado de Novo Refis, que deve ser votado nessa semana na Câmara dos Deputados. Apenas para efeito de comparação, o valor que deverá deixar de entrar nos cofres da União é 2,6 vezes maior do que o orçamento anual de São Paulo, o Estado mais rico do país” Leia mais em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/15>.



Soube mais: Você sabia que “nos últimos dez anos, o Brasil perdeu R\$ 176 bilhões em juros e multas de dívidas tributárias. Os devedores foram beneficiados por meio de nove programas de parcelamento de débitos com o Fisco nesse período. O valor é praticamente o mesmo do rombo nas contas da Previdência no ano passado”.
Leia mais em:
<https://www.gazetadopovo.com.br>

Também, quando refletimos sobre as minorias, negros e mulheres, por exemplo, vemos o quando ainda é preciso lutar por direitos iguais. É preciso resistência.

Não achamos que assaltar casas da moeda seja a solução no plano real, mas no plano narrativo essa ação serviu para essa reflexão.



Uma das histórias sobre resistência

Na luta contra a escravidão, os quilombos são indiscutivelmente um dos marcos na resistência; os quilombos eram um agrupamento de negros formados por descendentes e escravizados fugitivos. Nenhum conflito conseguiu se notabilizar mais que a destruição do Quilombo dos Palmares, que foi destruído sob o comando dos portugueses em 1695, transformando-se em símbolo da resistência africana contra a escravidão, resistindo-se por quase um século.



Resistência Europeia ao Nazismo

Durante a Segunda Guerra Mundial, vários grupos Cívicos lutaram contra os Nazistas e um deles foi o General Charles Gaulle (o qual foi o principal líder da resistência da França), já que ele não aceitou a rendição francesa e exilou-se na Inglaterra (O general Gaulle organizou a resistência através de mensagens e instruções aos seus compatriotas via a rádio BBC de Londres.)



General Charles Gaulle

Entretanto a França foi dominada pelos Alemães e o marechal francês chamado Philippe Pétain, ao contrário de Gaulle, assinou um contrato de total rendição. O efeito disso foi a França ter sido dividida em duas zonas pelos alemães, uma ocupada e a outra não. Formando assim o regime de Vichy no qual Pétain colaborou.

A resistência também existiu na própria Alemanha. A resistência alemã contra o nazismo foi marcada por diversos atos, como por exemplo: desobediência civil, oferecimento de abrigo e esconderijo aos judeus perseguidos, participação em missas proibidas pelo regime nazista. Além disso, vários alemães ajudaram na fuga dos judeus, o que era considerado um ato de resistência.

FIQUE LIGADO: Oskar Schindler foi um industrial alemão, espião e membro do Partido Nazi, que teria salvo da morte 1200 judeus durante o holocausto, empregando-os nas suas fábricas de esmaltes e munições, localizadas nas atuais Polónia e República Checa. É o tema principal do romance de 1982, *Schindler's Ark*, e do filme de 1993, *Schindler's List*, que mostra a sua vida como um oportunista interessado no lucro, inicialmente, mas que acabou por mostrar uma iniciativa e dedicação extraordinárias com o objetivo de salvar as vidas dos seus empregados judeus.



Saiba mais: O Sir Nicholas Winton ficou conhecido como "Schindler britânico" por salvar 669 crianças, em sua maioria judias, dos campos de concentração nazistas na antiga Checoslováquia, em 1939, antes do início da Segunda Guerra Mundial. Aos 106 anos, o ativista leva uma vida simples em Pinkneys Green, no Reino Unido.



Guerra Civil Espanhola

Foi em 1936 que a guerra Espanhola teve início e durou até 1939. O período que se seguiu até o fim da guerra Civil ficou conhecido como Franquismo, haja vista que o general Francisco Franco assumiu o país.

Até 1936, a Espanha passou por um período de tribulações e tensões no âmbito político por causa de um ditador ligado ao conservadorismo espanhol chamado Miguel Primo Riveira, ele governou o país entre os anos de 1923 e 1930.

O estopim da guerra espanhola foram os setores conservadores tentarem promover um golpe de estado e novamente conduzir um líder autoritário ao poder. As forças conservadoras espanholas tiveram que enfrentar forte resistência das organizações anarquistas e do Partido Comunista Espanhol (PCE), que era auxiliado internacionalmente por Moscou.

Nessa ambiência, constituíram-se as duas principais linhas de combate da guerra civil: a Frente Popular, que concentrou as forças da esquerda, e o Movimento Nacional, que concentrou, por sua vez, grande parte das forças da direita, lideradas pelo general Francisco Franco.



Grupo de anarquistas espanhóis

A resistência de hoje



O movimento #elenão feito por milhares de mulheres pelas redes sociais foi uma forma de resistência feminina contra o machismo e a diferença salarial que ainda existe entre homens e mulheres. Nessa campanha, elas se referiam a um candidato a presidência acusado de fazer declarações machistas.

As desigualdades sociais e racistas sofridas pelos brasileiros formou uma resistência que luta pela liberdade e pela igualdade almejada pelos movimentos anti-racismo.

Também, o Brasil enfrentou uma greve turbulenta que, querendo ou não, foi um movimento de resistência, pois houve um efeito de resistir e de defender seus direitos contra a elite.



Resistência dos Professores

Houve também um movimento de resistência recente na baixada santista, por parte dos professores de Cubatão e de Praia Grande, no início do ano.

Este acontecimento se deu pela insatisfação dos profissionais com os decretos aprovados no fim do ano passado que lhes tiraram direitos. Os professores de Praia Grande protestaram na frente da sessão da Câmara de Vereadores da cidade no início do mês de maio.

Essa resistência resultou na revogação de alguns itens da lei que rege o plano de carreira dos professores.



Professora Raquel, professora Thais e nosso colega de sala Danilo em protesto na Câmara dos vereadores de Praia Grande.

A história por trás da canção *Bella Ciao*

Por Sophia Vicente

Muitas pessoas não sabem, mas *Bella Ciao* tem uma história e tanto por trás desses versos, não é só uma canção feita para um seriado 'modinha' *La Casa de Papel*, segundo algumas pessoas, da Netflix. A música foi hino da resistência italiana contra o fascismo de Benito Mussolini e das tropas nazistas durante a 2ª Guerra Mundial.

Essa referência aparece na série, sendo revelada pela personagem-narradora Tôquio (interpretada por Úrsula Corberó), ao falar do mentor do assalto. "A vida de Professor girava em torno de uma única ideia: 'Resistência'. Seu avô, que tinha ficado ao lado dos 'partigiani' (como são chamados os heróis da resistência antifascista na Itália) para derrotar os fascistas de lá, havia lhe ensinado essa música e depois ele nos ensinou", diz ela em uma cena da série.

Mas a origem de *Bella Ciao* pode ser ainda mais antiga do que podemos imaginar. Alguns dizem que a melodia é uma adaptação de uma canção Klezmer (um gênero de música não litúrgica judaica, desenvolvido a partir do século XV), um gênero que emerge da tradição musical de judeus asquenazes, da Europa Oriental. Mais especificamente de

"Oi Oi di Koilen", do acordeonista ucraniano Mishka Ziganoff, que a gravou em Nova York em 1919. Ao ouvir esta melodia em iídiche (dialeto das comunidades judaicas da Europa Central e Oriental) são várias as semelhanças com *Bella Ciao*.

O hino da resistência italiana teria sido levado ao país por um imigrante que estava nos Estados Unidos. De acordo com outra versão, *Bella Ciao* teria surgido das canções populares das trabalhadoras dos campos de arroz do vale do rio Pô, no norte da Itália, no século 19. Canções populares como *Picchia alla porticella* e *Fior di tomba* têm trechos que lembram *Bella Ciao*.

Mas a história de *Bella Ciao* não termina aí. Nos anos 60, a música se tornou um hino popular durante as manifestações de trabalhadores e estudantes na Itália. E ainda

hoje é entoada em manifestações pela Europa, como as de 2012, quando passavam por grave crise econômica.

O uso dessa canção na série *La casa de papel* nos fornece indícios para afirmar que o roubo planejado por

Professor e executado pelos oito assaltantes relaciona-se mais a ideia de um ato de resistência do que simplesmente a um roubo para ficarem ricos. Vamos combinar que se fosse só isso seria bem chato!



Sabia mais

O **Fascismo** foi um movimento político e filosófico ou regime (como o estabelecido por Benito Mussolini na Itália, em 1922), que faz prevalecer os conceitos de nação e raça sobre os valores individuais e que é representado por um governo autocrático, centralizado na figura de um ditador.

TRADUÇÃO

Uma manhã, eu acordei
 Querida, adeus! Querida, adeus! Querida, adeus, adeus, adeus!
 Uma manhã, eu acordei
 E encontrei um invasor

Oh, membro da Resistência, leve-me embora
 Querida, adeus! Querida, adeus! Querida, adeus, adeus, adeus!
 Oh, membro da Resistência, leve-me embora
 Porque sinto que vou morrer

E se eu morrer como um membro da Resistência
 Querida, adeus! Querida, adeus! Querida, adeus, adeus, adeus!
 E se eu morrer como um membro da Resistência
 Você deve me enterrar

E me enterre no alto das montanhas
 Querida, adeus! Querida, adeus! Querida, adeus, adeus, adeus!
 E me enterre no alto das montanhas
 Sob a sombra de uma bela flor

Todas as pessoas que passarem
 Querida, adeus! Querida, adeus! Querida, adeus, adeus, adeus!
 Todas as pessoas que passarem
 Me dirão: Que bela flor!

E essa será a flor da Resistência
 Querida, adeus! Querida, adeus! Querida, adeus, adeus, adeus!
 E essa será a flor da Resistência
 Daquela que morreu pela liberdade

E essa será a flor da Resistência
 Daquela que morreu pela liberdade

SAIBA MAIS

Não é só de *Bella Ciao* que se faz uma playlist de músicas sobre resistência. Existem várias que representam momentos de repressão pelo mundo. No Brasil podemos destacar, *Pra não dizer que falei de flores*, de Geraldo Vandré e *Apesar de você*, de Chico Buarque.

Músicas de protestos e levantes:

- o *Até quando?* – Gabriel o pensador
- o *Cálice* – Chico Buarque e Milton Nascimento
- o *Apesar de você* – Chico Buarque de Holanda
- o *Pra não dizer que não falei das flores* – Geraldo Vandré
- o *Power to The People* – John Lennon
- o *Bella Ciao* -autor desconhecido (Originário dos Partigianos)

12

LETRA ORIGINAL

Una mattina mi son' svegliato
 O bella ciao, bella ciao, bella ciao,
 ciao, ciao
 Una mattina mi son' svegliato
 E ho trovato l'invasor

O partigiano, portami via
 O bella ciao, bella ciao, bella ciao,
 ciao, ciao
 O partigiano, portami via
 Ché mi sento di morir

E se io muoio da partigiano
 O bella ciao, bella ciao, bella ciao,
 ciao, ciao
 E se io muoio da partigiano
 Tu mi devi seppellir

E seppellire lassù in montagna
 O bella ciao, bella ciao, bella ciao,
 ciao, ciao
 E seppellire lassù in montagna
 Sotto l'ombra di un bel fior

Tutte le genti che passeranno
 O bella ciao, bella ciao, bella ciao,
 ciao, ciao
 Tutte le genti che passeranno
 Mi diranno: Che bel fior

E quest'è il fiore del partigiano
 O bella ciao, bella ciao, bella ciao,
 ciao, ciao
 E quest'è il fiore del partigiano
 Morto per la libertà

E quest'è il fiore del partigiano
 Morto per la libertà

SAIBA MAIS

O Brasil também viveu um período de autoritarismo. Há muitos filmes que retratam esse período. Assista!!



VERMELHO: *La casa de papel* e a resistência

Por Melissa Santana e Katlyn Mikaely

A cor vermelha, tão antiga quanto o próprio tempo, era usada somente por aqueles de mais posses, que tinham um privilégio social e poder, era até então um símbolo de riquezas, já que custava caro para ser feita devido à sua alta pigmentação, diferentemente de cores como o marrom e bege que eram usados pelos menos dotados de posses materiais.

Com o passar do tempo e a expansão da igreja católica, essa cor tão vibrante, foi associada ao demônio e passou assim a simbolizar o pecado. Com esse novo título para rotular essa tão poderosa cor, os homens, que antes a usavam para ostentar poder e dinheiro,

atribuíram às mulheres o uso dessa cor. Curiosamente, antes dessa mudança de paradigma, a cor azul era mais usada pelas mulheres, depois, passou a ser usada mais pelos homens.

Isso se manteve até à época de 1780, quando, na França, em meio à tantas manifestações da população, o governo usou essa cor, vista como alerta e pecado, para intimidar a população a respeito das manifestações, espalhando bandeiras vermelhas por toda Paris. A população não obedeceu, saiu às ruas em manifestação e o governo agiu com brutalidade e violência, deixando centenas de mortos. Quando a Revolução Francesa 'oficialmente' aconteceu, os rebeldes

pegaram a cor que foi usada como sinal de controle e poder para lembrar sua resistência contra a injustiça e opressão, além de homenagear seus irmãos que morreram em busca de um mundo melhor.

Desde então, essa cor é símbolo de resistência e é usada, inclusive, em bandeiras de partidos políticos pelo mundo afora que mantêm uma ideologia de dar voz ao povo.

A cor vermelha chama bastante atenção de quem assiste *La Casa de Papel*. Aqui, ela aparece não apenas nas roupas dos personagens e título, mas em muitos objetos e detalhes,

como no telefone que os assaltantes usavam para se comunicar com o professor, o sofá que o Oslo repousou nos seus últimos dias de vida, na almofada usada para amparar Moscou, no carro usado pelo Professor antes do assalto.

O uso dessa cor, predominante na paleta de cores da série, nos remete, mais uma vez, como pudemos ver nas matérias anteriores, ao tema primeiro dessa narrativa: a resistência.



Salvador Dalí e a relação com o tempo

Por Eduarda Cristina, Jéssica Oliveira e Leticia Costa



Já no primeiro episódio da série *La casa de papel* nossa atenção é chamada pela máscara usada pelos assaltantes: um rosto com uma mistura de susto e loucura, algo para nos fazer sentir uma mistura de riso e medo. Para quem conhece um pouco de artes plásticas (ou que prestou atenção nas aulas do professor Nei, no oitavo ano) já saberia, ali nas primeiras cenas, que se tratava do rosto de um inusitado pintor espanhol.



Salvador Dalí Domènech (1904-1989) foi um pintor espanhol que se destacou por suas composições insólitas e desconexas. Com seu bigode sinuoso e com disposição para escandalizar foi um grande representante da Estética Surrealista.

A máscara do rosto de Salvador Dalí usada pelos assaltantes durante parte da narrativa nos dá uma importante dica a respeito da importância do tempo na construção dessa história. Uma das principais obras do pintor, *A persistência da memória*, retrata o relógio, objeto banal e cotidiano, porém de uma forma transfigurada. Eles aparecem derretidos,



Obra *A persistência da memória*

levando-nos a pensar sobre uma passagem de tempo distorcida.

No caso da série em questão, tanto o tempo da narrativa em si, onze dias narrados em vinte e dois episódios, tanto o tempo psicológico das personagens – vivendo sob a pressão da polícia e reféns – e a moeda de troca que o professor estabelece com a polícia (para saber mais, leia a matéria sobre a resistência), alargam a percepção temporal.

Portanto, o uso do rosto de Salvador Dalí nas máscaras dos personagens nos sugere uma dose de loucura, outra de riso, outra de reflexões. Nossa hipótese é, também, a de simbolizar a importância do tempo.



Saiba mais

O surrealismo foi movimento artístico que se caracterizava pela expressão espontânea inconsciente, algo que sugeria o sonho ou o inconsciente.

Fique ligado

Você percebeu que o tempo dentro da narrativa é bem marcado? Cada minuto é cronometrado, tanto que apareciam **EM VERMELHO** no início e no meio dos episódios. Mais um indício de que o valor mais precioso para os assaltantes, antes mesmo do dinheiro, era o tempo. Nunca se esqueça: Tempo é dinheiro!



Bora conhecer algumas obras desse pintor!

Obras de Salvador Dalí:

O sono (1937)



A Tentação do Santo Antônio (1946)



Referências filmicas encontradas na série *La casa de papel*

Por Isabelle Paulino

La Casa de Papel é muito boa pela trama em si, mas não podemos esquecer-nos das suas vastas referências culturais, uma delas são as máscaras do ilustre pintor Salvador Dalí, conhecido por suas obras um tanto quanto diferentes.

Tais máscaras têm um papel muito importante na série e pensando nisso resolvemos fazer para vocês uma lista de filmes, musicais e livros quem também tem a máscara como plano importante na trama.



1- O máscara

Nesse filme a visita do tímido bancário Stanley muda completamente quando ele encontra uma máscara que possui o espírito do Deus Loki. E sempre que Stanley usa a máscara ele ganha super poderes.



2- O fantasma da ópera

Esta é uma obra que foi criada a muito tempo atrás por Gaston Leroux, nela um fantasma que tem a face deformada e por isso usa uma máscara para escondê-la ele vaga por um antigo teatro de ópera assistindo a todos.



3- A máscara da morte Escarlate

Este é um livro bem antigo que já foi adaptado de várias formas e por várias pessoas diferentes, a história escrita originalmente por Edgar Allan Poe fala a respeito da morte Escarlate que dizimava parte da população de um reino. O ápice dessa obra acontece durante um baile de máscaras

FIQUE LIGADO: Como não podemos falar sobre super heróis e máscaras que todos amamos? Não nos deixam esquecer nem por um segundo que um super herói que se preze de verdade não deve



revelar sua identidade a absolutamente ninguém, então se deseja assistir algum filme com máscaras pode apostar nos queridinhos heróis que não irá se arrepender.

Sálva main

História das Máscaras
Por Vitória Pereira

Ao longo da história da humanidade, as máscaras foram utilizadas para os fins mais distintos, de acordo com a cultura e religiosidade do povo que as utilizavam. As máscaras também tinham características simbólicas como se verifica nas tribos de esquimó no Alasca.

Atualmente as máscaras são utilizadas no Dia das Bruxas (Halloween 31/10) e no Carnaval.

Expressão: "Caiu a Máscara"

Uma expressão um tanto quanto antiga, remete a falsidade, enganação e mentira.

Outras referências filmicas

presentes na série:

Por Maicon Neves

Quentin Tarantino: Muitas das cenas de ação presentes na trama fazem referência e esse importante diretor de cinema.

Filmes de assalto: Lembra-se da cena toda romântica em que Professor toca piano para Raquel. Você reconheceu a música? Se não pensou no filme "Truque de mestre", de 1973, um dos maiores filmes sobre golpes da história do cinema, está precisando ampliar seu repertório de filmes de assalto (Ou porque você é jovem, simples assim!)

Romeu e Julieta, Bonnie e Clyde, Os amantes de Teruel: São tres filmes que narram histórias de amor com final trágico. São filmes citados por Berlim na cena final em que fica para trás para proteger os outros, se entregando a morte.



Cena do filme "Cães de Aluguel".



Filme "Golpe de mestre"



Filme "Bonnie e Clyde"

Mônica: É Síndrome de Estocolmo ou amor verdadeiro?

Por Julia Neves

Na manhã de agosto de 1973, o banco Sveriges "Kreditbank of Stockholm" foi invadido por dois assaltantes, na cidade de Estocolmo, na Suécia. Com a chegada da polícia, houve uma considerável troca de tiros dupla deixasse quatro encontravam dentro do dias.

Sem que os imaginar, ao começarem a intenção de libertar os a ajuda usando seus de proteger os criminosos.

Em homenagem ao passou a ser chamado, de Estocolmo" o estado em que uma pessoa que é submetida a um longo tempo de intimidação, começa a ter simpatia e sentimentos, como amizade e até mesmo amor, com o seu agressor.

Nesse cenário, a vítima percebe que apenas acatando as regras impostas ela irá conseguir um pouco de sua integridade. Com o passar do tempo, ela tenta evitar comportamentos que desagradem seu agressor e também começa a ter uma suposta simpatia com ele.

Em muitos casos, mesmo após sua libertação, a vítima continua a ter um sentimento de afeição por tal pessoa. Ao contrário do que pensamos, essa síndrome não é tão rara, um exemplo clássico é o de algumas mulheres que sofrem agressões de seus maridos, mas continuam a amá-los, defendê-los e a justificar suas agressões.

Em *La casa de papel*, perguntamos-nos se Mônica sofre dessa síndrome. Para entendermos essa questão vamos aos fatos: Apesar de ter que manter os reféns vivos, Berlin manda Denver matar Monica, mas ele não sendo um assassino, desobedece a Berlin, dá um



tiro apenas na perna da moça e a esconde em um dos cofres da casa da moeda. Denver passa os próximos dias cuidando dos ferimentos de Mônica, que percebe que ele é mais que um simples ladrão: acaba se apaixonando por ele. Duas questões importantes nessa equação: Mônica está grávida de Arturo, o gerente da Casa da Moeda, sujeito chato que vive a atrapalhar os planos dos assaltantes; e, no final da trama, a moça foge com Denver, se transformando em uma ladra também.

A pergunta que nos fica é: Será que Mônica se arrependerá da decisão de fugir com os assaltantes? Ou será que ela estava realmente cansada de sua vida normalzinha, namorando um homem casado e chato? Saberemos na terceira temporada, eu espero!!

Se quiser saber mais sobre os pensamentos de Mônica, leia a fanfic de Nonoa17. Nossa colega Isabelle Ribeiro conta a narrativa pelos olhos dessa personagem que conquistou nosso coração. Dá um pulinho na www.spiritfanfiction.com.br e confira!

17



Cenas do assalto em Estocolmo

policiais pudessem suas estratégias com reféns, esses negaram próprios corpos a fim

referido episódio, então, de "síndrome psicológico particular



Cidade de Estocolmo



A história por trás dos apelidos dos personagens

Por Daniela Andrade e Kauane Rosa



Denver Uma cidade bem festeira que fica no Colorado, Estados Unidos, onde se encontra bares muito movimentados a noite, o que lembra bastante a personalidade do personagem, festeiro e alegre.

Se Denver é seu personagem preferido não deixe de ler a *fanfic* de Nonoa24. Otávio conta o que aconteceu com a personagem depois do assalto. Confira!



Berlim É a capital da Alemanha e que tem em seu histórico o nazismo, lembra a personagem pelo fato de ter sido uma cidade onde houve rigorosamente maus tratos, ou seja, o que ele faz com os reféns ao final da série.

Apesar de excêntrico, essa personagem tem muitos fãs. Se você é um deles, corre na próxima sessão dessa *fanzine* e leia as *fanfics* de Nonoa03 e Nonod25, ambas relatando histórias quentinhas de Berlim. Ana Clara e Melissa arreventaram! Não deixe de ler e se deliciar!



NOSSAS LEITURAS DA SÉRIE: AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL



Rio. Cidade brasileira que no passado foi capital do país e é uma cidade que mostra tendência jovem e é conhecida por sua beleza e descontração, assim como o personagem.

Pra se inteirar de novas histórias dessa personagem, acesse www.spiritfanfiction.com e leia as fanfics de Nonod17 e Nonod19. Nossos colegas Luiz e Kevin, que manjam tudo de tecnologia, mandaram super bem! Não perca!

Helsinque. É a capital da Finlândia, local frio e que mesmo assim tem paisagens deslumbrantes, comparando ao personagem vemos que tal é "frio", porém mostra ter uma educação e cultura muito linda.



Oslo. Capital da Noruega, é a maior cidade do país e, como Helsinque, muito frio, mas tem locais muito lindos. O personagem Oslo é quase igual ao seu primo, apenas tem uma opção sexual diferente.

Nairóbi. Capital do Quênia, onde tem uma região florestal grande e nelas animais bem exóticos e com fácil visualização do público, é uma cidade bem perto da natureza. Não podemos perceber logo de cara uma relação da cidade com a personagem, mas assim como ela, ninguém sabe muito sobre sua história.



Pra você que é fã da mulher mais incrível da série, vá até a segunda sessão dessa *fanzine* e leia a *fanfic* de Nonod16. Nossa amiga Kethyn conta como essa personagem tenta encontrar seu filho depois do assalto. Se preferir, leia a história completa em www.spiritfanfiction.com.br



Moscou. Capital da Rússia é uma cidade bem clássica, antiga, com suas construções rústicas, ligando assim com o personagem, por ser o mais velho da "quadriilha".

Tóquio. A personagem Tóquio é bem arrojada e impulsiva e isto se relaciona bem com a capital Japonesa que conta com mais de 13 milhões de pessoas e tem muitas diversidades culturais, assim como a personagem e seu temperamento, encontramos na Capital lugares tranquilos e outros bem movimentados.

Se você é fã dessa personagem, encontrará muitas histórias sobre ela na www.spiritfanfiction.com. Nossos colegas Everton (Nonoa07), Felipe (Nonoa08), Guilherme (Nonoa11), Kauany (Nonod36) e outros se inspiraram nela para criar suas *fanfictions*! Corre lá pra conferir!



Nessa seção você conhecerá as duas *fanfics* que receberam um destaque especial no projeto. São narrativas muito bem construídas de duas alunas muito dedicadas e talentosas! Tenho certeza que depois de ler essas histórias você se transformará em um fanfiquero de carteirinha! Prepare-se para virar fã em três, dois, um...

Bem-Vindo à Cidade do México!

Por Ana Clara

Capítulo 1- O recomeço.

Era fim de tarde quando Andrés finalmente se viu livre daquele inferno, Madri tinha mudado bastante desde a última vez que tinha andado por suas ruas. O que ele precisava no momento, era apenas um lugar para passar a noite e existiam duas opções, dormir em uma dessas vielas ou pular a catraca do metrô da Espanha e seguir até Toledo, a cidade que vivia antes de se meter naquele assalto. Obviamente a opção "dormir na rua" foi descartada imediatamente, se fosse para dormir precariamente que continuasse na prisão.

Sua mente estava uma bagunça, era como se tivesse acabado de passar um furacão, sinceramente ele não tinha ideia do que faria desse dia em diante, esses anos preso o afundou ainda mais, se já era difícil controlar a si mesmo antes, com o apoio de Sergio, agora que não faz ideia de onde o mesmo está tudo só fica pior. É horrível ver a pessoa que você mais confiava desaparecer, mesmo que esse desaparecimento tenha sido causado por um maldito plano que deu errado. Mas ele não podia reclamar, não queria ser egoísta a esse ponto, foi ele mesmo que disse que se tudo desse errado, Sergio deveria fugir. Foi uma promessa.

Durante essa quase uma hora dentro de um metrô lotado, tudo o que Andrés queria era se jogar em uma cama de verdade e poder descansar, não só fisicamente como mentalmente também. O dia seguinte seria o início de uma vida nova.

Okay, talvez a "cama de verdade" que o garantiria uma boa noite de sono, não fosse tão boa assim. Depois de mais de dez anos abandonada, aquela casa foi invadida por bichos de todo tipo, desde insetos que

acabaram com seu colchão, até uma coruja que ficou o encarando e "cantando" a noite inteira. Mas não era hora de se preocupar com isso, Andrés pegou um dinheiro que tinha guardado e partiu direto para o aeroporto de Madri, o dinheiro que tinha não era muito, mas era suficiente para se manter por alguns meses, depois disso, nada que umas visitinhas em algumas joalherias não resolvesse. Enquanto escolhia seu destino, sentado à mesa de um café qualquer, ele observava as pessoas que por ali passavam, elas eram de todos os tipos, diferentes etnias, diferentes raças, exóticos), diferentes em aparência, modo de andar, falar, tudo. A única semelhança que era possível perceber era que todos de alguma forma, pareciam estar felizes, de bem com a vida mesmo que por baixo de suas toucas e mergulhados em seus próprios mundos. Isso podia ser só mais uma das paranoias que sua cabeça o pregava, mas aquela confiança que o mesmo tinha ao sair de casa não era a mesma. Essas suas mudanças súbitas de humor tiravam sua sanidade.

Ao ter terminado sua terceira xícara de café e finalmente ter escolhido seu rumo a seguir, o mesmo se dirigiu até o balcão e como esperado, precisou pagar mais caro pela passagem, já que estava comprando no dia em que viajaria. Tudo resolvido, check-in feito, bagagem despachada, precisava apenas relaxar naquela poltrona de avião.

Após quase doze horas dentro de um avião, o único lugar que conseguia prestar atenção no momento era no panfleto que segurava em mãos e nos preços absurdos das diárias dos hotéis. Seu estômago clamava por comida depois de todo esse tempo comendo

FANFICTIONS ECRIÇÕES REVELAÇÃO

— Então é a minha história? — O gerente dos clientes e seu irmão para o lado e conversam a fazer o check-in. Depois de tudo o processo é feito para o quarto que era o meu quarto de hotel.

— Então, que tipo de quarto? — Logo o Hotelaria responde: era uma cobertura grande completa que tinha todos os serviços e até piscina, alguns quartos do Pólo Positivo já foram feitos e colocados no seu andar e acabamos deixando a cobertura completa com piscina, academia e lavanderia completa com preparador de bebidas entre.

— Mas não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Então não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Mas não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Então não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Mas não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Então não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Mas não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Então não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Mas não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Então não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Mas não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Então não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Mas não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Então não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Mas não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

FANFICTIONS ECRIÇÕES REVELAÇÃO

— Então não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Mas não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Então não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Mas não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Então não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Mas não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Então não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Mas não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Então não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Mas não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

Para ler outros capítulos das histórias de Ana e Brenda acesse a plataforma www.gpirinfanfiction.com.br

FANFICTIONS ECRIÇÕES DESTAQUE

Agora você conhece mais um fãfic, também muito bem produzido, do universo de Yô-yô da ENJ Sublimis Tavares de Oliveira. Neste se eu sou lugar confortável e o espaço do mundo, pois você não conseguirá parar de ler!

Amigos Invisíveis

Por: Juliana Paes

Classificação: 15 anos

— Eu sou a Espinha, e todos sabem do meu lado de dentro, mas se eu de fora não sou tão feliz. Não sou o que quero ser, não sou o que preciso ser, não sou o que quero ser. Não sou o que preciso ser, não sou o que quero ser. Não sou o que preciso ser, não sou o que quero ser.



— O que agora, você não quer que eu seja, e porque é que eu sou assim, que eu sou assim? — C.E.G.A., então você não pode chegar ao mesmo nível, e a segunda é que eu não sou ninguém e não quero ser, não quero ser, não quero ser, não quero ser.

— Mas não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Então não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Mas não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Então não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

FANFICTIONS ECRIÇÕES DESTAQUE

— Tu sou, tu, obrigado pelo convite, já vou sair do meu quarto. — Assim que ele saiu eu fiquei no chão, e depois quando ele me viu eu fui a casa dele, eu não sou ninguém e não quero ser, não quero ser, não quero ser, não quero ser.

— Mas não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Então não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— O que agora, você não quer que eu seja, e porque é que eu sou assim, que eu sou assim? — C.E.G.A., então você não pode chegar ao mesmo nível, e a segunda é que eu não sou ninguém e não quero ser, não quero ser, não quero ser, não quero ser.

— Mas não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Então não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Mas não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

— Então não, só para ficar bem — Mas não só isso, e também sua piscina fosse sempre em um nível elevado ao nível. Desde quando os apartamentos e suas piscinas privadas foram feitas em um nível elevado ao nível.

QUANDO A GENTE SABE, A GENTE INVENTA.

E se nossos professores fossem personagens?

Por João Salim



Claudio e Moscou. Eventos tristes marcam essa comparação, um personagem querido na série, um professor maravilhoso, na história e na realidade marcaram nossas vidas e creio que dos telespectadores.

Lamentos, de um lado, como esquecer daquele sorriso de orelha a orelha que nosso professor estampava todo dia, sua alegria contagiante, seu otimismo brilhante, seus conselhos muito significantes, um homem de caráter, de respeito, de gratidão.

Moscou o mesmo, era o pai da quadrilha, o apaziguador dos conflitos, lutou até no final por uma vida melhor ao seu filho, e o mesmo sentimento que demonstrava nosso professor que sempre desejou para nós um futuro brilhante.

Raquel e Raquel. Não se deixem enganar, por trás dessas feições meigas encontra-se profundo desejo de justiça, de compreensão e uma súplica de ordem.

Como sabemos, Raquel nossa incrível professora de português, e por pura coincidência, Raquel, a inspetora justiceira de *La Casa de Papel* têm a mesma personalidade: são mulheres fortes e independentes, não esperam ordens e respostas, elas são a iniciativa, as revolucionárias, a justiça.



Berlim e Ney. Personagens

e professor separados por um universo, esqueça-se do lado psicopata, assaltante e insensível de Berlim, e observe seu lado sociável, calmo, ambicioso, líder, gosta de manter a ordem o controle de todas as situações. Agora me diz se não descrevi nosso antigo e ilustre professor de artes e teatro, Ney Boyto?

Denver e Thiago.

HUMOR. HUMOR. HUMOR. Essas palavras definem as cenas que o descontraído e piadista Denver entra no foco, define as

aulas surpreendentemente engraçadas que tivemos com o nosso divertido professor de inglês, Thiago. Com suas histórias maravilhosas, a risada em sua sala de aula é certa!



Professor e Leonardo.

Se esqueçam de comparações físicas, por que, aliás, não são nada parecidos, mas as diferenças acabam aí, por que o resto é praticamente a mesma pessoa, um espelho interno de ambos. O genial, calculista e engenhoso Professor é a cópia fictícia do revolucionário, motivador do nosso conhecimento, professor Léo de História, os dois nos fazem refletir e nos fazem lutar e ajudar a acabar com as injustiças que sofremos em nosso cotidiano por um poder maior. Um mais radical e outro mais formal! Qual é qual?

Quiz 1**Você conhece bem a série *La Casa De Papel*?**

Por Otávio, Guilherme e Felipe

Confira as perguntas e responda corretamente:

1- Nairobi, uma das ladras, teve uma relação amorosa com quem?

- a- () Rio
- b- () Não teve relação amorosa com ninguém
- c- () Helsinki

2- Qual foi o maior truque que o El Professor cometeu com os policiais?

- a- () Virou um grande amigo de Ángel
- b- () Virou um dos policiais do caso
- c- () Teve uma relação com a inspetora Raquel Murillo

3- Como Tokyo conseguiu voltar para a Casa da Moeda após ter sido pega pela polícia?

- a- () Com uma moto e roupa da polícia. Com ajuda de uma gangue do El Professor
- b- () Correndo, teve ajuda de um policial.
- c- () Os ladrões saíram da Casa e conseguiram buscá-la.



4- Qual é a relação entre o El Professor e Berlim?

- a- () O El Professor é pai de Berlim
- b- () Ele são irmãos
- c- () Eles são melhores amigos de infância.

5- Quantos reféns os ladrões prendem dentro da Casa da Moeda?

- a- () 67 (sessenta e sete)
- b- () 52 (cinquenta e dois)
- c- () 78 (setenta e oito)

6- Quem é o refém mais odiado pelos ladrões?

- a- () Pablo
- b- () Arturo Román
- c- () Alison Parker

7- Qual desses personagens não morreu?

- a- () Moscou
- b- () Ángel
- c- () Berlim

8- Qual a diferença de idade de Rio e Tóquio?

- a- () 8
- b- () Eles têm a mesma idade
- c- () 12

9- Em que ano a série foi lançada?

- a- () 2017
- b- () 2016
- c- () 2018

"não gosto de La Casa de Papel"Confira as respostas na contracapa da *fanzine*

QUANDO A GENTE SABE, A GENTE INVENTA.

Quiz 2**Quem você seria em *La Casa de Papel*?**

Por Júlia

Esse teste tentará descobrir com qual personalidade dos nossos queridos personagens você mais se aproxima. Faça com uma calculadora, some os pontos e veja com qual ator ou atriz você mais se encaixa!

1 - Você se considera uma pessoa impulsiva?

Sim, não penso antes de agir. 50

Não, eu penso antes de agir. 30

Só em situações extremas. 10

2 - Você se considera uma pessoa explosiva?

Sim. 50

Não. 20

3 - Você se considera corajoso?

Sim. 60

Não. 20

Em raros momentos. 10

4 - Você mataria alguém, como um refém ou policial infiltrado?

Mataria sem pensar. 10

Dependendo da situação. 30

Jamais, sempre seguir o plano. 70

5 - Você se considera uma pessoa inteligente?

Sim. 30

Não. 20

Não sei. 10

6 - Você abandonaria um companheiro ferido?

Sim, ele só atrapalharia o plano. 10

Eu faria o possível para ajudá-lo. 30

Eu não o abandonaria de maneira nenhuma. 20

7 - Você se considera uma pessoa briguenta?

Sim, às vezes causo muita discórdia. 50

Não, eu busco me reservar e focar no plano. 20

Depende. Não fico calado perante qualquer coisa. 30

Não sei. 10

8 - Se tudo desse errado, você deduraria seus amigos?

Sim. 20

Não, jamais. 20

Não sei. 10

9 - Como você viria punir seu companheiro caso ele tenha feito algo muito grave?

Iria espancá-lo. Não temos espaço para erros. 50

Iria expulsá-lo para fora e deixá-lo ser capturado. 50

Iria expulsá-lo para fora e deixá-lo ser capturado. 50

Iria conversar com ele e buscar ensinar a maneira mais adequada. 20

Seguir ordens. 10

10 - Se um refém apontasse uma arma na sua cara, como você iria reagir?

Ficaria assustado. 20

Ficaria desconfiado. 50

Ficaria calmo e tomaria a arma dele, não me importo se ele atirar. 60

11 - Correria algum risco de você se apaixonar por um de seus companheiros?

Sim. 50

Talvez. 30

Não. 10

12 - Qual seu maior objetivo?

Encontrar um amor. 50

Ser o melhor. 50

Ser rico. 80

Viajar pelo mundo. 20

Viver por um propósito. 30

Viver em paz. 50

Ter uma vida boa. 50

Tratar de minha saúde. 60

Deixar uma mensagem para a população. 100

Deixar uma mensagem para a população. 100

primeiro dia de aula // final do ano



QUANDO A GENTE SABE, A GENTE INVENTA.

Agora some os pontos!


Helsinki e Oslo. De 240 a 290 pontos

Você é uma pessoa calada que ajudaria em combate por ser fiel e obediente. Seguiria o plano custe e que custar. Você tem pouca inclinação para dialogar, mas muitos adorariam ter em um plano como o do professor.

Rio. De 290 a 360 pontos

Apesar de suas habilidades e fidelidade a alguns amigos, você é muito imaturo e pode colocar todo um plano em perigo. Também acredita no amor sob qualquer circunstância, por isso não tem foco.

Moscou. De 370 a 380 pontos

Você é como um pai para a maioria das pessoas. É carinhoso e cuida para que todos tenham responsabilidade. Você consegue acalmar os mais agitados e desequilibrados porque é centrado e calmo.

Nairobi. Entre 390 a 400 pontos

Você é uma pessoa concentrada, persegue seus objetivos até alcançá-los. Também é justa e fiel aos amigos. Todos desejam tê-la ao seu lado, pois você luta pelo que acredita, esperando sempre o momento certo para agir.

Professor. Entre 410 e 420

Você é uma pessoa muito discreta e tímida e sua inteligência é notada por todos. Além disso é fiel aos amigos, justo e jamais deixaria um companheiro para trás.

Berlim. 430 pontos

Você se acha superior ao resto das pessoas e despreza os demais internamente. Também demonstra ser uma pessoa violenta quando contrariada.


Denver. 440 pontos

É um rapaz perigosamente impulsivo. Suscetível ao consumo de drogas e extremamente instável. No entanto, tem bom humor e é fiel aos amigos.

Toquio. A partir de 440

É uma mulher forte, impulsiva, que faz de tudo para aparentar não ligar para ninguém.



E aí? Com quem você mais se parece?

QUANDO A GENTE SABE, A GENTE INVENTA.

Caça-palavras
Por Luiz Vitorino

L	P	A	R	C	A	R	E	E	J	E	T	E	N	C	I	A
R	M	R	M	T	E	W	E	D	R	A	T					
E	D	C	O	E	L	O	V	R	O	F	A	L	U	T	P	H
R	Z	I	A	Q	H	Z	L	N	P	E	R	A	I	A	R	R
R	D	A	I	C	H	R	K	O	D	M	B	L	O	M	V	I
O	R	T	I	D	A	S	I	B	D	K	L	V	U	T	P	E
X	J	B	A	L	I	D	M	H	R	Z	W	A	T	L	U	I
I	K	R	F	O	D	B	E	R	L	I	M	D	M	O	V	N
I	V	R	U	L	D	S	I	P	D	K	R	M	I	D	G	
S	I	C	V	O	V	H	V	A	Z	S	R	O	L	M	U	
O	R	H	E	L	R	I	D	H	K	R	D	K	L	K	E	
R	I	A	T	D	W	P	T	H	I	C	E	R	A	R	E	
M	R	D	U	R	V	T	V	R	K	L	F	R	T	R		
H	C	U	L	H	I	N	E	R	O	V	I	B	F	D	N	
V	R	A	I	K	I	N	V	Z	P	O	F	D	I	A	H	
E	K	S	A	D	A	M	O	S	D	A	K	A	U	P	V	U
D	S	T	M	H	E	K	I	R	H	V	D	M	Q	W	T	
D	F	V	L	O	C	U	H	D	A	O	D	I	R	L	V	
Z	D	I	D	I	R	O	W	Y	T	S	D	T	E	C	R	
M	A	L	C	A	R	A	S	L	J	N	A	I	R	O	D	I

La casa de papel	Rio	Professores	Silviano (Dado)
Barões	Tropas	Um do mundo	México
Parado	Diários	Bocha	
Odo	Hélio	Resistência	

43

QUANDO A GENTE SABE, A GENTE INVENTA.

HQ e Charges

Gouffasa Fátima

1. "Eu vou mudar meu nome pra um nome mais legal, que eu vou... qual o nome da minha mãe?"

2. "Fátima, não se preocupe com isso agora. O importante é você se sentir bem." "Mas eu não quero mudar meu nome!"

3. "Seu nome é tão bonito, não precisa mudar. Só se quiser mudar pra 'Fátima de Madalena' ou 'Fátima de Helena'!"

Cartoon - A guerra do trânsito
Est. e An. de...
Siga o Tatu

44

QUANDO A GENTE SABE, A GENTE INVENTA.

Ilustração

LA CASA DE PAPEL

como ser uma pessoa que todo mundo odeia

Por Igor Thiago

45

46

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

- Pg 8 - <http://www.cineset.com.br/la-casa-de-papel-serie-diverte-sem-cumprir-todo-potencial/>
- Pg 9 - <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/a-resistencia-dos-escravos.htm>
<https://www.counter-currents.com/2016/04/de-gaulles-failure/>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Oskar_Schindler
https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Lista_de_Schindler
https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Lista_de_Schindler
- Pg 10 -
<https://almanaqueDOSconflitos.wordpress.com/2017/11/08/columa-de-ferro-columa-de-hierro-os-anarquistas-espanhois-na-guerra-civil-espanhola/>
 Imagem não encontrada
https://brasil.eipais.com/brasil/2018/05/24/album/1527180891_038789.html
 Fonte própria
- Pg 11 - <http://paogeckeiijo.com.br/criacutetica-la-casa-de-papel.html>
- Pg 12 - [https://pt.wikipedia.org/wiki/Zuzu_Angel_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Zuzu_Angel_(filme))
https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Ano_em_que_Meus_Pais_So%C3%ADram_de_F%C3%A9rias
- Pg 13 - <https://universoestendido.com.br/listas/os-9-melhores-momentos-de-toquio-em-la-casa-de-papel/>
<https://agenciaide.com.br/blog/ganhe-dinheiro-como-em-la-casa-de-papel-sem-ser-preso/>
<https://f5.folha.uol.com.br/cinema-e-series/2019/02/la-casa-de-papel-berlim-dado-como-morto-aparece-em-imagem-da-3a-temporada.shtml>
 Imagem não encontrada
- Pg 14 - <https://www.wikiart.org/pt/salvador-dali>
https://brasil.eipais.com/brasil/2018/04/19/cultura/1524144374_003167.html
<https://www.culturagenial.com/a-persistencia-da-memoria-de-salvador-dali/>
<https://www.thedrinksbusiness.com/2019/03/darenberg-to-host-major-salvador-dali-exhibition/>
- Pg 15 - captura de tela
<http://estoriadahistoria12.blogspot.com/2012/10/o-sono-e-uma-obra-de-salvador-dali.html>
<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2013/07/10/1035823/conheca-tenaco-santo-antonio-salvador-dali.html>
- <http://blogdosandro.blogspot.com/2018/11/riase-pudern5802.html>
- Pg 16 - <https://cinemacafins.com/2018/02/melhores-filmes-com-assalto-a-banco/>
<http://www.adorocinema.com/materias-especiais/filmes/arquivo-100318/>
- Pg 17 - <https://www.sitedecuriosidades.com/curiosidade/a-bizarrasindrome-de-estocolmo.html>
<https://viagemturismo.abril.com.br/cidades/estocolmo/>
<http://www.contosliterarios.com.br/artigo/3-temporada-de-la-casa-de-papel-teoria-criada-por-fa-curiosidades>
<https://www.minhaserie.com.br/novidades/39498-la-casa-de-papel-spoilers-saiba-o-fim-de-cada-personagem-do-fenomeno-da-netflix>
- Pg 18 - <https://www.donodaria.com/series/canecas/h-ate-p-la-casa-de-papel/caneca-la-casa-de-papel-mapa-01/>
<https://www.mctagalaxia.com.br/series/os-personagens-de-la-casa-de-papel/>
<https://f5.folha.uol.com.br/cinema-e-series/2019/02/la-casa-de-papel-berlim-dado-como-morto-aparece-em-imagem-da-3a-temporada.shtml>
- Pg 19 - <https://www.vix.com/pt/series/555840/6-motivos-para-se-apaixonar-ainda-mais-pelo-rio-de-la-casa-de-papel>
<https://www.minhaserie.com.br/novidades/39363-la-casa-de-papel-ficha-criminal-e-tudo-sobre-os-10-personagens-principais-da-serie>
<https://www.minhaserie.com.br/novidades/39363-la-casa-de-papel-ficha-criminal-e-tudo-sobre-os-10-personagens-principais-da-serie>
<https://www.vix.com/pt/series/555481/nairobi-e-a-melhor-personagem-de-la-casa-de-papel-por-esses-4-motivos-concorda>
<http://paogeckeiijo.com.br/criacutetica-la-casa-de-papel.html>
<https://www.pinterest.pt/pin/680043612456524831/>
- Pg 36 - <https://mcninatoriosa1.wordpress.com/tag/picole/>
- Pg 40 - <http://paogeckeiijo.com.br/criacutetica-la-casa-de-papel.html>
 Contracapa - <http://paogeckeiijo.com.br/criacutetica-la-casa-de-papel.html>
<https://codigodacultura.wordpress.com/2010/05/23/salvador-dali-pinturas/>
<http://marcusmarques.com.br/empresas/tempo-e-dinheiro-como-essa-maxima-se-aplica-em-empresas/>

¹ De início, a *fanzine* foi pensada apenas como trabalho escolar; por isso, os alunos-sujeitos não foram orientados a colocar as referências das imagens usadas. Isso foi feito posteriormente. Por isso organizamos as referências por páginas.



FANZINE
FANFIQUEIROS DE PAPEL

APÊNDICE – Nosso protótipo didático

Protótipo didático

FANFIQUEIROS DE PAPEL - Produção de *Fanfictions*

Professora Raquel Santos Zandonadi

Público alvo: Ensino Fundamental – 9º ano

Tema: Produção de *fanfictions*

Objetivos:

- Levar os alunos a compreenderem e a praticarem uma leitura crítica e aprofundada de enunciados, ampliando as possibilidades de criação de sentidos;
- Inserir uma prática de linguagem com o gênero *fanfiction*, contribuindo para que os alunos desenvolvam habilidades escritoras e para que sejam usuários críticos do (e no) ciberespaço;
- Colaborar para que os alunos sejam produtores eficientes de sentidos;
- Considerar a diversidade cultural – o cânone, o popular, o massivo, o midiático e o digital – proporcionando ampliação de repertório;
- Colaborar para que a aula de Língua Portuguesa não fique alheia à diversidade textual do mundo virtual e se direcione a pensar as aulas como espaço de letramentos os mais diversos – incluindo o convencional e multimidiático.

Caro professor(a), esse material tem o intuito de ajudá-lo(a) a desenvolver um trabalho de escrita com o gênero discursivo **fanfiction**. As atividades aqui apresentadas, bem como sua sequência, são ideias que você poderá utilizar ou não de acordo com o contexto de sua sala de aula. Esperamos que você possa fazer uma leitura crítica e reflexiva desse material em confronto com as múltiplas realidades e contextos em que possa estar inserido. Por isso, optamos por classificar o que fizemos aqui como **protótipo**, pois é entendido como uma "estrutura flexível e vazada que permite modificações por parte daqueles que queiram utilizá-lo em

As **fanfictions** são histórias publicadas em plataformas digitais onde se reúnem fãs – de obras literárias, séries televisivas, games, histórias em quadrinhos ou personalidades – que leem e escrevem histórias criadas nessa plataforma, a partir do universo de seus ídolos. São contos ou romances que não fazem parte do enredo oficial da obra a que se referem, mas que dela utilizam personagens, parte da história e a recriam, mudam o final, inserem outros personagens ou simplesmente dão continuidade a trama, como se houvesse um desejo de prolongar a narrativa com a qual esses usuários mantêm uma relação de fã.

outros contextos que não o da proposta inicial" (ROJO, 2012, p. 8). Salientamos que a aplicação desse protótipo pressupõe o acesso a computadores e internet. Caso não haja esse acesso na escola, será importante averiguar junto aos alunos se eles o possuem em casa. Nesse caso, as orientações serão feitas durante as aulas e os alunos produzirão e publicarão os textos em casa.

O foco dessa proposta é o trabalho com a escrita, embora haja também um intenso trabalho com leitura no seu sentido mais amplo. O intuito com esse material é o de colaborar para que o ensino de língua não seja apenas aquele calcado em sua estrutura e que pouco considera a interação do aluno com a língua em ação. Combatemos a velha crença de que dominar as regras e a estrutura da língua faz com que o aluno domine a norma culta, essa associada a uma

Atividades metalinguísticas são aquelas em que se pensa a língua pelo seu viés classificatório. São as regras gerais da língua.

abordagem metalinguística. Dessa forma, impera um equívoco bastante problemático, o de que dominar as regras morfosintáticas de uma língua garante aos seus aprendizes um bom uso dela.

Contrários a essa lógica, acreditamos que atividades sobre regras estruturais da língua, quando apartadas do texto, não ajudam os alunos a desenvolverem habilidades leitoras ou escritoras. São atividades que não colocam o aluno em processo de interação com a língua, não colaborando para que ele possa se ver e

Professor(a), para se aprofundar nessa **concepção de linguagem** sugerimos:

- ✓ *Marxismo e filosofia da linguagem e Os gêneros do discurso*, de Mikhail Bakhtin.
- ✓ *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*, de Carlos Alberto Faraco.
- ✓ *Multiletramentos na escola e Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*, de Roxane Rojo.

se reconhecer como sujeito que é. Por isso, nossa preocupação foi o de pensar em práticas de leitura e escrita, nas quais o texto fosse o próprio lugar de interação, seja por meio da leitura, da oralidade ou da escrita.

Portanto, a **concepção de linguagem** adotada nesse material é **dialógica**, pois acreditamos que os sujeitos se constituem na relação com o outro, interagindo sobre ele, na e pela linguagem, sendo ela o próprio lugar de interação, e os interlocutores são ativos, constroem e são construídos por essa (e nessa) relação. Assim, a linguagem se constitui pela interação humana em certa situação comunicativa e em certo contexto sócio, histórico e ideológico. Logo, dentro dessa concepção não são prioridades a descrição gramatical, nem os estudos de terminologias e regras de formação das

palavras ou de sintaxe da língua. Aqui, privilegia-se o uso da língua em situações concretas de interação. Assim, a palavra tem um autor, permite uma resposta/interação, são dirigidas a um interlocutor, tem sentido de ordem dialógica, isto é, está inserida em contextos reais de interação. Nessa perspectiva, uma palavra em si, vista fora de seu contexto, em sua fonética, sua morfologia, não nos diz muita coisa.

Obviamente que isso não significa que devemos renegar o ensino da gramática, muito menos o da norma culta. O que defendemos é que as atividades metalinguísticas sirvam de aporte ao texto, seja ele oral ou escrito, seja em forma de produção ou interpretação. As regras devem amparar o uso da linguagem e esta deve ser usada de forma viva, num processo de interação. Isto é, quando se trabalha atividades linguísticas (de leitura ou escrita com os textos), surgirão as **epilinguísticas** que poderão ser esclarecidas pelas metalinguísticas.

Atividades **epilinguísticas** são aquelas que operam sobre a linguagem por meio de comparações de formas de se falar, reflexões acerca de uma expressão ou outra, experimentação de novas construções sintáticas.

Para saber mais sobre atividades linguísticas, **metalinguísticas** e **epilinguísticas** sugerimos a leitura do artigo:

Atividade epilinguística e o ensino de língua portuguesa, de Leticia Marcondes Rezende.

A **web 2.0** é uma rede de plataformas que desenvolvem ambientes virtuais onde há interação e participação dos usuários. Em seus sites há espaço para que o usuário tenha a possibilidade não só de participar, mas também o de criar, isto é, interação com os conteúdos – mesmo que tenham sido gerados por outra pessoa, como é o caso de contribuições avaliativas nos comentários – e com outros usuários – nas respostas aos comentários. Também podem criar páginas pessoais, nas quais se personaliza os conteúdos disponibilizados, selecionando o que cada um julga ser importante ou necessário, como as redes sociais ou blogs.

Nesse sentido, considerando que cada evento comunicativo é único, quando aplicar essa proposta com suas turmas, poderão surgir necessidades não previstas aqui. Isto é, de acordo com dúvidas e dificuldades dos alunos, você poderá sentir a necessidade de explicar conceitos e regras que não foram abordados nesse material.

Sobre o uso do gênero *fanfiction*, pensamos ser ele um reflexo das novas relações de leitura e escrita da era digital e cabe à escola integrar esse uso no seu interior. Até mesmo porque esse novo espaço é utilizado em larga escala pelos jovens em suas horas de lazer, extraclasse.

Com a **web 2.0** temos uma imensa multiplicidade textual, seja verbal, oral,

imagética, em forma de links ou comentários, enfim uma diversidade de gêneros e semioses que exige do leitor uma postura diferente daquela que se tem quando se está diante apenas de um livro ou caneta e papel.

Nesse panorama tecnológico e virtual, pesquisadores, como Rojo (2012), destacam a valia de se pensar em **novos letramentos** que possam ir além do tradicional, não priorizando apenas as práticas de leitura e

Os **novos letramentos**, também chamados de letramentos digitais por alguns autores, associam-se a novas maneiras de ser e relacionar-se na contemporaneidade, elegendo a participação, interação e colaboração sem as hierarquias que instituições como escola e editoras propõem.

escrita, mas que se pense, também, em colaborar para a criação de uma postura ativa e crítica dos usuários da rede. Esses novos letramentos

precisam levar em conta essas novas práticas sociais que se manifestam no ciberespaço, visto que, também, quando são introduzidos novos gêneros no cotidiano social, novos processos de letramento são necessários.

Rojo traz para o debate o termo **multiletramentos**, cunhado pelo Grupo de Nova

GNL: Grupo de pesquisadores dos letramentos que se reuniram em um colóquio em Connecticut (EUA) e, após discussões, publicou um manifesto acerca dos multiletramentos: *A Pedagogy of Multiliteracies. Tecnologia da informação e da comunicação.*

Londres (**GNL**) em 1996, que já nessa época apontava a necessidade de a escola abordar os letramentos emergentes da sociedade contemporânea devido às novas *TDICs* (Tecnologias digitais da informação e comunicação). Tal grupo ressaltava que: “[...] essa juventude – nossos alunos – contava já

O termo **multiletramento** engloba a multiplicidade semiótica dos textos da era digital e a multiplicidade cultural existente na sociedade contemporânea. A multiplicidade cultural se refere à diversidade de produções culturais que circulam na sociedade, sobretudo se olharmos para o contexto virtual, caracterizadas por uma mescla entre tradicional e moderno, culto e massivo, erudito e popular, e denominadas por Nestor Canclini (2015) de hibridização da cultura. Esse hibridismo a que se refere o autor se relaciona à ideia de que novas formas culturais são fruto da combinação ou união de outras formas diferentes.

Essa união/combinação não é isenta de embates, mas colabora para que as culturas percam a vinculação restrita com seu território e não estejam circunscritas às classes sociais específicas.

Já a multiplicidade de linguagens se relaciona à diversidade de textos disponíveis na internet, seja verbal, imagético, em áudio, vídeo ou à diversidade de semioses necessárias para a compreensão e produção desses textos híbridos.

Para saber mais:

✓ *Culturas híbridas*, Nestor Canclini (2015).

há quinze anos com outras e novas ferramentas de acesso à comunicação e à informação e de agência social, que acarretavam novos letramentos, de caráter multimodal ou multissemiótico". (ROJO, 2012, p. 13).

Também, a escolha do gênero *fanfiction* relaciona-se à ideia de que, na interação proposta nas aulas de Língua Portuguesa, precisamos considerar as preferências dos alunos nas escolhas dos temas. Por isso, vale a pena investigar com seus alunos os objetos culturais que apreciam, já que a *fanfiction* pode ser feita a partir de qualquer objeto cultural, seja livro, série, filme, game. Embora tenhamos percebido que, se o professor for capaz de criar uma atmosfera em que o gosto por aquele objeto cultural seja construído, poderá desenvolver uma *fanfic* a respeito de qualquer obra. O importante

é que seja feito um trabalho bem aprofundado com o objeto de escolha antes das produções das *fanfics*. Dessa forma, será garantido o diálogo com o enunciado e os alunos poderão produzir, de fato, uma *fanfiction*, já que ela pressupõe uma relação de fã.

Na esteira dessa proposta, a Base Nacional Comum Curricular, homologada em 2017, prevê a importância de a escola contemplar essas novas práticas de linguagem e produções propiciadas pelas TDICs para incluir as ações sociais que se direcionam para um uso cada vez maior das tecnologias e, por isso, necessárias para o mundo do trabalho e da vida cotidiana. Nesse reconhecimento, o documento credencia os novos gêneros advindos das práticas de linguagem contemporâneas e, inclusive, menciona as *fanfictions* como exemplo de "novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir" (BRASIL, 2017, p.66) que o uso das TDICs proporcionou. O documento compreende que as mudanças dizem respeito à maneira de ser na era digital, usuários que depois de fruir a arte desejam participar dela. "Depois de ler um livro de literatura ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais, [...] podemos produzir playlists, vlogs, vídeos-minuto, escrever **fanfics**, [...] dentre outras muitas possibilidades".(BRASIL, 2017, p.66, grifo nosso)

Além dos multiletramentos e da cultura digital, a Base Nacional considera a diversidade cultural como outro princípio a ser considerado, frisando a importância

Professor(a), para se aprofundar no estudo dos **multiletramentos e inclusão de práticas de leitura e escrita da era digital**, sugerimos a leitura:

- ✓ *Multiletramentos na escola*, organizado por Roxane Rojo e Eduardo Moura (2012).
- ✓ *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*, de Roxane Rojo e Jaqueline P. Barbosa. (20015)

de a escola contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, para, assim, proporcionar não só uma ampliação de repertório dos nossos alunos, como também incentivá-los a interagir com o diferente. Foi uma de nossas intenções com esse material. Aqui, além da *fanfic*, trabalharemos com série, longas metragens, poemas, canção, contos, crônicas, revista, enfim, com uma diversidade de gêneros e culturas.

Nosso material está organizado em quatro partes. A primeira é uma espécie de introdução à tipologia narrativa e a proposta é que o trabalho seja feito em cotejo com vários gêneros. Você pode optar por utilizar outros textos, selecionar algumas das nossas sugestões ou, ainda, acrescentar outros que julgue oportuno. O importante é inserir os alunos em uma atmosfera de histórias.

Na segunda parte será abordado o trabalho com a interpretação do objeto cultural do qual será produzida a *fanfiction*. Em nosso protótipo optamos por fazer o trabalho com uma série de escolha dos alunos. Para essa escolha, fizemos uma pesquisa prévia e selecionamos a mais votada. Demos preferências àquelas que os alunos já assistiam e que já mantinham por elas uma relação de fã. No entanto, mesmo que esse cuidado seja tomado, alertamos que na diversidade textual que a internet proporciona será difícil achar uma unanimidade. Por isso, independente da escolha ser feita pelos alunos ou não, antes da produção da *fanfiction* será necessário um trabalho com esse objeto cultural bem aprofundado, a fim de criar uma atmosfera de **fandom**, semelhante ao visto no ciberespaço.

Fandom: diminutivo da expressão em inglês *fan kingdom*, que significa "reino dos fãs", na tradução literal para o português. Isto é, comunidade de fãs.

A parte três será dedicada ao trabalho com a escrita, propriamente dita, das *fanfictions*. Para essa etapa, sugerimos que escolha uma das plataformas disponíveis na internet e peça que os alunos criem um perfil de usuário. Lá eles publicarão os textos e você poderá monitorar e comentar suas produções. Falaremos mais sobre isso na introdução da parte três.

A parte quatro foi dedicada a montagem de uma *fanzine*, revista produzida por e para fãs, com todo o material de análise da série, algumas *fanfics* dos alunos e outros gêneros próprios dessa esfera comunicativa.

As quatro partes do material foram organizadas da seguinte maneira:

- ✓ **Aula:** o conteúdo que será visto no dia, já direcionado aos alunos.
- ✓ **Atividade:** propostas de exercícios ou discussões.

- ✓ **Quadro explicativo:** conteúdos metalinguísticos direcionados aos alunos.
- ✓ **Ampliando o repertório:** informações para que os alunos aprofundem a significação dos enunciados.
- ✓ **Comentário ao professor(a):** sugestões de direcionamento das aulas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN /VOLÓCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Edusp: São Paulo, 2015.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Paraná: Criar edições, 2003.

LEMKE, J. **Letramento metamidiático: Transformando significados e mídias**. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, vol. 49/2. Campinas, SP: DLA/IEL/UNICAMP, 2010, p. 1-17. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010318132010000200009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 20/04/2018

ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, R. E BAROBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Editora parábola, 2015.

Parte 1: As narrativas

Tema: A tipologia narrativa em diferentes gêneros

Duração: 10 aulas

Aula 1: “Eduardo e Mônica” e os elementos da narrativa

Vocês já notaram que nossa vida está rodeada de histórias? Ela está nos livros, na televisão, nos jornais, no cinema, na música, na fofoca, na piada, etc.

Antes da invenção da escrita, a realidade e as experiências eram transmitidas por meio das histórias orais de pai para filho, de geração a geração. As inscrições nas cavernas, os mitos, a Bíblia são todas narrativas. Ainda hoje, muitas famílias mantem essa tradição contando suas experiências por meio de histórias.

Com a invenção da escrita, os povos passaram a relatar suas histórias e experiências por meio de poemas épicos, como é o caso de *Ilíada* e *Odisseia*, que antes eram também contadas oralmente. Ou seja, as histórias eram vistas como uma forma de registrar feitos, experiências e conhecimentos. Você acha que, ainda hoje, as histórias possuem essa característica?

Nas próximas aulas, vocês conhecerão diversas narrativas, escritas em diferentes formas.

Hoje veremos uma história contada em letra de canção chamada *Eduardo e Mônica*, da banda Legião Urbana.

<https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/22497/>

Atividade 1: Depois de ler e ouvir a canção, responda:

1. Quais as personagens da história?
2. A narrativa estabelece uma oposição entre as personagens. Cite uma dessas oposições e explique.
3. Onde acontece a história?
4. Qual foi a duração da história?
5. Quem narra a história é um amigo do casal. Mostre o verso que justifique essa informação.
6. Observe o enredo:
 - a) Qual a situação inicial?
 - b) E o conflito?
 - c) Como a história acaba?

Professor(a), o objetivo desta etapa é o de ampliar o repertório cultural dos alunos e fazê-los perceber que a estrutura da tipologia narrativa está presente em vários gêneros. Além disso, essas atividades colaborarão para inseri-los no mundo das narrativas. As atividades e textos que se seguem são sugestões e você pode escolher outros de sua preferência ou que façam algum diálogo com suas turmas. Procure sempre estabelecer relações com as narrativas conhecidas pelos alunos, sejam elas quais forem (livros, filmes, H.Qs, contos de fadas, novelas).

Professor(a), o objetivo com essas questões é o de introduzir os elementos da narrativa. Se achar melhor, faça isso oralmente.

Atividade 2: O clipe da canção.

A empresa de telefonia "Vivo" fez um clipe dessa canção em 2011. Assista!

<https://www.youtube.com/watch?v=K-fCDnDQo88>

Agora responda:

1. Você notou alguma diferença entre a letra e o clipe? Quais?
2. O clipe foi feito com qual intenção?

Ampliando o repertório: Vamos aprofundar!

✓ Godard: "cineasta franco-suíço reconhecido por um cinema vanguardista e polêmico, que tomou como temas e assumiu como forma os dilemas e perplexidades do século XX". Fonte: Wikipédia

✓ Bauhaus: A Staatliches-Bauhaus foi uma escola de design, artes plásticas e arquitetura de vanguarda na Alemanha.

✓ Bandeira (Manuel Bandeira): poeta brasileiro.

✓ Rimbaud (Jean-Nicolas Arthur): poeta francês

✓ Legião Urbana: foi um grupo musical brasileiro de Pós-punk e Rock alternativo fundado na cidade de Brasília, no ano de 1982, por Renato Russo e Marcelo Bonfá. A banda também contou com Dado Villa-Lobos e Renato Rocha em sua formação clássica. Ativa até o ano de 1996, encerrou suas atividades após a morte de Renato, seu vocalista e letrista, em 11 de outubro de 1996. O grupo possui uma discografia de 8 álbuns de estúdio; 3 compilações e 6 álbuns ao vivo (sendo 5 com a presença de Renato Russo). Fonte: Wikipedia.



✓ Outra canção narrativa da banda: *Faroeste Caboclo*:

<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/22492/>

Essa canção foi adaptada para o cinema em 2013.



Professor(a), nesse momento você pode abordar a propaganda, dando outros exemplos do gênero.

Professor(a), é importante contextualizar a banda Legião Urbana para os alunos. Se achar necessário, traga outras canções narrativas da banda. Na aula 4 usaremos outra.

Aula 2: “Domingo no parque”, de Gilberto Gil e a organização do enredo.

Hoje nós faremos a análise de outra canção narrativa: *Domingo no parque*, de Gilberto Gil.

<https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/46201/>

Atividade 1: Depois de ler e ouvir a canção, responda:

1. O que mais surpreendeu você na história?
2. Qual o verso que marca o momento de maior tensão da história?
3. Quais são as personagens principais e quais suas características?
4. Onde acontece a história?
5. O enredo das narrativas normalmente é organizado da seguinte forma: Situação inicial, conflito, desenvolvimento, clímax e desfecho. Depois de anotar esses conceitos no caderno, divida os versos da canção conforme a organização do enredo.

Ampliando o repertório:

Com essa canção, o cantor e compositor Gilberto Gil ganhou, em 1967, o segundo lugar no III Festival de Música Popular da TV Record, acompanhado do grupo *Os Mutantes*. Veja o vídeo do festival : <https://www.youtube.com/watch?v=Zbv3M-AdxC0>



Quadro explicativo: Os elementos da narrativa

Enredo: É o conjunto de fatos ligados entre si que fundamentam a ação de um texto narrativo. Observe a seguir, a organização mais comum dos enredos:

- ✓ Situação inicial – personagens e espaço são apresentados.
- ✓ Conflito (problema)- surge uma situação a ser resolvida, ela quebra a estabilidade de personagens e acontecimentos.

Professor(a), o objetivo dessa aula também é o de trabalhar os elementos da narrativa. Sugerimos que faça uma leitura da letra da canção antes da análise da narrativa. Pergunte aos alunos se o ritmo da música os surpreendeu. Saliente que o ritmo circense usado nos remete ao lugar onde aconteceu a história: um parque de diversão. Você pode deixá-los responder sozinhos os exercícios e corrigir depois ou fazer oralmente. Chame a atenção para o fato do enredo dessa canção ser bem organizado e demarcado.

Depois da análise da canção *Domingo no parque* sugerimos que, pelo menos, a organização do enredo seja sistematizada.

Professor(a), durante a explicação dessa teoria, retome a letra da canção *Eduardo e Mônica* ou use outros exemplos para ilustrar. Você pode perguntar aos alunos a respeito das narrativas que mais gostam e aplicar essa teoria em cima delas. Use também referências filmicas dos alunos.

- ✓ Desenvolvimento – busca de solução do conflito.
- ✓ Clímax – ponto de maior tensão na narrativa.
- ✓ Desfecho – volta da harmonia.

Personagens: É um ser criado para um texto narrativo. Ao criar personagens é preciso desenvolver características físicas e psicológicas para elas. É preciso mostrar ao leitor como se parecem ou vestem, andam, falam, pensam, sentem. Alguns gêneros permitem descrições mais trabalhadas. Quando isso não é possível, descrever o espaço e uma característica da personagem já dá uma boa ideia de como ela é.

✓ Heróis: As personagens heróis possuem características que são o estereótipo da bondade, beleza e perfeição.

✓ Anti-heróis: As personagens anti-heróis possuem defeitos, podem ter falhas de caráter, serem mesquinhos, arrogantes, chatos. Por isso, mais humanos.

OBS: Vilões são diferentes de anti-heróis.

✓ Tipos: representam uma classe, uma profissão, um parentesco. EX: o comerciante, o empresário, a traficante, o policial.

✓ Estereótipos: são caricaturas, suas características são aumentadas para causar riso ou sátira.

EX: Um policial americano gordo com *donuts*. Pirata com bandana na cabeça, papagaio, caolho e perna de pau.

Espaço: lugares onde acontecem as histórias. As características desses lugares podem nos dar indícios das características das personagens.

Tempo: é a duração das ações. Pode ser **cronológico**, quando os fatos são apresentados de acordo com a ordem dos acontecimentos, ou **psicológico**, quando os fatos são apresentados pela maneira com que a passagem do tempo é vivenciada. O tempo, nesse caso, não é uma sequência temporal linear, pois é medido pelas emoções e não pelo relógio.

Narrador: É aquele que conta a história. Conhecemos a história pelo seu ponto de vista, ou seja, pela sua perspectiva. Ele poder ser dividido em:

- ✓ Narrador-personagem: é o que conta a história da qual é participante. Ele é narrador e

É um momento oportuno para sistematizar esse conhecimento. Para isso, peça que os alunos anotem as explicações do quadro no caderno. Esse conhecimento pode ser sistematizado no decorrer dessa e das próximas aulas. Você pode escolher a melhor maneira de encaminhá-lo.

personagem ao mesmo tempo, e conta a história em 1ª pessoa.

✓ Narrador-observador (neutro): é o que conta uma história como alguém que observa o que acontece. Transmite para o leitor apenas os fatos que consegue observar e conta a história em 3ª pessoa.

Aula 3: “Geni e o Zepelim” e a construção das personagens

Hoje nós faremos a análise de outra canção narrativa: *Geni e o Zepelim*, de Chico Buarque de Holanda

<https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/77259/>

Atividade 1: Depois de ler e ouvir a canção, responda:

1. Como a personagem Geni é construída? Justifique a sua resposta com trechos da canção.
2. A música critica algumas instituições. Quais são elas e como aparecem na letra?
3. Na situação inicial da narrativa, o autor descreve a personalidade de Geni de forma positiva. Em quais versos essas características aparecem?
4. A cidade é uma metonímia para o quê?
5. Como eram os moradores dessa cidade? Justifique com trechos da letra.
6. Em sua opinião, por que o comandante achou a cidade cheia de “horror e iniquidade”?
7. A “cidade” realmente passou a achar Geni bendita? Por quê?
8. Os momentos em que Geni passa com o comandante foram retratados como algo ruim para a personagem principal. Cite os versos que indicam que Geni sofreu violência por parte do comandante.
9. Analise a narrativa separando as partes do enredo.

Ampliando o repertório: Sobre a canção

- “Geni e o Zepelim” é uma canção brasileira composta e cantada por Chico Buarque. Fez parte do musical *Ópera do Malandro*, do mesmo autor, lançado em 1978. A letra descreve, em versos heptassílabos, metrificados e rimados, a longa história que define o episódio ocorrido com Geni, uma meretriz que era hostilizada na cidade”. Fonte: Wikipedia.

Professor(a), sugerimos que faça uma leitura dramática antes da fruição da canção para que os alunos entendam o enredo dessa narrativa.

Para se aprofundar em uma análise sugerimos a leitura do artigo:

http://www.fazendo.genero.ufsc.br/9/re-sources/anais/1277-836219_ARQUIVO_lucianedepaula.pdf

f

- Há várias interpretações para essa canção. Algumas relacionam Geni à Maria Madalena, outros à representação do oprimido dentro de uma sociedade capitalista e outros a nossa pátria, tão abusada pelos estrangeiros.
- Chico Buarque de Holanda (1944) é um músico, dramaturgo e escritor brasileiro. É conhecido por ser um dos maiores nomes da MPB. Sua discografia conta com aproximadamente oitenta discos.

Atividade 2: Agora você assistirá a dois vídeos com essa canção, um com o autor da letra e outro com uma interpretação da atriz Letícia Sabatella. Qual seu preferido?

<https://www.youtube.com/watch?v=jWHH4MlyXQQ>

<https://www.youtube.com/watch?v=OJrWg98pXq4>

Aula 4: “Dezesseis”, Legião urbana, e “Vital e sua moto”, Paralamas do sucesso: a importância do conflito.

Atividade1: Depois de ler as duas canções, responda:

1. Quais são as personagens principais dessas narrativas e suas características?
2. Qual o conflito de cada uma delas?
3. Na canção *Dezesseis* há uma sugestão de que o personagem cometera suicídio. Cite a passagem que dá brecha a essa interpretação.
4. Quem canta a música *Strawberry fields forever*, dos Beatles, no final da história? Por que essa canção foi escolhida?
5. Observando o ritmo da canção, que relações podemos fazer com os fatos narrados e o som das guitarras?

Ampliando o repertório sobre a canção *Dezesseis*:

✓ Para entender a canção: *Asa Sul*, *CASEB*, *Lago Norte*, *Sobradinho* e *UnB* são referências de lugares da cidade de Brasília, cidade planejada na forma de um avião, como mostra a figura abaixo.



Fonte:
<http://www.viagemdeferias.com/mapa/brasilia/>

Professor(a), o objetivo da aula 4 é o de levar os alunos a perceberem a importância do conflito para a construção das narrativas. Você pode explorar outros elementos dela nessa atividade. Com a canção *Dezesseis*, sugerimos que primeiramente faça uma leitura para a turma e vá explicando algumas referências necessárias para o entendimento da história. Depois, deixe que os alunos escutem a música e pergunte se se surpreenderam com o ritmo escolhido, embora a letra seja melancólica. Explique que o ritmo da canção, além de ser o estilo adotado pela banda e ser o preferido dos jovens da década de 80, também se relaciona a personalidade do personagem Jhonny.

✓ Janis (Joplin) foi uma cantora que representou o rock dos anos 60. Led Zeppelin, Beatles e Rolling Stones foram bandas de rock também muito famosas no auge desse estilo.

✓ A história dessa música: "Dezesseis" faz parte do disco "A Tempestade" lançado em 96. A letra retrata uma história vivida por uma terceira pessoa e se passa em Brasília, como outras músicas de Renato Russo.

✓ O autor faz o uso de metalinguagem ao citar a canção *Strawberry fields forever*, dos Beatles. O refrão dessa canção, usado na letra de *Dezesseis*, é cantado em coro pelas vozes dos colegas de João Roberto.

✓ A relação entre velocidade/juventude/rock in roll/morte prematura provavelmente faz referência a James Dean, um ator ícone da década de 50, que morreu aos 24 anos em um acidente de carro. Sua principal atuação foi no filme *Juventude transviada* (1955), lançado no mesmo ano de sua morte. O filme tornou-se um clássico da rebeldia juvenil.



Atividade 2: Escute a canção *Strawberry fields forever*, dos Beatles, e veja a tradução da canção. Reflita: que relações, além das já citadas, podemos estabelecer com a história de Johnny?

Aula 5: "Tchau", Lygia Bojunga: outro gênero, mesma estrutura.

Agora você lerá uma narrativa da escritora infanto-juvenil Lygia Bojunga.

Atividade1: Depois da leitura, responda:

1. Qual a temática desenvolvida pela autora nesse conto?
2. Descreva, com base em elementos fornecidos pelo texto, as personagens Rebeca, mãe e pai.

A contextualização dessas referências é importante para que os alunos percebam que um texto sempre traz referências de outros textos e que saber olhar e entender essas referências nos ajudam a interpretar de maneira mais profunda os enunciados.

Não esqueça que esse protótipo se fundamenta na concepção dialógica da linguagem, isto é, ela é construída e nos constrói em um processo de interação, entre pessoas, entre os enunciados, entre consciências.

Essa canção dos Beatles se refere a um lugar mágico que é criado para representar um estado da mente. Escrita por John Lennon, foi inspirada pelas suas memórias da infância, quando brincava no jardim de *Strawberry Field*, um orfanato do Exército da Salvação.

Citada na canção *Dezesseis* pode ser interpretada como uma referência a um lugar de fuga, já que Johnny se mostrava deprimido.

O objetivo com essa atividade é trabalhar a construção das narrativas, agora, com outro gênero. Sugerimos que leve o conto impresso e faça

3. Qual o conflito da narrativa? Copie o trecho em que ele aparece no texto.
4. Como era a relação do pai de Rebeca com a esposa e os filhos?
5. No desenvolvimento da narrativa, Rebeca encontra o pai bebendo em um bar. No diálogo entre os dois, Rebeca repara que o olho do pai estava "parecendo de vidro". O que isso significa?
6. Qual é o ponto de vista narrativo da história?
7. Qual é o momento de maior tensão da narrativa?
8. Lembrando que o tempo da narrativa pode ser cronológico ou psicológico, consulte suas anotações no caderno e responda: o tempo do conto em questão é cronológico ou psicológico? Justifique com trechos do texto.
9. Como já vimos, o espaço na narrativa é o local onde acontecem as ações. Quais são os espaços dessa narrativa?
10. Por fim, faça uma síntese desse conto, subdividindo-a nas partes que compõem o enredo.

Ampliando o repertório: A autora

- Lygia Bojunga (1932) é uma escritora brasileira de literatura infanto-juvenil. Já recebeu o Prêmio *Hans Christian Andersen*, o mais importante prêmio literário infantil, uma espécie de Prêmio Nobel da literatura infantil, e outros, como o primeiro lugar no Concurso de Literatura Infantil do Instituto Nacional do Livro (INL).

Aula 6: "Passeio noturno", Rubem Fonseca.

Hoje você lerá outro conto, agora com uma temática bem diferente.

Este conto está presente no livro: FONSECA, Rubem. *Feliz ano novo*. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

Atividade 1: Depois da leitura, responda:

1. No primeiro parágrafo, o narrador nos fornece um panorama de sua vida. O que se percebe de sua relação com a casa e família?
2. No trecho "Abri o volume de pesquisas sobre a mesa, não via as letras e números, esperava apenas", sugere que tipo de sentimento do personagem?
3. Que elementos do texto evidenciam a classe social da família retratada? Copie trechos do texto.

uma leitura compartilhada. Depois peça que observem os elementos da narrativa. Esse trabalho pode ser feito em casa ou em grupos. Esse conto propicia debates sobre a família, separação de pais e como o julgamento do abandono materno é maior do que o paterno. Aproveite as impressões dos alunos.

Professor(a), o conto "Passeio Noturno" contém uma cena de atropelamento. Leia com antecedência e analise se é adequado a sua turma.

Sugerimos que leia o conto pausando estrategicamente em trechos que deem pistas a respeito do que se seguirá. Vá perguntando aos alunos suas teorias sobre o que virá na narrativa. Importante chamar a atenção dos alunos caso alguns detalhes passem despercebidos por eles. Sugerimos a consulta de uma proposta bem detalhada com esse conto: <https://www.yumpu.com/es/document/view/12779281/jogos-de-leitura-luiz-percival-leme-britto-centro-de-referencia->

4. No texto há indícios de que a relação do narrador com a esposa não é feliz. Cite elementos que comprovem essa afirmação.

5. Em determinado momento do texto, o narrador convida sua esposa para um passeio de carro. O que a reação dele em relação à resposta da esposa sugere?

6. O narrador descreve o ambiente familiar de forma negativa. No entanto, há um momento em que percebemos que algo o deixa feliz. O que é?

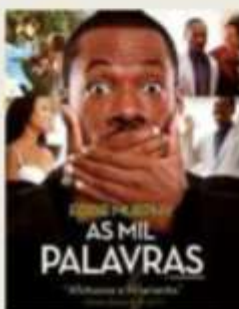
7. Em que momento da narrativa percebemos que o narrador pode cometer algo ilícito? Que suposições você fez? Elas se confirmaram?

8. Depois de cometido o ato, narrado de maneira fria, o personagem-narrador retorna a casa e diz "amanhã vou ter um dia terrível na companhia". O que essa fala sugere?

9. Em sua opinião, por que o personagem-narrador tinha a necessidade de cometer esse crime?

Aulas 7 a 10: "Click"(2006) e "Mil Palavras" (2012): narrativas comuns da indústria cinematográfica.

Nas próximas aulas vocês assistirão a dois filmes. Depois faremos uma análise.



Atividade 1: Produção Textual: Nas últimas aulas, estudamos as narrativas sob diferentes formas, com diferentes gêneros (canção, conto, longa metragem, série) e refletimos sobre várias teorias relacionadas ao enredo e personagem. Faça uma análise dos filmes "Click" e "Mil palavras", comparando-os em suas similaridades, principalmente as relacionadas à estrutura narrativa e personagens. Atenção, o seu texto precisará contemplar os seguintes termos: SITUAÇÃO INICIAL, CONFLITO, DESENVOLVIMENTO, CLÍMAX, DESFECHO,

Professor(a), para finalizar essa introdução às narrativas, sugerimos que passe aos alunos esses dois filmes hollywoodianos, cujos enredos e personagens seguem uma lógica muito semelhante e são carregados de estereótipos. O intuito é criar nos alunos um senso crítico sobre as narrativas produzidas pela indústria do cinema. Para isso, faça comparações com narrativas filmicas que já conhecem.

As obras em questão são comédias, cujo intuito, como se sabe, é divertir. No entanto, para além disso, há um fator que parece ser recorrente em filmes dessa categoria: a presença de uma mensagem, ou, como na fábula, uma moral. Tratam-se de obras simples, de fruição fácil, sem grandes reflexões e intertextos. Lineares e com happy end, ao final não deixam nenhum ponto em suspenso. Em ambos, os heróis surgem agitados, numa sequência de cenas em que seus egocentrismos ficam evidentes. Tudo gira em torno deles, seus sentidos práticos e utilitários ficam evidentes quando demonstram se preocupar mais com a carreira do que com a família.

ESTEREÓTIPO, REDEÇÃO.

e investigar o porquê repetições como essas ocorrem nos filmes, sobretudo, americanos.

Ampliando o repertório: Outros exemplos.

Outras narrativas que seguem a mesma lógica de "Click"(2006) e "Mil Palavras" (2012):



Em uma espécie de pré-conflito, Michel (Adam Sandler), personagem principal de *Click*, precisa de um controle, e Jack (Eddie Murphy), de *Mil palavras*, precisa fechar um contrato com um guru espiritual. O conflito se apresenta na forma de elemento mágico, quando o primeiro percebe que o controle possui a peculiaridade de comandar o tempo e o segundo recebe de 'presente' uma árvore cujas folhas vão caindo conforme pronuncia palavras. Ambos lidam com esse elemento mágico no decorrer das narrativas e vão entrando em decadência, até que, num pré-clímax, há um momento de contemplação, a mudança de perspectiva. Nesse trecho há trilha sonora endossando esse fator e as cores também convergem para esse fim. No clímax, em cenas grandiloquentes de chuva, trovão e quase morte, os heróis reconhecem seu fracasso. O desfecho é a confirmação da mudança: ambos superam seu individualismo e passam a valorizar o mais importante: os laços familiares. Um final feliz exemplar.

Referências das imagens

https://pt.wikipedia.org/wiki/Legi%C3%A3o_Urbana

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Faroeste_Caboclo_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Faroeste_Caboclo_(filme))

<https://filmow.com/juventude-transviada-t5227/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/James_Dean

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Click_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Click_(filme))

<http://comoterminafilme.blogspot.com/2013/05/as-mil-palavras.html>

<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-224168/>

<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-43219/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/13_Going_on_30

Parte 2: *La casa de papel*- Nosso objeto cultural

Tema: Análise e fruição da série *La casa de Papel*

Duração: 17 aulas

Professor (a), como já mencionamos na introdução desse material, você precisará selecionar o objeto cultural que servirá de base para a produção das *fanfictions*. Sugerimos que verifique junto aos alunos suas preferências culturais e faça essa escolha de maneira democrática. Nestor Canclini (2015) defende que vivemos em um momento de hibridização da cultura, isto é, novas formas culturais são fruto da combinação ou união de outras formas diferentes, colaborando para que as culturas percam a vinculação restrita com seu território e não estejam circunscritas às classes sociais específicas. Isso faz com que as culturas unidirecionais, aquelas produzidas de um para muitos, percam para as culturas das mídias, já que podemos adequar os bens de consumo ao gosto e necessidades particulares, compondo o que o autor chama de "coleções". Isto é, deixamos o papel de subordinados, que espera algo pronto, (im)posto, para assumirmos uma atitude autônoma, cuja dimensão da decisão estabelece uma ruptura com formas fronteiriças e horizontalizadas de comunicação. Nesse sentido, trazer as coleções dos alunos, usando o termo de Canclini, para a sala de aula poderá criar neles um sentimento de pertencimento.

Insistindo nessa questão, segundo dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, de 2015, feita pelo Instituto Pró-Livro, dos entrevistados considerados leitores, 25% justificam que sua motivação para ler é 'o gostar', ganhando de outras, como crescimento pessoal, conhecimento geral, atualização profissional ou exigência escolar. Isto é, se a escola tem por pretensão formar novos leitores e produtores de textos



Fonte: http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf

eficientes, precisa criar um ambiente de aprendizagem onde o gosto pela leitura e escrita seja construído.

Nosso material foi feito com base na série espanhola ***La casa de papel***, que contém 22 episódios. A organização dessa etapa se deu de acordo com essa

La casa de papel é uma série de televisão espanhola que conta a história de um grande assalto. Foi adicionada internacionalmente no catálogo da *Netflix*, em 2017, e conta com duas temporadas até essa data.

escolha. Caso escolhêssemos um filme, um livro ou outra série, por exemplo, esse direcionamento seria diferente. Por isso, essa etapa do trabalho será individualizada e poderá servir de inspiração para que você crie as atividades de acordo

com o objeto escolhido por você e suas turmas.

No caso da série *La casa de papel*, achamos importante que seja passado os seis primeiros episódios na íntegra para que os alunos que ainda não tiverem sido envolvidos pela trama o sejam. Lembramos que embora a escolha desse objeto cultural seja feita de forma democrática, poderá haver uma parte dos alunos que não conhece o objeto escolhido pela maioria. Organizamo-nos da seguinte maneira:

- ✓ Passamos os seis primeiros episódios na íntegra;
- ✓ Os próximos seis foram intercalados com debates em sala, fruição em casa e em sala;
- ✓ Os próximos dez episódios foram divididos em grupos para que os alunos os apresentassem em forma de seminário ou performance teatral.

OBS: A classificação indicativa de idade dessa série é de 16 anos e os alunos de nono ano têm, normalmente, 14. No nosso caso, mesmo que a maioria dos alunos já assistisse a série em casa, fizemos uma reunião de pais e pedimos autorização dos mesmos para a realização desse trabalho. Lembramos que a classificação indicativa de idade é uma sugestão da Secretaria Nacional de Justiça e cabe ao responsável pelo adolescente a decisão. Não tivemos problemas quanto a isso.

Aula 1 a 3: Fruição dos três primeiros episódios da série

Chegou o dia em que analisaremos uma narrativa escolhida por vocês. Hoje e nas próximas aulas veremos os primeiros episódios da série *La casa de papel* e discutiremos a construção do enredo e personagens.

Se você já assistiu, aproveite para observar nos episódios os elementos que acabamos de estudar nas aulas anteriores.

Lembrem-se que a estrutura das narrativas se mantém, embora esse seja um novo gênero.

Atividade 1: Depois de assistir os três primeiros episódios, discuta com os colegas:

1. Qual é o fio narrativo principal?
2. Qual o foco narrativo?
3. Por que, já nesses primeiros episódios, sentimos empatia pelas personagens?
4. De que maneira ficamos sabendo das histórias das personagens e dos momentos que antecederam o assalto, isto é, os momentos que planejavam? Explique como o tempo se organiza na narrativa.

Quadro explicativo:

O enredo da série é narrado em três planos paralelos. O momento do assalto, em que são narradas as relações entre os assaltantes, entre eles e os reféns e como estão trabalhando para que o plano seja concretizado. Os acontecimentos fora da Casa da moeda, em que são narradas as peripécias do Professor para tirá-los das encurraladas postas pela polícia, o que a polícia está planejando para impedir o assalto e a relação do Professor com a policial Raquel Murilo. E, por fim, flashbacks, nos quais são narrados os momentos em que o grupo planejava o assalto – em uma fazenda em Toledo, onde ficaram por seis meses – e o passado mais longínquo dos personagens, com o intuito de contextualizar suas vidas. Dessa forma, o espectador é convidado, a cada episódio, a montar o quebra-cabeça necessário para a construção dos personagens, para entender as motivações do roubo e as minúcias do plano elaborado pelo Professor. Nesse quebra-cabeça se revelam também os pontos fracos dos personagens, que são humanizados e, nesse ponto, abrem espaço para que o espectador sinta afinidades com eles.

Professor(a), nessa e nas próximas aulas sugerimos que encaminhe as atividades em forma de debate. Estimule a participação dos alunos para que eles interajam com esse enunciado.

Espera-se que os alunos percebam que a narrativa se organiza em três planos paralelos.

Atividade 2: Gincana 'das personagens'

Dividam-se em cinco grupos. Cada grupo receberá dois adjetivos que devem ser relacionados a alguma das personagens da série. Discutam entre o grupo e pensem nas justificativas. O que a personagem demonstrou ou fez que levou vocês a atribuírem tal característica a ela?



Ampliando o repertório: Que máscara é essa?



Salvador Dalí (1904/1989) foi um importante pintor espanhol, conhecido pelo seu trabalho surrealista. O trabalho de Dalí chama a atenção pela incrível combinação de imagens bizarras, oníricas, com

excelente qualidade plástica.

O seu trabalho mais conhecido, [A Persistência da Memória](#), foi concluído em 1931. Salvador Dalí teve também trabalhos artísticos no cinema, escultura, e fotografia. Colaborou com a Walt Disney no curta de animação *Destino*, que foi Lançado postumamente

Professor(a), para essa atividade você precisará levar imagens das personagens e características impressas ou escritas em um papel. Sugestões: nervosa, egocêntrica, inteligente, estrategista, ingênua, quieta, louca, imprevisível, instável, protetora. Explique que os adjetivos estão todos no feminino porque a palavra personagem é uma palavra feminina.

O intuito dessa atividade é levar os alunos a refletirem sobre a construção das personagens.

Sugerimos que faça um painel na lousa ou em cartolina com imagens das personagens e peça para que os grupos cole as características dadas por você abaixo da imagem da personagem que escolheram. É importante que justifiquem a escolha com base em elementos do enunciado. Esse é um momento para retomar o enredo e verificar o nível de compreensão dos alunos. Aproveite para abordar a importância de saber posicionar-se quando de uma apresentação formal.

Professor(a), sugerimos que faça um painel com essas informações e deixe exposto em um lugar onde os alunos terão acesso. Além de colaborar para a interpretação do enunciado em questão, a série *La casa de papel*, essas informações ampliarão o repertório cultural dos alunos e ajudará você a criar um clima de *fandom* com a turma. Lembre-se que fã é aquele que não só gosta de determinado



em 2003 e, ao lado de Alfred Hitchcock, no filme *Spellbound*. Tinha uma reconhecida tendência a atitudes e realizações extravagantes

destinadas a chamar a atenção, o que por vezes aborrecia aqueles que apreciavam a sua arte, ao mesmo tempo que incomodava os seus críticos, já que sua forma de estar teatral e excêntrica tendia a eclipsar o seu trabalho artístico. Fonte: Wikipédia.



Outras obras do pintor:



objeto cultural, mas também sabe e se interessa por tudo que faz parte dele.

Estimule os alunos a refletirem do porquê da escolha da máscara usada pelos assaltantes na trama. Nesses primeiros episódios ainda não será possível chegar a uma conclusão, mas é um importante elemento para a compreensão do enunciado.

Professor(a), esse é um excelente momento para fazer um trabalho interdisciplinar. Converse com o professor de Arte da escola e veja a possibilidade de ele trabalhar as obras de Salvador Dalí e o surrealismo com essa turma. Outra possibilidade é o trabalho com as máscaras, presentes em várias culturas. As máscaras escondem ou revelam? Se os alunos tivessem que escolher uma máscara, qual seria?

Caso você não consiga essa parceira com o professor de Arte, não deixe de abordar essas reflexões nas aulas.

Aulas 4 e 5: Fruição dos episódios 4 e 5.

Atividade 1: Depois de assistir ao quarto e quinto episódios, reflita:

1. Depois desses episódios sua opinião sobre alguma personagem mudou? Explique.
2. Que fatos ajudaram a entender melhor as personagens Denver e Moscou?
3. Qual poderia ter sido a intenção do autor ao relatar que a personagem Raquel sofria violência doméstica?
4. Nesses episódios também nos são reveladas algumas histórias da personagem Nairóbi. O que há em comum entre as histórias de Moscou, Denver, Raquel e Nairóbi?
5. No episódio 5, percebemos que tudo estava milimetricamente planejado. Como a narrativa trabalhava com a expectativa do leitor?

Ampliando o repertório: Um pouco de história!



O Cavalo de Troia

foi um grande cavalo de madeira construído pelos gregos durante a Guerra de Troia, como um estratagema decisivo para a conquista da cidade fortificada de Troia, cujas ruínas estão em

terras hoje turcas. Tomado pelos troianos como um símbolo de sua vitória, foi carregado para dentro das muralhas, sem saberem que em seu interior se ocultava o inimigo. À noite, guerreiros saem do cavalo, dominam as sentinelas e possibilitam a entrada do exército grego, levando a cidade à ruína. A história da guerra foi contada primeiro na *Ilíada*, de Homero, mas ali o cavalo não é mencionado, só aparecendo brevemente na sua *Odisseia*, que narra a acidentada viagem de Odisseu de volta para casa. Outros escritores depois dele ampliaram e detalharam o episódio. Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Atividade 2: Responda:

1. O título do episódio quatro é "Cavalo de Troia". Relacione o plano de Professor com a história dos Gregos e Troianos. Explique a metáfora.

Professor(a), espera-se que os alunos percebam que, ao narrar o passado das personagens, o autor faz com que os telespectadores sintam empatia por eles, pois são contadas suas fraquezas. Nos episódios 4 a 6, as personagens Denver e Moscou ganharão a simpatia do público por se mostrarem humanos e manterem um código de ética. Denver não mata Mônica, a protege. Se você preferir, pode manter o cartaz feito para a atividade da aula 1 na sala e pedir para os alunos irem acrescentando novas características das personagens a cada episódio. Assim, eles terão a dimensão da construção de cada um deles.

Não deixe de debater o tema Violência contra a mulher. Na série, Raquel sofreu violência não só do ex-marido, mas da corporação em que trabalha. Você pode aproveitar o momento para levar questões atuais do tema, índices desse tipo de violência, leis que amparam a mulher e a importância do feminismo.

Um dado importante a se debater com os alunos é o de que a narrativa opera com a constante quebra de expectativa do telespectador, uma vez que quando esperamos que os assaltantes serão pegos, há um *flashback* em que vemos que tal fato já tinha sido pensado pelo Professor.

Mais uma vez é possível fazer um trabalho interdisciplinar, agora com História.

Aulas 6 e 7: Fruição dos episódios 6 e 7

Atividade 1: Dividam-se em dois grupos e, ao assistirem os episódios 6 e 7, observem:

Grupo 1: Novas informações a respeito das personagens que podem mudar a percepção do telespectador em relação a elas.

Grupo 2: Referências culturais que aparecem nas cenas.

Aulas 8, 9 e 10: Fruição dos episódios 8, 9 e 10

Atividade 1: Depois de assistir aos episódios, discuta com seus colegas.

1. O Professor afirma que não se trata de roubar dinheiro, mas tempo. Explique essa afirmação com elementos do enredo.
2. Relacione essa ideia de tempo com a máscara de Salvador Dalí usada pelos assaltantes.
3. No episódio 8, Professor consegue fazer com que os espanhóis fiquem do lado deles em detrimento da polícia. Como isso ocorre?
4. Berlim revela-se desequilibrado. Isso faz com o telespectador, de modo geral, goste menos ou mais dessa personagem?
5. Observando os últimos acontecimentos, como você define a personalidade de Arturo?

Ampliando o repertório cultural: Loucura

Além de Salvador Dalí, os espanhóis cultivam paixões por outras figuras que nos remetem a doses de loucura. Podemos citar como exemplo a personagem literária mais famosa da Espanha, Dom Quixote.

Dom Quixote de la Mancha é um livro escrito pelo espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616). Parodiou os romances de cavalaria que gozaram de imensa popularidade no período e, na altura, já se encontravam em declínio. Nesta obra, o protagonista, já de certa idade, entrega-se à leitura desses romances, perde o juízo, acredita que tenham sido historicamente verdadeiros e decide tornar-se um cavaleiro andante. Por isso, parte pelo mundo e vive o seu próprio romance de cavalaria. Enquanto narra os feitos do Cavaleiro da Triste Figura, Cervantes satiriza os preceitos que regiam as histórias fantasiosas daqueles heróis.

Professor(a), a intensão com essa atividade é fazer com que os alunos assistam a série já observando alguns elementos. Aqui, espera-se que percebam que as personagens são cada vez mais humanizadas pelas suas duras histórias de vida. No episódio 6 também é possível aprofundar os estudos a respeito dos pintores citados pelas personagens.

Professor(a), você poderá pedir que assistam a alguns episódios em casa.

Professor(a), uma das possibilidades interpretativas é que a máscara de Salvador Dalí usada pelos assaltantes durante parte da trama nos fornece mais indícios de que o tempo é combustível primordial para a narrativa, uma vez que nos remete a obra maior do pintor, *A persistência da memória*. Nessa obra surrealista, o relógio, objeto banal e cotidiano, é transfigurado. Aparecendo derretidos, esses objetos nos levam a reflexões a respeito de sua função, indicando-nos uma passagem de tempo distorcida. Já sugerida em seu título, a obra também dialoga com a questão da memória, outra forma de marcar o tempo, porém de forma subjetiva e pessoal. Assim, o tempo da memória, diferente do tempo do relógio, pode ser alongado ou encurtado dependendo das vivências individuais. No caso da série em questão, tanto o tempo da narrativa em si, onze dias narrados em vinte e dois episódios, tanto o tempo psicológico dos personagens – vivendo sob a pressão

A história é apresentada sob a forma de novela realista. Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre.



Fique ligado: Você percebeu que o tempo dentro da narrativa é bem marcado? Cada minuto é cronometrado, tanto que apareciam EM VERMELHO no início e no meio dos episódios. Mais um indício de que o valor mais precioso para os assaltantes, antes mesmo do dinheiro, era o tempo. Nunca se esqueça: Tempo é dinheiro!



Atividade 2: Você observou que a cor vermelha é recorrente na série? Onde ela aparece? Quais podem ser seus significados? Pesquise, em casa, o significado da cor no decorrer da história e estabeleça relações com a série.



Fonte das imagens:
<https://universoestendido.com.br/listas/os-9-melhores-momentos-de-toquio-em-la-casa-de-papel/>
<https://f5.folha.uol.com.br/cinema-e-series/2019/02/la-casa-de-papel-berlim-dado-como-morto-aparece-em-imagem-da-3a-temporada.shtml>

da polícia e reféns – e a moeda de troca que o professor estabelece com a polícia, alargam a percepção temporal. Dessa forma, o dinheiro em si é visto apenas como papel, como nos indica o título da série. E o bem mais precioso, o tempo, representa o que a sociedade moderna mais deseja nessa época em que somos cobrados por produção e resultados em curto prazo ou, ainda, reflete uma crise mundial nas formas das relações de trabalho. Tanto Europa quanto Brasil passam, desde a crise de meados de 2012, por perdas de direitos trabalhistas, onde governos querem flexibilizar as leis que regem o tempo do trabalhador. Na narrativa em questão, também os macacões usados pelos assaltantes e pelos reféns nos remetem tanto às prisões norte americanas, embora estes sejam laranjas e os usados na série vermelhos, quanto ao uniforme típico do operário. Afinal, estão confinados a trabalho, fabricando a própria fortuna.

Professor(a), esse é um bom momento para você ampliar o mural feito nas primeiras aulas com as informações de Salvador Dalí. Você pode acrescentar notícias sobre a série, resenhas, matérias que falam a respeito do enredo e personagens. É importante que os alunos tenham um espaço para se manifestarem nesses painéis. Isso colaborará não só para ampliação de repertório e criação de um ambiente de *fandom*, mas fará com que você crie um espaço de compartilhamento de informações no qual as opiniões são bem vindas.

Aula 11: Fruição do episódio 11

Atividade 1: Depois de assistir ao episódio 11, comente:

1. Explique a reflexão do Professor "Dividas e vencerás".
2. Você acha que Rio trairá o grupo? Por quê?
3. Você acha que Professor conseguirá convencer Raquel? O que pode acontecer a partir de agora?

Ampliando o repertório cultural:

✓ **Bella ciao** é uma canção popular Italiana anônima, provavelmente composta no final do século XIX. Na sua origem teria sido um canto de trabalho das trabalhadoras rurais temporárias na Itália, que se deslocavam sazonalmente para as plantações de arroz da planície Padana. Mais tarde, a mesma melodia foi base para uma canção de protesto contra a Primeira Guerra Mundial. Finalmente, a mesma melodia foi usada para a canção que se tornou um símbolo da Resistência italiana contra o Fascismo durante a Segunda Guerra Mundial. *Bella ciao* tornou-se muito conhecida em todo o mundo e foi gravada por vários artistas do mundo todo. Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre.

✓ **Fascismo:** movimento político e filosófico ou regime (como o estabelecido por Benito Mussolini na Itália, em 1922), que faz prevalecer os conceitos de nação e raça sobre os valores individuais e que é representado por um governo autocrático, centralizado na figura de um ditador.

✓ No Brasil, também vivemos momentos de repressão. A Ditadura Militar foi um deles, sendo um regime autoritário iniciado com o golpe militar, em 31 de março de 1964, com a deposição do presidente João Goulart. Esse regime durou 21 anos, censurando à imprensa, restringindo os direitos políticos e perseguindo opositores do regime. Há filmes que retratam essa época.



Fonte das imagens:
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Zuzu_Angel_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Zuzu_Angel_(filme))
https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Ano_em_que_Meus_Pais_Sa%C3%ADram_de_F%C3%A9rias

Sugestões:

- ✓ <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43820924>
- ✓ <http://www.coxinhanerd.com.br/la-casa-de-papel-personagens/>
- ✓ <https://cinefilapornatureza.com.br/2018/02/22/la-casa-de-papel-1a-temporada-resenha-critica/>
- ✓ <https://universoestendido.com.br/listas/14-curiosidades-sobre-la-casa-de-papel/>

Professor(a), a intenção com as perguntas 2 e 3 é de instigar os alunos a criar hipóteses sobre o enredo e o de pensar nas brechas narrativas, possíveis desdobramentos para a criação das *fanfics*. Você pode fazer isso mais vezes durante a fruição dos episódios.

Professor(a), não deixe de levar a canção *Bella ciao* para os alunos, bem como sua tradução. Esse é mais um elemento importantíssimo para a compreensão da série. Cantada pelos personagens Professor e Berlim – no primeiro episódio da segunda temporada – e em outros momentos por outros personagens – como quando finalmente terminam de perfurar o túnel por onde fugiriam, no episódio 11, da primeira – a canção se torna *ária dos ladrões*, nos fornecendo um forte indicio de que o grande tema da série é a Resistência. Além disso, a cor vermelha, presente na paleta de cores de toda a série – no título, nos macacões e em outros elementos nas cenas, como o telefone que o Professor usava para se comunicar com os assaltantes e a polícia – também nos

Atividade2: Você sabia que existem outras canções de protestos e resistência? Pesquise em casa ou converse com o professor de história e traga para a próxima aula outras canções com esse teor.

Ampliando o repertório cultural:

Não é só de *Bella Ciao* que se faz uma playlist de músicas sobre resistência. Existem várias que representam momentos de repressão pelo mundo. No Brasil podemos destacar, *Pra não dizer que falei de flores*, de Geraldo Vandré e *Apesar de você*, de Chico Buarque.

Aula 12: Fruição do episódio 12

Atividade 1: Depois de assistir ao episódio, discuta com seus colegas.

1. Professor toca piano para Raquel. A música é a trilha sonora do filme "Golpe de mestre", de 1973, considerado um dos maiores filmes de assalto da história do cinema. Se você fosse policial, desconfiaria?
2. Você conhece outros filmes de assalto da história do cinema? Compartilhe com seus colegas.

Ampliando o repertório cultural:

Golpe de mestre é um filme de assalto estadunidense de 1973, do gênero comédia, dirigido por George Roy Hill e com roteiro de David S. Ward. A história foi inspirada em fatos reais protagonizados pelos irmãos Fred e Charley Gondorff e documentado por David Maurer em seu livro *The Big Con: The Story of the Confidence Man*. A música tocada por Professor é *The Entertainer*, um instrumental, composta por Scott Joplin em 1902.



Atividade 2: Em duplas, pesquisem em casa e tragam para a próxima aula filmes que narram assaltos. Tragam a ficha técnica dos filmes e imagens para compormos um mural.

remete a movimentos de resistência da história.

Todos esses elementos poderão ser explorados nas aulas, durante os debates dos episódios.

Professor(a), esse é mais um momento para buscar parcerias com as outras disciplinas.

Desse momento até o final da segunda temporada, a canção *Bella ciao*, a cor vermelha e as justificativas para o roubo dadas pelo Professor nos darão cada vez mais indícios de que o roubo, no caso dessa narrativa, pode ser visto como um ato de resistência. Há muitas maneiras de fazer esse diálogo com a disciplina de história. Os alunos podem pesquisar, por exemplo, a respeito dos movimentos de resistência que marcaram a história ou de figuras históricas que lutaram contra a repressão. As possibilidades são muitas, basta você trazer os debates em diálogo com a série.

Lembre-se que nossa visão de linguagem é dialógica. Para nós, um enunciado nunca é o primeiro a dizer algo, ele reflete e refrata outras vozes, é apenas um elo da cadeia comunicativa (Bakhtin)

Professor(a), deixe os alunos comentarem o enredo dos episódios, é uma maneira de se apropriarem da história e de você ir instigando-os a pensarem as brechas.

Professor(a), monte mais um painel com essas referências filmicas.

A série também dialoga com filmes de Quentin Tarantino, como em *Cães de aluguel* (1993) – nos apelidos das

Atividade 3: Em que medida as narrativas do pai sobre assaltos influenciaram Professor na elaboração do plano?

Atividade 4: Parece que o autor de *La casa de papel* também era fã de filmes de assalto. Tóquio pode ter sido inspirada em duas personagens. Observe:

Personagem Mathilda, de Natalie Portman, no filme *O Profissional* de 94, dirigido por Luc Besson. Desde o corte de cabelo até alguns traços da personalidade foram inspirados na personagem de Portman.



Ou, ainda, da personagem Mia Wallace, de Uma Thurman, no filme *Pulp fiction: tempo de violência*, de 95.



O que você acha?

Leia mais em
<https://www.vix.com/pt/series/555650/la-casa-de-papel-toquio-foi-inspirada-em-personagem-famosa-dos-anos-90-reparou>

Aulas 13 a 16: Fruição dos demais episódios

Atividade 1: Dividam-se em cinco grupos e escolham dois episódios sequenciais (13º e 1º, 2º e 3º, 4º e 5º, 6º e 7º ou 8º e 9º). Montem uma apresentação que deverá conter o enredo dos episódios escolhidos, bem como análise dos fatos narrados e observação das referências culturais.

personagens – e *Pulp fiction* (1995) – no corte de cabelo de Tóquio.

Professor(a), a partir desse momento, os episódios restantes da série (último da primeira temporada e os nove da segunda) serão apresentados pelos alunos. Divida-os entre a turma e organize as apresentações, que deverão conter aspectos do enredo, observando referências culturais e fazendo observações analíticas. A intenção é a de tornar a fruição mais dinâmica e fazer com que os alunos sejam protagonistas dessa análise.

Deixe os alunos livres para montarem as apresentações, que pode ser em forma de um seminário, uma performance ou uma cena teatral.

Durante as apresentações, oriente os alunos quanto às formas de se expressar oralmente e tente proporcionar um momento de participação dos colegas.

Esses episódios trarão muitas referências culturais e históricas importantes para a interpretação da série, chame a atenção dos alunos para elas, caso não as contemplem na apresentação.

Referências das imagens
<https://br.ign.com/la-casa-de-papel/60591/feature/la-casa-de-papel-10-curiosidades-sobre-a-miniserie-espanhola-que-e-sucesso-na-netflix?p=2>

Aula 17: Aprofundamento das referências.

Atividade 1: Dividam-se novamente em grupos e escolham um tema para ser pesquisado e exposto em um mural, semelhante ao já feito com Salvador Dalí e *Bella ciao*.

✓ **A Espanha ama os loucos:** Reunir informações das mais diversas formas e imagens a respeito dos pintores Salvador Dalí e Pablo Picasso e da personagem Dom Quixote. Pensar na enquete: Qual a personagem da série *La casa de papel* é mais amada pela sua loucura?

✓ **Filmes sobre grandes assaltos da história do cinema:** Reunir informações das mais diversas sobre grandes obras do cinema que abordem essa temática. Sugestão: Sinopse, imagem da "capa do filme" e das personagens principais.

✓ **Resistir é preciso:** Pesquisar sobre o tema, explicando seu significado e dando exemplos da história. Reunir informações das mais diversas e imagens. Relacionar com a temática da série *La casa de papel*, mostrando os símbolos que aparecem nos episódios. No Brasil já houve resistência? Pesquisar. Pensar na enquete: Hoje é preciso resistir? Contra o quê?

✓ **Os grandes planos do professor:** Reunir informações das mais diversas sobre cada plano do professor – Chernobyl, Valência e Camarões, relacionando seus nomes às cidades e país, respectivamente. Usar mapas e imagens desses lugares. Pensar em uma enquete: qual seu personagem preferido, por exemplo.

✓ **Patriarcado e matriarcado:** Pesquisar o significado dos termos e sociedades que sejam matriarcais e patriarcais. Usar as cenas da série em que esses termos aparecem e imagens dos personagens representantes de cada um.

✓ **Os apelidos dos personagens:** Pesquisar a respeito de cada cidade correspondente a cada apelido dos personagens, reunindo informações básicas como população, língua, território, características principais, relacionando-as as dos personagens. Usar um mapa mundial para ilustrar, bem como imagens das personagens.

✓ **Miopatia de Hellmer e Mal de Alzheimer:** as doenças de Berlin e da mãe de Raquel, respectivamente: Reunir informações sobre as doenças, falando dos sintomas e tratamento. Ilustrar com imagens das personagens.

Professor(a), os objetivos na montagem desses painéis (ou murais) são:

- **Criar um ambiente de *fandom***, semelhante ao visto no ciberespaço. Para isso é importante que fiquem expostos nos corredores da escola, assim os alunos poderão ler o que os colegas fizeram quando transitarem pela escola, seja no intervalo, na entrada ou saída. Você também pode orientar os alunos a deixarem um espaço no painel para os colegas comentarem. Peça para que reflitam sobre uma enquete relacionada ao tema do grupo. Por exemplo, o grupo que fará o trabalho sobre a Síndrome de Estocolmo pode deixar a enquete: "Você acha que Mônica sofre dessa síndrome? Deixe seu comentário."

Todas essas informações a respeito da série prolongarão a vivência dos alunos com esse objeto cultural.

- **Colaborar para que os alunos entendam que um enunciado é um elo na cadeia**

comunicativa. Explorando essas referências, os alunos perceberão como a série traz, subjacente ao enredo, várias referências culturais e como não saber delas prejudica na compreensão geral do enredo. Faça com que as discussões partam do plano linguístico para adentrar no discursivo, intercalando-os constantemente. Bakhtin (2006), em suas reflexões acerca da construção de sentidos, diferencia significação de tema, atribuindo a aquela elementos reiteráveis, idênticos e linguísticos, e a esse, elementos irrepetíveis, únicos e ideológicos. Para explicar esses

✓ **Mascarar-se:** Pesquisar a história sobre as máscaras e exemplos de seu uso na cultura (carnaval, rituais religiosos, manifestações, etc). Refletir: As máscaras escondem ou revelam? Ou escondem e revelam? Pesquisar exemplos no cinema. Pesquisar expressões que utilizam a palavra 'máscara'. Propor a enquete: Todos usamos máscaras? Quais?

✓ **Síndrome de Estocolmo:** O que é essa síndrome? Por que tem esse nome? Pesquise sobre o assalto em Estocolmo e os sintomas dessa síndrome. Use imagens do assalto, da cidade, um mapa e dos personagens Mônica e Denver. Deixem a enquete: Mônica está com essa síndrome ou é amor verdadeiro?

✓ **Comunicação analógica e comunicação digital:** Explicar a diferença, mostrar como aparecem na série e por que os assaltantes optaram por usar a analógica.

✓ **A cor vermelha:** Pesquisar a respeito dos significados da cor no decorrer da história. Que símbolos essa cor carrega? Por que é a cor predominante da série? Use imagens!

✓ **Violência contra a mulher:** Uma personagem da série sofreu violência doméstica. Colocar a fala em que a personagem explica o ocorrido e pesquisar dados sobre a violência contra a mulher no Brasil e no mundo.

✓ **Desvendando as personagens:** Escolher uma personagem e falar sobre suas características, história de vida e o que seus gestos, vestuário e vocabulário colaboram em sua construção. Citar cenas marcantes e usar muitas imagens.

✓ **Os filmes citados por Berlim antes de sua morte:** *Romeu e Julieta*, *Bonnie e Clyde*, *Os amantes de Teruel*. Reunir informações sobre os filmes, como sinopse, diretor e data de lançamento. Use a cena em que Berlim menciona esses filmes e explique a relação da cena de *La casa de papel* com os enredos dessas obras.

Atividade 2: Depois que todos os painéis foram expostos, o grupo deve explicar para a turma essas referências, sempre dialogando com a série *La casa de papel*.

conceitos o autor utiliza-se da expressão "que horas são?", a qual, independente do contexto, tem sua significação clara, dicionarizada e pode ser utilizada em um sem fim de situações. Agora, se acrescentarmos a esse enunciado o fato de ter sido proferido por um palestrante ao cerimonialista, quando dos minutos finais de sua apresentação, somamos outros significados nessa equação: ele não deseja pura e simplesmente saber que horas são, quer saber quantos minutos ainda tem para concluir suas ideias, ou se ainda tem tempo para dar um último exemplo, ou, se o palestrante fosse, também, um comediante, poderia estar calculando qual de suas piadas caberia naqueles minutos finais. Isto é, a significação de um enunciado somada a uma situação concreta de comunicação nos fornece indícios para entender o tema, esse único e inteiramente ligado ao contexto. Assim, para que haja uma compreensão plena, precisamos compreender a situação comunicativa e o contexto do outro, já que "a cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão" (Bakhtin, 2006, p. 137). Por isso, a compreensão também é vista como uma forma de diálogo, pois as significações dos enunciados são transferidas para nós pelos contextos e são fruto da interação do locutor/leitor com o receptor/autor.

Nesse sentido, para entender, por exemplo, o porquê dos assaltantes usarem a máscara do pintor Salvador Dali e não a de outro pintor ou a de outra personalidade, será preciso ir para o plano discursivo, entendendo as obras do pintor, o surrealismo, sua relação com a loucura, que também nos leva ao personagem Dom Quixote, outra referência que faz menção à loucura da cultura espanhola.

- **Ampliar o repertório cultural dos alunos.** Aprofundar o conhecimento acerca dessas referências enriquecerá a compreensão sobre o objeto analisado, dando aos alunos ainda mais subsídios para que não só possam construir de maneira eficiente suas *fanfics*, mas que também adquiram conhecimento para diálogos futuros com outros objetos culturais, elaborando e testando outras hipóteses, apurando seu olhar analítico e crítico para fruir e valorizar outras manifestações artísticas e culturais.

Professor(a), caso não consiga parceria com as outras disciplinas para um trabalho interdisciplinar, esse trabalho com as temáticas se dará de forma transdisciplinar, uma vez que foi colocado como eixo unificador da ação a compreensão plena do enunciado, a série; e, para isso, foi preciso recorrer a conhecimentos que, pela organização fragmentada do currículo, pertencem a outras disciplinas, como foi o caso do trabalho com o pintor Salvador Dali e o surrealismo ou sobre o Fascismo e os movimentos de resistência.

A transdisciplinaridade também é entendida como uma estratégia para superar a fragmentação muitas vezes imposta pela organização dos saberes por disciplinas. Também, o conceito de transversalidade soma-se a essa equação, visto, também, como estratégia para superar essa fragmentação, trazendo para a escola outras temáticas que não são disciplinarizadas, mas que fazem parte das demandas da escola e, principalmente, da vida, como é o caso da questão do machismo nas instituições, tema que aparece ao analisarmos a personagem Raquel.

Professor(a), tenha claro que esse trabalho só é possível quando se entende o gênero pelo viés discursivo, uma vez que o enunciado é considerado como tal quando levamos em conta as circunstâncias temporais, espaciais, ideológicas que constituem o discurso, assim como as relações entre os interlocutores que dele participam e a esfera comunicativa onde estão. Por isso defendemos que o gênero, quando formatado por suas propriedades estruturais, torna mecânico o manuseio com o texto, deixando de lado todo o diálogo possível entre locutor/interlocutor ou autor/leitor.

Parte 3: A produção das *fanfictions*

Tema: Escrita das *fanfictions*

Duração: 13 aulas

Professor (a), chegou a hora dos alunos começarem a escrever as *fanfictions*. Como mencionamos na introdução, é importante que você escolha uma plataforma digital de escrita de *fanfics*. Se seus alunos já são usuários dessas plataformas, peça sugestão a eles. Organizar monitorias nas plataformas ajudará você no trabalho de letramento digital, já que uma parcela dos alunos pode apresentar dificuldades nesse uso.

Todos os depositórios de *fanfics* apresentam-se como redes sociais, neles é necessário um cadastro e criação de perfil para ter direito à navegação completa do site. Além disso, os usuários não só leem e escrevem *fanfics*, mas também comentam as histórias lidas, tiram suas dúvidas de língua portuguesa e participam de fóruns de debates sobre as histórias ou sobre a escrita. Sugerimos o site www.spiritfanfiction.com, o Spirit *Fanfics* e Histórias, já que apresenta um

Outros sites de produção e leitura de *fanfics*:

<https://fanfiction.com.br/>

<https://fanfics.com.br/>

<https://www.wattpad.com/>

designer atrativo, com cores que facilitam a distinção dos ícones e com uma disposição que simplifica a navegação. Além disso, possui mecanismos para que você, como usuário da plataforma, possa monitorar as leituras e produções de seus alunos. Já na tela inicial, o site exibe abas para dar acesso às publicações recentes do site, às aulas de língua portuguesa, aos **betas**, aos **capistas**, às **categorias** e aos destaques, que são aquelas *fanfics* que foram mais visitadas e receberam mais comentários.

Betas são usuários que se disponibilizam a ajudar outros usuários com seus textos, indicando o que pode ser melhorado gramaticalmente ou estilisticamente, dando opiniões por meio de comentários nas publicações e auxiliando os escritores dos sites com suas dúvidas.

Capistas são usuários que se disponibilizam para fazer as capas das *fanfics*. Para solicitar uma dessas ajudas, o usuário seleciona, em uma lista de voluntários, aquele que se encaixe mais no perfil desejado. Geralmente, principalmente os betas, apresentam preferências de "categorias" para fazer a betagem – nome dado para esse auxílio.

Categorias são os tipos de objetos culturais a que se referem as *fanfics*: [Animes e Mangás](#), [Bandas e Músicos](#), [Cartoons](#), [Filmes](#), [Games](#), [Livros](#), [Originais](#), [Quadrinhos](#), [Séries](#), [Novelas e TV](#).

Percebemos que as *fanfics* são manifestações da **cultura participativa**, parte constitutiva da cultura vinda das tecnologias digitais, como defende Henry Jenkins (2008). Isto é, com essa nova maneira de ser e estar que a internet proporcionou, o jovem não deseja apenas fruir, deseja participar. Ademais, as *fanfictions* extrapolam os sentidos do texto original, uma vez que criam novas tramas discursivas. Nessa perspectiva, a comunidade de fãs se opõe à comunidade corporativa, fazendo com que a cultura participativa se transforme em uma "**convergência alternativa**" (JENKINS, 2008). Mediante essa interatividade, os fãs se apoderam dos conteúdos, transformando-os por meio de um diálogo com a obra original, com os vários narradores que da nova narrativa participam e do contexto cultural desses fãs, demandando diversas interpretações para tal.

Para saber mais sobre **cultura participativa e da convergência**, sugerimos a leitura de:

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

RREFERÊNCIAS

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

_____. **Lendo criticamente e lendo criativamente**. In: Revista Matrizes, ECA/USP, São Paulo. V. 6, N. 1-2 (2012).

Aula 1: O mundo das *fanfics*

Quem aqui já ficou tão fã de um livro, série ou filme que se sentiu triste por ele ter terminado?

Ou que não gostou do final de uma história e quis transformá-lo?

Ou ainda imaginou que aquele personagem poderia viver uma nova história, com outros personagens?

Saibam que muita gente já se sentiu assim. Gente que ficou tão apaixonado por uma história ou personagem que não quis mais se separar dele. Gente que inventa novas histórias, criam novos personagens para essa história, mudam o final, fazem uma continuidade. Alguém já ouviu falar de *fanfiction*?

Quadro explicativo:

O que é *fanfiction*? É uma ficção feita por fãs (de filmes, séries, livros, HQs, games) a partir da apropriação de elementos da obra original (personagens, enredo) e publicadas no ciberespaço.

Origem: Apesar da popularização ter se dado com a consolidação da internet, já na década de 70 existiam as *fanzines*, revistas com publicações de fãs.

Atividade 1: Agora que você já sabe o que é uma *fanfiction*, pense em uma possibilidade de história a partir da série *La casa de papel*. Traga registrado em seu caderno.

Aula 2: A plataforma Spirit *Fanfics* e Histórias

Hoje vocês conhecerão uma plataforma digital de publicação das *fanfics*. Ela funciona como uma rede social, isto é, para fazer parte dela vocês precisarão criar uma conta.

Atividade 1: Crie um perfil no site www.spiritfanfiction.com.

Atividade 2: Agora que vocês já pensaram nas possibilidades de *fanfics*, vamos compartilhar com os colegas.

Professor(a), estimule a participação dos alunos. Esse momento é importante que se sintam empolgados para conhecer esse mundo de fã. Caso haja alunos que já sejam usuários de plataformas de *fanfics*, peça que deem suas opiniões e contem suas experiências.

Professor(a), passe a atividade 1 para casa. Deixe que os alunos pensem nas possibilidades de escrita.

Professor(a), para a aula 2, caso não tenha acesso à internet na escola, faça *prints* das telas da plataforma e monte uma apresentação em PDF. Lembre-se que muitos alunos, mesmo aqueles com acesso em casa, podem sentir dificuldades para criar uma conta na plataforma. Mostrar o site também é uma maneira de estimular os alunos.

É importante que você combine com os alunos os *nicknames* que usarão na plataforma, assim será mais fácil pra você encontrá-los na rede, segui-os e acompanhar suas publicações.

Professor(a), na atividade 2, estimule a participação dos alunos. Nesse momento, você pode ir anotando na lousa as possibilidades levantadas por eles. Caso tenham dificuldade, ajude-os lembrando as brechas narrativas observadas durante a análise da série.

Aula 3: Planejamento da escrita

Agora que você já escolheu o tema da sua *fanfic*, é hora de planejá-la. Lembre-se que as *fanfics* são narrativas longas e você precisa ter claro o enredo da sua história, o conflito e onde você pretende chegar com essa trama.

Não se preocupe caso queira mudar sua história no meio do caminho. Isso pode acontecer. Você não precisará seguir a risca seu planejamento, ele serve para te ajudar a ter clareza da história.

Atividade 1: Faça no caderno

Planejamento da *fanfic*

- Título:
 - Sinopse:
 - Personagens da série que aparecerão:
 - Personagens novas (se preferir use imagens)
 - Características físicas:
 - Características psicológicas:
 - Papel que desempenhará na narrativa:
 - Relação com as personagens existentes:
 - Onde acontecerá a história (se preferir use imagens):
 - Conflito principal:
 - Breve resumo dos cinco primeiros capítulos:
- Capítulo1:
 Capítulo2:
 Capítulo3:
 Capítulo4:
 Capítulo5:

Sugestões:

- ✓ Continuação da trama:
 - Um novo assalto (Onde? Quem planeja? Quais os planos? Todos executam? O que querem roubar, se já são ricos?)
 - O que cada personagem fez depois do assalto (será que foi fácil fugir do país com o dinheiro? O que fizeram para despistar a polícia? Dividiram o dinheiro na Espanha? Onde se encontraram? Dividido o dinheiro, pra onde foram?)
 - Raquel foi encontrar o professor para investigá-lo e prender todos.
- ✓ História de alguns personagens DEPOIS do assalto:
- ✓ História de alguns personagens ANTES do assalto:
- ✓ Finais diferentes
 - O plano fracassou e eles são presos;
 - Berlin não morre.
- ✓ Outras formas de narrar
 - A narrativa contada por um refém (um dos estudantes era brasileiro?? Um funcionário da Casa da moeda??)
 - A narrativa contada por um espanhol comum (Como foi ficar do lado dos bandidos? Como essa narrativa foi construída por alguém que a viu pela TV)

Professor(a), combine os prazos para a publicação dos textos na plataforma. Na *spiritfanfiction.com* você poderá seguir os alunos e salvar suas *fanfics* em uma biblioteca. Dessa forma, sempre que publicarem algo, a plataforma avisará você. Também é possível você verificar as *fanfics* lidas por eles. Essa ferramenta é importante para que você os proteja dentro da plataforma, já que ali também há histórias impróprias para menores de 14 anos. Oriente-os quanto a isso.

Aula 4 : A produção das *fanfics*

Agora que todos já planejaram suas *fanfics* e já se inscreveram na 'spirit', chegou a hora de vocês publicarem o primeiro capítulo.

Lembrem-se que a plataforma exige que você preencha alguns dados sobre a história para que os fãs achem as *fanfics* que lhes agradam.

Sintam-se livres para fazer rascunho no papel ou escrever direto na plataforma.

Aula 5: Leitura do primeiro capítulo da obra *Barba ensopada de sangue*, de Daniel Galera.

Para ajudá-los na escrita de suas *fanfics*, hoje leremos o primeiro capítulo do livro *Barba ensopada de sangue*, de Daniel Galera.

Observem como o autor narra com calma os acontecimentos e como ele descreve o lugar onde está e o pai.

Atividade 1: Depois de ler o trecho abaixo, responda:

"Vê um nariz batatudo, reluzente e esburacado como uma casca de bergamota. Boca estranhamente juvenil entre queixo e bochechas tomados por rugas finas, pele um pouco flácida. Barba feita. Orelhas grandes com lóbulos maiores ainda, parecendo esticados pelo próprio peso. Iris da cor de café aguado no meio de olhos lascivos e relaxados. Três sulcos profundos na testa, horizontais, perfeitamente paralelos e equidistantes. Dentes amarelados. Cabelos loiros abundantes quebrando numa única onda por cima da cabeça e escorrendo até a base da nuca. Seus olhos percorrem todos os quadrantes desse rosto no intervalo de uma respiração e ele pode jurar que nunca viu essa pessoa na vida, mas sabe que é seu pai porque ninguém mais mora nessa casa desse sítio em Viamão e porque ao lado direito do homem sentado na poltrona está deitada de cabeça erguida a cadela azulada que o acompanha faz muitos anos.

A partir desse momento, o direcionamento das aulas se dará pelas demandas dos seus alunos. Depois que você ler os primeiros capítulos publicados por eles, haverá a necessidade ou não de incluir conteúdos gramaticais ou intervenções a respeito da estrutura dos textos. Por isso, as aulas que se seguem podem servir ou não para as demandas das suas turmas.

Sugerimos que faça outras aulas usando exemplos de autores consagrados, como Machado de Assis para falar da narração em primeira pessoa; de Saramago para falar de pontuação; Guimaraes Rosa para falar de linguagem poética, Marcelo Rubens Paiva para falar de linguagem informal (como mostraremos a seguir), enfim, faça uma seleção de livros, incluindo trechos nas aulas. Assim, além de estimular a leitura, eles terão exemplos de boas narrativas.

No caso da aula 5, sinta como prefere encaminhá-la. Você pode ler junto com os alunos ou pedir que leiam em casa. Há versões em PDF disponíveis na internet.

Durante a leitura chame a atenção para o que achar necessário, de acordo com a escrita de seus alunos. Aqui, achamos oportuno abordar as formas de discurso e o poder da descrição.

Que cara é essa?

O pai só esboça sorriso, a piada é velha, dá a resposta usual.

A mesma de sempre". (GALERA, 2012, P. 09)

- 1- Quem narra a história?
- 2- O que é narrado nesse primeiro parágrafo?
- 3- Quanto tempo se passou nessas primeiras linhas?
- 4- Algo chamou sua atenção nessa história?
- 5- Vocês repararam que o autor não usou travessão no discurso direto?

Quadro explicativo: Tipos de discurso

DISCURSO consiste na forma de manifestação da **VOZ** (fala e pensamento) da **PERSONAGEM**. Há três tipos de discursos usados pelos autores:

1. **DIRETO**: O narrador dá voz à personagem de modo total. Há reprodução fiel do falar/pensar da personagem. Esse recurso cria efeito de realidade. Geralmente, há emprego de pontuação específica (dois-pontos, aspas, travessão, etc.) e verbos de elocução (dizer, pensar, falar, perguntar, etc.).

OBS: Daniel Galera optou por usar apenas o parágrafo.

2. **INDIRETO**: O narrador dá voz à personagem de modo parcial. Há interferência, mediação do falar/pensar da personagem. Esse recurso cria efeito de afastamento, parcialidade.

3. **INDIRETO LIVRE**: Ocorre quando as vozes de narrador e personagem se confundem. Esse recurso, geralmente, apresenta conflito interno, dúvidas existenciais e insegurança.

Aula 6: Reescrita

Atividade 1: Depois de fazer algumas leituras, pense na sua escrita:

1- O **CONFLITO** da sua história está claro? A base das narrativas é o conflito (problema a ser resolvido). Não se esqueça de que pode ser mais fácil desenvolver conflitos complexos. Conflito fraco gera pouca ação.

2- Será que o leitor conseguiu imaginar a cena descrita por você? (O leitor não está na sua cabeça, descreva para ele tanto os fatos como os lugares e as reações das personagens. Descrição!)

Professor(a), essas perguntas são apenas gatilhos para as discussões. Espera-se que os alunos percebam que o fato da personagem não se lembrar do rosto de seu pai, mesmo sabendo que é ele quem está ali, causa estranheza ao leitor. Esse fato só será esclarecido nos capítulos seguintes. Isso é, o autor pode deixar algumas brechas para serem explicadas adiante, podendo ser uma estratégia para atrair o leitor.

Chame a atenção dos alunos para o tempo percorrido da narrativa. Nesse trecho passaram-se segundos ou, como a personagem diz, um "intervalo de uma respiração". Para se criar narrativas longas, é importante aguçar a percepção temporal dos nossos jovens escritores.

Professor(a), chame a atenção dos alunos também para o fato do autor não utilizar o travessão no discurso direto. Esse é um bom momento para abordar o tema.

Professor(a), traga para os alunos exemplos dos tipos de discurso dentro de narrativas, isto é, na língua viva. Contos, crônicas ou mesmo durante a leitura das obras que escolher. Sugestão: "Um peixe" Luis Vilela.

3- Seus parágrafos estão bem desenvolvidos? Pode acrescentar alguma ideia ou descrição para atrair o leitor? (O parágrafo é uma unidade de significado dentro do texto. Nele você coloca a ideia principal e o desenvolvimento daquela ideia. Às vezes, olhar cada parágrafo de cada vez, ajudará você a melhorar o texto).

4- Você usou mecanismos de coesão adequados? (Conjunções: mas, porém, contudo, todavia, no entanto, portanto, logo, porque, pois, também, então, nem, se, caso, etc. Pronomes: ele(a), cujo, que, quem, o qual)

5- Você situou o leitor no tempo? (É importante usar marcadores temporais: depois, após, em seguida, mais tarde, logo em seguida, etc).

6- Você situou o leitor no espaço? (Mais uma vez: Descrição!!)

7- Suas personagens estão demonstrando emoções? (Além da forma de contar a história, a descrição também ajuda o leitor a se emocionar com as personagens. Lembre-se: um dos segredos do sucesso da narrativa são as personagens. Mostre suas emoções).

Aula 7: Escrita dos capítulos dois e três

Agora que você já pensou no seu primeiro capítulo e no caminho que a sua *fanfic* está tomando, chegou a hora de vocês escreverem o segundo e o terceiro capítulos. Não se esqueçam das nossas discussões em sala e das orientações individuais feitas na plataforma.

Aula 8: Leitura do primeiro capítulo da obra “Feliz ano velho”, de Marcelo Rubens Paiva

Atividade 1: Depois de ler o capítulo, responda:

- 1- O que mais chamou a atenção de vocês na escrita desse livro?
- 2- Vocês acham que a linguagem utilizada é apropriada?
- 3- Marcelo descreve o acidente que o deixou tetraplégico. Como ele descreve as primeiras horas depois do acidente?

Professor(a), essas são sugestões para os alunos refletirem sobre a própria escrita.

Explique que o primeiro capítulo pode apenas apresentar a situação inicial do enredo, por isso o conflito pode não aparecer. No entanto, é importante que os alunos tenham clareza de sua importância para a construção de sua *fanfic*.

Para a reescrita, oriente os alunos a verem os comentários que você, professor, deixou na plataforma para cada um deles.

Como dissemos, organize os prazos para a entrega dos capítulos. Ao final do capítulo 3 você poderá fazer uma nova leitura dos textos dos alunos ou, se a demanda for muito grande, esperar para ler ao final do capítulo 5.

Professor(a), na aula 8 o intuito com essas perguntas é o de provocar um debate sobre a leitura. Nesses momentos, o diálogo com os alunos é fundamental para encaminhar a análise. Veja o que acharam da leitura.

Espera-se que os alunos tenham observado a linguagem informal usada pelo autor. Oriente-os que a variabilidade linguística é uma excelente ferramenta para a construção das personagens.

Aula 9: Leitura de uma *fanfic* da turma

Hoje nos leremos juntos uma *fanfic* de destaque da turma.

Atividade 1: Depois de ler a *fanfic*, vá até a plataforma e deixe um comentário ou sugestão para o colega.

Aula 10: Reescrita

Agora que vocês já escreveram três capítulos, é hora de pensarem novamente sobre a escrita.

Atividade 1: Releia seus três capítulos e reflita:

1- Seu texto é fiel às personalidades das personagens da série?

Lembre-se que as personagens não são criações nossas, eles já existem, por isso, você deve manter suas características. Se, por algum motivo, eles mudaram, sua história deve conter a justificativa. Por exemplo: Na *fanfic* da autora Nonoa03, Berlim aparece melancólico e silencioso, sem aquela sua petulância e ironia características. Mas a história justifica esse comportamento: ele ficou anos preso e foi abandonado pelo irmão Sérgio.

2- O tema escolhido para a criação da sua *fanfic* foi mantido?

Aqui se manifesta a importância do planejamento. Veja se sua história está coerente com o que você está propondo, ou se você não está fugindo do tema. Nunca se esqueça da pergunta: onde minha história vai chegar?

3- Todos os fatos narrados têm um motivo e importância dentro da história?

Em boas narrativas, tudo tem uma explicação. Pense se os fatos narrados por você apresentam esse motivo claro OU se você já sabe como explicá-los nos próximos capítulos.

4- O CONFLITO da sua história está claro?

Não se esqueça do problema a ser resolvido! Se ele não apareceu no capítulo 1, tudo bem. Mas tem que aparecer no segundo.

Professor(a), ler para a turma textos dos colegas é uma excelente estratégia para análise textual. Estimule-os a buscar os colegas na plataforma, ler suas *fanfics* e deixar comentários. Oriente-os a fazer comentários construtivos e a ajudar aqueles que estão tendo dificuldades na criação das histórias. Esse é um excelente momento para trabalhar as novas formas de interagir com a linguagem: comentar e favoritar são ferramentas da plataforma. Abra espaço para essa discussão e não deixe de "curtir" os comentários dos alunos dentro da 'Spirit'.

Professor(a), durante as discussões em sala de aula, cite exemplos de *fanfics* da turma. Foi o que fizemos com Nonoa03.

Professor(a), embora tenhamos pedido para os alunos planejarem cinco capítulos, a escrita pode ser encerrada aqui ou, a depender do desenvolvimento de suas turmas, você poderá pedir mais capítulos. O importante será intercalar a escrita com leituras e análises.

Aula 11: Autoavaliação

Depois de tantas reflexões sobre a escrita, é hora de fazermos uma avaliação.

Atividade 1: Primeiro, veja se seguiu todas as orientações abaixo:

1- **TÍTULO:** aqueles que colocaram o mesmo título da série em suas histórias devem mudar. Pensem em algo que se relacione a sua criação.

2- **O RESUMO:** O resumo é algo fundamental para que vocês atraiam leitores para os textos. Além de ser preciso na descrição da sua história, é importante que funcione como uma propaganda. Vocês merecem a fama! Já são escritores! E escritores precisam de leitores!

3- **NÚMERO DE PALAVRAS:** A regra da plataforma é clara: textos com menos de 300 palavras será excluído. Portanto, na reescrita, todos os textos devem ter, no mínimo, 300 palavras.

Atividade 2: Agora faremos uma correção coletiva. Vocês receberão uma tabela com os critérios e quatro plaquinhas com as notas 'dois', 'um e meio', 'um' e 'meio'. Vou ler a *fanfic* e, depois, cada um dos critérios. Vocês deverão levantar a plaquinha com a nota que você acha que o texto merece em cada um dos critérios.

Quadro explicativo: Os critérios

✓ **REGISTRO:** Demonstrou domínio da norma culta da língua escrita? (Observar ortografia, pontuação, uso do discurso direto e indireto, concordância).

- Raros desvios: 2,0
- Vários desvios: 1,5
- Muitos desvios: 1,0
- Desvios inadmissíveis para nono ano: 0,5

✓ **TEMA:** Escolheu um tema criativo e conseguiu desenvolvê-lo bem, instigando o leitor? Respeitou as características das personagens originais e extraiu algum elemento da série "La casa de papel"?

- História muito criativa, respeitou as personagens originais, usou bem os elementos da série: 2,0

Professor(a), a depender do rendimento de seus alunos, você pode propor alguns desafios para a turma, como "aumentar mais 100 palavras em seu texto".

Professor(a), para atividade 2 você precisará levar as plaquinhas, ou pedaços de papel com as notas e os critérios impressos. Essa será uma forma lúdica dos alunos participarem da correção coletiva e você poderá esclarecer os critérios.

Você pode pegar *fanfics* de alunos de outra sala para essa atividade, isso evitará constrangimentos e, também, que esses dois alunos não entrem para a atividade 1 da aula 10.

A avaliação coletiva de textos dos alunos ajudará a deixar os critérios mais claros.

Professor(a), não se esqueça de orientar os alunos quanto à possível variedade linguística para a construção das personagens. Nesse caso, não ocorrerá desvio.

- História criativa, mas não desenvolveu muito bem, alguns trechos estão sem explicação. Respeitou as personagens originais: 1,5

- Teve uma boa ideia, mas não a desenvolveu, há muitos trechos sem explicação, deixando o leitor perdido E/OU não respeitou as personagens originais: 1,0

- Desenvolveu muito mal o tema, deixando os fatos sem contexto, não instigando o leitor: 0,5

✓ **NARRATIVIDADE:** Usou bem os diálogos e a descrição? Conseguimos visualizar os lugares e perceber os sentimentos das personagens? Apresentou um conflito gerador da narrativa?

- Usou muito bem os diálogos e descrição, levando o leitor a imaginar as cenas e os sentimentos. Conflito bem pensando: 2,0

- Usou bem os diálogos e descrição, mas há lacunas no texto sem explorar. Há conflito: 1,5

- Usou diálogos e descrição, mas o leitor não se instiga, pois faltou desenvolvimento. O conflito não está claro: 1,0

- Fez um relato ou um resumo: 0,5

✓ **COESÃO E ORGANIZAÇÃO TEXTUAL:** Os parágrafos do texto estão bem organizados? Há elementos coesivos, evitando repetições e fazendo o texto fluir? (Observar se há elementos temporais e espaciais como: "Naquele dia, naquela hora, tempos depois, dois anos antes, em seguida, naquela manhã, dias depois, nesse lugar, no hotel, na casa...E elementos argumentativos como mas, também, porém, portanto, assim, então...);

- O texto está muito bem organizado, deixando a leitura fluida: 2,0

- O texto está bem organizado, mas faltaram alguns elementos: 1,5

- Os parágrafos estão organizados, mas faltam elementos temporais e espaciais, deixando o leitor confuso: 1,0

- 'Monobloco': 0,5

✓ **TÍTULO E RESUMO:** Estão bem escritos? Convidam o leitor para a leitura? Está bem relacionado com a história?

- Título e resumo muito bem feitos, deixando clara a história que se seguirá e convidando o leitor para a leitura: 2,0

- Título e resumo bons, deixando clara a história que se seguirá. Mas não instiga o leitor: 1,5

- Título e resumo não deixam claro do que se tratará a história: 1,0

- Título igual o da série e resumo que não explica a história: 0,5

Professor(a), essas são sugestões para os critérios. A depender das demandas de sua turma, inclua ou exclua o que achar necessário.

Atividade 3: Chegou a hora de vocês fazerem uma autoavaliação. Leiam suas *fanfics* e atribuam as notas que acharem que o texto merece.

Aula 12: Avaliação horizontal

Hoje vocês farão a avaliação de um *fanfic* do colega. Faremos uma espécie de sorteio, como um amigo secreto, para que nenhum texto fique sem avaliação.

Atividade 1: Sorteio. Vocês deverão ler os três capítulos da *fanfic* do colega e anotar suas respectivas notas na tabela dos critérios

Atividade 2: Depois de atribuir as notas, deixe comentários para o colega. Lembre-se de ser construtivo.

Aula 13: Fechamento da escrita

Depois de ler textos dos colegas e fazer as avaliações, o que chamou mais a atenção de vocês na sua escrita?

Atividade 1: Reflita:

- 1- Você gostou de escrever *fanfics*? Por quê?
- 2- Você gostou de usar a plataforma *spirit.fanfiction*? Justifique.
- 3- Você acha que sua consciência sobre a sua escrita melhorou depois desse projeto. Explique ou dê exemplos.
- 4- Você achou que os comentários dos colegas em seus textos te ajudaram?
- 5- Qual foi sua maior dificuldade?

Professor(a), essa atividade visa colaborar para que os alunos se tornem mais conscientes perante a escrita. Oriente-os que as notas que darão aos seus textos não serão as notas dadas por você. O que será avaliado aqui são suas percepções a respeito do próprio texto.

Professor(a), o intuito dessa atividade é, mais uma vez, apurar-lhes a consciência escritora. Faça uma troca de nomes, como um amigo secreto. Assim, nenhum aluno ficará sem a avaliação do colega.

Professor(a), a intenção com essa aula é fazer um fechamento do projeto, ouvindo as percepções dos alunos. Essas perguntas são sugestões, encaminhe o debate de modo a estimular a participação.

Parte 4: Produção da *fanzine* 'Fafiqueiros de papel'

Tema: Produção de uma *fanzine*

Duração: 6 aulas

Professor(a), finalizado o projeto, você poderá montar uma *fanzine* com todo o material já produzido até aqui e inserir gêneros que pertencem a essa esfera comunicativa, como é o caso de *quiz*, entrevistas e caça-palavras. A intenção é divulgar para a comunidade escolar um pouco do trabalho realizado na sala de aula e trazer para o papel parte do que está no ciberespaço, já que essa é, ainda, uma demanda da escola.

A maior parte do material já está pronta, já que os alunos fizeram seminários e painéis a respeito da série e produziram *fanfics*. Esse material precisará ser apenas organizado. A proposta é que os alunos se dividam na montagem da revista por habilidades de edição, desenho e produção das matérias, por exemplo.

Sugerimos que divida a *fanzine* em três seções. Você poderá fazer o editorial e organizar o sumário.

- ✓ A primeira com todas as matérias relacionadas à série: aproveite o que os alunos já fizeram nos painéis e seminários;
- ✓ A segunda com algumas *fanfics*: Infelizmente não será possível publicar todas as *fanfics* na revista. Você precisará fazer uma seleção;
- ✓ A terceira com novos gêneros.

Aula 1: Fanzine

Vocês já ouviram falar de *fanzine*? É uma espécie de revista produzida por e para fãs. É uma publicação não profissional e não oficial que visa o compartilhamento de ideias e informações sobre um objeto cultural. Que tal montarmos uma *fanzine* com todo o material que produzimos até aqui sobre a série *La casa de papel*?



Para isso, dividiremos o trabalho em grupos.

Atividade 1: Vamos debater:

- 1- Quais matérias podemos colocar na revista?
- 2- As *fanfics* são narrativas longas e não caberão todas na revista. Como resolvemos esse impasse?
- 3- Que novos gêneros podem entrar nessa produção?

Atividade 2: A primeira seção da revista será de matérias relacionadas à série. Vamos escolher quem serão os autores.

Matérias:

- A tema Resistência na série
 - Complemento: A Resistência na história
 - Complemento: Resistentes
 - Complemento: A resistência nos dias de hoje.
 - Complemento: Raquel, a mulher que resiste ao machismo.
- A cor vermelha
- A canção *Bella ciao*
 - Complemento: Outras músicas de resistência.
- A máscara de Salvador Dalí
 - Complemento: Outras obras do pintor
- As máscaras no cinema e as máscaras na cultura
- As referências filmicas na série
 - Filmes sobre assalto

Professor(a), leve revistas e fanzines para empolgar os alunos.

Professor(a), a intenção é fazer os alunos pensarem na organização da *fanzine*. Colabore para que os principais temas debatidos em sala apareçam e deixe com que se sintam à vontade para incluir novas produções. Vá anotando na lousa. Como não caberão todas as *fanfics* na revista, veja com os alunos quais serão publicadas.

Professor(a), deixe os alunos escolherem os temas para as matérias, provavelmente serão os mesmos que já fizeram os painéis, já que esse material está pronto. Oriente-os na adequação do texto para o gênero matéria.

Filmes citados por Berlim

- A história por trás dos nomes dos personagens

Complemento: outras curiosidades sobre cidades na série (Os planos do professor e o nome do Bar onde Raquel e professor se encontravam)

Atividade 3: A segunda seção da revista será de *fanfics*. Como não caberão todas as produções, vamos fazer uma seleção.

Atividade 4: Que tal se ilustrarmos as *fanfics* que sairão na revista? Quem tem essa habilidade e gostaria de ter seu desenho publicado?

Atividade 5: A terceira seção da revista será composta de gêneros que fazem parte desse suporte. O que podemos incluir?

Sugestões:

- Quiz
- Caça-palavras
- Charge
- Memes
- Entrevistas

Com os atores da série (nesse caso, pesquisar na internet e citar a fonte)

Com alunos que participaram do projeto

Com professores sobre a série

- E se nossos professores fossem as personagens (matéria comparando os professores com as personagens da série)
- Resenha

Atividade 6: Precisaremos de um repórter para colher as opiniões dos colegas a respeito do projeto para incluir na revista.

Atividade 7: Precisaremos de pessoas que façam uma capa para a revista.

Atividade 8: Precisaremos de pessoas que saibam mexer com edição para montar todas essas matérias.

Professor(a), depois de escolhidas as *fanfics* que serão publicadas, peça aos alunos que gostam de desenhar para ilustrarem essas narrativas. Eles poderão lê-las na plataforma.

Oriente-os a respeito da importância das imagens para a montagem da *fanzine*. Leve exemplos de revistas do mundo jovem.

Incentive a participação dos alunos.

Professor(a), para a atividade 5, você pode usar as respostas que os alunos deram na última atividade da parte 3.

Professor(a), caso você tenha conseguido a parceria com o professor de Arte para o trabalho com o Surrealismo e as máscaras, poderá aproveitar esse trabalho para compor a capa da *fanzine*.

Você também pode fazer um concurso de capas.

Para a atividade 7, é importante que os alunos incumbidos tenham habilidades de edição, pois precisarão reunir o material de toda a turma para a montagem da revista.